

CAROLINA DA CUNHA ROCHA

**CHAMA DA FÉ, LUZ DA RAZÃO:
O IDEÁRIO DE FREI SERVANDO TERESA DE
MIER NO CONTEXTO DAS INDEPENDÊNCIAS
HISPANO-AMERICANAS**

**BRASÍLIA
2006**

CAROLINA DA CUNHA ROCHA

**CHAMA DA FÉ, LUZ DA RAZÃO:
O IDEÁRIO DE FREI SERVANDO TERESA DE
MIER NO CONTEXTO DAS INDEPENDÊNCIAS
HISPANO-AMERICANAS**

**Dissertação apresentada ao Departamento
de História da Universidade de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do grau
de mestre em História. Linha de Pesquisa:
História das Idéias.**

**Orientador: Prof. Dr. Estevão Chaves de
Rezende Martins**

**BRASÍLIA
2006**

Termo de aprovação

A meu pai, Francisco das Chagas Rocha, por ter me ensinado o amor às raízes hispano-americanas, e às crianças de todo o continente, por me inspirarem a fé num amanhã feliz para a América.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao professor Doutor Estevão Chaves de Resende Martins, meu orientador, pela atenção sempre constante, não apenas no processo de elaboração da dissertação, mas também ao longo das etapas de seleção para o mestrado, quando me acolheu como sua orientanda. Sua generosidade, seu bom humor e paciência em relação às minhas dúvidas conduziram meu trabalho ao estímulo vivo, à constante abertura para novas interpretações dos fatos e à uma percepção acurada do tema escolhido e da própria História.

Agradeço ao professor Doutor Dinair Andrade da Silva por seu papel fundamental na minha decisão de obter o título de mestre em História pela Universidade de Brasília, no momento de dúvidas e questionamentos relativos ao fim da graduação, sendo o encorajamento dado fundamental para que eu alcançasse um novo patamar intelectual. Agradeço ainda pelos livros emprestados e encontros que contribuíram para a compreensão do contexto hispano-americano na época das revoluções de independência e para o norteamento do objeto de estudo desta dissertação.

Agradeço ao professor Doutor Jaime de Almeida por sua constante boa vontade e prestatividade, sempre me surpreendendo com o achado de textos e obras de autores que, assim como eu, desbravaram o universo de frei Servando Teresa de Mier, quando muitas das vezes eu pensava não haver mais trabalhos disponíveis sobre o tema no Brasil. Agradeço por suas contribuições e pela sensibilidade em me apontar abordagens que seriam substanciais para a feitura do trabalho.

Minha gratidão se estende aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação em História, Sandra, Pedro e Washington, e aos funcionários do Departamento de História, Beto e Leila, pela amizade construída e pela cordialidade com que sempre fui atendida.

Agradeço ao querido amigo Alfonso Ríos Lobato por ter agido como um verdadeiro investigador ao procurar no México o paradeiro dos restos mortais de frei Servando – missão esta que cumpriu com grande entusiasmo –, e por conseguir o contato do pesquisador Rolando Javier González Arias, professor da Escola Nacional de Antropologia e História da Cidade do México. Ao professor González, agradeço as informações trocadas e a disponibilidade em responder, sempre com extrema cordialidade, às mensagens eletrônicas que enviei repletas de indagações sobre a vida e obra de frei Servando.

Agradeço à professora Sara Albieri, do Departamento de História da USP, por me fornecer um exemplar de *Memorias* e aos funcionários da Livraria Azteca de São Paulo, filial da editora Fondo de Cultura Económica no Brasil, pela prontidão com que fui tratada com a localização do último livro à venda disponível à época no país da obra *Historia de la Revolución de Nueva España*, que a mim foi entregue.

Agradeço às chefias da Coordenação Geral de Documentação e Informação do Ministério da Saúde, Ana Lúcia Basílio de Oliveira e Shirlei Aparecida da Silva Bastos pela compreensão em relação ao processo de elaboração dessa pesquisa.

Agradeço à amiga e historiadora Jacqueline Pimentel da Silva pela alegria e disposição em não apenas me emprestar seu computador, como também seu próprio apartamento, quando das inúmeras vezes em que precisei de acolhida para dar prosseguimento à dissertação. Agradeço também aos amigos Thiago Albuquerque e João Fittipaldi como representantes de todos os outros amigos que apoiaram a elaboração desse trabalho e não foram citados.

É imensurável a gratidão a minha irmã Regina da Cunha Rocha pela companhia sempre presente em todas as fases do processo de realização desta dissertação, atuando como orientadora auxiliar e contribuindo com suas habituais críticas refinadas e observações pontuais. É válido ressaltar que seu exemplo de dedicação e empenho no estudo da História norteou os caminhos das minhas próprias escolhas profissionais.

A meus amados pais, em especial a minha querida mãe Nadicélia, agradeço com afeto redobrado o legado de amor, conhecimento, dedicação e fé na vida com que nutriram minha alma e orientaram meus talentos, sempre me estimulando a enxergar o lado luminoso da existência e do universo ao meu redor.

Agradeço às forças do bem, a meus ancestrais, a Nossa Senhora de Guadalupe, a Deus e Meishu-Sama pela proteção, iluminação e vitalidade renovadas a cada passo deste trabalho.

Agradeço com especial reverência a todos aqueles que contribuíram e sonharam em criar uma América próspera e pacífica, onde reinasse a justiça social e a liberdade em meio a uma irmandade de homens unidos em busca de um futuro melhor para o continente.

*Rompi, cortei, amolguei, fiz e refiz
Mais que no orbe cavaleiro andante;
Fui destro, valente, arrogante;
Mil agravos vinguei, cera mil desfiz.*

*Primeira estrofe do soneto D. Belianis de Grécia
a Dom Quixote de la Mancha*

Sumário

Resumo	xii
Abstract	xiii
Abreviaturas	xiv
Introdução	1
1. Capítulo: Sermão Guadalupano de 1794 e o processo de independência da Hispano-América	9
<i>1. Contexto histórico da pré-independência – mutações e permanências em combate no século das luzes</i>	<i>9</i>
<i>1.1 Ascensão dos Bourbon e a política reformista</i>	<i>10</i>
<i>1.2 O universo espanhol perante as inovações do século XVIII</i>	<i>17</i>
<i>1.3 Bases ideológicas da emancipação hispano-americana</i>	<i>21</i>
<i>1.4 Mundo colonial frente às mudanças estruturais</i>	<i>27</i>
<i>1.5 Desintegração da velha ordem colonial e insurgência americana</i>	<i>31</i>
<i>1.5.1 O processo de emancipação política da Nova Espanha</i>	<i>34</i>
<i>2. Mier e seu mundo</i>	<i>40</i>
<i>2.1 Universo intelectual de frei Servando Teresa de Mier antes do exílio na Europa</i>	<i>42</i>
<i>3. O Milagre da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe e seu debate no universo intelectual da Nova Espanha</i>	<i>46</i>
<i>3.1 Quetzacoátl e Nossa Senhora de Guadalupe - tradições e crenças do imaginário mexicano</i>	<i>58</i>
<i>4. Sermão Guadalupano de 12 de dezembro de 1794</i>	<i>63</i>
<i>4.1 Sermão Guadalupano - símbolo da autonomia espiritual mexicana</i>	<i>70</i>
2. Capítulo: A insurgência letrada - os anos revolucionários de Mier	75
<i>1. Rota Servandina entre 1795 e 1821</i>	<i>75</i>
<i>1.1 Reações ao Sermão Guadalupano</i>	<i>75</i>
<i>1.2 A chegada ao Velho Mundo</i>	<i>78</i>
<i>1.3 França e as novidades em matéria de pensamento</i>	<i>80</i>
<i>1.4 Secularização em Roma e a polêmica de De Pauw</i>	<i>87</i>

1.4.1 <i>A reação intelectual à lenda negra americana e sua contribuição para a formação da identidade nacional</i>	88
1.5 <i>De volta à perseguição espanhola e temporada em Portugal</i>	93
1.6 <i>Londres, Estados Unidos e a volta ao México</i>	94
2. Carta de un americano al El Español sobre su número XIX – Londres, 11 de noviembre de 1811	97
2.1. <i>Mier e a reivindicação da Carta Magna americana</i>	106
3. Segunda Carta de un americano a El Español sobre su número XIX. Contestación a su respuesta dada en el número XXIV. Londres, 16 de mayo de 1812	115
3.1 <i>Segunda carta al El Español e a impossível conciliação entre América e Espanha</i>	121
4. Historia de La Revolución de Nueva España, Antiguamente Anáhuac o verdadero origen y causas de ella con la relación de sus progresos hasta el presente año de 1813.....	127
4.1 <i>História como arma da revolução de independência</i>	143
5. Cuestión Política: ¿Puede ser libre la Nueva España? – 1820	151
5.1 <i>O Congressismo radical no discurso servandino</i>	155
6. Carta de Despedida a los mexicanos escrita desde el castillo de San Juan Ulúa por el doctor don Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra – 1821.....	159
6.1 <i>Mier em defesa do patrimônio cultural pré-colombiano</i>	161
3. Capítulo: Independência consumada e Mier como deputado mexicano.....	164
1. <i>Rota servandina entre os anos de 1821 e 1827</i>	164
1.1 <i>Fuga para os Estados Unidos e o retorno à pátria mexicana (1821 a 1822)</i>	164
1.2 <i>Frei Servando no império de Iturbide e na república de Guadalupe Victoria</i>	167
2. Memoria político-instructiva, enviada desde Filadelfia en agosto de 1821, a los jefes independientes del Anáhuac, llamado por los españoles Nueva España	173
2.1 <i>Mier em defesa da república mexicana</i>	182
3. <i>Frei Servando Teresa de Mier no primeiro e segundo Congressos Constituintes Mexicanos (1822-1824)</i>	185
3.1 <i>Discurso de posse de Frei Servando Teresa de Mier como deputado no Congresso mexicano de 1822</i>	187
3.2 <i>Principais temas em debate no Congresso de 1822 e manifestações de Mier</i>	189
3.3 <i>Principais manifestações de Mier no Congresso de 1823</i>	192

3.3.1 Bases do Plano de Constituição e da Exposição de motivos.....	195
3.3.2 Voto Particular del Doctor Mier	197
3.3.3 La Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana.....	202
3.3.3.1 Desalento servandino diante da independência conquistada.....	206
3.4 Principais manifestações de Mier no Congresso de 1824.....	211
3.4.1 Discurso em prol da cidade do México para ser a capital federal.....	213
4. Discurso sobre a Encíclica de Leão XII – 1825.....	215
4.1 Mier em defesa de uma Igreja nacional mexicana.....	222
4. Capítulo: Memória, identidade e representação nas aventuras Servandinas....	225
1. Memórias de frei Servando Teresa de Mier.....	225
1.1 Apología del Doctor Mier.....	228
1.2 Relación de lo que sucedió en Europa al Doctor Don Servando Teresa de Mier después que fue trasladado allá por resueltas de lo actuado contra él en México, desde julio de 1795 hasta octubre de 1805.....	234
1.2.1 Na Espanha, entre fugas e covachuelos.....	234
1.2.2 Chegada em Baiona e na sinagoga com os judeus.....	237
1.2.3 Vida parisiense, encontros intelectuais e elogios à Igreja francesa.....	240
1.2.4 A secularização em Roma - passeios e sabores na Itália.....	242
1.2.5 A lenda negra da Espanha.....	246
1.2.6 Novas perseguições, a prisão nos Toribios e fuga para Portugal.....	248
1.3 Manifiesto Apologético.....	252
1.4 De la “exposición de la persecución que ha padecido desde 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra etc”.....	255
1.5 Memórias e a construção da identidade americana.....	257
Considerações finais.....	265
Documentação.....	273
Anexos	
Anexo 1: Documentos	
Documento 1: Nican Mopohua.....	282
Documento 2: Sermão Guadalupano.....	288
Documento 3: Cuestión Política ¿Puede ser libre la Nuevo España?.....	299
Documento 4: Carta de despedida a los mexicanos –1821.....	307
Documento 5: Discurso de posse de frei Servando Teresa de Mier.....	313

<i>Documento 6: Voto particular del Doctor Mier.....</i>	<i>319</i>
<i>Documento 7: Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana.....</i>	<i>324</i>
<i>Documento 8: Discurso en pro de que México sea ciudad federal.....</i>	<i>334</i>
<i>Documento 9: Discurso sobre a encíclica de Leão XII.....</i>	<i>342</i>
<i>Documento 10: Encíclica Etsi iam diu, de Leão XII.....</i>	<i>354</i>
Anexo 2: Cronologias	
<i>1. Cronologia da vida de frei Servando Teresa de Mier.....</i>	<i>356</i>
<i>2. Cronologia da Independência do México até o fim do governo de Guadalupe Victoria.....</i>	<i>358</i>
<i>3. Cronologia dos principais eventos históricos na Europa e Estados Unidos de 1763 a 1840.....</i>	<i>359</i>
Anexo 3: Informações biográficas.....	360

Resumo

Esta dissertação visa a compreensão da realocação de ideários europeus e norte-americanos para o contexto hispano-americano de formação dos estados nacionais independentes, na passagem do século XVIII para o início do século XIX, momento em que as correntes de pensamento do Iluminismo fluíam para o universo colonial, tomando-se por base os trabalhos do frei dominicano mexicano Servando Teresa de Mier (1763-1827). Por ter sido testemunha privilegiada, ao percorrer lugares de onde emanavam as ondas reformistas, como a Europa e os Estados Unidos, e após ter sofrido pena de expatriação por oferecer explicação política ao milagre guadalupano, Mier aparece como típico representante *criollo*, cujo protagonismo alia conceitos da modernidade ilustrada, com seus ideais racionais e científicos, ao arcabouço cultural e espiritual vivido pelo México colonial. Este trabalho discute o limite do alcance das doutrinas iluministas nas obras de frei Servando, sua contribuição para a construção do estado mexicano independente, bem como para a formação da identidade nacional, utilizando-se as categorias históricas de memória, identidade e representação para melhor compreensão deste fenômeno. Conclui-se que o ideário elaborado por frei Servando é expoente hispano-americano da corrente intelectual reformista presente na história ocidental do período analisado e fundamental para a compreensão da História das Idéias na Hispano-América.

Palavras-chave: História das Idéias; Hispano-América; Iluminismo; Estado nacional independente; memória; identidade; representação; Servando Teresa de Mier.

Abstract

This dissertation aims at comprehending the changes which took place in the way of thinking in the Hispanic-American context of formation of the national independent states, during the transition from the 18th to the 19th century, when Illuminism ideas reached the colonies, becoming the basis of Mexican priest Servando Teresa de Mier (1763-1827) ideas. For being privileged witness, wandering around places from where reforming forces were strong, like in the United States of America and Europe, and after suffering expatriation for relating political reasons to Guadalupe's miracle, Mier appears as a typical representation of the *criollos*, which protagonism associates concepts of the illustrated modernity, with its rational and scientific ideals, to the Colonial Mexico cultural and spiritual background. This work discuss the boundaries of the Illuminist doctrine in the work of Servando, his contribution to the establishment of the Mexican Independent State, as well as to the formation of a national identity making use of the historical categories of memory, identity and representation to explain this phenomenon better. It is concluded that Servando's ideal is a Hispanic-American exponent of the reformist intellectual trend present in Western history of the period which was analyzed, being essential to the comprehension of the History of Ideas in Hispanic-America.

Key words: History of Ideas; Hispanic-America; Illuminism; Independent National State; memory; identity; representation; Servando Teresa de Mier.

Abreviaturas*

SG	<i>Sermão Guadalupano</i>
CUAE	<i>Carta de un americano al El Español sobre su número XIX</i>
SCUAE	<i>Segunda carta de un americano al El Español sobre su número XIX Contestación a su respuesta dada en el número XXIV</i>
HRNE	<i>Historia de la Revolución de Nueva España</i>
PSLNE	<i>Cuestión Política: Puede ser libre la Nueva España?</i>
CDM	<i>Carta de Despedida a los mexicanos escrita desde el castillo de San Juan Ulúa por el Doctor Don Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra</i>
MPI	<i>Memoria político-instructiva, enviada desde Filadelfia en agosto de 1821, a los jefes independientes del Anáhuac, llamado por los españoles Nueva España</i>
<i>Profecía</i>	<i>Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana</i>
<i>Apología</i>	<i>Apología del Doctor Mier</i>
<i>Relación</i>	<i>Relación de lo que sucedió en Europa al Doctor Don Servando Teresa de Mier después que fue trasladado allá por resueltas de lo actuado contra él en México, desde julio hasta octubre de 1805</i>
<i>Exposición</i>	<i>Exposición de la persecución que ha padecido desde el 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el Doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra, etc.</i>

* Abreviaturas apresentadas em ordem de análise dos documentos.

Erratas

p.xiv, nota: onde se lê Abreviaturas apresentadas em ordem cronológica dos documentos, leia-se Abreviaturas apresentadas em ordem de análise dos documentos na dissertação.

p.10, parágrafo segundo: onde se lê Buorbon, leia-se Bourbon.

p.29, parágrafo primeiro: onde se lê Frei, leia-se frei.

p.46, quinta linha: onde se lê Frei, leia-se frei.

p.49, parágrafo terceiro: onde se lê náuhatl, leia-se náhuatl.

p. 77, parágrafo terceiro: onde se lê Frei, leia-se frei.

p.90, parágrafo segundo: onde se lê dos Bourbons, leia-se dos Bourbon.

p.92, primeira linha: onde se lê dos Bourbons, leia-se dos Bourbon.

p.118, nota n.52: onde se lê índice de siglas, leia-se abreviaturas.

p.126, nota n.62: onde se lê índice Prologo, leia-se Prólogo.

p.174, nota n.12: onde se lê índice de siglas, leia-se abreviaturas.

p.184, parágrafo segundo: onde se lê Hypólito, leia-se Hipólito.

p.226, nota n.05: onde se lê índice de siglas, leia-se abreviaturas.

p.258, nota n.32: onde se lê índice *Síncronia, El Colegio de México*, leia-se Síncronia, El Colegio de México. Onde se lê Disponible, leia-se Disponível.

p.259, parágrafo primeiro: onde se lê *Apologías*, leia-se *Apología*.

Introdução

José Servando de Santa Teresa de Mier Noriega y Guerra. Um nome tão longo, como ampla foi suas próprias fama e obra, cujas diversas facetas, contidas num único personagem, cabe ao historiador do presente enxergar, e as quais são de vital relevância para o processo hispano-americano na formação dos estados nacionais. Tal é o objeto da presente contribuição para o estudo da História das Idéias do período oitocentista em sua vertente hispano-americana. Servando José de Mier y Guerra, Servando de Mier, Ramiro de Vendes, Andrés Vomier, José Guerra, *un caraqueño republicano* e frei Servando, são os diferentes pseudônimos que evidenciam o caráter da escrita servandina, caleidoscópica e diversa, não só pela vastidão de temas e interesses, mas também cujos escritos amiúde contêm diversos gêneros literários no mesmo texto. Com bem aponta Andrés HERNESTROSA: “En verso, en prosa, acorde con un primer impulso, escribe. Tiene la pluma pronta, fácil, dócil. Es bravo improvisador: un repentista. Lo que sueña y lo que imagina son desde que las concibe realidades, y cuando no, su pronóstico, anuncio, presagio¹”.

Escritor, político, historiador e religioso pertencente à ordem dos dominicanos, Mier foi o típico representante da alta estirpe *criolla*, possuindo entre membros de sua família um governador da cidade onde nasceu e abadessas de conventos aristocráticos na Espanha. Como ele ainda acrescentava, também descendia da nobreza indígena, herdeiro de Cuauhtémoc, último soberano da cidade asteca de Tenochtitlán. Adentrar seu mundo alucinante², repleto de aventuras e desventuras, é desbravar não só a sua escrita passional e turbulenta, reflexo dos anos de agitação revolucionária, como também empreender uma viagem rumo ao nascimento das nações americanas, vistas por meio do prisma privilegiado de um ator social que esteve presente nos lugares e momentos que emanavam as ondas de modernidade não somente no âmbito socioeconômico, mas também na esfera comportamental e cultural.

Analisar o ideário político de frei Servando Teresa de Mier é ir ao encontro das grandes correntes intelectuais e culturais presentes não apenas na península Ibérica, como na Europa ocidental do século XVIII, e ainda empreender uma viagem em direção às novas formas de representação e manifestações sociais emanadas pelo contexto político vivido na Hispano-América no processo de formação dos estados nacionais. O pensador mexicano carregava consigo as grandes questões em debate sobre a legitimidade da independência das colônias espanholas, bem como uma

¹ HERNESTROSA, Andrés. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.05.

² Tradução do título em português da obra do autor cubano Reinaldo Arenas. *El mundo alucinante* foi escrito na cidade de Havana no ano de 1965 e relata, em forma de romance surrealista, a vida de aventuras de frei Servando Teresa de Mier. Segundo consta na biografia de Arenas, por ser o escritor crítico aberto do regime de Fidel Castro, o livro recebeu uma menção honrosa no concurso da União Nacional de Escritores e artistas de Cuba em 1966, sem, contudo, levar o prêmio máximo por pressões políticas. Ver ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Tradução de: Carlos Nogué. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

carga não menor de angústias intelectuais que norteariam a construção de seu ideário diante da realidade peculiar da nação mexicana em busca de autonomia. Para tanto, faz-se imprescindível um estudo aprofundado do cenário histórico da pré-independência, tendo por foco as mutações e também as permanências político-culturais que iriam repercutir nos textos de frei Servando e que seriam responsáveis por localizar seu corpo de idéias como representante áureo do contexto de então.

É oportuno ressaltar a precisa observação do historiador mexicano Antonio Castro Leal: “Mier, como sin sospechar lo que hacía, se puso en el cruce de las fuerzas que destruían un orden y creaban otro: se detuvo inocentemente en la esquina por donde todo el mundo corría, y recibió, primero los empellones, y, después las disculpas”³. Uma mão misteriosa teria conduzido sua vida a uma espécie de novela épica, sem causa ou efeito bem definidos, onde talvez a maior aspiração de frei Servando fosse a de sorver a própria essência da vida. Para conseguir esse objetivo, tudo era permitido, principalmente o recurso da escapatória, com freqüentes fugas das amarras em que era aprisionado, fossem elas cárceres de paredes intransponíveis ou os grilhões da ignorância, da tirania ou da irracionalidade presentes nos homens de seu tempo. Mier se torna um verdadeiro mestre na arte da finta, pois, como ele mesmo disse em suas *Memorias*, para fugir bastava abrir um guarda-chuva e voar.

Brilhante orador e exímio escritor, Mier torna-se alvo da ira de políticos e religiosos quando, convidado a pregar sobre a aparição da Virgem de Guadalupe, vê o milagre de 1531 sob prisma político, erigindo uma teoria, não original, porém apta a gerar escândalos e a motivar a Inquisição a condená-lo à pena de expatiação na Europa. Esse fator lhe permitiu dedicar-se com maior intensidade e de maneira mais aberta aos questionamentos político-sociais que afloravam no continente americano. Ao aliar a fé aos ideais racionalistas, o mexicano incluiu a idéia de modernidade dentro do discurso teológico, visando a validação de objetivos políticos. Ainda que o arcabouço intelectual forjado pelo pensador por vezes seja carente de concepções teóricas mais refinadas ou melhor desenvolvidas, a grande valia da originalidade da escrita servandina deve-se ao fato de que ela buscou conciliar o patrimônio espiritual do México, profundamente arraigado à doutrina cristã da Igreja Católica Apostólica Romana, com idéias, conceitos e posturas impulsionados pelas novas vertentes político-sociais trazidas pelo espírito do tempo.

No anseio de ver a América Espanhola livre das amarras coloniais, frei Servando constrói um tipo de ideário que tinha por meta deslegitimar as razões alegadas para a permanência da dominação política e cultural da Espanha no continente, encontrando elementos aptos a alicerçarem sua construção teórica tanto no passado pré-colombiano como no momento da conquista, utilizando-se da história como arma política. O mexicano acreditava que a origem real das relações entre

³ CASTRO LEAL, Antonio. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. México: Editorial Porrúa, 1946. p. 09.

metrópole e colônia estava legitimada por um pacto social, fundamento jurídico que deveria garantir, em princípio, o respeito aos habitantes do Novo Mundo como representantes de um reino ligado à Coroa espanhola. No entanto, tal acordo original teria sido, segundo ele, quebrado, desrespeitando-se assim a soberania do povo hispano-americano, que somente com a emancipação absoluta dos grilhões metropolitanos poderia avançar em direção à prosperidade. Esse pensamento é o que se revela em *Historia de la Revolución de Nueva España*, nas *Cartas de un americano 1811-1812*, obras elaboradas em sua peregrinação pelo continente europeu e que refletem seu engajamento político-panfletário.

Sucessivas fugas dos claustros aos quais era confinado pela ação inquisitorial marcaram o período de peregrinação por países em efervescência política como Espanha, Portugal, Itália, mas, principalmente, França, Inglaterra e Estados Unidos, lugares decisivos para a história política hispano-americana. No contato com grandes pensadores políticos, recebeu de cada lugar distintas e imprescindíveis influências, bem como estabeleceu diálogos com personalidades de seu tempo, que pautariam suas atividades intelectuais, como por exemplo: o escritor espanhol Blanco White na Inglaterra; o jurista espanhol Gaspar Melchor de Jovellanos; o clérigo Henri Grégoire na França; o poeta venezuelano Andrés Bello; o pedagogo Simón Rodríguez; o líder insurgente Francisco Xavier Mina; os jesuítas expulsos das colônias e exilados na Europa, como o paraguaio Francisco de Iturri; o viajante prussiano Alexander von Humboldt; o brasileiro Hipólito José da Costa, dentre outros. Mencione-se ainda a destacada veneração que nutre pelo pensamento pioneiro de seu confrade do século XVI, Bartolomé de Las Casas, que Servando de Mier exalta como exemplo de guia moral a ser seguido.

Nos anos que sucedem às batalhas de insurgência, surge no cenário político mexicano a figura de um Mier de idéias maturadas, que o tornam uma espécie de tradutor da realidade política de seu próprio país, um *hombre de la pluma*, com o dever de ensinar a pedagogia política para o Estado que se formava. Sua busca prezava por soluções adequadas à realidade do país e trouxe-lhe a compreensão de que nem todas as inovações em matéria de organização de Estado poderiam ser aplicadas a um México tão profundamente dividido entre grupos de poderosos que disputavam a liderança política e administrativa da novel nação. Sua preocupação essencial era a construção de instrumentos benéficos para o estabelecimento de uma autonomia segura e estável. Independência absoluta, união americana, monarquia ou república, centralismo ou federalismo e a construção de uma história apologética são temas constantes em sua obra, que visava a legitimar a independência mexicana, desbaratar de vez a autoridade espanhola e garantir a permanência, a estabilidade e a prosperidade para sua pátria.

Com a independência do México, frei Servando tornou-se deputado pela província de Novo Leão, sua terra natal, mas em razão de seu desejo irrefreável por um país que representasse os ideais

políticos de reforma, permaneceria no posto de árduo crítico da política estabelecida com a independência proposta pelo império de Agustín de Iturbide. Suas energias seriam concentradas num esforço contínuo de alerta para as mazelas presentes no país, refletindo suas inquietações e as soluções que considerava fundamentais para o bom andamento do processo de formação político-administrativa do México em sua *Memoria político-instructiva* de 1822, nas suas manifestações no Congresso mexicano, bem como no Plano de Constituição da nação mexicana, textos que figuram como fontes primárias desta dissertação. Todavia, suas soluções pouco se enquadrariam num contexto político de desorganização e de lutas vorazes em que era necessário pacificar a fome de poder dos gigantes do território e, por isso, seu discurso conhecido como *Profecía del doctor Mier sobre la federación mexicana* torna-se seu testamento político e peça de estudo fundamental para a compreensão da realidade política do estado mexicano em formação. A luta de Mier antes dirigida com toda a fúria contra a metrópole exploradora, no momento da independência, passa a ter por alvo os caudilhos da Hispano-América em sua disputa sem quartel pelo poder.

Por esta dissertação embasar-se também no conjunto de documentos conhecido por *Memorias*, em que Mier relata todas as suas viagens e desventuras após a pena de expatriação na Europa, é preciso considerar o imaginário formulado pelo mexicano como construtor da alteridade cultural nas suas narrativas de viagem, ao pretender estabelecer uma lenda negra da Espanha e dos espanhóis, bem como do resto dos europeus, como contrapartida para justificar o futuro promissor das terras americanas e estimular o sentimento de identidade e pertencimento dos americanos por suas raízes. Em razão disso, as *Memorias* perdem seu caráter individual e passam a ser entendidas como memórias que atingem dimensão coletiva, devido ao apelo em recriar o passado, em servir de testemunho privilegiado sobre um período que serve de matéria-prima para a elaboração discursiva. Muitas vezes dialogando com a ficção, os relatos encontrados em *Memorias* podem ser entendidos como meio caminho entre a história e a fantasia. Nesse sentido, as categorias memória, identidade e representação se tornam instrumental indispensável para uma melhor apreciação dos documentos produzidos pelo mexicano.

O argumento, por conseguinte, atém-se à questão de saber como um agente histórico hispano-americano, neste caso de frei Servando Teresa de Mier, pode representar, com seu ideário político, as construções intelectuais que estavam em ascensão quando dos movimentos emancipacionistas e de consolidação dos Estados Nacionais e dimensionar o alcance dessas idéias nos escritos servandinos. Pretende-se compreendê-lo como elemento simbólico e amplamente representador das correntes de pensamento experienciadas pela sociedade em que estava inserido, que trazia consigo a permanência da herança cultural barroca vivida pela Nova Espanha e pela península Ibérica. Mier seria a manifestação de um ideal intelectual hispano-americano que, a partir de então, entrava em

sintonia com as concepções de liberalismo e de nacionalismo, já presentes na Europa e nos Estados Unidos, mas que adaptava seu corpo de idéias à realidade cultural novo-hispana.

Tomou-se como ponto de partida da pesquisa o Sermão Guadalupano de 1794, pronunciado na Colegiata de Guadalupe, em celebração ao dia festivo destinado às comemorações da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe. Esse sermão, por ser o catalisador da vida política e intelectual de Mier, ao realçar os valores da Nova Espanha, em rejeição aos metropolitanos, empurrou-o no precipício das idéias que questionavam os valores absolutistas em prol da construção de uma identidade americana. Portanto, no primeiro capítulo trata-se, primordialmente, de contextualizar o universo mental em que frei Servando estava inserido, discutindo-se temas fundamentais para a compreensão da interpenetração do arsenal reformista no continente americano como a Ilustração Ibérica, a política dos Bourbon, a transformação dos elementos sociais na Hispano-América e a guerra de insurgência experienciada pelo México. Soma-se a isso a necessidade de entendimento da formação pessoal de frei Servando, as leituras em que se apoiava antes do seu encontro com os ideais liberais e ilustrados no seu exílio para a Europa. Esse primeiro capítulo aborda ainda a análise essencial do milagre guadalupano, o trabalho realizado pelos historiadores do guadalupanismo, bem como um estudo necessário da mitologia pré-colombiana e do sincretismo religioso realizado à época da conquista que deram suporte às divagações teóricas de Mier na criação do seu sermão.

Posteriormente, após sua saída da colônia, período marcado pelas prisões e fugas ocorridas na Europa, é iniciada uma fase de engajamento aberto na luta emancipacionista da Hispano-América. Por isso, o segundo capítulo versa sobre os intercâmbios culturais e intelectuais sofridos e, porque não dizer, gerados por frei Servando, buscando-se perceber o limite alcançado pelos ideais reformistas e liberais e também até que ponto se deu a permanência de valores tradicionais da Nova Espanha, prestes a se tornar México, nos trabalhos realizados pelo mexicano. Tomou-se por base as obras *Carta de un americano al El Español* (1811), *Segunda Carta de un americano al El Español* (1812), *Historia de la Revolución de Nueva España* (1813), *Cuestión Política: ¿Puede ser libre la Nueva España?* (1820) e *Carta de despedida a los mexicanos* (1821). No papel de ativista político exilado no Velho Mundo, a escrita servandina tornava-se também uma arma em defesa da insurgência e da batalha pela liberdade política e administrativa da Hispano-América como um todo e não apenas da Nova Espanha. Pode-se entender, portanto, que o valor dessas fontes primárias foi responsável por integrar Mier ao panteão dos pensadores que articularam a libertação da América, dando-lhe ampla projeção política e glória nacional após a independência.

Consolidado o processo de autonomia mexicano e eleito deputado pelo estado de Nova Leão, é preciso analisar o papel de frei Servando como guia moral do México, que se firmava como estado nacional independente. Ao se estudar a faceta do dominicano ao combater e atacar as idéias políticas contrárias às suas concepções e também o seu anseio constante em formular de soluções

adaptáveis à realidade político-social vivenciada por seu país, faz-se imprescindível submeter à crítica o texto *Memoria político-instructiva* de 1822, realizado quando o sacerdote se encontrava na Filadélfia. É preciso ainda compreender sua postura e orientação nos congressos constituintes entre os anos de 1822 e 1824, sua participação no Plano da Constituição da nação mexicana de 1823 e seu voto particular sobre tal projeto, examinar o escrito *Profecía del doctor Mier sobre la federación mexicana* acerca do futuro do México, proferido em 1823, bem como os discursos a favor da Cidade do México para capital federal, de 1824, e sobre a encíclica do Papa Leão XII, datada de 1825, último escrito publicado ainda em vida por frei Servando. Já idoso e vivendo em uma das dependências do palácio do presidente Guadalupe Victoria, Mier, no fim de seus dias, há muito lograva a estima nacional e o carisma político, embora não escondesse sua frustração com os rumos tomados pelo país.

O quarto e derradeiro capítulo versa sobre o conjunto de textos conhecido por *Memorias*, escrito entre os anos de 1817 e 1821, período em que esteve preso nos cárceres inquisitoriais. Trata-se de um texto leve, de leitura agradável, que expressa as recordações, aventuras e interpretações de um Mier viajante sobre solo europeu. *Memorias* se dividem em quatro partes: *Apologia*, escrito que expõe os antecedentes e as conseqüências do Sermão Guadalupano e aprofunda algumas das hipóteses debatidas na pregação de 1794, bem como expõe o real entendimento do dominicano acerca do milagre, *Relación de lo que sucedió en Europa al Doctor Servando Teresa de Mier después que fue trasladado allá por resultas de lo acutado contra él en México, desde julio de 1795 hasta octubre de 1805*, *Manifiesto Apologético* e *De la exposición de la persecución que ha padecido desde 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra etc*, textos que possuem ampla continuidade entre si, ainda que escritos em momentos diferentes, e onde o dominicano expõe seus padecimentos e alegrias de uma vida em constante peregrinação e descobertas nas terras do Velho Mundo, assim como visa lançar um novo olhar sobre o universo que surgia em contraposição ao mundo de onde provinha. Apesar de cronologicamente não ser o seu último trabalho, trata-se de uma obra de estilo narrativo cujo cunho memorialista e cujos temas elaborados interpretativamente bem se prestam a arrematar o percurso de frei Servando aqui acompanhado.

O período em estudo, portanto, compreende o universo mental presente na Nova Espanha, em 1794, e estende-se até a morte de frei Servando Teresa de Mier, em 1827, correspondente aos primeiros anos de formação do estado mexicano. Buscou-se analisar as principais obras do mexicano e aquelas as quais se tinha acesso. Mier, no final da vida, atuaria como um mestre de concepções há muito amadurecidas, sintetizando um incipiente liberalismo hispano-americano, aliado aos matizes culturais do seu país. Dessa maneira, Frei Servando, usando as letras como arma

em defesa da América, reclamou um lugar para sua escrita no estudo da História das Idéias da América Latina. Essa mesma escrita é a órbita em que o universo de Mier giraria sem cessar.

1. Capítulo: Sermão Guadalupano de 1794 e o processo de independência da Hispano-América

Os sinos repicam. Os sacristãos morrem esgotados. Em cada esquina um frade distribui uma pastoral onde se fala do grande-sacrilégio-inflingido-à-Virgem-de-Guadalupe-por-um-frade-chamado-Servando. É domingo e estamos no natal. Os índios, os criollos e toda a caterva de parasitas nobres acorrem à igreja para ouvir as maravilhas de frei Servando. E desde muito cedo, os magoados e feridos rodam pelas ruas: todos querem ocupar os melhores lugares. Mas hoje não se ouvirá a “voz de prata”, em cada púlpito se há de levantar um sermão de injúria contra ele. Os padres falam de heresias. De ofensas à palavra de Deus e à tradição. Dizem que Servando pôs em dúvida a única e verdadeira aparição da Virgem de Guadalupe e que, portanto, deve arder na “Santíssima Fogueira”: para ver se desse modo se lhe afastam do corpo os Terríveis Diabos que o fazem proferir tais blasfêmias e ao fim e ao cabo, sua alma pecadora fica purificada. Dizem...
Reinaldo Arenas, O mundo alucinante, capítulo VII.

1. Contexto histórico da pré-independência – mutações e permanências em combate no século das luzes

A fase preparatória para a independência na América Latina teve lugar na segunda metade do século XVIII, realizando-se tanto no aspecto econômico-social como no intelectual, impulsionados não só pelas ondas reformistas vindas da Europa, como pela independência dos Estados Unidos, momento em que um forte estímulo às mudanças nas estruturas do universo colonial foi sendo forjado. Somados a esses fatores externos que promoveram transformações na compreensão que as colônias nutriam sobre si mesmas, razões internas serviram de base para o questionamento da legitimidade das grandes potências na esfera política e na exploração da produção colonial. Como exemplo desses elementos impulsionadores de reformas intestinas tem-se o desenvolvimento urbano, a criação de universidades e instituições de ensino, a ampliação do comércio e a formação de uma elite local, identificada com as próprias regiões e desejosa de participar do domínio e da direção político-econômica das suas províncias.

Com o começo da desintegração da velha sociedade colonial, a Hispano-América reagia cada vez com maior intensidade aos indícios espirituais e políticos de uma emancipação burguesa e nacional ocorridas em outras partes do mundo. A Revolução Francesa, entendida, sobretudo como uma revolução intelectual, os ideais liberais ingleses e mesmo os protoliberais espanhóis e portugueses, o racionalismo, o mercantilismo, a fisiocracia, aliados à proclamação de uma república constitucional, como foi a dos Estados Unidos, seriam fontes de novas correntes de pensamento que afluíram para a América espanhola em larga escala.

A formação dos estados nacionais no continente americano ocorreu, portanto, de modo consonante a tais mudanças socioeconômicas e políticas efetuadas no hemisfério ocidental, no período oitocentista, que levaram às modificações das estruturas que sustentavam o Antigo Regime. Entretanto, sua aplicação e compreensão no contexto hispano-americano variavam de acordo com

os sentimentos e interesses locais, sendo moldados com vista ao favorecimento daqueles que estivessem mais aptos a utilizar as tendências das reformas em seu favor. Essa superficial modernidade não poderia ocultar as marcas deixadas pela tradição de poder na América espanhola.

1.1. Ascensão dos Bourbon e a política reformista

A chegada dos Bourbon à monarquia espanhola, em razão da morte de Carlos II (1661-1699), ocorre após as grandes crises enfrentadas no século XVII pela Espanha, que vivera um período marcado por peste, derrotas militares e mau uso dos capitais, responsáveis por conduzi-la a um largo déficit monetário e à deficiência do Estado patriarcal gerado pela franca debilidade governativa dos Habsburgo. Em 1701, a dinastia dos Habsburgo, de origem austríaca, que sob o reinado de Felipe IV (1621 - 1668) e do seu filho Carlos II atingira o máximo da decadência, perde lugar para os Bourbon, após uma guerra dinástica ao trono espanhol em que a França saiu vitoriosa sobre a Inglaterra. O conde de Anjou, coroado Felipe V (1683 - 1746), e Carlos III (1716 - 1788) foram os expoentes que participaram ativamente das reformas administrativas e econômicas lançadas no continente europeu no século XVIII.

A aparelhagem estatal dos Habsburgo, que ao longo de dois séculos permaneceu inalterada, seria completamente substituída por uma administração sustentada em ideais científicos e racionais, porém que atuaria de maneira centralizada, caracterizando o que a historiografia contemporânea classificou de despotismo esclarecido; onde embora houvesse o desejo por reformas modernizantes, as transformações não deveriam afetar a permanência dos valores do Antigo Regime. Se sob a dinastia dos Habsburgo o Estado era compreendido como a união de diversos reinos à Coroa espanhola por laços de fidelidade e vassalagem, pelo entendimento burbônico, os territórios que faziam parte da Coroa formariam um único reino, sendo que o papel das colônias limitar-se-ia a suprir as necessidades do Estado metropolitano.

Nesse sentido, pode-se entender que a metrópole espanhola ensejava uma ação de reconquista econômica do próprio domínio colonial, devido à crítica situação de suas políticas interna e externa, fragilizadas em razão das guerras econômico-competitivas européias em que se viu envolvida. Os Bourbon assumem com o objetivo de inaugurar uma nova fase política, uma restauração do século XVI, por meio da modernização da metrópole, sem observar as mudanças coloniais que já se tinham operado. Essa onda reformista para a península, com o maior controle para as colônias, não poderia ser uma ação bem sucedida diante de uma nova realidade vivida pelas regiões da Hispano-América.

Segundo o historiador Lesley Simpson, os Bourbon levaram consigo um despotismo de nova índole e pretendiam reformar a Espanha conforme o modelo francês do cardeal Richelieu e de Colbert, cujas ações governamentais primavam pela transformação administrativa, ao dividir o país

em grandes distritos, as intendências, governados por poderosos funcionários – os intendentes –, cuja responsabilidade era devida somente ao rei⁴. Os intendentes tinham por principal meta o aumento da arrecadação local. Esse sistema foi introduzido também nos territórios espanhóis, ao lado de um vasto programa de reformas como a redução dos salários do clero, eliminando-se a intromissão clerical no governo, a retirada da cobrança dos impostos foi retirada da mão dos arrecadadores e a restrição da venda de ofícios públicos. O exército e a armada foram reorganizados conforme os usos modernos de ascensão por mérito, foram introduzidas a Real Academia de Língua, de História, de Medicina e escolas técnicas. Reformas realizadas diante do aporte intelectual de conformação medieval sobre o qual os acréscimos empíricos e cientificistas da idade moderna se dariam de forma não suficientemente elaborada.

A mais concreta influência do Iluminismo na administração metropolitana dar-se-ia por meio do impacto das reformas de Carlos III, dirigidas para o aumento da produção e maior eficiência do Estado, embasadas na fisiocracia, por meio do excesso de fiscalização e do incremento no aparelho de arrecadação. Desde que chegou ao poder em 1759, o monarca teve como objetivo lograr a recuperação da Coroa espanhola a uma posição preeminente no panorama político europeu, propondo-se a melhorar os aspectos defensivos, com o fim de evitar agressões estrangeiras e despojos territoriais, sofridos ao longo do século XVII.

É durante o período monárquico de Carlos III que a Espanha se envolve em confrontos diretos com a Inglaterra, onerando os cofres metropolitanos. A política exterior do monarca levaria a Coroa espanhola a lutar na Guerra dos Sete Anos (1756 - 1763), sendo necessária uma intervenção ativa da Espanha para frear a expansão britânica, que invadira Honduras e também gerara a perda da colônia francesa de Québec. Em 1763, com a Paz de Paris, a Espanha cedia a Flórida à Grã-Bretanha e territórios do golfo do México em troca de Havana e de Manilha, conquistadas pelos britânicos, e da Louisiana francesa. Além disso, ao lado da França, a Coroa espanhola interveio na guerra de independência dos Estados Unidos contra o governo bretão, dando apoio à emancipação das Treze Colônias. Com o Tratado de Versalhes, em 1783, que pôs fim à guerra, a Espanha recuperou a Flórida e os territórios do golfo mexicano. Dessa maneira, ao dar suporte à emancipação política da região que logo se tornou os Estados Unidos da América, a metrópole espanhola abria precedente incontornável para a independência das suas próprias colônias.

No que concerne aos aspectos econômicos e sociais da política interna, o impulso para a reforma da agricultura durante o reinado de Carlos III é gerado pelas *Sociedades Econômicas de Amigos do País*, centros de estudos e reuniões em que se debatiam novas formas de contribuir para o desenvolvimento da região de que provinham os integrantes e que, no período das insurgências hispano-americanas, se tornaram centros de sociabilidade impulsionadores das indagações políticas

⁴ SIMPSON, Lesley. *Muchos Méxicos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977. p.201.

de cunho modernizante e liberal. Outro fator de mudança a relatar foi a expulsão da Companhia de Jesus, em 27 de fevereiro de 1767, em razão da sua forte influência política e cultural nas colônias, por suas grandes riquezas e controle dos institutos de ensino, sob o pretexto de que a ordem estava realizando manobras para assumir o controle político do Paraguai. A expulsão dos jesuítas foi o mecanismo utilizado para se introduzir a reforma educacional que se deveria pautar pelas disciplinas científicas e de investigação. As propriedades dos jesuítas foram utilizadas para a criação de novos centros de ensino e universidades e suas riquezas foram usadas para beneficiar setores ligados à saúde, como hospitais e hospícios.

Entre os principais ministros e colaboradores dos governos de Carlos III figuravam grandes personagens impulsionadores da Ilustração espanhola, como Pedro Pablo Abarca de Bolea y Ximénez de Urrea, conde de Aranda (1719 - 1798); Pedro Rodriguez, conde de Campomanes (1723 - 1803); José Moniño, o conde Floridablanca (1727 - 1803) e Pablo de Olavide (1725 - 1803). Campomanes, influenciado pela fisiocracia, estabeleceria em seu *Tratado de la Regalía de la Amortización*, a importância de se conseguir o bem estar do Estado e dos cidadãos por meio de uma mais equitativa distribuição de terra. Olavide peruano nascido em Lima e adepto das idéias francesas, nomeado no governo de Carlos III intendente de Sevilha, tratou de dar andamento as reformas liberais ao se encarregar da Universidade de Sevilha, criar a primeira escola de artes dramáticas do país e introduzir reformas educativas que amenizariam a influência da escolástica no ensino universitário.

O Conde de Aranda, diplomata, militar e político de idéias reformistas, tinha Voltaire, Diderot e D'Almeida por conhecidos, foi responsável por impulsionar a iniciativa de realizar o primeiro censo da população que se fez na Espanha, conhecido como censo de Aranda (1768 - 1769). Designado embaixador em Paris, Aranda se apoiou a causa de independência das Treze Colônias norte-americanas e impulsionou uma corrente teórica autônoma para as colônias americanas, ao propor a criação de três reinos que seriam ocupados por infantas da casa real espanhola. Aranda e Campomanes foram ainda os responsáveis diretos pela condução da política de expulsão dos jesuítas das colônias.

No continente americano, além dos vice-reinos já existentes, Peru e Nova Espanha, as reformas ensejaram a criação da Nova Granada, em 1763, que compreendia Venezuela, Colômbia e Equador, e do Prata em 1763, que abarcava parte do Alto Peru, e territórios que hoje formam a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e parte da Bolívia, regiões de finalidade defensiva em razão de o estuário do Prata servir de escoamento para produção mineira. Apesar de produzir parcialmente bons resultados, o programa de reformas borbônicas não alcançou certos objetivos, como o controle

eficaz das Américas, visto que a nova legislação não venceu os vínculos que há muito haviam se estabelecido entre os membros da burocracia e as elites americanas⁵.

Após viverem duzentos anos sob uma administração colonial caracterizada pelo distanciamento entre metrópole e colônia, as transformações estruturais propostas pelos Bourbon gerou profundo descontentamento nas regiões americanas dominadas pela Coroa espanhola. A política borbônica foi responsável por romper o equilíbrio de forças entre os principais grupos de poder nas colônias americanas e os da metrópole, pois ao ampliar a função do Estado espanhol em detrimento do setor privado colonial, terminou por afastar a classe governante local do poder. O que, para as metrópoles, era desenvolvimento racional, para as elites coloniais representava um ataque aos seus interesses.

Ao longo do século XVII, o contrabando se tornara uma prática incontestada nas colônias hispano-americanas, praticado por franceses, ingleses e holandeses e pelas próprias províncias por onde passavam metais e outras mercadorias preciosas. Os tesouros das Índias foram sendo interceptados e incontáveis vezes não chegaram ao seu destino. Como relata Pierre Chaunu, se a imensidade das Índias contribuiu para as proteger, essa mesma imensidade foi obstáculo que a administração espanhola nunca conseguiu vencer completamente⁶. A venalidade dos cargos públicos, a defraudação do erário e a corrupção administrativa, que se tornavam cada vez mais difíceis de controlar, expressavam o avançado estado de autonomia das regiões. Protegido pela lentidão das comunicações, o funcionário colonial, por própria deliberação, interpretava as leis a seu favor ou de amigos, bem como reembolsava com usura os gastos realizados na compra de seu cargo e em união com os grandes comerciantes localizados nessas regiões da América espanhola. Tal comportamento contribuiu para a formação de rotas de influência, com a criação de alianças capazes de ensejar um poder regional apto a gerar uma fragmentação do território muito antes do processo de independência a ocorrer no início do século XIX.

A partir do ano de 1765, o governo espanhol visando aumento da arrecadação aplicou medidas de modernização do comércio marítimo, abolindo-se monopólios e restrições mercantis, abandonando-se o sistema de frotas por seus altos custos e o regime de porto único. O comércio com as colônias era monopólio de porto de Cádiz, mal situado e equipado para receber os produtos coloniais. Com a abertura das trocas mercantis das colônias com outros portos espanhóis o monopólio de Cádiz foi reduzido, até o que em 1778 o comércio dentro o império espanhol foi declarado livre. Se por um lado o fim do porto único abalou os interesses dos grandes de Cádiz, novos portos seriam estimulados, como o de Havana e Buenos Aires. Tais mudanças políticas foram aptas a gerar profundas contradições nas colônias, como também ressentimentos.

⁵ BLAS ZABALETA, Patricio de et alii. *Historia Común de Iberoamerica*. Madri: EDAF, 2000. p.240.

⁶ CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.38.

Com a morte de Carlos III em 1788 e a Revolução Francesa de 1789, o reformismo ilustrado na Espanha sofre um terrível baque, pois por medo da emergente força das revoltas populares, Carlos IV (1748 - 1819) seria obrigado a governar de forma mais conservadora, sem espaço para a continuidade pacífica das novas ondas reformistas lançadas por seu pai. Embora suas primeiras atitudes no poder demonstrem propósitos desenvolvimentistas, ao designar o Conde de Floridablanca como ministro – que estabelece medidas como condenação do atraso das contribuições, limitação do preço do pão, restrição da acumulação dos bens em mãos mortas e medidas para o desenvolvimento econômico –, o governo de Carlos IV imporia mecanismos para frear o contágio de idéias preconizadas pela Revolução Francesa, contando com o apoio da Inquisição e setores importantes do clero, assim como de um forte aparato repressivo nas fronteiras espanholas.

O conde de Aranda atacou o estilo político do então ministro Floridablanca, apoiado pelo organismo inquisidor, acusando-o de abuso de poder, conseguindo a destituição do ministro do cargo, o qual Aranda passou a ocupar em 1792. Com a radicalização revolucionária francesa e o conseqüente destronamento de Luís XVI, as mudanças políticas operadas no reinado de Carlos IV precipitaram a queda do conde como ministro, por ser Aranda partidário da neutralidade, abrindo-se espaço para a chegada ao poder de Manuel Godoy (1761 - 1851), proveniente da guarda pessoal do rei, mas que por uma provável influência exercida sobre a rainha Maria Luísa teria conseguido rápida ascensão, o que atraiu para si e para o governo toda carga de críticas e descrédito.

Carlos IV teria em seu reinado ainda a presença de um dos maiores expoentes da Ilustração espanhola que seria Gaspar Melchor de Jovellanos (1744 – 1811), jurista asturiano escolhido para exercer o cargo de Ministro da Graça e da Justiça em 1797, cujas obras abarcam poesia, teatro, política, economia, arte, história e jurisprudência. Jovellanos era um arguto crítico da decadência econômica e cultural da Espanha e posteriormente se tornaria franco opositor da política implementada por Manuel Godoy. Jovellanos foi um dos grandes defensores na Espanha do chamado constitucionalismo histórico, doutrina que buscava reformar as bases da monarquia absolutista, trazendo consigo noções das teorias pactistas do século XVI. Seu contato com frei Servando foi responsável por influenciar o pensamento do dominicano acerca de temas em debate para as reformas do estado, como por exemplo, a apologia das antigas instituições representativas. Jovellanos tentaria introduzir na Espanha as últimas novidades no que concerne à reforma da agricultura, arquitetura, religião e educação, numa espécie de rechaço das realizações culturais espanholas dos últimos dois séculos.

Em contraste ao período áureo da Ilustração no governo de Carlos III, o reinado de seu filho seria marcado pela inibição do avanço das idéias de cunho reformista e de seus propagadores, sendo especialmente influenciado por Godoy. O conde de Campomanes seria destituído do cargo de

presidente das Cortes e Jovellanos seria vítima da repressão oficial impulsionada por Godoy ao ser deposto do ministério da Graça e da Justiça, em 1798, e desterrado em Gijón em razão de suas idéias políticas.

Entre os anos de 1799 e 1815, Napoleão Bonaparte assume o comando da França, saindo em guerra bélica, invadindo países da Europa e forçando o fechamento de portos para o comércio inglês, com intuito de demonstrar o poderio francês. Napoleão precisaria passar pela Espanha para chegar a Portugal, país que nutria forte contato político com a Inglaterra. Em 1795, Godoy assinaria o contrato de Fontaine Bleau com a França, pela promessa de que, após invadido, o território português seria dividido entre as potências invasoras. Entretanto, Napoleão não cumpre a promessa, seqüestra a casa real espanhola e força Carlos IV a abdicar em nome do filho Fernando, na cidade de Baiona em 1808. José Bonaparte (1768 - 1844), irmão de Napoleão, assume como governante espanhol. Tal feito fez com que toda a Espanha se rebelasse e que novos partidos se dividissem: uma parte da burocracia da Coroa permaneceu fiel aos Bourbon e de índole absolutista, desejosa do retorno do monarca; outra, embora fiel a Fernando VII, exigia um alicerce constitucional para sua monarquia, e um terceiro grupo juntou-se ao movimento revolucionário em progressivo crescimento e desejava o estabelecimento de uma república.

Nas colônias, a carência de um governo legítimo que desse suporte às suas necessidades diante da acefalia da metrópole espanhola permitiu a associação em juntas e cabildos que se declaravam fiéis ao monarca. Contudo, a situação de instabilidade e confusão administrativa gerava conflitos quando se debatia a necessidade de proteção dos interesses americanos nas Cortes metropolitanas, abrindo-se espaço para o questionamento da natureza da situação americana dentro da monarquia espanhola, como ver-se-á ainda neste capítulo. Com a derrocada de Napoleão e o retorno ao trono de Fernando VII, em 1814, a política real foi conduzida no sentido de reconquistar militarmente os territórios americanos que se encontravam em plena batalha pela independência, o que seria um ingrediente explosivo a ser adicionado nas já tensas relações entre metrópole e colônias, que passaram a não mais cogitar a idéia de autonomia relativa, exigindo separação total da Coroa espanhola.

1.2 O universo espanhol perante as inovações do século XVIII

Antes de avançar sobre o contexto histórico das revoluções de independência, é pertinente a esta dissertação que se detenha na análise do universo mental espanhol diante das inovações trazidas pelas idéias reformistas ao longo dos séculos XVII e XVIII. Conforme a orientação do historiador José Luis Aranguren, a palavra Ilustração carregava consigo um moralismo pedagógico, pois, segundo o entendimento do Iluminismo, o homem envolto pela ignorância era mal. Portanto, a Ilustração teria de ser vivida como tarefa pedagógico-moral, cujas virtudes exaltadas, no entanto,

seriam aquelas aptas a produzir benefícios econômicos e utilitaristas⁷. Os homens da Ilustração estabeleceram correspondências entre o que era inútil – como clero regular e os saberes metafísicos e escolásticos – e as classes úteis ou burguesas e o saber que interessavam – aquele apto a gerar indústrias e benefícios.

Para Aranguren, a nova ética surgida era da felicidade, vivida neste mundo como bem estar dentro dele. Se, por uma parte, ela seria entendida como prosperidade e riqueza, por outra, seria associada com a liberdade. Dessa maneira, frente à autoridade eclesiástica, os ilustrados iriam contrapor a razão e o desejo de obter a felicidade dos homens, impondo à Igreja um papel mais reservado, o que culminaria na diferença entre público e privado, o princípio em que se basearia a separação da Igreja do Estado ou Coroa.

Esse processo de transformação do Estado representava um movimento de procura de novos fundamentos e finalidades legítimas para o poder temporal, implicando a invasão da razão na dimensão da política e no espaço da religião. A partir de meados do século XVIII, a Ibéria se engajou em movimentos reformistas que mesclariam elementos da tradição, filtrados pelo Barroco, com as novas vertentes da experiência europeia contemporânea. Pode-se notar que do lado, dos ilustrados espanhóis ainda se utilizavam os *corpi* doutrinários propostos pela Igreja católica, do lado da administração metropolitana, todavia, tinha-se estabelecido a convicção de que o papel da Igreja não devia representar um entrave ao desenvolvimento racional da nação.

Como foi visto, os Bourbon trouxeram novo dinamismo para a administração política espanhola, baseados num maior afastamento da Igreja dos assuntos governamentais. Entretanto, é preciso compreender que mesmo envolvida pelo ideário reformista, a Ilustração vivida na Espanha não se desvincularia de uma visão de mundo religiosa, ao contrário da França em que predominavam aspectos ligados ao anti-clericalismo e ao ateísmo. A península Ibérica opta por preservar o legado espiritual católico, contudo, não deixaria de ser afetada pelas revoluções intelectuais, científicas e religiosas. Isso lhe permitiu construir um rico e complexo ideário para justificação das permanências institucionais e políticas, ao mesmo tempo em que se utilizou dos modelos de explicação presentes nos novos *corpi* de idéias nascentes no contexto europeu ocidental. Como exemplo, um dos grandes expoentes da Ilustração espanhola, o beneditino Benito Jerónimo Feijoo (1676 – 1764), que confessou em seu *Teatro Critico Universal* a ausência de avanços científicos nas universidades espanholas, buscava transmitir ao público em geral certas noções das recentes descobertas na área do conhecimento, dando espaço para o combate de idéias supersticiosas, de fanatismos e milagres agindo em defesa da doutrina católica e dos feitos passados da nação espanhola.

⁷ ARANGUREN, José Luis L. *Moral y sociedad española en el siglo XIX*. Madri: Editorial Cuadernos para el diálogo, 1970. p.18-20.

Como nos relata o grande estudioso da História de América Espanhola, falecido em 2002, professor doutor François-Xavier Guerra, com a instalação da casa real dos Bourbon, as instituições representativas, como as cortes dos reinos da coroa de Aragão seriam suprimidas, assim como as cortes unitárias da monarquia espanhola composta por um reduzido número de cidadãos privilegiados não teriam representatividade e nem serviriam de freio ao crescimento do poder real como anteriormente⁸. A Coroa borbônica ter-se-ia esforçado para impor o ideário absolutista ao procurar inibir as idéias pactistas, que defendiam a idéia de que a realeza não poderia impor seu critério absoluto ao povo, e as populistas, que distinguiam autoridade religiosa da civil, caso essa última não prezasse pelo bem comum cabia ao povo o direito de rebeldia e tiranicídio⁹. Os Bourbon seguiam o modelo político francês do Antigo Regime, impedindo que se proclamasse o direito de resistência diante de um mau governo ou qualquer outro recurso contra o excesso de poder do monarca.

O absolutismo estabelecido atribuía ao monarca um poder ilimitado e universal, na medida em que poderia ser exercido em todos os campos. No centro das teorias absolutistas estava a noção de soberania régia, considerada como uma potestade suprema e absoluta que dominava a sociedade e que existia fora dela e acima de suas leis. Disso decorriam as regalias dos direitos da Coroa, suprimindo-se a relação bilateral rei-vassalo, da função de cada parte do corpo cívico, por uma ligação unilateral, sendo o poder real estendido também à Igreja e aos corpos privilegiados, à propriedade privada e também à sociedade civil. Com a tentativa de substituição da idéia de sociedade compreendida como uma estrutura plural, uma sociedade estamental, em que cada um possuía uma função a ser exercida dentro da comunidade, entendida dentro de um hermetismo imutável, a primeira novidade no campo político foi, segundo Guerra, o aparecimento do indivíduo no campo das idéias políticas e a idéia de lei como criação direta do poder, rompendo-se assim com o imaginário social, com os costumes e com as doutrinas políticas tradicionais¹⁰.

Essa transição de imaginários exigia, contudo, um esforço de grandes proporções por parte dos reformistas espanhóis. Entendeu-se que, para haver liberação da economia, era preciso tanto uma reforma da mentalidade, com a conversão do espírito, de empresa bélica e conquistadora, em empresa pacífica e produtiva, quanto possuir ânimo de lucro e desenvolvimento e também afastar o excesso de clericalismo. Além disso, posteriormente, com a influência da Revolução Francesa, se tornou eminente uma nova forma de fazer política. Segundo Aranguren, a essa proeza deveria seguir outra não menor, a de deter a história, de impedir que a liberdade econômica passasse a

⁸ GUERRA, François- Xavier. *Modernidad e independencias – ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica/ Editorial MAPFRE, 1992. p. 22.

⁹ VICENS VIVES, J. *Historia de España y América Social y Económica. Los siglos XIX y XX*. v.V. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1974. p. 447. (Coleção Libros Vicens-bolsillo).

¹⁰ GUERRA, François-Guerra. *Op.cit.* p.23.

política, de fechar o processo às elites mercantis enriquecidas e cultas de poder político, e fazer com que se seguisse acatando uma forma política injustificada para o período¹¹.

Outra questão que deveria ser solucionada com urgência pelo Iluminismo espanhol era a relativa à estrutura administrativa das colônias da América. É verdade que a questão dos impérios americanos sempre esteve presente nos debates teóricos das metrópoles, que se ocupavam com os recorrentes problemas de ordem moral, de práticas de legitimar o governo e de incorporar os povos do novo continente. Conforme Richard Morse, analisando o contraste entre regiões conquistadas do norte e do sul da América, em geral, as colônias puritanas da América do Norte não cumpriam nenhuma missão civilizadora ou incorporadora para uma Igreja ou Estado na terra de origem. Situação inversa era a das colônias hispano-americanas a quem se dirigiam pensamentos políticos voltados para a racionalização da estrutura estatal estendida para ambos os lados do Atlântico¹². A reforma do Estado e a reorganização política e econômica do espaço americano seriam os fios condutores das ações implementadas pela dinastia borbônica.

Como bem observa Morse, para Ibero-América, porém, era difícil distinguir formalmente os vice-reinados como corpo político separado das instituições metropolitanas, já que havia integração transatlântica entre a teoria política da metrópole e as instituições eclesiásticas, burocráticas e acadêmicas nas colônias. Isso viria a se tornar um grande desafio às vésperas da independência política, pois se no século XVI a Ibéria podia propor fórmulas alternativas plausíveis para seu progresso no Ocidente, no século XVIII seu pretense modernismo sobre estruturas seculares, revelaria um descompasso com as colônias insurgentes, que se sentiam atraídas pelo binômio ciência-consciência vivido pelos Estados Unidos e por sua conquista da autonomia político-administrativa¹³. Além disso, como observa Barboza Filho, embora o Absolutismo tenha se realizado plenamente na América espanhola – que se tornara um espaço para o exercício de poder ao servir de válvula de escape para as ações reais e de fonte de provisões para metrópole – com o crescimento da população, o aumento da mobilidade e da diversidade social, a urbanização e a formação de uma incipiente consciência nacional, gerado pelo sistema de castas, o ideal neo-escolástico de incorporação social não era tão plausível quanto os planos europeus de integração participatória¹⁴.

No entendimento de José Carlos Chiaramonte, a Ilustração ibero-americana implicou uma forma de renovação intelectual menos radical, durante grande parte do seu desenvolvimento, ainda que abale muitos aspectos da cultura colonial. Durante a maior parte do século XVIII, as manifestações

¹¹ ARANGUREN, José Luis. *Op. cit.*, p. 21.

¹² MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.71

¹³ *Ibidem*, p.72.

¹⁴ BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e artifício – Iberismo e Barroco na formação americana*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ, 2000. p.311.

ocorridas na Hispano-América ligam-se mais à onda reformista impulsionada pela administração metropolitana que às tendências separatistas que apareceriam mais tardiamente nas colônias¹⁵. Embora por vasto período a historiografia tradicional tenha considerado que a invasão das idéias reformistas no continente americano foi apta a gerar uma total ruptura com a velha mentalidade proposta pelo universo barroco e pela escolástica, é preciso observar o posicionamento defendido pela historiografia contemporânea, que fala de uma substituição gradual e moderada própria do espírito do século, sendo possível observar o entrelaçamento das idéias ilustradas com as idéias tradicionais em vários trabalhos do período das independências, como ver-se-á no estudo das obras de frei Servando Teresa de Mier.

Chiaramonte fala em ecletismo, entendendo esse fenômeno como uma transição até manifestações nitidamente ilustradas, algo que não seria privativo do Novo Mundo, ainda que mais sensíveis a suas manifestações em razão de vigorarem com força as três barreiras tradicionais para as novas formas de pensar: os dogmas da Igreja Católica e a filosofia escolástica aliados à fidelidade política às monarquias ibéricas¹⁶. A consciência nacional dos povos ibéricos, compartilhada com os intelectuais das colônias, por um lado freava as idéias reformistas, mas, por outro, trazia fatores estimulantes para a difusão das luzes do século. Dessa maneira, a política liberal de Aranda, Campomanes, Floridablanca e Jovellanos ainda que atreladas à idéia de monarquia, carregavam consigo forte impulso às novidades que contagiaram os súditos americanos.

Cabe ao historiador do presente, portanto, tentar compreender o processo sutil de tais transformações que ocorriam na mentalidade hispano-americana, ao mesmo tempo que, inversamente, ocorria a etapa de ruptura do universo colonial de forma rápida e violenta. Antes de avançar em direção ao estudo de emancipação da América espanhola faz-se necessário que se sumarie as bases ideológicas do movimento independentista.

1.3 Bases ideológicas da emancipação hispano-americana

Conforme a análise do historiador espanhol J. Vicens Vives, a emancipação hispano-americana tem um amplo período prévio de formação ambiental. O primeiro corresponde ao ciclo revolucionário iniciado com a revolução industrial na Inglaterra durante o século XVII, na evolução da América anglo-saxã – fator que culminou na independência das Treze Colônias – e na Revolução Francesa. O segundo período corresponde à formação interna de uma consciência emancipadora, manifestação de um antagonismo racial iniciado no momento da conquista. Esses pressupostos, porém, não têm fim com a simples proclamação das independências. Os motivos da emancipação

¹⁵CHIARAMONTE, José Carlos (org.). *Pensamiento de la ilustración: economía y sociedad iberomamericana en el siglo de la ilustración: economía y sociedad iberoamericana en el siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979. p.xx.

¹⁶ *Ibidem*, p.xiv.

permanecem em vigor depois de 1824 e constituem uma ampla problemática de fundo a que se unem novos fatores sociais, econômicos, ideológicos e políticos¹⁷.

Antes de compreender o momento de questionamento da autoridade da Coroa espanhola pela Hispano-América, é preciso compreender que a autoridade absoluta tropeçava desde o século XVI com a hostilidade manifesta de importantes minorias intelectuais procedentes tanto do campo católico quanto calvinista, cujas teorias pactistas e populistas, como já foi dito, supunham atitudes de freio aos princípios absolutos da monarquia¹⁸.

As teorias populistas foram desenvolvidas pelos juristas e teólogos ibéricos no século XVI, com base na doutrina de São Tomás de Aquino, do século XIII. Ao diferenciar autoridade religiosa da civil, era preciso a subordinação da segunda à primeira, sendo que a civil deveria se estabelecer sobre as idéias fundamentais de liberdade e de justiça humanas, contra as quais não se poderia atuar tiranicamente. A doutrina se assentava em três postulados: a soberania radica na comunidade, nenhuma autoridade poderia ser despótica e, caso o fosse, o povo teria direito a rebelar e até mesmo matar o tirano.

De acordo com o filósofo da Universidade de Boston Knud Haakonsen, essa construção intelectual foi utilizada pelos pensadores ibéricos diante das disputas contra o ideário protestante e sua compreensão de direito natural, embates centrados na figura de Hugo Grotius (1585 – 1645), considerado o precursor do moderno direito natural¹⁹. Grotius delineou uma teoria que convinha aos protestantes. Porém, ainda que as novidades contidas em seu ideário fossem consideradas perigosas em demasia por muitos pensadores escolásticos espanhóis do século XVI, seu jusnaturalismo racionalista teria bastante influência nos reinos hispânicos no século XVIII, encontrando expressão nos fenômenos políticos vividos neste período.

Tais doutrinas populistas, como foi o tomismo, surgem como fonte de explicação para a origem do poder civil em rebate às teorias protestantes, ao renovar a força do escolasticismo diante das novas questões que se impunham, como a conquista territorial das novas colônias, no intuito de harmonizar a convivência entre as autoridades civis e religiosas, e subordiná-las à ordem eterna, encaminhando-as para o bem comum, a perfeição individual e a salvação ultraterrena. A lei natural também seria a fonte de explicação para as origens da sociedade civil, pois era marcada no coração de cada homem pelas mãos de Deus e era superior às leis positivas. Além disso, por ser a sociabilidade intrínseca à humanidade, a origem da autoridade pública seria divina; por isso o poder dos reis estaria enraizado na vontade de Deus, por meio do consenso estabelecido entre o divino e os homens, e orientado para a realização do bem comum. Dessa maneira, o povo transferia ao

¹⁷ VICENS VIVES, J. *Op.cit.*, p.446.

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ HAAKONSEN, Knud. *Natural law and moral philosophy – from Grotius to the Scottish Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.15-16.

soberano o poder de fazer leis e governar a comunidade para o bem público, investindo o monarca da autoridade para estabelecer as leis positivas²⁰.

Embora essas doutrinas tenham sido desenvolvidas pelos dominicanos, tendo em Francisco de Vitória (1485 - 1546) um de seus maiores expoentes, elas começariam a ser adotadas pelos jesuítas, que se dispuseram a difundir-las com grande empenho, e encontraram no jesuíta espanhol Francisco Suárez (1548 - 1617) seu grande sintetizador, cuja obra *De legibus ac Deo legislatore* expõe o cerne dessa escola²¹. Como atesta Barboza Filho, a preocupação básica de Vitória e Suárez não seria a de diminuir o poder da Igreja, mas o de redefinir o seu papel e sua estrutura em condições históricas distintas da Idade Média, permanecendo, entretanto, como autoridade máxima em questões espirituais ao oferecer justificações para a Ibéria diante das conquistas territoriais ao reafirmar o ideal messiânico de suas sociedades²².

Outra teoria aplicada era a pactista, que se assentava no fato de a realeza não poder impor seu critério absoluto ao povo por haver subscrito com ele um pacto. Haveria um acordo entre Deus e o povo, ao qual se encontra integrado o rei, bem como existiria um pacto do povo com o próprio rei. Esse segundo pacto estabeleceria as relações e obrigações mútuas entre o monarca e a coletividade, o primeiro comprometia-se a governar com justiça e o segundo com o dever de obedecê-lo. Se o rei não cumprisse seu dever de respeito ao povo, era lícito à comunidade se sublevar contra a autoridade do monarca e depô-lo, no chamado direito de resistência, caracterizado pela utilidade social do poder, diferente da raiz cristã das doutrinas populistas. Ao ver de Antônio Manuel Hespanha, Suarez expressaria, dessa forma, a ascensão de um ideal consensualista, mais que contratualista, garantindo ainda o direito de resistência a uma lei ou autoridade injustas que não prezassem pelo bem comum, sendo possível notar que autoridade aparece sempre delegada, respectivamente, por Deus e pelo povo²³.

É importante realçar que esses ideais setecentistas, representados pelo pactismo, pertenciam à uma tradição política legal, um tanto esquecida à época do absolutismo, mas que seria revivida por alguns ilustrados espanhóis e hispano-americanos, como justificativa para o processo de ruptura. Tais teorias alicerçaram também as bases do chamado constitucionalismo histórico, que teve na figura de Melchor de Jovellanos seu grande defensor, como já foi dito antes. O constitucionalismo histórico surge no século XVIII como uma clara proposta de reação ao despotismo ilustrado, em

²⁰ O que expressava uma visão corporativa de uma sociedade rigorosamente hierarquizada por uma ordenação superior. Cada estatuto comportava direitos e também deveres, bem como a obrigação de assumir em tudo uma atitude social correspondente ao estado. Na sua forma mais difundida, a auto-representação da sociedade medieval e moderna via-se dividida em três estados: clero, nobreza e povo. (XAVIER, Ângela Barreto e HESPANHA, Antônio Manuel. “A representação da sociedade e do poder”. In: HESPANHA, Antônio Manuel. *História de Portugal: o antigo regime*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 120).

²¹ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996. p.415-416.

²² BARBOZA FILHO, Rubem. *Op.cit.*, p.309.

²³ HESPANHA, Antônio Manuel. *Op. cit.*, p.121.

busca de um governo livre, apto a garantir a liberdade dos súditos e frear a arbitrariedade excessiva do monarca. Tal dispositivo político tinha o objetivo de legitimar um diálogo mais aberto entre rei e reino, em prol do estabelecimento de uma nova sociedade.

Diante das inevitáveis transformações sócio-políticas do contexto do processo de independência, as idéias pactistas perderiam lugar para as idéias de caráter eminentemente revolucionário, por não ser mais possível falar em reforma monárquica diante da omissão das Cortes espanholas às necessidades de expressão política e administrativa das colônias, assim como no retorno ao poder de Fernando VII e sua tentativa de restabelecimento do regime absolutista. Tal foi o caso de frei Servando Teresa de Mier que, primeiramente, defendeu a causa americana tendo por base as teorias pactistas e invocaria essa tradição jurídico-filosófica para embasar o direito à autonomia. Porém em um momento posterior já não mais falaria de acordo entre Coroa e colônias, mas sim, pregaria a independência absoluta. Seu ideário se inspiraria igualmente nas proposições de Rousseau, Voltaire e Montesquieu, que o frei não assume abertamente e mesmo condena como inspiradoras do terror e das revoltas populares.

A doutrina pactista teve oportunidade de manifestar-se historicamente na Inglaterra, no direito de resistência real de João Sem Terra e com Oliver Cromwell e a política do *Commonwealth*, que proclamavam o princípio da soberania popular, segundo o qual todos os poderes do governo procedem do povo. Por tal acordo se pedia a extensão do sufrágio, uma constituição e um parlamento, maior difusão dos direitos civis e de propriedade, a proibição dos monopólios e dos direitos e tribunais feudais, com o restabelecimento do direito aos bens comunais. A influência dessa reforma política pode ser sentida em John Locke nos tratados *Sobre o Governo Civil*, de 1690, que constituem um desenvolvimento de tais idéias e foram base para a Declaração de Independência da América do Norte e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada na França em 1789. Essa, por sua vez, foi traduzida e impressa pelo colombiano Antonio de Nariño, em 1794, obtendo uma larga difusão no continente americano.

Ainda que os princípios ideológicos estivessem em vigor desde o século XVII, é somente no século XVIII que incidiriam na América espanhola, coincidindo com o anacronismo vivido pela administração política da Espanha diante das modernas tendências ocidentais. Na opinião de Vicens-Vives, o reformismo burbônico buscava a revitalização da empreitada colonial ao final do século XVIII, consubstanciada no protecionismo econômico, patriarcalismo político, assimilação racial e difusão do catolicismo e da cultura. Contudo, no seio colonial havia sido gerada uma força social, matriz da consciência revolucionária, servidora dos interesses econômicos e políticos da elite colonial, consubstanciada no fenômeno do *criollismo*, que estava apto a receber todos os influxos da ideologia cosmopolita, a qual vinham implícitos os pressupostos da emancipação²⁴.

²⁴ VICENS-VIVES, J. *Op. cit.*, p.448-449.

Antes de finalizar este tópico, é preciso pôr em relevo o debate ressaltado pela historiografia contemporânea sobre a negação do pensamento de que a independência hispano-americana seria fruto da simples fusão entre as ideologias barrocas e as anglo-francesas. Como já dito nas linhas acima, a Hispano-América estava permeada de ingredientes ideológicos díspares, ocorrendo um fenômeno de modernidade legal, mas com tradicionalismo na base social. Por muitos anos a historiografia considerou que as revoluções de independência eram fruto das idéias modernas da Revolução Francesa sem considerar outros fatores de ordem cultural e interna das colônias americanas. É válido ressaltar que para Guerra, nem mesmo a pluralidade e a diversidade não poderiam explicar sozinhas a unicidade de um fenômeno, sendo importante perceber que todas as Américas possuem em comum o pertencimento a um mesmo conjunto político e cultural que vivenciou a construção de um novo fazer político²⁵.

A preocupação em rotular as bases em que a ideologia emancipadora se apoiou existe por medo de se correr o risco de uma visão unilateral e restritiva, tendo em vista a complexidade teórica ser tamanha que exclui qualquer possibilidade de intenções exclusivistas. Reconhece-se a percepção de tendências a que as diferentes regiões do mundo colonial se enquadrariam. Haveria no mundo hispânico a existência de dois eixos no interior do processo de independência que conduziriam à tomada de posições diferentes em relação ao grau de influência exercido pelos ideais iluministas. Trata-se do eixo Buenos Aires – Caracas, no qual prevaleceu o Iluminismo francês de tendências mais liberais e reformadoras da estrutura social vigente, exemplificado pela proclamação das Repúblicas de Caracas e Buenos Aires em 1811; e do eixo Lima – México, caracterizado pelo Iluminismo espanhol de tendências conservadoras, cujas mudanças dar-se-iam dentro da ordem estabelecida.

O processo revolucionário na América dá-se em decorrência de um processo político único, que desemboca na fragmentação da monarquia espanhola no continente americano, onde se vê surgir múltiplos Estados soberanos. A revolução começaria, no mundo hispânico, não por uma simples maturação interna, mas por uma profunda crise administrativa na monarquia espanhola, provocada pela invasão napoleônica. Uma nova noção de identidade surge, invocando-se a certeza na mudança dos sentimentos das colônias, no que se referia a seus direitos individuais e coletivos. Portanto, em um cenário de disputa pelo poder, as forças vitoriosas procuraram embasar suas conquistas em uma nova construção intelectual que legitime sua permanência. Somente uma ação reformista poderia tentar por fim a um contraste entre o real e o ideal, indivíduos ao invés de corpos e estamentos, igualdade ao invés de hierarquia, poder fundado na vontade dos cidadãos e não na Providência entre outras idéias dentro contexto histórico nascente. Todavia, tendo-se em conta o contexto das

²⁵ GUERRA, François-Xavier. *Op.cit.*, p.16-17.

insurgências da Hispano-América, é preciso considerar que mesmo com a independência formal, seus valores, vínculos e comportamentos seguiriam de forma tradicional.

1.4 Mundo colonial frente às mudanças estruturais

Às vésperas da independência, as colônias viam em sua pátria-mãe um reflexo de si próprias, uma vez que as tendências antagônicas presentes no desejo de reformas se chocavam com a permanência nas estruturas de exploração, expressando a luta que a modernidade travava com a tradição tanto no período pré-independentista como após a autonomia. O processo de ruptura com o domínio espanhol e a conseqüente fase de ascensão do liberalismo, obviamente não seriam vividos de maneira uniforme em toda a Hispano-América, que teve sua construção forjada em uma realidade diversa, com heterogeneidade de povos detentores de tradições e culturas distintas. A relação oficial mantida pela metrópole punha por terra essas diferenças e homogeneizava o tratamento dispensado às diferentes regiões. Com a emancipação política, as colônias hispano-americanas passam a ter seus meios peculiares de formular as idéias sustentadoras de sua libertação. Todavia, tal movimento independentista possui uma estrutura comum baseada nos valores em ascensão no período e que norteou em maior ou menor medida o processo autonomista.

Nas colônias, a aparição de grupos importantes e economicamente fortes, associando influências intelectuais reformistas a um crescente nacionalismo, revelava uma clara consciência de identidade hispano-americana, gerando novas possibilidades na condução do destino de suas regiões. As expectativas dos *criollos*²⁶ conduziram mais facilmente ao desejo de autonomia do que conduziram as reivindicações específicas por reformas estruturais ensejadas pela Ilustração. Por ocuparem uma posição imprecisa dentro da sociedade, pois ainda que pertencessem à elite dos bem nascidos, dos filhos de espanhóis, não possuíam expressão política na administração e na condução do governo colonial. As reformas centralizadoras do século XVIII terminaram por exacerbar as diferenças e por excluir ainda mais a participação deste elemento social.

Como nos relata Kathryn Woodward²⁷, a emergência dessas diferentes identidades nacionais é historicamente específica, surgindo sempre em um momento de crise presente; no caso americano, impulsionadas pela insatisfação crescente com o modo de condução política da metrópole e o desejo por maior expressão social. A difusão em uma minoria intelectual de uma série de princípios

²⁶ Filhos de espanhóis e nascidos na América que possuíam terras, escravos e exerciam profissões liberais. Eram os brancos numa colônia formada por índios, negros e mestiços. Pertenciam à elite ressentida com a metrópole, em razão de esta os excluir dos altos cargos eclesiásticos e da administração real (CHAUNU, Pierre. *Op.cit.*, p.59).

²⁷²⁴ WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.11.

filosóficos, jurídicos e políticos de origem ilustrada e liberal, procedentes tanto da Europa como dos Estados Unidos atuavam como pensamentos diretivos na orientação do processo de independência.

Tendo os *criollos* enriquecido pelo comércio e pela propriedade, e sido formados intelectualmente por princípios liberais, aspiravam ao usufruto do poder, de onde procederiam as necessárias reformas do aparato administrativo para o desenvolvimento da vida econômica, fazendo desaparecer os monopólios metropolitanos. Para conseguir esse objetivo tinham de se opor à mentalidade colonial espanhola. Na busca de inspiração ideológica, o melhor lugar para encontrá-las seriam nas fontes emanadas do povo desde o século XVI, onde a ideologia ilustrada elaborada na Inglaterra representava o paradigma doutrinal em que beberam os *criollos* hispano-americanos ao adequar as teorias aos seus interesses sociais.

No aspecto institucional, as *Sociedades Econômicas de Amigos do País* também se encontraram no continente americano a partir de 1791. Essas sociedades orientavam a mentalidade *criolla* para tarefas mais realistas e concretas, que caracterizavam novas formas de sociabilidade moderna pela associação de indivíduos de diferentes origens para discutir em comum, encontradas nas tertúlias, nas sociedades literárias, academias, lojas maçônicas, em resumo, *sociétés de pensée*, representam uma característica diversa das corporações e associações antigas, pois por meio dessas novas sociedades teria nascido a opinião pública moderna, produto da discussão e do consenso entre os membros, do pensar e decidir uma opinião em conjunto, das vontades que se associam, cujo caráter igualitário dos membros, poderiam muito bem qualificá-las como democráticas, na opinião de Guerra²⁸. Dessa maneira, à medida que se difunde esse tipo de sociabilidade e de imaginário, a sociedade inteira começa a ser pensada com base nos mesmos conceitos desse novo tipo de sociabilidade: como uma vasta associação de indivíduos unidos voluntariamente, cujo conjunto constitui a nação e o povo.

A esse esforço de formar uma opinião pública em conjunto, isto é, de se criar uma vontade geral, era necessário acrescentar a existência de um pessoal especializado nessa função, os homens políticos, cujo discurso desempenhava um papel fundamental para a condução do novo tipo de sociedade guiada pela opinião. *Hombres de la palabra* ou *hombres de la pluma*, seriam aqueles elementos capazes de decidir o que o povo ou a nação queriam ou pensavam²⁹. Segundo o embaixador, historiador e filósofo pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) Luis Villoro, rejeitados dos principais cargos e funções na colônia pela preferência dada aos espanhóis, não encontrando lugar em seu próprio mundo, os *criollos* iriam se refugiar no mundo ideal das artes e do saber, formando um grupo de letrados ávidos por novas leituras, que ensejariam a formatação de uma elite intelectual, uma *intelligentsia criolla*, unida pela insatisfação comum, cujo horizonte

²⁸ GUERRA, François-Xavier. *Op. cit.*, p.23.

²⁹ *Ibidem*, p.91.

aberto de possibilidades ideais a orientaria em direção ao futuro³⁰. Esses *hombres de la pluma*, que têm na figura de Frei Servando Teresa Mier um exemplo clássico, surgem como orientadores pedagógicos da nação emergente como guias das massas populares, das classes trabalhadoras, dos párias da sociedade (entendidos como os mestiços, negros e indígenas), sendo os responsáveis por dar a essas classes voz e consciência perante a realidade por elas vivida.

Em decorrência desses novos elementos sociais, vê-se na Hispano-América o aparecimento na esfera cultural de atitudes baseadas na Ilustração. Houve uma proliferação de bibliotecas, academias, escolas técnicas e artísticas nas últimas décadas do período colonial. Um dos exemplos marcantes deste florescimento é a imprensa periódica propagada por *criollos*, dentro do continente americano ou fora dele, como ver-se-á no caso de frei Servando, abarcando como principais temas a revelação das peculiaridades americanas e a apresentação da América como continente do futuro, sucessora da Europa na direção política e espiritual do Ocidente.

As sociedades hispânicas do final do Antigo Regime são sociedades em que os escritos deixaram de ser um objeto escasso e onde a imprensa passa a ter papel expressivo para transformar a mentalidade dos leitores, fazendo-se notar uma radicalização progressiva da linguagem e de referências ideológicas, como também a multiplicação crescente de artigos explicitamente políticos, ainda que a maioria dos impressos não transmitisse os valores da modernidade e uma boa parte deles estava destinada a um público popular³¹. É certo que a alfabetização e a imprensa são condições necessárias para que apareça um público leitor que possa vir a constituir a idéia de opinião pública.

O México seria um grande exemplo de alto índice de jornais em circulação, porém sua cultura política não se expressava como a mais avançada e trazia consigo referências ideológicas muito tradicionais, sendo os principais temas ligados à religião. Tal quadro se reverte, apenas, entre os anos de 1808 e 1816, quando os principais títulos publicados no México eram de cunho político³². Guerra arrisca dizer, que na América, foram as regiões com menos número de elites modernas as que se mostraram mais avançadas, visto que algumas regiões, como Caracas que não possuía sequer um jornal e seria ela a protagonista do movimento de independência. A explicação se daria pelo fato de que menos numerosas, as elites locais dessas regiões evoluíam ideologicamente de maneira mais uniforme.³³

³⁰ VILLORO, Luis. *El proceso ideológico de la revolución de independencia*. México: Secretaría de Educación Pública, 1986. p.37.

³¹ GUERRA, François-Xavier. *Op. cit.*, p.232

³² Entre os anos de 1808 e 1816, período áureo do movimento de independência mexicano, a imprensa periódica encontra seu apogeu com o aumento do número de exemplares para cerca de 600 a 800 por ano. Entre os anos de crise de 1808 a 1810, passou-se de um jornal de 26 edições por ano, a seis títulos diferentes em 1809, com total anual de edições que ultrapassava o número de 600. *Ibidem*, p.286-289.

³³ *Ibidem*, p.108.

Com a Revolução Francesa, o desejo de impedir o contágio revolucionário na Espanha, fez com que em fevereiro de 1791, todos os jornais espanhóis fossem suprimidos, com exceção dos três oficiais. Todavia, mesmo na penumbra continuaria assistindo um movimento de letrados que, secretamente, por meio de cartas, livros proibidos e intercâmbio de jornais estrangeiros continuariam a alimentar as discussões de grupos modernos que propagariam as idéias nascentes.

Outro tipo de literatura que contribuiria para a formação não só da opinião pública americana, quanto para a construção da sua identidade é aquela alicerçada em teorias racionalistas e nas disciplinas das ciências naturais. A figura dos viajantes científicos vindos da Europa para a América, com o objetivo de esquadrihar não apenas a fauna e a flora, como o próprio homem americano foi responsável por contribuir para o debate instaurado às vésperas da emancipação americana entre os críticos do Novo Mundo descoberto, cujos expoentes seriam o Conde de Buffon, De Pauw, Raynal e Robertson, e os defensores das qualidades do continente, como os jesuítas expulsos Clavijero e Iturri, que contribuiriam para a construção de valores alicerçados no sentimento de pertencimento às terras americanas. Desse modo, o *criollo* disporia de vasta documentação para fundamentar culturalmente sua identidade nacional com base na literatura descritiva e crítica inspirada no exotismo americano, dando vazão aos sentimentos de pertença e de compreensão da América como terra da prosperidade e provisão futuras em contraste com a degeneração e decadência do Velho Mundo.

A América espanhola carregava em si fatores determinantes que somados convergiriam para uma nova maneira de interpretação da sociedade e da política colonial por parte da camada *criolla*. As idéias da Ilustração que penetravam por meio das ondas reformistas, não passariam despercebidas por uma nova camada desejosa de participação política e expressão no continente americano, o qual passava a ser visto como pátria e lugar de onde seria emitido o grito de libertação das estruturas coloniais.

1.5. Desintegração da velha ordem colonial e insurgência americana

No universo colonial hispano-americano era notável a desproporção na partilha da riqueza. Por um lado, os grandes comerciantes alcançaram um enriquecimento ainda maior na atividade mercantil diante das reformas liberais de Carlos III, entre 1765 e 1778. Por outro lado, a aristocracia terratenente, prosseguia com sua vida faustosa. A alta burocracia administrativa ocupava os cargos decisivos e estabelecia uma espécie de ponte entre o vice-reino e a Corte metropolitana. O alto clero urbano gozava de rendas elevadas, em contraste com o clero rural sem meios de subsistência. O exército estava dividido entre os altos mandos, a oficialidade subalterna e a soldadesca. Uma sociedade múltipla dividida em diversos matizes, onde a separação era extrema e cada vez mais ampla entre as altas e baixas camadas sociais.

A confusa situação da Espanha, que desde 1808 era uma monarquia sem rei, conduziu à mais completa desorientação política nas longínquas autoridades coloniais. O princípio da autoridade já não existia. Cedo se proclamaram juntas em cada província importante do império americano. A invocação das juntas peninsulares representava o imaginário dominante no mundo hispânico da época, onde o povo, entendido como origem da soberania, era pensado como conjunto de povos, como comunidades políticas particulares, representadas por suas capitais. Essa lógica associativa de tipo antigo revelaria a dificuldade de se constituir um poder único e indiscutível diante da caótica situação peninsular. A constituição, na cidade de Aranjuez, da Suprema Junta Central Governativa do Reino, em 25 de setembro de 1808, que governaria em lugar do rei, estabelecia a idéia de nação como a composta por conjunto de reinos, de igual peso, ainda que fosse diferente o número de seus habitantes. Entretanto, a posterior vitória francesa sobre a invasão da região leva a Junta Central a se evadir para Sevilha. O decreto sevilhano de 22 de fevereiro de 1808, que chamava os americanos a eleger seus representantes, constitui um dos marcos da revolução.

Se, num primeiro momento e numa forma improvisada de representação das sociedades, as juntas da Espanha surgiram como uma afirmação da legitimidade contrária à do invasor francês, ocorria na América o reflexo idêntico. Todavia, a invocação dessas juntas representativas trazia em seu seio dois temas principais que abriram as portas para a independência americana: o que se entendia por nação e em que se baseava a relação entre Espanha e América. A aparente modernidade do instrumento político escondia o imaginário peninsular sobre o verdadeiro caráter das províncias americanas, visto que a participação da representação aparecia como concessão e não direito, e a desigualdade numérica de deputados demonstrava a disparidade política: nove deputados para América e Filipinas, contra trinta e seis para a metrópole. Ainda que o problema da legitimidade diante da ausência do monarca fosse válido também para a América, o rechaço por parte dos peninsulares quanto à igualdade reclamada pela deputação americana nas Cortes, que exigia a proclamação de juntas também no continente americano, foi fator essencial para o estopim da independência.

A transposição dos ideários baseados nos ideais pactistas e populistas, para as proposições mais modernas vindas da Revolução Francesa, se torna inevitável em razão do agravamento da crise entre as Cortes e as colônias, pois a necessidade de maior expressão política na Hispano-América encontrava nas idéias iluministas respaldo teórico fundamental que legitimava seu direito. Para Guerra, se as circunstâncias obrigavam a mudar a tradição, isso queria dizer que nada poderia se opor à vitória ideológica, onde a mutação da linguagem era sinal inequívoco dos novos tempos³⁴. Em 27 de janeiro de 1810 o consulado de Cádiz atribui para si a autoridade da Junta Central. É nomeado um conselho de regência que assume a autoridade soberana. De caráter débil e sem força

³⁴*Ibidem*, p.144.

política, a regência seria breve, em razão da inabilidade dos políticos espanhóis em conduzir a política liberal proposta. Novamente foi negada a representação proporcional com base na população, na clara orientação de evitar as manifestações da deputação americana, bem como foram negados os pedidos que visavam os interesses das províncias da América.

Em 1810, as juntas *criollas* recém formadas expulsaram as autoridades coloniais de Buenos Aires, Caracas, Bogotá e Santiago do Chile. Apenas Lima e a Cidade do México permaneceram leais, mais por medo da reação popular que por honra à Coroa. O êxito e a crescente radicalização da revolução terminaram por impulsionar a ala conservadora a marchar em favor da franca separação da Espanha. Era um calculado passo político que exprimia o claro desejo de conter as ameaçadoras conseqüências sócio-revolucionárias dos movimentos populares. Por isso, as idéias européias ou as leituras especializadas fascinaram as elites *criollas* ao oferecer uma base ideológica para as aspirações e ambições regionais. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade seriam aplicados somente àqueles que pudessem ampliar os bons proveitos do poder sem perda da parcela do que já detinham, e longe de serem aplicados aos indígenas, negros ou classes consideradas inferiores da colônia.

O império espanhol sofreria um processo de pulverização incontornável entre os anos de 1808 e 1824. Conflitos bélicos, derramamento de sangue e violência generalizada fizeram parte do contexto hispano-americano de formação dos estados nacionais independentes na luta entre exército realista e insurgentes. Nas principais regiões da América espanhola surgiram líderes que bradaram a causa da emancipação baseados em princípios liberais e reformadores, embora na maioria das vezes não tenha havido coerência entre as doutrinas revolucionárias com o fundamento das ações do movimento. Um amontoado de diferentes ideologias e justificativas para a guerra de independência ora se superpunham, ora se contradiziam: uns pregavam a abolição da escravatura, enquanto outros eram anti-abolicionistas; uns defendiam a reforma agrária e outros a manutenção do latifúndio e das estruturas de exploração entre outros casos. Uma colcha de retalhos de diferentes matizes formava o quadro geral das insurgências americanas. Cabe a esta dissertação se deter mais especificamente no processo de autonomia do México pela evidente razão de ser o berço de origem de frei Servando e o principal objeto de suas indagações intelectuais.

1.5.1 O processo de emancipação política da Nova Espanha

A peculiaridade vivenciada pelo México, em razão de uma independência de caráter conservador e fiel às tradições da cultura política da região, foi responsável por ensejar em Mier a incansável procura por mecanismos que conduzissem a uma autonomia estável, apta a promover mudanças substanciais na sociedade mexicana. É em meio à realidade sócio-cultural do país que o pensamento do dominicano se forja e para onde convergem suas principais preocupações. Além

disso, um dos principais valores da nação, a religiosidade católica, torna-se tema sempre presente em seus escritos, o que justifica a necessidade de se estudar de maneira mais detida o processo de formação do estado nacional mexicano.

A emancipação do México insere-se nesse contexto de desenvolvimento histórico ocidental, assim como num específico processo emancipador hispano-americano. Ao se analisar em particular a situação da Nova Espanha, pode-se inferir que as reformas eram temidas pelas elites em razão do seu caráter renovador. Queria-se a independência, desde que adequada aos valores tradicionais da elite ansiosa por maior poder. Se é fato que ricos comerciantes espanhóis queriam o retorno do rei, também é certo que a Audiência e o vice-rei careciam de legitimidade, pois o poder que lhes atribuía autoridade já não mais existia. A exemplo das cidades livres espanholas, foi sendo instigado um movimento em favor de uma junta provisória, que governasse até o retorno do monarca. Contudo, a Audiência e as altas autoridades coloniais reconheceram que tal movimento de formação de juntas provisórias era apenas um disfarce para a independência completa, apesar dos ruidosos protestos de lealdade a Fernando VII.

A vacilação do vice-rei José de Iturrigaray (1742 - 1815) se provou inadequada num momento em que eram necessárias atitudes políticas mais firmes. O vice-rei estava convencido de que a Espanha não poderia resistir a Napoleão e de que a Nova Espanha se faria independente, decidiu submeter a questão a uma eleição geral, cujo resultado foi a criação de uma junta de municípios. Gabriel Yermo, rico explorador de cana-de-açúcar, e exemplo das forças regalistas, alegou traição de Iturrigaray. Yermo teria convencido outros espanhóis de que o vice-rei encabeçava uma conspiração para a independência da Nova Espanha e, na tentativa de proteger os interesses dos espanhóis na Nova Espanha, estimulou um golpe contra o vice-rei. Em 15 de setembro de 1808, Iturrigaray foi deposto. A Audiência informou a Junta Central de Sevilha que, embora não fosse reconhecida legitimamente como órgão deliberativo máximo do governo espanhol, nomeou o arcebispo Francisco Xavier de Lizana para ocupar o posto, o que expressava nada mais que a debilidade em se assegurar um governo legítimo.

O vice-reinado experimentou uma revolução política e social em 1810, no princípio do movimento emancipador da Nova Espanha, que contava com a participação de elementos das camadas mais populares, como índios e mestiços, porém que acabou sufocada em 1815. Contudo, as figuras dos padres Miguel Hidalgo y Costilla (1753 – 1811) e José Maria Morelos (1765 – 1815) permaneceriam plasmadas como os líderes dos *de abajo*. Nesse período, movimentos independentistas clandestinos haviam se alastrado na Nova Espanha. Uma das sociedades secretas mais ativas foi o *Club literario social de Querétaro*, dirigido pelo oficial da milícia local, Ignácio Allende (1769 – 1811), onde um dos principais participantes era o padre de Dolores, Miguel Hidalgo.

Hidalgo, considerado o iniciador da independência do México, recebeu as ordens sacerdotais aos 25 anos e aos 39 foi nomeado reitor do colégio de San Nicolás, onde se dedicou com afinco ao estudo das teorias liberais. Pela política de cargos privilegiar apenas os espanhóis europeus para os altos cargos, Hidalgo foi enviado ao vilarejo de Dolores, em Guanajuato, onde instruiria e capacitaria os indígenas para o cultivo de produtos de subsistência e autogerenciamento. Sem experiência e sem preparação militar, mas com incrível habilidade de oratória e capacidade de mobilizar as massas, ao lado de Juan Aldama (1774 - 1811) e Ignacio Allende, o padre solteiro em 16 de setembro de 1808 o famoso grito de Dolores: “¡Viva Nuestra Señora de Guadalupe! ¡Viva la Independencia! ¡Muera el mal gobierno!” e partiria para a luta armada, apesar do seu despreparo bélico e militar.

Hidalgo estabelecerá uma Casa da Moeda, decretará a abolição da escravidão e convidará os padres das populações vizinhas a se unirem à causa. Embora o conflito tenha começado com fortes nuances de guerra religiosa, em pouco tempo adquiriu caráter republicano. A guerra assumiu feições de guerrilha, tendo Hidalgo fuzilado vários delatores do movimento. Em 1810, o “pai da pátria” foi considerado herege pela Inquisição. Hidalgo foi traído por um antigo insurgente, Ignacio Elizondo, que se havia convertido em espião do bando realista. Hidalgo, Allende e Aldama foram feitos prisioneiros e fuzilados em 30 de julho de 1811 e suas cabeças expostas como sinal de advertência a todo aquele que pregasse em favor da causa independentista.

Depois de Hidalgo, a figura de Morelos surgia como nova liderança popular, pois também combatia a política dos altos cargos sacerdotais serem exclusivos aos clérigos espanhóis. Morelos planejou um movimento estratégico para envolver a Cidade do México e cortar suas comunicações com as costas. Em junho de 1813, o padre convocou um Congresso nacional de representantes de todas as províncias, que se reuniu em Chilpancingo, atual estado de Guerrero, para discutir o futuro da nação independente e onde se promulgou a primeira constituição do México, conhecida como Constituição de Apatzingán, de caráter republicano e centralista. Os pontos mais importantes incluídos neste texto foram a soberania nacional, o direito universal de voto a todos os homens, a abolição da escravidão, a adoção do catolicismo como religião oficial e fim dos monopólios governamentais. Morelos ainda teria tentado aplicar um programa de reformas das estruturas agrárias do Antigo Regime, o que lhe granjeou grande apoio popular. Diante de várias derrotas militares, Morelos afinal veio a ser feito prisioneiro pelo Santo Ofício, foi torturado e condenado à morte após uma cerimônia de crueldade física que culminou com seu fuzilamento em 22 de dezembro de 1815.

Após a morte dos líderes da insurgência, o movimento de independência, enfraquecido e apático, se torna uma luta de guerrilhas entre os anos de 1815 e 1821, o que propiciaria a aparição

do fenômeno do caudilhismo³⁵. Dentre os caudilhos desta fase inicial se destacam Miguel Antonio Fernández Félix (1786 - 1843), conhecido com Guadalupe Victoria, em Puebla, e Vicente Guerrero, em Oaxaca (1782 - 1831). Nesse período, o coronel combatente pelas forças regalistas, Agustín de Iturbide (1783 - 1824), reunia em si os ideais *criollos* relacionados à proteção da propriedade privada e da religiosidade católica, surge como autoridade militar em razão da popularidade alcançada por perseguir com afínco os exércitos de Hidalgo e Morelos. Ao mesmo tempo que suas milícias eram enviadas pelo vice-rei Juan Ruíz de Apodaca para combater o exército de Guerrero, em Oaxaca, um golpe militar na Espanha obrigava o novo monarca Fernando VII a firmar os termos da constituição liberal de 1812.

Estas notícias da metrópole eram percebidas por Iturbide como um perigo ao *status quo* colonial e uma oportunidade para que os *criollos* assumissem o controle do México, haja vista que a violência excessiva dos exércitos populares terminou por afastar as elites que procuraram um caminho menos sangrento para a independência. Com a alteração ideológica da política na metrópole, Iturbide muda de posição, torna-se independentista e apresenta o *Plan de Iguala* em 24 de fevereiro de 1821, que proclamava a independência do México, uma nação a ser governada por Fernando VII ou por outro príncipe da casa real espanhola, a igualdade de direitos e privilégios entre europeus e *criollos* e a preservação das prerrogativas do Patronato Régio para a Igreja Católica. A independência se realizava, por fim, mediante o partido anti-revolucionário, como uma reação conservadora, após um acordo pacífico entre as diferentes bases políticas e em um pacto assinado com os representantes da monarquia espanhola no país. Iturbide teria incluído um artigo que dava possibilidade de o Congresso mexicano escolher um rei *criollo*, caso nenhum membro da realeza européia aceitasse o trono, o que permitiu que ele próprio tomasse o controle do México, dando início a uma monarquia constitucional conhecida como o primeiro império mexicano, entre os anos de 1822 e 1823. O plano satisfazia a liberais e conservadores, o que propiciou a coalizão para a consolidação da independência. Entretanto, embora houvesse sido instaurada uma nova concepção política, a ordem social permanecia inalterada.

O governo pós-independência aparecia como um governo carente de experiência e de capacidade de governar e que, tão pronto assumiu o poder, encontrou enormes obstáculos, pois para formar uma estrutura governamental permanente e evitar conflitos futuros, era imprescindível forjar

³⁵O caudilhismo pode ser entendido como fenômeno político na maior parte dos países da América espanhola, no período compreendido entre os primeiros anos da consolidação definitiva da independência. É caracterizado pela divisão de poder entre chefes de tendência local, líderes de origem militar, oriundos, em sua maioria, da desmobilização dos exércitos que combateram nas guerras de insurgência e que provinham, em certos casos, de estratos sociais inferiores ou de grupos étnicos discriminados (mestiços, índios, negros e mulatos). Os caudilhos valiam-se do magnetismo pessoal na condução das tropas, na maior parte das vezes recrutadas nas áreas rurais, e tal poder carismático era exercido de maneira paternalista e autoritária, carente de conteúdo ideológico definido. (OLIVIERI, Mabel. "Caudilhismo". In: BOBBIO, Norberto *et alii*. *Dicionário de Política*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004. p.156).

alianças de grupos diferentes para assegurar de vez a independência. Entretanto, alguns poucos republicanos continuariam sua oposição, sendo muitos deles encarcerados por suas manifestações políticas, como foi o caso de Mier. O governo de Iturbide, carente de sólidos projetos políticos, duraria apenas um ano. Reduto de forte oposição, o Congresso foi dissolvido pelo imperador. Tal conflito leva o general Antônio López de Santa Anna (1794 - 1876) a encabeçar um golpe contra o império, a favor da instauração da república. Santa Anna e Guadalupe Victoria proclamam o Plano de Veracruz, que exigia a restauração do Congresso dissolvido por Iturbide. Devido às fortes pressões, o imperador reúne novamente os parlamentares, perante os que abdica em 19 de março de 1823. Com o colapso do império, o México seria provisoriamente governado por uma junta tripla cujos integrantes seriam Nicolás Bravo (1786 - 1854), Guadalupe Victoria e Pedro Celestino Negrete (1777 - 1846). Foram proclamadas eleições para a escolha do corpo de deputados que seria responsável pela criação da constituição. O primeiro Congresso mexicano seria instaurado em 27 de novembro de 1823.

Como principal foco de debates estaria a questão da formação de república, se ela seria centralista ou federalista. Os centralistas podiam ser encontrados em sua maioria entre os clérigos e oficiais do exército, enquanto o ramo federalista era composto por *criollos* liberais influenciados pela idéias reformistas e por estudiosos da constituição dos Estados Unidos e da constituição liberal espanhola de 1812. O principal líder dos federalistas era o sacerdote Miguel Ramos Arizpe (1775 - 1843), ao passo Carlos María Bustamante (1774 - 1848) pregava o centralismo político. Por temor de que o ideário centralista fosse associado ao despotismo, o federalismo foi escolhido como sistema mais harmônico à realidade mexicana em sua recente liberdade.

Sob a Constituição de 04 de outubro de 1824 se instituíam os Estados Unidos Mexicanos, organizados como república federal e com separação dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. A legislatura era bicameral, dividida entre Senado e Câmara dos Deputados. Ainda que os ideais federalistas tenham tido primazia na elaboração da constituição, os centralistas conseguiram estabelecer a Igreja Católica como religião única do Estado, obtendo aquela o monopólio da vida espiritual mexicana, garantindo aos membros do clero e do exército foros especiais. Guadalupe Victoria foi eleito o primeiro presidente, tendo por vice Nicolás Bravo.

Segundo o historiador Michael P. Costeloe, durante os meses anteriores à conclusão do trabalho constituinte, representantes de todas as partes do país haviam considerado em uma assembléia constituinte diversos sistemas políticos e haviam chegado a conclusão que a Constituição custodiaria o progresso e incluiria os princípios fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade madura e estável, em que o respeito à lei e a promoção do bem comum eram dever e

responsabilidade de todo cidadão mexicano³⁶. Ao longo de seu governo, que vigoraria entre os anos de 1824 e 1828, Victoria engajou-se em tentativas de pacificação político-social em virtude da situação caótica deixada pelas guerras de independência.

O país se encontrava com graves mazelas sociais, um exército enorme e uma ineficaz máquina burocrática herdada do regime colonial. Ao mesmo tempo em que os empréstimos concedidos pela Inglaterra permitiram o pagamento dos salários dos empregados do governo e do exército, a nação se encaminhava para o endividamento com o exterior. Inglaterra e Estados Unidos deram o reconhecimento diplomático ao novo país surgido, enviando representantes ao México. No governo de Victoria foi abolida a escravidão, fixadas as fronteiras com os Estados Unidos e Iturbide foi condenado à execução como traidor da nação.

Ainda que Victoria também se mostrasse esperançoso diante do futuro da nação mexicana, em seu governo o país se veria profundamente dividido, permeado de rixas e ressentimentos, caracterizando uma atmosfera política tensa. A boa vontade e o desejo de imparcialidade de Victoria conduziram sua política à indecisão e incerteza de ações. As maiores facções políticas eram identificadas com o aparecimento das lojas maçônicas, categorias políticas à moda européia, que combatiam pelo poder político e econômico do país e que se empenharam numa luta cruel e violenta para conquistar seus objetivos. O ramo federalista foi chamado de *Yorquino* por sua vinculação ao rito maçom de York, enquanto os centralistas se ligavam ao ritual escocês, sendo por isso conhecidos como *Escoseses*.

O governo legal e constitucional não respondiam às necessidades reais e o México assistiria a inabilidade econômica da administração de Victoria. Um exército vasto e oneroso seria mantido, ainda que apto a ameaçar o futuro de uma nação civil. Além disso, o governo assumiria os débitos do período colonial e da monarquia e a estrutura fiscal estava seriamente comprometida, o que contribuiu para direcionar o país ao penoso caminho da dependência econômica. Victoria seria vítima de pressões políticas, sofrendo uma revolta impulsionada pelo vice-presidente Bravo. A revolta seria suprimida por Santa Anna e Guerrero, abrindo precedente para regimes de caráter militar.

Terminado o seu mandato e decepcionado com a política, Victoria retir-se-ia da vida privada e morreria em março de 1843, em Veracruz. O México independente estaria condenado a décadas de levantes militares, paralisação econômica e aparente incapacidade de autogoverno, admitindo-se a intervenção militar como conquista de poder, o que arruinaria o crédito da nação e sua reputação internacional. Esse processo complexo da conquista da autonomia política mexicana e dos primeiros anos da independência refletiam as inúmeras correntes espirituais que dividiam o

³⁶ COSTELOE, Michael P. *La primera República Federal de México (1824-1835)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975. p.11.

pensamento e causavam alinhamentos e realinhamentos inesperados. É em meio a essa realidade múltipla que a mente inquieta de frei Servando Teresa de Mier floresce e o posiciona como questionador hispano-americano, não apenas do Antigo Regime que se encontrava em seu ocaso, como da aurora republicana que já surgia permeada de elementos díspares e inúmeros paradoxos.

2. Mier e seu mundo

Em meio aos anos de ebulição que conduziriam a Nova Espanha à autonomia, José Servando Teresa de Mier vem ao mundo em 18 de outubro de 1763 na cidade de Monterrey, capital do Novo Reino de Leão. Era filho de Joaquín Mier y Noriega, que teria desempenhado o cargo de governador e comandante geral do reino de Novo Leão, e de Antonia Guerra Iglesias de Santacruz, ambos espanhóis de nobre estirpe³⁷. Sua história de vida, antes da partida para a Europa, reflete o universo *criollo* de uma elite bem nascida. Aos 17 anos, Mier entra para a ordem de São Domingos na cidade do México onde estuda Filosofia e ordena-se sacerdote. Em poucos anos de carreira sacerdotal, tornar-se-ia professor no convento principal da ordem, para em 1790, aos 27 anos, ser agraciado com título de doutor em Teologia pela Real e Pontifícia Universidade do México. Já nesse período se tornara renomado como pregador ao ser escolhido para pronunciar a oração fúnebre em homenagem ao conquistador Hernán Cortez, no Hospital de Jesus, fundado pelo conquistador.

A Voz de Prata, como era chamado pela incrível habilidade de oratória, tem o rumo de sua existência alterado em 12 de dezembro de 1794, ao pronunciar o famoso Sermão Guadalupano, na Colegiata de Guadalupe, diante das autoridades vice-reinais e do arcebispo Alonso Nuñez de Haro. Convidado a pregar em honra a Nossa Senhora de Guadalupe, Mier contesta o principal motivo da conquista espanhola sobre o Novo Mundo, a missão evangelizadora, o que levou o dominicano a construir uma versão peculiar sobre o milagre. Não inovadora, é certo, porém muito menos anti-religiosa. Nesse período pré-independentista, Mier, ao realçar os valores novo-hispânicos, em rejeição aos metropolitanos, revestia-se gradualmente do papel de questionador da ordem absolutista.

Ao rejeitar o pretexto espanhol para conquista dos povos americanos, Mier valorizou a religião pré-colombiana, vinculando-a a uma espécie de cristianismo autóctone. O destacado poeta, escritor e historiador mexicano Andrés Henestrosa aponta que Mier sabia latim, mas não o grego, o que não o impediu de citar os clássicos em seu sermão. Não sabia náhuatl, a língua dos mexicas, mas inventou ou seguiu as etimologias de Inácio Borunda, fonte de quem o frei teria sorvido as idéias sobre a aparição da Virgem³⁸. Mier costurou, adequou, retirou e parafraseou para que o texto alcançasse o resultado que desejava. Se o documento não contribuía como pensava, inventou e

³⁷ Teresa foi adicionado em seu nome em razão da sua ordenação como dominicano, em honra à santa de mesmo nome.

³⁸ HENESTROSA, Andrés. "Prólogo". In: TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.05.

exagerou a fantasia, dando-lhe uma convincente aparência de verdade. Além disso, convertia toda escrita alheia como se fosse a sua própria citando sem aspas trechos de autores renomados, como Miguel Cervantes. Embora muitos estudiosos o vejam como imaginativo, novelesco, repetitivo, egocêntrico e desviante é preciso concordar com Henestrosa ao dizer que “quien usó la historia como polémica, la oratória como historia, la política como patriotismo, la vehemencia como expresión diaria, es digno de figurar entre los mejores”³⁹.

É nessa encruzilhada, em que todas as saídas levam a um único caminho, que se inicia a vida de aventuras, perseguições, descobertas e fugas do dominicano. Faz-se necessário, antes de se analisar sua obra em maior profundidade, compreender o contexto intelectual em que Mier se vê inserido à época de criação do Sermão Guadalupano, tendo-se por objetivo traçar um panorama das influências recebidas em um momento anterior ao seu engajamento revolucionário, que se dá somente após a condenação ao exílio na Espanha e sua chegada ao Velho Mundo.

2.1 Universo intelectual de frei Servando Teresa de Mier antes do exílio na Europa

Antes de se avançar na análise do Sermão Guadalupano de 1794, é preciso realizar um breve estudo sobre a rede de pensadores e idéias em que Frei Servando estava inserido. Fontes com as quais dialogava e nas quais encontrava inspiração em um momento anterior ao seu exílio na Europa e o contato com os clássicos da Ilustração ocidental. Faz-se necessário dizer que, conforme o próprio frei afirma em suas *Memorias*, seu contato com a literatura da elite intelectual da Nova Espanha era profundo e evidente em seus escritos. Os clássicos da literatura da conquista como Torquemada, Motolínea, Sahagún, Singüenza y Góngora, bem como os ilustrados da geração de 1750, Boturini, Bartolache, Clavijero, e Muñoz, guiaram os escritos de Mier e principalmente tornam-se referências para obras posteriores sobre a história da Nova Espanha, como se verá na *Historia de la Revolución de Nueva España*. É preciso dizer que Miguel de Cervantes e as aventuras de seu cavaleiro *Don Quijote de La Mancha*, são sempre citados nos momentos em que as aventuras narrativas de Mier se perdem na sutil fronteira entre realidade e ficção.

Mesmo em contato com novas idéias, vindas dos intelectuais espanhóis, franceses e ingleses, Mier continuaria em permanente diálogo com as fontes documentais que dão suporte à produção histórica e intelectual da Nova Espanha. Contudo, é pela influência de um outro dominicano que frei Servando sentiria pesar sobre si o dever de guiar espiritualmente a América revolucionária. Este dominicano não seria ninguém menos que o Frei Bartolomé de Las Casas (1474 - 1566). Originário de Sevilha, Las Casas teve aulas na escola da catedral, dirigida no período por grandes humanistas da Espanha, como Antônio de Nebrija, que contribuiu para a formação latinista do sacerdote. Sua iniciação na vida religiosa aos 18 anos não o impediria de ir para o Novo Mundo em 1502, na expedição comandada por Nicolás Ovando. Assim como outros conquistadores, ele próprio possuía

³⁹ *Idem.*

uma *encomienda* e seus índios trabalhavam na lavoura e nas minas. É somente em 1514 que Las Casas desiste das *encomiendas* próprias e experimenta uma profunda crise de sentimentos. Essa crise é produzida em razão do maior contato com dominicanos recém chegados da península que iniciaram o debate público acerca do tratamento dado aos indígenas, fazendo com que o sacerdote aprofundasse suas concepções acerca da natureza dos índios.

Outro elemento que contribuiu para a mudança de postura de Las Casas em relação à população indígena foi também seu espanto com relação ao método “pacificador” operado pelos conquistadores espanhóis. Os estudiosos Lewis Hanke⁴⁰ e José Alcina Franch⁴¹ concordam que dizer que as cenas de violência e extermínio de que se tornara testemunha com a expedição de Ovando lhe causaram profundo impacto e por isso ele passou a expressar o desejo de reformas sobre o sistema de exploração indígena. Seu ideário em prol das castas e da população americana lhe valeriam o título de defensor dos índios, outorgado pelo Cardeal Francisco Ximénez de Cisneros e, em 1543, ele seria nomeado bispo de Chiapas.

Principal criador da **lenda negra da Espanha**, Las Casas dedicaria sua vida a promover reformas políticas em relação ao tratamento indígena, não cessando em escrever inúmeros trabalhos em defesa do índio e em denunciar a política denegridora impulsionada pela Coroa espanhola. Suas construções teóricas o envolveram na grande controvérsia perante o tribunal da Inquisição de Valhadoli, em 1542, cujas principais vertentes foram defendidas pelos grandes intelectuais do período: Francisco de Vitoria, Juan Ginés de Sepúlveda e o próprio Las Casas.

Vitoria estudou na Universidade de Paris e foi titular, na Universidade de Salamanca, da primeira cadeira de Teologia, abrindo um seminário para estudar a questão indígena. Em sua obra *Relaciones sobre los indios y el derecho de guerra*, atacou a teoria de os índios serem escravos, seguindo o pensamento de Aristóteles em que alguns homens, por sua natureza, deveriam ser governados por outros, sem justificar a escravidão. Refutou a doutrina canônica da monarquia universal do papado, pois, segundo Torquemada, Cristo jamais havia dito que o seu domínio era temporal, disso se seguia que o papa não teria direito para dispor dos reinos materiais e muito menos de ceder domínios⁴². Sepúlveda era padre e auxiliar do rei Carlos I e também o mais arraigado ao pensamento colonizador de superioridade racial e cultural do homem europeu sobre a figura do indígena. Em seu *Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios*, Sepúlveda defendeu a justiça das conquistas da Espanha e o império do Novo Mundo. Para ele a incapacidade dos índios em constituir uma sociedade governada por leis justas e racionais era

⁴⁰Ver HANKE, Levis. “Estudo preliminar”. In: LAS CASAS, Bartolomé de. *Historia de las Indias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

⁴¹ Ver FRANCH, José Alcina. *Bartolomé de Las Casas*. Madri: Quorum, 1987.

⁴² ROMANO, Ruggiero. *Os conquistadores da América*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972. p.89-91.

justificativa suficiente para a conquista, pois eram mais bestas do que homens racionais, por apenas possuírem vestígios de humanidade⁴³.

Já Las Casas acreditava que não existiriam nações no mundo, por mais rudes e selvagens que fossem, que não pudessem ser conduzidas à civilização, desde que usadas habilidade, doçura e amor para se conseguir esse fim. A razão estaria no fato de que todas as nações seriam compostas por homens e todos eles seriam racionais, possuidores de inteligência e vontade, pois seriam à imagem e semelhança de Deus. Las Casas considerou injustas todas as guerras de conquista dirigidas contra os índios e como tirânico o governo que se instalasse dessa forma. Ele argüía, que uma vez batizados, os índios tornavam-se súditos do rei da Espanha e em havendo qualquer rebelião a culpa recaía no monarca, pois já cristãos, os índios poderiam resistir com todo o direito à tomada da liberdade e da propriedade.

Para o professor doutor de História do México na Universidade de Cambridge e diretor do Centro de Estudos Literários Latino-americanos David A. Brading, a proposta mais clara das idéias de Las Casas sobre a conversão e a questão indígena encontra-se na sua obra *Del único modo de atraer a todos los pueblos a la verdadera religión*, escrita no México entre 1538-1540⁴⁴. Segundo o historiador inglês, esse seria o texto mais teológico dos seus escritos, que tem por premissa principal afirmar que todos os povos do mundo possuem a mesma gama de qualidades humanas e que, em todas as nações, Deus predestinou certo número desconhecido de almas à salvação eterna. Por isso, seria uma necessidade espiritual que se pregasse o Evangelho universalmente a todos os homens e que deveria ser propagado com amor e por meio da persuasão racional. O caminho da fé seria, portanto, igual ao do conhecimento, ambos seriam alcançados por meio da convicção intelectual. Por isso era importantíssima a figura do apóstolo, do guia moral que não almejaria riquezas ou glórias, mas que oferecia sua vida às verdades que pregava. Mier sentia que, como Las Casas, a ele cabia o labor de um apóstolo do presente, sempre desperto e atento para conduzir os povos ignorantes a caminhos seguros, onde imperassem a concórdia e a justiça, dispostos a fundar na América uma nova Igreja, depurada da corrupção terrena.

Em 1542, Las Casas compõe a *Brevísima relación de la destrucción de las Índias*. Las Casas define os indígenas como o povo mais dócil e disposto a conversão pela verdadeira fé. Os espanhóis são apresentados como tiranos e assassinos cruéis de seres quase indefesos. A conquista foi seguida de exploração e barbárie que dizimou cerca de 15 milhões de índios. A estrutura do texto está marcada por repetições e descrições de atrocidades, algumas delas por ele presenciadas, apresentadas de modo aberto para causar desconforto em quem lê. Estilo de narração a ser repetido na obra *Historia de La Revolución de Nueva España*, na qual Mier elenca as atrocidades cometidas

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ BRADING, David A. *Orbe indiano – de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fónido de Cultura Económica, 1991. p.81.

contra o exército insurgente pelas forças realistas, em contraste com a nobreza de caráter e civilidade dos revolucionários. Fica manifesto que Mier substituiu a imagem do bom selvagem, decisiva no século XVI, pela do bom *criollo* decisiva no processo de independência mexicano.

Entre os anos de 1547 a 1566, Las Casas dedica todos os seus esforços a uma extraordinária ação de ataque contra os conquistadores, e humanistas que os elogiavam, em virtude de terem levado a civilização aos conquistados. Em *Historia de las Índias*, Las Casas descrevia a América como lugar edênico, anterior à queda de Adão, em que todos viviam em paz e inocência. A Divina Providência quis que o paraíso fosse destruído pelo reino das trevas e os conquistadores eram sem dúvida, regidos pelo diabo. Somente com a chegada dos dominicanos se fez um esforço para se pregar o Evangelho e para denunciar o descalabro de que eram vítimas os índios, visto que os franciscanos, presentes desde o início da conquista e envolvidos com a venalidade dos espanhóis, pouco fizeram pela questão indígena. Las Casas exaltava a virtude dos seus irmãos de ordem e profetizava sobre a vida dos defensores dos pobres e dos humildes, revelando *Historia de las Índias* sua própria vida e obra missionária como obra da providência divina.

Importante foi assim a influência de Las Casas sobre o surgimento de uma tradição política na América Espanhola⁴⁵. Brading conta que Mier o chama de gênio tutelar das Américas e pai dos índios ao afirmar que as leis das Índias não seriam mais que conclusões dos escritos de Las Casas. Mier se atribuiu o dever de dar continuidade ao trabalho de Las Casas. Sua obra possui características narrativas em muito semelhantes às do padre defensor dos indígenas, como a verve épica e a tônica bíblica, como se ambos fossem apóstolos emergidos do cristianismo primitivo. Como Las Casas, Frei Servando sentia pesar sobre seus ombros o dever de guia moral do povo mexicano no período de formação do estado nacional, bem como reproduzia a visão maniqueísta de espanhóis-maus *versus* americanos-bons, sejam eles índios ou *criollos*.

O Sermão Guadalupano de 1794 está impregnado dessa vocação messiânica de que se sentia investido frei Servando. O impacto dessa pregação no espaço interno da Igreja e no espaço público da Nova Espanha foi notável, como observar-se-á na análise da vida e obra do mexicano. Antes de se abordar os elementos presentes no sermão, importa retrazar a origem da devoção popular mexicana a Nossa Senhora de Guadalupe.

3. O Milagre da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe e seu debate no universo intelectual da

Nova Espanha

Em 09 de dezembro de 1531, ao sair de sua casa para assistir à missa na cidade, o índio recém-batizado Juan Diego ouviu uma suave melodia vinda do alto da colina de Tepeyac. Sobre uma resplandecente e branca nuvem, ao redor da qual brilhavam as cores do arco-íris, o índio viu uma

⁴⁵ *Ibidem*, p.121.

bela senhora, com vestido tão radiante quanto o sol, em pé sobre um penhasco, a cujo sopé as ervas assemelhavam-se a pedras preciosas. Ela chamou-o pelo nome e disse-lhe em língua náhuatl que era a Virgem Mãe do verdadeiro Deus. Fez do índio pobre seu mensageiro e pediu-lhe para transmitir ao arcebispo Juan de Zumárraga o desejo de que, no local da aparição, fosse construído um templo em sua homenagem. Juan Diego, após ter enfrentado muitas dificuldades para falar com o arcebispo, encontrou-se com Zumárraga, e, ajoelhado aos seus pés, relatou-lhe a aparição de Nossa Senhora. O sacerdote fez-lhe inúmeras perguntas, sobre onde teria visto Santa Maria e como era ela, e tal era sua incredulidade que exigiu uma prova para poder se certificar acerca de tão singular pedido.

Depois do encontro com o arcebispo, o índio retornou ao monte de Tepeyac onde contou a Nossa Senhora o descrédito sofrido e a necessidade de comprovação exigida pelo sacerdote. A Virgem respondeu ao homem que retornasse no outro dia à colina para entregar-lhe o sinal reclamado por Zumárraga. No dia seguinte, entretanto, o tio de Juan Diego, Juan Bernardino, caiu gravemente doente, o que impossibilitou a ida do sobrinho ao encontro com Nossa Senhora. Desalentado por não saber como realizar o desejo da Virgem e atordoado pela enfermidade do parente, Juan Diego decidiu ir a Tlatelolco para pedir ajuda ao padre da cidade para dar a extrema unção ao tio. Contudo, no caminho, Santa Maria apareceu a ele pela última vez. Pediu ao índio que recolhesse as flores da colina de Tepeyac, que as levasse a Zumárraga e que dissesse ao arcebispo que esta era sua vontade e deveria ser cumprida. Mesmo sendo inverno, Juan Diego encontrou o terreno coberto de rosas de Castilla, flores que não brotavam nesta estação. O índio as recolheu e as guardou em seu manto feito de fibras de agave, material facilmente perecível.

Enfrentadas novas dificuldades para falar com o arcebispo, pois as pessoas com quem encontrava percebiam que levava flores raras para época, além de muito bonitas e perfumadas, e queriam roubar-lhe, Juan Diego finalmente conseguiu encontrar-se com alto sacerdote. Ao abrir o manto diante das autoridades eclesiásticas e do arcebispo do México, a história da Nova Espanha deparava-se com o que passou a ser visto como seu milagre primordial: aos olhos dos que estavam ali presentes, aparece a imagem de Nossa Senhora ínsita no manto feito de material frágil que, segundo a tradição oral, nunca pereceu desde então. Desenhada com riqueza de detalhes, estava uma Santa Maria de aspecto muito jovem e morena, como as índias mexicanas, provavelmente grávida, em pé sobre uma lua negra e envolta por raios de luz. Ao retornar para casa tomado de grande emoção, Juan Diego descobriu que seu tio Juan Bernardino estava completamente curado, pois Nossa Senhora também havia aparecido a ele, curando-o da peste que o afligia e dizendo-lhe que a chamasse de Santa Maria, Virgem de Guadalupe.

Este relato simples e piedoso corresponde ao *Nican Mopohua*⁴⁶, que significa “aqui se narra”, que se pressupõe ser o escrito mais antigo sobre a aparição de Guadalupe na língua dos

⁴⁶ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

índios mexicanos, o náhuatl⁴⁷. É atribuído ao relato do chefe indígena Antônio Valeriano⁴⁸ (1520 – 1605) em meados de 1556. O ensaísta, historiador e jornalista mexicano Héctor Pera conta que apesar de existir um escrito mais antigo em náhuatl, conhecido por *Pregón del atabal*, o *Nican Mopohua* ganhou maior legitimidade como relato, embora ambos os textos não difiram muito em argumento, a não ser pelo fato de o segundo ser mais detalhado em imagens e com acentuado cunho cristão. *Pregón del atabal* é atribuído ao índio Francisco Plácido, senhor de Azcapotzalco, cantado pela primeira vez entre 1531 e 1533, traduzido pelo padre Mariano Cuevas no livro *Album histórico guadalupano del IV centenario*⁴⁹.

Juan Diego, após servir anos seguidos na entrementes construída capela de Tepeyac, teria morrido em 1548 sem deixar seu testemunho registrado. As características do texto do *Nican Mopohua*, sua riqueza de linguagem e recursos estilísticos são elementos que depõem favoravelmente a datar a obra na segunda metade do século XVI. Valeriano ressaltou a imagem de Juan Diego como o pobre homem do povo, pequenino e indefeso. Como nos revela Perea, nas palavras do indígena, ele se considerava “un hombrecillo, soy un cordel, soy una escalerilla de tablas, soy cola, soy hoja, soy gente menuda”⁵⁰.

Até o final do século XVI, é escassa a documentação que se refere diretamente ao milagre. O franciscano Juan de Torquemada (1562 - 1624), ao iniciar a redação de uma obra detalhada, erudita e complexa acerca da análise da civilização indígena e da sua conquista espiritual, *Los veintiún libros rituales y monarquía indiana*, seria um dos primeiros autores a se deter no assunto do milagre nas peregrinações dos indígenas ao serro de Tepeyac, segundo suas palavras, “donde es ahora Nuestra Señora de Guadalupe”. O americanista francês Jacques Lafaye acrescenta que Torquemada evidenciou em seus trabalhos a transposição deliberada dos cultos de Toci, “nossa avó”, ao de Santa Ana, “avó do Senhor”; o de Telpuchtli, “o jovem”, ao de São João Batista, e por último o de Tonatzin, “nossa mãe”, ao da Virgem, “mãe de Nosso Senhor”⁵¹.

Lafaye esclarece que antes de Torquemada, apenas a obra do franciscano Bernardino de Sahagún (1500 - 1590), *Historia general de las cosas de la Nueva España*, versa sobre o milagre, com o objetivo principal de fazer conhecer aos sacerdotes espanhóis as crenças e superstições dos

⁴⁷ PEREA, Héctor. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles). Em 2003, a Revista Nexos publicou na sua página na rede mundial de computadores o Sermão Guadalupano e a *Carta de Despedida a los mexicanos*, extraídos do livro organizado por Héctor Perea. Porém, a revista eletrônica não disponibiliza artigos por um período superior a dois anos, não sendo possível localizar mais nesse sítio os documentos produzidos por frei Servando.

⁴⁸ Governador de Tenochtitlán por mais de 30 anos, o chefe indígena Antônio Valeriano teria sido colaborador de Bernadino de Sahagún e mestre do idioma asteca de Juan Torquemada.

⁴⁹ PEREA, Héctor. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977. p.248.

índios, para melhor acabar com a idolatria⁵². Para ele, a devoção parece suspeita, pois entre tantas Igrejas dedicadas a Maria, os indígenas preferiam essa a todas as demais. Ele expressa claramente tal idéia ao referir-se a um monte que se chamava Tepeyac, sobre o qual havia um templo dedicado à mãe dos deuses conhecida por Tonantzin, que quer dizer “nossa mãe”. Ali eram feitos sacrifícios em honra à deusa e por isso os índios provinham de terras muito distantes. Neste mesmo cerro, foi edificada uma Igreja a Nossa Senhora de Guadalupe.

Todavia, é a relação *Imagen de la Virgen Maria, Madre de Dios de Guadalupe milagrosamente aparecida en la ciudad de México*, de Miguel Sanchez, publicada em espanhol e datada de 1648, o primeiro livro sobre o fenômeno que tentava dar sustentação histórica à tradição. Embora não traduza o *Nican Mopohua*, Sanchez inaugura uma nova etapa na história da Nova Espanha, ao dar publicidade e amplidão ao milagre de Guadalupe, desencadeando uma seqüência de publicações relacionadas ao milagre. O historiador mexicano da UNAM, professor doutor Francisco Iván Escamilla, atenta para o fato de que, antes de 1648, não há registro de estranheza quanto à ausência de documentação apta a respaldar o evento. Como por magia, após esse período, escritos e provas documentais surgiram abundantemente, evidenciando as transformações mentais que desencadeavam a necessidade de alicerçar a tradição em bases sólidas⁵³.

De onde provinha a história de Juan Diego e Nossa Senhora de Guadalupe? Lazo de la Vega, capelão do santuário de Guadalupe, que em 1649 – decorridos cento e dezoito anos do milagre – transcreve a tradição oral contada por Valeriano para a língua náhuatl, tornando o *Nican Mopohua* o documento mais popularizado, por dar legitimidade histórica ao evento milagroso. Contudo, de la Vega não oferece nenhuma outra fonte anterior ao relato do próprio índio Valeriano, contemporâneo de Juan Diego, cuja época de elaboração, todavia, corresponde a anos depois da data provável da aparição.

Brading refere que é Luis Becerra y Tanco (1603 - 1672), professor de matemática e astrologia, quem publica, em 1666, um relato das aparições, intitulado *Felicidad de México*, em que apresentava versões em espanhol e náhuatl⁵⁴. Becerra y Tanco tinha por objetivo descobrir materiais que pudessem ser apresentados em Roma com o objetivo de obter autorização para que o dia 12 de dezembro fosse dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe e para isso afirmou ter visto os manuscritos originais em posse dos descendentes do rei de Texcoco, Fernando de Alba Ixtlilxóchitl, também colaborador de Torquemada, e que vários sacerdotes anciãos haveriam dado respaldo à verdade da tradição apresentada por Sanchez em 1648.

⁵² *Ibidem*, p. 209.

⁵³ ESCAMILLA, Francisco Ivan. Artigo: *Maquinas troyanas*. In: Proyecto Guadalupe. Disponível em: <http://www.proyectoguadalupe.com/maquinas.html>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

⁵⁴ BRADING, David. Op.cit., p.378.

O escritor jesuíta Francisco de Florencia (1620 - 1695), em sua obra *La estrella del norte de México aparecida al rayar el día de la luz evangélica en este Nuevo Mundo*, um dos primeiros compiladores das notícias históricas e das tradições sobre Nossa Senhora de Guadalupe, em 1688, por motivo da primeira petição oficial da Santa Sé sobre a festa da Virgem. O problema mais importante, relativo à ausência de fontes históricas que pudessem respaldar a tradição, é tratado de maneira evasiva pelo autor, que, assim como outros autores contemporâneos à aparição, como Bernal Díaz del Castillo e frei Juan de Torquemada, baseia-se apenas na tradição oral para sustentar o seu trabalho historiográfico. Entretanto, Florencia afirma que tais manuscritos eram idênticos ao relato de Antônio Valeriano, ressaltando, contudo, que o autor verdadeiro era o cronista franciscano Jerônimo de Mendieta e não Lasso de La Vega, o que leva Carlos de Singüenza y Góngora (1645 - 1700) a reencetar a busca de novas informações sobre o original mexicano.

Lafaye acrescenta que Singüenza y Góngora foi o primeiro intelectual na Nova Espanha a concentrar sua atenção nos mitos de Quetzacoátl e Guadalupe, ao enxertar nova devoção no velho tronco do milenarismo⁵⁵. Sua obra, *Primavera*, de 1662, foi o primeiro estalar do entusiasmo patriótico mexicano, convertido na terra prometida por ser portador da esperança de salvação da humanidade. A história do povo mexicano aparece santificada após a aparição de Guadalupe convertendo-se em uma das idéias diretoras da fé religiosa e patriótica do século XVIII.

Apesar de a imagem ter despertado devoção instantânea no período em que o milagre ocorreu, seu culto seguia limitado ao santuário e não era mais fervoroso que a veneração dedicada a outras imagens marianas. Isso talvez se explique pelo fato de que, para os franciscanos, a devoção a Guadalupe servia apenas de camuflagem para a permanência da religiosidade pagã, não proporcionando uma cristianização profunda no seio indígena. O frei Francisco de Bustamante aproveitou a primeira oportunidade de uma visitação oficial para afirmar que o culto guadalupeano era coisa perniciosa para os naturais da terra, por ser visível e evocação feita à religiosidade pagã, por detrás do nome cristão.

Havia um setor minoritário entre os franciscanos que, diante do entusiasmo da rápida conversão dos indígenas, não viu perigo na substituição dos cultos por medo de que essa não fosse plena. Entretanto, a orientação espiritual que prevaleceu foi a do grupo majoritário, ao qual pertencem todos os grandes missionários do século XVI, de quem os registros entraram para a história, como Juan de Zumárraga, Toríbio de Motolinía, Andrés de Olmos, Bernardino de Sahagún, Jerônimo de Mendieta e Juan de Torquemada. Para esses homens, a evangelização deveria ser feita de forma elementar, mas sólida. O método aplicado foi o de apagar totalmente quaisquer vestígios de uma religião demoníaca, com a destruição de estátuas e queimas dos resquícios de paganismo, com a substituição por ícones e ritos cristãos.

⁵⁵ LAFAYE, Jacques. *Op.cit.*, p.112.

Essa situação não permaneceria igual na segunda metade do século XVI, com a aparição no cenário novo-hispano da Companhia de Jesus. Segundo a filósofa, tradutora e escritora mexicana Elsa Cecília Frost, membro da Academia Mexicana de Língua falecida em 2005, se a formação dos franciscanos os predispunha contra qualquer culto pagão, a dos jesuítas via nisso um benefício; se o franciscano se inquietava com a formação religiosa do indígena, o jesuíta se preocupava com a formação intelectual do *criollo*⁵⁶. Apesar de sua criação recente, a bula de aprovação da Companhia de Jesus é de 1540. Os jesuítas já se haviam destacado no terreno da educação como mecanismo superior de conversão e, por isso, decidiram empregar esforços na educação da Nova Espanha, o que havia de ser decisivo para a ascensão da devoção guadalupana e para o próprio México nos séculos seguintes.

A experiência jesuíta em território protestante na Europa promoveu uma identificação cada vez maior entre o caráter nacional e a nova expressão de sentimento religioso. Impossibilitados de mudar a liturgia católica, a solução encontrada foi ligar a nascente consciência nacional a símbolos e cultos religiosos locais. Tal metodologia também seria aplicada na Nova Espanha, pois os jesuítas promoveriam peregrinações e a construção de santuários populares em lugares onde antes havia o culto pagão. Apenas sete meses após a chegada da Companhia, converter-se-ia em característica das igrejas jesuítas a presença de uma capela consagrada a Nossa Senhora de Guadalupe.

Não houve cidade importante que não possuísse um colégio jesuíta e, segundo Frost, isso significava que ficou nas mãos dos padres dessa ordem a responsabilidade da educação dos jovens da elite novo-hispana. Para a autora, os mestres da Companhia não se deram conta de que aos jovens *criollos* que educavam era negada boa parcela de participação e expressão no governo e na sociedade colonial⁵⁷. Formaram gerações sucessivas de jovens educados para as mais altas responsabilidades, que nunca chegariam a ter. À frustração da juventude *criolla* restou o socorro do culto guadalupano, pois o sentimento de menos valia provocado pela atitude dos *gachupines*⁵⁸, era compensado pela escolha da pátria mexicana por Maria. Dessa maneira, o guadalupanismo já não encontrava mais barreiras.

Se por um lado, a expulsão dos jesuítas (1767 - 1770) provocou fortes reações populares, por outro, sua saída contribuiu para a apoteose do pensamento *criollo* na Nova Espanha. Foi grande a influência da Companhia no desenvolvimento da devoção guadalupana como causa religiosa nacional. Em 1767, havia cerca de 700 jesuítas e muitos deles ocupavam posição de destaque na sociedade novo-hispana. Isso explica as fortes reações populares registradas na ocasião. Os levantes indígenas nos territórios das missões foram freqüentes, assim como a brutalidade da repressão. Os

⁵⁶ FROST, Elsa Cecília. Artigo: *El Guadalupanismo*. In: Revista Estudios Universidad Autónoma de México. Facultad de Filosofía- Historia- Letras. Inverno, 1986. Disponível em: http://biblioteca.itam.mx/estudios/estudio/estudio07/sec_7.html. Último acesso em 10 de julho de 2006.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ Nome utilizado no México, de modo pejorativo, para designar os que nasciam na Espanha.

jesuítas haviam ocupado uma posição moral importante e exerciam forte influência sobre a elite *criolla* e os indígenas ao se argüírem a missão de guardiões da fé do povo mexicano, principalmente no que concernia ao culto marianista. A expulsão tornou acéfala as instituições mais importantes da sociedade, caracterizando um abalo na esfera cultural.

Lafaye acredita que, em nível ideológico, é provável que as reações de revolta pela expulsão tenham aberto espaço para o terreno de um novo ideal democrático posto em circulação pelos ideólogos da Revolução Francesa⁵⁹. Para esse americanista, muitos expressariam um nascente sentimento patriótico, consciente e orgulhoso, que correspondia a uma fase de regionalismo pré-nacional, como foi o caso de Francisco Javier Clavijero (1731 - 1787), jesuíta mexicano, autor de *Historia Antigua de México*, de 1780, obra na qual expressa seu ardoroso amor pela pátria, chegando a comparar a destruição de Jerusalém pelos romanos com a conquista espanhola da América. Clavijero seria também responsável por difundir a cultura mexicana na Europa quando retornou para o velho continente, após a expulsão dos jesuítas da América.

A devoção, que em 1731 já contava dois séculos, teve que esperar mais de 23 anos para ser reconhecida oficialmente. Diversos impulsos contribuíram para tanto. O arcebispo do México entre 1730 a 1747, Juan Antonio de Vizarrón y Eguiarreta, deu forte estímulo ao presidir as celebrações do bicentenário das aparições. Após uma epidemia de febre que fez cerca de quarenta mil vítimas somente na cidade do México, o pedido do patronato de Guadalupe deu-se em 1737, como único remédio contra as pragas que assolavam de mortandade o território. Coincidentemente, após essa demanda, a epidemia diminuiu e isto se tornou um desafio para a primeira geração de ilustrados da Nova Espanha, já que era preciso fundamentar racionalmente a fé.

Cayetano Cabrera, membro de um círculo de promotores do culto da Virgem, torna-se o cronista oficial do milagre guadalupano e passa a contestar todos os opositores do patronato que embasavam suas críticas na total ausência de provas materiais do fenômeno. As limitações da opção ideológica de Cabrera são reveladas no fato de que, para este autor, a transmissão oral, realizada de geração em geração, era capaz de ter mais autoridade probatória que fontes escritas. Cabrera recorre ao frágil testemunho dos primeiros historiadores guadalupanos que alegavam ter tido em mãos o relato primitivo, mas que ninguém, além deles, jamais havia visto.

A discussão sobre aparição da Virgem de Guadalupe se perpetua ao longo das décadas e é alvo da atenção da elite intelectual novo-hispana em um contexto de transformação ideológica, correspondente a meados do período oitocentista. Escamilla expressa que os anos compreendidos entre as décadas de 1730 e 1750 são conhecidos como primeira Ilustração da Nova Espanha, devido às flagrantes demonstrações de renovação ideológica no campo das letras, história, ciência e filosofia. Na verdade, esse período de tempo pode ser compreendido como anterior ao impacto das Luzes sobre

⁵⁹ LAFAYE, Jacques. *Op.cit.*, p.163.

a ideologia nacional na América hispânica, correspondendo à idade madura dos homens educados no primeiro quarto de século⁶⁰.

Eram *criollos* mexicanos que, em sua maioria, haviam abraçado a carreira professoral ou pronunciado votos em alguma ordem religiosa. Pensadores que receberam a mesma formação intelectual da geração a que pertenciam, que não foi porém apta a gerar nenhuma ruptura no âmbito ideológico, nem sentimentos separatistas mais fecundos, como um desejo de autonomia conseguida pelas armas. Cabe ressaltar, todavia, o valor dessa era, sem a qual não seria alavancada a evolução de pensamento que guiaria a nação mexicana até sua emancipação espiritual, antecipando a independência política.

A literatura dessa primeira Ilustração mexicana indica a grandiosa importância da religiosidade nas publicações do período. Ao tomar-se por base os impressos mais correntes que circulavam à época, considerando o fato de que a instalação de uma prensa estava subordinada a autorização prévia do rei, por meio do seu Conselho das Índias, e também o alto custo da impressão, que reduzia a venda dos livros publicados, o gosto dos leitores pelas tradições milagrosas e imagens prodigiosas era o principal assunto de impressão das gráficas novo-hispanas. Somente uma elite educada e com rendas suficientes poderia adquirir o que se vendia e a religiosidade era a questão que tinha presença garantida. Guerra afirma que mesmo nas cifras relativas aos títulos publicados no México entre os anos de 1804 e 1808, ano em que o controle administrativo das publicações foi atenuado, os temas religiosos continuaram sendo importantes, representando cerca de 75% a 84% dos impressos⁶¹.

Tomando-se por base o fenômeno guadalupano, é possível observar os esforços de uma incipiente Ilustração novo-hispana diante do peso da tradição escolástica e barroca em se dar sustento ao milagre, por ser ele responsável pelos primeiros debates acerca de mito e verdade histórica. Tendo-se por perspectiva de estudos as manifestações de fé para a tomada da consciência nacional, com a análise do Sermão Guadalupano, é preciso traçar a linha evolutiva do pensamento em que frei Servando Teresa de Mier absorveria e que dariam novos rumos à sua vida intelectual.

Para Escamilla, em um primeiro momento, o trabalho historiográfico realizado pelos pesquisadores da Nova Espanha consistiu em buscar fortalecer com urgência os símbolos de unidade espiritual da sociedade e emblema do protonacionalismo, tendo por respaldo a religiosidade barroca embasada no culto das imagens marianas⁶². O nascimento de uma teologia positiva, surgida em reação à decadente teologia escolástica, pregava o retorno às fontes originais do cristianismo, produzindo no terreno da historiografia métodos de aplicação sistemática que introduzia a crítica filológica e documental no estudo das sagradas escrituras. É na segunda metade do século XVIII que

⁶⁰ ESCAMILLA, Francisco Ivan. *Op.cit.*

⁶¹ GUERRA, François-Xavier. *Op.cit.*, p.289-290

⁶² ESCAMILLA, Francisco Ivan. *Op.cit.*

o esforço de compilação crítica chegaria ao máximo, dando resultados inesperados do ponto de vista teológico. O exame racional despojou as escrituras do caráter sobrenatural dos textos antes dados como verdade revelada. Tratava-se da introdução da razão nos assuntos relacionados à fé.

Coube ao italiano Lorenzo Boturini Benaducci (1702 - 1755) o projeto de escrever a história e de compilar todo material das antiguidades mexicanas criando seu famoso arquivo conhecido como *Museu Histórico Indiano*. Chegou à Nova Espanha em fevereiro de 1736, enviado pela condessa de Santisteban, descendente de Montezuma. Ao contrário de Cabrera, Boturini não valoriza as obras dos antigos historiadores por não terem sido hábeis em preservar as primeiras fontes do relato guadalupano. Não se duvidava da predicação de São Tomé nem das aparições de Guadalupe. Para o italiano, era preciso apenas organizar as fontes documentais, desbravar o passado dos gentios e dar um fundamento documental indiscutível à tradição de Guadalupe. A obra de Boturini expressa ampla consonância com o espírito do catolicismo ilustrado que considerava danosas para a religião as tradições piedosas sem respaldo histórico.

Com o objetivo de auxiliar a Igreja Católica, a pesquisa racionalista da fé realizada por Boturini tornava-se o maior perigo do catolicismo na Nova Espanha. Ao percorrer diversas províncias e ser reconhecido pelas comunidades indígenas, o italiano conseguiu reunir um rico acervo histórico do reino, abrindo uma nova etapa para o guadalupanismo novo-hispano. Para Brading, a originalidade de Boturini se devia a busca de novas hipóteses acerca do fenômeno religioso, pois interpretou a religião e a história aplicando as doutrinas de Giambattista Vico (1668 - 1744), cuja *Ciência Nova*, de 1725, era recomendada como antídoto católico às idéias irreligiosas de Grotius e Hobbes⁶³.

Os métodos de Boturini, porém, não foram bem recebidos pelos guardiães da tradição guadalupana. Perseguido pelas autoridades da Nova Espanha, que receavam que um estrangeiro com seus sistemas modernos destronasse a jóia da pátria mexicana, Boturini foi expulso do vice-reino, afastado de sua pesquisa e morreu na pobreza em Madri em 1755. Todavia, o arquivo deixado pelo italiano seria consultado por muitos estudiosos das antiguidades mexicanas e da tradição de Guadalupe, como José Ignacio Bartolache e Mariano Fernández de Echeverría y Veytia, como fonte imprescindível para a compreensão científica do fenômeno.

Em 1754 é confirmado por um Breve de Benedito XIV o patronato da Virgem de Guadalupe e concedido o dia 12 de dezembro como data de seu festejo. O papa apenas havia certificado a existência de uma antiga tradição a respeito, porém não ratificava o milagre. Nesse sentido, a falta de fundamentos históricos tornou-se fonte de inquietações, adquirindo maior gravidade, pois apenas se havia conseguido o patronato, mas não a confirmação do prodígio de 1531. Ao final da década de 1770, era grande a incredulidade religiosa no México que, envolvida com a Ilustração mais radical

⁶³ BRADING, David. *Op. cit.*, p.417.

inspirada pelos filósofos franceses Voltaire e Rousseau, dirigia fortes ataques à tradição de Guadalupe.

Como símbolo das novas indagações em matéria de fé, José Ignacio Bartolache (1739 - 1790) imprime sua obra *Manifiesto satisfactorio*, produto da análise científica sobre Guadalupe. Bartolache empregou uma metodologia adotada pelos guadalupanistas ilustrados e, seu rigor racionalista revelou ampla insatisfação com a capacidade probatória dos documentos, alguns publicados pela primeira vez, porém que não pareciam suficientemente definitivos. Em seu afã por estabelecer a verdade dos fatos, conforme sua orientação científicista, o estudioso submeteu a imagem original a uma perícia técnica e racional, diferente das inspeções piedosas de pintores como Manuel Cabrera, citado por Mier em seu sermão. Bartolache acreditava que desta maneira estimulava um debate sério entre crédulos e incrédulos, porém o que se viu foi a indiferença e a descrença da população diante dos resultados obtidos.

A permanência da tradição era fundamental para a unidade cristã da Nova Espanha, sendo por isso a atuação da Igreja católica mais ativa no sentido de evitar que novos questionamentos sobre o milagre fossem levantados. É neste contexto de necessidade de se colocar freios às propostas racionalistas que ameaçavam a perpetuação da tradição, que se situa o Sermão Guadalupano de Mier em 1794, o que justifica em parte a reação desproporcional dos guadalupanistas, que o frei faz questão de evocar incessantemente em suas obras. Apenas um mês antes do sermão de Mier, o cosmógrafo, cronista e principal contribuinte para a formação do Arquivo Geral das Índias Juan Bautista Muñoz (1745 - 1799) apresentava em Madri, perante a Real Academia de História, uma breve dissertação histórica sobre as aparições da Virgem mexicana. Muñoz foi o historiador designado para esclarecer a questão da tradição guadalupanista mexicana e alertava sobre a necessidade de se distinguir milagres canônicos, os quais todo católico é obrigado a crer, dos milagres cuja crença depende de juízo pessoal. Sem apelar para o linguajar piedoso das obras católicas, Muñoz desacredita o milagre ao dizer que a tradição original foi embasada em falsos documentos, responsáveis por criar as fábulas que rapidamente ganhavam aprovação popular.

Frei Servando e Muñoz tiveram pensamentos semelhantes a respeito da debilidade da tradição. Porém, Mier era um frei *criollo* que compartilhava com seus nacionais a aspiração de dotar a pátria de um lugar santo e de uma relíquia de valor inestimável. Em suas *Memorias*, o sacerdote afirma que Ignacio Borunda havia escrito sobre as antiguidades convidado pela Academia de História, consciente da insuficiência de informação com respeito ao passado mexicano e da significação dos códigos. À justificativa para reações oficiais completamente opostas entre ambos intelectuais, Mier contrapõe, em sua *Apología*, a diferença de público e lugar em que ambas as teses foram enunciadas. Muñoz fez uma dissertação polida, apresentada diante da Real Academia de História de Madri e lá foi aplaudido. Frei Servando fez um sermão diante dos devotos e das

autoridades novo-hispanas e a reação foi de completa rejeição. Isso demonstra que o tema guadalupano era ponto de destaque nos debates tanto da América quanto da península, porém o grau de identificação e a força que a representação de Nossa Senhora de Guadalupe adquiriu entre a colônia e a metrópole não podiam ser tão dissemelhantes.

A defesa mexicana ao culto de Guadalupe gerou longos debates, cuja permanência pode ser percebida até mesmo na literatura contemporânea. Em uma obra de 1926, Primo Feliciano Velázquez realizou uma cuidadosa versão para o espanhol do relato de Antônio Valeriano. Velázquez em seguida realiza um amplo estudo de compilação e análise de todos os documentos e eventos envolvidos acerca do milagre guadalupano em sua obra *La aparición de Santa Maria de Guadalupe*. Cento e quatro anos após o falecimento de Mier, o autor mexicano apresenta o frei como um agitador social, com falhas de caráter em razão de sua tendência a fugas e crítica com veemência todos os escritores que se dedicaram à tarefa de questionar o milagre guadalupano⁶⁴.

3.1 Quetzacoátl e Nossa Senhora de Guadalupe - tradições e crenças do imaginário mexicano

Para contextualização mais clara do SG⁶⁵ de Mier, convém sumariar os pontos marcantes do culto e da tradição de Nossa Senhora de Guadalupe, bem como do mito de Quetzacoátl, sem os quais não se poderia apreender de modo pertinente as hipóteses tratadas no sermão de frei Servando.

Desde muito cedo, com a chegada dos conquistadores, a imagem do deus Quetzacoátl foi vinculada às figuras de Jesus e São Tomé em razão dos indícios revelados no estudo da religiosidade indígena feitos pelos primeiros missionários franciscanos no período da conquista do território mexicano. Nossa Senhora, como já referido anteriormente, foi associada à figura da deusa asteca Tonantzin. Essas idéias, à época já não tão recentes, são o mote da pregação guadalupana de Mier, que, ao trazer de volta à arena de debate, essas substituições primordiais, as expõe pela primeira vez com a ênfase de uma tônica política, reivindicando para a Nova Espanha um cristianismo anterior à conquista espanhola, colocando por terra a missão evangelizadora, tida como principal objetivo da conquista das terras americanas. A originalidade do texto servandino surge como destaque no ideário político *criollo* da pré-revolução de independência.

Quetzacoátl, a serpente emplumada que trouxe sabedoria, justiça e indústria aos homens e que desapareceu voando em direção ao sol, era o mito mais presente e recorrente da religiosidade das antigas crenças pagãs no México. Sua lenda possui características comuns com a de outras populações indígenas americanas – como a de Viracocha no Peru e mesmo no Brasil, com a presença entre os Tupinambás do Maranhão de um certo Pay Zumé ou Zomé⁶⁶. Em diferentes

⁶⁴ Ver FELICIANO VELÁZQUEZ, Primo. *La aparición de Santa Maria de Guadalupe*. México: Jus, 1981.

⁶⁵ A partir deste momento, é conveniente utilizar a sigla SG para designar o *Sermão Guadalupano*, seguindo-se o índice de abreviaturas das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

⁶⁶ LAFAYE, Jacques. *Op. cit.*, p.258-259.

regiões do Novo Mundo os conquistadores foram considerados Filhos do Sol. Segundo Lafaye, homem, herói, deus ou xamã, Quetzacoátl era a única figura responsável por servir de ponte entre Velho e Novo Mundo como pertencentes a uma mesma historicidade⁶⁷. Para os índios, seu exílio como deus foi compensado pela profecia sempre presente de que um dia retornaria. Para os espanhóis, ele seria o instrumento por meio do qual se reivindicaria o domínio da região. Las Casas transmite a profecia: “Cuando vieron los cristianos los llamaron luego dioses, hijos, y hermanos de Quetzacoátl, aunque después que conocieron y experimentaron sus obras no los tuvieron por celestiales”⁶⁸.

Com a conquista, colonizadores e evangelizadores acreditavam ver nos templos astecas signos cuja origem somente poderia advir do cristianismo ou do judaísmo. A cruz de Quetzacoátl era um forte indício de um cristianismo precedente. Tal interpretação satisfazia uma explicação providencial para a chegada dos espanhóis, porém seu significado real era impenetrável para a mentalidade judaico-cristã dos conquistadores. A multiplicação dos resquícios de uma pré-evangelização requeria apoio entre as tradições cristãs, visto que pela conclusão chegada pelos colonizadores, por meio dos relatos indígenas, Quetzacoátl surgia como um deus nascido de uma virgem, era casto e asceta, iniciador da mortificação e promotor da crença em um deus único. Além disso, surgiam reflexos da sua presença nos rituais pagãos de circuncisão, confissão oral e abstinência supostamente encontrados entre os índios. A crença no dilúvio e na torre de Babel garantiam explicações bíblicas plausíveis para coincidências que não se podiam ignorar. Quetzacoátl que significava em sentido figurado “gêmeo valioso”, apareceu como sinônimo grego *Thomé*, que significava também “gêmeo”. Disso decorre a rápida tradução de Quetzacoátl como São Tomé.

A forma que os colonizadores encontraram para explicar o universo desconhecido provinha de associações com os códigos mentais oriundos do mundo que conheciam, por isso davam ao exterior representações hábeis de serem compreendidas pelos seus semelhantes na Europa. Dessa forma, o mito reunia em si uma grande quantidade de signos que não podiam passar despercebidos aos olhos dos evangelizadores. Uma prova disso seria a profecia de um retorno mágico do deus Quetzacoátl, que indicava marcas de um inquietante messianismo, sendo óbvias as semelhanças entre a entidade indígena e Jesus Cristo ressuscitado. Lafaye conta que a idéia que preponderou foi a de ser Quetzacoátl o apóstolo São Tomé, fundamentada sobre a *Acta Thomae*, uma série de escritos teológicos logo reconhecidos como apócrifos, segundo a qual o enviado de Cristo havia evangelizado a Índias Orientais para além do Ganges e na China⁶⁹. O descobrimento por missionários franciscanos e dominicanos de cristãos de São Tomé nas Índias Orientais

⁶⁷ *Ibidem*, p.222.

⁶⁸ BRADING, David. *Op. cit.*, p.109.

⁶⁹ LAFAYE, Jacques. *Op. cit.*, p.255.

proporcionou vários argumentos para essa hipótese que passava a ser cabível de aplicação no Ocidente. Mesmo o exílio misterioso do deus, que partiu em direção ao Oriente pelo oceano, pôde ser interpretado como um novo Moisés a abrir o mar e sua transformação na estrela Vênus, foi vinculada à estrela de Davi.

O frei franciscano Toribio de Motolinia (? - 1586) evangelizador ativo no México e na península de Yucatán, responsável pela fundação de Puebla e dos conventos desta cidade, além das localidades de Cholula e Tlaxcala – locais de forte culto a Quetzacoátl – foi o primeiro a recorrer fontes e informações sobre o deus em sua obra *Historia de los indios de la Nueva España*, associando-o a figuras demoníacas e cultos cruéis. Contudo, o mais ilustre historiador do passado primitivo mexicano seria o já citado franciscano Bernardino de Sahagún, historiador e etnólogo, primeiro a estabelecer em seu próprio trabalho de pesquisa a diferenciação entre rigor analítico e a fé por ele professada. Sahagún foi responsável pela *Historia general de las cosas de la Nueva España*, cujo objetivo era fazer conhecer aos sacerdotes espanhóis as crenças e superstições dos índios, para melhor acabar com a idolatria. Em sua obra, Quetzacoátl é mostrado tanto como um grande sacerdote da cidade de Tula, e como deus da classe dirigente, origem da dinastia asteca, responsável por originar os cultos de auto-sacrifício. Sahagún foi o primeiro historiador a apresentar Quetzacoátl como uma divindade de rosto largo e barbudo, dando espaço para futuros historiadores verem em seus relatos o deus como um apóstolo de Cristo. Tanto para este historiador quanto para o frei Juan de Torquemada e os demais franciscanos evangelizadores, Quetzacoátl foi instrumento utilizado pelo demônio para confundir as criaturas do Novo Mundo a não crerem no deus cristão.

Sahagún faz um estudo pormenorizado da deusa Tonantzin, cuja tradução seria “nossa mãe” para os indígenas, que também a conheciam pelo nome de Cihuacoátl, que queria dizer “mulher da cobra”, cujas vestimentas eram brancas e a quem se ofertavam grandes sacrifícios. Era a divindade maior e seu principal santuário se encontrava no monte Tepeyac, a pouca distância do norte da cidade do México. Informações que são confirmadas por Torquemada e também por Clavijero. Logo, a transposição de imaginários far-se-ia uma prática constante. Nossa Senhora seria a “nossa mãe”, a deusa-mãe dos antigos mexicanos e também a mãe de Cristo, mãe da humanidade. A Virgem Maria seria ainda associada como a nova Eva pelos pensadores católicos do México, e como tal, as cobras encontradas nos santuários mexicanos apenas teriam a função de recordar o pecado original e o símbolo do demônio, de acordo com a interpretação bíblica realizada pelos conquistadores. É claro que essas idéias não foram concebidas de forma plenamente consciente, faziam parte do processo de transculturação e sincretismo que a Nova Espanha sofreria ao longo dos séculos.

A origem do nome Guadalupe é outra fonte de polêmicas, estando mais acertado sua raiz árabe, *guad al lupe*, cuja tradução seria algo como “rio oculto”, “corrente estreita”. A tradição da

Virgem de Guadalupe mexicana é em grande parte semelhante a Nossa Senhora de Guadalupe da Estremadura, protetora da cristandade ibérica e que empresta seu nome ao milagre mexicano. A aparição misteriosa da Virgem da Estremadura – posterior à descoberta de uma imagem numa gruta nas montanhas por um pastor pobre –, a realização de um milagre de cura e a construção de um templo são atributos semelhantes nas tradições piedosas da península Ibérica e do México. Como a mexicana, a figura de Guadalupe da Estremadura era morena e bastante jovem, cuja lenda asseverava que sua imagem teria sido talhada por São Lucas. A imagem foi protegida e cultuada pelos grandes homens da Espanha e seu mosteiro foi um dos mais ricos da Europa, daí a razão da historiografia considerar a questão da transposição de imaginários de um culto há muito valorizado na península.

Não é intuito do presente trabalho versar sobre a expansão do culto mariano no Novo Mundo. É sabido que os chefes das expedições de conquista originários da Estremadura são abertamente devotos à Virgem, como os irmãos Pizarro e Hernán Cortez, e cada um dos países surgidos das antigas possessões ibéricas se coloca sob proteção de uma imagem nacional de Nossa Senhora. Além disso, a Virgem, única a não ter sido maculada pelo pecado original, trazia esperança aos índios e mestiços que sentiam pesar sobre si séculos de idolatria pagã. Os *criollos* não poderiam ser insensíveis aos milagres que indicavam ter Maria eleito sua terra. A incredulidade dos *gachupines* diante das aparições, não fez senão reforçar a unidade entre *criollos*, índios, negros e mulatos, unindo sob o mesmo fervor religioso e nacional contra a dominação peninsular.

Uma nova visão do Apocalipse de João foi responsável por reconsiderar não só o passado indígena como a historiografia da conquista, e por que não dizer a história da cristandade até então: “Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher, vestida de sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça. Deu-se à mulher as duas asas da águia grande para voar ao deserto, a seu lugar, longe da serpente”⁷⁰. A imagem do milagre guadalupeano, saída do manto de Juan Diego é a de uma mulher rodeada de sol e com a lua debaixo dos pés, e o simbolismo da águia para os mexicanos é evidente. A Virgem Maria, em sua imagem de Guadalupe, aparecida aos mexicanos, representados em Juan Diego, legava a este povo um carisma especial dentre os demais pela semelhança da mulher descrita no Apocalipse de João. Do mesmo modo que Deus havia eleito aos judeus para seu filho Jesus fazer-se homem entre os homens, Maria, a redentora do final dos tempos, a mulher do Apocalipse, elegia os mexicanos como povo sagrado diante do fim da cristandade.

A devoção à Guadalupe foi capaz de eclipsar a adoração de Jesus no México e tal arrebatamento atingiu tão grandes proporções que muitos escritos da época afirmavam que a Igreja

⁷⁰ BÍBLIA, Novo Testamento. Apocalipse. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1975. Cap. 12, vers.1.

viria buscar asilo e refúgio em Tepeyac para fugir das perseguições do anticristo. A nova Roma da nova Igreja teria que ser no México, a nova Igreja seria de Maria, por haver eleito o México como residência. Ao abrigo da devoção, os sonhos nacionalistas puderam desenvolver-se nesses anos decisivos. O descobrimento de novos filões de ouro em San Luis arrastou o rápido desenvolvimento das cidades e, sobretudo do México, além disso o descobrimento tardio das riquezas foi fruto da providência, diante da guerra mercantil contra os ingleses. Esse impulso urbano e modernizador alimentava os encantos dos mexicanos por si mesmos. Fé religiosa e fé nacional se confundem no México, a religião oficial não poderia se firmar antes de ser mexicanizada. Para Luis Villoro, assim se expressa o milagre guadalupano: na união do passado remoto com um futuro de provisão largamente esperado, onde o americano despertaria para uma nova era de inusitada glória e riqueza, em que esqueceria toda a humilhação humana vivida⁷¹. A tradição de Guadalupe carregava consigo um sentido escatológico em que a predileção divina pela América garantiria a libertação de uma ordem social opressora.

4. Sermão Guadalupano de 12 de dezembro de 1794⁷²

O jornalista e escritor mexicano Héctor Perea esclarece que existiam cerca de três versões conhecidas do Sermão Guadalupano⁷³. Mier já havia pregado alguns sermões acerca do tema, dos quais o mais conhecido, e que causou furor, foi em realidade o segundo. O primeiro sermão foi escrito para ser lido durante as comemorações de 1793 e é o que se encontrava nos autos do processo iniciado contra o frei dominicano pelo arcebispo Alonso Núñez de Haro. Como faz ver o doutor em História e filósofo mexicano Edmundo O’Gorman, o sermão que chegou até os dias atuais revelaria grande distância daquele lido na Colegiata em 12 de dezembro de 1794, cujo conteúdo exato é ainda hoje desconhecido⁷⁴. Embora lhe fosse exigida a entrega do texto, frei Servando assegurava que não possuía por escrito aquele que havia pregado, pois ele se encontrava apenas com rascunhos e apontamentos, num total de nove folhas escritas. O discurso entregue ao arcebispo foi escrito, segundo Mier, com fidelidade à sua memória e com o teor preciso do que disse. O’Gorman duvida disso diante da extensão e complexidade da estrutura argumentativa; o sermão apresentado ao arcebispo não passava daquele primeiro texto, visto que as nove folhas entregues dificilmente conteriam argumentos suficientes que valessem a perseguição do dominicano. O frei, de maneira inteligente, teria abrandado suas idéias e partido para sua defesa. Foi este o texto que foi perpetuado na história.

⁷¹ VILLORO, Luis. *Op.cit.*, p.82.

⁷² Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

⁷³ PEREA, Héctor. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

⁷⁴ O’GORMAN, Edmundo(org.). “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Servando Teresa de Mier, Obras completas, I, el heterodoxo guadalupano*. México, UNAM, 1981. Nueva Biblioteca Mexicana, 81. p.34.

Com quase trinta anos de idade, o dominicano já usufruía da grande fama como pregador. No dia da festa de Nossa Senhora de Guadalupe, Mier foi convidado a pregar diante dos dignatários da Nova Espanha, entre eles o vice-rei, o Marquês de Branciforte, e o Arcebispo Alonso Nuñez de Haro, que se haviam reunido em Tepeyac para prestar homenagem à padroeira da Nova Espanha. Como já foi dito, um mês antes de sermão servandino, Juan Batista de Muñoz nega a aparição diante da Real Academia de História de Madri. Mier, ao contrário, faz valer suas idéias na Nova Espanha. Os aplausos a Muñoz e a perseguição desencadeada a Mier dariam uma mostra palpável dos novos ventos que sopravam.

É preciso retroceder ao período da elaboração do SG e reconhecer a indisfarçável contribuição de José Ignacio Borunda, advogado da Real Academia do México e fantasioso erudito sobre as antiguidades mexicanas, cujo estudo de Athanasius Kircher o havia conduzido a ler os hieróglifos inscritos nas pedras astecas com o sentido de que encarnavam uma filosofia antiga em que, indiscutivelmente, estava revelada a fundação de Tenochtitlán por São Tomé. Frei Servando havia entrado em contato com o velho jurista por meio de Mateos Teresa de Mier, um parente dominicano. Mier declara em suas *Memorias*, que conheceu a hipótese levantada por Borunda apenas dez dias antes do SG. A tese do advogado, sem fundamentos científicos, repetia apenas idéias correntes, mas não declaradas de maneira formal. A pronta aceitação por parte de Mier indica que provavelmente já eram conhecidos do frei os trabalhos de Singüenza y Góngora, ao concordar com a identificação de São Tomé com Quetzacoátl. Além disso, Mier expressa as idéias de Borunda, autor da *Clave general de los jeroglíficos mexicanos*, para uma interpretação simbólica dos códigos, introduzindo Cristo, a Virgem e várias figuras cristãs no panteão da religião mexicana.

Segundo Borunda, os argumentos não contradiriam o corpo da lenda. Apenas a pintura correspondia a tempos muito mais antigos do que se havia pensado e estava pintada em uma vestimenta que não era a capa de Juan Diego, mas sim a capa de São Tomé, que a deu aos índios como símbolo de fé e como prova de um cristianismo primitivo. Borunda entendia a capa como um hieróglifo mexicano, que seria redescoberta por Juan Diego, para que fosse levada em presença do bispo Zumárraga. Frei Servando recolhe as informações de Borunda sem aprofundar a pesquisa, confiando apenas nos estudos do advogado e lança as novas idéias em um evento de grande porte do vice-reino. Em 1820, Mier afirma: “Lo que yo prediqué fue que la América, no más pecadora que el resto del mundo, entró también en el plan de la redención del género humano”⁷⁵.

Mier principia sua pregação discurso comparando a congregação com o clero, a nobreza e os magistrados de Israel, que haviam orado no templo de Jerusalém, e saúda a imagem de Maria como a nova e melhor Arca da Aliança do Senhor e de sua mãe com o povo escolhido, a nação

⁷⁵ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p. 07.

privilegiada e terna prole de Maria, os americanos. Declarou as recentes escavações efetuadas na praça principal mais preciosas que Herculano e Pompéia, pois haviam projetado uma nova luz sobre a história antiga do México, saudando a Pedra do Sol como a jóia mais valiosa que todo o ouro das Índias. Mier escreve em resposta à demanda de Carlos III à Real Academia de História sobre investigações da verdadeira história da Nova Espanha. Ele afirma que, apesar de Torquemada e Boturini, os historiadores oficiais, não havia ainda uma interpretação profunda das fábulas e tradições nacionais; muito menos Becerra Tanco, melhor intérprete da língua mexicana, não conheceu o sentido figurado e parabólico das alegorias nacionais. Em consequência, a verdadeira tradição dos índios sobre Nossa Senhora de Guadalupe sequer foi percebida e as interpretações estariam cheias de equívocos.

Seguindo a pregação de Santo Agostinho sobre a busca da verdade das línguas, Mier assegura a peculiaridade da língua mexicana, que tão sublime como o latim, abundante como o grego e cheia sentidos figurados como o hebraico, pouco foi profundamente compreendido. Para isso lança quatro proposições para corrigir os sábios:

- i) A imagem de Guadalupe não está pintada no manto de Juan Diego, mas sim na capa de São Tomé, apóstolo do reino.
- ii) Há mil setecentos e cinquenta anos, a imagem de Guadalupe já era célebre e adorada pelos índios, já cristãos, na serra de Tenayuca onde São Tomé erigiu um templo dedicado a ela.
- iii) Muito cedo, índios apóstatas da religião católica maltrataram a imagem e São Tomé a escondeu, até que dez anos depois da conquista, a Rainha dos Céus apareceu a Juan Diego pedindo um templo e entregou sua antiga imagem ao índio para que esse levasse à presença do Bispo Zumárraga.
- iv) A imagem de Guadalupe é pintura dos princípios do primeiro século da Igreja, mas assim como sua conservação, seu pincel é superior a toda indústria humana, como sendo a própria Virgem que se estampou no tecido, ainda vivendo em carne mortal como comprovação da sua existência sagrada.

Mier sustenta suas idéias com base nas tradições bíblicas:

“Especialmente ese peñasco que está en el patio de nuestra universidad, y que instruye completamente la ruina de la antigua capital de los indios en el terremoto de la muerte de Jesucristo y la fundación de México cuatrocientos años después y aun es todavía más interesante ese otro peñasco que está al pie de la nueva torre de catedral, y contiene el verdadero *teomoxtli* o libro de Dios. [...] Consta de este monumento que los indios mexicanos son la décima generación que trabajaba en la torre de Babel, y la terciadécima de

Noé pobladores de este reino por los años del mundo 2190. De la misma piedra consta que vino a predicarles Santo Tomás cinco años después, y nadie dude que es el verdadero Ixtlicoechauac que Boturini tomó por un señor de Tula que hizo una junta de sabios para arreglar la cronología. No es otra cosa que la universal la que contiene el peñasco de la torre de catedral, y que no puede menos que ser del tiempo de Santo Tomás, porque los indios bien podrían por el eclipse y terremoto fijar la data de la muerte del Salvador, que es la era regional de los indios, y que como tal ocupa el centro de la piedra a quien sirve de tema”⁷⁶.

Frei Servando adverte que a alegoria de Quetzacoátl é literalmente a história do apóstolo:

“Quetzacoátl era hombre blanco, crecido de cuerpo, frente ancha, ojos grandes, cabellos negros, barba grande y redonda: es puntualmente la fisionomia de Santo Tomás; hacía penitencia, se levantaba a media noche, era castísimo, no admitía sacrificios sangrientos de hombres ni animales sino sólo de pan, flores y perfumes, prohibía guerras y otros daños: ésta es la ley de Jesucristo. [...] Torquemada prosigue a decir que se oía su voz en cien leguas, que sanaba a los enfermos, que enseñó a los indios a labrar oro y plata, esto es, los vasos y ornamentos sagrados, hasta que un viejo llamado Titlacahua le dio una bebida que lo hizo llorar mucho amargamente y determinó a marcharse. *Titlacahua* quiere decir *somos dueños de esclavos*”⁷⁷.

Mier se utiliza da língua mexica para fazer traduções que se adaptassem a significações bíblicas, modelando, dessa maneira, uma estrutura interpretativa que harmoniza o universo indígena e a cultura católica, como reflexos de uma mesma imagem, como por exemplo o nome de Cristo, Huitzilopochtli, significa “senhor dos espinhos”, Tomatl seria “água de Tomé”. Dessa maneira, a interpretação lingüística surge em Mier como uma novidade para demonstrar a identidade das crenças de mexicanos e cristãos, promovendo uma assimilação pura e simples do politeísmo ao cristianismo.

Acerca da primeira proposição, frei Servando afirma que Quetzacoátl, antes de evadir-se em direção ao sol, isto é, de ir pregar nas Índias Orientais como São Tomé, teria dito aos indígenas que outros iguais ele, semelhantes em religião e raça, viriam dominá-los e ensiná-los outra vez, confirmando a profecia repetida por Montezuma a Cortez. Mier diz seguir a antiga tradição, pois a versão original dos índios não é de que Nossa Senhora tenha aparecido na capa de Juan Diego e

⁷⁶ TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

⁷⁷ *Idem*.

sim, que a imagem antes escondida pelo apóstolo, por medo da apostasia indígena, foi redescoberta pelo índio. Mier confirma sua teoria pela total ausência de documentos sobre a aparição de 1531 em estudiosos como Torquemada e Bernal Diaz, que escreveram sobre o templo dedicado à Virgem, mas não sobre o milagre ocorrido. Mier não aprofunda nesse sermão explicações mais convincentes sobre o que afirma.

Com relação à segunda proposição, Mier pretende comprovar que São Tomé esteve na serra de Tenayuca, ensinou as principais doutrinas da fé cristã e que lá erigiu um templo a Nossa Senhora, que há muito era adorada e celebrada pelos índios com o nome de Tonatzin. O santo teria deixado muitas provas disso, mas os espanhóis por ignorância radical dos idiomas nacionais confundiram todas as tradições indígenas. Os colonizadores teriam inventado um templo dedicado a uma deusa, mãe dos deuses, em que se sacrificavam crianças. Porém, Mier questiona onde estaria esse templo já que do tempo da conquista não há relatos espanhóis sobre sua existência.

O frei conta que, na verdade, houve um templo na era de São Tomé, destruído pelos indígenas apóstatas. Este templo era de Maria, pois Tenayuca significa “a mãe que está na serra”, e Tonantzin quer dizer “a mãe que está na serra é a mãe de Deus”. Segundo Mier, o sacrifício de crianças foi invenção do diabo em vingança à educação cristã que o santo dava aos filhos dos indígenas e que nada tinha a ver com o cristianismo primitivo. A pintura se provaria pela razão de que diferentes historiadores dão à alegoria a deusa Tonantzin outros nomes como Matlalcueye ou Chalchiutlicue que significavam respectivamente “seu vestido é azul” e “mulher de túnica branca de ouro”. O indígena não poderia pronunciar a palavra Guadalupe porque na língua mexicana não existe “G” nem “D”, na época pronunciavam tequataloupe, que queria dizer “a que teve origem ou começou no topo da serra”.

Na terceira proposição argúi que, por medo do maltrato que os índios apóstatas fizeram à imagem, São Tomé a escondeu. Este, conhecido pelos índios como Quezacoátl, foi enganado por um chefe indígena, Titlacahua, e, decepcionado, vai embora em razão dos maltratos à imagem de Nossa Senhora. São Tomé, quando se foi, queimou todas as peças fabricadas em ouro e prata, ou seja, os ornamentos sagrados do cristianismo primitivo, para que os índios não os profanassem e escondeu outras coisas muito preciosas como imagens e cruzes que até hoje existem na Nova Espanha. É provável que São Tomé tenha predito a vinda dos espanhóis, visto que os índios já os aguardavam e também a vinda de uma deusa chamada Tonacayoua, que significava “a mãe do verbo encarnado entre nós” –, esta que não admitiria sacrifícios humanos e que os libertaria dos sacrifícios sangrentos.

Como resultado das proposições anteriores, na quarta e última hipótese, Mier sustenta a idéia de que a imagem de Nossa Senhora é pintura do primeiro século da Igreja, ainda que sua indústria seja superior a qualquer realização humana. O frei parte então para a análise iconográfica,

revelando significados secretos, como por exemplo, a presença do número oito ao pé da imagem, que, ao contrário da análise de pintores estudiosos, representaria não a oitava maravilha, mas sim que seria um caracter sírio-caldeu, o idioma nativo em que falavam e escreviam os apóstolos. Logo, a imagem é do tempo de São Tomé, pois é a mesma letra que aparece na cruz feita de mármore descoberta numa ermida em que foi encontrado seu corpo, perto de Meliapor. Mier afirma que por o idioma sírio-caldeu possuir muitos significados para um só caracter, ele mesmo não atinaria ingenuamente com o que poderia significar.

Ao analisar a túnica, a cauda do vestido que flui sobre os pés da imagem, o mexicano afirma serem os rolos largos de escrituras, que somados ao caracter sírio-caldeu, representariam as escrituras do tempo de São Tomé. O diamante no peito em forma de cruz representa tanto sua firmeza, como a pureza da Igreja. Para Mier, ainda não é tempo de desvendar a imagem, que, no entanto, teria sido feita de molde natural, pois São Tomé teria estado na América cinco anos após a morte de Jesus e a imagem teria tido o molde vivo da mãe de Deus. Portanto, a pintura seria superior ao trabalho humano, sendo notório o alto grau de preservação. Os espanhóis não poderiam pintar uma imagem que está traçada nos mais sublimes frasismos de uma língua que ignoravam, bem como os índios também não poderiam compreender tantos mistérios. Em razão disso, Mier se coloca na postura de estar ali para decifrar o enigma.

Para o frei, o gesto e o colo de Nossa Senhora representam que é virgem antes, durante e depois do parto e que viveria para receber as súplicas, representada em suas mãos. Nossa Senhora não tem filho porque representaria a encarnação, tendo a idade entre 14 e 15 anos segundo o pintor Cabrera e pelo relato de Juan Diego que a chamava de criança muito amada. O ventre avantajado significaria que o verbo a ocupa, sendo confirmado pelo cingulo com que está cingida. Por pisar na lua negra, expressaria o momento da morte de Jesus e o castigo aos índios apóstatas com o terremoto que submergiu a antiga capital dos índios, em razão da vida imoral. Nossa Senhora pisa no pé de agave para advertir os índios e relembrar o bom uso das vestiduras. A cor morena do rosto de Nossa Senhora simbolizava a encarnação e a paixão de Cristo e a posição do rosto, à esquerda de quem a olhe, representava a honestidade das virgens. Se Juan Diego viu a mulher vestida de sol, como aquela falada no Apocalipse de João, Mier não se chega a se atrever a decifrar todos os mistérios que contém a Sagrada Escritura, chamando apenas a atenção para a importância do México como lugar único a ter esse tipo de sorte, como se fosse uma nova terra prometida. Apesar de não exaltar o milagre da aparição, a idéia de nação mexicana como povo eleito, como a Jerusalém americana, não foi descartada pelo autor.

Mier finda seu discurso com uma evocação a Nossa Senhora, clamando proteção contra a França, no momento em que essa atacava o povo de Deus: que ela não permitisse que triunfassem também no território americano. Chama-a de Tonantzin, e se refere à Virgem com outras

denominações indígenas, pedindo-lhe que pudessem os espanhóis triunfar para lhe restituir o culto em território francês. Para o frei, o sermão guarda em si uma série de apontamentos mais compreensíveis pelo vulgo, provando as alegorias da história dos índios, que tanto foi interpretada pelos mais célebres autores. Por tudo o que foi dito, no seu sermão não sobrariam argumentos àqueles negavam as aparições e a glória nacional.

4.1 Sermão Guadalupano – símbolo da autonomia espiritual mexicana

O que se pode concluir do SG de frei Servando é que constitui uma declaração pública da autonomia espiritual do México. Se a Espanha tinha São Tiago e Nossa Senhora do Pilar, o México tinha São Tomé e Nossa Senhora de Guadalupe. O célebre escritor, humanista e diplomata Alfonso Reyes descreveu o sermão guadalupano como “audaz, un disparate teológico, debajo del cual se adivinaba claramente la intención separatista”⁷⁸. Portanto, a pregação não nega a ordem metafísica imposta pela Igreja católica, mas rechaça implicitamente a ideologia superestrutural que a sustenta, a exploração colonial realizada pela monarquia espanhola. Pode-se perceber, porém, que esse documento não aprofunda explicações sobre nenhuma das proposições; todas as idéias são lançadas sem que o frei se detenha em nenhum dos pontos de forma mais minuciosa.

Somente na *Apología*, texto que engloba suas *Memórias*, escrita entre os anos de 1817 e 1820, Mier tentaria preencher as lacunas deixadas pelo sermão, dotando as informações de maior rigor analítico. Na *Apología*, as principais razões da feitura do discurso seriam expressas, como a principal delas, a glória da pátria. Por tratar-se de uma obra que busca explicar as causas do SG anos após pregação de 1794, o texto possui uma visão autonomista intensificada. Essa intenção talvez não estivesse tão definida na mente de um Mier que ainda não havia sofrido as agruras da perseguição inquisitorial e que não se havia defrontado abertamente com as descobertas intelectuais da Ilustração. Segundo o dominicano, o sermão teria sido um discurso perfeito que fazia honra à América, por isso a repressão foi tão exagerada, como a todo americano que se sobressaísse, como foi seu caso.

Resta do sermão uma impressão clara de que foi produzido para provocar uma reação na platéia que o escutava, com o intuito de revelar uma verdade há muito oculta. Não se pode falar, contudo, em uma postura conscientemente autonomista ou de uma idéia insurgente convicta. Pode-se, sim, depreender um princípio de indagação da situação americana, ao ressaltar a religiosidade indígena pré-cortesiana, sendo o final do sermão, em que pede à Virgem proteção aos espanhóis, apenas um recurso de retórica para abrandar as idéias projetadas pelo discurso. Mier nega a

⁷⁸ REYES, Alfonso. *Obras completas de Alfonso Reyes*. v. III. México: Letras mexicanas/ Fondo de Cultura Económica, 1980. p. 433.

aparição, mas não o caráter milagroso do manto ou nem condena a devoção guadalupana; tem somente o desejo de melhor consolidar os alicerces sobre os quais a tradição se embasava.

A impressão que se tem, ao ler o texto de frei Servando, é de uma certa atemporalidade, como São Tomé não tivesse pregado no tempo tão distante em que viveram os apóstolos, mas sim, num tempo próximo à conquista espanhola, pois a presença do santo ainda podia ser sentida com facilidade, o que não justificaria a possessão e destruição dos povos indígenas pelos europeus. Tudo que no passado anterior a conquista poderia elevar os índios a categoria de povo eleito ou fazer dos americanos o mesmo, deveria ser apagado. Isso talvez explique os seqüestros dos escritos e a perseguição de Mier, acusado de heresia, mas temido pelo seu comprometimento com o patriotismo mexicano. Como bem observa Lafaye, cientificamente as teorias de Mier não resistem ao exame da razão. Ele expressava, porém, um universo mental de seus antecessores, de monges e missionários cuja interpretação coincidia com o seu sistema de mundo⁷⁹.

Um ponto a ser melhor explicitado é o fato de como um sermão tão curto e vago, carente de explicações mais extensas, foi apto a mobilizar tamanha reação das autoridades e de causar tal impacto na população que o ouviu pela primeira vez. Conforme foi mencionado acima, as probabilidades de não corresponderem exatamente ao sermão de 1794 são grandes, todavia, cabe ao historiador a tentativa de reconstruir o objeto de estudo com a provável visão de um coetâneo, ou seja, o esforço de se enxergar com os olhos de um indivíduo do tempo e geração aos quais frei Servando pertencia e, dessa forma, compreender melhor as razões do forte impacto social.

Por se tratar de uma sociedade fortemente católica, em que a presença da Igreja sempre conduziu as orientações coletivas, falar-se em miscigenação cultural e transposição de imaginários de maneira aberta, expressando uma clara crítica aos métodos de conversão espiritual católicos empregados na conquista em contraste com a pregação de São Tomé, pautada na persuasão lascasiana, foi algo ousado e engenhoso na argumentação servandina. Mier retoma o discurso apologético e o tom bíblico tão presente nas obras de Las Casas, ao ressaltar o valor da sociedade indígena em busca da fundação de uma nova Igreja nas Américas, depurada dos vícios e corrupções daquela herdada pelos europeus, bem como numa evangelização embasada no convencimento e no amor, e não na violência degenerada que se seguiu contra os povos indígenas.

Sendo ainda o passado indígena visto como heresia e degeneração, associá-lo ao mundo supostamente civilizado trazido pelo catolicismo espanhol não passava de sandice aos olhos dos contemporâneos de frei Servando. O que pareceu herético foi a postura “antiaparicionista” do dominicano, ao pôr por terra os principais aspectos da tradição piedosa, indo contra tudo o que os apologistas de Guadalupe se esforçavam em apresentar como manifestações sobrenaturais. Adotando esse raciocínio, frei Servando expressa a mentalidade de uma Igreja renovada, baseada

⁷⁹ LAFAYE, Jacques. *Op.cit.*, p.278.

em fundamentos racionais, pelo encontro de provas, para melhor expressar uma religião de cunho patriótico.

O ideário de Mier se adequa perfeitamente à fase indigenista do processo de autonomia americano, corrente essa muito presente na história intelectual mexicana. Segundo Villoro, ao negar o passado da conquista, o *criollo* parte em busca de si próprio. Para esse autor, os movimentos mais profundos da existência humana vinculariam extremos opostos, a negação de si mesmo seria um passo para o próprio descobrimento⁸⁰. Por isso, a revalorização de um tempo pré-cortesiano, desenterrando papéis da inteligência *criolla* como Singüenza y Góngora, bem como a intenção de livrar os indígenas da pecha de barbárie, ao converter os fiéis de Quetzacoátl em discípulos cristãos, evidencia o alto grau de complexidade e refinamento social das sociedades indígenas ao tempo da conquista. Como expressa Villoro, os *criollos* sentem que sua época coincide com aquela antes da chegada dos espanhóis, ambas se queriam limpas do lapso colonial. Os *criollos* surgiriam como herdeiros do império asteca, ocupando o mesmo trono, unidos pelo desejo de criar uma sociedade que poderia ter existido sem Cortez.

A pesquisadora francesa Denise Jodelet, coordenadora do Projeto Regional de Intercâmbios entre França, América Latina e Caribe da Casa de Ciências do Homem em Paris, contribui para essa análise quando diz que sendo a novidade incontornável – no caso, a religião cristã no período colombiano –, à ação de evitar a dominação exterior seguiu-se um trabalho de ancoragem, por meio do símbolo máximo mexicano, com o objetivo de acender uma noção de identidade muito anterior à conquista, tornando-a familiar e integrando-a num universo de pensamento pré-existente; partilhar essa idéia serviria à afirmação simbólica de uma unidade. Portanto, as representações sociais seriam socialmente elaboradas com o objetivo de construir uma verdade comum, elas também são produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade⁸¹. Mier evoca assim, a memória social, buscando nos signos de autocompreensão da sociedade, meios de interpretá-la sobre um novo olhar.

Por trás do criticismo histórico, novas cores traduziam um criticismo *criollo* em relação à sua própria condição política. Nisso reside a originalidade do texto servandino, ao buscar reunir em um só caminho a emancipação espiritual e a liberdade política americana. Ao buscar a origem de uma evangelização muito anterior à presença espanhola, uma espécie de cristianismo autóctone, Mier descarta a cristianização da Espanha como principal missão desse reinado no Novo Mundo. A dupla hipótese de Mier varria o direito de conquista dos espanhóis, ao mesmo tempo em que reconhecia a graça e especialidade mexicanas.

⁸⁰ VILLORO, Luis. *Op.cit.*, p.154.

⁸¹ JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: Denise Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.22-23, 34-35.

Na *Apología*, Frei Servando alude que desde criança essa história era conhecida e divulgada na elite *criolla*: “No extrañé esta predicación que desde niño aprendí de la boca de mi sabio padre. Cuanto he estudiado después me ha confirmado en ella, y creo que no hay americano instruido que la ignore, o que la dude”⁸². A principal reivindicação de Mier era de igualdade sobrenatural entre México e Espanha: “Vi que la patria se aseguraba de un apóstol, gloria que todas las naciones apetecen, y especialmente España, que, siendo un puño de tierra, no se contenta menos que con tres apóstoles – Santiago, San Pablo y San Pedro”⁸³. Mier percebeu as virtudes sociais e políticas que o México teria se tivesse um apóstolo plenamente mexicano.

Após o Sermão, Frei Servando sofre as duras penas de um processo iniciado pelo Tribunal Inquisitorial. O sacerdote, assim como Boturini, foi vítima da devoção guadalupanista, pois sentiu a mesma fragilidade na tradição e buscou apoiá-la com o passado indígena, porém a tentativa de explicação racional, assim como para o italiano, teve um resultado devastador em sua vida. A confiscação de sua biblioteca, sua condenação e sua expatriação para a Espanha são responsáveis por uma intensa metamorfose intelectual do dominicano. Na *Apología*, o milagre guadalupano é visto sem inocência: a aparição não passa de uma fábula. O frei foi perseguido e condenado por ter agido contra a ortodoxia da fé guadalupanista mexicana. A partir desse sermão, a vida do mexicano se converteria, nas palavras de Villoro, de um drama pessoal, em negócio coletivo. Mier apenas acendeu o fósforo, sem ter amplitude da fogueira que instigava.

⁸² TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.05.

⁸³ *Ibidem*, p.97.

2. Capítulo: A insurgência letrada – os anos revolucionários de Mier

Agora o frade estava perto do frade. Tinham chegado ao ponto em que se deviam fundir em um só. Estavam às escuras, porque o espermacete da vela já fazia tempo se derretera e evaporara. Tamanho era o calor. O frade aproximou-se do frade e ambos sentiram uma chama que quase os estava traspassando. O frade afastou uma mão. E o frade também a afastou. De maneira que ambas as mãos ficaram no mesmo lugar. “Que horrível o calor”, disseram as duas vozes ao mesmo tempo. Mas já eram uma.
Reinaldo Arenas, *O mundo alucinante*, capítulo X.

1. Rota Servandina entre 1795 e 1821

Para se ter uma noção mais precisa da reviravolta ocorrida da vida de frei Servando Teresa de Mier, após a pregação do Sermão de dezembro de 1794, e da mudança substancial do seu discurso e da sua mentalidade, observável nos textos a serem analisados neste capítulo, é preciso recorrer às *Memorias*, em que narra a seqüência do sucedido com ele entre os anos de 1795 e 1821, cuja análise mais detida, contudo, fica reservada ao quarto e último capítulo. Por ser um período de tempo vivido intensamente pelo pensador, esses vinte e seis anos serão estudados de forma mais detalhada, pois se trata da sua fase mais produtiva, da escrita de caráter revolucionário – por ter assumido publicamente sua posição insurgente – e da sua própria tomada de consciência como guia moral das nações que surgiam. Como conselheiro privilegiado, que percorria lugares e mantinha contatos intelectuais, suas observações contribuem profundamente para a formação do corpo de idéias hispano-americano e para orientação das organizações civis mexicanas após o processo de independência.

Para melhor compreensão da vida e obra de Mier, esse capítulo analisa na primeira parte os caminhos percorridos, as experiências e os encontros intelectuais vividos pelo dominicano em sua peregrinação pela Europa e Estados Unidos até o retorno ao México. A segunda parte visa a exposição do conteúdo e o conseqüente estudo das obras escritas pelo mexicano durante o período selecionado, caracterizado pela historiografia como revolucionário, em razão do foco temático dos documentos se referir aos anos de luta pela autonomia política hispano-americana.

1.1 Reações ao Sermão Guadalupano

Ao final do século XVIII, o Sermão foi visto como um exemplo inaceitável de espírito crítico que caracterizava a Ilustração que despontava no horizonte mexicano. De acordo com Héctor Perea, o que a Igreja menos buscava era o questionamento das tradições piedosas, cimentos da fé católica que sustentavam também a monarquia espanhola. Por detrás de tamanho criticismo histórico por parte de frei Servando, se escondia a auto-afirmação do *criollo* frente ao espanhol⁸⁴. A imediata reação contra o discurso deveu-se à ordem do arcebispo Nuñez de Haro para que se pregasse nominalmente contra o dominicano em todas as igrejas da capital mexicana, com base na acusação de ele haver negado a tradição

⁸⁴ PEREA, Héctor. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

de Nossa Senhora de Guadalupe e com vistas a manter intacta a tradição. Pode-se imaginar a rapidez com que se alastrou tal comando por se tratar do período em que se celebra grande número de festas em homenagem a Nossa Senhora e ao milagre de 1531. Os ataques foram simultâneos e acalorados, o que ensejou um escândalo de grandes proporções. Se frei Servando não pereceu vítima da indignação popular foi pela prudência de se manter recluso em seu convento.

Um édito contra o dominicano foi publicado na arquidiocese pelo arcebispo Nuñez de Haro sem consulta prévia da Colegiata de Guadalupe, principal interessada no ocorrido. O caso manifestava uma irregularidade legal, pois a parte agravada não havia levantado nenhuma querela. Pouco tempo teria durado essa situação, pois o influente e erudito padre Patrício Fernandez de Uribe (1742 - 1796) da Catedral Metropolitana, dirigiu-se à Colegiata no intuito de convencê-la do mal pregado pelo dominicano. Uribe passa a defender o guadalupanismo mais tradicional e se torna o censor oficial do Sermão. Nos dias seguintes, foi aberto um processo inquisitorial e um processo ordinário contra Mier. Segundo ele revela na *Apología*, havia entregado ingenuamente o rascunho da pregação ao seu confrade superior, sem se atentar para a maldade que se operava contra ele, pois a partir daquele instante, foi-lhe imposta a suspensão para pregar.

Frei Servando conta que teve o apoio dos confrades, que afirmavam que era notória a antipatia nutrida pelo arcebispo Haro contra os *criollos* e suas glórias. Tal indício era suficiente para demonstrar que os eclesiásticos não acreditavam que se houvesse negado a tradição e nem que o sermão possuísse coisa digna de censura ou nota teológica. Como ele conta:

“Es verdad que añadí una u otra especie, para exaltar, como ya dije, la patria y la imagen, y suprimí algunas circunstancias, tampoco admitidas por la Congregación de Ritos, no esencial a la tradición, y necesaria en mi juicio de omitir, para salvar la tradición de dificultades insuperables [...] Está claro que mi intento era sólo excitar una discusión literaria para afianzar mejor la tradición, y que mientras, presentaba yo el medio que me parecía conducente”⁸⁵.

O prior do convento em que vivia pediu a chave da sua cela, o que caracterizava sua prisão oficial. Contudo, segundo as constituições e o direito canônico, a nenhum religioso se poderia prender sem ter sido ouvido e sem prévio processo na ordem de origem, que tenha resultado plena ou semiplena a prova, e muito menos encarcerar um religioso de distinção sobre o qual não recaía suspeita de fuga. A primeira atitude do dominicano foi a de escrever ao provincial, com base em bulas pontifícias que versavam sobre os privilégios dos membros da ordem dominicana, das quais constavam que nem mesmo os delitos cometidos fora do claustro os sujeitavam a uma jurisdição ordinária. Foi proibida ainda qualquer

⁸⁵ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. México: Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.13.

comunicação com ele, assim como foram lhe retirados livros, papéis e tinteiros, bem como lhe era proibido andar sem sentinelas.

Mier é, então, aconselhado a pedir uma submissão – pedido de desculpas formal dentro de um organismo religioso–, pois, somente nesse caso, teria proteção da ordem. Ele teria feito duas submissões que não agradaram às autoridades, pois era aconselhado a expor onde havia errado e pedir humildemente perdão, ao que frei Servando teria dito que faria somente por não agüentar mais os vinte dias que passou na prisão, sem contar os quinze dias anteriores de reclusão voluntária. Essa informação adicional foi responsável por anular a retratação e ensejar uma reação governamental mais enérgica. Como resultado do ditame, obteve-se a absolvição de Ignácio Borunda, que sabiamente havia transferido toda a responsabilidade do sermão para Mier, e a devida condenação deste.

Traído pelo advogado e personificando em si mesmo a vida de um homem santo, um apóstolo da independência, Frei Servando expõe as datas dos eventos mais importantes da sua vida de acordo com o calendário dos dias santos. Pois, por exemplo, foi na sexta-feira da Paixão do ano de 1795, que o dominicano é condenado a dez anos de desterro na península e reclusão no convento de Las Caldas. Foi-lhe ainda aplicada a perpétua inabilitação para todo ensino público em cátedra, púlpito ou confessionário, sendo suprimido o título de doutor que tinha por autoridade pontifícia e régia, em virtude da sentença. Mier teria saído do México no domingo de Ramos, quando soldados vieram buscá-lo à meia-noite e enviado a Veracruz, para o castelo de San Juan Ulúa, forte que funcionava como prisão para aqueles prisioneiros que seriam encaminhados para a Europa⁸⁶. Lá, permaneceria durante dois meses até ser enviado para Madri, 08 dias antes da festa litúrgica do *Corpus Christi*.

1.2 A chegada ao Velho Mundo

Após cinqüenta dias de viagem, chega frei Servando a Cádiz, onde já o aguardava uma ordem real na Audiência. Juan Bautista Muñoz, oficial da Secretaria das Índias e autor de outra já referida dissertação sobre Guadalupe, recomenda o frei ao ministro de Graça e de Justiça, Eugenio de Llaguno y Amírola. A Mier não cabia outra opção que a da via reservada, isto é, uma audiência com o rei que dependia dos conhecidos *covachuelos*⁸⁷. A sua demanda de ser ouvido no Conselho das Índias tem como

⁸⁶ Clara alusão à passagem bíblica em que Jesus Cristo, também à meia-noite, no chamado domingo de Ramos, foi levado preso pela milícia judaica e conduzido ao sinédrio, onde a partir de então deveria se cumprir o destino descrito nas escrituras. BÍBLIA, Novo Testamento. Evangelho de São Lucas. Português. Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1975. Cap. 22, vers. 54.

⁸⁷ Expressão do século XVIII usada para designar a classe de burocratas, conselheiros e agentes das cortes, com atributos políticos e administrativos, que intermediavam e se interpunham na relação direta entre rei e súditos. Eles eram chamados de *covachuelos* por suas secretarias serem localizadas

resposta oficial a de que, primeiro, se obedecesse ao arcebispo, depois fosse ao Convento de Las Caldas e que, somente após dois anos, se rerepresentasse a pretensão. A fúria de Mier se dirigia nesse momento contra Francisco Antonio León, alto funcionário do Conselho das Índias, por quem as lides vindas do Novo Mundo deveriam passar e quem, segundo o pensador dominicano, estaria de conluio com as autoridades do vice-reino da Nova Espanha para a fim de que desse prosseguimento na metrópole à perseguição de que se sentia vítima.

Recluso em Las Caldas, o abuso de poder dos provinciais responsáveis por sua detenção conduz o sacerdote à primeira fuga, quando descobre que as cartas que enviava ao conselho e a Madri eram abertas e não alcançavam seu destino. O mexicano percebeu que não havia outro remédio contra sua perseguição senão aquilo que Jesus Cristo havia aconselhado aos seus discípulos: *cum persecuti fuerint vos in hac civitate, fugite in aliam*⁸⁸. Porém, por não conhecer a região e nem os caminhos, é enganado por um paisano a quem pediu ajuda e, dessa maneira, foi reconduzido ao convento. Dessa fuga, Frei Servando é encaminhado ao convento de San Pablo de Burgos, aonde chegou uma semana antes do Domingo de Ramos, um ano após ter saído do México. O prior de Burgos ao ver os papéis que o trouxeram a Las Caldas, compreendeu o arbítrio da prisão e concedeu ao dominicano maior liberdade no convento, onde foi possível estabelecer boas trocas culturais e ter bom trato, segundo ele mesmo conta:

“Toda la nobleza, o como llaman, los primos de Burgos, que se creen la primera de España, me visitó; los eclesiásticos franceses emigrados de que estaba llena la ciudad, me dieron mucho crédito de literatura; y como yo por divertirme diese lecciones de elocuencia a los jóvenes que venían de las Universidades a vacaciones, adquirí tanta fama, que se me consultaba en todo asunto literario”⁸⁹.

É Gaspar Melchor de Jovellanos quem sucede a Llaguno como ministro de Graça e de Justiça, e por possuir amigos em Burgos que conheciam ao ministro, Mier foi a ele recomendado, travando-se assim o encontro entre ambos. Entretanto, a intervenção de Jovellanos não foi suficiente para auxiliar o dominicano em seu processo. Embora estabeleça com o asturiano uma boa troca cultural, visto que Mier absorveria do então ministro bases que construiriam seu próprio arsenal teórico, poucas linhas são dedicadas a esse encontro nas *Memorias*. Ao ser enviado para Madri, frei Servando foi ouvido por *covachuelos*, que analisaram seu caso, sem ter a possibilidade de uma audiência reservada com o rei.

Em 1797, ainda em Madri, o dominicano reclama da sentença de Haro ao Conselho das Índias, que avoca o conhecimento da causa e pede que um ditame histórico e teológico seja realizado sobre o SG. Recluso no convento, Mier escreve a defesa do sermão para apresentar perante o Conselho, justificando a

nas covas (*covachas*) e reentrâncias do palácio real.

⁸⁸ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946.p. 230.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 233-234.

sua tese e revelando toda injustiça empreendida contra ele. Em 1799, sua causa é aprovada pela Real Academia de História e a perseguição governamental é condenada pelos estudiosos, que não enxergaram motivo de heresia manifesta em seu sermão. O contato com a intelectualidade ilustrada e cética, como a espanhola, faria com que Mier se contagiasse desse espírito. Além disso, o Conselho fiscal também reconhecia e apoiava o ditame da Academia e pedia indenização para Mier.

Tal conselho ordenou ao prior do dominicano que o provesse dos recursos necessários para sua manutenção em Madri. Frei Servando recolhe o dinheiro e se mantém oculto com ajuda de americanos; entretanto uma nova intriga envolvendo o seu nome teria sido realizada por León, quem informara ao Conselho que o mexicano tentara matar o ministro Caballero. Para salvar sua vida, Mier empreende uma nova fuga e parte para Burgos em uma mula, pois lá possuía amigos que poderiam enviar-lhe à França. Seu objetivo era chegar até o território francês, de onde partiria para Roma para se secularizar.

Por ter chegado a Burgos ocultamente, e por somente sair à noite, o comportamento do dominicano é visto como suspeito pelo hospedeiro da estalagem em que estava, o qual teria vasculhado seu quarto, encontrado a ordem para comparecer ao Conselho em Salamanca e avisado a milícia local. Mier é confinado em uma cela do convento de San Francisco e recebe a ordem de León para retornar a Las Caldas e cumprir a sentença original. Tamanha perseguição o motiva à nova fuga, como único recurso para provar sua inocência. O mexicano foge para Madri, onde tem muitos contatos e lá o informam que León espalhou requisitórias por toda Espanha contra ele e que, em Burgos, recolheu todos os seus pertences e escritos. Frei Servando recebe de seus amigos documentos falsos pertencentes a um certo Doutor Maniau e parte para Alcalá de Henares, onde sabia da existência de um francês contrabandista que ajudava a cruzar a fronteira para a França. Recorreu ao uso de maquiagem e disfarce que, segundo ele, o tornaram irreconhecível.

1.3 França e as novidades em matéria de pensamento

Frei Servando chega ao território francês em 1800, e se instala em Baiona, na sexta-feira da Paixão do ano de 1801. Sua entrada no país representava o confronto real, em sua própria postura de vida, entre duas tradições religiosas distintas e opostas, o anticlericalismo ilustrado francês e o modelo barroco espanhol. Esse choque representaria a pedra de toque para o questionamento do dominicano não apenas como clérigo, mas como pensador. Conforme a opinião de Víctor Barrera Enderle, o desterro de frei Servando respondia a um debate teológico, uma discussão intelectual, o qual propiciou que várias instâncias se fechassem para ele, porém, ao mesmo tempo elevou sua categoria de interlocutor, sendo isso pouco comum entre os americanos que visitavam a Europa⁹⁰.

⁹⁰ BARRERA ENDERLE, Víctor. Artigo: *La fuga como arte escritural: el grafocentrismo en las Memorias de fray Servando Teresa de Mier*. In: Revista Síncronia, outono de 2001. Disponível em: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/lafuga.htm>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

Sem ter como prover seu sustento, Mier, em suas andanças, conhece o bairro judeu e lá estabelece um contato profundo com a comunidade judaica. Ao ver do historiador e crítico literário mexicano Christopher Dominguéz, os judeus de Baiona representam uma ponte entre a lei de Moisés e a modernidade na vida do mexicano; por meio deles, o vilipendiano exegeta do Novo Testamento, se converte em um homem do século XVIII⁹¹. Todos os judeus da França e de quase toda Europa são espanhóis de origem, e em espanhol estava sua bíblia, suas práticas e orações. Além disso, sua ordem e prosperidade, ligadas estreitamente ao tráfico comercial na costa Atlântica, provariam que os judeus haviam se salvado da superstição e não voltariam a ser exterminados por motivos de consciência. Mier iniciou um debate intelectual, que visava à conversão doutrinária, onde supostamente teria convertido um rabino à religião cristã, refletindo os ideais da herança medieval espanhola. Segundo Dominguéz, Mier se transformou numa espécie de São Paulo moderno, sendo esse contato com os judeus uma das mais interessantes passagens da sua obra *Memorias*, embora muito se indague acerca da veracidade de tal encontro, como se verá no quarto capítulo.

Ainda em Baiona, o dominicano passa a viver da ajuda dos clérigos emigrados da Espanha, que o haviam ajudado também na sua transladação de Burgos a La Coruña e mantém contato com diversos tipos de intelectuais como o embaixador da Espanha em Paris, José Nicolás Azara (1730 - 1804) e do doutor Francisco Antonio Zea (1770 - 1822). Azara foi um personagem consistente da Ilustração espanhola, especialista em Garcilaso de La Vega, letrado na universidade de Huesca, agente de Carlos III na Corte pontifícia até 1765, ministro plenipotenciário da Espanha durante as campanhas italianas de Napoleão até se tornar embaixador de Paris.

Zea, entretanto, é o primeiro nome relacionado à independência americana com quem Mier trava contato. Nascido em Medellín, advogado, botânico e teólogo, Zea ensinava latim ao vice-rei quando foi implicado na conspiração de Antonio Nariño, em 1794. Todos os revolucionários colombianos foram processados e remetidos a Cádiz. Todavia, o caso do colombiano cai em mãos mais liberais que o de Mier, e por isso foi desterrado a Paris. Zea se reuniria posteriormente a Simón Bolívar (1783 - 1830) em Londres no ano de 1814, e o alcançaria no Haiti já como independentista. No seu retorno à Colômbia ele presidiria o Congresso e proclamaria a república, em 17 de dezembro de 1819. O botânico Zea se interpôs na vida de Mier como um autêntico representante da sua geração e como ponte ao futuro político do dominicano, pois foi também o responsável por introduzi-lo na literatura ateaista e proibida da época.

Uma outra ajuda providencial para o dominicano é a de José Sarea, conde de Gijón, natural de Quito e rico investidor de açúcar em Havana. Mier o incentiva a ir a Paris, onde o acompanha como intérprete, bem como serve de conselheiro financeiro diante dos aproveitadores franceses. No pouco tempo que estava na capital francesa, ocorre a chegada de Simón Rodríguez (1769 – 1854), filósofo e pedagogo venezuelano, que desterrado em razão de seus ideais políticos assumiu o nome de Samuel

⁹¹ DOMINGUÉZ, Christopher. Artigo: *Fray Servando entre los judios de Bayona*. Fractal n. 13, abril-junho, 1999, ano 03, v.IV, p.11-40. Disponível em: <http://fractal.com.mx/F13domin.html> Último acesso em 10 de julho de 2006.

Robinsón. Ambos travam amizade e abrem uma escola de língua espanhola, tão em voga, em razão da cessão de terras que Espanha concedia a Napoleão – como a ilha de Santo Domingo e a Louisiana. Também realizam a tradução do poema épico sobre a natureza americana de François-René de Chateaubriand (1768 - 1848), *Atala*, trabalho sobre o qual paira até hoje o enigma quanto ao verdadeiro tradutor. Mier não entra em detalhes sobre o tempo em que trabalhou com Rodríguez e expressa certo azedume ao lembrar as circunstâncias que envolveram o trabalho de tradução, como se verá em suas *Memorias*.

Rodríguez – conhecido futuramente como o mestre e mentor mais importante do Libertador das Américas, Simón Bolívar – era já um ideólogo da república, de princípios inflexíveis no que concernia a advogar em prol das nações ainda não estabelecidas. Conforme relato do historiador Reinaldo Villegas Astudillo, sua vida teria sido permeada por idéias revolucionárias, tendo vivido na Jamaica, nos Estados Unidos e finalmente na Europa⁹². Sua estadia no velho continente lhe teria permitido dominar os idiomas francês, italiano, alemão e português, bem como aprofundar seus estudos filosóficos, ao entrar em contato com as teorias revolucionárias que implantariam uma nova ordem política e social de largo alcance e que seriam amplamente absorvidas por seu mais ilustre aluno.

Uma dissertação de Mier sobre a existência de Cristo, em rebate a autores franceses que a negavam, é responsável por lhe granjear a Paróquia de São Tomé no centro da capital francesa. Dessa forma, dominicano conheceria a dimensão da difícil situação da Igreja católica após a Revolução de 1789 e questionaria a herança clerical espanhola. Em algumas passagens é perceptível não só o seu desconforto em seguir os ritos da tradição religiosa da península Ibérica, bem como seu encantamento com as novas formas de manifestação espiritual lançadas pela França. O clero católico francês estava em cisma, dividido em sacerdotes que juraram e não juraram à Constituição Civil do Clero, republicanos e realistas, jansenistas e jesuítas ou constitucionais e refratários. O exílio dos sacerdotes franceses na Espanha, após o período revolucionário, foi complicado tanto para os refratários, que fugiram desde 1792, como para aqueles que mesmo tendo jurado a Constituição Civil do clero, sofreram os terrores da descristianização, entre 1793 e 1797.

Frei Servando admitia em sua igreja os fiéis constitucionais, porque não acreditava que eram excomungados os seus ministros. Dessa maneira, entra em contato com essa nova tradição espiritual ao se tornar amigo do bispo de Blois, Henri Grégoire (1750 - 1831), chefe do clero constitucional por ter sido eleito na Assembléia Nacional de 1789. Criador do Conservatório de Artes e da Sociedade de Amigo dos Negros, o clérigo foi grande expoente da religião católica na França durante o Concílio Nacional. Grégoire foi autor das obras *Essai sur la régénération physique, morale et politique des juifs*, obra que prega a tolerância religiosa e civil e que muito provavelmente influenciou a inventiva mente servandina

⁹² VILLEGAS ASTUDILLO, Reinaldo. Artigo: *El discurso lacerante de Simón Rodríguez*. In: Pagina Digital. Disponível em: <http://www.paginadigital.com.ar/articulos/2002rest/2002oct/textos/23124-10.html>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

quando retrata o encontro com a comunidade judaica nas *Memorias*, e na *Histoire des sectes religieuses au XVIIIe siècle*.

Mier foi encaminhado a ele por Jovellanos e pelos padres que auxiliaram Servando na sua saída do território espanhol, em sua maioria afeitos aos jansenismo, sendo entre eles que o dominicano teria escutado as primeiras referências diretas ao bispo. Para Brading, se frei Servando pode se transladar tão facilmente de um a outro país da Europa foi em parte porque havia se tornado jansenista, embora em questões de disciplina eclesiástica seguisse o modo tradicional⁹³. Por ser vítima da perseguição da Igreja, e pelo fato da maioria dos homens que o protegeram na Espanha terem sido acusados de pertencimento a tal partido, nada era mais natural que Mier também fosse envolvido nessa nova postura espiritual, ao afirmar: “los jansenistas, así se llamavam en Europa todos los hombres solidamente instruidos en la religión y amigos de la antigua y legitima disciplina de la Iglesia”⁹⁴.

O jansenismo foi uma teologia cristã surgida entre França e Bélgica no século XVII pelas mãos do bispo de Ypres, Cornelius Jansen (1585 – 1638), uma espécie de versão católica do calvinismo, cujas idéias principais eram o retorno ao cristianismo primitivo e a negação das autoridades eclesiásticas como únicas capazes de representar a vontade de Deus na terra, valendo o mesmo para os soberanos temporais. Isso explicaria o fato de os jansenistas serem vistos como os grandes opositores do absolutismo ao longo do século XVIII. Tal ideário foi facilmente aliado ao galicanismo que, no entendimento de Jean Gaudemet, nunca foi uma doutrina claramente definida, devendo ser examinada dentro dos processos históricos que a geraram, como o galicanismo do Grande Cisma (1378 - 1438) ou do período revolucionário e imperial (1789 - 1815), cujos aspectos primordiais, porém, referem-se à autonomia francesa em relação às interferências da autoridade pontifícia de Roma nas questões de cunho político-religioso⁹⁵. Com a Revolução Francesa, a Constituição Civil do Clero foi entendida como um dos frutos do galicanismo por pregar que as ordens do mundo temporal seriam independentes da Santa Sé e que o Concílio francês estaria acima do poder do Papa, o qual deveria respeitar as regras, constituições e costumes formulados em consenso pela Igreja Galicana.

O historiador Dominguez revela que o bispo de Blois, antigo jansenista, acreditava que a cristandade era incompatível com o despotismo, porém não com a Revolução Francesa, a qual tentou cristianizar à custa de sua reputação⁹⁶. Grégoire, não teve dificuldade em aceitar a Constituição Civil de 1791 que prescrevia também a eleição popular para padres e bispos. Republicano ferrenho, o bispo foi odiado pelos monarquistas e pelos jacobinos por se abster de votar a decapitação de Luís XVI. Era ainda

⁹³ BRADING, David. *Orbe indiano – de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.632.

⁹⁴ Servando de Teresa. *Memorias*. v.II. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.17.

⁹⁵ GAUDEMET, Jean. “Galicanismo”. In: BOBBIO, Norberto *et alli*. *Dicionário de Política*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004. p.531.

⁹⁶ DOMINGUÉZ, Christopher. *Op.cit.*

contrário às idéias de Rousseau e Voltaire, bem como se opunha à divindade do Estado proposta por Robespierre.

Grégoire, que exerceria uma influência determinante sobre Mier, daria apoio à tese do frei sobre uma provável pregação de São Tomé nas Américas, bem como nutriam em comum uma admiração por Las Casas, haja vista que o clérigo francês era grande difusor das obras do confrade de Mier na França, tendo reconhecidamente recebido a ajuda do mexicano para a publicação das obras daquele que foi o grande protetor dos índios. O sacerdote se referia a Grégoire como seu amigo e como um grande bispo, com quem compartilhou muitas de suas opiniões, tendo boas razões para fazer suas muitas idéias lançadas pelo clérigo, pois, de maneira jansenista, em muitos de seus escritos, Mier roga pelo retorno à primitiva constituição da Igreja, em que todos os sacerdotes e não somente os bispos, figuravam como herdeiros dos apóstolos.

Outro marco notável na estada francesa de frei Servando se dá com sua aceitação no Instituto Nacional da França. No tempo da primeira república francesa haviam se restituído as Academias Nacionais, fundidas num único instituto, dividido em várias classes de disciplinas, onde se escolhiam os maiores sábios da nação e, como correspondentes, outros de toda a parte do mundo. Mier teria sido o único americano a ter a honra de ocupar um lugar na terceira classe, ligada à disciplina de História. É nesse período que o mexicano trava amizade com o viajante prussiano Alexander von Humboldt (1769 – 1859), notável expoente da Ilustração germânica que acabava de regressar de suas famosas viagens pela América, que o teriam conduzido da Venezuela a Lima, incluindo visitas a Cuba, terminando com onze meses de permanência na Nova Espanha. Humboldt se instalara na capital francesa para publicar a extensa massa documental de material recolhido ao longo de suas jornadas.

Os trinta volumes surgidos da pena do viajante mostraram uma gama sem paralelo de interesses, ricamente ilustrados com a fauna, a flora, a geologia americana, ao lado de ensaios sobre a história asteca e a economia política de Cuba e da Nova Espanha, acoplados de uma imensa quantidade de dados precisos, consubstanciados no *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. Humboldt realizou um fecundo trabalho de investigação; sua poderosa capacidade sintética e organizadora lhe permitiu obter excelentes e abundantes frutos dos ricos arquivos e centros documentais que abriram suas portas ao viajante. Segundo conta Juan Ortega y Medina, a autorização real que recebera abriu as portas de todos os cadeados e fechaduras, devendo-se ressaltar que a liberalidade informativa do vice-reino da Nova Espanha foi incrível, tendo Humboldt acesso a grande parte do que quis graças à generosidade e desinteresse de José de Iturrigaray⁹⁷.

Ortega y Medina acrescenta que o ensaio de Humboldt significou o reconhecimento da Nova Espanha e seu encontro com a sabedoria ilustrada do século; ainda que escrito por um estrangeiro, deveria ser apreciado como a culminação do movimento moderno mexicano, evidenciado pelo fato de que o

⁹⁷ ORTEGA Y MEDINA, Juan A. “Estudo preliminar”. In: HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. México: Editorial Porrúa, 1966. p. xliii.

prussiano e os ilustrados do vice-reino sorveram das mesmas fontes e com isso estabeleceram entre si um diálogo estimulante ⁹⁸. Nesse sentido, esse texto é essencial para todos os estudiosos da história do México e do imperialismo espanhol, por seus efeitos políticos transcendentais, já que a elite *criolla* interpretou suas revelações como uma confirmação da riqueza e maturidade do México para a independência. Além disso, este ensaio permitiu que o resto do mundo tomasse conhecimento de uma parte do globo até então inóspita e desconhecida.

Em 1803, o México ainda era a cidade mais populosa do hemisfério e o vice-reino ocupava uma extensa região de terra que incluía a Guatemala e a Califórnia, e as análises do prussiano comprovavam o grande potencial mineiro e comercial do território, características que não poderiam deixar de ressaltar o valor de um possível Estado independente, ao comparar explicitamente as perspectivas da província com o extraordinário progresso logrado pelos Estados Unidos⁹⁹. Conforme Brading, o rasgo mais notável da descrição da cidade do México seria a sua modernidade, ficando Humboldt impressionado com os efeitos da revolução burbônica do governo no que se referia às instituições e organizações de ensino, como a Academia de San Carlos, que, desde 1782, formava uma geração de novos artistas, expressando sem dúvida que o México participava da cultura universal da Ilustração.

Todavia, foi o estado degradado dos índios mexicanos que mobilizou o prussiano a expressar suas mais enérgicas críticas ao país e sua reserva sobre a capacidade de progresso indiscriminado sem preocupação social, revelado pela monstruosa desigualdade de direitos e fortunas e dos domínios da terra, haja vista que os latifúndios se mantinham intactos geração após geração. Em uma das passagens, Humboldt diz:

“Las castas, descendientes de los negros esclavos, están notadas de infames por la ley, y sujetas al tributo, el cual imprime en ellas una mancha indeleble, que miran como una marca de esclavitud transmisible a las generaciones más remotas. Entre la raza de mezcla, esto es, entre los mestizos y los mulatos, hay muchas familias que por su color, su fisionomia, y modales, podrian confundirse con los españoles; pero la ley los mantiene envilecidos y menospreciados. [...] Los indios y las llamadas castas, están abandonados a las justicias territoriales, cuya imoralidad ha contribuido no poco a su miseria”¹⁰⁰.

As leis das Índias, destinadas a proteger os indígenas, tornaram-se sua pior cadeia, cujos remédios propostos pelo viajante englobavam mudanças políticas, como a abolição das restrições da atividade econômica dos índios, a divisão de suas terras em base individual e a comutação de seu tributo sobre

⁹⁸ *Ibidem*, p.xlv.

⁹⁹ BRADING, David. *Op. cit.*, p.566.

¹⁰⁰ HUMBOLDT, Alexander von. *Op. cit.*, p.72.

forma de imposto. Rechaçando a literatura européia sobre as Américas, o prussiano afirma que os índios eram uma raça vigorosa e bem formada.

Sobre a difícil situação dos *criollos*, Humboldt conta que:

“El gobierno, desconfiado de los criollos, da los empleos importantes exclusivamente a naturales de la España antigua. [...] De aquí han resultado mil motivos de celos y de odio perpetuo entre los gachupines y los criollos. El más miserable europeo, sin educación y sin cultivo de su entendimiento, se cree superior a los blancos nascidos en el Nuevo Continente; y sabe que con la protección de sus compatriotas, y en una de tantas casualidades como ocurren en parajes donde se adquiere la fortuna tan rapidamente como se destruye, puede algún día llegar a puestos cuyo aceso está casi cerrado a los nascidos en el país, por más que estos se distinguan en saber y en calidades morales. Los criollos prefieren que se les llame americanos [...] palabras que descubren los síntomas de un antiguo resentimiento”¹⁰¹.

Essas observações e informações não passariam despercebidas aos olhos de Frei Servando, que embasaria boa parte dos seus escritos de caráter insurgente em documentos e análises de Humboldt. Além disso, Mier apresentou ao viajante suas teses sobre a tradição cristã pré-colombiana no novo continente. A bem da verdade, o prussiano aceitaria o argumento de Clavijero sobre a teoria tradicional de migração dos asiáticos para o continente americano, porém retornaria aos mitos dos grandes legisladores, como Quetzacoátl, onde sugeriria a presença de apóstolos budistas, ao invés de cristãos, pois seria possível que uma missão de monges chineses possa ter aportado no Novo Mundo, o que explicaria as analogias correntes entre ambos os continentes com comunicações antigas entre ambas as regiões¹⁰².

1.4 Secularização em Roma e a polêmica de De Pauw

Em 1802, Frei Servando parte de Paris para Roma com a intenção de se secularizar, contando para isso com a ajuda de um conhecido, o ministro da Espanha em Roma, Vargas Laguna. Ele conseguiria o breve de secularização e outro breve de habilitação para curatos, benefícios, prebendas. Entretanto, a nulidade da profissão foi de difícil comprovação, pois, segundo as palavras do mexicano, as circunstâncias o obrigavam a manter o ofício de sacerdote porque precisava sobreviver de alguma forma em Paris¹⁰³. Consegue, porém, um rescrito comum de secularização no qual permanecia a obrigação

¹⁰¹ *Ibidem*, p.76.

¹⁰² BRADING, David. *Op. cit.*, p.564.

¹⁰³ A secularização a que Mier se submeteu não foi do tipo completa ao estado temporal. Mier continuaria utilizando o título de frei e portando-se como clérigo, ainda que em várias partes de *Memorias* ele demonstre insatisfação e desconforto na posição de padre. É com o título de frei que seu nome seria perpetuado na história mexicana, por isso essa dissertação permanece se referindo ao mexicano pela forma como passou a ser usualmente conhecido.

quoad substancialia votorum, compatível com o estado secular, transferindo-se o de obediência devida aos prelados regulares da sua ordem, à simples obediência ao diocesano.

Nesse ínterim, Mier parte para Nápoles com a pretensão de integrar a comitiva da infanta Isabel, futura esposa de Fernando VII, que se dirigia à Espanha. Contudo, sua tentativa é frustrada, pois ao chegar a terras napolitanas o cortejo já havia partido, e como solução Mier se abriga no convento do Rosário onde conhece padres de grande instrução e estabelece novas ligações intelectuais com os jesuítas expulsos da América que se encontravam na Itália. Entre eles destaca-se o paraguaio Francisco Iturri, crítico ferrenho das obras de Muñoz que se teria utilizado da literatura científica de De Pauw, Raynal e Robertson para basear parte de seus escritos sobre o Novo Mundo. Segundo Barrera Enderle, é preciso considerar os jesuítas expulsos como os primeiros a construir um novo espaço de expressão dos valores e sentimentos americanos, que culminariam na tomada de consciência sobre a própria identidade, assim como frei Servando, que embora tivesse desavenças sobre a tendência jesuíta de organização político-social, reconheceu o mérito da ordem em cultivar os estudos humanísticos, ao ter acesso aos trabalhos de Clavijero e Lacunza¹⁰⁴.

1.4.1 A reação intelectual à lenda negra americana e sua contribuição para a formação da identidade nacional

Faz-se necessária uma rápida digressão acerca da disputa intelectual entre o que se tinha por imaginário do universo americano, de acordo aos relatos dos viajantes, missionários europeus e da vertente enciclopedista tão cara ao século XVIII, e a defesa incansável dos primeiros pensadores que despertaram para a criação de uma nova forma de enxergar a América, ao listar elementos que ensejariam a construção da identidade americana, alicerçada em novas representações, cuja contribuição dos jesuítas expulsos seria inquestionável. É com a conquista do Novo Mundo que surgiu a necessidade de um novo tipo de literatura que explicasse ao velho continente a alteridade racial e o universo inóspito encontrado, de acordo com as palavras, códigos e simbologias que fossem facilmente compreensíveis para aqueles que não houvessem cruzado os mares. Ao longo dos tempos essa mesma literatura seria responsável por formar um arsenal mental que moldaria a imagem do homem americano de maneira pejorativa não apenas em relação à Europa, como em relação a si mesmo¹⁰⁵.

Consta que a primeira reação em prol da América a esse tipo de construto intelectual pôs em evidência a incipiente Ilustração ibérica na figura do padre beneditino Benito Jerônimo Feijoo. Em suas obras *Población de España* e *Mapa intelectual y cotejo de las naciones* insistia na comparação elogiosa de que os *criollos* possuíam mais vivacidade mental que a Espanha, combatendo com ênfase a hipótese de imbecialização dos *criollos*, assim como a defesa dos engenhos americanos render-lhe-ia grande popularidade na América espanhola. Suas idéias influenciaram a reforma da Universidade de Havana e

¹⁰⁴ BARRERA ENDERLE, Victor. *Op. cit.*

¹⁰⁵ Ver GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

eram estudadas com predileção por um dos maiores apologistas da América, Clavijero e também com avidez por Mier.

Com a revolução científica e a ascensão do racionalismo, o século XVIII viu ascender um novo ideal de civilidade baseado em pesquisas com base nas ciências naturais, expedições, dados estatísticos, colheita de testes e mecanismos de prova que foi responsável pela criação de um gênero literário que esquadriharia não apenas o globo terrestre, como aos seus seres vivos, atribuindo-lhes taxações, definições e conceitos que por muito tempo far-se-iam presentes nas estantes de qualquer biblioteca do planeta. Ao lado de Georges-Marie Leclerc, o conde de Buffon (1707 - 1788), e de Charles-Marie de la Condamine (1701 - 1774), um dos maiores expoentes dessa literatura é o padre e filósofo holandês Cornelius de Pauw (1739 - 1799), que a serviço de Frederico II, o grande, publica a obra *Recherches philosophiques sur les Américains* ou *Mémoires intéressantes pour servir à l'histoire de l'espèce humaine*, em 1768, em Berlim. Para o historiador italiano Antonello Gerbi, “De Pauw é um enciclopedista típico, não tanto por seus ataques à religião nem pelo seu pedantismo, mas porque reúne a mais firme presença da crença no progresso e a ausência completa de fé na bondade do homem. Para ele, o homem se aperfeiçoa somente na sociedade, e que o homem só, em estado natural, é um bruto, incapaz de progresso”¹⁰⁶.

Para De Pauw, os americanos seriam animais que odeiam as leis da sociedade e os obstáculos da educação, vivendo cada um por si, em um estado de indolência, inércia, de completo aviltamento. Idéias tão bem recebidas na Europa que ensejaram a publicação de sua obra em várias edições e cuja influência é sentida nos historiadores Guillaume-Thomas Raynal (1713 – 1796) e William Robertson (1721-1791). O radicalismo de De Pauw faz enxergar o americano como um degenerado completo cujo determinismo climático exercia poder decisivo sobre o caráter dos homens, as leis e os costumes das nações. O clima da Ásia e dos trópicos engendrava homens propensos à indolência de mente e espírito, pois seriam mais apropriadas para eles as formas despóticas de governo, visto que o clima era terrivelmente úmido, tendo a terra brotado das águas do oceano, assim como os seres que delas saíram deram origem aos povos da América. Esta por sua vez, teria o solo impregnado de sais, incapaz de produzir um fruto que prestasse e cujas espécies animais eram menos numerosas e pequenas de tamanho, se comparadas às do outro lado do Atlântico.

Racionalista e contrário à mitificação do selvagem, De Pauw se investe na polêmica contra os missionários humanitários, apologistas do Novo Mundo e vistos como padres ignorantes que inventaram fontes e manipularam a história sobre as realizações dos povos incas e astecas. Assim, prepara terreno para os reacionários católicos do romantismo ao colocar os americanos e não a fauna e a flora no centro de sua investigação. De Pauw centra suas críticas em Las Casas ao denunciá-lo como intrigante, cuja defesa do indígena havia sido inspirada em causa própria, no desejo de se tornar soberano dos índios. A

¹⁰⁶ GERBI, Antonello. *O novo mundo: história de uma polêmica 1750-1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p.56.

debilidade indígena surgia em Las Casas não para humilhar os índios, mas para enaltecê-los. “São as gentes mais delicadas, fracas e tenras em compleição que menos podem suportar trabalhos, e que mais facilmente morrem de enfermidade”¹⁰⁷. O que Las Casas não contava era que suas cândidas apologias do miserável, débil, lânguido e inocente índio se converteriam em provas da natureza corrupta e degenerada dos índios. Gerbi ressalta que o indígena, como qualquer outro objeto de defesa apaixonada, variava de qualidades físicas, mudando de natureza, perdendo e renovando suas forças, conforme as exigências da polêmica.

Essa discussão obviamente se estenderia às Américas no embate *criollo* vs. peninsulares. De acordo com Brading, para os hispanoamericanos, ainda submetidos à dinastia dos Bourbons, o ataque da Ilustração resultou ainda mais doloroso, pois a combinação de determinismo climático e de ceticismo histórico feria sua tradição patriótica em cada ponto¹⁰⁸. Na opinião do historiador italiano Gerbi, o conflito não possuía a rígida fatalidade dos conflitos entre raças, pois espanhóis e *criollos* eram igualmente brancos, de sangue puro; a distinção era geográfica: o *jus soli* prevalecia sobre o *jus sanguinis*. A terra que os gerara pesava sobre os americanos como uma condenação, cancelando qualquer privilégio conquistado ou herdado. Seu patriotismo nascia assim, em legítima reação a pressupostos naturalistas, como mais apego à terra que às tradições, já que os americanos não podiam se vangloriar do seu passado ou de uma antiguidade mítica¹⁰⁹.

A chegada dos jesuítas expulsos revelavam à Europa um apego vivo às terras, numa espécie de protopatriotismo. Lá, os padres eram surpreendidos ao se defrontarem com as calúnias atribuídas à natureza e ao homem originário das Américas, ferindo a terra onde haviam crescido ou ensinado por muitos anos. Tal ideologia, permeada de cunho político, se apresentava sob vestes científicas ao denegrir o solo americano. Gerbi acredita que por obra deles e de seus relatos escritos, foi forjada a imagem do bom selvagem de Rousseau, explicitando a inocência desconcertante dos selvagens, a presença de animais ferozes e gigantescos que impediam o caminho apostólico e a existência de passarinhos melodiosos e terras cultiváveis em abundância. Com suas defesas e contra-ataques os jesuítas colocavam à disposição dos americanos todo um arsenal de glórias e tradições nacionais¹¹⁰.

Os ataques dos jesuítas expulsos às obras de De Pauw podem ser evidenciados nas obras *Historia del reino de Quito*, do equatoriano Juan de Velasco e nos textos primordiais sobre a história chilena de Juan Ignacio de Molina (1740 – 1787), *Historia geográfica, natural y civil del reino del Chile* e *El Araucano*. Todavia, seria a *Storia antica del Messico*, de Clavijero a mais extensa e particularizada defesa da América, tendo nascido em polêmica aberta contra De Pauw, e cujo objetivo era servir à pátria e restabelecer “verdade ofuscada por uma turba incrível de escritores modernos sobre a América”. Dos

¹⁰⁷ GERBI, Antonello. *Op. cit.*, p.70-71.

¹⁰⁸ BRADING, David. *Op. cit.*, p.483.

¹⁰⁹ GERBI, Antonello. *Op. cit.*, p.150.

¹¹⁰ *Ibidem*, p.155-156.

quatro tomos que a compõem, os três primeiros são ocupados pela história propriamente dita, o quarto e mais volumoso, é dedicado ao Conde Gian Rinaldo de Carli¹¹¹. Esse último volume contém dissertações sobre a terra, planta, animais e habitantes do México entrando em polêmica cerrada com prussiano no que tange aos animais e à biologia em geral. Clavijero escolhe como alvo a obra de De Pauw: “porque nesta, como em uma sentina ou cloaca, são recolhidas todas as imundícies, ou seja, os erros de todos os outros”¹¹².

Reação mais complexa se observa na *Carta crítica sobre la Historia de América del sr. Juan Bautista Muñoz*, escrita em Roma pelo jesuíta de Santa Fé, Francisco Iturri, exilado na Itália com seus confrades. Iturri adentra no terreno de De Pauw ao discutir fauna, flora, geografia, e torna-se o típico exemplo do *criollo* que vê no enciclopedista um instrumento ideológico da monarquia dos Bourbons¹¹³. Seu trabalho é uma pequena obra que teve repercussão política quando as nações americanas reivindicaram autonomia, pois foi reproduzida como um manifesto de um americanismo embrionário, que consistia num ataque ao escocês Robertson e ao prussiano De Pauw, cujas informações teriam guiado a *Historia del Nuevo Mundo* de Juan Bautista Muñoz. Muñoz teria sido convidado pela Real Academia de História para escrever uma história geral das Índias com documentos seguros e incontestáveis, em rebate à *Historia da América* escrita por Robertson para retificar os erros cometidos pelo escocês contra os espanhóis, porém não as difamações concernentes às províncias americanas.

Mier, embora amigo de Muñoz, recordava o feito de Iturri também seu colega, em dar uma violenta surra intelectual no primeiro, porque no quadro de sua história este fundiu disparates de Pauw, Raynal e Robertson. Feijoo, Clavijero, Carli, Muñoz e Iturri fazem parte do universo literário e mental ao qual frei Servando recorre constantemente nos escritos de caráter insurgente para fazer valer sua própria defesa da América em combate aos preceitos de De Pauw, como ocorre na *Historia de la Revolución de Nueva España*. O contato com os jesuítas expulsos da América foi responsável por acender do dominicano a centelha da tomada de consciência identitária do solo americano de onde saiu. Embora já houvesse dado prova de defesa dos ideais *criollos* em seu SG, é nesse momento que, definitivamente, sua percepção dos valores americanos se torna mais evidente para si mesmo. Se Las Casas combateu Sepúlveda e Vitória nos tribunais espanhóis acerca da natureza do índio, Mier chama para embate De Pauw e todos os intelectuais europeus que compartilhavam das falácias do enciclopedista, tornando-se assim, o defensor dos habitantes da América.

De volta às aventuras servandinas, é, contudo, somente em 06 de julho de 1803 que lhe foi outorgada um tipo de secularização que não o reduzia completamente ao estado temporal, e outras concessões do papa, como, por exemplo, a continuação do rito dominicano, com um rescrito na

¹¹¹ Autor de *Lettere americane* e contestador de De Pauw que não defende a inocência do primitivo, mas reivindica para os mexicanos e peruanos o grau mais elevado de civilização e sabedoria administrativa.

¹¹² GERBI, Antonello. *Op. cit.*, p.161.

¹¹³ *Ibidem*, p.225.

congregação dos ritos e o direito de permanecer a usar o hábito, em razão da ignorância dos seus paisanos (que viam com maus olhos a um secularizado). Seu pedido lhe foi concedido, porque, segundo ele mesmo acrescenta, obteve grande honra como teólogo nas congregações do Concílio de Trento e na Inquisição Universal, logrando ainda a licença para ler os livros proibidos, sem nenhuma exceção.

1.5 De volta à perseguição espanhola e temporada em Portugal

Mier sai de Roma em julho de 1803 e segue para Espanha. Lá se encontra em difícil situação, pois alguns de seus benfeitores estão mortos, como sua tia Bárbara, e outros haviam saído do país, como o caso do inquisidor José Yéregui¹¹⁴ que havia ido para França. Em Madri é novamente preso, pois, sua perseguição não havia cessado. Seu caso vai parar em novas mãos, as do oficial Marquina, que ao ver do dominicano andava de conluio com León para executar nova ordem de prisão, com novo inquérito e novas investigações.

Dessa feita, em 1804, Mier é enviado para a famosa casa dos Toríbios, antiga casa de correição de menores abandonados ou problemáticos localizada em Sevilha. Um novo pedido de retratação é negado, visto mais uma vez como blasfêmia e soberba. Além disso, frei Servando é vítima de uma tentativa de assassinato em razão de versos que teria feito sobre as péssimas condições do cárcere. Tais fatores o teriam conduzido a uma nova fuga na noite de São João. No embarque para Cádiz, Mier é reconhecido por um confrade e por isso retorna a prisão dos Toríbios, sendo recolhidos todos os documentos e breves a ele conferidos pelo papa.

Contudo, o espírito indômito de Mier o instiga a outra evasão, que o transforma em testemunha do embate naval ocorrido entre a França e Espanha contra a Inglaterra, em 1805, a batalha de Trafalgar, cabo ao sul de Cádiz, na costa espanhola. Esta fuga o conduz às terras lusitanas, onde permaneceria por cinco anos. Em Lisboa, o mexicano prestaria auxílio aos espanhóis prisioneiros da milícia francesa, chegando a atuar como capelão e cura castrense do batalhão de infantaria leve de Voluntários de Valência, o que lhe proporcionaria não apenas novos méritos e reconhecimento dos seus préstimos pelo general Joaquin Blake, bem como representaria um paradoxo a mais na vida do religioso, como bem observa Héctor Perea, pois sendo procurado pelas instituições espanholas, Mier oferece seus serviços de clérigo aos seus perseguidores.

Frei Servando retorna a Cádiz em 1810, período em que a Regência tomaria conhecimento de suas ações militares e cogitaria para ele o posto de cônego da Catedral do México. Porém, a dissolução da

¹¹⁴ O inquisidor José Yéregui era jansenista espanhol, presbítero secular, doutor em teologia e cânones, natural de Vergara, de Guipuzcoa, professor dos infantes Gabriel e Antonio de Bourbon, cavaleiro da real ordem de Carlos III, autor de algumas obras, consideradas de “boa” teologia. Teria sido delatado à inquisição como herege jansenista e Henri Grégoire o menciona como autor da idéia de um catecismo nacional.

Junta Central impede a concretização de tal benesse. Essa nova estada em Cádiz, menos desconfortável que todas as outras, em razão dos seus préstimos ao exército espanhol em Portugal, permitiria a sua circulação mais livre e assídua por entre a inaugurada Corte de Cádiz, onde assistiria aos debates parlamentares, teria contato direto com as demandas da deputação americana – bem como auxílio financeiro dos deputados mexicanos – e tomaria conhecimento do real estado da política espanhola em relação aos interesses hispano-americanos. Nesse período, Mier conhece o deputado mexicano, Miguel Ramos Arizpe (1775 - 1843), religioso graduado em filosofia e direito, cujas idéias liberais e reformadoras o destacam como grande atuante na causa independentista e como contribuinte para a obra que frei Servando começara a redigir em terras espanholas, a *Historia de la Revolución de Nueva España*.

1.6 Londres, Estados Unidos e a volta ao México

Novo bombardeio em Cádiz e o patrocínio do vice-rei deposto da Nova Espanha Iturrigaray para a conclusão e impressão de sua obra HRNE¹¹⁵, forçam a fuga de frei Servando para Londres em 1811. Nessa cidade, um acirrado debate seria iniciado com Blanco White (1776 - 1841), editor do *El Español*, jornal liberal e que propagava a idéia de uma independência relativa para a América. Em rebate a essa tese, Mier escreveria sua primeira e segunda cartas de um americano ao *El Español*. Seria também na capital do império britânico que uma frutífera e duradoura amizade seria travada ente o dominicano e o grande humanista venezuelano Andrés Bello (1781 – 1865). Bello, que havia estudado Artes, Direito e Medicina na Universidade do Chile, província para onde se muda e assume a nacionalidade, havia se incorporado a Junta de Caracas no governo estabelecido em 1810. Seria ele a fonte de que Mier beberia para extrair informações para suas Cartas e para a HRNE, haja vista Bello ser testemunha privilegiada nos momentos decisivos da insurgência venezuelana.

Nos primeiros dias da independência, Bello foi designado à missão diplomática em Londres, onde viveria até 1829. Com a reconquista espanhola da Venezuela no ano de 1811, Bello se encontrou na capital inglesa sem representação, sem pátria e nem meios de subsistência. Foi nesse período que Bello conheceu a James Mill, que o encarregaria da transcrição dos escritos de Jeremy Bentham, estabeleceu contatos com seu conterrâneo Francisco de Miranda, bem como se tornou professor particular de Simón Bolívar. Consumada a independência chilena, Bello retornaria para o continente americano, onde assumiria inúmeros postos governamentais, entre eles o de senador e ministro das Relações Exteriores, sendo também responsável pela criação da Universidade do Chile, da *Gramática de Lengua Castellana destinada al uso de los americanos*, da formatação do Código Civil e dos tratados de Direito Internacional Público, se destacando como poeta da insurgência.

¹¹⁵ A partir deste momento, é conveniente utilizar a sigla HRNE para designar *Historia de la Revolución de Nueva España*, seguindo-se o índice de abreviaturas das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

Em 1813, frei Servando conclui e publica, sob o pseudônimo de José Guerra, a HRNE e, em 1815, recebe uma pensão da Corte inglesa, porque, como faz questão de ressaltar o mexicano, era costume do governo inglês subsidiar sujeitos que sobressaíam com algum talento e, por isso, recebeu apoio para ir para Nova Orleans, para manter correspondência com a família. Contudo, segundo o relato de seu contemporâneo, o historiador, empresário e político mexicano Lucas Alamán (1793 - 1853), essa passagem torna-se controversa. Para Alamán, estudioso das biografias das personalidades envolvidas no processo de independência do México, Mier achava-se em Londres desprovido de todo gênero de recursos, vivendo às expensas da liberalidade de alguns mexicanos que o socorriam e, tendo esses saído daquela cidade, o dominicano ter-se-ia se unido à expedição de Mina¹¹⁶.

É, portanto, nesse período de sofreguidão na cidade londrina que Mier trava conhecimento com o jovem militar espanhol Francisco Javier Mina (1789 – 1817) e decide embarcar para Liverpool em sua companhia, em direção a Norfolk, Virgínia, no ano de 1816. Mina que havia combatido pelo exército da Espanha contra a invasão de Napoleão, após ser preso pelo exército invasor, formaria várias milícias não oficiais para lograr a independência da Espanha e conseqüentemente das Américas. O frei revela que o objetivo de Mina era estabelecer um sistema liberal constitucional no México, acreditando que a América poderia influenciar a mudança política na Europa, em especial a Espanha, lutando contra o despotismo monárquico. Se os espanhóis dessem aos americanos generosamente aquilo que somente com árdua luta conseguiriam, a gratidão do continente seria eterna, seriam perdoados os agravos anteriores e seriam estreitadas alianças mais proveitosas.

Seria nos Estados Unidos que o dominicano envolver-se-ia com os ideais libertários deixados por Thomas Paine (1737 – 1809), cujos escritos de caráter incendiário, como *Common Sense*¹¹⁷, impulsionaram a invocação da independência das treze colônias norte-americanas da Grã-Bretanha, advogando a favor de um liberalismo clássico, da liberdade civil e da criação de repúblicas constitucionais. Suas concepções intelectuais e o estilo panfletário seriam abraçados abertamente por Mier, sem, no entanto, esquecer de olhar com atenção a especificidade mexicana após o estabelecimento de sua independência.

De Norfolk, os insurgentes seguiriam para Baltimore para organizar a expedição ao comando de Mina, que visava estabelecer uma constituição para o México, pois acreditava que era preciso libertar a América para poder libertar a Europa. Frei Servando é convencido a retornar ao México, em 1817, na expedição do espanhol que tomaria o controle da cidade de Soto la Marina. O dominicano, por hesitar em não querer se envolver na guerrilha, rendeu-se para as forças realistas já em território mexicano, e por se entregar pediu que o direito ao indulto fosse protegido. Entretanto, o perdão não lhe foi concedido e Mier

¹¹⁶ ALAMÁN, Lucas. *Semblanzas y ideario*. México: Universidad Autónoma de México, Biblioteca del Estudiante Universitario, 1978. p.05.

¹¹⁷ Outros escritos de grande impacto nas mentes dos intelectuais da Hispano-América seriam *The rights of men* e *The age of reason*.

foi encarcerado novamente, posto incomunicável, bem como seus pertencentes e escritos foram todos confiscados e um exemplar de HRNE seria utilizado como prova da sua insurgência. No caminho para a cidade do México, Mier sofreu vexações e machucou o braço seriamente; enquanto isso, Mina morria fuzilado após ter sido derrotado pelas tropas realistas na batalha de Guanajuato.

Ao chegar à cidade do México, frei Servando seria encaminhado para os cárceres da Inquisição em 13 de agosto de 1817, onde passou cerca de quatro anos preso. Nesse período de tempo em que permaneceu encarcerado, Mier debruçou-se em seus escritos com grande intensidade e criou textos essenciais para a compreensão de seu corpo de idéias. Entre as principais criações constam a *Apología*, *Relación de lo sucedido en Europa hasta octubre de 1805* e *Manifiesto Apologético*, textos que compõem as *Memorias*, *Carta de Despedida a los mexicanos* e *Cuestión Política: ¿Puede ser libre la Nueva España?*. Esses textos são importantes fontes primárias para história das idéias no contexto hispano-americano por evidenciar não apenas as inquietações do pensador mexicano em relação ao futuro do processo de independência de seu país, como também por servir de emblema para a construção da identidade mexicana nas questões referentes à preservação das raízes indígenas e como clara oposição ao legado político, social e cultural deixado pelos anos de dominação espanhola.

Após tantos encontros e viagens por cenários tão diferentes de sua terra natal, é preciso tecer considerações acerca da idéia de transculturação sofrida por Mier. O mexicano não apenas teria sofrido um processo de simples recepção de idéias, sendo essa uma maneira passiva de compreender o encontro cultural vivenciado no momento da chegada do frei na Europa. É preciso permanecer atento para o fato de que o frei vivia um processo de mão dupla, em que não apenas o cenário e as novas idéias reformistas transformavam a maneira de compreensão do universo que o circundava, como também sua presença nas terras do Velho Mundo representava a centelha da intelectualidade americana em ascensão, expondo-se como modelo do homem americano em busca da legitimidade da independência de sua terra de origem.

2. Carta de un americano al El Español sobre su número XIX – Londres, 11 de noviembre de 1811

Como já foi demonstrado anteriormente, é na capital do Império Britânico que frei Servando Teresa de Mier declara pela primeira vez sua insurgência pública a favor da independência das nações hispano-americanas. O primeiro escrito que revela claramente sua nova postura político-ideológica é a *Carta de un americano a El Español sobre su número XIX*, datada de 11 de novembro de 1811, mas concluída apenas no dia 26 desse mês. O bacharel em direito e secretário do Colégio de México o mexicano Manuel Calvillo¹¹⁸ atribui como causa fundamental para franca exposição das idéias revolucionárias de Mier os eventos ocorridos em Caracas entre os anos de 1810 e 1811, que implantaram a primeira Junta de Governo com a participação de juntas provinciais, tendo por consequência a convocação do primeiro Congresso da Venezuela, responsável pela proclamação da independência. Esse

¹¹⁸ CALVILLO, Manuel. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812. La otra insurgencia*. México: Cien de México, 2003. p.21.

processo sofrido pelos venezuelanos lançaria sua pátria no ineditismo de ser a primeira nação ibero-americana a declarar sua autonomia dos laços coloniais. No entanto, é preciso atentar que no mesmo período de tempo era dado o famoso grito de Dolores pelo padre Manuel Hidalgo e seu exército insurgente no cenário político da Nova Espanha. Fato esse que soaria para Mier como um chamado à liberdade em sua terra natal, cuja bandeira levantada, em que se invocavam a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe, a independência e o fim do mau governo, era um tipo de reivindicação que exercia forte apelo em seu universo mental.

Faz-se necessária uma compreensão mais detida sobre os elementos que envolvem a transformação política vivida pela Venezuela em razão de serem o objeto de análise dessa primeira carta de Mier ao jornal de Blanco White. Como no resto da Hispano-América, as abdições de Baiona e a invasão Francesa na Espanha conduziram as autoridades de Caracas a proclamar sua fidelidade ao rei Fernando VII. Com a notícia da formação de juntas insurgentes da península, a província de Caracas acataria a autoridade da Suprema Junta Central Governativa de Aranjuez. Todavia, a notícia da invasão francesa na região em que estava instalada a junta metropolitana impulsionou o Cabildo de Caracas a tomar a iniciativa de criar uma junta americana em prol da proteção dos interesses venezuelanos diante da impossibilidade que se encontrava a Espanha para atender o governo das Américas.

Para isso foi preciso a invocação do direito natural como instrumento para garantir a conservação e defesa das províncias, tendo por alicerce o direito de soberania, que recaía sobre o povo, conforme os princípios das teorias pactistas e as máximas enunciadas e publicadas nos documentos da junta central espanhola. Com a ata de proclamação das juntas provinciais da Venezuela, ficavam destituídos os funcionários que não inspirassem confiança e se instituíam os deputados eleitos pelo povo, com voz e voto, para formar um plano de governo conforme a vontade geral das massas. O Cabildo se transformou, assim, em Junta Suprema de Caracas, que, embora formalmente mantivesse a fidelidade a Fernando VII, subvertia os fundamentos do antigo regime metropolitano. Em 02 de março de 1811 se instala o primeiro Congresso no qual os profundos debates e disputas internas ensejaram a declaração da independência. Em 05 de julho do mesmo ano se estabelece a primeira república da Venezuela, em forma de federação, cuja ata não se utilizava das palavras Constituição e Independência.

Tamanho protagonismo histórico da Venezuela induziu o surgimento das reflexões políticas de Blanco White em *El Español*, jornal que refletia em seus artigos a transição do antigo regime para a revolução liberal. De ascendência irlandesa e católica, mas espanhol de nascença, José Maria Blanco y Crespo, liberal refugiado na capital inglesa e melhor conhecido como Joseph Blanco White, foi autor de vários ensaios e poesias, trabalhou com Jovellanos e foi redator do *Semanário Patriótico*, em Sevilha, impresso que retratava a Espanha como uma nação repleta de males, adiantando as idéias de um constitucionalismo liberal. Com a invasão da Andaluzia por franceses em 1810, White se refugia em Londres e no mesmo ano inicia a publicação de *El Español*. De acordo com a informação de O’Gorman

esse jornal era destinado a divulgar as questões políticas metropolitanas e de suas colônias, cuja principal finalidade era pugnar em favor de que se desse à monarquia espanhola uma constituição política de tipo inglesa, isto é, fundada na velha legislação das Cortes e foros medievais e que limitavam o poder da Coroa. White instigava ainda mecanismos para ajudar as Cortes a redigir uma constituição moderada e evitar o rompimento entre Espanha e América, ao que propunha uma reconciliação com os insurgentes sul-americanos mediante a concessão de uma independência relativa, pensamento que manifestava sua posição equidistante entre as partes¹¹⁹.

A partir de 30 de abril de 1810, Blanco White começaria a publicar mensalmente o jornal, que perduraria por quatro anos, até junho de 1814. Para Calvillo, a importância do impresso *El Español* figura no fato de que as notícias sobre guerra na Espanha, das guerras napoleônicas, dos extratos de atas e discursos das Cortes, dos informes sobre a América, dos documentos europeus e insurgentes são expostos com visão mais ampla, imparcial e acertada dos idiomas nos artigos redigidos por White¹²⁰. Seria por meio do periódico que o jornalista manifestaria seu interesse de guerra contra França na Espanha e nas Américas, defendendo o direito dessas últimas em criar juntas como as da metrópole, caso não houvesse interesse de se chegar à independência absoluta. Calvillo acrescenta que a posição de White como interlocutor entre as Cortes e as Américas e o patrocínio do *Foreign Office*, comprador e incentivador da distribuição do jornal pelas firmas britânicas que comerciavam com a Hispano-América, eram vistos como indícios de subversão pelo governo espanhol. Em contraponto, aceitação de White nas províncias americanas era grande, pois condenava os erros graves cometidos pelo governo espanhol em sua política americana. A crítica central de White era baseada na falta de um número justo de deputados que representassem as Américas.

Considerado como posicionamento imparcial, *El Español* em um primeiro momento iria reconhecer as manifestações de Caracas como que determinadas pela maturidade e pelo conhecimento, alheias às teorias impraticáveis da Revolução Francesa, elogiando a moderação dos proclamas caraquenhos, pois não indicavam o propósito de se desprenderem da Coroa. Contudo, posteriormente, a formação de dois partidos contrários, o dos americanos e outros dos metropolitanos, seria motivo de preocupação por parte de White, que expressaria no jornal sua inquietação com a possibilidade de uma Era do Terror americano. A atitude de Blanco White liberal e moderada, definindo-se como Whig, coincidia com a condução da política britânica acerca das insurgências que, diante da formação das Cortes, insistia na sua mediação entre Espanha e América e no comércio livre com os domínios ultramarinos, propondo-se a defender a causa comum contra Napoleão.

¹¹⁹ O'GORMAN, Edmundo (org.). "Estudo preliminar". In: TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v. XLIII. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.16.

¹²⁰ CALVILLO, Manuel. "Prólogo". In: TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812. La otra insurgencia*. México: Cien de México, 2003. p.50.

As notícias que chegavam de Caracas a Londres, portanto, revelavam o movimento de tomada da soberania dos povos do Novo Mundo. Em 30 de outubro de 1811, White redige um artigo acerca da independência da Venezuela que visava demonstrar a insanidade dos venezuelanos em adotar uma decisão tão extremada, sinalando os graves danos que lhes adviriam. Tese duramente refutada por frei Servando Teresa de Mier em sua *Carta de un americano al Español*. É válido ressaltar que ainda em Cádiz, o dominicano não professava uma convicção insurgente bem definida. Todavia, sua estada nessa cidade, centro das decisões políticas metropolitanas, e em virtude da sua relação com os deputados americanos, os quais via batalhar nas Cortes e na imprensa pelo desejo de representação, foram mecanismos responsáveis por forjar sua própria insurgência.

Frei Servando chegara a Londres em 07 de outubro de 1811, meca dos conspiradores e rebeldes americanos desde o final do século XVIII. Livre para poder expressar seu ideário sem sofrer retaliações do governo espanhol e nutrido da indignação e do sofrimento americano, Mier utiliza Las Casas, com sua *Breve relación de la destrucción de las Índias*, como prólogo dessa primeira carta na edição londrina de 1812. Calvillo conta que o lascasismo não foi circunstancial, mas sim no afã de reforçar a causa independentista ao reimprimir a obra do ilustre confrade como instrumento poderoso de convencimento do povo inglês para o apoio à autonomia americana, pois o clássico de Las Casas, além de exaltar a cultura dos povos índios, expressava o horror de crueldades cometidas contra eles pelos espanhóis¹²¹. A voz de Las Casas se faz ouvir tanto em suas cartas, quanto em sua HRNE, porque para frei Servando o verdadeiro legado da Espanha para a América foi a miséria, o aviltamento e a usurpação mostrados pelo protetor dos índios em seus escritos. Essa primeira carta revela a visão do dominicano tomado de uma ira americana reivindicadora em rebate ao conflito vivido por White diante uma declaração de independência absoluta por parte das Américas, resolução que como espanhol, nunca havia desejado.

A primeira carta é assinada com as iniciais UCR, *un caraqueño repulicano*, que para o historiador Ernesto Mejía Sánchez, o dominicano não fazia referência a outro que Andrés Bello, cuja amizade e influência seriam vitais para a tomada de posicionamento público de Mier, ainda que seja subterfúgio para não revelar sua autoria¹²². Conforme já foi dito, Bello tinha saído do cenário da primeira república venezuelana como enviado diplomático em missão na capital londrina, atuando como um dos protagonistas da república caraquenha. Assim, Mier tomaria consciência do avançado estado de insurgência em que se encontravam as nações sul-americanas, partindo daí seu empenho em analisar e compreender o posicionamento da Hispano-América, em especial de sua terra natal a Nova Espanha.

Essa primeira carta de Mier possui 14 notas explicativas, que muito bem poderiam figurar como uma nova carta, devido à extensão e a diversidade de temas que englobam, cujo principal objetivo seria o de evidenciar não apenas a realidade política e cultural da Hispano-América, como também de revelar

¹²¹ *Ibidem*, p.55.

¹²² MEJÍA SANCHÉZ, Ernesto *apud* CALVILLO, Manuel. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812. La otra insurgencia*. México: Cien de México, 2003. p. 56.

dados que poderiam influenciar a opinião pública europeia a compreender a realidade histórica a que a América se viu submetida desde a conquista espanhola no continente iniciada em 1492.

Mier se apresenta como admirador do talento de Blanco White, mas contesta a declaração deste sobre não ter visto na Venezuela senso e maturidade quando de sua declaração que foi sobre um clube de jacobinos precipitados que proclamaram a independência contra a vontade dos povos, utilizando-se da violência e do terror para dominar. Para o dominicano, o Congresso Geral Federativo da Venezuela, foi composto por representantes eleitos de cada uma das províncias, em um processo pacífico e de plena liberdade. Frei Servando acredita que sua carta está sendo publicada num jornal imparcial, apesar de que se deve considerar a pátria de onde o dono dele tem origem, a Espanha, pois os europeus, mesmo como estrangeiros, se dirigem apenas a outros europeus para saber da situação dos americanos, o que gera uma rede de falsidades e calúnias a respeito da América, uma vez que até mesmo Humboldt não esteve isento de erros em suas obras por confiar nos relatos dos europeus. Nesse caso, o dominicano faz uma referência direta às teorias difamatórias de De Pauw e Robertson, entre outros, responsáveis pela construção de uma literatura supostamente científica que, como já foi visto, influenciavam o imaginário europeu ao imporem uma visão etnocêntrica e pejorativa sobre os americanos, sua moral, seu continente e riquezas naturais, na medida em que outros escritores davam prosseguimento a essas teses mirabolantes para escreverem seus estudos, ensaios, pesquisas etc.

Mier indaga quem poderia se opor à independência: de um lado, a Espanha estaria sem de onde tirar suas forças, pois as extraia da América; de outro a Inglaterra a quem o comércio europeu fechou suas portas. Além disso, os Estados Unidos não ficariam tranquilos em verem a invasão europeia sem deixar suas barbas de molho e sem vislumbrarem as vantagens do comércio com as vizinhas. White não poderia alegar a má fé americana em relação à fidelidade prestada a Fernando VII, pois os americanos o faziam com toda sinceridade. Isso se prova em todas as Américas com o grito de indignação que levantaram contra Napoleão, bem como a imensidade de tesouros que desprenderam para socorrer a península.

A liberdade civil não exigiria dogmas nem mistérios da religião, portanto Mier evoca o direito natural da Venezuela poder eleger outro rei ainda que pagão, ou constituir-se catolicamente segundo a forma de governo que mais lhe conviesse. As vantagens de seguir a vontade geral revelaram a praticidade da independência, pois o fim de toda sociedade não seria outro que o bem estar dos indivíduos que a compunham. Mier se exalta ao falar que:

“Es cierto que no faltan metencatos, que intenten consagrar el despotismo por la misma religión que nos llama a libertad, aplicando a los reyes elegidos por nosotros los pasajes del Antiguo Testamento en que Dios mismo elegía los reyes de Israel enviando un profeta que los ungiese: o que creen que porque San Pablo atribuye el origen de todo poder a Dios transformó reyes en

deidades sólo responsables al Eterno, como si Jesucristo, cuyo reino no es de este mundo, hubiese mudado los derechos naturales de los pueblos, o la naturaleza de los pactos sociales.”¹²³

Segundo o dominicano é preciso perceber que a vontade divina é o bem comum, com a conservação dos direitos e a felicidade. Contudo, os espanhóis querem manipular a fé para manter a os vassalos atrelados aos reis, visto que todos os inquisidores do México declararam ser heresia manifesta a soberania do povo. Há mais Ilustração na América que na península, mas os americanos não puderam exercer seus talentos nem eloquência pelo pequeno espaço dado à representação nas Cortes. Para frei Servando não haveria melhor academia para um povo que uma revolução, sendo a declaração dos direitos do povo restituída à América pelos venezuelanos. A Venezuela tomou a iniciativa de se constituir livre e o resto da América seguiria seus passos, ocupando aquele país a vanguarda na marcha da liberdade ao enviar um deputado aos EUA e não à Inglaterra.

Um ponto tocado por Mier, e que é inúmeras vezes retomado em seus outros escritos, é de que as Américas espanholas nunca foram colônias no sentido que entendem as Cortes. A Constituição primitiva do descobrimento, desde Dona Isabel, erradicou qualquer título nome ou idéia de conquista e declarou os índios livres e vassalos do rei, bem como aos *criollos* foi permitido participar das Cortes, porém o despotismo metropolitano haveria suprimido qualquer acordo primordial. A Junta Central espanhola, após a invasão napoleônica, tentou revitalizar esse pacto inicial. Entretanto, a estrutura das Cortes permaneceu injusta, pois a Regência convocou um Congresso Geral de toda a nação, mandando que se escolhesse um deputado para cada cinqüenta mil almas. Entretanto, apenas foi permitido um deputado por província da América, mesmo que cada uma fosse povoada por milhões de pessoas.

Os ilustrados americanos protestaram por meio da palavra e por escrito, visto que não se poderia prejudicar os direitos de igualdade de representação à grande parcela da população americana (sendo invocado até mesmo o direito de mulatos e castas livres), almejando-se, assim, o envio de representantes para as Cortes. Porém, com a formulação da nova Constituição se excluía dos direitos de cidadão a metade ou mais da população americana originários de alguma linhagem africana, declarando-os incapazes de serem eleitos ou de eleger para empregos municipais, ficando privadas não só as castas, mas também os índios.

Para Mier, o recrudescimento da opressão se deu com a negativa de todos os pedidos realizados pela deputação americana, resultando que todos os deputados foram tratados como insurgentes. A fúria do dominicano se direciona contra a manipulação das Cortes, não havendo que se falar em liberdade durante a discussão da Constituição, pois os europeus maiores em número não permitiram a expressão completa das idéias americanas nas sessões públicas, já que os pleitos já estavam decididos de antemão. A América

¹²³ TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812 La otra insurgencia*. México: Cien de México, 2003. p. 68-69.

não pode esperar mais nada da nação espanhola, pois não havia partido a que recorrer nem caminhos a trilhar.

O mexicano condena o termo “rebelde”, pois, segundo seu raciocínio, se lutar pelo direito das gentes seria rebeldia, a própria Espanha também seria rebelde em relação a Napoleão. Contudo, a nação espanhola não permitiu que as províncias americanas invocassem o direito das gentes, o que gerou atrocidades e massacres contra nações que apenas lutavam pela igualdade. Frei Servando evoca para a América o seu verdadeiro lugar na monarquia espanhola e retoma a profecia de Las Casas, o apóstolo americano, em que o castigo divino não tardaria em chegar à Espanha. O mesmo mal que padeceu a nobreza asteca no momento da conquista, atingiria a nobreza espanhola, onde Fernando VII, assim como ocorreu com Cuauhtémoc, sofreria as mesmas violências e elas não cessariam até que todas as Américas se declarassem independentes, assim como o fez a Venezuela.

Ao fim dessa primeira carta vêm agregadas as extensas quatorze notas interessantes, assim entendidas e chamadas pelo dominicano, que expõem algumas opiniões do autor sobre temas já tratados anteriormente no corpo principal do texto. É preciso concentrar a análise nas notas que expressem, de forma mais evidente, as principais idéias do dominicano evocadas tanto para questionar o domínio espanhol, como as capazes de promover a conscientização do leitor sobre a importância da independência da Hispano-América. Na primeira nota, Mier admoesta os caraquenhos para que ajam com prudência e valor, uma vez que a providência divina dirigia os passos dos insurgentes e se declarava em seu favor, na promoção da inviolabilidade individual e da proteção do direito de propriedade.

Um fato bastante criticado por frei Servando seria o uso que os espanhóis faziam da religião para se manterem no poder, assim como seus reis. A Inquisição é mostrada como tribunal irregular e exorbitante, próprio para manter o despotismo dos reis. Esse órgão teria cometido atrocidades com todos os pensadores que evocaram a idéia de nulidade da bula de doação papal das Índias, visto que os papas não eram senhores temporais do Novo Mundo conforme declarou-se nos concílios da França. Além disso, eram declarados hereges os opositores da soberania de Fernando VII.

Mier lança na quinta nota interessante uma discussão que seria retomada por ele em vários textos posteriores e até mesmo na nota de número onze dessa primeira carta, no que se trata do alto grau de civilização em que se encontravam os índios americanos no período da conquista e cita os grandes feitos e realizações indígenas antes da chegada de Colombo, para contrariar não só a teoria de que os índios eram irracionais e inaptos para governar seus bens patrimoniais, mas também evidenciar a ignorância e crueldade espanholas. De acordo com o frei, os Diários das Cortes contavam com a participação de enviados europeus às Américas e seus relatos apenas denegriam a imagem mexicana e o seu desejo de representação política. Para defender sua tese, o dominicano evoca a vitória de Las Casas sobre Sepúlveda, nas célebres juntas de Valhadoli em 1542, utilizando-se das obras do seu ilustre confrade, *Apología de los indios* e *Historia de Santo Domingo de Chiapas*, e a viagem de Humboldt como melhor

exemplo de refutação das calúnias sofridas pela América, partindo em defesa do clima, da importância da mistura racial como fator de fortalecimento da alma nacional.

Um tema que expressa a grande revolta de Mier contra os espanhóis surge na sexta nota em que revela o não cumprimento da lei das Índias, cujo dispositivo dava aos *criollos* a preferência a todos os empregos da América. Os filhos de espanhóis nascidos da América ficaram apenas com trabalhos subalternos, o mesmo teria acontecido com as castas, onde foram desconsiderados todos os direitos dos seus antepassados fossem eles *criollos* e índios miscigenados, ou africanos arrancados da sua pátria. Frei Servando conclama o pacto de privilégio entregue aos primeiros conquistadores e que deveria ser passado aos seus descendentes, mas estes só poderiam reclamar tais direitos pela espada, uma vez que não escutaram os seus representantes nas Cortes.

É de causar interesse em qualquer historiador a explicação idiomática utilizada pelo sacerdote mexicano para explicar o fato dos espanhóis jamais poderem argüir uma pretensa pureza de sangue, tema que surge na nona nota, pois todos os povos que dominaram a Espanha se mesclaram com eles. O dominicano empreende seu já utilizado percurso de análise de palavras em espanhol, cujo significado deveria se adequar a idéia que buscava demonstrar. Por exemplo, a palavra *Hidalgo* – lida separadamente *Hi-dal-Got* –, para Mier, significava “filhos de godos”. Catalunha é transformação de *Gotlandia*, “terra de godos”; Andaluzia de *Vandalosia*, “terra de Vândalos”. O mexicano cita diversos exemplos de genealogia para comprovar a mistura entre espanhóis e mouros, judeus, ciganos e até mesmo negros que passaram pela Espanha.

Na décima-quarta nota, o dominicano, como é característica própria de sua lógica narrativa, retoma o tema já analisado na terceira nota, no que se refere à insurreição dos bispos ser considerada herética, assim como a soberania popular. O diferencial dessa nota está em que Mier assume a postura de pedagogo da revolução de independência, um autêntico *hombre de la pluma*, e passa então a ensinar o certo e o dogmático que existe na Igreja sobre as excomunhões, assumindo papel de orientador político-espiritual. Para ele, toda sociedade tem direito a separar de seu corpo os membros que se recusarem a obedecer às leis que a comunidade tenha estabelecido. Dessa forma, a Igreja também tem direito de retirar do seu seio os cristãos admoestados por três vezes, que não quiserem obedecer às leis divinas. Contudo, nenhum cristão poderia deixar de ser membro se não por razão de um pecado mortal. Se o bispo ou pastor o excomunga por um pecado que não é mortal, a injustiça aplicada se torna pecado mortal para quem a aplica. Sendo justa a defesa que fazem os americanos de sua pátria e liberdade, as excomunhões espanholas são tão notórias e depreciáveis, que os espanhóis são os verdadeiros excomungados, e os insurgentes que morrem na defesa dos direitos imprescritíveis devem ser enterrados eclesiasticamente e, no sagrado, tratados com o respeito de mártires da pátria.

2.1. Mier e a reivindicação da Carta Magna americana

À guisa de análise do escrito de Mier, é importante ressaltar o caráter panfletário do texto, escrito em um momento que o aspecto insurgente do dominicano está mais definido, cujo objetivo talvez fosse o de atizar manifestações públicas a favor da política autonomista venezuelana. Essa primeira carta possui ampla conexão temática com a HRNE, pois frei Servando adiantaria proposições a serem detalhadamente discutidas por ele na obra de 1813, como a questão da Carta Magna assinada entre o rei e os primeiros conquistadores das Américas, a conclamação legítima das juntas americanas e a ilegalidade das ações políticas metropolitanas na ausência de Fernando VII, podendo-se ver nesse escrito seu posicionamento em defesa do pacto entre reis e súditos, expressando a lealdade ao monarca. Não obstante, o caráter de seu texto evidencia em maior medida a tomada de partido da autonomia da América, sem expressar o desejo de reforma da monarquia, algo defendido pelos constitucionalistas históricos. Em razão disso, pode-se afirmar que o dominicano utiliza a teorias pactistas do século XVI e elementos do constitucionalismo histórico para alicerçar a tomada da soberania pelo povo, buscando igualar o *status* das províncias americanas àquele vivenciado pelos reinos espanhóis, porém já se vêem mescladas tendências francamente separatistas.

Em vista do exposto acima, o tema principal dessa fonte primária é a demonstração do verdadeiro caráter civil das Américas diante da metrópole, ou seja, Mier saberia perfeitamente que o único meio de legitimar a independência americana seriam argumentos que questionassem a própria autoridade espanhola sobre o continente. Desde a primeira aparição, com o SG, o frei aborda semelhante fatores, fato que se repete nessa carta, com a diferença que ela se refere à toda a América, e não exclusivamente à Nova Espanha. Frei Servando questiona o justo título da dominação hispânica e por outra parte demonstra que as Índias nunca foram colônias. O resultado evidente que se mostra é que o único obstáculo para a prosperidade do continente americano é mesmo a presença da metrópole.

Embora não desenvolva por completo nessa carta sua larga teoria sobre o caráter do pacto estabelecido entre rei espanhol e as Américas no momento da conquista, assim como o faria na HRNE, é preciso adiantar o raciocínio seguido pelo sacerdote a respeito dos alicerces que sustentavam o relacionamento entre colônias e metrópole. O doutor em Direito pela Universidade de Sevilha Rafael Diego Fernandez resume nos seguintes pontos a lógica empreendida pelo pensador dominicano, com o objetivo de mostrar de maneira mais nítida o começo da carreira política de Mier e de melhor compreensão do processo evolutivo de seu pensamento¹²⁴:

- i) No princípio houve um pacto expreso que ligou o rei, de maneira individual, a todos os conquistadores, indígenas, negros e castas: pacto esse solene e explícito que não foi feito jamais em nação alguma e está autenticado no Código das Índias, que seria a magna carta

¹²⁴ DIEGO FERNANDEZ, Rafael. Artigo: *Influencias y evolución del pensamiento político de Fray Servando Teresa de Mier*. Historia Mexicana, 1998, n. 01 (189), v. XLVIII. p.06-14.

americana. Desse pacto desprende-se uma série de leis que garantia a preeminência dos conquistadores e primeiros povoadores, assim como de seus descendentes. Para Mier, tais leis não seriam privilégios, mas leis anexas ao pacto ganho com sangue. Com relação aos índios, o rei não teria cessado de repetir em suas cédulas e ordens reais o desejo de que fossem tratados como homens livres e seus vassallos, o mesmo valeria para negros e mulatos, incluídos pelo pacto de seus pais.

- ii) A organização política pactada para a América foi a de reinos independentes: os reis não chamaram as Índias de colônias, mas reinos.
- iii) As Cortes de Cádiz se encarregaram de anular o pacto originário que unia América à Espanha.
- iv) Quebrado o pacto, a soberania é revertida ao povo, que pode organizar-se como melhor lhe convenha.
- v) De nenhuma maneira poder-se-ia contemplar uma nova possibilidade de vínculo com a Espanha: para isso o dominicano recorda toda uma série de males padecidos ao longo dos trezentos anos sob o domínio espanhol.
- vi) As Cortes de Cádiz não representam os americanos por serem ilegítimas e por não representarem a totalidade da população americana. A única saída é o rompimento com a metrópole.
- vii) Caresse de toda legitimidade a Constituição gaditana de 1812: não haveria como aceitar uma Constituição na qual votaram 133 deputados espanhóis e apenas 51 americanos. É preciso ressaltar que essa carta foi escrita antes da Constituição de Cádiz, mas faz-se necessário o estudo avançado desses pontos com o intuito de melhor inteligência dos escritos de frei Servando e também pelo fato de não ser um tópico que difira em alto grau de substância da seqüência lógica empregada pelo dominicano.
- viii) São falsos os argumentos empregados pelos espanhóis para justificar as bondades do vínculo que unia península às Índias. Hipóteses que o dominicano rebate com base na cultura, religião, recursos naturais presentes no continente americano.
- ix) O único caminho é a independência e a liberdade absoluta: associação dos povos americanos com a Espanha para formar um povo soberano é totalmente voluntária e não há nenhum título que possa forçar a América a isso.
- x) A fórmula da liberdade é a Constituição e governo próprios.

Essa seqüência teórica é empregada por frei Servando em todas as suas obras de caráter insurgente e sofre apenas suaves variações. Essa construção lógica estruturada pelo dominicano visava questionar a soberania espanhola e reivindicar para América sua qualidade de reino e não colônia, uma vez que a idéia

de reino apareceria como uma comunidade territorial de ordem superior ao termo colônia¹²⁵ e englobaria as multiplicidades culturais locais e os diferentes corpos em que se assentava a sociedade, ligando-se ao conceito de pertencimento cultural. Os *criollos* sentindo-se postergados pelos peninsulares e pelas políticas uniformizadoras da Coroa, solicitariam as distinções, privilégios e prerrogativas que a eles correspondiam como descendentes dos fundadores dos reinos americanos. Frei Servando invoca essa Carta Magna presente no Código das Índias, entendida por ele como Constituição Americana, para demonstrar aos peninsulares as iguais prerrogativas que possuíam as províncias americanas dos reinos metropolitanos; e sua data precisa de constituição ter-se-ia dado depois das juntas de Valhadoli, cujas bases jurídicas a serem seguidas seriam as que Las Casas estabelecera. O pacto original teria sido firmado não apenas com os conquistadores, mas com os índios e negros também, fator esse que garantia o direito de representação nas Cortes de Cádiz à toda população americana, cujo número de deputados deveria ser superior à da própria Espanha.

A invocação dessas juntas representativas era a origem dos questionamentos sobre o que se entendia por nação, sobre que bases se sustentava a relação entre Espanha peninsular e América e sobre quem deveria ser representado. Dessas respostas dependeria a existência das Américas e suas juntas, pois considerando o potencial humano das Américas era preciso convocar um número de representantes que expressasse em realidade o valor populacional do continente. Por isso, esse tema não poderia passar despercebido pelos pedagogos da revolução, os letrados e sábios responsáveis por transmitir as novas idéias da modernidade e por dar justificativa para a transformação ideológica da sociedade. Nesse sentido, a imprensa passa a assumir o papel de orientadora pedagógica e os assuntos ligados à política se multiplicariam nos anos cruciais da independência americana. Era preciso propagar as idéias da insurgência, transformar as mentalidades dos leitores e esquadrihar a série de leis e privilégios que pudessem legitimar as demandas da América. Frei Servando é um exemplo típico de letrado que se utiliza do jornal de Blanco White para orientar as nações americanas no processo de formação dos estados nacionais e principalmente para explicar o real estado da peculiaridade dos povos da América.

Além disso, era preciso a compreensão das primeiras leis da conquista para alicerçar legalmente as demandas, por isso a linguagem empregada pelos teóricos da independência, embora ressaltem as proposições mais progressistas, implicaram, por sua vez, um movimento de retorno no tempo, mais precisamente para a conquista da América, remontado-se aos primeiros conquistadores, onde o passado emana uma série de justificativas para o estabelecimento de reformas futuras. Segundo Villoro, o *criollo* letrado, deslocado do mundo real que não o acomoda em suas estruturas corporativas, empreende um

¹²⁵ O termo colônia estaria ligado ao entendimento de feitorias com finalidade econômica, carentes de direitos políticos próprios. Nesse sentido, pode-se entender a tentativa de Mier em elevar o papel político das regiões hispano-americanas. (Conferir: GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias – ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica/ Editorial MAPFRE, 1992. p.82).

caminho de retorno até uma pátria imaginária, em busca daquela sociedade em que havia um lugar assinalado para ele, mas que lhe fora arrebatada¹²⁶.

Assim como o SG empreende a busca de legitimação no passado para a reforma futura, a CUAÉ¹²⁷ também tem o passado como alicerce intelectual para garantir as reivindicações presentes. Portanto, os direitos do rei sobre a América provêm do pacto realizado entre o monarca e os primeiros povoadores, de quem os *criollos* descendem diretamente. Seria em razão desse acordo que a América foi incorporada a Coroa de Castela, em pé de igualdade com qualquer outro reino espanhol, com a mesma independência que esses usufruíam. Preso o rei e ocupadas suas terras no estrangeiro, caberia aos notáveis do reino reunir uma junta prevista no Código Indiano que dotava as províncias americanas a convocarem novas Cortes com a mesma faculdade que possuíam os reinos hispânicos.

Um outro aspecto sempre presente nos debates intelectuais e que nessa carta aparece como preocupação essencial por frei Servando é a discussão sobre o papel da Igreja e suas reações às rebeliões populares, como as de Hidalgo e Morelos, sendo entendidas pelo alto clero como de caráter demoníaco, embora para os populares que os acompanhavam as imagens dos líderes do movimento surjam divinizadas. Na CUAÉ, diferentemente do SG, o sacerdote mexicano mostra uma crítica mais aberta à história da Igreja católica na América, ao questionar a soberania universal do papa e seu domínio temporal do mundo exercida por meio do pretexto da evangelização. Também evoca novamente a importante presença de Las Casas para a conversão indígena realizada por meio da persuasão e do amor, ao contrário das matanças realizadas em nome de Deus, mas que visavam satisfação da ambição terrena.

Mier sai em defesa da religião pura, não aquela manipulada pela Igreja e seus braços políticos como a Inquisição, pois *criollos* e baixo clero se ressentiam do desprezo eclesiástico por sua fé religiosa, orientando-se a uma concepção mais depurada da Igreja. Para Villoro, frei Servando caracteriza-se por ser um dos pensadores que mais duramente criticaria os anátemas eclesiásticos por considerá-los inválidos de devida jurisdição e por se referirem a delitos alheios os dogmas religiosos. Sua crítica ao alto clero não se teria baseado apenas em postulados ilustrados, mas sim na atitude da alta hierarquia eclesiástica em abandonar o povo e condenar os revoltosos como hereges, negando os sacerdotes regalistas socorro espiritual a todo participante das revoltas e utilizando o templo para fins políticos¹²⁸.

É possível perceber que no entendimento do mexicano seria essa atitude política da Igreja que teria induzido o clero à insurgência. Por isso o dominicano prega a separação dos interesses mundanos das ações eclesiásticas, num intuito de depurar a Igreja dos seus vícios, em direção ao retorno de seu espírito primitivo dos primeiros anos do cristianismo, onde os sacerdotes possuíam apenas funções

¹²⁶VILLORO, Luis. *El proceso ideológico de la revolución de independencia*. México: Secretaría de Educación Pública, 1986. p.53-54.

¹²⁷ A partir deste momento, é conveniente utilizar a sigla CUAÉ para designar a *Carta de un americano al El Español*, seguindo-se o índice de abreviaturas das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

¹²⁸ *Ibidem*, p.125.

eclesiásticas e igualdade entre si. Assim como Las Casas, frei Servando queria fundar uma nova Igreja na América e a influência do bispo de Blois nessa carta surge de forma clara, ao expressar noções da Igreja constitucional francesa, uma religião popular e sem privilégios, a pobreza do clero e sua separação dos interesses do Estado. Na opinião de Villoro, a perseguição sofrida pelo dominicano por parte da hierarquia eclesiástica se converte em um processo contra o despotismo do clero e um testemunho da sua degradação. Apesar disso, Mier não abandona a ortodoxia, e afirma que sua atitude implicava apenas a defesa do catolicismo¹²⁹.

É interessante notar a evolução da estrutura argumentativa de Mier, onde talvez, por se encontrar longe das esferas da Inquisição, pudesse manifestar mais claramente seu posicionamento político a favor da autonomia das Américas, ainda que utilize o subterfúgio de assinar as cartas sob um pseudônimo que não revelasse sua autoria. Embora continue tendo como referência que alicerça seus escritos a figura de Bartolomé de Las Casas, o pensador mexicano já expressa preocupações abordadas nas leituras liberais como vontade geral, liberdade civil, felicidade do povo e direito de representação no Congresso como exemplos. A especialidade do texto servandino está na hibridização de idéias da tradição religiosa, com os modernos termos das revoluções liberais, aspecto que mostra o acoplamento entre a doutrina sagrada das escrituras e da filosofia cristã com a invocação das idéias modernas e liberalizantes, entre as quais encontra correspondências. Exemplos que se extraem desse documento referem-se à afirmação de que a vontade divina é o bem comum ou o fato de que Jesus Cristo não mudou a natureza dos pactos sociais, mesclando o ideário revolucionário com a tradição católica estabelecida.

Embora não seja afeito a composições teóricas mais complexas, frei Servando mescla a liberdade pela graça com a liberdade política, a caridade com a fraternidade, e tenta separar o cristianismo das ambições mais terrenas do clero, desejando a depuração da disciplina eclesiástica. Na opinião do mexicano, a corrupção da Igreja na América seria fruto do vício dos homens e por isso não ataca o clero como corpo social, mas se posiciona contra as facções representadas no partido europeu, origem das causas históricas da desigualdade. O mexicano representava, dessa forma, o paradoxo *criollo*, pois ao mesmo tempo que desejava a preservação da tradição, também ia ao encontro das inovações européias mais radicais.

É muito marcante nos textos de Mier a evocação de um discurso bíblico, como se o dominicano estivesse num púlpito de uma igreja, estimulando os insurgentes a uma espécie de guerra santa, em que o lado revoltoso representava a vontade divina, manifestada por meio do povo, e os realistas como as forças inimigas, manipuladas pelo mal. Essa postura expressava o maniqueísmo tão presente no período revolucionário em que tudo o que se referisse à metrópole era pérfido ou no mínimo ruim, enquanto que as qualidades americanas saltariam aos olhos como benesses concedidas pelo sagrado, na tentativa de demonstrar que a América era um paraíso perdido, mas que estava pronta para ser a terra da prosperidade

¹²⁹ *Ibidem*, p.131.

futura. Por isso, o sacerdote mexicano, como autêntico *hombre de la pluma*, aconselha a Venezuela, como se vê na primeira nota, a não tomar ações imprudentes e violentas que quebrem o equilíbrio da paz social. Nesse sentido, Mier se arvora do seu caráter de religioso ao afirmar e conclamar em tom bíblico o caráter sacro das independências.

Como já foi dito anteriormente, as novas formas de sociabilidade nascentes no contexto das independências americanas ensejariam não apenas novos moldes de formação das decisões, fator que culminou com a incipiente opinião pública, como também em novos atores sociais responsáveis por guiar a orientação nas resoluções auferidas em conjunto, agora entendidas como vontade geral. Mier não apenas deveria digerir os novos *corpi* de idéias reformistas para as nações que surgiam, bem como deveria orientar e aconselhar os líderes das revoluções para que escolhessem o melhor rumo para alicerçar suas ações políticas.

Em razão disso, era de extrema importância a aprovação e o apoio dos Estados Unidos, pois como integrante do continente e tendo alcançado êxito na proclamação da independência, eles surgiam na visão do dominicano, não apenas como aliados no processo de autonomia da Hispano-América, mas também como exemplo de triunfo das forças insurgentes diante das garras do Antigo Regime e modelo máximo no qual se espelhar para conseguir o progresso. Como ressalta Brading, Estados Unidos e Grã-Bretanha eram os grandes expoentes da balança política que permitia aos governos modernos incorporar os variados interesses da monarquia, da aristocracia e da democracia dentro de um mesmo marco constitucional¹³⁰.

Talvez por escrever em terra estrangeira e também por seguir a estrutura básica do seu raciocínio de impugnação da dominação espanhola, frei Servando realça em boa parte dos seus escritos a complexidade da cultura pré-colombiana, suas criações refinadas e o grande potencial inventivo dos povos americanos, ao que sempre contrapõe a conquista pela força e a destruição das principais realizações indígenas por parte dos conquistadores espanhóis, que apenas semearam a barbárie e a miséria nos solos do Novo Mundo. Da mesma maneira que no SG, o dominicano atribui significações diversas aos termos que analisa, dando-lhes interpretações que pudessem condizer com as teses que visava demonstrar.

É necessário deter-se no ponto da tão proclamada fidelidade a Fernando VII. É preciso ressaltar que as mudanças teóricas no campo insurgente acontecem devagar, pois não foi imediatamente que se abandonou a bandeira que evocava o nome do monarca, visto que as idéias tradicionais ainda permaneciam marcadas na mentalidade dos ideólogos da independência. Foi comum entre as províncias da Hispano-América, como primeiro passo, a invocação da lealdade ao rei e à família real, pois a relação

¹³⁰ BRADING, David. *Op. cit.*, p.584.

entre soberano e povo era profundamente marcada pela relação estamental senhor-vassalo. Conforme observa Guerra, a exaltação patriótica dos americanos estava embasada em valores antigos, como fidelidade ao rei, defesa da religião e dos costumes, vínculos de vassalagem que seguiam operantes ainda no universo hispano-americano¹³¹.

Apesar de clamarem lealdade à monarquia, já que Fernando VII era entendido como aquele que regeneraria a justiça e a prosperidade, acreditava-se que com seu retorno fosse estabelecido novo diálogo entre vassalos e soberanos, reformando-se as estruturas da monarquia absolutista ao suprimir a arbitrariedade do despotismo esclarecido e recriando-se novas bases para o pacto entre rei e as nações, dando-se garantias de liberdade aos súditos. É somente no regresso do monarca ao poder em 1814 que os insurgentes declarariam a oposição aberta ao soberano e atacariam sua política diretamente, em razão de Fernando VII tomar partido a favor dos vice-reis e lançar medidas imediatas, como forças militares para o embate e reconquista do território americano, assim como o fez na Nova Espanha.

Para finalizar o estudo dessa fonte primária, um dos principais elementos de análise da CUAÉ, se dá na insistência de frei Servando em afirmar que a insurgência venezuelana não possuía caráter jacobino, enquanto a França revolucionária havia abjurado de toda noção de moral e religião, o que não teria ocorrido na Venezuela. É importante ressaltar que por mais que os ilustrados ibéricos e das colônias insurgentes tentassem disfarçar o modelo revolucionário francês, visto que proporcionava aos adversários da guerra um argumento eficaz do caráter nacional da revolução, é preciso admitir que a Revolução Francesa foi a pedra lançada nas vidraças do Antigo Regime, e por meio do estrago gerado, as revoluções de independência passaram em seguida; atentando-se obviamente para o fato de que essas idéias francesas estão muito longe de serem as únicas idéias da independência.

De acordo com a opinião do historiador, diplomata e escritor Germán Carrera Damas, as propostas ideológicas do processo revolucionário francês incidiram sobre os discursos políticos dos insurgentes, mais ou menos abertamente, dependendo das respostas que as doutrinas francesas pudessem oferecer para à sociedade de onde eram emanadas as perguntas. Contudo, para Carrera Damas, o processo sócio-político hispano-americano se diferenciava essencialmente do francês, uma vez que a Revolução Francesa em si havia vulnerado os principais suportes da estrutura do poder interna: a monarquia e a Igreja, por isso, sua invocação era sinônimo de anarquia¹³². Conforme Guerra, a palavra jacobinismo passou a ser entendida na América como aquela que designava todo movimento radical e mais especificamente aquele que se apoiava em formas de sociabilidade modernas em que, real ou retoricamente, figuravam elementos populares que pretendiam exercer o poder fora das práticas representativas¹³³. Não é necessário salientar o já sabido ineditismo da Revolução Francesa, sua capacidade inventiva e o fato de não possuir precedentes. Esses elementos seriam modificadores das revoluções posteriores, visto que os atores

¹³¹ GUERRA, François-Xavier. *Op. cit.*, p. 120.

¹³² CARRERA DAMAS, Germán. *De la dificultad de ser criollo*. Venezuela: Grijalbo, 1993. p.100-102

¹³³ GUERRA, François-Xavier. *Op. cit.*, p. 32.

responsáveis pelos novos processos de autonomia conheciam de antemão os rumos que uma revolução do tipo francesa poderia conduzir, como por exemplo, o terror, as agitações populares e o império.

Em razão disso, o medo dos revolucionários hispânicos, mais especificamente do México conservador, em perder o controle das massas e a preservação dos valores mais caros à sociedade tradicional do Antigo Regime não poderiam ser subestimados. Seria pela preservação desse imaginário que se impediria toda sociabilidade ou discurso revolucionário que pudesse levar ao jacobinismo, usando-se com muita moderação a linguagem da liberdade. O pavor da anarquia e da dissolução social identificavam a Revolução Francesa com impiedade, sendo um tema tabu e uma espécie de um modelo oculto, pois muito poucos participantes das revoluções coloniais se mostraram abertamente afeitos aos ideais franceses, talvez as únicas exceções se dessem em sociedades escravistas nas conjurações em que estiveram implicados negros ou pardos e que entendiam a noção de liberdade como fim das formas exploração por meio da escravidão¹³⁴.

Essa primeira carta contém inúmeros elementos que são retomados por Mier não apenas na segunda carta, como também em todos os seus escritos de caráter revolucionário, realizados antes do período de conquista real da autonomia mexicana. Essa repetição de temas e estruturas lógicas foi uma prática constante entre os escritores do século XVIII. Isso talvez se explique pela dificuldade da impressão e também, no caso servandino, por essas obras terem o objetivo de divulgação, instrução e apresentação das sociedades americanas, com suas glórias e também seus padecimentos. Por esse fato, é preciso ter o cuidado de que a análise dos escritos subseqüentes a essa primeira carta se detenha mais especificamente nos conjuntos de idéias que tragam novas concepções teóricas, assuntos ainda não abordados ou temáticas que seriam mais detalhadas pelo pensador mexicano de maneira mais profunda.

3. Segunda Carta de un americano a El Español sobre su número XIX. Contestación a su respuesta dada en el número XXIV. Londres, 16 de mayo de 1812

Frei Servando Teresa de Mier, ainda residente em Londres, inicia um novo debate com Blanco White, em razão da réplica do jornalista à sua primeira carta. White contestou o escrito servandino em outro artigo, inserido no número XXIV do seu jornal. Isso motivou a réplica por parte do dominicano, consubstanciada no texto da *Segunda carta de un americano ao El Español*, datada de 16 de maio de 1812 – a qual White também contesta, não se declarando por vencido. O grande interesse dessa segunda carta se dá pelo fato de ser mais pontual e enérgica, e por refletir os principais argumentos ditos por White, resumindo alguns pontos citados pelo jornalista.

A polêmica com Blanco White sinala o ponto de partida da larga e fastidiosa batalha de Mier em defesa do direito de autonomia dos povos americanos. O pensador mexicano escreveu a SCUAE¹³⁵ ao

¹³⁴ *Ibidem*, p.41.

¹³⁵ A partir deste momento, é conveniente utilizar a sigla SCUAE para designar a *Segunda carta de un americano al El Español*, seguindo-se o índice de siglas das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

mesmo momento em que se debruçava sobre a realização da HRNE, e, em ambas as obras, se observa a reação do dominicano perante o dilema da independência relativa ou absoluta, mas não mais como questão teórica. Em razão do avançado passo da Venezuela, frei Servando se opõe apaixonadamente ao projeto de união fraternal entre as colônias e a metrópole porque estava desenganado a respeito de sua possibilidade real, tendo em vista o despotismo e a insaciabilidade do governo espanhol. A dúvida dos espanhóis diante da real fidelidade dos americanos a Fernando VII, bem como o descaso diante das demandas americanas haviam conduzido ao rompimento definitivo.

Na visão de O’Gorman, Mier evoca nessa carta a profunda diferença que existia entre espanhóis e americanos e, em razão disso, esse documento é um dos que demonstra de maneira mais explícita a hostilidade incubada entre *gachupines* e *criollos*. Serve ainda de testemunho da inocência e da fé que motivava os insurgentes americanos com respeito a um futuro seguro e promissor, cheio de riquezas e de prosperidade graças ao fim das amarras que uniam América à Espanha¹³⁶. Assim como a CUAÉ, esse texto possui doze notas explicativas, de conteúdo denso e polêmico, que visavam o convencimento dos leitores ingleses à causa americana. Um dos grandes atributos deste documento é o poema em latim *Conquista de México y destrucción de España*, atribuído a Andrés Bello, e sua tradução em espanhol a frei Servando. Os versos, inspirados nas obras de Las Casas, expressam a grandiosidade mexicana, os tempos de atribulação ensejada pela conquista espanhola e o futuro de redenção a que a nação estaria destinada caso a liberdade fosse conquistada. Como diz Manuel Calvillo: “Si el poema lo escribe Bello, la voz de Mier – eco de la de fray Bartolomé –, lo insufla”¹³⁷.

Frei Servando inicia sua segunda carta condenando os argumentos de White como mecanismo que visava impedir os efeitos da sua primeira carta nas Américas. Mier incentivava as nações a seguir o exemplo Venezuelano, tese que o jornalista espanhol rebatia com árdua condenação. O mexicano acredita que a argumentação de White tem o objetivo de se fazer escutar pelos americanos e não de condenar o que ele próprio escreve. Por isso, o frei elogia a sinceridade de White, mas acredita que o espírito de conciliação entre América e Espanha não passa de ingenuidade para salvar a honra da pátria-mãe.

Para provar que não havia na Venezuela uma facção que decretou independência contra a vontade do povo, o dominicano ataca dizendo que as informações utilizadas por White não possuíam autoria, que se tratava de documentação suspeita e apela a boa fé dos leitores para que não sejam persuadidos por mentiras. É interessante notar que frei Servando critica em White um aspecto que ele próprio não observa em suas obras, pois muitas vezes remete-se a fontes sem autoria, depoimentos de deputados que não são especificados e arvora-se de passagens de outros autores sem divulgar a origem dos depoimentos. Nessa

¹³⁶ O’GORMAN, Edmundo. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v. XLVIII. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p. 18.

¹³⁷CALVILLO, Manuel. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812 La otra insurgencia*. México: Cien de México, 2003. p.56.

carta, o mexicano demonstra uma reflexão crítica em relação aos textos produzidos por outros intelectuais, embora haja uma omissão provavelmente voluntária quando se trata de seus próprios escritos. É claro que não se pode cobrar de frei Servando um rigor formal adotado pelas ciências contemporâneas, visto que seus escritos não eram elaborados para serem discutidos nas academias, mas sim no calor das insurreições onde o discurso de homens considerados honrados, como ele tantas vezes refere-se a si mesmo. Era esse o simples fundamento em que se poderiam alicerçar novos embates.

A linguagem usada pela proclamação do Congresso de Caracas, em 11 de julho de 1811, foi acusada por White de criar conspirações e divisão de partidos, os quais geraram o derramamento de sangue e outros tipos de arbitrariedade. Ao ver de frei Servando, é verdade que as frases nada provam a favor do Congresso porque os jacobinos também usaram termos iguais, mas também pouco testemunham a favor de White, visto que como ele próprio disse também se serviram delas os bons partidos.

Mier se remete à uma conspiração tramada contra o Congresso de Caracas e que por isso era necessário castigar os responsáveis, sem ser jacobino, e agrega que White não conseguiu provar em sua réplica se os traidores do Congresso haviam sido castigados sem audiência e nem processo. O Poder Executivo caraquenho teria aplicado pena de enforcamento e não a Sociedade Patriótica, grupo que impulsionou o processo de autonomia, o que comprovaria o alto grau de organização do governo, onde o próprio povo pôs-se a trabalhar para que seus mandatários seguissem as atas e decretos.

O mexicano estabelece paralelo entre que instituição seria mais respeitável, Cádiz ou Caracas, sendo que somente na segunda a participação popular teria sido total, tornando legítimo o governo constituído. O Congresso da Venezuela prezava pela legalidade e pelo respeito até mesmo àqueles contrários à declaração de independência que teriam o direito de falar, garantindo-se o seu voto contrário. Além disso, a Constituição estabeleceu que em nada se podia alterar a Carta Magna no prazo de oito anos, ao que Mier alega que até mesmo White teria visto como atitude bastante racional. Nada se poderia fazer contra a vontade geral da nação e muito menos contra uma lei que se obrigue, pois a Constituição representaria o próprio convencimento espontâneo da nação que manifestava sua vontade naturalmente. Dessa forma, o frei indaga onde estaria o terror e o jacobinismo diante de tal boa fé do Congresso, pedindo desculpas por repetir as provas visto que seria difícil para o leitor consultar sua primeira carta já que as edições foram quase todas para fora da Europa.

Mier critica o excesso de parcimônia de White, ressaltando que apesar disso lhe agrada ouvir a energia e a imparcialidade com que o espanhol defendeu a causa dos americanos. Porém, o mexicano faz questão de ressaltar que as ações da Espanha foram os motivos que impulsionaram as revoltas. A obstinação em oprimir a América foi responsável pela decisão da opinião pública. Frei Servando passa a traçar um panorama das nações americanas, fazendo um passeio pelas províncias insurgentes, revelando que todos os povos da América almejavam a causa de liberdade comum, rechaçando as acusações de White de falta de vontade geral das populações no que concernia ao desejo de independência.

Frei Servando se utiliza do raciocínio do jornalista para justificar que na América a universalidade da língua asseguraria o destino de um povo que pode vir a ser um grande império. A tese servandina evolui para a possibilidade de existência de um Congresso junto ao istmo do Panamá, como árbitro único da paz e da guerra em todo o continente colombiano, o que conteria a ambição do Brasil, as pretensões dos EUA e da Europa, sempre ávida pelas riquezas naturais americanas. As desgraças do Velho Mundo serviriam de lições para o Novo, onde já existe uma liga social embasada na língua, religião, educação, costumes e leis.

As críticas à idéia de união americana são rebatidas com o argumento de que seria natural que onde houvesse liberdade haveria uma certa desunião, além disso, a diferença de castas não seria um obstáculo, pois essas divisões eram criações espanholas e cessariam essas leis maquiavélicas, não havendo diferenças entre *criollos* e índios. Bastaria o grito de Nossa Senhora de Guadalupe para que os espanhóis assassinassem a qualquer americano sem mais provas ou inquisição. Além disso, o Congresso norte-americano reconheceu a independência de Caracas e a mensagem do presidente demonstra que os Estados Unidos tinham o desejo de tomar parte ativa na causa americana, enviando ajuda militar e representante diplomático.

Nesse momento da segunda carta, Mier passa a contra-atacar as desvantagens da independência expostas por White, como guerras, desagregação dos partidos e inimizade da Inglaterra. Frei Servando alega que sempre houve guerra espanhola contra América na conquista e agora contra os *criollos*, e, portanto, o argumento não é novo. Para frei Servando seria necessário um novo Santiago Matacriollos ao invés do Mataíndios como tiveram os espanhóis na conquista. Soma-se a isso o fato de que Guadalupe era o símbolo dos insurgentes e estaria ao lado dos americanos. À hipótese de dissensão de partidos e províncias, o dominicano alega que as diferentes regiões apóiam umas às outras, como o caso de Santa Fé que apoiou e imitou o exemplo de Caracas. Além disso, a libertação da América era causa comum, todas se opunham conjuntamente em não obedecer nenhuma potência e nem outro governo da Espanha caso não se restabelecesse Fernando VII. Com relação à inimizade com a Inglaterra, a América saberia se defender, já se acostumara com o bloqueio imposto e com as interrupções mercantis, e para os britânicos o comércio era sua suprema lei e interesse, não podendo perder um grande mercado consumidor. Além disso, Napoleão se ofereceu para reconhecer a independência e até enviar armas, e a Inglaterra dessa maneira não se indisporia contra os americanos.

Para o mexicano, White se iguala a Las Casas pela pureza e bondade de coração, pois ambos persuadem os indígenas e os inocentes a serem vítimas dos espanhóis por não os crerem tão maus e condena o pensamento moderado do jornalista em acreditar que a Espanha não pode exercer mais nenhuma tirania, e que a desunião pode atrapalhar os progressos americanos. Frei Servando se insufla: “¡Optima propositio! ¡Boca de oro! Tomemos sus consejos. ¡Oh pueblos colombianos! España bien

quisiera ejercer una perpetua tiranía y hace cuanto puede sembrando la división [...]. Pero son los últimos suspiros del monstruo impotente.”¹³⁸

Exaltado, o mexicano propõe:

“Pugnemos por ser independientes y daremos, como todo pueblo libre, pasos de gigante hacia esa reunión natural de poder y de imperio en el Nuevo Continente, que ha estorbado la opresión. Unámonos como hermanos que somos y salga de entre nosotros la manzana de la discordia; arranquemos la cizaña europea; esa raza dañina que vive del monopolio y las intrigas, con que nos obliga a batirnos, gloriándose de la muerte de todos nosotros como enemigos menos. Sí, un mundo tan rico no puede ser esclavo de un rincón miserable”¹³⁹.

Com relação à Constituição de Cádiz, para frei Servando essa não possuiria nenhuma vantagem, pois não há nela divisão de poderes, um rei dono de força armada seria tirano e o poder legislativo seria seu escravo. Além disso, a liberdade de expressão continua sendo nula segundo seus artigos, bem como as leis favoráveis aos americanos foram vetadas, soma-se a isso o fato de que também a religião era usada para silenciar os americanos por meio da Inquisição, da proibição de livros e do decreto restituindo aos europeus todas as funções de bispos. Por isso a importância de uma constituição legítima, onde a Inquisição poderia continuar existindo, mas ela não seria religiosa e sim civil porque a segurança pessoal ficaria mais exposta, além disso, ter-se-ia por direito conhecer a razão de porque se foi arrastado à prisão e a acusação de seu crime.

Mier cita que se seguindo a Constituição espanhola, no caso de morte de Fernando VII e o infante dom Carlos, Carlota Joaquina, a imperatriz do Brasil, seria a mais infatigável pretendente à soberania, avançando em território do Rio da Prata sobre o pretexto de defender os direitos do irmão Fernando, usurpando terras e atacando fronteiras. Pelo raciocínio do dominicano, se Carlota dominasse a América do Sul, a Espanha conseguiria reverter o quadro e reconquistar o poder americano, e todos seriam subjugados, até mesmo o povo brasileiro que também eram americanos e oprimidos. A reunião das Coroas portuguesa e espanhola serviria para trazer a tirania para toda a América. Por isso, frei Servando faz uma invocação à união americana, pois a todo reino que se divide sobrevém a desolação. Juntas e congressos eram o necessário, e fogo a todos os europeus que se opunham porque queriam atar a todos aos grilhões coloniais. Segundo ele:

“No hay que espantarse porque antes se derrama alguna sangre, es la que teníamos de esclavos: no puede mejorarse ni regenerarse sin sangrías. La naturaleza misma no cura males inveterados sin fiebres, convulsiones y crisis peligrosas: al bello tiempo preceden hurricanes: la atmósfera se

¹³⁸ TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812 La otra insurgencia*. Prólogo e notas de Manuel Calvillo. México: Cien de México, 2003. p.198.

¹³⁹ *Idem*.

purga con los truenos, la tierra con los temblores. Todo ese sacudimiento habíamos menester para salir de máquinas a hombres: para recobrar el uso de las potencias y sentidos embotados, torcidos, gastados y encorvados bajo el infame peso de más enorme y largo despotismo.”¹⁴⁰.

Para Mier, era um insulto falar em conciliação, não existe e não pode haver com tiranos execráveis; que se morra vingando-se, ostentando-se os séculos vindouros da glória. Ao final da SCUAE, assim como na primeira, uma seqüência de doze notas interessantes é utilizada para aclarar temas descritos pelo dominicano ao longo do texto. À exemplo da primeira carta, é preciso se ater às notas em que o frei expressa posicionamentos políticos mais claros e que contribuam com a direção tomada por esta dissertação no que se refere ao alicerce do corpo de idéias criados pelo pensador mexicano.

Na primeira, quinta, nona e décima notas, o sacerdote mexicano retoma a série de ataques contra o uso do aparato religioso para impedir que as colônias americanas conclamem sua independência. Mier exorta o retorno à disciplina pura e primitiva da Igreja, bem como condena o fato dos realistas terem se utilizado do terremoto de Caracas para invocar um castigo divino contra a independência proclamada. Segundo ele, a única solução seria se divertir com os falsos cálculos teológicos que atribuem datas diferentes ao terremoto para associá-lo ao dia da independência. Isso não passaria de calúnias vis, onde a Espanha se destinava a imperar por meio da ignorância.

Mier demonstra mais detidamente na décima primeira nota as intrigas da rainha Carlota e a invasão das tropas portuguesas vindas do Brasil, que teriam saqueado e destruído territórios inteiros na região do Prata. Frei Servando alega que os documentos por ele apresentados visam comprovar que os portugueses avançaram com objetivo claro de conquista. Assim como espanhóis, os portugueses são brutos e cruéis, e só os americanos teriam civilidade numa guerra não declarada. Frei Servando termina essas notas relatando a conversa que teve com um monge da ordem dos jerônimos: “¿Por qué tienen ustedes prelados tan bárbaros? Porque en España hay una bienaventuranza, me respondió: bienaventurados los brutos, porque ellos mandarán mucho”¹⁴¹.

3.1 Segunda carta al *El Español* e a impossível conciliação entre América e Espanha

A segunda carta ao *El Español* pode ser entendida como um texto mais irônico, onde se vê a expressão mais cáustica de um Mier irritado pelas posturas européias em enxergarem a América como inculta e despreparada para assumir o comando da soberania. Frei Servando se indigna com a proposição de uma conciliação entre Espanha e as Américas, como se seu interlocutor fosse extremamente ingênuo em acreditar na boa vontade espanhola e por isso desconstrói todas as hipóteses alegadas pelo jornalista para que a aliança entre os povos litigantes permanecesse. Embora elogie a imparcialidade de Blanco White, é bastante perceptível o sarcasmo com que o dominicano ridiculariza as proposições do jornalista

¹⁴⁰ *Ibidem*, p.214.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 230.

espanhol, colocando-se na posição privilegiada de americano letrado que conhece a fundo a realidade vivida pelo continente de origem – embora na verdade só conheça o México –, enquanto White estaria sentado em seu gabinete vendo passar pela janela a turba da revolução.

Como primeiro elemento de estudo, que se mostra bastante evidente no texto, tem-se a emergência do povo como protagonista voluntário da independência de Caracas. Povo esse que se pôs a trabalhar pelos seus mandatários, sendo que a constituição representaria o convencimento espontâneo da nação que manifestava sua vontade. É importante empreender um breve estudo sobre a noção de “povo” que há no ideário insurgente, pois a invasão da modernidade sobre as estruturas da tradição exigia a criação de novos elementos de cognição, surgindo não apenas a construção da idéia de “indivíduo”, como também a necessária compreensão de uma nova noção de sociedade, concebida como uma justaposição de indivíduos iguais, homogêneos e intercambiáveis.

As teorias pactistas pregavam a compreensão de classes divididas em estamentos, cada uma com sua função dentro da idéia corporativa de governo, bem como os atores sociais de tipo antigo eram caracterizados por vínculos que não dependiam da vontade atual dos homens que os compunham, eles que não surgiam da eleição pessoal, mas senão do nascimento num grupo determinado, seja numa família, povoado ou grupo étnico em que os papéis já estavam definidos antes mesmo da pessoa vir ao mundo. A palavra nação e sentimento nacional eram invocados como clara conotação ao reino ou Coroa, expressando a permanência dos vínculos da comunidade política antiga, remetendo-se à idéia de única nação espanhola, o conjunto da monarquia, sendo ela formada tanto por americanos como peninsulares. Embora se invocasse uma monarquia unitária, o que existia era a pluralidade na realidade social.

A irrupção da modernidade no lugar dos vínculos descritos exigiu o remodelamento dos laços associativos embasados na vontade dos associados, onde a própria sociedade passou a ser pensada como uma vasta associação de indivíduos unidos voluntariamente cujo conjunto constituiria a nação ou o povo¹⁴². Com a ausência do rei, a nação recobrava sua potestade legislativa. Contudo, essa nação evocada, assim como o povo, não poderia ser entendida como o conjunto de cidadãos, mas sim como os organismos políticos já constituídos.

O povo de que falam os letrados é o que se supõe representado no Ajuntamento, que na verdade está formado de homens honrados, de educação e posição social, vindos de todas as cidades, sendo, na realidade, a classe alta *criolla* que dominava os cabildos de toda nação a quem se abria uma oportunidade de participar ativamente da vida política do país¹⁴³. O Congresso seria concebido como uma ampliação em plano nacional da representação popular ostentada nas antigas instituições que formavam a estrutura política colonial.

¹⁴² GUERRA, François-Xavier. *Op. cit.*, p.91.

¹⁴³ VILLORO, Luis. *Op. cit.*, p. 54-56.

Ainda que frei Servando evoque o ideal de protagonismo popular, e sem dúvida nenhuma o povo ocupa papel importante nos seus escritos representando as mutações ideológicas e sociais, é importante observar que o dominicano não se refere à massa anônima, à camada popular dos habitantes da Venezuela, mas sim aos seus representantes mais ilustres que se aliaram para proclamar a independência da província. Além disso, a adoção de um sistema representativo implicava na soberania nacional exercida pelo Congresso; uma vez eleito dele dependia todo o poder da nação. Essa defesa do congressismo é parte importante da retórica servandina nos seus escritos de caráter revolucionário. A simples menção da existência desse corpo civil seria apta a modificar o rumo dos estados nacionais que surgiam, visto que as enquadrariam no rol de nações desenvolvidas.

Essa análise contribui para a questão a ser por hora estudada no que se refere à flutuação dos termos empregados na literatura insurgente. Embora não declarado abertamente pelos *criollos* ilustrados, é notório que os livros de Rousseau, Montesquieu e Voltaire e ainda os enciclopedistas circulavam amplamente e eram discutidos nos grupos seletos. Contudo, a difusão dessas obras somente teria verdadeira significação se os principais teóricos da independência pudessem fazer claras adaptações ao pensamento *criollo*, conforme demonstrado na primeira carta, cuja atitude foi a de assimilar expressões dos ideólogos franceses que coincidiam formalmente com a linha de pensamento mais tradicional. No caso de Mier, é difícil não perceber o acentuado caráter das influências ideológicas francesas, que se impoem em seu texto cada vez com maior força, como se verá na HRNE. Ao afirmar que os termos eram empregados tanto por jacobinos quanto por liberais, o dominicano revela o caráter fluido da terminologia revolucionária. Esse hibridismo entre modernidade e tradição, onde os termos mais radicais recebem interpretação que não choque os leitores e onde os termos antigos recebem nova conotação, expressam a impossibilidade de se conter as transformações ideológicas que as reformas sócio-políticas impunham.

Embora renegue em vários textos a influência rousseauanas, a vontade geral proclamada pelo dominicano é aquela em que os indivíduos cedem parte de seus direitos para adquirir em sociedade a garantia dos demais restantes sujeitando-se a uma autoridade eleita por eles mesmos, que seria o Congresso. Apesar de não se manifestar acerca de Montesquieu, frei Servando demonstra conhecimento das idéias do pensador francês ao falar em poder concentrado nas mãos do rei e na busca do equilíbrio de poderes, com base na divisão e nos contrapesos como elementos da engenharia política do estado moderno que surgia com o movimento de independência das nações americanas.

Uma proposição que coloca o pensamento de Mier na vanguarda entre os ideólogos da insurgência se dá na invocação da união americana, o que expressa certo grau de evolução do seu ideário. Obviamente, no SG, frei Servando se ocupa acerca de indagações vinculadas à realidade político-cultural de seu país de origem. Entretanto, após vivenciar inúmeras aventuras e encontros intelectuais marcantes

na Europa, o dominicano não poderia permanecer cego sobre o grande potencial que a América obteria caso se unisse em um possível império continental.

Não é possível afirmar com toda exatidão se essa idéia de uma América una foi pura e simplesmente absorvida da convivência do mexicano com o pedagogo Simón Rodríguez ou Andrés Bello, ou se expressa uma conclusão natural das teorias pactistas, que entendiam a monarquia como um conjunto de reinos. Brading informa que o próprio Simón Bolívar, cujo sonho de união americana é tese marcante de seu ideário, apoiou-se em Montesquieu e sua república confederada entendendo-a como o estado mais apto a dominar e sobreviver aos conflitos que seriam inevitáveis nas províncias isoladas, argumentos que James Madison também havia desenvolvido com largo proveito em *The Federalist*, de 1787¹⁴⁴.

É possível perceber, todavia, que o arcabouço ideológico de Mier foi construído por intensos e constantes intercâmbios na esfera do pensamento, onde o papel da sua vivência pessoal teria reflexos inquestionáveis na sua produção literária e que encontrariam reverberação em seus contemporâneos, como Bolívar. Há fortes indícios de que o libertador das Américas tenha lido a HRNE, como se verá na análise desse documento. O mesmo, todavia, não se pode afirmar com exatidão acerca de sua provável leitura da SCUAE de frei Servando ou se teria Bolívar elaborado seu projeto a partir das idéias do pensador mexicano, ou das influências do professor Rodríguez ou mesmo em concepções próprias ao formular conceitos mais elaborados. É fato que em sua posição de presidente da Colômbia e de líder político do Peru, Bolívar cogitou a idéia de formar uma república confederada andina, composta de cinco ou seis estados: Bolívia, Peru Setentrional, Peru Meridional, Equador, Nova Granada e Venezuela. Com relação à proposta de união americana servandina, adiantando-se o estudo da *Memória político-instructiva*, ela seria formada por três grandes federações: a primeira englobaria México, desde o istmo do Panamá até as regiões mais ao norte como Califórnia e Texas; a segunda seria da Venezuela a Nova Granada e a terceira abarcaria Buenos Aires, Chile e Peru. Mas, assim como Bolívar, o mexicano parece não ter levado esse projeto mais além da etapa de conversação e das cartas. Enquanto Rodríguez e mais precisamente Bello refletem a voz da Ilustração mais liberal, a de Mier expressa toda a ira e mágoa americanas reivindicadoras e por isso divaga acerca do imenso poder que adviria da Hispano-América unida.

Assim como a monarquia espanhola pensava acerca das Américas, o mexicano também lança mão da idéia da Hispano-América como entidade política e cultural homogênea, que deseja, porém, a independência do continente sobre bases idênticas. Frei Servando desconsidera o caráter plural dos povos que formam o continente e por isso acredita que a universalidade lingüística, religiosa e moral seriam os alicerces para a construção de um grande império. Os vãos criativos da mente servandina chegam a estabelecer um Congresso no Panamá que conteria as ambições do Brasil, Estados Unidos e Europa.

¹⁴⁴ BRADING, David. *Op. cit.*, p.663.

Nossa Senhora de Guadalupe, embora fosse símbolo máximo da eleição mexicana como terra da provisão futura, era alçada a ícone de toda a América independente.

É possível observar que na mente servandina, mesmo diante de um cenário de fragmentação, era cabível a idéia de união. Ainda que cada província proclamasse isoladamente seu *status* independente, era marcante a unidade de sentimentos e referências culturais e políticas entre si. Mier alega que as províncias americanas já estariam se apoiando mutuamente no processo de independência, não sendo, pois a divisão de partido obstáculo para a união. Pode-se depreender da opinião de frei Servando que onde sempre houve opressão seria natural que a liberdade fosse vista como novidade, mas que esta não seria apta a ensejar a desagregação.

Na visão utópica do dominicano, até mesmo as divisões em castas eram obra do governo espanhol, pois entre índios e *criollos* não havia diferenças. Segundo Calvillo, a Ilustração e o liberalismo racionalizaram a ordália da paixão de frei Servando, pois deixa de ser para sempre o espanhol americano para assumir a condição única de americano, natural da terra, legatário dos antigos povoadores e em nome de quem exige a titularidade de todo o continente, não apenas como mexicano, mas também em honra dos povos da América¹⁴⁵.

Causa interesse a preocupação nos escritos de frei Servando sobre os avanços imperialistas do Brasil em direção aos territórios do Prata, onde revela que Carlota Joaquina não mediria esforços para expandir seu reinado. Na *Memoria politico-instructiva*, o mexicano conta que teve contato com Hipólito José da Costa (1774 – 1823), o jornalista e diplomata brasileiro radicado em Londres responsável pela publicação do jornal *Correio Braziliense*. Esse fato permite compreender de onde Mier sorvia informações acerca da política portuguesa no Brasil, contribuindo para sua tentativa de esboçar o contexto das independências em todo o continente americano. O sacerdote acreditava que a invocação da união americana serviria para frear a monarquia ibérica, não se opondo o dominicano ao povo brasileiro, considerando-o tão vítima do despotismo quanto os hispano-americanos, dirigindo sua ira também aos portugueses, assim como faz com os espanhóis. Contudo, mesmo sendo benévolo para com a população do Brasil, tão oprimida pelo absolutismo quanto o resto do continente, o pensador mexicano não incluía o país como integrante de um possível império americano, o que revela o papel sempre peculiar da nação brasileira, em virtude da suas raízes políticas e culturais.

Um aspecto que precisa ser ressaltado, embora já analisado na primeira carta, é o maniqueísmo presente quando se analisa as ações dos insurgentes em detrimento das posturas realistas, já que frei Servando nessa segunda carta parte em defesa aberta da Venezuela, afirmando a inexistência de ilegalidade no processo de constituição de suas estruturas cívicas e muito menos na condenação dos agentes contrários à autonomia do país. Mier critica fortemente todos aqueles que utilizaram o terremoto

¹⁴⁵ CALVILLO, Manuel. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Cartas de un americano 1811-1812. La otra insurgencia*. Mexico: Cien de México, 2003. p. 21.

de Caracas como apelo religioso para a causa realista, podendo-se encontrar nos escritos servandinos o uso da oratória bíblica para fazer valer também suas teorias insurgentes, como foi demonstrado na primeira carta, onde conclama o divino para reger o processo de independência americano, como que afeito à vontade celestial.

Conquanto condene nos inimigos a retórica religiosa, frei Servando se utiliza do mesmo instrumental para defender o ponto de vista dos revoltosos. Essa tomada de atitude religiosa do dominicano expressa, ainda que de modo diverso, a defesa dos ideais católicos, pois como já foi visto, ele não era contra o catolicismo – haja vista que nessa carta Mier defende abertamente a continuação da Inquisição apenas como corpo religioso – mas se opunha à venalidade dos membros do clero ao buscarem manipular a ideologia cristã para a satisfação de interesses mundanos. Essa posição de frei Servando reflete o caráter tradicionalista que assumiu o ideário político insurgente da Nova Espanha no que se refere à proteção dos valores católicos.

As idéias expostas da CUAE e SCUAE fazem ver os alicerces do ideário político de frei Servando Teresa de Mier. Os inúmeros temas abordados e as manifestações claras da opinião do dominicano sobre o processo de independência americano expressam não apenas vertentes ideológicas vivenciadas pela elite ilustrada da Hispano-América, como detalham aspectos que consagram a escrita servandina como arcabouço cultural do movimento de autonomia das Américas. Essas duas cartas são instrumentos fundamentais para o historiador que visa se dedicar a desbravar o universo mental de Mier, pois ambos os textos permitem que se vislumbrem os esqueletos que sustentam a doutrina revolucionária do dominicano. Todavia, é com sua *Historia de la Revolución de Nueva España* que o sacerdote mexicano tem seu apogeu literário. Essa obra foi a responsável por incluí-lo na excelsa constelação dos pais da pátria mexicana.

4. *Historia de La Revolución de Nueva España, Antiguamente Anáhuac o verdadero origen y causas de ella con la relación de sus progresos hasta el presente año de 1813*

No tempo em que vivera em Cádiz, Frei Servando teria conhecido na Corte a esposa do vice-rei deposto da Nova Espanha, José de Iturrigaray, a qual provavelmente teria encarregado o dominicano de escrever a favor do marido a obra HRNE na cidade de Londres. No entanto, devido ao conteúdo da primeira carta ao *El Español*, os temores infundados de Iturrigaray acerca da posição política do dominicano se confirmaram, levando-o a retirar o apoio à publicação dos capítulos de HRNE, uma vez que o mexicano havia assinado a carta como *un caraqueño republicano*, revelando suas reais aspirações. Sem dinheiro para concluir a obra, o dominicano foi preso em terras britânicas por não ter pago suas dívidas, somente saindo do cárcere com o apoio dos primeiros deputados da província de Buenos Aires enviados para Londres, o que explicaria a razão da dedicatória de sua obra ser para essa nova república. Entretanto, frei Servando não desistiu de terminar o que se tratava não só de uma defesa aberta ao vice-rei deposto, como de uma vigorosa apologia da insurgência americana contra a dominação espanhola. HRNE

foi escrita em diatribe ao cronista espanhol Juan López de Cancelada. O pensador mexicano responsabiliza Cancelada pela deposição de Iturrigaray e por denegrir a imagem da América e dos americanos em seu jornal *Telegráfo mexicano*, dando uma noção errada para a Europa do que realmente acontecia no novo continente e de quem eram seus habitantes.

Como o dominicano declara, trata-se, portanto, de uma história apologética, escrita para contestar a um homem. Por essa obra, o esforço servandino se dá em prol de dar notícia da origem e princípio das insurreições e juntas das demais províncias das Américas espanholas; exhibir os manifestos de apoio à formação da suprema junta nacional do México; apresentar a Carta Magna existente no Código das Índias e estabelecida no momento da conquista das terras americanas entre os reis espanhóis e o povo americano; revelar todos os agravos sofridos pelos americanos por parte do governo espanhol, fixar o estado da questão que agita e divide americanos e europeus.

Em vista disso, Mier procura com sua obra servir de norte para a exata compreensão da situação americana. É a primeira obra em que trata da história da independência da Nova Espanha, portanto, um marco na literatura da revolução, servindo de referência primordial para qualquer pesquisador que se detenha sobre o tema da formação dos estados nacionais na América. Outro objetivo a ser alcançado com a HRNE seria o de atuar como também instrumento de convencimento tanto do povo inglês – já que Mier faz perceber diretamente esta intenção no seu capítulo XIV, por escrever em Londres, o considerado centro para onde convergiam todos os ideais libertários –, quanto de todos aqueles que se identificassem com o motivo da revolução autonomista. Conforme a opinião de Alamán:

“Esta obra, escrita con elegancia, y dispuesta con mucho artificio, será siempre apreciable por la multitud de noticias que contiene y por el talento con que el autor trata las materias de que se ocupa. [...] Rico en conocimientos y erudición, Mier es al mismo tiempo muy agradable por su estilo y lleno de fuego y ardimiento, abunda en chistes oportunos que hacen entretenida y amena la lectura de su obra. Ésta ha venido a ser muy rara, porque habiendo retirado Iturrigaray los auxilios que ministraba a Mier, luego que vio que defendía abiertamente la Independencia; éste que había continuado escribiendo, se encontró sin medios de pagar al impresor, quien embargó los ejemplares e hizo poner el autor en la prisión de los deudores, en la que permaneció mucho tiempo, hasta que, llegado a Londres los primeros enviados del gobierno independiente de Buenos Aires, éstos pagaron al impresor y rescataron los ejemplares de la obra, que remitieron a su país”¹⁴⁶.

A HRNE é dividida em quatorze livros, melhor entendidos como capítulos, sendo uma obra de vasta extensão, que em meio a cerca oitocentas páginas narra a epopéia da busca da liberdade do povo

¹⁴⁶ ALAMÁN, Lucas. *Op.cit.*, p.04.

mexicano. Os livros desbravam a história do processo de autonomia do México desde a invasão napoleônica e a deposição do vice-rei Iturrigaray até a formação dos exércitos de Hidalgo e Morelos e a violenta reação dos realistas. Nessa obra, a qual assina sob o pseudônimo de José Guerra, primeiro e último nome do dominicano, ele se vale de diversos tipos de documentos, gazetas regalistas, testemunhos presenciais, decisões das Cortes e panfletos revolucionários, utilizando-se deles de maneira um tanto caótica e subversiva, apenas com o intuito de alicerçar a verdade que proclamava aos quatro ventos.

Segundo Henestrosa, Mier é um bravo improvisador, um repentista e por isso tanto as cartas quanto a HRNE são escritas de momento, cheias de abreviaturas, citações erradas, pela metade, sem comprovação de autoria ou mal distribuídas. Em tais obras converte em seu próprio documento toda fonte, ao passar do escrito alheio à sua notícia torna-se própria dele, invenção sua, exclusiva dele¹⁴⁷. Servando oferece notícias raras, curiosas e outras mal intencionadas, mas certas e que foram confirmadas por seus contemporâneos. Brading é da opinião que frei Servando estava tão persuadido da sua pertinência ideológica sobre a causa insurgente que promoveu nada menos que três edições de seu escrito, uma em Londres, outra na Filadélfia e outra no México, advertindo no prólogo que: “No faltará un nuevo Las Casas para revelar vuestros crímenes y exponeros una vez más a la execración del universo”¹⁴⁸.

Mier inicia a HRNE explicando que sua obra foi elaborada em contraste a um folheto de 1811, cujo título era *Verdad sabida y buena fe guardada – origen de la espantosa revolución de Nueva España comenzada en 15 de septiembre 1810. Defensa de su fidelidad*, de autoria de Juan López de Cancelada, redator da gazeta do México. Para o dominicano, esse folheto se tratava apenas de corresponder a interesses mercantis, pois Cancelada não passaria de um vendedor de quinquilharias e dedo-duro, que encabeçou a quadrilha que depôs o vice-rei José Iturrigaray e a quem culpou pelas revoluções da Nova Espanha, por ter encoberto a verdade dos fatos, ofendendo a lealdade do povo mexicano. Segundo o sacerdote, o título oficial deveria ser a *Verdad prostituida y la buena fe burlada sobre el origen de la revolución de Nueva España – ofensa de su fidelidad. Por un fallido publico y gazetero detestado por sus imposturas*.

Frei Servando traça o perfil biográfico de Cancelada como tendo sido moldado desde suas origens a ser venal e corrupto, um homem de recados dos grandes da Espanha cuja vida possuía escândalos e vilezas, e que, dessa forma, havia conseguido o monopólio das informações por deter em suas mãos o jornal na Nova Espanha. Sobre Cancelada, escreve:

¹⁴⁷ HENESTROSA, Andrés. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.05.

¹⁴⁸ BRADING, David. *Op. cit.*, p. 637.

“Nació pues el historiador en Villafranca del Bierzo, de donde suelen decir en España como de Galilea los Judios, que no puede salir cosa buena. El salió para Cádiz y ejerció el honroso empleo de mozo de mandados [...] y por esta seña, la falta de estudios que confiesa en su *Telégrafo mexicano*, y la mala crianza que prueban sus desvergüenzas, groserías y dicharachos de verdulera, se puede inferir su alcurnia, aunque el quiera entroncarla en condes y marqueses como si todavía estuviese a luengas ricas”.¹⁴⁹

Mier teve acesso a vários documentos das tropas realistas relativos aos acontecimentos, como muitos testemunhos presenciais. Tais documentos eram remetidos ao dominicano pelo fato, segundo ele mesmo narra, de acreditarem ser ele alguém livre de suspeitas e hábil com as palavras. Frei Servando alega que teria consultado vários deputados das Cortes e membros das juntas, bem como outros chefes europeus e americanos que lhe ofereceram mais documentos e notícias mais detalhadas dando-lhe condições de concluir seu trabalho.

Cancelada soube do seu propósito e, por fazer parte das esferas do despotismo, passou a intrigar contra o mexicano. Tendo o frei servido lealmente ao exército espanhol durante quatro anos, Mier sabia como a Espanha pagava aos americanos mais respeitáveis, prendendo-os em cárceres sem saber o motivo da prisão. Por isso, ele teria fugido para Londres antes que sepultassem a verdade que ele trazia a tona e afirma que teve dificuldades em se estabelecer na capital e por isso a demora em escrever sua resposta ao folheto¹⁵⁰.

O dominicano se mostrava preocupado sobre a maneira de escrever, pois deveria mostrar a qualidade do seu saber, fazendo remissões a fontes conhecidas, ocupando-se da ordem e da beleza para que satisfizesse o leitor, sem, contudo, perder a imparcialidade historiográfica. Porém, adverte que para quem foi testemunha, a História se escreve de forma diferente, com os ânimos já prevenidos das falsas notícias, por estar já distante do teatro em que se cruzam as paixões e os feitos. Frei Servando quer autenticar sua verdade ao relatar minúcias que seriam importantes para os mexicanos, por isso ele revela: “Se haga cargo que mi historia es apologética y que la he escrito para impugnar a un hombre”¹⁵¹.

Na postura de historiador, o frei alega que a desordem que aparece na sua história não é senão resultado da desordem que reina no folheto que combate, pois Cancelada teria começado a escrever seu jornal *Telégrafo mexicano* em troca de favores dos comerciantes europeus no México contra os pedidos da deputação americana para suas províncias, manipulando a opinião pública. O jornalista tentou

¹⁴⁹ TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. Prólogo de Andrés Henestrosa. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p. xix.

¹⁵⁰ Pelas próprias palavras do sacerdote, surge uma outra explicação para seu refúgio em Londres que não o patrocínio de Iturrigaray para a publicação da sua obra. A explicação de frei Servando enaltece seu lado heróico e evidencia a constante vangloriação dos próprios feitos, marca constante na estrutura dissertativa dos textos de Mier.

¹⁵¹ TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. Prólogo de Andrés Henestrosa. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.ix.

influenciar as decisões do governo da Espanha, e, por isso, em todos os jornais peninsulares os insurgentes não passavam de bandidos e assassinos e os espanhóis que os degolavam uns santos, sendo até mesmo o jornal de Blanco White, *El Español*, banido da Espanha ainda que se esforçasse em mostrar os fatos de maneira imparcial.

Mier alega que seu livro XIV foi escrito com a finalidade de estabelecer uma nova mediação entre americanos e ingleses filantrópicos com o objetivo de informá-los melhor acerca do verdadeiro estado de questão entre americanos e europeus. Frei Servando se relaciona diretamente com o leitor ao lhe suplicar que ache na sua obra a verdade segundo seu leal saber, apesar de confessar seus defeitos como a pequenez de seu talento e a falta de um plano – já que agregou capítulos de acordo com novas informações que chegavam e os imprimia de acordo com as doações, que eram rasas, e as reimpressões para correções, que eram muito caras.

Sua história é escrita para rebater passagens da conquista; esta não passava de uma reunião de anedotas contadas pelos vencedores e viajantes europeus, como De Pauw, para sujar a imagem da América e de mecanismos para justificar suas atrocidades. O autor alega que escreve em defesa de inocentes caluniados, justificando o uso da palavra “Insurgente” – sendo que os franceses teriam usado este termo para designar as nações que resistem à violência e usurpação e sua origem seria latina, *insurgo*, que significa “levantar o que está caído, se por direito, ereto”. “Revolução” viria do verbo *revolvo*, que Cícero explica como voltar outra vez ou retornar, como se o passado sem a conquista fosse melhor, sendo isso justificativa para a revolução, que se dava por direito, já que não havia outra coisa capaz de romper os obstáculos. Para Mier, o México passava por um momento ideal de quebrar as algemas, sendo essa a época oportuna para sair das cadeias e não se esperar mais para agir.

Frei Servando utiliza os oito primeiros capítulos da HRNE para descrever a crise de autoridade surgida na ausência de um poder central com invasão da Espanha pelas tropas napoleônicas. Se a península encontrava-se acéfala, suas colônias padeciam da mesma mazela. No caso específico da Nova Espanha, o vice-rei Iturrigaray declarou sua fidelidade a Fernando VII, mostrou-se a favor da constituição de uma junta mexicana que representasse as províncias e não reconheceu a Junta de Sevilha como detentora da soberania espanhola. Nesse tempo, as Audiências já possuíam planos de derrubar Iturrigaray e de apoderar-se do mando, com apoio dos comerciantes europeus. Os conspiradores temiam o poder que o vice-rei passava a ter na ausência do monarca espanhol, por isso os ouvidores agiram de forma a condenar o seu poder ilimitado. As autoridades espanholas acreditavam que, mesmo diante do perigo próximo e das necessidades políticas e econômicas que se tinha em situação, qualquer junta que se convocasse era princípio de revolução e um passo para a independência americana.

As atenções de Mier voltam-se para a reação popular de fidelidade ao rei Fernando VII, logo após o seqüestro da família real pelo exército francês: “Reúnanse todas las fiestas, regocijos, iluminaciones y demonstraciones de afecto que la península dio a Fernando VII y entonces se podrá formar idea del

extasis en que se hallaba Nueva España por su rey”¹⁵². Assim como o povo, o vice-rei demonstrava sua lealdade. A gazeta de Madri teria impresso o juramento de fidelidade de Iturrigaray, que teria lançado dinheiro de seu bolso com a efígie gravada do monarca: “Así lo más admirable en aquellos días felices fue es espectáculo inaudito de fraternidad que se vió entre las diversas clases del estado y de las gentes que pueblan la capital. No solo el religioso marchaba en filas paseando por las calles y plazas con el militar, sino que el Marques lo daba a un indio, y el mulato tomaba el de un caballero.”¹⁵³

Contudo, apesar das demonstrações de fidelidade, foi grande número de agitações em que se acusava Iturrigaray de tomar o mando, cogitando Cancelada em chamar Dom Pedro I do Brasil para reger o México, sem que esse demonstrasse qualquer desaprovação. Iturrigaray, pressionado, pediu renúncia diante do ayuntamiento. Com a saída do vice-rei gerou-se a formação de dois pólos: os que apoiavam a interferência da Junta de Sevilha contra aqueles que não aceitariam um órgão que não estivesse autorizado por Fernando VII. Mier garante que o voto em favor de Sevilha era desejado pelos comerciantes europeus porque garantia a permanência dos interesses das elites.

Conforme frei Servando, a América era parte integrante da Monarquia espanhola, incorporada inseparavelmente e unida desde o descobrimento e possuía as mesmas instituições e leis que Castela, assim como demonstrou um certo americano em CUAE¹⁵⁴. O dominicano busca a origem em Roma para justificar a palavra “Colônia”, que seria uma espécie de “prêmio concedido aos veteranos que conquistaram as melhores terras e estariam sujeitas aos indígenas”. Mier quer resgatar os direitos iguais existentes entre espanhóis e indígenas, e retoma a tese já defendida nas notas nas cartas acerca da mestiçagem e da cidadania americanas e da suposta pureza de sangue espanhola. Soma-se a isso o fato da diferença de representação nas Cortes declarar a eterna inferioridade das Américas à Espanha ao se estabelecer o pacto social com um número inferior de deputados em relação à grandiosidade americana.

Embora tenha renunciado, Iturrigaray foi preso e enviado para a Espanha sob acusação de tentar queimar o templo da imagem de Guadalupe, intrigas que para Mier partiam do grande comerciante local, Gabriel Yermo, ao lado de europeus, que temiam o poder concentrado nas mãos do vice-rei. A proclamação da Junta de Madri, declarada a única soberana, ensejaria uma ação de repúdio por parte dos mexicanos que não a consideravam legítima pois ela não representava a monarquia espanhola por completo nas Cortes, haja vista que a maior parte da população estava em ultramar, nas Américas, de onde não havia vindo membro algum. Sem o consentimento igual de toda nação nada se podia fazer legitimamente, por isso: “toda la América ardia em chismes, espionage, delaciones, procesos, encarcelamentos y destierros, que recordaron todos los horrores de los conquistadores, recrudescieron todas las llagas y excitaron un clamor general de Nuevo Mundo”¹⁵⁵.

¹⁵² *Ibidem*, p.76.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 80

¹⁵⁴ Embora cite constantemente as suas cartas ao jornal *El Español*, Mier não assume a autoria dos escritos na HRNE.

¹⁵⁵ TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. Prólogo de Andrés Henestrosa. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.256.

Na opinião do mexicano com relação à criação das juntas americanas, era difícil contestar a legalidade desses novos órgãos políticos por se declararem todas fiéis à monarquia e por quererem acabar com as injustiças cometidas pelas autoridades despóticas do governo espanhol. Segundo o pensador mexicano, a verdadeira causa da revolução é a injustiça espanhola. Com base nos estudos de Humboldt, Mier explica que:

“Las injusticias del gobierno de España con los criollos, su antigua y completa parcialidad a favor de los europeos había hecho nacer otra entre ambos, que ya habían observado todos los viajeros, vaticinando un rompimiento futuro en la ocasión que privaría a la España de sus colonias. El barón de Humboldt es el último que ha observado esta antipatía, aunque observó también que la política del gobierno la entretenía para reinar mejor a sombra de la división según la máxima de Tiberio: *divide, ut imperes*”¹⁵⁶.

Frei Servando dá justificativas da própria atuação como insurgente:

“El lector no se admire cuando vea a los eclesiásticos a la cabeza de la revolución e los Ejércitos, le advertiré, que esto no proviene solo de que siendo ellos los más instruidos conocen mejor los derechos de los pueblos y sienten mas sus agravios sino de que han sido quitados también a los hijos de país los empleos Eclesiásticos, único refugio de honor y provecho de que no estuviesen enteramente excluidos. Los Europeos comandaban el mando, el comercio, las rentas, los puestos civiles y militares, no quedaba otro asilo a la nobleza criolla que la Iglesia secular o regular, adonde habían acudido en tropel con los estudios correspondientes”¹⁵⁷.

É somente no livro IX que principia o relato sobre as guerras de insurgência na Nova Espanha. Mier principia elogiando o trabalho de Blanco White, em *El Español* de número XIII, pela neutralidade em publicar os acontecimentos revolucionários na Nova Espanha. White teria descrito todos os eventos concernentes à prisão do vice-rei até a revolta dos líderes *de los de abajo*, com a rebelião do povo de Dolores impulsionada pelo padre Hidalgo, bem como dos regimentos capitaneados por Allende, Aldama e Mariano Abasolo. Mier passa a descrever as personalidades e a biografia desses líderes, que eram fiéis ao monarca Fernando VII, mas que pela prisão do vice-rei prometeram vingar-se dos europeus e planejaram uma espécie de insurreição simultânea nos diversos pontos da Nova Espanha. Sobre Hidalgo, o sacerdote declara:

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.275.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.280.

“Había hecho en el seminario de su capital sus estudio teológicos con tanto lucimiento que el Cabildo eclesiástico, su mecenas, le regaló 4 mil *ps. fs.* para ir recibir el grado de Doctor Teólogo en México [...] Su genio había sido siempre emprendedor. El obispo de Valladolid le solía llamar el cura de los curas y aun en el mismo edicto en que después le excomulgó confiesa que hasta el tiempo de la insurrección había tenido todo su aprecio y confianza”¹⁵⁸.

Mier descreve a quase instantânea aceitação da figura insurgente de Hidalgo pelos povoados interiores e a grande expansão da insurreição no território mexicano em razão das suas obras, como o fim dos tributos cobrados aos indígenas e outras ações de caráter social, dados que poderiam ser ratificados pelos estudos do barão de Humboldt. Enquanto isso, a Igreja católica pedia excomunhão de todos os insurgentes pois considerava um insulto à religião utilizar um estandarte de Nossa Senhora de Guadalupe com os dizeres: “Viva a religião, Viva Nossa Senhora de Guadalupe, Viva Fernando VII, Viva a América e morra o mau governo”.

O rápido avanço das tropas insurgentes ensejou um rebate violento das tropas realistas e uma enxurrada de sangue. Os generais de Hidalgo não teriam depreciado a oferta do vice-rei em entrar em uma composição para evitar mortes desnecessárias. Mier retoma a seqüência de ataques e ações militares, sempre ressaltando o valor moral dos insurgentes, que, até mesmo nas aplicações de pena de morte agiam com justiça e respeitavam os adversários, ao contrário da barbárie e crueldade cometidas pelas tropas realistas. Sobre a ação militar realista proposta pelo general Calleja, Frei Servando se exalta: “¿Cruel Tibério, Calígula o Neron de cuya boca copias semejante decretos? ¿Qué llamas rebelión entre los que están proclamando a Fernando VII y sólo pelean contra la opresión de un infame gobierno y de un virrey puesto por execrable regencia, cuyo poder era ilegítimo y usurpado? [...] ¿Cómo no podías calcular el numero de muertos del enemigo habiendo quedado dueño del campo de batalla?”¹⁵⁹.

Assim como Las Casas fez com a conquista espanhola, o pensador mexicano descreve em minúcias as ações de violência cometidas contra a força insurgente, apoiando-se em documentação escrita pelo próprio exército realista, fazendo associações entre a matança da conquista realizada por Hernán Cortez e o sangue derramado pelas tropas realistas e ressalta: “Destruir para poder dominar es lenguaje de tiranos, pero se entiende muy bien”¹⁶⁰. Até mesmo a prisão dos principais líderes do movimento, Hidalgo, Allende, Aldama e Absolo, traídos por Ignacio Elizondo e fuzilados imediatamente, não era motivo para os espanhóis se gabarem da vitória: “Toda insurrección nacional son como las [cabezas] de la hydra que renacen por más que se corten”¹⁶¹.

Frei Servando se utiliza do discurso bíblico para garantir o direito à independência:

¹⁵⁸ *Ibidem*, p.291.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p.349.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 352.

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 382.

“Si estuviésemos obligados a obedecer los reyes porque su poder viene de Dios, estaríamos obligados a obedecer también a Napoleón y demás tiranos porque tienen poder y según San Pablo todo poder viene de Dios: *ovnis potestas a Deo*. Jesús Cristo mismo hubiera estado obligado a obedecer Pilatos porque el mismo reconoció en este el poder de Dios para crucificarle. [...] Pero la voluntad final de Dios, única que nos obligue, no puede ser que se prive a los hombres de la libertad que él les dio y que no procuren su felicidad, cuyo deseo gravó con su deseo irresistible en lo íntimo de nuestros corazones. A la libertad nos llamó el Señor, dice el Evangelio, y nada hay más contrario que la opresión o la esclavitud al amor del próximo y la fraternidad, que es el segundo principal de sus mandatos”¹⁶².

El Español publica os principais acontecimentos referentes aos combates entre as forças regalistas e os exércitos comandados pelo padre Nicolas Morelos e Ignacio Lopez Rayon, quem havia formado a Junta de Zitáquaro. Mier pondera que o envio de tropas por parte da metrópole significaria o fim de todos os laços de fraternidade e união social. O mexicano põe em relevo trechos que teriam sido extraídos dos documentos regalistas que realçam as qualidades dos insurgentes. Sobre Morelos e seu exército, o dominicano conta que:

“El ejercito de Morelos era compuesto en la mayor parte de gente de tierra caliente infinitamente mas valiente y atrevida que los indios y mestizos de tierra fría, y que ufanos con las victorias anteriores, y armados con los fusiles y cañones cogidos a nuestras divisiones batidas, dirigidos por oficiales americanos (anglo) hacen la guerra con mas conocimiento”¹⁶³.

“El cura Morelos con aire de inspirado dicta providencias, que puntual y activamente se ejecutan a cualquiera costa. Se oyen protestas y juramentos de sumergirse en las ruinas antes de abandonar la defensa. Bailan alrededor de las bombas, y por cada una sueltan un repique en señal de que les desprecian, sin embargo el estrago que hacen”¹⁶⁴.

Mier descreve em detalhes não só as ações militares e os conflitos armados, como também o cenário de sangue derramado. As tentativas de Morelos em prol de uma conciliação para evitar mortes teriam sido refutadas pelo vice-rei e descreve as cenas de horror nos campos de batalha de Coautla:

¹⁶² *Ibidem*, p. 426-427.

¹⁶³ *Ibidem*, p.450.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p.453.

“El cura Morelos obligado de la espantosa escasez que le redujo al término de comer insectos, cueros y cuantas inmundicias se les presentaban, estrechado por el bloqueo y un fuego bien dirigido y hostigado de las enfermedades que le arrebataron mas de 3000 hombres y perdida la esperanza de socorro, pues 12000 habían sido derrotados en tres acciones diferentes, resolvió su retirada”¹⁶⁵.

A última notícia que Mier possui de Morelos é que este havia retornado a Acapulco, sua base territorial, e cita a carta de 09 de março de 1813:

“Que tiene ya un ejercito de 18000 hombres, 10000 uniformados y armados de fusiles de casi todos del rey tomados en diversos encuentros: pues de 46 acciones que ha tenido entre grandes y pequeñas no ha perdido ninguna, porque su retirada en Coautla fue la más gloriosa según ha dicho Calleja mismo. No se puede hacer mayor elogio de este bizarro teniente general”¹⁶⁶.

É no capítulo XIII que a persistência de frei Servando em defender a causa insurgente se mostra em maior evidencia. Mier nesse capítulo esquadrinha, de forma exaustiva, as notícias das gazetas do governo que, embora exaltassem as forças conservadoras, traziam informações que enalteciam o valor e perícia dos insurgentes. Tais gazetas relatavam não só as ações militares dos regalistas, mas também dos rebeldes, revelando dados relativos ao número de feridos, presos, mortos, armas apreendidas e ao estado em que se encontrava a rebelião. O intuito de Frei Servando é contar que:

“El presente libro, pues, extractando las gazetas del gobierno de México, que así se intitulan, sin variar empero sus palabras, no es sino lo que llaman los escolásticos un argumento *ad hominen*: es probar a los incrédulos de Europa por los mismos datos ó asertos del gobierno la profusión con que se está vertiendo la sangre americana, para excitar la compasión y la ayuda, al mismo tiempo que la execración de los bárbaros implacables que no respetan aun el derecho de las gentes, ni ceden a ningún partido nacional. Por su propia confesión se dejará ver que no son unos pocos aventureros despreciables los que combaten por la libertad de su patria: es toda la Nueva España en masa, por decirlo así, que declara su voluntad de no ser mas esclava da península Española, que conoce sus derechos y pelea por sostenerlos contra sus opresores y tiranos, sin igualdad en las armas, es verdad, y ni en disciplina y pericia, pero con igual valor e igual alternativa de perdidas y victorias”¹⁶⁷.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p.461.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p.472.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p.498-500.

Ao expor as principais notícias das gazetas, Mier visa dar um panorama global da revolução da Nova Espanha, podendo-se inferir das notícias a vulnerabilidade a que estavam expostos os exércitos insurgentes, com armas impróprias para combate e pessoal oriundo das camadas populares, das diversas castas, contando inclusive com a participação de mulheres. Mesmo em situação de precariedade o dominicano extrai das gazetas elogios à força combativa dos insurgentes:

“Noviembre, gazetas de los días 21, 23, 28 y 30 por ellos se ve que los insurgentes, cuyo total en Patzquaro era de 8067 se apostaran y batieron con mucho arte y valor, y que sus 13 cañones estaban bien sostenidos de infantería resguardada de algunos parapetos portátiles triangulares de madera, sino que les faltan fusiles y la pericia de los oficiales veteranos del virrey”¹⁶⁸.

Mier quer revelar com as gazetas realistas que Agustín de Iturbide é um general dos mais conservadores e ativos no combate aos insurgentes. Da parte de Iturbide na Gazeta de 06 de junho, o sacerdote extraiu o trecho seguinte: “Ataque ao vale de Santiago: Les tomé cosa de 100 armas de fuego, ciento y poco de caballos buenos ensillados [...] No puedo formar un cálculo seguro de los que murieron, pero llegarán y tal vez excederán de 300 con inclusión de 30 cabecillas y de más 150 que mandé pasar por las armas”¹⁶⁹.

Frei Servando destaca do texto de Iturbide a seguinte passagem:

“El dolor de la muerte del granadero Aviles a pesar de que fue la única desgracia que tuve, y la precisión de hacer morir sin auxilios cristianos a tantos miserables, lo que solo puede mandarse en casos igualmente estrechos, han contristado terriblemente mi espíritu, sin embargo la satisfacción de un golpe tan afortunado para la utilidad publica”¹⁷⁰.

Para o mexicano, as palavras de Iturbide revelavam um mescla de hipocrisia e barbárie, pois ao general lhe atribulava mais a morte de um soldado que a de 150 compatriotas a quem fuzilou injustamente:

“A la verdad, un hombre que cree que los insurgentes están excomulgados y en pecado mortal, y cree que para no ir al fuego eterno necesitan de sacramentos, enviarlos a él sin ellos pudiendo dárselos, es tener una alma verdaderamente infernal.[...] Nada más vil que el lenguaje de un esclavo como este adulando a sus amos”¹⁷¹.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.507-508.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p.538.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.539.

¹⁷¹ *Idem*.

O dominicano faz o somatório das mortes e atesta o triste resultado auferido das gazetas com a morte de 25.334 insurgentes, sem contar as mortes que não são especificadas, as quais o vice-rei refere-se como horríveis carnicerias, mortandades assombrosas, campos semeados de cadáveres e cobertos de sangue. Mier diz como Voltaire: “enhorabuena sea exagerada, hágase prudente rebaja, siempre quedará un numero que horroriza la humanidad. ¡Oh patria mia, oh país el mas bello del mundo!”¹⁷²

Frei Servando adiciona que da gazeta dos realistas não se pode inferir nenhum massacre provocado pelos insurgentes. O sacerdote mexicano cita a carta de um europeu anônimo que diz que os insurgentes jamais feriram o direito de propriedade daqueles que não tomaram parte de nenhum dos lados, como o caso do deputado José Beye Cisneros em que o exército de Hidalgo, ao invadir sua fazenda, tomou dinheiro de seu administrador, ato esse criticado pelo general insurgente, restituindo-lhe a quantia retirada.

Mier expõe por completo documento do Plano de Paz e o Plano de Guerra dos insurgentes, que evidenciando os motivos da insurgência e as ações espanholas, estabelecem não só os princípios legais em que fundam sua ação e sua pretensão, como também as bases para uma guerra justa e civilizada, sem crueldades, respeitando-se a moral cristã e o direito das gentes. Ao ver do pensador mexicano, recusar o plano era cometer uma barbárie.

O livro XIV é o considerado pelos historiadores da obra de Frei Servando o mais importante e mais conhecido da obra HRNE por resumir a trajetória americana e revelar as causas da guerra, no intuito de fazer despertar a nação inglesa para que tome parte da causa americana e de melhor informá-la sobre uma análise mais definida da insurreição. Os espanhóis agiam no sentido de abolir o pacto social que o rei celebrou com os americanos e substituí-lo por outro que subjuguie eternamente a América. Mier deixa claro que não fala do pacto social de Rousseau, entendido por ele como anti-social e cujos sofismas causaram o terror da Revolução Francesa, mas remete-se à Carta Magna da conquista, que reside no fato das Américas serem consideradas partes integrantes da nação e seus habitantes iguais em direitos aos espanhóis.

Como esse livro visa a convencer o público inglês, o dominicano expressa que trabalhou seguindo o modo sensato de pensar britânico e sua convicção sobre a justiça da causa o motivou a orientar o povo da Inglaterra sobre o que se passava nas Américas. Nesse sentido, o mexicano retoma toda a seqüência da idéia de pacto solene e explícito que celebraram os americanos com os reis da Espanha, hipóteses já abordadas nas CUAÉ e SCUAÉ e repetidamente referidas em seus trabalhos. Mier faz uma espécie de defesa dos tempos régios, ao afirmar que na América todas as diferentes castas exerciam certo direito de cidadania, segundo expressam as leis das Índias, compreendido no pacto social dos americanos. Frei Servando transcreve observação de Humboldt sobre as colônias espanholas: “se podrían comparar estas

¹⁷² *Ibidem*, p.542.

últimas a un sistema de estados confederados, si los colonos no estuviesen privados de muchos derechos importantes en sus relaciones comerciales con el antiguo mundo”¹⁷³.

Mier desejava com isso persuadir os leitores ingleses utilizando-se da conquista do México mostrada em dados de Humboldt, cuja análise estatística comprovava a chacina espanhola cometida contra os habitantes do Novo Mundo, ao mesmo tempo em que associava a idéia de que no contexto temporal que viviam, os *criollos* eram as novas vítimas, tão excluídos quanto indígenas no que se refere à preservação dos direitos. A queixa de Mier se dirige também sobre o empenho que tomaram em sufocar os esforços de Ilustração americana com a extinção de cátedras de disciplinas científicas e academias de direito. Dessa maneira, o dom da palavra e das luzes estava também sujeito ao monopólio, visto que não havia liberdade de imprensa e eram censurados os livros que tratassem de coisas das Índias sem prévia autorização na península.

Frei Servando traça um amplo panorama da situação americana ao evidenciar fatores de sua opressão, como por exemplo, o possível chamamento da Imperatriz do Brasil, Carlota Joaquina, que contava com auxílio inglês e a questão do sistema jurídico colonial gerar abusos de poder por parte do juiz, visto que os recursos somente se dão perante o tribunal de justiça da Espanha, burocratizando e obstaculizando a justiça na América. Outro fator seria a de abusos de poder dos vice-reis, que se igualavam a chefes políticos com poder militar, sendo preciso haver a divisão de poderes pregada por Montesquieu.

Mier empreende uma extensa defesa da alta cultura indígena, exaltando suas criações, bem como com a descrição da fauna e flora e da língua nahuátl, apoiado sempre na literatura da conquista e nos pesquisadores da história mexicana do século XVIII. Além disso, o mexicano retoma a hipótese da presença do apóstolo São Tomás antes de Colombo, reacendendo dessa maneira sua clássica polêmica presente no SG. Toda opulência espanhola se devia à conquista americana, principal razão do empobrecimento dos povos do Novo Mundo e declara:

“Es que nosotros somos la metrópoli, vosotros sois lo accesorio de la Monarquía, y las Américas lo principal nosotros somos la madre-patria y nosotros os decimos que recordéis el cuento de Sancho Panza a la mesa del Duque: Siéntate majagranzas, que donde quiera que yo esté será tu cabecera.[...] Pero somos la madre-patria. Os lo negaran los negros y los mulatos que habéis puesto fuera del censo de la nación. Os lo negaran los indios y os lo negarán los criollos por la mitad de si mismo. El pie y mano pequeña de los criollos, su dulzura y cariño prueban que corre en sus venas la sangre pura de los señores del país, y su vivacidad natural que el inxerto ha mejorado los frutos. Decid madrasta-patria. ¿Es ser madre no querer conceder la igualdad a sus

¹⁷³ *Ibidem*, p.612.

hijos, disputarles la legitima de su padre, detener sus progresos, encadenar sus brazos y sufocar sus esfuerzos?”¹⁷⁴ .

No intuito de convencer a Inglaterra a reconhecer o processo de autonomia e conseqüentemente as independências americanas, frei Servando faz um apelo:

“Ahora volviéndome a vosotros, ó Ingleses, para cuya mejor información comencé el presente libro, habéis visto ya la justicia, con que siendo iguales a los españoles en derechos, intentamos los Americanos establecer Juntas y Congresos de ambas desde el momento en que los reyes de España e India cedieron a Napoleón y los consejos de ambas nos comunicaron ordenes para obedecerle. A pesar de las ventajas que él nos ofreció y la guerra que vosotros nos hacíais, nosotros sin vacilar un momento, como tampoco los Españoles, nos echamos en vuestros brazos, prodigando nuestros tesoros para expulsarle de la península. Instalamos donde pudimos y sin efusión de sangre nuestras Juntas para no sumergirnos con ella. [España] Entonces nos declaró abiertamente la guerra que ya nos hiciera sorda desde 1808 [...] Ella y nosotros apelamos a Inglaterra: ella para que cooperaseis a matarnos, nosotros para que interpusieseis vuestra mediación, sirviéndonos de garantes de nuestra adhesión a Fernando VII. *Causa quae sit, videtis: nunc quid agendum est, considerat*”¹⁷⁵ .

Para frei Servando, a Inglaterra deve à aliança com Fernando VII o dever de socorrer a América. Além disso, acusa a Espanha de vacilar em favor de Napoleão, aniquilando o comércio inglês. Os americanos ao contrário, têm aberto portos em diversas províncias aos navios britânicos, como Cartagena e Buenos Aires, e seria ingratição ao continente americano não ajudá-lo. Se a Inglaterra não queria assumir o trono digno de si devido às circunstâncias favoráveis à sua mediação, ao menos devesse se empenhar para evitar o derramamento de sangue por meios óbvios que estivessem ao seu alcance, pois os fuzis usados pela Espanha eram de origem inglesa.

Embora declare que a América conta com sua própria força para se ver livre das amarras, a postura de conselheiro e pedagogo é retomada pelo frei, que estabelece uma seqüência de advertências. O mexicano sugere que não se adote o sistema federativo, pois geraria a divisão e evitaria que os estrangeiros tirassem os empregos do seu país, sendo que o governo deveria ser de representantes. Nenhuma província mandaria em outra, todas obedeceriam a si mesmas, ou seja, comandariam unidas o respeito das nações, o qual é obtido pelo número de indivíduos que as compõem. Com relação aos Estados Unidos, Mier é claro em dizer:

¹⁷⁴ *Ibidem*, p.747.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p.759-760.

“No clavéis los ojos demasiado en la constitución de los Estados Unidos, que quizá subsisten porque no hay potencia contigua que se aproveche de su interna fermentación, la debilidad que les ocasiona está demostrada en su guerra contra las posesiones inglesas, al mismo tiempo que el triunfo en el mar prueban las ventajas de la unidad de gobierno. Sobre todo ellos eran Ingleses acostumbrados a deliberar en asambleas coloniales y sin una religión que los dividiese en anatemas[...] Me parece que vuestro modelo debe ser la constitución de esta nación dichosa donde escribo, y donde se halla la verdadera libertad, seguridad y propiedad. [...] Tal suele ser el desenlace de principios metafísicos que aunque en teoría aparezcan bellos y sólidos, son en la práctica revolucionarios, porque los pueblos raciocinando siempre a medias los toman demasiado a la letra y deducen su ruina”¹⁷⁶.

Os povos nunca se governaram senão por prescrições e leis, por isso o mexicano revela o grande trabalho que teve em exhibir as leis americanas. Para ele, não seria necessário que se fizessem novas leis em um só corpo; que se dividissem as câmaras e estariam seguros do acerto. As mudanças na religião dar-se-iam somente quando fosse indispensável pelas circunstâncias, e defende a tradição religiosa indígena, pois era necessário tempo e persuasão para que calmamente abandonassem seus deuses em prol da religião católica.

Frei Servando propõe mudanças nos nomes, tornando os nomes topográficos e históricos mais doces, com alguma ligeira inflexão, retirando os nomes de Santos, pois alguns são muito compridos e compostos, devendo-se restituir a Colombo o nome ao mundo que descobriu, podendo-se chamar Colômbia ou Colômbia. Por que seria vergonhoso manter o nome do impostor Américo Vespúcio. Para finalizar seu texto, a gratidão exige que o primeiro monumento erigido por mãos livres fosse do homem celestial que lutou pela causa americana, Las Casas, pois os estrangeiros saberiam sem dúvida que se achavam entre um povo humano, justo, doce, caridoso e hospitaleiro. Ao que Mier agrega: “Yo le pondría esta inscripción tan sencilla como el héroe. ¡Extranjero! Si amares la virtud, detente y venera. Este es Casas, el padre de los indios”¹⁷⁷.

Frei Servando Teresa de Mier finaliza sua obra com extensas notas explicativas em que alerta a América para não adentrar no calor das extensas reformas e novidades a que não está acostumada. O dominicano faz conhecer ainda que segundo jornais dos Estados Unidos, jovens norte-americanos ter-se-iam alistado voluntariamente para auxiliar o Texas e posteriormente o México na formação da Junta Nacional. Além disso, o mexicano retoma as principais hipóteses abordadas pelo seu SG, o sincretismo religioso, a confirmação dos seus estudos pela leitura da historiografia clássica da conquista, o suposto real significado dos nomes astecas e a reação oficial exagerada contra sua pessoa, bem como todo o

¹⁷⁶ *Ibidem*, p.766-767.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.772.

ocorrido após sua chegada na Espanha e o reconhecimento pela Real Academia de História da possibilidade de comprovação do seu escrito.

4.1 História como arma da revolução de independência

Iniciar a análise da HRNE é empreender marcha em direção à figura do Mier historiador e da historiografia construída por ele. Como já foi dito anteriormente, é preciso ser sensível para o fato de que o dominicano é um homem moldado por intercâmbios intelectuais e experiências pessoais que influenciaram o caráter da sua escrita, muito mais que a leitura rígida de obras doutrinárias que supostamente conduziriam sua linha de pensamento por um caminho reto, ordenado e pré-determinado. Todavia, o universo mental de Mier é composto por um emaranhado de teorias que ora se articulam, ora se sobrepõem umas às outras e ora se distanciam, sem que nada possa ser dado por definitivo. Embora a HRNE possa ser vista como um manual de história do México, pois retrata em detalhes fatos e eventos imprescindíveis para o movimento de autonomia da Nova Espanha, é preciso que se tenha em conta que os escritos de frei Servando possuem caráter múltiplo, podendo-se vislumbrar não apenas um aspecto panfletário, jurídico e político em prol da independência, como também um testemunho privilegiado de um personagem que participava da formação do estado nacional, ou ainda como um desabafo de forte carga emotiva que apelava aos sentimentos do leitor para que se manifestasse contra as mortes desnecessárias do povo mexicano.

Por se dirigir não apenas ao povo inglês, mas também aos que participavam das revoluções de independência, Mier cria uma história que não se baseava nas leis de comprovação e demonstração científica, mas sim em um tipo de historiografia que pudesse ser evocada nas ruas, nas tertúlias, nas sociedades anônimas ou secretas e até mesmo nas rebeliões, como que impulsionando a tomada de consciência dos povos sem que necessariamente se velasse pelo rigor formal de uma ciência estabelecida. A leitura da HRNE não permite que o leitor tenha uma noção exata de quando e em que lugar ocorrem os fatos narrados pelo dominicano, a não ser que se conheça de antemão o contexto por ele narrado. As referências temporais são escassas e as demarcações dos processos históricos descritos no livro são confusas, correndo-se o risco freqüente de perder a orientação de pensamento traçada pelo seu autor.

HRNE é um texto que expressa uma angústia intelectual intensa e que em suas linhas demonstram a ansiedade e a pressa do seu criador em fazer ouvir a causa pela qual lutava. Sem dinheiro para a impressão e para o sustento em Londres, fugido das garras da metrópole espanhola e sem poder voltar para sua terra natal, a vida de Mier dá uma pista dos fatores que expliquem a falta de elementos que pudessem embasar a sua história do modo como se faz o trabalho historiográfico contemporâneo. Um dos primeiros aspectos a se observar é a total ausência do pressuposto da imparcialidade histórica e da devida distância do observador do objeto. Frei Servando afirma no primeiro momento que sua história foi criada para impugnar um homem e, em uma zombaria insultuosa, manifesta uma fúria armazenada contra

Cancelada e todos aqueles escritores responsáveis por denegrir a imagem das Américas, com a chamada **lenda negra americana**, como De Pauw e Robertson. Para ele, o universo insurgente, mesmo que permeado de atrocidades seria tão bom quanto o índio selvagem descoberto por Colombo na conquista da América.

Mier quer criar uma historiografia do ponto de vista americano, subvertendo o trabalho historiográfico vindo da Europa sobre o continente. É um americano falando sobre a América, para americanos, introduzindo noções de identidade, realçando representações e questões que expressam maior fidelidade ao universo regional narrado, do que os relatos propagados por quem não compartilhe os mesmo códigos culturais da Hispano-América. Tudo que se referisse à metrópole espanhola era pérfido, mal e inverídico, e por isso se utiliza das gazetas realistas para dizer que elas não poderiam esconder de si mesmas o mal lançado em território americano. Isso explica a intenção do sacerdote mexicano em reunir abundantes materiais para comprovar que a ruptura entre Espanha e América se derivava da agressão dos residentes europeus no Novo Mundo, desde a captura de Iturrigaray à exclusão das castas africanas de todo o registro eleitoral. Para Brading, a habitual inimizade entre *criollos* e *gachupines* surge na mais amarga recriminação com o uso das gazetas, porque além da retórica, Mier queria demonstrar que os realistas haviam superado a Hernán Cortez no número de mexicanos que haviam matado¹⁷⁸. Ao fazer essa acusação, o dominicano cita a *Brevísima relación de la destrucción de las Índias* de Las Casas como prova da implacável crueldade dos espanhóis, seja com os índios no momento da conquista, ou seja, com os *criollos* no período das independências.

Além disso, Mier ao admitir que, para quem foi testemunha, a História se escreve de modo diferente, tenta expor a realidade dos fatos conforme aquilo que considerava por verdadeiro, manipulando o escrito no sentido de defender a construção de uma historiografia conforme aquilo que havia visto, ouvido e sentido, inserindo-se como objeto no contexto em que se deveria manter apenas como observador. Ou seja, o mexicano adapta a veracidade dos fatos conforme os argumentos que visava defender. Contudo, o frei não era de todo inconsciente acerca do papel imparcial do historiador. Ele reconhece que era preciso escrever para satisfazer o leitor, sem deixar de lado a neutralidade, mostrar os fatos embasados em documentos e mostrar a visão de ambos os lados do combate. Todavia, se sua demonstração pública de insatisfação com o governo espanhol era diretamente proporcional à satisfação do gosto do leitor que o lia, então se pode depreender que seu público alvo eram os insurgentes ilustrados que poderiam ter acesso aos seus escritos ou todo aquele indivíduo que apoiasse a causa da revolução.

Um esforço válido realizado pelo dominicano é a exposição dos documentos no sentido de mostrar as diferentes opiniões sobre ambos os lados da disputa, e com isso não apenas formar uma opinião pública, mas também informar o que ocorre entre os lados litigantes. Ainda que na visão da historiografia contemporânea, frei Servando peque pelo fato de interpretar os acontecimentos no lugar do leitor, não

¹⁷⁸ BRADING, David. *Op. cit.*, p.636.

dando margem para que ele sozinho possa concluir opiniões por si só, como já foi dito, é esse, entretanto, o papel que passam a ter os *hombres de la pluma* no período da insurgência. Essa tão proclamada opinião pública não era a voz do povo, mas era a síntese elaborada pelo ativo papel dos sábios, que deveriam possuir vasto conhecimento humanístico, alicerçado nos conhecimentos históricos, políticos e jurídicos, bem como a capacidade de expressá-los por meio da escrita. Um corpo consagrado pela natureza de suas ocupações a ensinar e propor os meios para fazer feliz a pátria. Guerra é da opinião de que a função deste grupo era tão alta uma vez que seriam eles os responsáveis por instruir a nação, se dirigindo não apenas ao governo, a quem propunham novas combinações na ciência administrativa, como ao povo, a quem educavam e promoviam os princípios liberais ditados pela razão¹⁷⁹.

Muitos dos testemunhos relatados pelo sacerdote não possuem referências a autores, data ou locais onde foram proferidos, assim como possuem um embasamento maior em testemunhos do que em documentos escritos, na tentativa de mostrar o que realmente se passava. Mas uma questão que se impõe, é a do que o dominicano entendia por real. Sua própria vida expressava um aglomerado de situações em que se misturavam ficção e fato, e, como conseqüência dessa convergência entre realidade e imaginação, a visão utópica sobre a realidade dos americanos e do movimento rebelde impulsionava o dominicano a retirar dos primeiros heróis da liberdade o fardo dos excessos criminais em prol de um elogio às suas ações, com o realce da idéia que o governo que os oprimia era ilegítimo e injusto. Hidalgo e Morelos aparecem nas linhas da HRNE como nobres sem estirpe, homens de valores elevados e de caráter ilibado, qualidades reconhecidas pelos inimigos que se punham a combater.

Essa guerra de representações é uma constante em seus trabalhos, atuando no sentido de marcar as diferenças, criando oposições aparentemente simplórias, mas aptas a gerar profundos efeitos no modo de percepção de uma sociedade que buscava legitimação, novos heróis e um novo olhar sobre o passado, na busca pela própria autocompreensão. O mexicano apresenta a Espanha como um Leviatã, ainda que a essa altura a Coroa espanhola estivesse esfacelada e frágil. Porém, esse é um recurso de retórica de que o dominicano não abre mão em seus trabalhos, numa tentativa de, com isso, pôr em relevo as próprias ações ou o caráter americano, sofredor e inustigado, que, no entanto, persiste na luta contra a crueldade metropolitana. Esse tipo de discurso proposto por Mier e o sistema de representação por ele apresentado agiram no sentido de posicionar os indivíduos em um novo lugar de fala de onde poderia ser emanada a voz do homem americano, ao expressar seus desejos e aspirações, em detrimento das imposições culturais e sociais da metrópole conquistadora.

Ainda que escreva sua obra, muito antes de Iturbide ser coroado imperador, o monarca mexicano surge como figura política de bastante realce na pena de Mier, que aponta os erros cometidos e a barbárie provocada pelo general, expressando seu total desagrado com as ações militares por ele executadas. Como será visto adiante no capítulo terceiro, o faro de frei Servando era apurado no que concernia a

¹⁷⁹ GUERRA, François-Xavier. *Op.cit.*, p.272.

antever o futuro da nação mexicana, talvez pelo fato de que o caudilho já despontasse como aspirante do trono mexicano e suas intenções se tornarem evidentes aos olhos de seus contemporâneos. Cabe ressaltar também que na HRNE, Mier se mostra favorável à monarquia bicameral vivida pela Inglaterra, admoestando os americanos a que não seguissem em demasia as opções políticas vividas pelos Estados Unidos. Todavia, suas experiências políticas posteriores ao período em que criou essa obra o conduziram a transformações evidentes de tais proposições. Se a sensibilidade política do mexicano em relação a Iturbide se concretizou, sua afeição ao regime monárquico inglês se modificaria, tornando-se crítico da Coroa britânica e das demais monarquias.

É interessante notar que o dominicano escreve na tentativa de reunir todos os episódios e de contar os sucessos de todas as províncias Americanas, que se encontravam afastadas e incomunicáveis umas das outras na intenção de instruí-las e do que passava na Espanha a respeito de seus interesses. Por isso, ele deposita proposadamente princípios liberais de direitos na política e na religião, que são comuns na Europa, mas não nos campos de batalha e nas cidades onde explodiam as revoltas insurgentes, pois as vastas distâncias e a falta de informações sobre o que acontecia com as províncias vizinhas deixavam turvos os horizontes acima dos quais as revoluções deveriam enxergar.

A HRNE se transforma em guia explicativo e demonstrativo do contexto rebelde mexicano, porém sem esquecer referências e observações sobre as nações americanas em construção no resto do continente. Em razão desse fator, a obra de Mier servia ainda como ponto de referência para os estados que se formavam e careciam de orientação governativa. Sua história poderia ser usada como guia para as nações estrangeiras ao expor a estrutura das novas nações, suas autoridades e governos, tendo em vista de que se tratavam de países desconhecidos aos quais era preciso um mestre de cerimônias para apresentá-los à comunidade mundial. Nada mais a calhar, portanto, que o censo das populações utilizado de Humboldt, em seu *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. O mexicano considerava não existirem observações mais exatas do que as realizadas pelo viajante, nem haver autoridade científica mais reconhecida no Ocidente pela grandiosidade da pesquisa realizada nas Américas.

Um paralelo histórico que aparece continuamente na argumentação do frei seria de que os espanhóis fazem na América o mesmo que Napoleão na Espanha; os americanos poderiam então invocar o mesmo direito de defesa que os peninsulares alegam contra os franceses e rebater com a independência a quebra do pacto com os povos americanos. Frei Servando faz questão de ressaltar que a carta magna americana era um documento obrigatório, diferente do contrato social de Rousseau, cuja doutrina causara os excessos, a agitação popular e até mesmo a queda da junta de Caracas e que teria inspirado as leis da Constituição de Cádiz. Na opinião de Brading, Mier apelava à história do México e não à razão universal para invocar o direito das gentes, por isso renega Rousseau e os princípios jacobinos de democracia, resgata os mesmos tipos de argumentos históricos que Jovellanos e Blanco White reclamavam para a Espanha e sustenta várias demandas com base nos direitos naturais gerados pela geografia, pelo berço e

pela raça, se espelhando em Thomas Paine quando evocou que uma nação tão grande e rica que não poderia ser escrava de um lugar tão miserável¹⁸⁰. Como sintetiza o poeta mexicano Octavio Paz: “Si se contempla la Revolución Mexicana [...], se advierte que consiste en un movimiento tendiente a reconquistar nuestro pasado, asimilarlo y harcerlo vivo en el presente”¹⁸¹.

A HRNE surge da necessidade de inteligibilidade diante do caos político da invasão napoleônica de 1808, da carência de orientação política e da insegurança presente com relação ao futuro do país. Era preciso que houvesse alguém capaz de usar uma lente de aumento para explicar a confusão instalada. Necessitava-se mais precisamente de um homem de letras que pudesse digerir as últimas transformações político-sociais e que narrasse o processo de autonomia da nação que surgia na arena dos Estados ocidentais.

O discurso histórico proposto por frei Servando estava destinado a revelar a idade de ouro para as nações que se desvinculavam do jugo colonial, num claro intuito de regenerar o passado colonial, mas sem deixar de escrever em minúcias as inúmeras façanhas de um povo, cujos descendentes deveriam aprender os grandes feitos dos ancestrais. A HRNE surge como legitimação intelectual do movimento armado. Nesse sentido, a narração das grandes batalhas serviria para demonstrar que a época das insurgências era um período em muito superior a qualquer outro e que deveria ser vista pelas gerações futuras como o auge da história dessas novas nações. Mier escreve na evidente intenção de indicar quem eram os heróis da libertação da sua pátria, e com isso construir o panteão sagrado para estas figuras, quase míticas, que se empenharam para a conquista do poder da terra para aqueles que viriam. Era preciso criar uma história para a nação que surgia sem passado, ou melhor, que serviria de divisor de águas para a criação de um novo tempo.

A religião surge na escrita servandina como um bem a se proteger e inseparável da defesa da pátria. Seus argumentos religiosos reforçavam consideravelmente a resistência contra o invasor, por isso serviam de justificativa para o entendimento do desastre e também para o momento em que se assumia a soberania mexicana. Frei Servando queria também dar justificativas para a própria insurgência, pois condenava acerbamente as posturas da Igreja católica e o alto clero que negavam aos *criollos* a devida promoção sacerdotal, sendo manifesta a discriminação contra o baixo clero, motivo que conduz vários sacerdotes mexicanos a abraçar a causa dos insurgentes.

É possível depreender do texto que o México é apresentado como terra sagrada, uma nova terra prometida pela qual era necessário lutar e que possuía seus próprios mártires, Hidalgo e Morelos; seu benfeitor, Las Casas, bem como sua protetora, Nossa Senhora de Guadalupe. A mistura entre milenarismo e Ilustração, ainda que Mier evoque para si a distinção de homem que não se sujeita mais às superstições da religião cristã, é refletida na retomada da idéia de tempo único para a libertação das ignorâncias e as

¹⁸⁰ BRADING, David. *Op. cit.*, p.638-639.

¹⁸¹ PAZ, Octavio *apud* LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977. epígrafe.

proposições de separação do cristianismo das ambições do clero e o retorno à Igreja primitiva, sem distinção entre seus membros, mesclando elementos do pensamento *criollo*, que não abandona a tradição católica e as inovações européias mais radicais.

Para finalizar o estudo dessa obra, é importante ressaltar que a HRNE alcançou grande repercussão social e também entre seus contemporâneos de insurgência, como se pode ver nos escritos de Simón Bolívar, principalmente na Carta da Jamaica, de 06 de setembro de 1815, em que cita: “O imperador Carlos V estabeleceu um pacto com os descobridores, conquistadores e povoadores da América, que é nosso contrato social”¹⁸². Cabe frisar que essa famosa carta do libertador das Américas, foi escrita, entre outras razões, para assegurar ao inglês Henry Cullen que os insurgentes americanos não haviam tido a intenção de ressuscitar o culto ao deus Quetzacoátl, haja vista que o cidadão britânico havia feito a leitura da obra de frei Servando e teria ficado estarelecido não apenas com a associação entre o apóstolo São Tomé e o deus asteca, mas também desconcertado com a história da revolução mexicana. Bolívar evoca em sua carta temas caros a Mier, como a exaltação de Las Casas, o apóstolo das Américas, à crítica à conquista espanhola, em que se antes subjugava os índios e agora massacrava os verdadeiros patriotas, e, como já dito, a idéia de pacto entre os reis da conquista e os primeiros povoadores. Com relação às teorias de frei Servando sobre um cristianismo pré-colombiano, Bolívar declara que o entusiasmo político se havia mesclado com a religião, produzindo um veemente fervor pela causa sagrada da liberdade. Ao que indiretamente, revelava a profunda diferença que separava a insurgência da Nova Espanha do movimento vivido pela Venezuela.

A HRNE surge para demonstrar que a verdadeira desvalorização da América se resume, portanto, nos trezentos anos da conquista, entendida como a situação mais humilhante e degradante para os americanos a qual era preciso reverter. A conquista foi o episódio que veio interromper o curso de uma vida diferente, bastaria fechar esse parêntesis, despertar do sonho, abandonar a prisão para retornar a si. Era preciso reviver os anos perdidos e por isso a revalorização das civilizações pré-cortesianas, o que explicaria a insistência servandina em ressaltar a sabedoria e a indústria dos povos antigos, rebatizar os acidentes geográficos com nomes indígenas e da necessidade de ter batalhas da insurgência para garantir o retorno aos tempos que não deveriam ter ido. Contudo, a visão do *criollo* não seria a de fazer renascer pura e simplesmente os tempos do paganismo, suplantando valores espirituais da colônia, mas sim, a de entender que sua época coincidia com a pré-cortesiana pelo desejo de se verem livres do lapso-colonial. Na opinião do historiador mexicano, o insurgente recria, com o processo de autonomia política e administrativa, o futuro do império asteca, abrindo-se ao *criollo* um novo horizonte de novas expectativas do que teria sido a América caso não houvesse existido a conquista espanhola. A um passado irracional e escravizante, o *criollo* opõe um futuro racional e liberador que seria conquistado por meio da guerra de independência atual.

¹⁸² BOLÍVAR, Simón. *Simón Bolívar*. Organizado por Manoel Lello Bellotto e Anna Maria Martínez Córrea. São Paulo: Ática, 1983. p. 81.

Essa seria a ideologia que legitimaria as batalhas insurgentes e a ascensão da camada *criolla* na orientação política das regiões onde o processo de autonomia se efetuava. É também essa a doutrina dos campos de batalha a qual frei Servando Teresa de Mier atribui justiça e legitimidade, como única alternativa plausível diante dos trezentos anos de exploração e barbárie. O *criollo* lutava por reconstituir o poder e a grandiosidade de um império pré-colombiano, imaculado da presença européia; contudo retiraria do indígena o trono e o cetro real, coroando-se a si mesmo como único herdeiro apto a dirigir a nação por meio das luzes e da razão.

5. Cuestión Política: ¿Puede ser libre la Nueva España? – 1820¹⁸³

Em 1820, como se viu, Mier encontrava-se preso nos cárceres da Inquisição mexicana após o fracasso da expedição comandada por Javier Mina à cidade de Soto la Marina, que culminou com a grave lesão do braço do dominicano, assim como uma temporada na prisão que duraria cerca de quatro anos, e também com a morte do líder expedicionário espanhol. Profundas mudanças intelectuais já se haviam processado no íntimo do sacerdote e isso é o que se pode vislumbrar nas suas últimas obras antes da independência formal do México. Por detrás dessas linhas, sobressai a postura de um Servando ilustrado, consciente do papel de cidadão da pátria e convertido em guia político da nação mexicana. É difícil não concordar com a opinião de Rafael Diego Fernández acerca dos momentos vividos por Mier na prisão, pois sendo réu, acusado e condenado, sem ser previamente ouvido, nem julgado, só lhe restava meditar durante o transe dos intermináveis períodos de cárcere, sendo inevitável não dirigir um olhar retrospectivo e prospectivo à sua vida e à vida da sua nação¹⁸⁴. Isso talvez explique a romantização que faz do passado asteca e da sua própria existência, pois sua presença na cadeia é retratada por ele como a vida de um homem santo, a quem as baratas e ratos não faziam mal, mesmo que comessem sua comida. Frei Servando compreendia que a desejada Ilustração que o novo regime prometia e a regeneração da nação não podiam ser dadas desde fora, mas que cabia a cada americano conquistá-los.

Cuestión Política: ¿Puede ser libre la Nueva España? faz parte de uma série de textos inéditos de frei Servando escritos no período de quatro anos em que estava preso em território mexicano, não publicados ao longo de sua vida, porém cujo verdadeiro caráter e importância para a historiografia contemporânea foram reconhecidos pelo renomado historiador mexicano Héctor Perea na coleção *Los imprescindibles*¹⁸⁵. É um texto de cunho profundamente reflexivo, pois o dominicano busca compreender as causas do atraso da independência mexicana em relação às nações sul-americanas, onde se defronta, com acurada percepção, diante da triste situação do fenômeno do caudilhismo mexicano, a pulverização das batalhas de insurgência e das milícias não submetidas a um poder central. Frei Servando visa com sua

¹⁸³ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

¹⁸⁴ DIEGO FERNANDEZ, Rafael. Artigo: *Influencias y evolución del pensamiento político de Fray Servando Teresa de Mier*, Historia Mexicana, 1998, n. 01 (189), v. XLVIII. p.25.

¹⁸⁵ Ver TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. Estudo preliminar e compilação realizados por Héctor Perea. México: Cal y Arena, 1997. (Coleção Los imprescindibles).

análise mostrar não apenas as falhas na condução da política de independência, mas também traçar o mapa infalível para o estabelecimento de uma nação real e estável.

O texto inicia com a indagação do dominicano sobre por que a Nova Espanha não se tornou livre logo em 1808 quando do transtorno sofrido pela monarquia. Sem erário, sem força bélica e com pobreza geral, somente a ignorância dos povos mexicanos e uma opressão tão forte os manteria atados à miserável e distante Europa. A América do Sul, no momento em que escreve já estaria quase toda livre, mas a razão da América do Norte não estar livre se deve à existência da ignorância, inexperiência e ambição dos líderes do movimento. Eles não saberiam que para salvar um Estado era necessário estabelecer um centro de poder supremo, e que este poder haveria de ser um corpo civil que representasse a nação e que fosse imprescindível no estabelecimento de alianças e auxílios entre outras potências que reconhecessem a sua independência.

Para o mexicano, sem centro de poder haveria anarquia. Jesus afirmou que em todo reino dividido entre si impera a desolação. O único apoio que teriam os espanhóis na manutenção da servidão teria como causa a própria divisão mexicana. Dessa maneira, Mier conclama aos paisanos que se reúnam para evitar a perda da liberdade:

“¡Que sea menester das razones para probar la necesidad de un centro de poder, siendo cosa más clara que la luz! Así como los hombres se ven precisados de ceder una parte de sus derechos naturales para adquirir en la sociedad la garantía de lo que les resta; así es menester que todo jefe militar ceda una parte de la autoridad que ha adquirido para formar un centro de ella que sostenga la que le queda por la unidad de los planes, la combinación de todas las fuerzas y la ayuda reciproca. A la seguridad propia y a la ventaja general deben los militares sacrificar esa ambición miserable que pierde a ellos y a la patria”¹⁸⁶.

Dando prosseguimento ao seu raciocínio, Mier questiona como eleger este centro de poder. Um Congresso é o que haveria de se estabelecer; por ser o governo natural de toda associação, órgão nato da vontade geral. Essa seria também a origem que confere poder aos militares e legitima suas ações; já que esses não representavam a nação, mas sim, eram seus instrumentos de defesa, como bem expressa: “Militares peleando sin un cuerpo civil o nacional que los autorice, en el mar se llaman piratas, en tierra, asesinos, salteadores, facciosos y rebeldes, aunque en verdad no lo sean”¹⁸⁷.

¹⁸⁶ TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. Estudo preliminar e compilação realizados por Héctor Perea México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

¹⁸⁷ *Idem*.

Por não ter um Congresso, foi negada a mediação com a Inglaterra em 1812, pois não existia no México um governo com quem se tratar. Se existisse um Congresso os espanhóis não teriam razão para desculpar sua barbárie frente aos ignorantes e teriam o respeito e o reconhecimento de outras nações. Assim com a vinda de Mina à América do Norte, liberais espanhóis refugiados em Londres estavam a favor da liberdade pois buscavam asilo na províncias americanas e os próprios Estados Unidos eram o principal aliado no desejo da liberdade. Em 1815, não só o Presidente norte-americano se dispôs a cooperar e dar socorro a tal empresa, como o estado de Louisiana enviou deputados ao Congresso oferecendo apoio e pessoas para que se declarasse guerra contra Espanha em favor da independência.

A falta de um centro de poder fez com que insurgentes dispersos declarassem guerra a Espanha, o que demonstrava ausência de um corpo nacional que os autorizasse, não apresentando outro aspecto que o de facções armadas. O fracasso da expedição de Mina se devia à ausência de um Congresso, à impetuosidade juvenil e à falta de conhecimento político e do país. Mina persistiu na luta sem a formação de um corpo civil, o que gerou a perda de sua fortuna e sua própria morte. Com o desbaratado esforço da tomada de Soto la Marina, era necessário restabelecer um novo Congresso, por isso frei Servando conclama: “Congreso, Congreso, Congreso, luego, luego, luego. Este es el talismán que ha de reparar nuestros males y atraernos el auxilio y el reconocimiento necesarios de las potencitas para que nosotros lleguemos a ser una”¹⁸⁸.

Para o dominicano, não haveria necessidade de auxílio estrangeiro se todos se unissem, pois segundo os cálculos de Humboldt, havia mais de sete milhões de americanos contra quarenta mil europeus. Contudo, as paixões, as ambições e interesses individuais dividiam um grupo tão poderoso. Apesar disso, Mier é otimista: “Nadie aprende a andar sin que otros le pongan andaderas. Se da mil golpes si lo intenta”¹⁸⁹.

Dessa maneira, se tornava indispensável o auxílio exterior para conseguir a liberdade. Por isso, ninguém melhor que os Estados Unidos, irmãos e patriotas, que pelo seu próprio interesse poderiam ajudar. O mexicano pondera que era preciso seguir a receita simples para o reconhecimento da independência: um Congresso, um exército que obedeça e um ministro em Londres. Pois caso a Inglaterra reconhecesse a independência, a Europa toda reconheceria.

Mier orienta os caminhos para se obter uma autonomia efetiva: primeiramente pela definição de como se formar um Congresso, com a eleição de representantes mais dignos de cada província, os quais iriam eleger as pessoas mais respeitáveis para presidente e vice-presidente, bem como os diferentes ministros de Estado que não seriam do Congresso, por fazerem parte do poder Executivo. O dominicano

¹⁸⁸ *Idem.*

¹⁸⁹ *Idem.*

questiona se só isso bastaria. Sim, de acordo com sua opinião, sobraria: “Si los monos supiesen hablar, bastaría que el Congreso fuese de ellos y dijese que representaban la nación”¹⁹⁰.

A vontade geral estaria acima das leis, depois que todos os membros de uma nação estão livres a sua vontade ratifica todos os feitos. É somente com um Congresso que os exércitos seriam reconhecidos e as potências estrangeiras também reconheceriam formalmente a existência da nova nação, como os Estados Unidos, que dessa maneira abririam suas portas para o comércio com as nações vizinhas. Com a proclamação de uma Constituição, os Estados Unidos dariam amplo e irrestrito apoio.

Para o dominicano, a vontade geral do povo mexicano era conhecida e o que ela desejava era um Congresso para se salvar. Com o corpo civil estabelecido, seria necessário ter um Ministro Plenipotenciário, completamente autorizado para lidar com o governo norte-americano e com qualquer outra nação, tendo autonomia para decidir sobre qualquer assunto que fosse necessário, como tratados de paz e guerra, fronteiras, alianças de comércio, auxílios pecuniários e militares, nomeação de cônsules e gerais e ampla ação para fazer de tudo que fosse conveniente para dar a liberdade e a independência à república anahuacense, cuja capital, ele mesmo a estabelece, seria o México. Este ministro plenipotenciário deveria ser alguém respeitado publicamente, com capital, pois que nada poderia fazer sem dinheiro, devendo ser tratado com decência, e respeitado para fazer suas viagens. Frei Servando cita o caso dele mesmo que, estando em Veracruz, viu os insurgentes dessa cidade, já sabedores dessa nova forma de fazer político, indicarem o ilustre sacerdote para assumir como ministro.

Mier, argüindo-se o papel de mentor da nação mexicana, define os símbolos da incipiente nação: o selo deveria ser o nopal, planta da família das cactáceas, sobre uma pedra e, em cima, a águia com a cobra aos pés e dois lauréis enlaçados sobre tudo. O dominicano adiciona que seria ainda necessário fazer esforço e enviar dinheiro ao banco dos Estados Unidos caso quisessem um auxílio poderoso e rápido. O Banco Nacional ofereceria armas de guerra e fragatas, tomar-se-ia o porto e capital e, seguindo a tática de Napoleão, a guerra estaria ganha. Mier se entrega aos cálculos: “Sabe todo negociante que sobre um millón se giran seis, y sobre dos, doce. Y sobre un giro de doce millones está libre el Anáhuac sin remedio. ¿Y que son para él uno o dos millones? ¡Que credito le daria esto a nuestro gobierno! ¡En aquel día quedaba concluida la alianza ofensiva y defensiva!”¹⁹¹.

5.1 O Congressismo radical no discurso servandino

Como se pode perceber, decorridos os anos mais ativos da guerra de independência, cujos principais líderes já haviam sido derrotados, como foi o caso de Hidalgo e Morelos, as batalhas de insurgência tomaram novos rumos que pouco se vinculavam à causa de origem. Ainda que se reclamasse a soberania do Estado, os motivos que ensejaram as revoltas já pareciam mais diluídos no tempo. A Espanha vivia o seu momento de adequação política devido ao retorno de Fernando VII e a invasão napoleônica era fato já superado. O movimento de independência das colônias tornava real a construção de um estado nacional em boa parte das Américas.

¹⁹⁰ *Idem.*

¹⁹¹ *Idem.*

O México, contudo, permanecia preso pelas forças realistas, quando outras nações já haviam exterminado a influência peninsular, Mier só poderia expressar seu real lamento diante da realidade ainda existente na conservadora Nova Espanha: em busca de alternativas dentro das inúmeras correntes espirituais e humanísticas que havia entrado em contato e profundamente convencido de que a voz da vontade geral, que clamava por soberania, a solução só poderia ser representada por meio do Congresso. Uma vez eleito esse corpo civil, essa seria a fonte única de qual todo poder dependeria.

Esse despotismo do Congresso, assim entendido por Villoro, era conjurado pelo dominicano para que nenhum caudilho predominasse sobre os outros e onde a participação popular dar-se-ia somente no momento de eleger seus deputados dentro do conjunto de homens detentores do mais vasto e profundo saber, reconhecidos por suas ações honrosas¹⁹². A classe *criolla*, pouco afeita às guerras e massacres violentos presentes nas manifestações populares, encontrava nesse órgão político o instrumento ideal para a garantia de seus interesses. A transposição do poder do caudilho popular, em contato direto com o povo, para uma assembléia deliberante demonstrava o interesse *criollo* em retirar do povo as rédeas da direção política no movimento de afirmação dos estados nacionais.

Faz-se necessária, para uma melhor compreensão da súplica de Mier por um Congresso, uma breve digressão sobre fracasso da expedição de Mina à Nova Espanha, onde talvez possam se encontrar razões dentro do próprio mote ideológico proposto pelo expedicionário. Na opinião do espanhol, a revolução da Nova Espanha não diferia essencialmente da luta do liberalismo espanhol contra o absolutismo e fazia parte de um mesmo movimento histórico de rebelião dos oprimidos contra do despotismo. Mina não teve sensibilidade política para perceber o caráter distinto de ambos os movimentos, haja vista que na Nova Espanha eram considerados insurgentes os europeus que aderiam à Constituição liberal de Cádiz de 1812, somando-se o fato de que aqueles que apoiariam a expedição seria o grupo de comerciantes europeus interessados numa maior participação nos lucros do Estado. A população pouco se identificou com suas idéias, pois não defendia os valores que tinha em comum com a camada *criolla*, como a proteção contra a invasão das idéias francesas e das inovações liberais.

A expedição de Mina não foi hábil em ganhar o apoio das massas populares, após a queda de Morelos em 1815 e de Hidalgo em 1818. O auge da revolução popular encontrava sua decadência. Era preciso encarar o fim das grandes idéias comuns que moviam a turba revolucionária, o sentimento comunitário foi se esvaindo pelo não cumprimento das promessas que o animavam, apenas restando destruição e perdas. Se por um lado, a carência de satisfação levou a alinhamentos com grupos locais que não mais lutavam por uma causa coletiva, como foi o caso do fenômeno do caudilhismo, por outro, um novo espaço também surgiu para que as idéias francesas e liberais passassem a se impor com grande força.

¹⁹² VILLORO, Luis. *Op.cit.*, p.124.

Ainda que frei Servando jamais tenha afirmado ter lido as obras dos ilustrados franceses e se refira a eles em tom de crítica acerba, se tornava insustentável a tentativa de camuflagem de tais influências, pois, diante das suas inúmeras viagens e intercâmbios culturais, pode-se notar a transformação discursiva do mexicano. Mier expressa nesta carta a importância de que cada cidadão cedesse parte de seus direitos para assegurar os demais restantes, por isso a sujeição a uma autoridade eleita pelos indivíduos, como manifestação de seu desejo, encontraria no Congresso a expressão máxima da vontade geral. Nesse sentido, pode-se entender que a idéia de Congresso surge como meio termo entre as aspirações oligárquicas e a necessidade de dar um paliativo que acalmasse as demandas populares.

O Congressismo radical exibe-se como fim representado em si mesmo e torna-se a obsessão dos pedagogos da pátria que vêem na reunião da assembléia constituinte a vontade geral encarnada. Em vista disso, Mier justifica sua existência com o discurso bíblico ao afirmar que Jesus pregou que a divisão gerava desolação e chega ao cúmulo de suas proposições ao expor que bastaria a existência de um Congresso para que até mesmo os macacos pudessem se autogovernar. Depreende-se da leitura que frei Servando não enxerga no fracasso da expedição de Soto la Marina a falta de coerência ideológica entre espanhóis e os habitantes da Nova Espanha, mas sim no fato do grave erro político de Mina em não invocar a formação de um Congresso que representasse a soberania nacional.

Para o mexicano, bastava seguir a fórmula infalível (um Congresso, um exército que obedeça e um ministro em Londres) para a fragmentação da Nova Espanha ser extinta e os diferentes povos integrantes da nação se unirem. Nessa carta, o frei retomou o desejo de união regional, sem observar as discrepâncias políticas presentes em cada região, assim como quando invocou um ideal de integração pan-americana na SCUAE. É necessário deixar visível uma dificuldade constantemente presente nos textos dos *hombres de la pluma* que é o esforço sobre-humano de tentar adaptar a realidade social ao projeto emancipacionista, e não o contrário, ou seja, de que o processo revolucionário deveria levar em conta o universo humano a que se dirigia.

No período em que escreveu esse texto Mier estava encarcerado e não podia contribuir mais ativamente para a concretização da independência mexicana. Esta angústia intelectual poder se sentida pelo seu entusiasmo utópico em acreditar que a química política por ele formulada era o suficiente para concluir o processo de autonomia político-administrativa do México. Acaso, quando entre nos anos de maturidade política, Mier se torna mais sensível ao cenário mexicano que surge a seus olhos e pode traçar um amplo conjunto de previsões políticas que consideravam o potencial humano e social que tinha diante de si.

Por não haver na Nova Espanha, todavia, a união de esforços diante de um ideal comum é que a ajuda do exterior se fazia necessária e nenhum apoio seria melhor que o dos Estados Unidos, que traziam consigo um modelo congressista exemplar capaz de influenciar sua pátria em formação. Proposições que entram em choque com a tese defendida na HRNE de se evitar a cópia pura e simples das instituições

políticas norte-americanas. Causa interesse o fato de ser perceptível o deslumbramento de frei Servando expresso nessa fonte primária diante da portentosa nação vizinha. Isso pode ser explicado, talvez, no fato de ter sido a última nação em que Mier esteve antes de ser preso e pela ajuda recebida dos estadunidenses quando esteve em Baltimore para a expedição de Mina. Nesse sentido, pode-se entender como decorrência natural de suas indagações políticas a questão do envio de dinheiro ao Banco Central dos Estados Unidos para o fornecimento de arsenal de guerra e aparato bélicos, o que considerava serem gastos irrelevantes diante das riquezas da nação mexicana. Contudo, esse encantamento não se perpetua em seus escritos. No terceiro capítulo é clara a posição mais contida do frei no que concerne ao apoio dos Estados Unidos e as influências políticas por eles emanadas.

O estudo desse documento finaliza com o admirável reconhecimento de frei Servando acerca de si mesmo como figura essencial para o processo de independência da Nova Espanha. Em busca de reconhecimento internacional era necessário um Ministro Plenipotenciário capaz de resolver qualquer tipo de demanda política no exterior, cujas atribuições variavam entre assinar tratados de fronteiras a alianças de comércio, e que isso fosse custeado pela nação. O mexicano traça um breve relato dos inúmeros países que percorreu e de como custeou a si mesmo e seu raciocínio culmina no ponto, onde é por razões óbvias ele chegaria, da sua indicação para tal cargo. É difícil não associar tal manifestação a uma espécie de vaidade intelectual e também política. Frei Servando em 1820 era um homem profundamente transformado pela peculiar experiência de vida que teve na Europa e nos Estados Unidos, desde quando saiu da Nova Espanha em 1795. Entretanto, pode-se perceber nisso talvez uma preocupação diante da ausência de líderes que reivindicassem para o México a defesa de pressupostos coletivos e não apenas locais, como faziam os caudilhos, os quais Mier temia que assumissem de vez o comando diretivo da administração do Estado. Ele próprio reconhecia em si mesmo as características que propugnava para aqueles que deveriam ser os representantes do povo e por isso, nada mais justo, que indicar a si mesmo para assumir tal função ministerial.

Frei Servando surge como um raro exemplo de pensador que cogitou o abandono da pena para uma atitude menos passiva diante da revolução. Sua participação na expedição de Mina, ainda que não tivesse usado armas, exhibe-o como letrado que desejava agir mais diretamente na causa independentista, ainda que em suas *Memorias* faça questão de se eximir de qualquer participação revolucionária, por escrevê-las ainda dentro das prisões inquisitoriais. A pressa em estabelecer a tão sonhada pátria mexicana, fazia com que suas divagações superassem o plano das letras para iniciar a formalização real da república que almejava. Encarcerado e aflito, frei Servando se prontificava a sonhar com símbolos e instituições que pudessem trazer à vida os projetos que conjecturava em sua cela. Por esses fatores expostos, aliados à dedicação em orientar a Nova Espanha para sua autonomia efetiva, o dominicano não poderia deixar de ser visto como um dos verdadeiros ideólogos da pátria que surgia.

6. *Carta de Despedida a los mexicanos escrita desde el castillo de San Juan Ulúa por el doctor don Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra – 1821*¹⁹³

Um dos grandes compiladores da obra do dominicano, o historiador e político mexicano Armando Arteaga y Santoyo acredita que o dominicano talvez tivesse o projeto de fazer uma terceira edição dessa carta por haver encontrado vários manuscritos desse texto com erratas do punho do próprio autor na Biblioteca da Universidade do Texas, em Austin. Mier também teria escrito esta carta na prisão do castelo de San Juan Ulúa, em 1821, a caminho de uma nova deportação para a Espanha, e havia entregado uma outra versão desse documento a um amigo para que fizesse a impressão. O próprio frei Servando acrescenta que em seu regresso ao México, em 1822, advertiu que a publicação continha muitos erros na escrita e na pontuação, e que procedera apenas à correção dos primeiros, deixando ao leitor a emenda do segundo. Ao ver que a primeira versão dessa mesma carta fora feita com excesso de falhas ortográficas, o sacerdote quis corrigi-las numa nova versão.

Nessa carta de despedida aos mexicanos, frei Servando recorda os elementos substanciais da tese do célebre SG, apesar de que no, período em que escreve este texto, muitas de suas opiniões já haviam sido mudadas no que concerne à origem da imagem e ao milagre guadalupano. Preso na fortaleza, Mier teve motivos para acreditar que jamais voltaria à sua pátria e por isso quis se despedir e suplicar que não se perdessem as raízes mexicanas, com a supressão da letra “X” do alfabeto. Porém, esse era apenas o mote para ensejar um debate mais profundo sobre o esquecimento das tradições locais e da importância dos indígenas como herdeiros da velha cultura. Os mexicanos não deviam aos espanhóis o conhecimento do verdadeiro Deus nem do Evangelho, nem tampouco dos dogmas da Igreja. A América tinha seu apóstolo e verdadeira culpa tinha a Espanha em agir com violência e desrespeito aos povos americanos. Somente livre das forças espanholas, o México encontrava a glória almejada.

Mier é contra as novidades inúteis em razão de ter lecionado espanhol em Paris e Lisboa. Sente-se com autoridade para condenar a letra “J”, tão feia em pronúncia como em figura, e desconhecida pelos latinos. Dessa maneira, suplica a que não se suprima o “X” nos nomes de origem mexicana e asteca. O dominicano parte para novas associações feita pelos missionários entre a língua hebraica e o náhuatl, por isso não se poderia excluir a letra, por perder o sentido original das palavras. Por exemplo, *México*, com “X”, significa “onde está ou onde é adorado Cristo” e isso seria a maior glória da nação. *Mesci* era palavra hebraica que significa “messias” e seu correlato em náhuatl era *Mexi*, que significa “senhor da coroa de espinhos”.

A existência de um cristianismo pré-colombiano é provada na própria na carta de Hernán Cortez para Carlos V, cujo empenho estava em fazer acreditar ser o mesmo São Tomé por Montezuma e por quem as gentes esperavam. O chefe indígena teria sido convencido e acedeu com a reconversão em razão dos conquistadores terem as práticas mais presentes, já que os indígenas haviam esquecido no percurso do

¹⁹³ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

tempo. No entendimento do mexicano, a pregação de São Tomé sobre a vinda de pessoas de sua mesma religião e que dominariam o país por algum tempo são a verdadeira chave da conquista das Américas. No entanto, se fosse somente em razão da fé a conquista teria sido pacífica e sem derramamento de sangue. Mas havia outros interesses em jogo.

O pensador mexicano parte para as já conhecidas associações ente México e as passagens bíblicas, como por exemplo, o fato de que os índios teriam em seu poder toda a Bíblia em hieróglifos, que foi sendo confundida com o tempo, transformando sua própria história e religião. A religiosidade mexicana não seria senão tradição cristã transtornada no tempo e na natureza dos hieróglifos. Dessa feita, os espanhóis, por incompreensão, destruíram a mesma crença que professavam e repunham as mesmas imagens que haviam destruído.

Mier relembra novamente que a Real Academia de História ratifica seu sermão, e esclarece que retoma tal teoria caso não tenha tempo de imprimir a HRNE antes de ser enviado para a Espanha. Frei Servando adiciona apenas a tese em que afirma que havia existido uma ilha desconhecida entre China e América, que promovia comércio entre ambas as localidades, o que explicaria as grandes semelhanças entre os calendários e culturas, bem como São Tomé teria peregrinado também ao Oriente. Além disso, reconta a tradição da presença do irlandês São Brendon – San Brendano ou mesmo Borodon –, na América do Norte, onde teria fundado sete igrejas, com a ajuda de sete discípulos. O dominicano acrescenta que Torquemada teria datado pontualmente o desembarque de Quetzacoátl, com sete discípulos, todos ruivos, brancos e de olhos azuis, além de um oriental. Ao que rapidamente Mier diz reconhecer elementos do ritual litúrgico Oriental nas igrejas mexicanas. Para ele, todos poderiam pensar que são fábulas, contudo, ele havia ganho o pleito e todos os direitos e honras, por isso exortava que todos os mexicanos lessem as obras dos sacerdotes e pensadores da conquista, autores que afirmam ser indubitável a antiga predicação do Evangelho na América.

6.1 Mier em defesa do patrimônio cultural pré-colombiano

Como primeira impressão na análise desse texto está a preocupação de frei Servando em preservar a memória e a tradição cultural mexicanas diante da invasão da modernidade na região. Viu-se que o ideário político servandino pautou-se pela construção de novas representações sociais e culturais do homem americano. Para alcançar seu objetivo, Mier descortinou o passado indígena numa clara tentativa de fazer reviver o fausto e a grandiosidade vividas pelos astecas, antes da conquista espanhola que os atiraria à degeneração e barbárie. Essa construção intelectual realizou-se em orientações políticas com a absorção de tais elementos com emblemas do estado que surgia. O mexicano não age apenas no intuito de proteger cultural e politicamente seu país, mas, sobretudo, de ressaltar o esplendor e a grandiosidade do passado indígena diante das importações européias e principalmente do povo espanhol, esses sim, visto como incivilizado pelos olhos do pensador americano.

Em vista do exposto, é corrente nos escritos servandinos a oposição entre riqueza e refinamento das sociedades americanas diante da dominação e a vilania cometidas pela Espanha. Todavia, Mier se utiliza do discurso bíblico e se arvora da posição de pregador para reafirmar a eleição das Américas, entre todos os outros povos, como aquele lugar em que se estabeleceria o paraíso na terra e onde a invocação do apóstolo São Tomé, em razão de suas possíveis peregrinações pelo continente, evidenciaria a natureza sagrada da América. Assim como no SG, nas cartas dirigidas ao *El Español* e na HRNE, se deslegitima a presença espanhola no Novo Mundo e se busca no passado a inteligibilidade do momento presente como garantia para reafirmar a necessidade da escolha da independência.

Frei Servando se vangloria por ter lecionado espanhol em Paris e Lisboa e seu discurso assume, portanto, o tom de autoridade que possui recursos suficientes para legitimar a sua fala, ainda que suas explicações sejam evidentemente questionáveis. O dominicano surge como homem versado na ciência humanística cujo grau de aprofundamento lhe permitiria dar opiniões sobre tudo o que se referisse à construção da nação mexicana. Nesse sentido, causa interesse notar o autocongrasso de Mier como articulador da nação que se forjava. O sacerdote, como foi visto nas obras analisadas, não apenas opina sobre o alfabeto mexicano, especifica o formato do selo e a bandeira nacional, orienta a importância de uma estátua de Las Casas de frente para o porto de entrada no país e justifica a mudança nos nomes dos acidentes geográficos para que evoquem os tempos longínquos da majestosa sociedade asteca, expressando o ideal indigenista tão presente entre os ideólogos da revolução.

Frei Servando lista novos indícios para a sua análise do cristianismo trazido antes de aportadas as esquadras de Colombo, ao falar do irlandês São Brendon e do intercâmbio cultural ente América e China, país que também recebeu a visita de São Tomé. Esses rastros no Oriente se adequam perfeitamente às lendas nativas de que Quetzacoátl havia voado para o outro lado do mundo, de onde um dia retornaria para a América para levar consigo novamente à religião cristã. É importante ressaltar, como curiosidade histórica, que o SG que foi ratificado pela Real Academia Espanhola não continha em suas hipóteses as remissões relativas a missionários chineses ou irlandeses no continente americano. O sacerdote empreende, então, novos vãos inventivos sobre um debate retomado por ele na maioria de suas obras, ainda que tais teorias também não sejam originais, podendo-se notar que mesmo após 25 anos da pregação do sermão de 1794, Mier consagra a pregação como marco fundamental de suas aventuras intelectuais.

Ao encerrar este capítulo, pode-se concluir que as guerras pela independência americana se fizeram também por meio da palavra. A escrita de Frei Servando estava engatilhada e apontada para todos aqueles que se opusessem à causa da autonomia ou que não encontrassem o justo motivo por detrás das ações dos insurgentes. Assim como Thomas Paine reivindicou de maneira panfletária a autonomia dos Estados Unidos contra o jugo inglês, o pensador mexicano exige a retomada da soberania americana por meio de uma história apologética e dos direitos que repousavam na conquista da América, vistos por ele

como inquestionáveis. O ato de escrever do dominicano era automático e frenético, derramando no papel as suas angústias e razões sobre o processo de formação das repúblicas americanas. Era preciso falar sobre a causa, denunciar por todos os meios e repetidamente os anos de opressão vividos sob tutela espanhola, a única culpada pela rebelião, e a especificidade dos povos da América, em particular os mexicanos, fator que fazia do continente a nova terra prometida. Para Mier, porém, a escrita era a principal arma. Sua mente possuía munição suficiente para confrontar inimigos diante das batalhas em que eram necessários apenas o papel e a pena.

3. Capítulo: Independência consumada e Mier como deputado mexicano

*“– E que somos neste palácio senão coisas inúteis, relíquias de museu, prostitutas reabilitadas? De nada serve o que fizemos se não dançamos ao som do último clarim. De nada serve. E quem quer que pretenda corrigir os erros não passa de traidor, e quem quer que pretenda acabar com as bestialidades não passa de cínico revisionista, e quem quer que lute pela verdadeira liberdade está prestes a ganhar a própria morte...
O frade continuava a falar, argumentando, fazendo retumbar a voz claríssima por todo o palácio deserto, onde se ouvia a queda duma coluna ou duma estátua, que se pulverizava”.*

Reinaldo Arenas, O mundo alucinante, capítulo XXXIV.

2. Rota servandina entre os anos de 1821 e 1827

Dando-se continuidade à compreensão do ideário de frei Servando Teresa de Mier, esse capítulo analisa as aventuras servandinas nos primeiros anos do México já independente, encontrando-se na *Memoria político-instructiva* um escrito que expressa a elaboração teórica de Mier sobre a independência estabelecida. Procurou-se estudar também as principais manifestações do mexicano como deputado por Novo Leão, observando-se as transformações intelectuais operadas na mente do mexicano em sua atuação como parlamentar.

2.1 Fuga para os Estados Unidos e o retorno à pátria mexicana (1821 a 1822)

Após o fracasso da expedição realizada por Javier Mina em 1817, que contou com a participação de frei Servando Teresa de Mier, o dominicano viu-se novamente confinado nos cárceres inquisitoriais durante os quatro anos que se seguiram. Havia chegado ao México a ordem de que a Inquisição deveria ser dissolvida em razão do novo regime constitucional espanhol. Os integrantes do Tribunal do Santo Ofício se reuniram em 20 de maio para discutir a sorte do seu prisioneiro mais ilustre.

A iminente abolição do Santo Ofício tornou impossível concluir o caso de frei Servando e representava perigo a libertação de um réu acusado de inconfidente para o rei e para a religião. Por isso, os inquisidores solicitaram que o vice-rei ordenasse a custódia do dominicano por parte das autoridades civis. Em 25 de maio de 1820, o tribunal entregou o sacerdote às autoridades seculares e nos autos inquisitoriais frei Servando é retratado como “el hombre más peligroso y dañino de este reino, entre los muchos que hay”¹⁹⁴. Para o tribunal, Mier era altamente versado na má literatura, de espírito duro e audaz, de caráter arrogante e presunçoso e cuja prisão não havia servido para purificar uma alma corrompida, mas sim para fortalecer a obstinação de suas atitudes.

Ficou estabelecida como pena a expatriação de Mier para a Espanha como garantia da manutenção de sua vida. O tribunal proibiu ainda a HRNE até mesmo para aqueles que possuíam licença para ler livros proibidos. Mier foi conduzido à prisão de San Juan Ulúa, na cidade de Veracruz. Em 11 de setembro deste ano, o sacerdote protestou diante das autoridades contra a forma

¹⁹⁴ Retirado do livro do inquisidor Apodaca, México 20 de maio de 1820. In: HAMNET, Brian. *Revolución y contrarrevolución en México y el Perú*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978. p.266.

pela qual era tratado, qualificando-a de ilegal e anticonstitucional, pois caso fosse observada a Constituição espanhola de 1812, ficava proibido o desterro de uma pessoa enquanto não tivesse sido acusada formalmente, colocando-se os termos por escrito. Tais documentos seriam enviados com o réu, como prova da culpabilidade. Além disso, Mier acreditava que tinha direito ao indulto concedido pelas Cortes, em 09 de março de 1820, em favor da libertação dos presos políticos.

Em 03 de fevereiro de 1821, o dominicano foi conduzido da prisão de San Juan Ulúa para Havana. Nessa ilha, o frei ficaria confinado no mosteiro El Morro, pertencente à ordem dominicana, de onde deveria ser enviado para a metrópole espanhola. O *Plan de Iguala* foi proclamado em 24 de fevereiro de 1821, por Agustín de Iturbide, declarando o México independente. No entanto, as autoridades veracruzanas, representadas na figura do governador José Dávila, permaneciam fiéis à Espanha e ao vice-rei Juan Ruiz de Apodaca e, por isso, a milícia de Havana, também leal à Coroa, deu prosseguimento à execução da sentença. Frei Servando entrou com novas e sucessivas petições, porém agora objetivando não ser mandado novamente para metrópole em razão do seu fraco estado de saúde. As demandas não foram ouvidas e deu-se prosseguimento ao processo judicial ordinário do dominicano, tendo-se em vista a razão das extraordinárias circunstâncias do sujeito em questão e a crítica situação do país, segundo palavras do próprio frei nas *Memorias*¹⁹⁵.

Debilitado e sem alternativas, Mier fugiu do hospital em que estava preso em Havana e com um passaporte falso, em nome de Mariano Cosío, seguiu em direção aos Estados Unidos, no navio a vapor Robert Fulton, no mês de maio de 1821. De volta à Filadélfia, o mexicano publicaria novos escritos e no seu contato com o parlamento norte-americano seria seduzido pelas instituições democráticas que observara em terras estadunidenses. Nesse sentido, podem-se notar claramente as alterações que a concepção teórica de frei Servando sofreria, como se vê em sua *Memoria político-instructiva*, de 1821. Na sua constante busca por mecanismos que assegurassem uma independência estável e segura para o México diante de um processo autonomista que ganhava novos contornos, com a participação de caudilhos militares que disputavam o poder, por exemplo, Mier passaria a advogar a criação de um governo republicano para sua terra natal, em detrimento da idéia de monarquia constitucional, a exemplo da Inglaterra, conforme havia defendido em HRNE.

A volta do dominicano para o México, em 1822, não passaria despercebida. Por acreditar que a situação política de seu país se havia modificado, haja vista que o último vice-rei, Juan O'Donojú, havia pactuado os termos da independência com as novas autoridades políticas mexicanas, Mier retorna dos Estados Unidos em 23 de fevereiro, sem passaporte, situação justificada por ele em razão de ter vindo de um país onde se entrava e se saía livremente. Na sua entrada na terra natal, frei Servando foi novamente preso em San Juan Ulúa por viajar sem documentos. Ao ser reconhecido pelas autoridades locais, o general Mahy, responsável por sua

¹⁹⁵ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias*. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.305.

guarda em Havana, requisitou seu retorno imediato à ilha para o cumprimento da pena de expatriação.

O retorno e a prisão do frei chamou atenção da opinião pública, possibilitando que alguns dos antigos insurgentes, agora presentes como deputados no Congresso nacional, manifestassem preocupação com os velhos companheiros dos anos revolucionários. O deputado Carlos María de Bustamante exigiu do Congresso a entrega de frei Servando, oferecendo-se para pagar os gastos excedentes que seriam necessários para a liberdade do dominicano. Uma contra-ordem dada pelo general Loaces, capitão geral do distrito de Veracruz, momentos antes do retorno de Mier para a prisão de Havana, reclamava a presença do dominicano como deputado pela província de Novo Leão no primeiro congresso da nação mexicana. Embora a petição e a contra-ordem tenham tardado em mostrar seus efeitos para a libertação do dominicano, o governador de Veracruz, José Dávila, teria enfim concordado em não aplicar a pena de Mier para que o sacerdote pudesse combater Iturbide dentro do parlamento mexicano.

No mesmo dia em que frei Servando foi posto em liberdade, 18 de maio de 1822, a Iturbide era concedido o título de imperador, iniciando-se na vida do dominicano uma nova fase de oposição ao governo que o transformaria num crítico constante do regime monárquico estabelecido após a independência do México. Segundo conta Lucas Alamán, a aparição de Mier nas galerias do parlamento para tomar assento no Congresso, em 15 de julho, teria atraído grande público no desejo de conhecer um homem que tanta celebridade havia adquirido, primeiro pela perseguição sofrida em razão do SG e, depois, por seus escritos e padecimentos. Alamán esclarece que:

“Recomendándolo, además, su semblante, sus canas y la facilidad y gracia con que hablaba, especialmente se abandonaba a su imaginación y verbosidad en discursos menos estudiados. En el que pronunció ocupando la tribuna luego que hubo protestado juramento refirió con extensión toda su historia y terminó pidiendo al congreso, mandase que los prelados de Santo Domingo le devolvieran sus libros e insignias doctorales que le habían sido quitadas cuando fue preso y desterrado [...] Aunque nada de esto fuese del caso, ni tocase al congreso decretarlo, el discurso fue muy aplaudido y la popularidad del orador quedó con él establecida”¹⁹⁶.

1.2 Frei Servando no império de Iturbide e na república de Guadalupe Victoria

Desde a HRNE, escrita em 1813, frei Servando demonstrava seu desconforto em relação ao general regalista Agustín de Iturbide, como que antevendo o futuro político que a nação mexicana alcançaria caso os grupos militarizados, representados pelos caudilhos, tomassem o poder. Ainda que num primeiro momento Mier tenha nutrido tímidas esperanças acerca da opção política mexicana apresentada por Iturbide, como se verá na análise da MPI, o *Plan de Iguala* não seria

¹⁹⁶ ALAMÁN, Lucas. *Semblanzas y ideario*. México: Universidad Autónoma de México, Biblioteca del Estudiante Universitario, 1978. p.11.

instrumento suficiente para serenar o espírito do dominicano em relação à independência de seu país. Após anos de perseguição pelas autoridades regalistas e cômico dos reais problemas de sua pátria, como a carência de instituições estáveis e a divisão de grupos locais que buscavam apenas a satisfação de seus interesses, o sacerdote vislumbrava com clareza os motores que moviam o processo de independência mexicano e expôs abertamente suas críticas ao Império de Agustín I, no Congresso, já como deputado.

Na opinião de Alamán, Mier era a mistura das mais opostas qualidades. Republicano decidido e inimigo dos monarcas, frei Servando teria reclamado na sessão em que se apresentou no Congresso a ausência do “de” anteposto ao seu sobrenome, sendo chamado apenas de *don* Servando Mier, o que o sacerdote considerou um disparate, visto que a partícula representaria um qualificativo da nobreza de que ele supunha ser descendente. Ainda que censor dos abusos da Corte de Roma, o mexicano exigia ser reconhecido como prelado doméstico do papa, e por isso, dizendo-se nomeado bispo de Baltimore, usava o traje peculiar ao portador de equivalente título. Alamán descreve a cena em que tendo chegado à cidade do México após sair dos grilhões de Veracruz, frei Servando foi se apresentar a Iturbide, e sem dar-lhe o tratamento de majestade, teria desaprovado às claras a proclamação e a coroação que iria ser realizada, não passando a consagração de Iturbide como imperador da aplicação do remédio conhecido com o nome de *vinagre de los cuatro ladrones*.

Outro historiador contemporâneo a frei Servando, Miguel de Beruete y Abarca escreveu um diário sobre os momentos mais importantes da nação, sempre dando realce à presença de Mier nos primeiros instantes que marcaram a formação política do país, ao exaltar as frases do dominicano e apresentá-lo como o Apóstolo da República. As passagens apresentadas por Beruete em seu diário permaneceram inéditas durante mais um século e meio, sendo publicadas por outro historiador, Andrés Henestrosa, apenas em 1974, sob o título de *Elevación y caída del emperador Iturbide*¹⁹⁷. Pode-se vislumbrar a confirmação de grande parte dos relatos do historiador mexicano nos trabalhos historiográficos empreendidos por Carlos María de Bustamante e Lucas Alamán.

Beruete conta que, na cerimônia de coroação de Iturbide como imperador, Mier foi convidado pelo presidente do Congresso mexicano, Rafael Mangino y Mendivil, que o nomeou para a comissão de deputados que deviam assistir ao *Te Deum* da catedral no ato da coroação, acreditando que isso honraria o sacerdote. O frei agradeceu a cortesia, mas declinou ruidosamente ao dizer que era proibido aos clérigos presenciar comédias. Também, nesse mesmo dia, além de não assistir o ato do coroamento, o dominicano teria saído cedo de sua casa para ridicularizar a ordem de Guadalupe, milícia constituída naquele dia como guarda oficial do imperador. Mier teria gritado “¡Huehuenches!”, que significava os velhinhos, os dançarinos, em alusão a sua indumentária de aparência exuberante, com mantos e plumas que lembravam as utilizadas pelos indígenas em suas

¹⁹⁷ Ver BERUETE, Miguel de. *Elevación y caída del emperador Iturbide*. Transcrição, prólogo e notas de Andrés Henestrosa. México, Litoarte, 1974. Fondo Pagliai, n. 6.

danças rituais. Dessa feita, frei Servando foi responsável por, pejorativamente, batizar a guarda com um apelido que pronto tomou gosto popular e passou a caracterizar os indivíduos que pertenciam àquela ordem.

Henestrosa esclarece que muitos pesquisadores questionaram se o papel atribuído a Mier pela pena de Beruete não seria em verdade obra do próprio frei, assinada sob um de seus pseudônimos, devido ao destaque dado às ações e pronunciamentos do sacerdote. Não há afirmativas conclusivas com relação a tais indagações levantadas. É fato que frei Servando era o maior divulgador de suas próprias glórias e façanhas em nome da pátria, como se pode vislumbrar em seus escritos. Porém, ele se teria tornado figura carismática em seu retorno ao México no pós-independência, elevado ao patamar de guia moral a quem se deveria ouvir com atenção.

A prisão de Mier em 27 de agosto de 1822, consignada no diário de Beruete, demonstra certo distanciamento e não observa a passionalidade servandina quando advogava a própria causa em nome da liberdade diante dos processos judiciais ilegítimos. Junto a outros deputados mexicanos, frei Servando opôs-se aos planos políticos de Iturbide, tornando-se seu crítico ferrenho ao declarar-se abertamente como republicano, forjando-se uma conspiração que se salientava a falta de liberdade do Congresso na eleição do imperador. Isso lhe valeu nova perseguição e o retorno à prisão no convento de São Domingos em razão das suas manifestações públicas de rejeição à fraca e instável política de governo do império de Agustín I. O sacerdote conseguiu fugir da prisão, porém foi novamente apreendido e posto em reclusão. A sublevação da milícia mexicana contra Iturbide pôs o frei novamente em liberdade sendo, junto a outros deputados, trasladado para Toluca.

O imperador, por sua vez, diante das críticas dos opositores em relação às prisões de deputados e de representantes do exército, dissolveu o Congresso mexicano em 31 de outubro de 1822. Os republicanos carentes de poder no ramo legislativo continuaram difundindo suas idéias entre os militares. Antonio López de Santa Anna proclamou a república em dezembro de 1822, contando com o apoio de Guadalupe Victoria, posteriormente acompanhados por Nicolás Bravo e Vicente Guerrero. Na data de 02 de janeiro de 1823, Beruete lança em suas anotações a notícia da tentativa de fuga de frei Servando e do seu aprisionamento em um calabouço. Ainda que estivesse encarcerado, Mier não cessara em sua luta contra Iturbide, satirizando, com seus escritos, todos os atos realizados pelo imperador, enxergando o império de Agustín I como uma grande pilhéria. O governo proposto por Iturbide tem seu desfecho em 19 de março de 1823, ao abdicar o trono após reunir novamente os parlamentares. Consta a seguinte passagem no diário, na data de 29 de março do mesmo ano, sobre o retorno dos parlamentares ao congresso reaberto:

“En la mañana de este día, se reunieron 103 vocales en el Congreso. A sus puertas se vieron, puestos de centinelas, dos coroneles, con fusiles al hombro y gran parte de la guardia se componía de una oficialidad muy

lucida de varios cuerpos. A la entrada en el salón del padre Mier, comenzó un viva y palmoteo muy largo del numeroso concurso que había en las galerías. La sala pareció más hermosa que antes, porque bajo el dosel no se veía ya el retrato de Iturbide. [...] Acordóse que se nombrase una comisión para que se consultase quiénes deberían componer el Gobierno o Poder Ejecutivo. [...] El padre Mier pidió que no se le llamase Regencia, porque ni había rey ni permitiera Dios que lo hubiese”¹⁹⁸.

O jornal de 1º de abril publicava o juramento do congresso restabelecido:

“Ya tenemos gobierno. Esta sola expresión bastó para sacar muchas lágrimas a los que la oyeron. [...] Yo vi correr dos hilos de los ojos del padre Mier; tal escena me trastornó y me hizo recordar los torrentes que ha derramado este anciano venerable, por la gloria y la libertad de un pueblo que justamente le adora”¹⁹⁹.

Henestrosa chama a atenção para o fato de que o historiador Carlos María Bustamante teria publicado em sua obra idêntica frase sobre o mesmo acontecimento, estimulando-se, assim, as indagações sobre se teria sido o diário inédito de Beruete lido e aproveitado por seus contemporâneos mais de cem anos antes da publicação de 1974 ou se ambos os autores teriam extraído passagens de publicações anteriores que serviram de fonte para seus próprios estudos. A questão autoral sobre as primeiras passagens relativas à construção do aparelho estatal mexicano permanece ainda hoje carente de estudos abrangentes.

No que se refere às principais questões do segundo congresso mexicano (1823 - 1824), elas se alicerçavam na busca da formatação da república que iria se estabelecer, com discussões acerca do caráter constitucional, divisão de poderes, estrutura das instituições políticas e civis, sendo que o principal debate centrava-se na disputa entre federalismo e centralismo. Frei Servando foi reeleito para o Congresso também pela província de Novo Leão e tratou de alertar o Parlamento mexicano do perigo de se implantar um regime federalista pleno, a exemplo dos Estados Unidos, sugerindo um tipo de federação que fosse controlada por um centro de poder forte.

Mier e Carlos María Bustamante uniram suas forças para propugnar uma república centralizada, com um poderoso poder executivo. Mier participou e foi o principal colaborador do Projeto de Constituição da nação mexicana e seu voto pessoal circulou entre as bancadas do parlamento. Contudo, a maioria radical do Congresso optou por uma Constituição federal, movida pela pressão dos políticos locais que estavam impacientes em libertar seu território do domínio da cidade do México.

Em dezembro de 1823, Mier se levantou no Congresso e pronunciou o famoso discurso conhecido como *Profecía del doctor Mier sobre la federación mexicana*, em que argumentava que

¹⁹⁸ HENESTROSA, Andrés. “Prólogo”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.08.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p.09

uma Constituição não deveria ser introduzida como instrumento de reformas, mas que se deveria observar o caráter nacional e a realidade social no momento de se legislar. Frei Servando condenou e alertou os mexicanos para o cuidado que deveriam ter ao olharem-se no espelho dos Estados Unidos e não enxergarem a verdadeira face do México. Seu discurso se tornaria um emblema profético dos anos posteriores que viveria a nação mexicana e suas preocupações viriam à superfície, demonstrando a acurada percepção do dominicano em compreender as mazelas sociais de seu país.

Uma observação que causa interesse e que surge das linhas de Beruete seria a concepção errônea que se tem sobre Mier no que se refere ao um desprezo desarrazoado em relação à Espanha. O historiador mexicano afirma que na sessão de 1º de fevereiro de 1824, o deputado Miguel Ramos Arizpe se teria exaltado contra a Espanha, o que frei Servando teria contradito e rebatido, passagem essa também descrita nos trabalhos de Bustamante. Henestrosa acredita que o dominicano era contra a Espanha dominadora da América, mais que reconhecia as dívidas que os americanos possuíam em relação aos europeus, assim como exigia respeito da antiga metrópole pela nação que surgia. Não que o sacerdote tenha, na maturidade intelectual, renegado os escritos em defesa da independência americana, mas sim que em seu posicionamento como guia moral da nação mexicana o frei possuía a consciência de que era preciso maior cautela nas afirmações para evitar que novos ódios fossem gerados ou derramamento de sangue causado. Dessa maneira, frei Servando pronunciava-se alternativamente a favor e contra os espanhóis, de acordo com o ângulo sobre o qual considerava a história do México.

Em 10 de outubro de 1824, Guadalupe Victoria assume como primeiro presidente eleito pela República Federal do México, tendo [Nicolás Bravo](#) como vice-presidente. Alamán dá a conhecer que o presidente Victoria havia alojado frei Servando Teresa de Mier em seu palácio presidencial e que lhe agradava escutar com paciência as “impertinências” ditas pelo sacerdote. Alfonso Reyes opina ao dizer que “acaso amenizaría las fatigas del amable general Victoria con sus locuras teológicas. Y de tiempo en tiempo el acordarse de sus luchas pasadas, que era la imagen de la patria, temblarían en sus mejillas dos hilos de lágrimas”²⁰⁰.

Havendo encontrado o reconhecimento de seus atos heróicos ainda em vida e sendo laureado como um dos pais da pátria mexicana, frei Servando, nos últimos anos de vida, gozou de prestígio social e carisma político. O pensador mexicano passou a ocupar uma das dependências do palácio de Guadalupe Victoria, bem como recebia uma pensão de três mil pesos anuais, oferecida pelo governo, em razão de sua trajetória pessoal em favor da independência. O derradeiro escrito, que gozou de ampla publicidade, antes do falecimento do frei, é o Discurso sobre a encíclica do papa Leão XII, onde revela as tramas políticas nos bastidores das cortes romanas e a manipulação do

²⁰⁰ REYES, Alfonso. *Obras completas de Alfonso Reyes*. v. III. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. p.435.

papa por parte das políticas espanholas. Mesmo nos momentos finais de sua existência, o frei continuou exercendo a escrita como arma política de crítica e com o empenho habitual em alertar o povo mexicano contra as artimanhas utilizadas pela Espanha em busca do controle da América.

Em 15 de novembro de 1827, frei Servando recebeu o sacramento da eucaristia das mãos de Miguel Ramos Arizpe, amigo e adversário eventual nos anos de parlamento mexicano, devido a impossibilidade de sair de casa por sua avançada debilidade física. Ao receber os últimos sacramentos, contudo, o sacerdote advertiu os amigos e as pessoas próximas a ele dos perigos do federalismo e das lojas maçônicas e declarou que morria sendo um católico fiel. Mier faleceu de causas naturais aos sessenta e quatro anos de idade, em 03 de dezembro de 1827, no quarto do palácio nacional.

No obituário escrito pelo deputado e historiador José María Luís Mora (1794 -1850), consta que seu corpo foi sepultado com grandes honras oficiais e clamor popular no convento de São Domingos do México, local onde havia sido preso no império de Iturbide, o que, de certa forma, representou uma ironia final em sua vida²⁰¹. O vice-presidente da República, Nicolás Bravo, dirigiu as homenagens ao sacerdote e, segundo Mora, compareceram ao sepultamento as grandes autoridades da cidade do México e o povo, que se agrupou de tal maneira nas ruas por onde devia passar o féretro que impediu a livre circulação dos transeuntes, podendo-se ter uma idéia do sentimento geral em razão da multidão que se formou em seu funeral.

Homem de temperamento inquieto e aventureiro ao longo de toda sua vida, cujas façanhas e personalidade o transformariam em figura surreal e quase mítica, não poderia encontrar na morte o sossego simples da paz e do descanso eternos. Seu cadáver percorreria o mundo novamente. Em 1842, seu corpo foi exumado e, havendo sido encontrado mumificado, foi conservado no ossuário do convento. Em 1861, foram suprimidas as comunidades religiosas e por isso seu esqueleto teria sido novamente exumado, dessa vez pelos radicais mexicanos, sendo expostas treze múmias em São Domingos; quatro delas, entre as quais se encontrava a de Mier, foram vendidas a um certo Barnabé de la Barra, provavelmente um proprietário de circo italiano que as teria levado para Argentina e Europa. Dessa feita, o corpo mumificado de frei Servando Teresa de Mier teria saído novamente do México sendo encontrado exibido morbidamente como vítima da Inquisição espanhola. É sabido que seus restos mortais foram atração na feira de Bruxelas em 1882. Desconhece-se até hoje o verdadeiro paradeiro dos restos mortais do mexicano, embora seja homenageado no mausoléu de homens ilustres da cidade de Monterrey e também no panteão dos heróis da pátria na cidade do México. O nome de Mier perpetuar-se-ia na História em nome de ruas, avenidas, escolas públicas e bibliotecas, bem como por meio de estátuas e bustos comemorativos em honra aos préstimos que prestou à nação. A revolução se fez monumento, ao evocar no presente as glórias dos feitos

²⁰¹ MORA, José Maria Luis. "Obituário". In: TERESA DE MIER, Servando. *Historia de la Revolución de Nueva España* México: Fondo de Cultura Económica, 1986. p.15.

passados, legitimando-os, e com isso alicerçando na memória coletiva a suposta continuidade entre os líderes contemporâneos e os pais fundadores do país, ainda que as diferenças ideológicas fossem insuperáveis e o contexto histórico vivido fosse diverso.

2. Memoria político-instructiva, enviada desde Filadelfia en agosto de 1821, a los jefes independientes del Anáhuac, llamado por los españoles Nueva España

A primeira edição de *Memoria político-instructiva* foi publicada na Filadélfia em 1821, após a fuga de frei Servando de Havana para os Estados Unidos. Essa edição possuiu um apêndice formado pelas seguintes peças: *Plan de Iguala, proclamado por Agustín de Iturbide el 24 de febrero de 1821*; uma nota sobre documentos inseridos em razão do documento anterior; *Carta de un patriota sobre la cesión de las Floridas*; *Noticia de la América Rusa*; *Conclusión del discurso de Fernando VII en 30 de junio de este año para cerrar las cortes ordinarias*, esse fora traduzido do inglês; e *Proclama de los independientes*, sendo ainda adicionados um suplemento e uma advertência.

A segunda e terceira edições foram realizadas no México, ambas em 1822. Uma delas teria aparecido no tomo primeiro do jornal *El Fanal* e a outra teria sido impressa por Mariano Ontiveros²⁰² e reproduziria a edição da Filadélfia com a inclusão do apêndice e do suplemento. Edmundo O’Gorman se utiliza dessa edição de Ontiveros para dar corpo à antologia de trabalhos de Mier, realizada na década de 1970. O’Gorman menciona que Armando Arteaga Santoyo, em sua obra *Bibliografía del padre Mier*, teria confirmado a existência de uma quarta edição impressa por Mariano Galván²⁰³, também em 1822, mas da qual não se achou nenhum exemplar. Uma quinta edição fac-similar da edição original de 1821 da Filadélfia foi editada no México em 1974, com introdução do historiador e político, membro da Academia de Língua, História e de Ciências Morais e Políticas, Artemio Benavides (1808 - 1884).

A importância da MPI, no entender de O’Gorman, se justificaria por ser o mais vigoroso testemunho da nova percepção que tomou o pensamento político de Mier sob o influxo do ambiente republicano dos Estados Unidos²⁰⁴. Se na HRNE o sistema monárquico inglês recebeu elogios abertos, na MPI²⁰⁵ o cenário político era outro: o pacto da Santa Aliança se apresentava como

²⁰² A família Zúñiga y Ontiveros teve entre seus membros importantes tipógrafos ao longo do século XVIII. Cristóbal e Felipe eram irmãos e proprietários da gráfica que chamaram de Antuerpiana. Entre os descendentes de Felipe destacou-se Mariano de Ontiveros que teve um labor tipográfico considerável, editando guias e calendários, sendo responsável pela impressão do *Diário de México* desde 1809 até sua morte em 1825.

²⁰³ Mariano Galván (1782-1876), livreiro e editor, foi fundador do comércio de livros no México. Seu trabalho caracterizou-se pelo empreendedorismo e estímulo dado aos escritores mexicanos e a tradução de literatura estrangeira dispondo-se a editá-las. Tornou-se conhecido como importante editor e tipógrafo, criador do calendário Galván, que trazia informações astronômicas, geográficas e climáticas. Galván foi responsável por publicar as obras *El Periquillo Sarniento*, de Fernández de Lizardi, a Bíblia Sagrada em latim e espanhol e por editar a obra máxima de Miguel de Cervantes, *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*.

²⁰⁴ O’Gorman, Edmundo. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v. XLVIII. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.191.

²⁰⁵ A partir deste momento, é conveniente utilizar a sigla MPI para designar a *Memoria político-instructiva*, seguindo-se o índice de siglas das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

baluarte do antigo regime em contraposição às independências hispano-americanas e o restabelecimento da Constituição e das Cortes espanholas tentavam induzir o estabelecimento de uma independência relativa.

Nesse sentido, o tema em destaque que sobressai nesta MPI é a nova percepção ideológica de frei Servando que passa a se opor radicalmente ao sistema monárquico como ameaça à causa americana. O exemplo histórico da monarquia inglesa se torna agora objeto de sua radical oposição. À guisa de camuflar sua admiração anterior sobre o sistema de governo inglês, Mier se justifica ao dizer que foi obrigado a anglicanizar suas idéias por temor da repressão das autoridades britânicas quando vivia naquele país. A alternativa proposta pelo frei, em contraposição à existência de um monarca, é a oferecida pelo exemplo dos Estados Unidos, país onde reside no momento em que escreve essa memória, que do qual emanam, segundo ele, a igualdade e a liberdade assentadas no ideal republicano.

Ainda que Mier evoque as vitórias de Bolívar e San Martín na América do Sul, suas preocupações se voltam para sua terra natal, atemorizado pela idéia de que a Nova Espanha aceitasse o sistema monárquico, seja com um rei da dinastia espanhola ou por uma regência, utilizando-se do *Plan de Iguala* como ponto de origem das suas novas indagações políticas. Por esse plano, observando-se principalmente seus artigos 2 e 3, consagrava-se a monarquia como sistema, chamava-se Fernando VII para assumir o trono do império mexicano ou um outro membro da linhagem real, entre eles os príncipes Carlos e Francisco de Paula, além do arquiduque Carlos ou qualquer indivíduo da casa reinante que aceitasse os termos do Congresso.

Essa demanda política não poderia passar incólume aos olhos de Frei Servando que se manifesta abertamente contrário a esse projeto, a que atribuía responsabilidade por reduzir a cinzas os anos de luta e sacrifício em prol da independência. Embora o dominicano declare certa esperança em supor ser o *Plan de Iguala* um estratagema para conseguir a autonomia administrativa sem maiores derramamentos de sangue, pode-se perceber o desconforto de Mier em confiar plenamente nas propostas do ex-coronel regalista, haja vista que o pensador mexicano sempre viu Iturbide como um homem de caráter ambicioso, capaz de perseguir e matar os defensores da insurgência, conforme se viu de forma tão clara na HRNE.

Frei Servando inicia sua carta expondo os motivos que o levaram a manifestar abertamente o que julga conveniente para assegurar a completa independência e verdadeira liberdade de Anahuác²⁰⁶, conhecida pelos conquistadores como Nova Espanha. A promessa de governos

²⁰⁶ Frei Servando em muitos de seus textos se refere ao México como Anahuác, antiga denominação da região pelos povos pré-colombianos. Embora não concorde com a adoção do nome México para designar sua nação de origem, o dominicano compreende que “Anahuác” tinha menos apelo emotivo entre os mexicanos ao passo que a palavra “México” tinha sonoridade mais assimilável pelas nações estrangeiras. As análises de Humboldt acrescentam que se entendia por Anáhuac a região que antes da conquista estava compreendida entre as latitudes 14 e 21, formada pelos

representativos ou reinos constitucionais, feita pela Europa aos povos que contribuíram para a derrocada de Napoleão, foi substituída pela opressão do cetro absoluto, embora se adotasse a linguagem de proteção e da paz. A criação de um Congresso em Viena, com uma aliança chamada de santa, tinha o falso objetivo de manter o mundo em paz e protegê-lo por meio da razão e da verdadeira liberdade. Na análise de frei Servando, contudo, essa união assentou que as formas de governo diferentes ou opostas ao absolutismo seriam turbulências do espírito revolucionário do século, ao que caberia a Santa Aliança castigar. Essa era uma cruzada dos reis da Europa para expulsar a independência da América como seus antepassados o fizeram para expulsar os infiéis da Palestina.

Os monarcas da Europa teriam publicado decretos severos, proibindo sob gravíssimas penas que todos os seus súditos viessem ajudar os americanos. Assim, ninguém poderia auxiliar a América, pública ou legalmente. Os Estados Unidos quando indagados pela Santa Aliança se ajudariam o povo hispano-americano, contestaram que a eles lhes convinha a neutralidade, mas que só duraria essa até o dia em que aquele órgão faltasse com a sua imparcialidade e desse apoio à Espanha na sua querela doméstica contra as colônias. O sacerdote mexicano defende os Estados Unidos ao dizer que seus interesses não eram os mesmos da Europa, mas sim eram idênticos aos dos seus irmãos do continente americano.

Ainda que a Santa Aliança não tenha subjugado os rebeldes à força, ela esperava dominá-los com manejos políticos. Preso em San Juan Ulúa, Mier revela que teve contato com a obra do clérigo Dominique Dufour Pradt (1759 - 1837), ex-arcebispo de Malinas e ex-conselheiro de Napoleão, intitulada *De la Révolution actuelle de l'Espagne et de ses suites*, de 1820. O francês se dizia a favor da independência, porém na opinião de frei Servando, Pradt se teria contradito ao propor o reconhecimento da autonomia com o envio de reis de dinastias européias. Dessa maneira os países da Europa continuariam mantendo sob sua influência as novas nações, devido às relações das linhagens reais. A soberania da administração não impediria a retenção do comércio pela antiga metrópole.

Se as propostas do clérigo francês, num primeiro momento, foram desprezadas pelos aliados europeus, com a mudança do teatro político suas idéias começaram a ser consideradas. Como exemplo dessa transformação política, o Congresso de Buenos Aires foi informado da intriga proposta pela França de enviar como rei da região do Prata o filho de Carlota Joaquina, Dom Pedro I, sobrinho de Fernando e monarca do principado de Luca. O Congresso argentino passou a criticar a família real portuguesa atribuindo-lhe caráter imperialista sobre as terras fronteiriças. Os parlamentares teriam considerado tal fato alta traição e exigiram retratação diplomática do gabinete

reinos de Texcoco, Cholula e Michoacán (HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. Estudo preliminar, revisão do texto, notas e anexos de Juan A. Ortega y Medina. México: Editorial Porrúa, 1966. p.05).

das Tulherias. Na opinião do dominicano, as leis da Santa Aliança já não poderiam gerar temor tendo em vista os triunfos de Bolívar e San Martín na América do Sul.

Conforme a visão de Mier, era evidente a grande liberdade da América e tudo indicava o estabelecimento de três repúblicas poderosas, ou uma grande república com três grandes federações. A primeira seria composta pelo México, desde o istmo do Panamá até Califórnia, Texas e Novo México; a segunda seria da Venezuela e Nova Granada em toda a extensão do antigo vice-reinado; e a terceira seria a de Buenos Aires, Chile e Peru. Todas as três federações enlaçadas e unidas na maior intimidade possível e com rápida comunicação que proporcionavam os barcos a vapor, representariam uma massa livre e enorme, capaz de oprimir o orgulho da Europa. Essa tese seria plausível de adoção em virtude da uniformidade da origem, da língua, religião e costumes, idéia que frei Servando relembra já ter abordado na SCUAE.

Mier crê que esse grandioso plano, que garantiria para sempre a liberdade independente da América inteira, era também desejado por toda a América do Sul. Isso, porém, explicaria o fato de as ações espanholas convergirem para assegurar a conservação do México. Essa preocupação do mexicano se torna objeto de análise mais detida na MPI. Frei Servando critica Pradt no que se refere às exortações feitas por este à Espanha para que imitasse a Inglaterra no governo de suas colônias. O dominicano, diferentemente do que se viu na HRNE, posiciona-se como árduo crítico da monarquia inglesa, denunciando o despotismo que exercem os ingleses em regiões sob seu domínio, pois era esse o governo que havia nos Estados Unidos, que não puderam suportar tanta tirania.

O frei indaga se os deputados americanos, que defenderam as idéias de Pradt perante as Cortes espanholas, isto é, que teriam pedido a vinda de um infante para governar o México, não teriam lido o capítulo quatorze de sua HRNE, no qual revelava a Constituição estabelecida entre conquistadores e reis antes da invasão do despotismo. Como era de se esperar, o pensador mexicano retoma a seqüência lógica da tese em que explica o verdadeiro caráter das nações americanas e os direitos a elas devidos.

Frei Servando propõe-se a analisar o plano proposto pelo coronel Iturbide que seria o de ressuscitar o antigo império mexicano. Esse projeto seria muito mais atraente aos interesses particulares e, por isso, requeria maior cuidado, uma vez que parecia estar demasiadamente combinado com a rapidez dos sucessos da independência, a proposta dos deputados mexicanos nas Cortes, o espírito da Santa Aliança e as idéias da Inglaterra. Durante seu refúgio nos Estados Unidos, Mier conheceu a total desaprovação do *Plan de Iguala* por esse país, segundo ele, os estadunidenses entendiam o projeto como cúmulo de imbecilidade ou desenlace digno dos anos miseráveis vividos pela América espanhola. Mier, com intuito de defender a honra do México, tentou argüir perante os norte-americanos que o plano não passava de um estratagema para obter a

independência absoluta, pois somente assim poder-se-iam reunir todas as dissidências e partidos e evitar as conseqüências de uma guerra sanguinolenta.

Suas críticas ao regime monárquico se fazem notar quando expressa que:

“Los reyes son verdaderamente unos ídolos manufacturados por el orgullo y la adulación que en sus palacios adornados como templos solo se dejan ver entre genuflexiones e inciensos: tienen ojos y no ven su reino ni las necesidades de los pueblos; tienen oídos y no oyen sino lisonjas y mentiras”²⁰⁷.

Frei Servando critica o excesso de despesas e luxos de que desfrutavam os reis, consumindo assim os imensos recursos da Espanha e da América e os critica por pouco saberem do que se passava no reino. Esse, na verdade, era comandado pelos *covachuelos*²⁰⁸, homens entregues à venalidade e corrupção, mas que seriam os efetivos reis da nação. O dominicano se insurge contra reis e imperadores e declara que o Congresso de Chilpantzinco havia declarado a independência mexicana desde 06 de novembro de 1813, tendo por base uma Constituição republicana:

“Se admiraron los romanos de que hubiese un pueblo que pidiera rey, cuando en toda la antigüedad es sinónimo de tirano. Y por eso aun cuando los generales de Roma misma se convirtieron en tiranos, no osaron llamarse reyes, sino que ocultaron su tiranía bajo el nombre de emperadores [...] ¡Y no pasará en oír todavía en el siglo XIX la demanda de emperador o rey! [...] ¡Americanos! Mirad los grillos de hierro con que Colón fue enviado a España y él mandó colgar sobre su sepulcro para monumento eterno de la ingratitud de los monarcas. Ese será vuestro premio si admitís una testa coronada”²⁰⁹.

Para Mier, a república era o único meio de que todos prosperassem em paz e com a rapidez dos Estados Unidos. O dominicano se arma do discurso bíblico para explicar que, nas Escrituras, Deus havia concedido ao povo escolhido um governo republicano. Todavia, a massa insensata e deslumbrada pelo exemplo das nações idólatras pediu um rei a Deus. Ele lhes teria concedido um monarca, porém em sinal de cólera e castigo, advertindo que o rei reclamaria seus direitos. O que se viu desde então foi o surgimento de um quadro horroroso de despotismo e tiranias, que até hoje se entendem como regalias.

Frei Servando inicia um longo ataque à monarquia inglesa, ressaltando as mazelas geradas pelo regime monárquico. Ainda que a Inglaterra fosse a única que mantivesse um rei sob a sombra da liberdade, em nenhuma parte ver-se-ia mais miséria de um povo ao lado da mais insultante opulência. Mier faz questão de ressaltar que a liberdade que se permitia na Inglaterra era reduzida.

²⁰⁷ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.207.

²⁰⁸ VER nota n.º 4, capítulo 02, p. 78.

²⁰⁹ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.208.

Estando em Londres, seu amigo Hypólito José da Costa, expressou suas opiniões sobre o governo inglês no Brasil e por isso foi chamado ao ministério, onde foi recriminado como ingrato diante do asilo que recebia na Inglaterra. Por isso, ao escrever sua HRNE, ele mesmo teria sentido a necessidade de anglicanizar suas idéias para não ser reprimido.

O frei estende uma lista de últimos acontecimentos ligados aos monarcas europeus e disserta sobre incontável número de escândalos e conspirações das monarquias das nações da Santa Aliança, para demonstrar o caráter imperfeito e corrupto do sistema monárquico. Mier cita o caso do Brasil, onde acredita que a volta de Dom João VI para Portugal, não apenas para assegurar o trono português como para apoiar a Santa Aliança, daria por resultado a independência do Brasil e, assim, se completaria o sistema republicano na América inteira.

Conforme o pensar do dominicano, os textos das Escrituras que se alegam em favor dos reis estão muito mal entendidos. Mier revela que até mesmo o papa Pio VII teria encorajado o povo de Ímola a abraçar República e sua pastoral teria provado que, longe de ser o governo republicano contrário ao Evangelho, seria o mais conforme, pois a base de ambos seria a virtude, a fraternidade, a união e a igualdade. Frei Servando afirma que se o título de legitimidade dos reis fosse o de antiguidade de suas dinastias, conforme o princípio laureado pelo Congresso de Viena, existiria na Nova Espanha ao menos trinta famílias do imperador Hueitlatoani. Ao que alerta que ele mesmo descende do último rei, Cuauhtémoc, e esta seria a verdadeira causa da perseguição espanhola há vinte e seis anos atrás e não apenas o SG, pois não havia negado a tradição como se alegou à época.

Frei Servando não entende sob que princípios abrigar-se-ia a necessidade de um monarca para governar o México, pois seria necessária apenas a reunião de sábios escolhidos pelo povo, cuja confiança fizeram por merecer e cujas necessidades gerais e locais conhecem exatamente, sendo os únicos aptos a instruir a verdade. A verdadeira e completa liberdade se goza apenas com a república, isso explicaria a rapidez com que prosperam as nações que assumem esse regime. Os que estão acostumados com o silêncio reinante nas monarquias se escandalizam com a inquietude e divisões republicanas. Não compreendem os sintomas da liberdade nascente em luta contra a escravidão e Mier declara que: “Los que prefieran comer ajos y cebollas en la servidumbre de Egipto a los trabajos necesarios para atravesar el desierto, no son dignos de llegar a la tierra de promisión. Yo digo que aquel político insigne Tácito: Más quiero la libertad peligrosa que la servidumbre tranquila.”²¹⁰

O sacerdote mexicano conclui que o México seria por natureza o país das repúblicas em razão do caráter de seus habitantes ser dócil, leve, vivo, doce e benigno como o clima. A demanda do povo eleito, subentendido como o México, em prol de um rei, viria aliada a uma tempestade de raios, relâmpagos e trovões. Então, o sacerdote conclama:

²¹⁰ *Ibidem*, p. 217.

“Y yo levanto a Dios mis ojos bañados en lágrimas, rogándole no continúe a castigar sobre nosotros el reato inmenso de los conquistadores nuestros padres, sino que acordándose de su infinita misericordia, se dé por satisfecha la cólera de su justicia con trescientos años de esclavitud bajo los reyes de España y once años de guerra a muerte a su nombre y por sus órdenes, y no permitía verificar el plan propuesto para darnos un monarca, mucho menos europeo”²¹¹.

A verve servandina apela para seu próprio exemplo de vida, como um velho sábio, *hombre de la pluma*, a fim de evitar erros da nação:

“¡Carísimos compatriotas! Yo estoy por mi edad con un pie en el sepulcro, y nada tengo que esperar de este mundo. No tengo hijos, vosotros sois mi familia. No puedo tener otra ambición ni envidia que la de dejaros felices. Escuchad los últimos acentos de un anciano víctima de su patriotismo, que ha corrido el mundo y presenciado las revoluciones europeas, que conoce casi todos sus reyes y ministros, ha observado los gabinetes y estudiado los intereses de la Europa”²¹².

Mier compara o México ao jardim do Éden, pois aquele que saísse da América, se sentiria como Adão expulso do paraíso. As terras americanas irradiariam o encanto da liberdade e seria o lugar para onde os filhos de Eva fugiriam ao abandonar a Europa que os escravizou. Para tanto, era preciso desconfiar da Inglaterra, já que os ministros ingleses teriam o saber prático de Maquiavel como bíblia. Ela seria a maior antagonista das repúblicas, não cessando de atizar a desunião e a divisão em partidos, ao mesmo tempo em que desfrutava do comércio livre das Américas, sacrificando a tudo e a todos.

O sacerdote conclama o povo mexicano a despertar da apatia antes que a Espanha os reduzisse a um punhado de terra impotente, e manifesta:

“Ya es tiempo de que hagamos nuestra entrada solemne en el universo, de que México obtenga el lugar distinguido que corresponde al país más opulento del mundo, de que obremos como hombres sin necesidad de tutores y echemos mucho enhoramala a los españoles intrusos y obstinados en disponer de lo ajeno. La América es nuestra, porque nuestros padres la ganaron si para ello hubo un derecho; porque era de nuestras madres, y porque hemos nacido en ella. Este es el derecho natural de los pueblos en sus respectivas regiones. Dios nos ha separado con un mar inmenso de la Europa, y nuestros intereses son diversos. España jamás tuvo acá ningún derecho”²¹³.

Nesse sentido, o dominicano cobra de Iturbide a obrigação de manter o juramento de fidelidade ao México, devendo abjurar da idéia de dar aos mexicanos um imperador. Somente dessa maneira apagar-se-iam da memória os males imensos que o coronel fizera contra os compatriotas no

²¹¹ *Ibidem*, p. 220.

²¹² *Idem*.

²¹³ *Ibidem*, p. 231.

período das guerras insurgentes. Mier brada por uma independência absoluta e por uma república, posicionamento que, se assumido por Iturbide, o faria ter assento no templo da glória, ao lado de Washington, Bolívar e San Martín.

Frei Servando finaliza sua MPI com a tradução de grandes trechos de *The Common Sense* de Thomas Paine. Em sua obra, e conforme o mexicano mesmo diz, Mier adapta os textos do autor norte-americano à realidade da Hispano-América, invocando o direito de resistência e a organização em um congresso, e realçando o fato de que o México, tão grandioso, não poderia se render a uma península frágil e dividida como a Espanha. Mier conclui sua MPI com vivas à república Anahuacense, à independência e à liberdade. Nessa edição, o dominicano adiciona um suplemento sobre os últimos acontecimentos depois de impresso seu escrito, corrigindo informações dadas e expressando sua exaltação patriótica ao proclamar novos vivas a Bolívar, San Martín e Iturbide.

2.1 Mier em defesa da república mexicana

Compreendendo a MPI como documento imprescindível para a análise do ideário de frei Servando, é preciso considerar o debate da historiografia contemporânea sobre a existência ou não de uma radical transição no pensamento do dominicano de defensor da monarquia inglesa a ativo republicano, inspirado pela estada em terras norte-americanas. Partidário da idéia de modificação incontestada no ideário do frei, O’Gorman acredita que Mier manifestava nessa obra um otimismo exacerbado de que a república fosse panacéia contra todos os males e garantia de um futuro próspero. Frei Servando parecia ter esquecido a advertência feita na HRNE quanto ao vácuo cultural entre Estados Unidos e México e se lançava em defesa da adoção de um sistema bastante alheio aos hispano-americanos²¹⁴.

Do ponto de vista de Brading, o dominicano jamais teria mencionado claramente a adoção de uma monarquia em seus escritos anteriores, mas sim que era tendente à formação de um governo unitário forte²¹⁵. Em realidade, Frei Servando insiste no estabelecimento de um órgão político representativo e centralizado para se evitar males gerados pela disputa de poder e se alcançar o reconhecimento da independência. É preciso, contudo, reconhecer uma manifesta indisposição de Mier no que se referia a adoção das monarquias constitucionais por governantes de origem espanhola, que na opinião de Rafael Diego Fernandez, representava uma combinação realmente intolerável para sua sensibilidade política²¹⁶.

²¹⁴ O’GORMAN, Edmundo. “Estudo Preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.p.193.

²¹⁵ BRADING, David. *Orbe indiano – de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.642.

²¹⁶ DIEGO FERNANDEZ, Rafael. Artigo: *Influencias y evolución del pensamiento político de Fray Servando Teresa de Mier*. Historia Mexicana. 1998, n. 01 (189), v. XLVIII. p.23.

Para Frei Servando não haveria imbecilidade maior do que se proclamar o mesmo regime que havia oprimido a Nova Espanha ao longo de trezentos anos. Mier se estabelece como guia moral. Num momento em que já não funcionava o antigo modelo político adotado não apenas nas ex-colônias hispano-americanas como em parte da Europa, não era tarefa fácil escolher um novo regime diante de tantas teorias que emergiam no cenário em questão. No entender de Fernandez, por não poder mais sustentar a idéia de Constituição histórica mexicana herdada da obra política de Las Casas, Mier encontra a saída para suas proposições na escola teórica tradicional-liberal utilizando-se dos matizes necessários para “novo-hispanizar” a tese²¹⁷.

O modelo político inglês era meta quase inacessível, embora almejado por suas liberdades, equilíbrio de poderes e estabilidade, mas cuja forte presença de absolutismo se apresentava aos revolucionários como elemento indesejável, que se precisava ultrapassar. Se a Revolução Francesa era a única que poderia oferecer um modelo real de Estado moderno, sendo suas instituições e ideologia seguidas de perto, os excessos das revoltas populares, permeadas de violência e tumulto, não eram elementos que encorajavam a aceitação aberta como modelo. Portanto, o único molde tolerável era o proposto pelos Estados Unidos, tendo em vista a prosperidade vivida por eles.

Seria uma compreensão demasiado simplista entender a adoção da idéia republicanista em Mier como conversão operada na Filadélfia. É preciso admitir, contudo, que os anos nefastos vividos sob a perseguição das autoridades reais e o encontro com doutrinas e pensadores liberais, guiados pelas ondas reformistas trazidas com o surgimento de novos *corpi* de idéias, provocariam na mente servandina adaptações e correções de tais modelos no que concernia à realidade mexicana. Embora seja evidente que, ao longo das leituras da HRNE, Mier se mostre encantado com as instituições políticas de tipo inglês, a disputa de grupos pelo poder da nação e o conhecimento que possuía da natureza política de sua terra natal surgiam como sinais de alerta para que se evitasse o aparecimento do regime monárquico. O *Plan de Iguala* representou um divisor de águas no pensamento do sacerdote que se decidiu abertamente em favor da República, pois o desejo de autonomia completa da política espanhola contribuíram em larga escala para sua postura oposicionista no império de Iturbide. Talvez o frei não tenha percebido a possibilidade de, no sistema republicano, suas preocupações poderem ressurgir disfarçadas sob novas formas.

Como recurso da oratória, o dominicano se utiliza do estilo panfletário para estabelecer que as instituições de caráter monárquico eram a origem de todo mal vivenciado pelas nações hispano-americanas, responsáveis por gerar a corrupção, os vícios e as mazelas nas sociedades que conduziam. Contudo, ainda que cite os escândalos eclodidos nos países europeus que adotaram a monarquia, pode-se perceber que frei Servando faz questão de pôr em relevo sua própria origem dinástica, sua nobreza secular manifestada em seu caráter altivo e por suas ações que denotavam

²¹⁷ *Ibidem*, p. 24.

honra e bravura. Paradoxos de um pensador que, ao ressaltar aquilo que entendia por valores americanos, indiretamente defendia os inimigos que buscava desbancar.

A preocupação centrada no poder de atuação da monarquia inglesa sobre a criação dos estados nacionais americanos revela o entendimento de frei Servando quanto a certos aspectos da política brasileira. Como se viu no segundo capítulo, sua convivência com Hypólito José da Costa alertou-o para a preocupação com a casa dos Bragança, que entendia ser mero títere nas mãos dos astutos políticos ingleses, que se utilizavam do império brasileiro para tomar as terras da região do Prata, almejando o controle da região em nome da Santa Aliança.

O dominicano retoma a idéia de união americana, já expressa na SCUAE, e põe em destaque suas esperanças do surgimento das três grandes repúblicas ou de uma única república com três grandes federações no continente americano. É importante perceber que mesmo vivendo um período de maiores angústias intelectuais sobre o futuro de seu país diante dos ajustes políticos por este vividos, frei Servando permanecia atento ao universo político da América e pensava em termos continentais, expressando, sempre que era possível, o sonho de uma Hispano-América una e forte, impondo-se como potência no cenário político de então.

Para tanto, o sacerdote é teatral, apela para a emoção dos compatriotas mexicanos e expressa-se por meio da escrita como se estivesse diante de uma atenta e vasta platéia, sempre pronta para ouvir o que tinha a dizer a Voz de Prata. Sua defesa do plano de Iturbide, diante da suposta crítica dos norte-americanos, não é bastante convincente. Ainda que dê vivas a Iturbide ao final de sua memória, é perceptível sua acerba reprimenda aos projetos lançados pelo ex-coronel realista, exigindo do mesmo que seu governo surja como período de redenção em razão das perseguições feitas aos insurgentes. A insistência de Mier em que Iturbide redima-se de seus antigos crimes justifica-se na mente do dominicano por se tratar de um período histórico singular da grandeza mexicana a qual o novo governante deveria ser digno para poder figurar na sagrada constelação dos libertadores da América.

Um elemento que atrai a atenção de qualquer leitor da MPI é o fato de que não apenas a prosa de Thomas Paine é apropriada com liberdade por Mier, como também a Bíblia surge como substância apta a adaptar-se a qualquer recipiente intelectual proposto pela inventiva mente servandina. Dessa vez, ao invés de justificarem a origem divina dos reis, os textos bíblicos evidenciam que a escolha de um monarca surgia não como dádiva, mas sim como castigo divino. Frei Servando ousa contrapor-se a preceitos milenares, presentes no direito canônico e nas doutrinas barrocas que sustentaram as monarquias católicas ao longo de eras, para manifestar um entendimento particular que pudesse justificar aquilo que considerava a verdadeira razão do poder monárquico.

Cabe ressaltar que, como religioso e pedagogo do processo de independência, o dominicano talvez agisse no intuito de atemorizar os fervorosos compatriotas e, com isso, convencer com as armas da fé a que seguissem o que ele entendia por caminho dos verdes pastos e das águas tranqüilas em matéria de política. A república seria a forma de governo desejada por Deus e de acordo com a natureza da América. República por direito divino e direito natural – por isso o México vivia o tão esperado momento de se afirmar como país mais opulento do mundo e dono de glórias sem medidas.

Nesse sentido, Mier se caracteriza por ser um escritor típico do século das luzes, ao colocar a razão no centro do exercício literário. A razão ordena seu caos criativo, núcleo regente dos futuros projetos da nação, estrutura sob a qual se verifica a nova organização política que tem como órgão principal a Constituição. Frei Servando fica preso ao campo da palavra, da grafia. Isso é o fator que justifica a forte subversão de seu discurso o converter em um catalizador das novas perspectivas políticas, articulando as noções clássicas do direito romano, das Escrituras, o direito espanhol e o modo discursivo da modernidade ilustrada, que surge como centro da razão ordenadora, núcleo que iria reger os futuros projetos da nação.

3. Frei Servando Teresa de Mier no primeiro e segundo Congressos Constituintes Mexicanos (1822-1824)

As intervenções de Frei Servando Teresa de Mier no primeiro e segundo Congressos constituintes mexicanos após referidas estão igualmente relatadas na obra de O’Gorman, *Ideário político de Frei Servando Teresa de Mier*. Esse historiador expõe com acurado detalhamento todas as manifestações e pronunciamentos de Mier ao longo de seus anos como deputado pela província de Novo Leão. O’Gorman se utiliza do trabalho de compilação dos documentos dos primeiros parlamentares mexicanos realizado por Juan A. Mateos em sua *Historia parlamentaria de los Congresos mexicanos*²¹⁸, publicada no México entre 1877 e 1878.

Acerca dos importantes debates dos meses de maio e abril de 1824, nos quais se discutiu o Projeto de Constituição, O’Gorman esclarece que recorreu ao Diário das sessões do Congresso Constituinte da Federação mexicana²¹⁹. Os documentos Exposição de motivos, o Plano de Constituição e o *Voto particular del padre Mier*, todos relativos a maio de 1823, foram transcritos da publicação oficial desses documentos impressos naquele ano. O discurso em favor do México como cidade federal foi extraído da obra de Pedro de Alba e Nicolás Rangel, *Primeiro Centenário*

²¹⁸ Ver MATEOS, Juan A. *Historia parlamentaria de los congresos mexicanos*. México: Imprensa de J. F. Jens, 1877 e 1878, v. I e II.

²¹⁹ Esses diários das sessões do Congresso Constituinte foram publicados pela Imprensa do Supremo Governo, em 1824.

*de la Constitución de 1824*²²⁰, livro de caráter comemorativo publicado pela Câmara dos Senadores dos Estados Unidos Mexicanos, em 1924.

Tais extratos das sessões constituintes do Congresso mexicano revelam a lucidez e o alto grau de informação que possuía frei Servando Teresa de Mier. Esses debates primevos do recém-criado Congresso do México tinham por objetivo constituir politicamente a nação mexicana e lograr a construção de mecanismos aptos a promover o bom andamento da administração da máquina pública, como instrumento responsável por trazer equilíbrio e estabilidade ao estado nacional em formação.

O primeiro Congresso Constituinte mexicano estabelece-se desde janeiro de 1822 e estende-se até 31 de outubro do mesmo ano, quando Iturbide, diante da forte oposição do parlamento a seu governo, destituiu os deputados e proibiu as sessões constituintes. Restauradas as sessões legislativas em março de 1823, após a queda do império iturbidista, o segundo Congresso Constituinte estender-se-ia entre o período de dois anos, tendo Mier participado ativamente das sessões realizadas até dezembro de 1824, quando se aposenta da vida política.

3.1 Discurso de posse de Frei Servando Teresa de Mier como deputado no Congresso mexicano de 1822²²¹

Em janeiro de 1822, a província de Novo Leão elege deputado ao Congresso Constituinte mexicano frei Servando Teresa de Mier. É somente na sessão de 15 de julho de 1822, todavia, que frei Mier assume como deputado por Novo Leão, com poderes aprovados por antecipação, tomando assento no parlamento. Após prestar o juramento habitual, o dominicano profere o discurso inaugural de seu mandato, em que agradece sua restituição ao seio da pátria, após anos de perseguição, e aos paisanos pela atenção e aplausos com que o receberam no seu regresso. Nesse seu primeiro discurso, frei Mier tece longo comentário acerca de seu patriotismo e esperança, bem como de seus esforços para lograr o bem nacional. Deixa claro o posicionamento de que almejava uma república, não um império, mas não se oporia caso Iturbide conservasse o governo representativo e regesse com moderação. Caso contrário, ele seria um inimigo irreconciliável, capaz de morrer, mas não obedecer.

O dominicano clama em nome da liberdade e acredita que se essa não for cumprida a guerra de independência não estaria concluída, e diz:

²²⁰ Ver ALBRA, Pedro e RANGEL, Nicolás. *Primeiro Centenário de la Constitución de 1824*. Câmara dos Senadores dos Estados Unidos Mexicanos. México: Talleres Gráficos Soria, 1924.

²²¹ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

“Una onza de oro es una cosa muy preciosa, pero si el que me la da me prohíbe el uso de ella en las cosas necesarias, lejos de ser un regalo, es un insulto. Nosotros no hemos estado once años tiñendo con nuestra sangre los campos de Anáhuac para conseguir una independencia inútil: la libertad es la que queremos: y si no se nos cumple, la guerra aún no está concluida. Todos los héroes no han muerto y no faltarán defensores de la patria”²²².

Logo em seguida, seu discurso toma um rumo diferente dos interesses coletivos da nação, para abertamente pedir a restituição dos seus escritos perdidos, papéis, mapas e insígnias doutorais e pontificias que lhe foram tirados após longos anos de perseguição e prisões. Para tanto, de forma laudatória acerca de sua vida, frei Servando parte em defesa do Sermão Guadalupano e relata sua saga de desventuras, os anos de tratamento injusto e o encarniçamento sofrido, acusações sem direito a defesa, as fugas e maus tratos perpetrados pelas autoridades que o puniam. O dominicano compreendia que uma sentença dada contra ele, era uma sentença dada contra a América: “El patriotismo en mí no es una cosa nueva y todo el ruido que motivó la sentencia que dio el arzobispo no era más que antiamericanismo en su delirio y rabia”²²³.

Mier se utiliza das peças judiciais usadas pelos perseguidores, que levou e mostrou na tribuna, como motivo de elogio de sua personalidade. Malgrado os documentos oficiais do Tribunal do Santo Ofício o que o descreviam como homem de caráter altivo, soberbo e presunçoso, possuidor de conhecimento vasto da má literatura, gênio duro, vivaz e audaz, de talento incomum e com obstinação em defender suas idéias, frei Servando ainda conservava um espírito tranqüilo e inflexível superior às suas desgraças, cuja forte paixão pela independência revolucionária não afastava de seus escritos. O dominicano se autodescreve de forma laudatória, com eloquência e arroubo, servindo-se da voz da Inquisição.

Em conclusão, Mier declara que não foi preso em razão da religião e nem foi crítico dela, ao contrário, saiu em sua defesa ao converter judeus em Baiona. A HRNE teria sido o motivo para que Henri de Grégoire, com apoio de Humboldt, propusessem-lhe a distinção de ser membro do Instituto Nacional da França, suprema honra literária na Europa. Além disso, possuiria ainda a licença do Sumo Pontífice e por isso teria a liberdade para ler qualquer tipo de livro, sem exceção. Seu primeiro discurso finda com a reiteração do pedido de devolução dos livros e insígnias doutorais, de seus bens e malas roubadas na invasão de Soto la Marina e de todos os escritos, papéis e documentos que ficaram retidos nos cárceres da Inquisição quando esteve preso nos últimos anos antes da independência mexicana.

²²² Frase que Mier teria teatralmente adicionado o gesto de dar-se um golpe no peito. TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.238.

²²³ *Ibidem*, p. 240.

Por se encontrar finalmente em solo mexicano, após tantas desventuras e anos de padecimento em terras estrangeiras, frei Servando aproveitou o conforto da tribuna para contar sua história de vida, louvar seus feitos e, com isso, fazer valer o reconhecimento entre os compatriotas como herói da nação, homem das letras e pensador que sacrificou a tranquilidade dos que se omitem ao desassossego daqueles que lutavam pela causa insurgente. Mier foi o maior divulgador de sua própria glória e de suas incontáveis fugas, contribuindo para a criação do mito de insurgente intrépido e aventureiro, sendo lembrado na posteridade não apenas por seu legado intelectual, mas, sobretudo pelo gosto deixado por suas façanhas nas memórias de seus contemporâneos.

Frei Servando, ao ser eleito como deputado, surge na tribuna como porta-voz autorizado cujos limites coincidiam com a delegação da instituição. Nesse sentido, sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. Seu discurso era pronunciado naquele instante numa situação legítima, diante de receptores autorizados, numa condição social de produção e reprodução diversa daquela em que antes ele era considerado insurgente e por isso perseguido. A geração revolucionária a que Mier pertence quebrou o discurso de autoridade presente e implantou um novo a ser reconhecido por uma nova sociedade legítima que se impôs. Essa crise na linguagem acompanhou o dismantelamento de um universo de representações e de todo um mundo de relações sociais do qual o frei era um dos elementos constitutivos.

3.2 Principais temas em debate no Congresso de 1822 e manifestações de Mier

Na leitura dos anais das sessões parlamentares do ano de 1822, pode-se perceber, pelas manifestações de frei Servando, os principais temas que ocuparam o primeiro Congresso constituinte. As demandas que surgem em relevo, por meio do posicionamento do dominicano, giravam em torno da moderação dos gastos públicos, a criação de cargos, indultos relativos aos insurgentes, questões de fronteiras e o caso da separação do Texas, medidas para garantir a segurança do Estado, bem como a criação de datas comemorativas e a criação de museus para perpetuar a memória e resguardar os bens culturais da nação que surgia.

Causa interesse a preocupação servandina no que tange à definição do vestuário a ser utilizado pelos deputados e também sobre que forma de tratamento seria dado aos empregados públicos. O dominicano defende a idéia de que não fosse permitido o uso de capas pelos deputados nas sessões e muito menos de botas, devendo-se expor a etiqueta que seguiam as nações estrangeiras. Uma outra inquietação manifestada pelo sacerdote, que talvez argüísse em causa própria, remete-se aos salários pagos aos deputados, pois era certa a grande necessidade de que muitos padeciam, chegando-se ao nível de depauperamento indecoroso.

Acerca da formatação do regimento interno do Congresso, pode-se vislumbrar o posicionamento de frei Servando, que, embora considere o regime inglês muito eficiente, entende ser impossível adaptá-lo à realidade mexicana. Era necessário que existissem partidos que apoiassem e outros que de algum modo se opusessem ao governo, pois só assim se comprovaria a existência da liberdade, como ocorria no sistema britânico. Esse temperamento contrabalanceado, contudo, não existia no México. Para Mier, a escolha mexicana aproximava-se mais da vertente francesa onde só existiriam os extremos: ora eram os cidadãos mexicanos extremamente servis, ora liberais muito exaltados.

Uma das proposições de frei Servando no Congresso foi a de que se substituísse o dia festivo de São Hipólito, em razão de o santo ser considerado o padroeiro da conquista da América, e que se proclamassem patronos São Domingos, São Francisco, Santo Agostinho, por serem patriarcas do continente americano, e São Tomé, por ser o apóstolo da América, conforme os estudos já realizados por ele. Observando os posicionamentos servandinos na arena religiosa, constatou-se que dominicano exige providências quanto aos éditos da Inquisição. Segundo ele, era preciso não apenas cancelar os decretos que taxavam como heresia afirmar que a soberania nacional residiria no povo, como também extinguir os éditos sobre proibição de livros contrários ao governo espanhol.

As excomunhões dos insurgentes e heróis da pátria deveriam ser declaradas nulas, assim como a autoridade eclesiástica só devia estender-se às doutrinas saudáveis e recomendar sua aplicação. Era preciso assinalar apenas que princípios seriam declarados perniciosos e ímpios, proibindo-os com penas somente na esfera espiritual, única esfera de atuação à qual a Igreja estava completamente autorizada. Mier defende que a Igreja não poderia punir com penas temporais – como confisco das obras e dos bens dos autores – pois Jesus Cristo havia dito que seu reino não era deste mundo e por isso as autoridades eclesiásticas não possuíam nenhuma legitimidade no mundo material. Ainda que frei Servando possua posturas avançadas acerca do catolicismo, continuaria a favor da proibição de livros contrários à religião católica, com base no entendimento de que, na Europa, as pessoas que liam e seguiam as idéias propaladas por Voltaire e Rousseau eram dignas de desprezo.

Um dos principais temas em debate do Congresso constituinte de 1822 foi com relação à nomeação de membros do Judiciário pelo Poder Executivo. Mier segue o entendimento de que a soberania residia na nação mexicana e esta, por sua vez, havia delegado seus poderes plenos a um Congresso. Esse corpo parlamentar seria o soberano de fato e a nação de direito. Na visão do dominicano, a Europa passava por grandes dificuldades para conter os braços do Poder Executivo, que se estendiam sobre as outras áreas, desequilibrando a divisão de poderes e perpetuando práticas anti-democráticas. O medo de Mier é que esse mal pudesse vir a ser repetido no México. Na opinião

do mexicano, seria “entregar sardinha para gato com fome”. Porém, somente no período de formação do estado nacional mexicano é que o sacerdote concordaria com a nomeação do Judiciário por parte do Executivo, pois não se trataria de mandamento direto do Poder Executivo, mas sim, de uma emanção do supremo poder constituinte, do Congresso. Embora houvesse um imperador, faltava ainda definir suas atribuições e limitar seu poderio e, em razão disso, o Congresso reteria a supremacia do poder executivo.

Mier posiciona-se de forma contrária à preparação de manifestos para informar as nações estrangeiras e a nação mexicana sobre os motivos que justificariam a independência do México e os objetivos do Congresso. Se as nações estrangeiras estavam cômicas da justa independência e não ignoravam o meio com que foi alcançada, não era oportuno expor a nação mexicana a uma crítica desagradável. Para frei Servando, era preciso apenas esperar para que se consolidasse a idéia de um Estado mexicano no cenário internacional. Com respeito à compreensão da independência pelo povo mexicano, o modo de persuadi-lo e convencê-lo seria com obras, e não palavras, e assim aceitariam que o Congresso soberano pensava em seu bem estar.

Essas manifestações de frei Servando no Congresso de 1822 são aptas a revelar suas principais preocupações acerca do caráter que assumiria a nação mexicana. O fantasma da Revolução Francesa ainda pairava sobre a formação dos novos Estados, que temiam a radicalidade do movimento de massas e condenavam as obras rousseauanas como origem do mal das sociedades em construção. Ainda que muitos posicionamentos de Mier demonstrem conservadorismo político, pode-se perceber grande modernidade acerca dos temas religiosos, ao pregar a separação da Igreja dos assuntos de Estado e a revisão dos éditos da Inquisição, além de possuir perspicácia acurada sobre os males de um Poder Executivo com força superior ao próprio Congresso.

Embora se discutissem temas essenciais para o funcionamento da maquinaria estatal, pode-se perceber que muitas das inquietações de frei Servando e do parlamento versavam sobre matérias de caráter acessório, entre outros temas relacionados à manutenção e postura dos deputados e do corpo parlamentar, o que denota certa imaturidade diante do fazer político, característica dos primeiros anos de independência. Por mais que a nação exigisse decisões políticas substanciais para garantir a estabilidade de sua estrutura independente, a novidade do trabalho democrático e das instituições liberais talvez ofuscasse os olhos daqueles que buscavam a porta de saída que levava ao progresso.

Em 26 de agosto de 1822, como se viu, Iturbide mandou prender frei Servando e outros deputados, bem como muitos oficiais do exército, sob a acusação de traição ao império por pregarem o estabelecimento da república. Além disso, o Congresso foi dissolvido por causa das constantes críticas ao governo levantadas no parlamento. Antes de entregar o poder aos

conspiradores, Iturbide reconvoca as sessões parlamentares e, em 29 de março de 1823, Mier ressurgiria no Congresso como deputado por Novo Leão.

3.3 Principais manifestações de Mier no Congresso de 1823

Como primeira tarefa a ser realizada pelo parlamento na sessão de 30 de março de 1823, após a restauração do Congresso, tem-se a criação de um corpo colegiado a que se confiasse provisoriamente o Poder Executivo. Mier interveio no debate sobre a nomenclatura que designaria esse corpo, acreditando que definições eram pouco importantes diante da natureza das coisas e do Congresso, cujo poder continuaria sendo supremo. A preocupação do dominicano concentrava-se nas questões de responsabilidade dos membros desse corpo: quem faria parte do Poder Executivo e a necessidade de se escolher os membros desse poder dentre os do Congresso.

Talvez advogando novamente em causa própria, como o fez em várias sessões parlamentares anteriores, frei Servando justificava sua opinião com o fato de que os Estados Unidos escolhiam seu presidente entre os deputados do corpo parlamentar e pede que no Executivo tomem assento as pessoas mais importantes, que merecessem apreço por sua conduta pública e estima dos povos. Nesse sentido, o dominicano realça seu valor pessoal em defesa da pátria e defende sua nomeação como membro desse corpo colegiado:

“Si aquí hay hombres que tengan la opinión del pueblo y las condiciones necesarias, conviene elegirlos, por más que sean diputados y no se nos obligue a tomar de fuera individuos que no conocemos. Yo, que falté de mi patria treinta años, no tengo en quién poner mis ojos, sino en los miembros de este Congreso, a quienes únicamente conozco: por otra parte, la persecución que hemos sufrido, es el termómetro más seguro de nuestro amor a la libertad, y de la firmeza de nuestro carácter”²²⁴.

Na sessão de 07 de abril de 1824, discutiu-se a respeito da sanção a ser aplicada a Iturbide. Mier declarou-se a favor da pena de morte por força, porque considerava o ex-imperador um usurpador e tirano, que traíra a confiança nele depositada pelo povo mexicano. Em razão disso, o dominicano se insurge contra qualquer tipo de pensão dispensada ao ex-coronel e regente. Frei Servando utiliza a tese de que a escolha de Iturbide ocorrera por meio da violência, o que constituiu causa de nulidade do império, dada a inexistência de um pacto social. Não haveria que se falar em pensão para um governante que conseguiu o poder por meio de artimanhas políticas, tendo por base que sua trajetória para a conquista do poder se deu por consequência de ser caudilho militar, por defender Fernando VII, e por depois mudar de posição, lançando-se como imperador. O sacerdote mexicano acusa o ex-imperador de haver enviado dinheiro para bancos no estrangeiro e saqueado o

²²⁴*Ibidem*, p. 252.

México no período em que governou a nação, com o superfaturamento na compra de bebidas, machados, archotes, enxadas. Exaltado, Mier irrompe com a seguinte afirmação:

“Iturbide atribuyéndose la independencia, ha sido un ladrón de la gloria ajena. ¿Qué batallas dio él? ¿O cuáles era capaz de ganar un guerrillero ignorante de la táctica militar? Jamás se batió en regla contra mil hombres. [...] Todas las proezas de Iturbide se reducen a albazos y sorpresas como las de los salvajes. Lo que él sabía perfectamente era robar, estrujar, saquear, monopolizar, quemar pueblos y fusilar sin confesión a cuantos americanos caían prisioneros en sus manos, si no tenían muchos miles con que rescatar sus vidas. [...] Si la religión cristiana no nos prohibiera creer la trasmigración de las almas, juraría que el alma de Calígula había pasado al cuerpo de don Agustín de Iturbide”²²⁵.

Entre algumas das outras proposições debatidas no plenário mexicano de 1823 por frei Servando, destacam-se a definição do brasão, da bandeira e do escudo nacional, para os quais o dominicano buscou origens no imaginário pré-colombiano como suporte a suas sugestões. Mier sugere ainda a prática de jurar por Deus e dar graças a Ele pela liberdade em todas as sessões constituintes e em outras manifestações no Congresso. O dominicano propõe o retorno à velha disciplina da Igreja, questionando o patronato régio, como defendera na HRNE, e a necessidade de se enviar um corpo diplomático a Roma com o objetivo de dar soluções mais rápidas aos negócios eclesiásticos no México. Mier pede no Congresso a nomeação imediata no chamamento de bispos que substituam os clérigos espanhóis que haviam fugido do país. Nas palavras do frei:

“Mis ideas son muy liberales en la materia, como que he sido del clero constitucional de Francia y padre de su segundo concilio nacional. Allá no teníamos que ver con Roma sino para enviar al Sumo Pontífice los obispos cartas de comunión como en la iglesia primitiva. Y sin bulas de Roma teníamos cincuenta obispos y dieciséis arzobispos”²²⁶.

Frei Servando é ainda a favor do fim de privilégios como *mayorazgos*²²⁷, fideicomissos, capelanias laicas e *cacicazgos*²²⁸, pois não se poderia dar continuidade à leis elaboradas nas Cortes, sendo pois, inquestionável a nulidade da aplicação da Constituição espanhola em terras americanas. O dominicano expressa nas sessões constituintes mexicanas seu raciocínio sobre a tese do caráter

²²⁵ *Ibidem*, p. 254.

²²⁶ *Ibidem*, p. 258.

²²⁷ *Mayorazgos* seriam as vinculações do patrimônio familiar em poder de apenas um dos filhos, titular da linhagem. Essa política se expandiu de modo alarmante no século XVIII, em particular nas províncias de Castela e Navarra. O objetivo da instituição era, naturalmente, proteger os titulares dos *mayorazgos*, conservando incólumes os bens patrimoniais e a propriedade imobiliária. Ver VICENS VIVES, J. *Historia de España y América Social y Económica. Los borbones el siglo XVIII en España y América*. v.IV. Barcelona: Editorial Vicens-Vives/ Libros Vicens-bolsillo, 1974. p.20.

²²⁸ *Cacicazgos* eram os direitos dos caciques, senhores indígenas e de seus familiares e descendentes, instituições que estiveram compreendidas nas leis e costumes que antigamente tinham os índios para seu bom governo e polícia. Sua forma de sucessão era a dos *mayorazgos*, gozando do privilégio da isenção de tributos, signo da inquestionável superioridade social na Hispano-América. *Ibidem*, p.338.

verdadeiro das províncias americanas, com base na carta magna da conquista, e a igualdade entre os reinos espanhóis e os americanos, e falta de representação nas Cortes de Cádiz, não havendo razão para que os mexicanos se submetessem à Constituição espanhola, que havia violado todos os direitos dos povos da América.

Na sessão de 28 de maio, foi lido pela primeira vez o Projeto de Constituição apresentado pela comissão especial e lido também o voto particular de frei Servando acerca da Carta Magna da nação. A comissão de elaboração desse plano da Constituição mexicana teve Mier como líder e principal fonte das idéias propostas, sendo as reuniões de discussão do projeto realizadas na casa do dominicano. O deputado Carlos María de Bustamante tomou a palavra e pediu que se imprimisse e que se fizesse circular o voto do dominicano, após suavizadas algumas expressões fortes de que até mesmo frei Servando convenceu-se a não expor. O plano da Constituição, a exposição de motivos e o voto particular de Mier são documentos da mais alta importância para a História das Idéias políticas no México, cabendo uma análise mais detida de ambos. Cabe advertir, porém, que o plano foi criticado e não chegou a ser discutido em plenário, pois os federalistas acusaram as proposições de tentativa de se implantar uma república central sob o nome de federação. Acerca deste fato Mier teria dito que:

“Ya no será posible discutir el Plán de Constitución porque se festinó como golpe de estado la expedición de la convocatoria, privando así el Congreso de la facultad de constituir a la nación. Ya el mal no tiene remedio. Todos hablan de la voluntad nacional con tal trono y acrimonia, que alarmaron al gobierno y éste Congreso, y en el acto, ya de sorpresa, ya de despecho, acordaron la convocatória abandonando la nación ingrata a su suerte”²²⁹

3.3.1 Bases do Plano de Constituição e da Exposição de motivos

Pelo Plano de Constituição, a nação mexicana declarava-se independente da espanhola e com plenos poderes para constituir o governo que assegurasse seu bem geral, com base na reafirmação dos direitos de igualdade, liberdade e propriedade, desde que as leis que os estabelecessem tenham sido acordadas em sessão no Congresso por meio dos representantes do país. Seriam deveres dos cidadãos: professar a religião católica apostólica romana como única do Estado, respeitar as autoridades legitimamente estabelecidas, não ofender aos semelhantes e cooperar com o bem geral da nação.

A voz das províncias mexicanas expressava o desejo de uma república federal, vendo-se nesse sistema um meio de assegurar a igualdade de todos, haja vista os progressos vividos pelos Estados Unidos. Mas o federalismo, em certos aspectos, poderia ser danoso, pois o povo, ao

²²⁹ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.331.

perceber que as criações políticas seriam obras relativas aos seus interesses, exaltar-se-ia e seria difícil coadunar diferentes vontades. Dessa forma, o sistema federativo que partisse um Estado em vários estados seria uma instituição perigosa, já que os homens se faziam fortes pela união.

Não se reconheceria outro poder que o da nação, cuja soberania seria única, inalienável e imprescindível, haja vista que o poder nas mãos de um só homem geraria despotismo e que toda acumulação excessiva seria perigosa. Desse modo, seria necessário o equilíbrio de forças para que os povos não fossem vítimas de uma nação arbitrária. A nação exerceria seus direitos por meio dos cidadãos que seriam responsáveis por eleger os indivíduos do corpo legislativo, do Senado, dos congressos provinciais e dos Ajuntamentos. Todavia, a eleição, ao menos por enquanto, não seria de forma direta.

No que se referia ao corpo legislativo, o processo eleitoral seria feito segundo a população respectiva de cada província, com vistas a se formar o Congresso Nacional. O corpo parlamentar seria uno, seguindo-se as comissões européias, como a Francesa e Espanhola, bem como a Peruana, no que concernia à unidade de câmara. Essa escolha se explica pelo fato de que o Congresso bicameral representaria a aristocracia e obstaculizaria a vontade geral ao dar origem a intrigas e combates. O corpo legislativo seria composto de deputados invioláveis por suas opiniões, com a competência de gerir e administrar a criação das leis, respeitando as regras estabelecidas pelo Estado Mexicano, bem como de preservar e assegurar a boa administração do Estado, estabelecendo regras para seu bom funcionamento.

Um Congresso uno em sua organização seria legislador dos povos, mas não as executaria. Disso resultaria a necessidade de um corpo executivo com a tarefa de fazer com que todas as leis fossem executadas em todos os pontos do país. Por isso, todo governador deveria ter faculdades precisas para governar, cabendo ao legislativo, no entanto, a competência de decidir os limites de seu poder. Dessa maneira, respeitar-se-iam os direitos da nação e não se daria tanta liberalidade de decisão ao executivo, devendo-se ouvir ao Senado no corpo legislativo. Os representantes do executivo seriam eleitos a cada quatro anos, em razão do fato de que a perpetuidade tenderia à formação de sistemas funestos, e, com isso, os presidentes da nação estariam sujeitos à responsabilidade e obrigados a ouvir a voz do Senado e dos congressos.

Os congressos provinciais seriam responsáveis pela criação do plano de governo das suas províncias respectivas, zelando pela sua administração e seus prefeitos seriam seus executores. Tudo aquilo que fosse necessário para o governo interior da província e não tocasse a esfera do político da nação como um todo, ou seja, em matérias da competência do Congresso Nacional, formariam a área precisa das atribuições dos prefeitos.

O ponto de maior necessidade do México era relativo à educação. Um governo que se fundasse nos direitos dos cidadãos deveria aperfeiçoar suas faculdades para que todos pudessem

conhecê-los. As normas deveriam ser estendidas para todas as classes e deveriam ser ensinados princípios de moral com base na Constituição. Além disso, em toda província deveria existir um instituto provincial como centro que daria impulso às ciências e às artes, assim como no país deveria haver um instituto nacional posto sobre a proteção de um Congresso nacional, órgão responsável por mobilizar a ilustração e o conhecimento. Por ser o conhecimento a origem de todo bem individual e social, para difundi-la todos os cidadãos, poderiam se formar estabelecimentos particulares de educação.

Com relação à administração da justiça, seriam juízes todos aqueles que tivessem as luzes necessárias para sê-lo, isto é, aqueles que tivessem virtudes e talentos precisos para conhecer a lei. A proposição de judicaturas e magistraturas far-se-ia em proposta a um Senado eleito pelo povo, onde os juízes e magistrados exerceriam funções de também zelar pelas infrações contra a Constituição. Porém, seria necessário posteriormente estabelecer leis que impusessem limites à jurisdição, delimitando seus deveres. O sistema jurídico deveria ter organização simples, em razão de que exerceria profunda influência nas ações dos cidadãos, nos seus direitos de propriedade e existência. Os indivíduos da nação mexicana seriam julgados por juízes a quem a lei tenha designado. Também seriam simplificados os códigos civil e criminal e, quando a nação estivesse em adiantada civilização, seriam estabelecidos jurados civis e criminais.

Para finalizar, o Senado seria composto de dois cidadãos de cada província, eleitos pelas juntas eleitorais e nomeados pelos congressos provinciais, pois uma de suas funções seria a de zelar pela conservação do sistema constitucional em todos os pontos do país. Entretanto, a principal finalidade do corpo senatorial seria a de conservar e analisar o fruto das deliberações do legislativo e das ações do executivo, estabelecendo-se como ponto de equilíbrio dos poderes do Estado, de conservação das suas instituições políticas e do sistema constitucional ao propor mecanismos necessários que assegurassem esse fim. O principal objetivo desse Plano de Constituição foi o de atingir os interesses da nação, sendo ela o único poder reconhecido e soberano de onde emanariam todas as autoridades.

3.3.2 *Voto Particular del Doctor Mier*²³⁰

Ainda que frei Servando tenha encabeçado a elaboração do Plano de Constituição política da nação mexicana, o dominicano proferiu voto diferente acerca de alguns pontos aceitos pelos elaboradores como parte do plano, como por exemplo, a novidade de o Senado não fazer parte do corpo legislativo. Contudo, acata a decisão por ser essa fruto da maioria, respeitando a prática democrática. Na opinião do sacerdote, os grandes males do México surgiriam em razão da desigualdade política entre as províncias e por isso acredita que o primeiro cuidado dos deputados

²³⁰ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

mexicanos seria o de procurar uma maneira eficaz para contrabalançar as diferenças e dar igual influência na formação das leis e do pacto social.

Outra divergência exposta por frei Servando seria sua preferência por uma convenção geral, composta por igual número de representantes de cada província, dividindo-se o número de representantes em duas câmaras. A primeira câmara seria composta de representantes nomeados pela base da população das províncias e a segunda câmara seria nomeada tendo-se em vista o número de províncias que existiam em todo o território. Dessa maneira, seria sufocada a preponderância das cidades mais populosas, em razão de que a segunda câmara teria o direito de revisar as leis da primeira. Além disso, cada província, por menor que fosse, nomearia tantos senadores como as grandes regiões. Isso impediria que os locais mais populosos pudessem sufocar as menores províncias e ditar a lei no Congresso.

Mier defende a existência da segunda câmara ao dizer que não seria resquício da aristocracia, mas sim um modo de aperfeiçoamento do governo democrático representativo. Não havendo que se falar em uma segunda câmara de nobres ou pares como na Inglaterra ou na França, mas sim uma câmara do tipo norte-americana ou igual à da Colômbia, cujos governos republicanos populares não deixaram sobreviver sequer a sombra da aristocracia. Frei Servando deseja uma segunda câmara de senadores, cidadãos e nada mais, pois ao contrário dos pobres, sujeitos à tentação de ganhar promessas do governo ou empregos, a segunda câmara, proposta pelo dominicano, seria formada por homens que possuíam certo conhecimento, passados dos trinta e cinco anos e que pela maturidade pudessem consertar os erros e os impulsos dos representantes da primeira câmara. A razão da existência de uma segunda câmara dar-se-ia pelo fato de ser um órgão que hábil em rever as leis e com isso revela o entendimento de que:

“Cuando hay dos cámaras diferentemente compuestas la una sirve naturalmente de freno a la outra, dice un gran político, ‘el peligro de la demagogia se debilita’, porque no es tan fácil que un individuo pueda ejercer en los dos grupos la misma influencia. Habrá entre ellos una emulación de créditos y de talentos; el mismo celo de una sala viene a ser la salvaguardia contra las usurpaciones de la otra, y la constitución se sostiene por las mismas pasiones que obran en sentido contrario. En una palabra, la nave del estado asegurada sobre dos cámaras como sobre dos anclas podrá resistir mejor las tempestades políticas”²³¹.

Mier, à guisa de conclusão, mostra-se preocupado com relação às novas teorias quando se trata do destino da nação. Nesse sentido, o dominicano sabe que não faltariam inconvenientes ao sistema bicameral, porém ele se põe contra a novidade política do senado separado do corpo legislativo, como censor das faltas e ações do corpo legislativo. Seria como jogar a maçã da discórdia entre dois corpos tão poderosos que poderiam levar à ruína da república. Em matéria

²³¹*Ibidem*, p. 284.

política seria melhor menos invenção e mais segurança. Os Estados que prosperaram em liberdade foram a Inglaterra, os Estados Unidos e a Colômbia por possuírem duas câmaras e aqueles que sucumbiram possuíam apenas uma, como França e até mesmo a Espanha. Frei Servando vota pela criação de duas câmaras, do modo como indicou, uma de representantes e outra de senadores, pois nenhum viajante abriria mão de um caminho conhecido que com certeza o levaria ao destino certo, por uma trilha imprevisível que não o leve a encontrar saída.

Ainda que existam algumas diferenças substanciais entre o voto particular de frei Servando e o Projeto de Constituição, esse último traz em seu interior as soluções consideradas pelo sacerdote e pelo grupo de deputados que o acompanhava como a de melhor aplicação à nação mexicana. A defesa do Projeto de um federalismo moderado expressava claramente o desejo de Mier em acomodar as modernidades oriundas das práticas políticas liberais e democráticas à realidade mexicana. O centralismo proposto pelo dominicano pode ser entendido como uma refinada compreensão sobre a colcha de retalhos que era o México do período, dividido em grupos políticos opostos, caudilhos, lojas maçônicas e classes sociais com interesses peculiares à sua posição na sociedade.

É possível perceber que o sacerdote, nos anos de insurgência, havia pregado soluções por demasiado libertárias. Todavia, com a concretização da independência, seu posicionamento seria direcionado para controle maior do Estado, com a limitação da administração política em poucas mãos, expressando uma orientação que seria caracterizada como conservadora em seu modo de pensar, ainda que o frei não seja completamente desfavorável à implantação de uma federação em um futuro mais longínquo.

O voto de frei Servando põe em relevo uma influência ainda persistente do regime monárquico inglês, revelando sua não completa dissociação de um sistema político que tanto condenou na MPI, o que evidencia um novo paradoxo em seu ideário. Porém, Mier é preciso em vislumbrar as grandes dificuldades que surgiriam da discrepância de votos entre as diferentes províncias mexicanas, o que geraria ressentimentos políticos e desacertos estruturais. Era necessário evitar que o ditatorialismo regional e a formação de grupos políticos fortes, decorrentes do domínio territorial das grandes províncias, o que justificaria a política de frei Servando em impedir danos para a nação. A principal intenção de Mier era agregar e manter unida a nação mexicana, evitando que organismos e interesses rivais estabelecessem uma nova era de caos político e guerras internas.

Como pensador ilustrado, frei Servando se põe a favor de que apenas os homens do mais vasto conhecimento e saber não apenas tomassem posse nas câmaras de deputados, como também fossem escolhidos entre eles os representantes do Judiciário. Essa é uma típica compreensão dos ideólogos da revolução que estabelecem no plenário do Congresso um espaço de poder por serem

os únicos capazes de compreender a linguagem da política moderna, das idéias liberais e das formas de sociabilidade trazida pelas inovações políticas.

Seriam os sábios da nação os únicos capazes de perceber o que queria dizer a voz da vontade geral. Homens políticos com o papel especializado de conformar e homogeneizar a opinião da massa popular que surgia como soberano legítimo. A idéia de que uma turba anônima escolhesse seus próprios representantes era por demasiado intolerável na mente das elites que operavam o processo de transformação política no continente americano. O caráter elitista de frei Servando aparece sem nenhuma dissimulação. Nesse sentido, a Revolução Francesa era exemplo máximo de perda da sanidade política e do descontrole completo das instituições que deveriam reger o povo.

É válido ressaltar que o sistema de representação coletiva estava permeado de elementos ligados a uma concepção tradicional e corporativa da sociedade do Antigo Regime. A escolha de indivíduos de notória probidade, talento e instrução referia-se a um tipo de representação de caráter tradicional, entendendo-se a eleição como um mérito concedido por privilégios e proeminência social. A nação que surgia seguia vendo as autoridades por meio de lentes arcaicas, perpetuando os vínculos antigos, fazendo com que a ideologia da modernidade em matérias políticas convivesse com o arcaísmo da sociedade que deveriam governar.

Nesse sentido, cabe ressaltar a opinião de François-Xavier Guerra, que afirma serem os únicos cidadãos, na acepção moderna da palavra, os membros das elites que interiorizaram a condição cidadã e a cultura democrática moderna. Para Guerra, o regime representativo implantado era aquele que permitiria conciliar a soberania radical do povo com o exercício do poder por uma minoria. Dentro de um movimento pendular, coexistiriam a exaltação das virtudes e dos exemplos heróicos da Antiguidade, ao se exigir uma participação ativa dos cidadãos na vida pública, e a necessidade imposta pelas dimensões do Estado e pelas paixões humanas de reservar a ativa participação política a uns poucos, relembrando as estruturas de um regime monárquico²³².

Além disso, a questão da educação surge no Plano da Constituição como um esforço estatal em difundir as luzes de cima para baixo demonstrando perfeitamente o papel que desempenhavam as elites modernas na construção do estado liberal. Disso resultariam as novas disciplinas científicas, como a ciência política e o estudo da moral, como mecanismos aptos a orientar o caminho para o progresso e o desenvolvimento das nações. Somente a Ilustração seria hábil para conduzir uma sociedade imberbe à completa maturidade. Tal fé na razão e na ciência, como guias para a construção de uma nova civilização, fez perpetuar nas sociabilidades modernas a força de uma elite intelectual, cujos membros continuariam pertencendo às fortunas e famílias do cume da sociedade, e que teriam a missão de implantar as reformas necessárias para o surgimento dos Estados modernos.

²³² GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias – ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica/ Editorial MAPFRE, 1992. p.260.

Retomando-se as manifestações de frei Servando no segundo Congresso constituinte, surgem os votos para que a nação mexicana fosse chamada de República del Anáhuac ou República Federal de Anáhuac e para que o retrato de George Washington figurasse junto no salão dos libertadores, ao mesmo tempo em que se fizessem outros retratos dos primeiros libertadores de Anáhuac. Além disso, havia a preocupação com a defesa do território nacional, a redefinição de fronteiras e da divisão dos territórios baseados nos cálculos do barão de Humboldt, bem como a discussão sobre implantação do sistema de república federal. Com relação a esse último tema, na sessão de 13 de dezembro de 1823, frei Servando tomou a palavra e pronunciou seu famoso discurso, posteriormente conhecido pelos estudiosos de seu ideário como *La Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana*. Tal peça conseguiu sobreviver até chegar aos tempos atuais devido à transcrição glosada realizada por Carlos María Bustamante, em seu *Cuadro histórico de la revolución mexicana de 1810*.

3.3.3 *La Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana*²³³

O mote que conduz Mier a proferir um longo discurso na sessão parlamentar de 13 de dezembro seria o seu intento de impugnar a escolha de uma república federada composta por estados soberanos e independentes. Para tanto, o sacerdote não abre mão de exaltar o reconhecimento largo de seu patriotismo, seus escritos em favor da independência, as cicatrizes no corpo e os padecimentos sofridos ao longo de uma vida entregue à causa da libertação americana. No seu entendimento, ele possuía autoridade para falar sobre a sorte da sua pátria de forma desinteressada e imparcial e com total pureza de intenções.

Mier alega que não se poderia duvidar de seu republicanismo, visto que sua MPI foi responsável por generalizar a noção de república numa época em que essa idéia representava um ato de heresia. Em conjunto com outros pensadores foi realizado um Projeto de Constituição apto a dar testemunho do nascimento da nação e que foi ratificado no Congresso, estando ele, frei Servando, na liderança do grupo. As inúmeras críticas surgidas contra esse plano político disseminavam a falsa idéia de que se propunha um governo federal no nome, mas central na realidade. O dominicano rebate as ofensas ao seu projeto, ao dizer que havia diferentes meios de federar-se e a federação deveria ser análoga à educação e aos costumes de cada país até se chegar à perfeição vivida pelos Estados Unidos.

A prosperidade desse vizinho teria chamado atenção de todos. Não obstante, frei Servando acredita que não se ponderou o suficiente acerca da verdadeira distância existente entre México e os Estados Unidos. Os norte-americanos já eram federados e compostos como estados independentes quando se uniram para lutar contra a Inglaterra. Implantar o sistema federativo no México, enquanto

²³³ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

unidos, seria dividir e atrair os males que se procurou remediar com a federação. A potência vizinha havia vivido sob uma Constituição em que a supressão do rei a conduziu imediatamente a uma república, enquanto os mexicanos haviam vivido sob jugo da monarquia espanhola e em seguida do Império de Iturbide. Os Estados Unidos constituíam um povo novo, homogêneo e industrioso, ilustrado e cheio de virtudes sociais, enquanto que na compreensão do dominicano, os mexicanos eram um povo velho, heterogêneo, sem indústria, inimigo do trabalho e querendo viver de empregos e da máquina burocrática, como os espanhóis, carcomidos de vício e da escravidão que o dominara por três séculos.

Mier exaure-se em mostrar a diferença enorme entre os povos, uma vez que a amarga experiência da Venezuela em seguir irrestritamente o modelo americano deveria servir de exemplo aos deslumbrados mexicanos diante da federação próspera dos Estados Unidos. Buenos Aires também seguiu seu exemplo e viu-se em um turbilhão de conflitos. Para o sacerdote mexicano, almejar a perfeição social em pleno engatinhar da liberdade seria uma loucura. Nesse sentido, seu entendimento leva-o a crer que cabe ao povo ser conduzido, não obedecer. Às vezes seria preciso contrariar a vontade popular, para servi-lo melhor. Se a coletividade escolheu os mais sábios para representar seus mais caros interesses foi com o intuito de decidir sobre o que melhor lhes conviesse:

Frei Servando chega a acreditar que, na verdade, essa escolha de república federada não passaria de manobra dos grandes das capitais que previram que o poder do mando recairia sobre eles. Ninguém conseguiu provar que essa seria a vontade geral e não conseguiriam provar nada, pois a vontade geral não seria numérica, ela seria fruto de deliberação em Congresso, emitida pelos representantes legítimos do povo que deliberam em plena liberdade e o dominicano abertamente compreende que:

“El pueblo siempre ha sido víctima de la seducción de los demagogos turbulentos y así su voluntad numérica es un fanal muy oscuro, una brújula muy incierta. Lo que ciertamente quiere el pueblo es su bienestar, en esto no cabe equivocación; pero la habría muy grande y perniciosa si se quisiera, para establecerle este bienestar, seguir por norma la voluntad de hombres groseros e ignorantes, cual es la masa general del pueblo, incapaces de entrar en las discusiones de la política, de la economía y del derecho público. Con razón, pues, el anterior Congreso, después de una larga y madura discusión, mandó que se diesen a los diputados los poderes para constituir a la nación según ellos entendiesen ser la voluntad general”²³⁴.

Os princípios políticos seriam apenas metafisicamente verdadeiros, mas inaplicáveis na prática porque consideram o homem em abstrato e esse não existiria. Isso seria sinal de herança do jacobinismo, visto que, na França, o dominicano teria visto de perto os anos de dano e conflito e

²³⁴ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.293.

convulsão política gerado pelos princípios adotados. Porém, ao viver na Inglaterra, ao perceber a permanência da tranqüilidade nesse país diante do caos vivido no continente, frei Servando passou a buscar as razões desse fenômeno. Para tanto, estudou a escola política inglesa e assim compreendeu os danos advindos do jacobinismo. Em conclusão, Mier entende que ler Rousseau seria irritar-se contra todo tipo de governo como contra uma usurpação de direitos, seria quebrar leis e atropelar todas as barreiras e instituições sociais estabelecidas para conquistar um pedaço de poder, sendo impossível conter a força do povo depois que alguns demagogos atizam a fé popular e que, por isso, tornam-se capazes de cometer todo tipo de excessos.

O que Mier deseja é uma federação com bases em princípios racionais e que fosse moderada, um sistema conveniente à pouca ilustração mexicana e à uma guerra iminente, razão para se manterem unidos. O dominicano almeja um meio termo entre a federação frouxa dos EUA e a concentração perigosa da Colômbia e do Peru. Um mecanismo que ao deixar às províncias a faculdade de prover suas necessidades interiores e promover sua prosperidade, não destruiria a unidade necessária para se fazer o México respeitável e temido diante da Santa Aliança. A atual forma de federação elencada na Constituição dá às províncias um largo potencial de autonomia, e algumas já a tomam de forma tão real que já excederam suas atribuições.

Mier apóia o Projeto de Constituição que elaborou, mas que foi criticado pelos parlamentares. Segundo seu plano, seriam estabelecidos congressos provinciais com soberania limitada e que iriam aprendendo as táticas das assembléias gradualmente até cessar o perigo da perda da independência. Posteriormente, revisar-se-ia a Constituição e as faculdades dos Congressos provinciais de acordo com a ampliação da experiência, até se chegar à perfeição social. Nesse sentido o dominicano declara que:

“Pasar de repente de un extremo al otro, sin ensayar bien el medio, es un absurdo, un delirio; es determinar, en una palabra, que nos rompamos las cabezas. Protesto ante los cielos y la tierra que nos perdemos si no se suprime el artículo de soberanías parciales. [...] Tan tirano puede ser el pueblo como un monarca; y mucho más violento, precipitado y sanguinario. [...] Y si yo no temí hacer frente a Iturbide a pesar de las crueles bartolinasen que me sepultó y de la muerte que me amenazaba, también sabré resistir a un pueblo indócil que intenta dictar a los padres de la patria como oráculos sus caprichos ambiciosos y se niegue a estar en la línea demarcada por el bien y utilidad general”²³⁵.

Na concepção de frei Servando haveria guerra civil diante da desigualdade das províncias e questiona se haveria paz entre tantos pequenos soberanos, cujos interesses haveriam de se chocar e se opor necessariamente. Caso se tentasse igualar os territórios para a formação de estados da federação, nenhum daqueles soberanos locais desejaria que se limitasse seu terreno. Em

²³⁵ *Ibidem*, p. 296.

contrapartida, as províncias pequenas, também por ambição ou rivalidades locais, não queriam se submeter à reunião com as grandes para formar um estado regional. Tudo acabaria em invejas e divisões e se comprometer-se-ia a independência do país caso não houvesse a união.

No entendimento de Mier, o México passava por uma época de pacificação e construção de bases gerais, e, por isso, não estaria completamente constituído. Era preciso que a nação se organizasse administrativamente e que se deixasse essa questão tão grave para quando o país fosse possuidor de maior ilustração. Como pai da pátria o dominicano exorta:

“Guardémonos, señor, de condescender a cada grito que resuena en las provincias equivocadas, porque las echaremos a perder como un niño mimado cuyos antojos no tienen término. Guardémonos de que crean que nos intimidan sus amenazas, porque cada día crecerá el atrevimiento y se multiplicarán los charlatanes. Guardaos, decía Cayo Claudio al senado romano, de acceder a lo que pide el pueblo mientras se mantenga armado sobre el monte Aventino, porque cada día formará una nueva empresa hasta arruinar la autoridad del senado y destruir la república. A la letra se cumplió la profecía”²³⁶.

Mier finda sua “profecia” clamando por firmeza aos pais da pátria. Seria preciso deliberar com calma, pois nas consciências desses residiria aquilo que fosse o mais conveniente ao bem universal, assim como somente eles teriam força para aplicar o cumprimento das leis. O dominicano ressalta que o momento vivido pelo México exigia união, e, em toda república, quando houve a ameaça de um perigo próximo, gerou-se a figura de um ditador, como único elemento capaz de reunir todos os poderes em suas mãos. Se tais soberanias fossem aprovadas em sua totalidade, Mier declara que protestaria por não ter tomado parte nos males que se abateriam sobre o povo de Anáhuac. Os mexicanos teriam sido seduzidos para que pedissem o que não sabiam e nem entendiam. Mier prevê que tal aliciamento conduziria os mexicanos para a desordem, a divisão, as emulações e a ruína da terra.

3.3.3.1 Desalento servandino diante da independência conquistada

A *Profecía*²³⁷ de Mier representa, como observou Villoro, a primeira demonstração pública da compreensão de uma revolução infeliz, diante do desolador cenário que surge no pós-independência para os idealizadores dos Estados nacionais hispano-americanos²³⁸. Entendido por muitos estudiosos como peça de oratória iconoclasta e antidogmática, a grande originalidade deste discurso está na prematura percepção de frei Servando em enxergar as mazelas que assolariam a nação mexicana,

²³⁶ *Ibidem*, p. 298.

²³⁷ A partir deste momento, é conveniente referir-se à *Profecía del doctor Mier sobre la federación mexicana* como *Profecía*, seguindo-se o índice das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

²³⁸ VILLORO, Luis. *El proceso ideológico de la revolución de independencia*. México: Secretaría de Educación Pública, 1986.p.234.

tendo por base os fenômenos sócio-políticos que se colocavam diante dos seus olhos, antevendo as provações por que passaria o México, caso não fossem adotadas medidas capazes de reverter o trágico rumo da nação. A *Profecia* pode ser compreendida pela moderna ciência política como um exercício de futurismo, em que um pensador com acurada compreensão da cultura política em que vive percebe tendências futuras da nação geradas por escolhas do presente e, com isso, estabelece prognósticos que raramente subvertem as situações previstas.

Num primeiro momento, como atitude histórica dos ideólogos da revolução, acreditava-se que o principal motor do progresso seria o planejamento intelectual apto a converter a sociedade tradicional em moderna e assim impulsionar as grandes metas civilizatórias. Os pensadores mostravam-se confiantes na capacidade dos projetos racionais para organizar a nação e desestabilizar as heranças de um passado colonial. Julgava-se que as mazelas do passado poderiam ser resolvidas pela discussão, o conhecimento e organização.

No caso mexicano aliavam-se presságios que indicavam as glórias futuras a que o país se destinava. O primeiro sinal profético era a grandiosa riqueza de que os ideólogos acreditavam ser dotada sua pátria, esteado em especialistas e estudiosos, como Humboldt. A abundância de minerais e a fartura agrícola não eram fruto do esforço humano, mas sim, um título distintivo de eleição, como sinal da providência divina. A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe, como já foi frisado em outros capítulos, seria outro emblema que outorgava ao México um futuro singular entre as nações do globo, abrindo-lhe possibilidades fechadas para os outros povos.

Em escritos anteriores à *Profecia*, Mier, assim como seus contemporâneos, enxergava os sinais de um destino brilhante que faria o México ocupar um lugar correspondente ao seu tamanho e riqueza. Depreende-se de seu pensamento que um mundo de liberdade, união e ilustração havia sido querido e previsto por Deus. A nação mexicana deveria ganhar um papel de protagonista nos palcos dos poderes globais, com uma nova participação na história universal, bastante diferente daquela do momento da conquista.

Na opinião de Villoro, contudo, a revolução não foi apta a gerar as mudanças previstas, o otimismo dos primeiros anos cedeu lugar à frustração de perceber que não se caminhou em direção aos augúrios previstos. As dificuldades econômicas cresceram, as facções políticas pulularam e as idéias extremistas ameaçaram explodir em violência. A colônia persistiu nos seus valores essenciais, não se conseguiu a estável democracia, nem mesmo a Ilustração. Ao contrário, o que se sentiu foi o peso da opressão e da ignorância, a miséria e o desamparo em geral. A admiração dos Estados Unidos foi sucedida pelo desencanto com o arremate de metade do território mexicano. Amarga decepção de uma geração que foi chamada para criar um império e só viveu o suficiente para ver sua degradação e morte²³⁹.

²³⁹ *Ibidem*, p. 229.

O passado persistiu na administração, reiterando as estruturas econômicas e sociais tradicionais, a divisão de castas, a herança agrícola e mineira a que não se conseguiu mudar. Os bens herdados seriam um peso insustentável que abalariam toda tentativa de reforma. A realidade social, política e cultural não conseguiu se adaptar aos planos elaborados pelos ideólogos da nova nação. Tentou-se acoplar o mundo concreto ao projeto que se forjava, e não o inverso.

A nova civilização foi planejada como se ela já se encontrasse presente. Os utopistas confundiam em um só momento a meta histórica a se alcançar com a realidade que ainda se vivia. A sociedade eleita pretendia coexistir no mesmo tempo histórico que a antiga. Entretanto, esse acoplamento era incapaz de ser harmônico e só poderia existir em abstrato. Os elementos que se podiam organizar voluntariamente, como administração do governo, sistema educativo e instituições jurídicas, raramente se conformavam com os elementos irracionais da sociedade, determinados pelo costume e a situação colonial herdada. A impaciência das elites modernas ante o tradicionalismo social conduziu a tentativas aceleradas de construção de um modelo ideal, que por sua vez provocam correspondentes resistências sociais. A mudança real deveria exigir adaptações recíprocas e compreensão das imperfeições, para só assim superá-las.

A nação que surgiu da independência e da aplicação dos princípios liberais era, sobretudo, um projeto que se sustentava sobre uma nação de tipo antigo, forjada de multiplicidade de interesses e de diversidade sócio-cultural. A evolução dos posicionamentos políticos ligados à compreensão do caráter da nação desembocaria na questão do federalismo, como uma mostra das variáveis que insistiam em se acomodar em um mesmo lugar. Por isso, outro debate recorrente em que os estudiosos da obra servandina vêm-se envolvidos seria a de que Mier, ao final de sua vida, teria se tornado centralista e se opunha a qualquer idéia de federação. Ainda que o próprio frei tenha expressado que não havia abandonado o desejo de uma república federativa, ele acreditava que após anos de opressão e lutas sangrentas, o momento vivido pelo México de então dava margem à necessidade de unidade para que seus esforços de libertação não tivessem sido em vão.

O historiador Rafael Diego Fernandez entende que frei Servando encontrava-se diante de problemas doutrinários e práticos muito complexos. Em vista disso, um dos problemas principais abordados na “profecia” foi a necessidade de se considerar a história particular de cada um dos povos, ressaltando as grandes diferenças entre Estados Unidos e México²⁴⁰. O sacerdote manteve-se fiel a suas raízes históricas e só aceitou aquilo que considerou compatível e benéfico para o país. Se deixou-se seduzir pelo modelo estadunidense em sua MPI foi por estar convencido de que era o único que ajudaria a consolidar a independência, vistos os surpreendentes resultados da nação vizinha.

²⁴⁰ DIEGO FERNANDEZ, Rafael. Artigo: *Influencias y evolución del pensamiento político de Fray Servando Teresa de Mier*. In: *Historia Mexicana*. 1998, n. 01 (189), v. XLVIII. p.30.

Por sua vez, o cientista político Rafael Michell Estrada e O’Gorman compartilham da idéia de Diego Fernandez e defendem a hipótese de que, mesmo a favor dos ideais federalistas, frei Servando compreendia que era preciso um tipo de federação matizada, que não cedesse lugar para a formação de estados soberanos dentro de um mesmo território, à imitação dos Estados Unidos. Fazendo-se isso, apenas seriam trasladadas, de um lado da fronteira a outro, as instituições norte-americanas. Era preciso observar as complexas estruturas governamentais próprias da cultura política mexicana, compreendendo suas peculiaridades, para se criar um tipo de federação moderada, paternal, porém firme, e que permitisse às províncias acumularem cultura política suficiente até o momento de darem passos maiores. Para Mier, o federalismo era o auge da perfeição social a qual se deveria alcançar gradualmente.

É certo que no segundo congresso constituinte, Mier teve de se deparar com a ambição e ignorância de muitos caudilhos e políticos provinciais que terminariam por sepultar as glórias da nova nação. Diego Fernandez acredita que o frei não toleraria uma monarquia, muito menos um federalismo que depositava a tirania em mãos volúveis e ignorantes. O problema era que a toda instante surgiam novos salvadores da pátria, uma série de demagogos e politiqueros que turbavam a nação. A única resposta plausível, portanto, era a unidade nacional.

Mier concorda com o estabelecimento de um federalismo, mas não de qualquer tipo. Sua trajetória de tantos anos de teoria e prática na Europa, e mesmo nos Estados Unidos, dava-lhe autoridade como titular da cátedra no flamejante cenário político mexicano. Mier observava com cuidado os perigos que consistiam em seguir ao pé da letra as pegadas dos norte-americanos deixadas nas suas instituições políticas. Desse modo, o dominicano propunha uma maneira de federalismo própria, entre tantos outros modelos de federação, indo contra a idéia de que os Estados Unidos ofereciam um modelo único desse sistema, mas sendo a favor de uma construção constitucional que se adaptasse aos diferentes momentos na escala evolutiva da nação mexicana.

Muitas províncias ansiavam por um sistema federativo do tipo norte-americano, já que para elas não haveria como se falar em federalismo razoável onde os empregos públicos, tributários e militares ficariam ao cargo das decisões centrais. Para tanto, era preciso imitar as províncias estadunidenses que se haviam federado precisamente para resolver o problema fiscal e militar em que se encontrava fundida a União. Contudo, não compreendiam o mecanismo de seu funcionamento e, por conseguinte, os problemas imediatos enfrentados pela nação se deram pela necessidade de definição entre as atribuições locais e as federais. Estrada Michell acredita que a imprudência da Constituição que se estabeleceria em 1824 não era de dividir o país, mas sim de não

se matizar um tipo de federação própria às peculiaridades mexicanas, pois se copiava integralmente a constituinte da Filadélfia²⁴¹.

Do discurso da “profecia”, pode-se depreender uma postura realista e contrária ao sufrágio universal do frei ao afirmar o completo desconhecimento da natureza da vontade geral por parte dos outros parlamentares, expressando o fato de que o voto da maioria não representava a verdadeira voz da nação. Frei Servando demonstrou a incompreensão de seus companheiros de tribuna acerca das significações ideológicas de termos como bandeira, mas por poucos passível de intelecção à maneira como foram elaborados.

Na concepção de Jean Jacques Rousseau, o voto da maioria representava apenas o voto de todos, um agregado de vontades individuais que não necessariamente expressavam a vontade geral, já que essa era sempre dirigida ao alcance do bem comum e da utilidade pública. Portanto, para o dominicano a idéia de vontade geral não deveria servir de desculpa plausível para a desestabilização da nação que sofria ainda um processo de construção. Mier demonstrava, portanto, vasto entendimento da ideologia rousseuniana, observando com lucidez as imprecisões interpretativas cometidas por seus companheiros de parlamento, enxergando nisso, não apenas ignorância, mas também argúcia dos homens políticos em manipular as decisões para alcançar resultados condizentes aos interesses específicos de certos grupos.

Nesse sentido, frei Servando entendia que a noção de povo que surgia na boca dos demagogos era aquela de corpo passível de ser manipulado, massificado e ignorante a quem não cabia compreender as instituições e instrumentos propostos pela república. A soberania popular não passava de mera ficção em matéria de política. Isso justificaria o desencanto de Mier diante dos ideais iluministas, aos quais via submergir num oceano de novas interpretações e construções que alteravam o projeto original proposto pelos ideólogos da revolução.

Um fator não observado por Mier em seu discurso refere-se à grande complexidade de se falar em representação única e centralizada diante da fragmentação de poder. O que existia não era uma nação una, mas comunidades políticas de tipo antigo que se associavam como conjunto de reinos separados, representados pelas capitais. Essas cidades principais consideravam-se como cabeças, com igual peso político, ainda que fosse diferente a quantidade de seus habitantes. Não se poderia falar em povo, mas sim em povos. Por isso, a questão evidente do localismo e a existência de facções era uma realidade de difícil superação.

Mier argüia que a soberania residia na nação e, não podendo ela eleger em massa seus deputados, sua eleição era distribuída pelas províncias, onde seriam eleitos deputados que

²⁴¹ ESTRADA MICHELL, Rafael. Artigo: *La teoría constitucional en la Profecía del padre Mier sobre la Federación mexicana*. In: *Jurídicas* Universidade Autónoma Nacional do México. Disponível em : <http://www.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/hisder/cont/11/cnt/cnt3.pdf> .Último acesso em 10 de julho de 2006.

representariam toda a nação e não a seus distritos em separado. As advertências políticas do sacerdote não foram suficientes para subverter a ambivalência do papel do deputado, pois, embora ele tenha sido eleito para representar a província de origem, recebia poderes e instruções para representar toda a nação. No entanto, o que prevalecia era a representação de tipo antigo, em que o deputado agia como procurador ligado a seus comitentes por um mandato imperativo, de quem recebia não só seus poderes como instruções, devendo obedecer aos comandos para assim cumprir sua missão, que era a de defender os interesses de sua região. De certa forma, o mandato civil se apresentava incompatível com a prática representativa, em que os governantes deveriam atuar em prol do bem-estar geral. Porém, quanto mais os deputados estavam adstritos em fazer valer os interesses de seus eleitores, mais a prática localista se superpunha ao benefício dos interesses gerais.

Desalentado e sentindo frustração diante dos rumos políticos tomados pelo país, cujos ideais vencedores contrariavam a ideologia revolucionária pregada por ele, não restava ao frei outra alternativa que não assumir a postura de conselheiro e visionário político. A Voz de Prata surgia de dentro da “profecia” como o coro grego nas tragédias clássicas, alertando para a tomada de consciência e a mudança de posturas para se evitar um mal maior, o arremedo final que completa a sina e confirma o destino há muito previsto. O papel de frei Servando poderia ser entendido como o meio termo entre o aedo e o adivinho, isto é, entre aquele que resgatava o passado do esquecimento, tornando-o presente e causando uma emoção atual, e aquele a quem os deuses inspiravam numa espécie de revelação as realidades que escapavam ao olhar humano.

3.4 Principais manifestações de Mier no Congresso de 1824

Ao longo do ano de 1824, frei Servando Teresa de Mier vê-se envolvido nas votações que versavam sobre o fim do comércio de escravos, ao que era abertamente a favor. Uma preocupação recorrente desses primeiros anos da independência do México seria a necessidade do parlamento em reconhecer e celebrar os heróis do período de insurgência, como por exemplo, por meio da mudança do nome da cidade de Dolores para que passasse a chamar-se Villa de Hidalgo e a concessão da cidadania mexicana a Simón Bolívar, ao lado de Washington, como herói americano. Pela manifestação parlamentar de frei Servando, Bolívar merecia tal enlevo pelo fato de ter vencido inúmeros combates em prol da causa americana e por nobremente haver recusado o mando do país que libertou, tornando-se, dessa maneira, o primeiro súdito de sua pátria. Além disso, por promover a íntima aliança entre as repúblicas da América, Bolívar mereceria ser cidadão de todas. Por isso, deveria ser declarado cidadão da República Mexicana, como honra máxima que se poderia dar a ele. Esse voto revela o esforço dos idealizadores da república em criar a memória da pátria e em estabelecer um marco inicial de uma nova história que suprimia os anos de dominação e que era

utilizada como arma política ao buscar um caminho de glórias e triunfos apto a coroar novos heróis e laurear como momento singular a trajetória vivida pelos povos hispano-americanos.

Sobre o debate do Projeto de Constituição no que se referia à tolerância religiosa, Mier tomou a palavra e defendeu a idéia de que o poder da Igreja era puramente espiritual. A Igreja por ser também uma sociedade, necessita de auxílio do Estado, pois somente ele poderia remover os obstáculos para que a religião progredisse. A nação mexicana seria Apostólica Romana, porque reconheceria a primazia do Sumo Pontífice, e essa era a vontade conhecida do povo mexicano, cujos representantes atuavam apenas no sentido de proteger a religião cristã. Frei Servando faz questão de pôr em relevo que se proibiria o exercício de outra fé que não a católica pelo simples fato de que assim o queria a nação e por isso seria necessário obedecer.

Frei Servando aprova o ditame que considerava traidor Agustín de Iturbide e se posiciona contra o pagamento das dívidas realizadas pelos últimos vice-reis e pelo ex-imperador. Na opinião do dominicano, deveriam ser pagos os débitos dos insurgentes que lutaram pela liberdade. Além disso, desde 1810 todos os vice-reis foram ilegítimos e nulos; as Cortes de Cádiz não reconheciam seus governos e por isso não tinham legitimidade para fazer dívidas. Em contrapartida, foram confiscados bens dos insurgentes e dos seus herdeiros, e por isso seria um absurdo dar pensão a Iturbide que colaborou com regalistas até elaborar o *Plan de Iguala* para sua glória pessoal, indo-se contra toda realidade histórica, sendo que o ex-imperador nada fez para a liberdade da pátria e nada lhe seria devido.

Na sessão de 17 de maio de 1824, frei Servando manifesta novamente sua inquietação em relação à votação direta para representantes populares. Desde que esteve na Inglaterra viu que lá votam apenas os pais de família, os homens ilustrados e aptos para perceber os principais interesses da nação. O dominicano cita o exemplo britânico, onde os melhores deputados da câmara dos comuns seriam eleitos pelos Lordes na câmara dos pares, observando-se o critério da antiguidade. Ao seu ver, as eleições diretas levariam o povo a convulsões populares da mesma forma que as massas deixar-se-iam ludibriar com facilidade, enquanto que nas eleições indiretas a possibilidade de intrigas seria menor. Nesse sentido, o sacerdote manifesta-se claramente a favor de que as eleições fossem indiretas, até que o Congresso mexicano determinasse que fossem diretas, mas seguindo-se certas regras para que somente votassem os pais de família, e não toda a massa da população.

A discussão sobre qual cidade deveria ser a capital federal mexicana, com a disputa principal entre a cidade do México e a cidade de Querétaro, foco do movimento de independência, conduzem frei Servando a uma manifestação em favor da primeira, revelando seu potencial produtivo e suas raízes históricas. Esse documento possui grande valor histórico por permitir vislumbrar as grandes

esperanças que permeavam o entendimento dos *hombres de la pluma* sobre o destino da nação mexicana como potência mundial.

3.4.1 Discurso em prol da cidade do México para ser a capital federal²⁴²

Por não ser oriundo da Cidade do México, frei Servando Teresa de Mier julga-SE imparcial para opinar. No seu entendimento, não seria necessário haver uma cidade federal, pois seguindo o exemplo de outros governos representativos, as autoridades supremas sempre residiram em suas metrópoles. Mier entende esse desejo como fruto da *nortemania*, isto é, o desejo de buscar influências e modelos dos Estados Unidos, surgindo a idéia de uma cidade federal que não pertencesse a estado algum, a exemplo de Washington. Na compreensão do dominicano, a cidade do México possuiria beleza incomparável e cita Humboldt para ratificar sua idéia, pois o prussiano a compara a outras cidades européias, porém com maior magnitude: “Por una casualidad, dice el barón de Humboldt, me tocó ver de seguida después de México a Nueva York, [...] es decir todas las capitales de Europa y las principales de Norteamérica y nada, concluye, me ha dejado la idea de magnificencia que México”²⁴³.

Fazendo valer sua faceta de viajante, frei Servando descreve o povo e a cidade do México como terra prometida:

“El círculo de verdes colinas que la rodean en anfiteatro, viene a ser la corona de esta reina de las ciudades. Sentada en deliciosa alfombra de su valle entre países cálidos y fríos como entre dos zonas distintas, recoge de ambas por agua y tierra el tributo de sus frutos peculiares; y la abundancia, la baratura y variedad de su mercado no tiene igual en el mundo. Su pueblo es tan dulce como dócil [...] Me consta que los extranjeros viajeros en nuestro país han quedado atónitos al ver la quietud, el orden y la sumisión de los mexicanos a las autoridades en circunstancias tan críticas, que no habrían ocurrido en parte alguna de Europa sin sangre, desolación y ruinas. [...] Si a las delicias del clima y a la multitud de las frutas, no correspondiese la desnudez de sus habitantes, México no sería tan rigurosamente el paraíso terrenal”²⁴⁴.

Em relação à competição com Querétaro, Mier esclarece que, geopoliticamente, tendo-se por base ainda as análises do viajante prussiano, a localização da cidade do México seria estratégica, equidistante geográfica e politicamente, tanto dos mares como do norte e do sul, localizada bem ao centro do país. Frei Servando acrescenta que no seio daquela cidade estariam as relíquias dos impérios indígenas pré-colombianos que, dessa maneira, dariam autoridade e magnitude histórica para sustentar a sua escolha. A Cidade do México seria sinônimo de riqueza em todos os países do mundo, com indústrias, comércio, minas e agricultura, bem como seria a origem de recursos

²⁴² Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

²⁴³ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.322.

²⁴⁴ *Idem*.

literários e bibliotecas, da reunião de seres pensantes, apesar das luzes serem poucas, porém, todas elas convergiriam para tal cidade.

Ao contrário de Washington, aquela cidade possuiria lugares de passeio e de divertimento, cafés, tertúlias e parques, universidades e escolas e uma beleza natural presente nas grandes cidades do mundo. Para Mier, não haveria porque ter antipatia pela cidade, pois o excesso de empregados e burocratas, vinham de outras partes do país e não eram de origem local. Em contrapartida, a cidade de Querétaro seria muito pequena para abrigar tantas pessoas, não haveria hospedagem suficiente e seria necessário investir muito dinheiro e tempo, bem como gastos de transladação até chegar àquela cidade. Nesse sentido, pensando no bem geral da nação, Querétaro possuía dificuldades intransponíveis e não haveria necessidade de uma cidade federal. Todavia, como era desejo da maioria, caso se decidisse por uma capital federal, não haveria porque não ser a Cidade do México como centro do estado soberano. Não seria necessário fabricar uma Washington, pois México já ofereceria história e estrutura de uma metrópole autêntica.

Nesse discurso em defesa da cidade do México como capital federal, frei Servando retoma a idéia de eleição divina e de nova terra prometida entre tantos outros lugares do mundo. Para tanto, utiliza-se dos dados e das observações do viajante prussiano Humboldt numa tentativa de dar prestígio científico e cabedal intelectual acerca das inúmeras vantagens que a cidade do México possuía, não apenas diante de Querétaro, mas também perante as grandes metrópoles européias. Mier arvora-se da oratória bíblica para prover de sentido os sinais que apontam ser a cidade mexicana a terra de onde jorraria o leite e o mel. Ainda que na *Profecia* observe-se um desalento do dominicano acerca do futuro do país, nesse discurso o sacerdote reacende sua fé num futuro esperançoso, dotado de glórias sem medida, revelando assim as oscilações do dominicano diante de suas próprias concepções.

Dentre as últimas manifestações ou atividades relacionadas de frei Servando no Congresso mexicano, tem-se a propositura para que uma das festas religiosas nacionais fosse em honra de São Tomé Apóstolo. Na sessão de 06 de dezembro de 1824, Mier é eleito vice-presidente do Congresso e no dia 16 do mesmo mês e ano, vários deputados, entre eles Bustamante e Miguel Ramos Arizpe, pediram que se aprovasse a concessão de uma pensão ao dominicano em razão de seus serviços a favor da independência. Tal demanda seria aprovada e, com isso, o sacerdote aposentar-se-ia da vida política com honra nacional e permaneceria num dos postos de pai fundador da pátria mexicana.

4. Discurso sobre a Encíclica de Leão XII – 1825²⁴⁵

Para uma melhor análise do discurso servandino sobre o a encíclica de Pio XII, é preciso empreender um rápido estudo sobre a política da Igreja Católica relativa ao reconhecimento das independências dos países hispano-americanos, levando-se em conta suas relações estabelecidas entre a corte do Vaticano e a Coroa espanhola. O regime eclesiástico estabelecido durante o período da conquista dos territórios americanos era o *Patronato Régio*, onde o papa concedia as novas terras e seus habitantes aos reis católicos para que estes os convertessem ao evangelho. No além-mar não se dependia do papa a não ser no que se referisse à doutrina e ao sentimento de pertença espiritual, uma vez que era o rei quem designava os candidatos a bispos, administrava as finanças, quem decidia a fundação de conventos e a organização das novas missões, patrocinando a catequização dos nativos ao cristianismo. Na opinião de Marie-Cécile Benassy-Berling, poder-se-ia dizer que a ignorância do papado sobre as questões do continente americano era abissal, assim como a presença da Coroa espanhola no sustento financeiro do Vaticano era notória²⁴⁶.

No começo do processo de independência das nações hispano-americanas, sentindo-se herdeiros do padroado estabelecido entre a Igreja e a Coroa espanhola, os governos que surgiam atribuíam-se o direito de influenciar na administração direta da Igreja, não apenas no que concernia aos bens clericais, como também aos cargos vacantes, como os postos mais altos relativos aos bispados, antes, postos privilegiados dos espanhóis. Além disso, outro fator de tensão estabelecido deu-se no fato de que se a corte espanhola no princípio dos movimentos de insurgência teve o cuidado de nomear bispos leais à Coroa, mais tarde usaria como pretexto a não-assistência espiritual como arma para evitar a separação política.

As turbulências geradas pelo período independentista americano ensejariam uma crise de identidade na Igreja hispano-americana. Se de um lado os novos Estados que surgiam tentavam subjugar as igrejas às suas tendências político-ideológicas, de outro lado, os *criollos* almejavam o reconhecimento da independência pela Santa Sé, como legitimadora da nação que surgia, revelando o papel fundamental que exercia a religião no contexto de formação dos estados nacionais. A dificuldade colocada diante da Santa Sé seria o instável equilíbrio de forças que deveria coordenar, pois não poderia perder o apoio dos monarcas católicos da Europa, em destaque os espanhóis, caso reconhecesse as pretensões dos novos governos sobre as nomeações episcopais e com eles estabelecesse relações, bem como não deveria fingir surdez diante dos apelos dos fiéis americanos.

Na opinião da pesquisadora Regina da Cunha Rocha, diante desse contexto, a voz do Vaticano era recebida com respeito e veneração tanto por americanos, como espanhóis, e as encíclicas papais, por representarem orientações que circulavam por todas as igrejas espalhadas

²⁴⁵ Este documento encontra-se nos anexos desta dissertação.

²⁴⁶ BENASSY-BERLING, Marie-Cécile. Artigo: *Deux créoles face au conservatisme du Vatican durant la crise de l'indépendance*. In *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris: La Documentation française, 1987, n.86, p.121.

pelo mundo, eram acolhidas como pensamento oficial político e moral da Santa Sé²⁴⁷. Isso justificaria o espanto diante da encíclica de Pio VII, *Etsi longissimo*, em 1816, destinada ao clero hispano-americano, que demonstrava total desconhecimento da causa independentista, acreditando que a revolução de independência era apenas consequência das convulsões européias, geradas com a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas.

A morte de Pio VII em 1823, conduz ao papado ultra-conservador Leão XII, que ascende no período áureo da Santa Aliança. Nesse período, o Prata, o México e a Grã - Colômbia buscavam contato direto com a Santa Sé e Leão XII deu continuidade à política de não reconhecer as independências das novas repúblicas enquanto assim não o fizessem as potências européias, continuando, porém, a receber os enviados das regiões independentes.

Sob pressão das idéias absolutistas de Fernando VII, Leão XII foi instado pelo embaixador espanhol em Roma, Vargas Llaguna, a publicar uma encíclica nos moldes da de Pio VII, em 1816. Leão XII promulga a encíclica *Etsi iam diu*, em 24 de setembro de 1824, para todos os bispos e arcebispos da Hispano-América, na qual reúne a condenação de falsas doutrinas e lamentações sobre as guerras, bem como elogia as virtudes religiosas e morais do rei Fernando VII, sem, contudo, condenar francamente os movimentos de independência. O documento conclama os bispos da América a exaltarem em suas dioceses os méritos dos espanhóis residentes no continente que agiram em defesa da potestade e lealdade legítimas da antiga metrópole.

Várias nações americanas prestaram pouca atenção a um texto visto como apócrifo pelos historiadores conservadores devido à veiculação da encíclica por vias não diretamente relacionadas à Igreja Católica, já que foi divulgada em fevereiro de 1825 na *Gaceta de Madrid*. Porém, de acordo com o historiador do acervo diplomático do Vaticano, Pedro de Leturia, os historiadores liberais são a favor da veracidade do documento, em razão de que nem o núncio em Madri e muito menos a Secretaria de Estado protestaram contra sua publicação no jornal oficial do reino. Em contrapartida, os historiadores conservadores vêem a encíclica como apócrifa, cujo conteúdo original teria sido desvirtuado, haja vista que nenhum bispo nem igreja dos novos Estados receberam diretamente o documento da Santa Sé²⁴⁸.

Tal encíclica, todavia, não passaria despercebida no território mexicano, onde é publicada no jornal *El Filantrópo*, da cidade de Tampico, por um editor espanhol chamado Spínola, sem autorização do governo mexicano, em junho de 1825, causando escândalo e indignação. O Governo Mexicano reagiu mal à divulgação do impresso e interpretou a encíclica como uma tentativa de manutenção do poder pela Espanha com a corroboração dos títulos da conquista da América.

²⁴⁷ ROCHA, Regina da Cunha. *Entre o trono e o altar: a política pendular da Santa Sé no reconhecimento das independências hispano-americanas*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Pós-Graduação em História, 2002. p.07.

²⁴⁸ LETURIA, Pedro *apud* ROCHA, Regina da Cunha. *Op.cit.*, p.83.

Como primeiro ato, o Congresso decidiu dar ampla publicidade ao documento, reimprimindo o texto no jornal oficial, *Gaceta Extraordinária de México*, em 06 de julho de 1825. As autoridades mexicanas agiram no intuito de demonstrar que o documento pontifício não só era motivo de alarde como também desejam trazer à tona a indignação dos mexicanos, dando-se início a procedimentos legais para obter as devidas satisfações da Santa Sé.

A essa manifestação aderem autoridades clericais do próprio México, como por exemplo, o Cabildo da Mitra de Chiapas, que dirigiu um memorial ao papa lembrando o Sumo Pontífice dos anos de opressão vividos sob o domínio espanhol, no intuito de ressaltar a justiça da causa independentista. Um comunicado do cardeal Della Somaglia, secretário de Estado pontifício, não apenas desconsiderava a existência da encíclica, como tratava o presidente Guadalupe Victoria como um caudilho militar e não como chefe supremo de um país democrático e independente. Em meio a tais querelas político-religiosas, o presidente Victoria recebeu do papa uma carta de cortesia, em resposta a uma carta que o presidente lhe havia enviado em outubro de 1824. Nessa correspondência, Leão XII buscou anular os efeitos da encíclica, felicitou o governo mexicano pela paz que reinava na nova república e declarava que o Vaticano não se envolvia em questões políticas, restabelecendo a neutralidade entre Santa Sé e México.

O discurso de frei Mier sobre a encíclica de Leão XII denota certa decepção do dominicano em relação à importância dada ao documento do Vaticano por seus compatriotas. Aposentado da vida pública e frustrado com os rumos escolhidos pela nação, o dominicano escolhe o caminho do menosprezo da encíclica e em razão da sua posição privilegiada, de homem que percorreu a Europa e que presenciou as artimanhas manobradas nos corredores do Vaticano, atribuindo-se o caráter de conhecedor das reais forças que se operam na Santa Sé. Mier altera parágrafos burlescos e sérios para expor seu raciocínio e adota o estilo do sermão para dizer o quanto o poder temporal dos papas é contrário ao Evangelho, utilizando-se também do discurso político para mostrar o bom direito dos católicos mexicanos e explicar que o papa e a cúria romana possuíam interesses mundanos no relacionamento com a Coroa espanhola. Mier condenou abertamente a encíclica no que se referia à intromissão da Santa Sé nos assuntos temporais. Recordou as doações alexandrinas que trouxeram mal ao Novo Mundo e elogiou as declarações galicanas de Bossuet, em 1682.

Seguindo as referências deixadas por vários estudiosos da obra de frei Servando e também segundo as indicações dadas por seu autor, referindo-se ao escrito como quinta edição, revisada e corrigida, O’Gorman supõe que esse discurso, escrito em polêmica com a encíclica de Leão XII, tenha gozado grande êxito pelo fato de esgotar quatro edições sucessivas, o que justificaria a realização desta quinta versão. A historiografia contemporânea não encontrou subsídios aptos a comprovar as edições anteriores, sendo conhecida nos tempos atuais apenas a quinta edição, incluída na obra *León XII y los países Hispanoamericanos*, número 09, da coleção Archivo

Histórico Diplomático Mexicano, datada de 1924²⁴⁹, publicado pela secretaria de Relaciones Exteriores do México.

Mier principia seu discurso afirmando que a edição de *El Filantropo* foi de má intenção, pois, segundo a atual Constituição mexicana, nenhum diploma romano poderia sair sem passar pelo governo federal e por isso não mereceria tanta atenção da opinião pública. O dominicano alega que a encíclica não foi comunicada por nenhuma via autêntica, senão unicamente pela Gazeta de Madri e que teria ares de apócrifa devido às datas suspeitas de impressão, já que foi divulgada na Espanha apenas em fevereiro, ao passo que teria sido escrita em setembro de 1824. O papa estaria mal informado da situação americana, em razão da influência de Fernando VII, ao pensar que América ainda era de possessão espanhola. O dominicano acredita que o documento pontifício era “una mera carta de cumplimiento escrita en guirigay místico”, ou melhor, “una gatada italiana de aquellas que la corte de Roma se suele descartar a los apuros y compromisos en que la ponen las testas coronadas”²⁵⁰.

Frei Servando é claro em dizer que os homens confundem Deus com o papa, atribuindo ao último infalibilidade, isso explicaria tamanha comoção popular diante de um pedaço de papel bulado lançado por Roma. Frei Servando não consegue conceber a permanência por tantos de anos da prática da conquista temporal em contradição expressa à palavra de Deus, à doutrina de Jesus, dos apóstolos e dos santos, que pregavam que seu reino era deste mundo. O dominicano alicerça seu raciocínio em inúmeras passagens bíblicas e da histórica romana para justificar a facilidade que seria provar a questionável potestade temporal do papa no mundo com base na literatura católica como parte de uma doutrina nova e por isso mesmo afirma que tudo o que é novo em matéria de religião seria falso ou no mínimo suspeito.

Valendo-se das suas peripécias em Roma, Mier revela que conheceu os arquivos romanos e saberia que muito do que se passava na corte romana não era fruto de deliberações oficiais da sede apostólica. Para o sacerdote, era claro que, desde a independência da Hispano-América, os espanhóis buscaram auxílio no Vaticano para fazer valer a potestade da Igreja na América por meio da reafirmação do poder espanhol. Frei Servando vale-se de uma carta de pedido de apoio à Santa Sé, supostamente escrita por Fernando VII, que confirmaria a tentativa do monarca em frear os ímpetos de liberdade dos americanos, agindo os espanhóis no sentido de restituir-lhes a paz e sustentar a religião católica no continente americano que vinha sendo destruída ou subjugada pelos interesses dos insurgentes heréticos.

²⁴⁹ Conferir LA PEÑA Y REYES, Antonio. *León XII y los países hispanoamericanos*. México: Porrúa, 1971. Coleção Archivo Historico Diplomático Mexicano, n.09.

²⁵⁰ TERESA DE MIER, Servando. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O’Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. p.336.

Segundo a orientação servandina, bastava ler artigo 03 da Constituição Federal mexicana, que dizia ser a religião católica apostólica romana perpétua para o Estado, para negar tamanha difamação. A nação se protegia por leis sábias e justas, bem como proibia o exercício de qualquer outra e declara:

“En una palabra: católicos siempre y gloriándonos de serlo, nada hemos variado en el dogma, en la moral, ni en la disciplina expuesta por su naturaleza a variaciones y reformas. Aun en algunos puntos de ella, sobre los cuales bien podríamos prescindir de Roma, porque más son usurpaciones que derechos suyos, hemos preferido sacrificar los nuestros a la paz y unión con el sumo pontífice”²⁵¹.

A religião de Jesus não dependia dos caprichos do seu chefe ministerial e dos interesses de gabinetes políticos, muito menos dos lugares e travessias de mares imensos. Para Mier, cada igreja trazia em seu seio os elementos necessários para se conservar e se expandir. Se Roma se obstinasse nessa posição em defesa da Espanha, o dominicano afirma que se deveria retornar à primitiva disciplina da Igreja e se reger por cânones verdadeiros e legítimos, feitos com o espírito de Deus e que não podem ser abolidos por nenhuma autoridade ou prescrever pelo lapso de tempo.

Somente o que fosse matéria de fé teria o direito de cativar o entendimento das pessoas, o demais deveria sujeitar-se ao domínio da razão. Entretanto, causa interesse notar que na visão do dominicano, os paisanos deveriam continuar crendo no papa, porque tão ruim quanto não acreditar em nada, seria crer em demasiado. Porém, a forma do papa de executar o poder e a extensão de sua autoridade deveriam submeter-se ao exame da observação racional de todos os homens.

Ainda que o dominicano estabeleça mecanismos de controle e observância das ações papais, Mier defende o sumo pontífice ao dizer que devido a sua sujeição aos acordos diplomáticos, a alta autoridade católica não poderia desfazer Fernando VII, haja vista que o monarca espanhol era o principal provedor dos celeiros romanos. Com acerba ironia, o sacerdote acredita que o era indispensável ao menos que Roma dissesse algo sobre a petição de um rei tão benemérito, não em uma bula ou breve, mas em uma encíclica, cujo nome soava tão bem, ainda que dissesse pouco.

Frei Servando enfurece-se e afirma que os papas são tão homens e pecadores como todos os miseráveis filhos de Adão, e por isso não poderiam abusar da sua autoridade e da simplicidade dos povos. Recorre aos tempos primordiais da Igreja para revelar que os pronunciamentos dos papas antes só eram admitidos após Concílios e assinados por todos os bispos que os compunham. Contudo, depois do fim desses conselhos, foi preciso refrear os repetidos abusos clericais e estabeleceu-se nos reinos católicos que não se publicasse qualquer escrito pontifício sem o aval do governo. Por isso a Constituição mexicana preservou essa prática. Nesse sentido, ele acredita que o direito divino dos papas não poderia ser visto de maneira absoluta, senão de forma moderada, caso

²⁵¹ *Ibidem*, p.341.

fosse seguido o verdadeiro cânone da Igreja, sem prejuízo dos direitos civis e das nações, segundo os costumes locais.

Em um momento de arrebatamento em seu discurso, Mier fala em levantar armas contra Roma, caso o papa, como príncipe temporal, se unisse à Santa Aliança na guerra contra a independência. A bem da verdade, o dominicano considera tal hipótese um exagero, tendo-se em vista que tal encíclica seria um engano notório, visto que o papa anterior, Pio VII, era de vertente mais liberal e defendia o governo republicano como sendo mais conforme ao Evangelho, fundado nas mesmas bases de liberdade razoável, igualdade e fraternidade. Frei Servando utiliza-se de um discurso de Pio VII acerca da diocese de Ímola, em situação parecida com o contexto hispano-americano, para provar que as manifestações daquele papa afirmavam que a religião católica não se chocava com o regime democrático, pois somente esses fatores juntos poderiam conceber uma justa esperança, e, por isso, teria dito que se todos fossem cristãos, seriam excelentes democratas.

Mier sempre dirige-se aos paisanos, para que prestem atenção e se instruam, instiga a leitura da história eclesiástica e alerta os mexicanos:

“¡Alerta pues, mexicanos, alerta! No olvidéis jamás, que a título de una bula se ahogó en sangre toda la América. Perecieron al filo de la espada, entre llamas y todo género de tormentos atroces, millones y millones de inocentes americanos, y el resto ha sido esclavo trescientos años. Acordaos y acordaos siempre de la carnicería, el tiempo y los trabajos que nos ha costado libertarnos. *Et mundum statim finis*”²⁵².

4.1 Mier em defesa de uma Igreja nacional mexicana

Ao se analisar a reação de frei Servando à encíclica de Leão XII, o ponto que surge em destaque em seu discurso dá-se com as indagações sobre a potestade temporal do papa. Embora não sejam inquietações novas quando se remete aos escritos e elucubrações realizadas por ele ao longo de sua vida de pensador político, pois atacou a bula de doação das Índias à Coroa de Castela como exemplo, é bastante válida a observação de Marie-Cécile Benassy-Berling ao realçar o fato de que Mier evitou o termo “sua Santidade”, referindo-se ao papa apenas como “o senhor Leão XII”, revelando-se um inimigo da idolatria papal.

Benassy-Berling também acredita que o fato do frei ter-se utilizado de termos legais ao longo do discurso, não se daria por razões de pedantismo, mas para que os mexicanos aprendessem a se defender e que se aprimorassem intelectualmente. Segundo a historiadora francesa, a ironia utilizada por Mier para descrever caricaturalmente a história do papado seria um recurso estilístico apto a causar uma espécie de choque elétrico nas mentalidades arraigadamente católicas de seus contemporâneos.

²⁵² *Ibidem*, p. 348.

Frei Servando utiliza-se do mecanismo de desconstrução do discurso dos poderosos para revelar ao povo mexicano as sutilezas que existem por trás das representações da linguagem aptas a engendrar o domínio político de fato. Um exemplo de sua crítica se dá na escolha do nome “encíclica” e não “bula” ou “breve”, uma vez que era um nome que causava impacto nas supostas mentes limitadas dos fiéis americanos. Traduzida de encíclica para carta circular, a linguagem eclesiástica era desmistificada e conseqüentemente o medo diminuiria.

Contudo, ainda que Mier almeje que a direção espiritual da Igreja católica americana seja feita pelos próprios fiéis, ou melhor dizendo, que a escolha dos chefes espirituais fosse realizada pela própria nação, independentemente do Vaticano, o dominicano revela que é preciso admitir a presença de um papa, mas que suas atribuições deveriam ser relativizadas. Sem dúvida era preciso reconhecer o papa como cabeça da Igreja, mas seu direito de nomear bispos era uma usurpação medieval dos poderes que residiam em cada sede metropolitana.

Mier recorre aos velhos axiomas bíblicos, canônicos e históricos para questionar a primazia da Igreja nas Américas como já havia feito em boa parte de seus escritos anteriores, porém sua originalidade está em fazer notar a precariedade do conhecimento da Santa Sé em compreender o real estado da situação política dos países americanos. Na opinião do sacerdote, tudo não teria passado de uma manobra de Fernando VII para comprometer o papa e forçá-lo a escrever algo tão arcaico e, com isso, recobrar o domínio espanhol. Fernando VII surge como o grande vilão que teria se valido de artimanhas na corte de Roma para conseguir sair de seus apuros.

Além disso, a convivência de frei Servando com Grégoire na França, o conduziu a almejar as liberdades dos galicanos e jansenistas, e pode-se vislumbrar claramente o recorte de uma Igreja de caráter democrático, com a eleição de um bispo local, onde os pressupostos papais estariam sujeitos a concílios e suas decisões passíveis de reformulação. Como sempre, a idéia central no discurso servandino é a de um retorno à velha disciplina da Igreja. Embora deseje um clero constitucional, do estilo francês, o qual presenciou e fez parte, denotando uma visão moderna e madura do estado da religiosidade cristã que passara a adotar, frei Servando não sugere sua adoção, pois, todavia, leva em conta as circunstâncias culturais e históricas do México, sendo complacente com o atual estado da Igreja no país e indicando caminhos que pudessem se melhor trilhados por seus compatriotas.

Uma questão que necessita maior atenção está no fato de que primeiramente o texto servandino inicia-se com certa despreocupação ao revelar não compreender as reações exageradas dos paisanos que deram tanto alarde à encíclica de Leão XII. Ao final de seu discurso, porém, Mier contradiz tamanha serenidade, ao cogitar pegar em armas e lutar contra o Vaticano caso a oposição à independência seja completa e sua obstinação perdure por muito tempo. Frei Servando faz questão de alertar os mexicanos que sob o pretexto de uma bula papal, a América foi dominada e sucumbiu

em miséria e sangue. O mexicano, em sua postura de professor experiente em questões políticas, sempre disposto a ensinar a nação a caminhar, compreendeu que no que se referia aos fenômenos políticos era preciso cautela constante, assim como vigilância diante dos processos históricos que ainda não haviam maturado.

Questiona-se se ao lado da emancipação política houve uma emancipação mental que sustentasse o processo da independência na Hispano-América. Nesse sentido, pode-se ter na figura de frei Servando Teresa de Mier um personagem importante na história das idéias do México, como pensador que conduziu a incipiente nação independente a formular sozinho mecanismos que estabelecessem o equilíbrio entre a liberdade e a estabilidade política. Os escritos servandinos podem ser listados como aqueles que estimularam a tomada de consciência da pátria a tomar as rédeas de seu destino, considerando suas peculiaridades e natureza social, política e cultural, adequando-se às inovações políticas ao ritmo de seu próprio caminhar. Frei Servando domou a palavra, extraiu dela sentidos e revelou as sutilezas por trás dos discursos dos grupos de poder, sempre alertando os incautos a que mantivessem vigilância constante diante dos disfarces que ideologias consideradas por ele perniciosas persistiam em utilizar. Ainda que muitos o conheçam apenas por suas aventuras mirabolantes, é dever do historiador do presente manifestar a contribuição do arcabouço teórico e intelectual para o estudo da História das Idéias políticas na América Espanhola. A inventiva mente do sacerdote o alçou à posição de pedagogo da independência, influenciando gerações posteriores que sorveram seus ensinamentos e puderam vislumbrar a concretização de muitas das profecias políticas por ele proferidas, em sua aflição diante dos rumos tomados pela nação mexicana.

4. Capítulo: Memória, identidade e representação nas aventuras Servandinas

“Muitos anos fazia que frei Servando se encontrava fugindo à inquisição espanhola por toda a Europa (...), quando, um entardecer, no jardim botânico da Itália, se encontra com o objeto do seu absoluto desconsolo: uma agave mexicana, enjaulada em um pequeno cubículo, com uma espécie de cartaz identificador. Por muito tempo tivera que andar o frade para, finalmente, chegar ao lugar que o identificava ou refletia: a planta mínima, arrancada e transplantada a céus estranhos.(...) Encontro entre alma e paisagem, entre solidão e imagem perdida ”.
Reinaldo Arenas, O mundo alucinante, prólogo

1. Memórias de frei Servando Teresa de Mier:

Memórias não é o último trabalho deixado por frei Servando Teresa de Mier, pois afinal foi escrito no período em que os textos servandinos podem ser qualificados como pertencentes ao contexto insurgente. Tal conjunto de documentos merece especial atenção por se tratar de um gênero literário diferente do habitual realizado pelo frei, embora traga consigo múltiplas possibilidades de qualificação. Escrita laudatória de suas ações, propaganda da independência e das luzes americanas, diário de viagem, auto de defesa, literatura de aventuras cavalheirescas em estilo medieval, *Memórias* requer, por sua natureza, um estudo em separado para que se possa ter uma apreciação mais fecunda do texto produzido pelo pensador mexicano.

A edição que permaneceu célebre até os dias atuais é uma compilação de textos realizada pelo renomado romancista Manuel Payno²⁵³ (1810 - 1894), intitulada *Memórias*. Embora tenha sido José Eleutério González²⁵⁴ (1813 - 1888), o Gonzalitos, o primeiro biógrafo a estruturar o corpo das memórias como se conhece hoje, seria Payno que publicaria algumas das partes da obra sob o nome de *Vida de fray Servando Teresa de Mier*, em 1856. Contudo, o trabalho de compilação feito por Gonzalitos serviria como fonte primária para inúmeros estudiosos que se dedicaram à investigação histórica da vida do frei mexicano, como foi o caso de Alfonso Reyes, que lançou sua própria edição das memórias pela Biblioteca Ayacucho, em Madri, no ano de 1917.

A primeira dessas peças aproveitadas por Payno em seu trabalho refere-se à autobiografia conhecida por *Apología del Doctor Mier*, na qual o sacerdote expõe em seis capítulos os antecedentes e as conseqüências do famoso SG. Outro escrito utilizado foi a *Relación de lo que sucedió en Europa al Doctor Don Servando Teresa de Mier después que fue trasladado allá por resueltas de lo actuado contra él en México, desde julio de 1795 hasta octubre de 1805*, em que o frei narra com toda verve inventiva suas aventuras na Europa. Ambos os textos foram produzidos pelo dominicano quando se encontrava preso pela inquisição mexicana entre os anos de 1817 e

²⁵³ Manuel Payno foi cronista de viagem, orador, jornalista, professor de História, diplomata e político da ala liberal. Como escritor é considerado o precursor do romantismo mexicano com o folhetim intitulado *El pistol del diablo* (1845 - 1846), sendo sua obra mais importante *Los bandidos de Río Frío* (1889 - 1891), em que recria o México independente da primeira metade do século XIX, aproximando-se da escrita naturalista.

²⁵⁴ Gonzalitos, como passou a ser chamado carinhosamente pelos habitantes da cidade de Monterrey em razão de seus feitos beneméritos, foi médico, botânico, político, historiador e filantropo. Fundador do primeiro hospital público, da Escola de Medicina e da primeira universidade pública no estado de Novo Leão, que hoje levam seu nome. São algumas de suas obras: *Tratado de Anatomía* (1863) e *Moral Médica* (1888).

1820. O historiador Antonio Castro Leal acredita que a ligação entre essas duas obras já era reconhecida por Mier, porque em seu discurso de posse como deputado por Novo Leão no primeiro Congresso Constituinte, o sacerdote havia declarado: “En la inquisición, donde estuve tres años, escribí mi vida, creo que en cien pliegos, comenzando desde mi sermón de 1794 hasta mi entrada en Portugal en 1805”²⁵⁵.

É somente após sua morte que algo do ocorrido nos últimos vinte e dois anos de sua vida vem à tona com a publicação de alguns de seus escritos inéditos por J. M. Miguel i Vergés e Hugo Díaz-Thomé, em 1944. Foram impressos o *Manifiesto Apologético*, realizado posteriormente à *Apología* e que soa como uma versão ampliada desta, pois narra eventos que alcançam o ano de 1820, e a *Exposición de la persecución que ha padecido desde el 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el Doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra, etc.*, período de tempo em que o sacerdote encontrava-se preso nos calabouços da inquisição mexicana, e depois no forte de San Juan Ulúa, até seu retorno ao México independente. A data provável de criação destes textos pelo dominicano varia entre os anos de 1820 e 1822, anos em que a vida de Mier oscilava entre fugas e prisões em San Juan Ulúa, Havana e Estados Unidos.

A edição utilizada nessa dissertação é a de Antonio Castro Leal que, para completar as *Memorias* em um ponto mais além da *Relación*²⁵⁶, reproduziu a última parte do *Manifiesto Apologético* até o momento do traslado de Mier da Cidade do México para a prisão de San Juan de Ulúa, em 1820, bem como o final da *Exposición*²⁵⁷, suprimindo de ambos os textos comentários que pudessem carregar a leitura com excessos de pormenores. Ainda que haja lacunas de difícil superação, pois até os dias atuais muito pouco se sabe dos três anos vividos em Portugal e dos oito meses passados nos Estados Unidos em 1821, o biógrafo Castro Leal procurou nessa edição de *Memorias* abranger a vida do pensador mexicano desde o momento da construção do Sermão Guadalupano até seu terceiro encarceramento em San Juan Ulúa, em 1822, quando retornou da Filadélfia.

A historiografia elaborada por contemporâneos de frei Servando, ora entendia suas *Memorias* como o testemunho de um homem de ação e enfocava a construção do sujeito principalmente ressaltando as aventuras, façanhas escapistas e repercussões das ações empreendidas pelo mexicano, ou ora o descrevia como um louco com larga tendência à fantasia, cujos escritos deveriam ser lidos risonhamente. Entretanto, é preciso levar em apreciação o fato de que tal

²⁵⁵ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias* v. I. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.vii.

²⁵⁶ A partir deste momento, é conveniente referir-se à *Profecía del doctor Mier sobre la federación mexicana* como *Profecía*, seguindo-se o índice das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

²⁵⁷ A partir deste momento, é conveniente referir-se à *Exposición de la persecución que ha padecido desde el 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el Doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra, etc* como *Exposición*, seguindo-se o índice das obras de frei Servando, localizado na página xiv.

conjunto documental teria por principal função legitimar a escrita insurgente, ou mais do que isso, seus esforços se dirigiam para a construção de um sentimento de pertença que fosse apto a contribuir para o enraizamento da identidade nacional em formação. Nesse sentido, mais que uma literatura de entretenimento, *Memorias* carrega consigo uma parcela de responsabilidade acerca da memória coletiva no que diz respeito à elaboração da idéia de unidade e de legitimação do estado nacional mexicano em formação.

É de grande valia ressaltar a opinião de Alfonso Reyes acerca das *Memorias* servandinas, entendendo-as como um dos capítulos mais inteligentes e curiosos da literatura americana. Para Reyes, era natural que suas memórias fossem escritas com certa paixão, mais se parecendo com caricaturas que com o retrato de uma época, por isso permitindo que se percebessem os vícios fundamentais da sociedade em que viveu. Dessa maneira, o célebre historiador mexicano entende que:

“Es cierto que parece haber sufrido las persecuciones casi con alegría. Algo como una alegría profética lo acompaña en sus infortunios, y aprovecha todas las ocasiones que encuentra para combatir por sus ideales. Es ligero y frágil como un pájaro, y posee esa fuerza de levitación que creen encontrar en los santos los historiadores de los milagros. Usa de la evasión, de la desaparición, con una maestría de fantasma: cien veces es aprisionado y otras tantas logra escapar. Son sus aventuras tan extraordinarias, que a veces parecen imaginadas. El padre Mier hubiera sido un extravagante, a no haberlo engrandecido los sufrimientos y la fe en los destinos de su nación”²⁵⁸.

1.1 *Apología del Doctor Mier*

Frei Servando Teresa de Mier justifica a elaboração de suas memórias em razão da necessidade de instruir a posteridade sobre a verdade de todo o ocorrido em relação ao Sermão Guadalupano, proferido no dia 12 de dezembro de 1794. Mier acredita que somente as futuras gerações julgariam com imparcialidade e fariam justiça a sua vida, já que não tinha esperanças de que isso ocorresse no momento em que escrevia sua *Apología*, pois a velhice o alcançava e a prisão em que estava lhe tirava as perspectivas de encontrar novamente a liberdade. Ao longo dos seis primeiros capítulos, o frei, visando a justa defesa de sua honra, conta a seqüência exata do ocorrido com ele, desde momentos que precedem a realização do sermão até o ocorrido após aberto o processo pelas autoridades da Nova Espanha.

O mexicano faz questão de ressaltar que escreve para provar que não negou a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe e que, ao contrário, visava sustentar o mito guadalupano para prover a pátria de uma glória mais sólida e sem comparação, dando provas mais plausíveis sobre o milagre. A grande marca da mudança que aconteceria em sua vida pode ser observada no momento em que

²⁵⁸ REYES, Alfonso. *Obras completas de Alfonso Reyes*. v. III. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. p. 434.

Mier, convidado a pregar em honra ao milagre de Guadalupe, trava conhecimento com o advogado Inácio Borunda. Borunda é retratado pelo sacerdote como um estudioso aplicado que aprofundou a pesquisa acerca das histórias curiosas da tradição oral mexicana que diziam ser a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe do tempo da pregação de São Tomé, a quem os índios chamavam Quetzacoátl. Mier afirma que quando era criança ouvia sempre seu pai contar inúmeros relatos semelhantes que reafirmavam a suposta origem da tradição. Seus próprios estudos confirmariam tal hipótese posteriormente, resultado que, sob seu ponto de vista, qualquer americano instruído chegaria, não passando o desenho no manto de um hieróglifo mexicano, representando o refinado idioma nahuátl. A conservação da peça ao longo do tempo é que teria sido fruto de milagre.

O sacerdote revela o processo de convencimento operado por parte de Borunda, que havia escrito a obra *Clave general de jeroglifos americanos*, encomendada pela Real Academia de História e por isso se deixa seduzir pela idéia de que, após anos de pesquisa, estava assegurada a existência de um apóstolo para o México, e que sem prejudicar o substancial da tradição, a história mexicana entraria em novos rumos. Frei Servando declara que o SG foi feito em poucos dias e que recebeu não só a aprovação dos clérigos da Colegiata de Guadalupe, por quem o discurso foi encomendado, como também das pessoas mais respeitáveis da cidade quando pronunciado em 1794. Causou-lhe grande susto o fato de que, uma semana após a pregação, foi acusado pelo arcebispo Nuñez de Haro por supostamente haver negado a tradição, sendo sabido entre as pessoas instruídas que tampouco Haro acreditava no milagre.

Mier confessa ter adicionado informações para exaltar a pátria e a imagem e que era evidente o seu desejo de apenas incitar uma discussão literária para melhor sustentar a tradição, sujeitando suas cinco proposições a sofrerem correções por parte dos sábios²⁵⁹. Como seqüência lógica de seu raciocínio, frei Servando se utiliza da historiografia guadalupana clássica e cita vários estudiosos da aparição para contrapor às acusações a que era julgado. O dominicano dedica atenção especial ao cronista Real das Índias e secretário do Ministro da Graça e da Justiça, Juan Bautista Muñoz, em razão de sua dissertação de caráter oficial sobre o milagre guadalupano, encomendada pelas autoridades do Conselho das Índias, ter qualificado como fábula a aparição da Virgem. Tal dissertação foi aprovada pela Real Academia de História na Espanha em setembro de 1794, motivo suficiente para arrancar ácida desaprovação de Mier que, ao contrário de Muñoz, não rejeitou a tradição.

Para tanto, o frei passa a expor suas proposições de forma um tanto desordenada, pois embora diga que apresentará as cinco hipóteses, somente duas são analisadas. O mexicano desejava

²⁵⁹ O sermão guadalupano que chegou às mãos da história contemporânea possuía apenas quatro proposições principais. Indício esse que alimenta ainda mais a idéia de que o verdadeiro sermão pronunciado pelo dominicano não é o que foi preservado pela historiografia e apresentado às autoridades inquisitoriais como peça de defesa de frei Servando. Até o presente momento se desconhece o exato teor do discurso pronunciado na Colegiata de Guadalupe em 12 de dezembro de 1794.

demonstrar assim o alicerce em que se sustentava a verdade incontestada de seus dados. Com relação à sua primeira hipótese, a de que o Evangelho havia sido pregado na América séculos antes da conquista por São Tomé, o sacerdote traz à tona novamente os paralelos lingüísticos e culturais estabelecidos entre os povos pré-colombianos e a histórica hebraica, as escrituras bíblicas e a vida dos apóstolos, acreditando ser a defesa das glórias americanas a verdadeira pedra do escândalo ensejado pelo arcebispo.

De acordo com a Bíblia, Jesus Cristo teria instruído os apóstolos a que pregassem o Evangelho no mundo inteiro e a toda criatura que estivesse sob o céu. Mier questiona se uma ordem tão forte e absoluta não englobaria a outra metade do globo terrestre. Para o sacerdote, os apóstolos teriam conhecimento da ciência infusa, ou seja, detinham conhecimentos natos e por isso era errado alegar que não conheciam a América nos primeiros anos do cristianismo. Embora tenham pregado para os selvagens antes dos espanhóis, os ensinamentos dos primeiros cristãos não foram bem apreendidos e, assim, frei Servando rebate as críticas que afirmavam ter ele atentado contra a glória da Espanha acerca da pregação do Evangelho. Para ele, a presença de um apóstolo no continente não prejudicaria o triunfo espanhol em restabelecer o culto cristão aos indígenas que haviam esquecido ou transformado o cristianismo original, restando apenas resquícios em seus artefatos, língua e monumentos.

Após discorrer sobre a presença dos primeiros cristãos na América, dando exemplos da vinda de monges irlandeses ou a semelhança entre as culturas chinesa e americana, povos que receberam a visita de São Tomé, frei Servando parte em defesa da proposição de que a verdadeira mãe de Deus já era adorada no monte de Tepeyac sob o nome de Tonantzin. Essa afirmação não seria nova, pois muitos estudiosos já haviam realizado tal paralelo sendo para o dominicano a hipótese mais plausível de comprovação. Mier correlaciona os nomes em náhuatl a significações hebraicas e bíblicas, esclarece a semelhança de cultos entre os ritos pagãos e a liturgia católica, e, com certa empáfia, afirma que a história de Guadalupe inclui e contém a história da antiga deusa asteca e que assim o provaria, pois a imagem guadalupana teria sido proibida no Segundo Concílio Mexicano por haver misturado em sua pintura a rastros da mitologia pagã.

A objeção que vem à tona estaria relacionada ao fato da pintura ser muito mais antiga e que não poderia estar na capa de Juan Diego, tendo sido elaborada no tempo de pregação de São Tomé. O frei adiciona fatores que impossibilitariam a continuidade da crença de que se tratava do manto do índio, como o corte da capa e o material utilizado na confecção ser diferente do usado pelos descendentes de índios como Juan Diego. O mexicano faz questão de frisar que suas indagações são científicas e que por não acreditar que o desenho fosse feito na capa do índio, mas também por não desejar ofender a tradição, disse se tratar da capa de São Tomé, embora acreditasse ser ínfima tal possibilidade.

Ainda que Mier tenha tomado todos esses cuidados na realização de seu sermão, brande a acusação de que os perseguidores persuadiram o povo de que ele havia negado o milagre da tradição de Nossa Senhora de Guadalupe e condena os preconceitos que os clérigos possuíam com relação às antiguidades mexicanas, destruindo seus artefatos quando deveriam ser melhor estudados por guardar conhecimentos que contribuiriam para o entendimento da história do México. Na opinião de frei Servando, não era proibido pregar coisas prováveis, que iam além dos dogmas, contudo, os conquistadores espanhóis sempre procuraram perseguir os indígenas e não foram sensíveis em perceber que aniquilavam a religião cristã pregada por São Tomé em nome do mesmo Deus que os enviava a ensinar o Evangelho.

Causa interesse o espanto do frei diante do silêncio dos clérigos que presenciaram o milagre, como o bispo Zumárraga que, ao longo de sua vida não se pronunciou acerca do milagre nem se utilizou da aparição para converter os indígenas. Las Casas, o maior defensor dos indígenas também não cita em nenhuma de suas linhas o portentoso evento. O mesmo se dá em toda a literatura da conquista e nos estudos dos religiosos e pesquisadores da época que se calam diante do maior de todos os milagres ocorridos. Para Mier, tratava-se de não reconhecer como embaixador da mãe de Deus um índio pobre, rude e desacreditado diante das autoridades coloniais.

Atribuindo-se o papel de historiador, o frei passa a discorrer sobre os primeiros relatórios oficiais sobre o milagre, o início dos cultos e a história da devoção. O dominicano questiona a autenticidade do *Nican Mopohua* como fonte original do relato oficial e as causas do ressurgimento do culto apenas em 1648. Mier conclui que o *Nican Mopohua* não passava de um manuscrito cheio de anacronismos, falsidades, contradições e erros mitológicos, resumindo o texto como auto sacramental, farsa ou comédia feita pelo índio Valeriano, escrito no estilo de seu tempo, para ser representado em festas religiosas. O sacerdote critica a trama simplória e a linguagem usada como palavras exageradas e alheias ao linguajar indígena.

Numa atitude de completo descrédito, Mier esquadrinha o texto da aparição e condena pormenorizadamente o contexto histórico apresentado. As situações são taxadas como inverossímeis e o bispo Zumárraga é apresentado como omissor e caçador de bruxas. Para ele, o texto de Valeriano era repleto de tramas paralelas e tratava Juan Diego como o Moisés americano, a quem a mãe de Deus teria prometido uma era de paz e abundância aos índios que haviam sofrido abusos e misérias sem fim. Tais recursos eram apenas dilações utilizadas pelo poeta para preencher os cinco dias de festividades dedicadas à aparição da imagem. Para salvar a tese de sua defesa, Mier relata que tais fatores eram observáveis por qualquer estudioso, porém, por ser devoto da Virgem de Guadalupe, optou por salvar a tradição e declara: “Porque si los argumentos no tienen solución, son demonstraciones, y como de la verdad no puede demonstrarse lo contrario, la tradición guadalupana

resultaría necesariamente una fábula”²⁶⁰. Mier é explícito ao dizer que “la imagen tiene defectos de pintura [...] y estos defectos, así como prueban que la pintura es de indios, así prueban que no es milagrosa”²⁶¹.

Iniciando a querela sobre o processo sofrido por ele, Mier declara que devorou em silêncio o descrédito, o ódio e as imprecções do povo, mantendo-se recluso em sua cela até o natal de 1794. Como descrito no capítulo primeiro desta dissertação, todos os períodos de martírio sofridos pelo dominicano seriam relacionados a datas importantes para o cristianismo, fazendo frei Servando um paralelo aberto entre a injustiça cometida contra ele e o padecimento de Cristo. O tratamento recebido por ele não era digno de nenhum religioso, muito menos um que, como ele, detinha o grau de doutor e descendia da nobreza mais importante da Espanha, dos duques de Granada e Altamira e também Mioño, bem como do último imperador asteca, Cuauhtémoc.

Preso no dia dos Inocentes, dia 28 de dezembro de 1794, Mier revela que lhe foi vedada qualquer comunicação, sendo afastado de seus livros, de papel, pena e tinteiro, tipo de reação oficial destinada a quem pregou heresia, o que não foi o seu caso. Por ser, em suas palavras, simples e ingênuo, acreditando que se tratava de um erro de pouco vulto e por não querer incomodar os amigos, foi forçado a pedir uma retratação, aceitando que consertaria os erros do sermão, caso comprovassem a falsidade do que havia dito. Porém, a submissão foi considerada nula e o processo prosseguiu sem que o frei fosse sequer ouvido.

Seu primeiro anseio escapista lhe surge numa noite de melancolia, em que debruçado sobre a janela viu um outro frei fugir para encontrar-se às escondidas com uma barregã. Contudo, julgou conveniente conversar com seu advogado que o desaconselhou do intento, ainda que não fosse um delito por se tratar de uma prisão ilegal. Na sexta-feira da Paixão, o frei foi condenado a dez anos de desterro na península, reclusão no convento de Las Caldas e perpétua inabilidade para ensino público em cátedra, púlpito ou confessionário, sendo-lhe suprimido o título de doutor. No domingo de Ramos, Mier é enviado para o forte de San Juan Ulúa, onde perguntado sobre sua condição, declarou-se como *criollo*, razão que justificaria o péssimo tratamento recebido. Oito dias antes da festa litúrgica de *Corpus Christi*, o frei foi enviado convalescente para a Espanha, na fragata mercante *Nueva Empresa*.

Numa breve digressão acerca do advogado, de quem sorveu inspiração para escrever seu sermão, Mier mostra-se abertamente decepcionado com Borunda, que se esquivou de defendê-lo, enquanto o sacerdote o havia protegido ao declarar perante o tribunal haver apenas lido sua obra. Como um desabafo, o dominicano declara que a obra do advogado estaria toda em rascunho, havendo passagens ridículas e seria um absurdo o fato de Borunda ter se utilizado das explicações de De Pauw para iniciar um estudo sobre as origens do continente americano.

²⁶⁰TERESA DE MIER, Servando. *Memorias* v. I Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p. 90.

²⁶¹*Ibidem*, p. 92.

Mier passa a discorrer sobre as censuras encontradas pelas autoridades para impugnar seu sermão como heresia, ao que qualifica de heresias imaginárias, sendo suas proposições tão inocentes quanto o rebanho de ovelhas que Don Quixote tomou por exércitos mouros. O arcebispo Haro havia promulgado um édito em que afirmava a negação do culto por parte de Mier onde teria exposto fatores que confirmariam a existência e as circunstâncias do milagre, as quais o sacerdote, com sua contumaz verve literária, rebate detalhadamente, agregando que o que pretendia a Igreja mexicana era no fundo admoestar que nenhum outro mexicano questionasse os princípios da religião cristã na América. Frei Servando culpa Haro como único responsável por conduzir o clero à insurreição na Nova Espanha, isso devia-se tão somente às iniquidades do arcebispo, seu excesso de poder e influência, sendo contrário a todo *criollo* brilhante que se destacasse na sociedade.

O frei passa a relatar todas as artimanhas judiciárias para frustrar sua apelação e seus efeitos, caso a impusesse. As injúrias processuais repetir-se-iam na Espanha, dando continuidade às ilegalidades em sua ação. O último capítulo de *Apología* é dedicado à condenação aberta dos informes reservados trocados entre o rei, o prior da ordem dominicana, o arcebispo da Nova Espanha e o prelado de Las Caldas. Em uma das cartas, o arcebispo Haro alertava para o fato de Mier ser propenso à fuga, ainda que até aquele momento o dominicano não tivesse realizado nenhuma. Haro ainda alertava para o fato de que o frei era soberbo e sua retratação não havia sido sincera. Acerca de si mesmo, o mexicano declara: “¿Como he de ser soberbio, si nunca he conocido ni la ambición, ni la envidia, compañeras inseparables del orgullo? Lo que tengo, a pesar de mi viveza aparente, es un candor inmenso, fuente de las desgracias de mi vida”²⁶².

Esses informes alegavam também que o dominicano havia sido processado anteriormente e adicionavam novas acusações, como a de ter provocado manifestações públicas de críticas aos vice-reis Revillagigedo e Branciforte. No entanto, nada teria sido provado contra ele e não haveria em sua conduta nada que pudesse desaboná-lo publicamente. Frei Servando finda *Apologías* e passa a contar na *Relación* os embustes sofridos na justiça que tinham o objetivo de completar sua ruína.

1.2 Relación de lo que sucedió en Europa al Doctor Don Servando Teresa de Mier después que fue trasladado allá por resueltas de lo actuado contra él en México, desde julio de 1795 hasta octubre de 1805

1.2.1 Na Espanha, entre fugas e covachuelos

Em seu desterro da pátria mexicana, Mier foi enviado para a metrópole espanhola para que ficasse em reclusão no convento de Las Caldas. Ao relatar para o prior da ordem todos os seus títulos e a razão de sua prisão, o superior do convento teria se compadecido e reconhecido a injustiça cometida, revogando a ordem de prisão e permitindo ao frei que saísse livre pela cidade.

²⁶²*Ibidem*, p. 212.

Como primeira reação, Frei Servando foi buscar auxílio em pessoas influentes para que pudessem atuar de maneira direta sobre seu caso. O frei foi assim recomendado por Juan Bautista Muñoz ao ministro da Graça e Justiça, senhor Laguno, para que conseguisse uma audiência reservada com o rei.

Como um dos primeiros monstros a serem pintados pelo dominicano (ao que Mier faz questão de dizer que copiou apenas o original), surge a figura de Francisco Antonio León, burocrata responsável por responder pelo Conselho das Índias e quem teria continuado a perseguição ao frei na metrópole espanhola. O mexicano afirma que León teria recebido ordens das autoridades novohispanas para dar prosseguimento ao seu martírio, interceptando a possibilidade de uma via reservada com o rei e convencendo o prior da ordem que o mantivesse em vigilância constante. Seu caso foi levado à decisão da Corte, concluindo esta que o frei deveria recolher-se ao convento por dois anos e, após esse período, recobrar a pretensão.

No famoso claustro de Nossa Senhora de Las Caldas, lugar onde Santa Rosa teria operado milagres, Mier viveu em reclusão estrita. Exagera o seu padecimento ao dizer que seu suplício era tamanho por viver em meio ratazanas tão grandes que teriam comido seu chapéu, passando a dormir armado de um pau para que não comessem a ele próprio. Na opinião de Alfonso Reyes, pior do que ser devorado por ratos era o fato de que o frei vivia cercado de néscios, os padres de Las Caldas que lhe inspiravam o mais profundo desdém²⁶³. Os apelidos menos agressivos que o frei utilizava para definir os monges variavam entre idiotas ou mulas.

Como foi visto no segundo capítulo, a primeira fuga de frei Servando seguiu-se à descoberta de que toda sua correspondência era violada pelo prior da clausura. Seguindo os conselhos de Jesus Cristo, *cum percuti fuerint vos in hac civitate, fugite in aliam*, o mexicano fugiu pela janela, deixando apenas um poema que expressava as justificativas de seu ato. Mier foi recapturado e transferido para o monastério de Burgos, causando espanto em sua chegada porque os monges não esperavam ver um homem tão frágil após terem ouvido boatos de que ele era o frei que havia feito pacto com o diabo e conseguido assim levantar uma janela de chumbo em sua fuga.

Causa interesse notar que em suas *Memorias*, inúmeras passagens expressam o desconforto de frei Servando em ser padre ou mesmo pertencer a ordem de São Domingo na Europa. Segundo ele, os confrades, ao tomarem conhecimento de seus títulos de nobreza, do fato de possuir duas primas abadessas no convento de Las Huelgas e de suas qualidades indagavam constantemente, a Mier por que se havia tornado um frei da ordem dominicana, haja vista que este tipo de clérigo era considerado de baixa estirpe e de instrução grosseira na Espanha. Nesse convento, o mexicano teve maior liberdade, dando aulas de oratória aos jovens e estabelecendo contatos com os padres franceses imigrados, adquirindo tanta fama que o consultavam em todo assunto literário.

²⁶³ REYES, Alfonso. *Op. cit.*, p. 438.

Após cumprido o prazo de dois anos, o dominicano apresentou novamente sua pretensão ante o Conselho das Índias. Tendo sucedido Jovellanos a Llaguno como ministro de Graça e de Justiça, Mier foi a ele recomendado. Sabendo da fama de justo e incorruptível do novo ministro, frei Servando fez um soneto que expressava sua admiração e esperança. Jovellanos interessou-se pelo caso do mexicano e exigiu de León uma prestação de contas do andamento do processo e que se concedesse ao frei a mudança de convento em vista da sua fragilidade física diante do rigoroso inverno em Burgos.

Transferido para Cádiz e entrando em contato com a realidade encontrada nos gabinetes da corte, todas as críticas de Frei Servando passam a ser destinadas aos *covachuelos*, pois, em sua opinião, a Espanha era governada somente por eles. O mexicano alerta seus compatriotas acerca da impossibilidade de confiar nas cortes e nos tribunais em razão da venalidade e das intrigas realizadas pelos burocratas, revelando a inexistência de uma via direta recursal com o rei. Sobre os *covachuelos* o dominicano é sucinto em seu julgamento: “Unos son ignorantes, otros muy hábiles; unos, hombres de bien y cristianos; otros, pícaros y hasta ateístas. En general, son viciosos, corrompidos, llenos de concubinas y deudas, porque los sueldos son muy cortos. Así, es notoria su venalidad”²⁶⁴.

Frei Servando utiliza sua pena para descrever toda a estrutura de poder e de atuação dos burocratas, demonstrando sua influência em filtrar as informações que chegariam ou não nas mãos do rei. Além disso, todos os recursos e as decisões proferidas deveriam passar pelo crivo de tais homens da corte a quem cabia decidir o futuro de cada cidadão que demandasse o posicionamento real em alguma lide. O rei não saberia o que assinava e o povo não obedecia diretamente às vontades do monarca, sendo muito raramente descoberta a falcatura de algum *covachuelo*.

Mier passa a descrever todo o andamento dos conselhos e das câmaras de justiça, a atuação dos agentes do governo, camaristas e lobistas, sendo este escrito servandino de alta importância para a contextualização do universo político das Cortes espanholas no tempo de Carlos IV. O frei ressalta a venda de cargos e mitras, além de as ante-salas ministeriais não se preocuparem com o pudor público ao permitirem o abrigo de prostitutas e alcoviteiras. Para ele, as Cortes sempre seriam o foco das paixões, o teatro das intrigas e a reunião dos malévolos.

Frei Servando é transferido para Madri, pois lá poderia entrar com sua defesa nas Cortes. Argüindo que não havia negado a tradição, pedia a impugnação da sentença e do édito do arcebispo Haro e que lhe fossem restituídos suas honras e livros, devendo ser indenizado por seus padecimentos. Sua defesa foi encaminhada para as mãos da Real Academia de História para que julgasse se o sermão era passível de censura. O julgamento do SG por aquele órgão real é contado em minúcias pelo mexicano, relatando os ditames lidos contra sua causa e a favor dela. Suspeitando

²⁶⁴ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias* v. I Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p.244.

de perseguição evidente contra frei Servando, a Academia julgou conveniente ler o seu sermão. Segundo o dominicano, o assombro foi geral diante de uma peça que não agredia a tradição e sim, defendia a glória mexicana. Nas palavras do dominicano, os acadêmicos consideraram a pena exorbitante, estabelecendo-se que Mier não havia negado o milagre, ainda que a tradição fosse considerada uma fábula. Seu escrito estaria livre de nota ou censura teológica e não apenas o édito, como todo o atuado contra ele no México, era ilegal e injusto. Mier atenta que, passado seu caso para o Conselho Fiscal, o conselheiro teria ainda pedido que se multasse e repreendesse o arcebispo Haro e que se restituíssem não apenas a honra e os bens do mexicano, como também que ele fosse indenizado.

Em efeito, seu caso ficou paralisado por mais de um ano após a resolução da Real Academia de História. Mier conclui o capítulo terceiro de sua *Relación*, adicionando a nota de que, embora seu caso tenha permanecido inerte, sua amizade com o bispo Valdés, a quem conheceu em meio às querelas dos tribunais, teria garantido à cidade de Monterrey uma catedral de grande valor. Afirma, assim, que isso era um serviço que a pátria lhe devia.

1.2.2. Chegada em Baiona e na sinagoga com os judeus

Inconformado com as intrigas de León, que não apenas havia atrasado o andamento de seu processo como havia insinuado à Corte que Mier conspirara para a morte do Ministro Caballero, o mexicano montou em uma mula e fugiu de Madri para Burgos na tentativa de chegar à França e salvar sua vida. Chegando a esta cidade, assumiu um comportamento suspeito por sair somente à noite. O hospedeiro da estalagem chamou a milícia local e Mier foi interrogado, sendo encontradas as convocatórias do conselho exigindo seu pronto comparecimento. Frei Servando retornou à reclusão no mosteiro de Burgos e, em sua angústia, seu primeiro pensamento foi abrir um guarda-chuva e saltar pela janela. Todavia, ele se utilizou da ajuda dos confrades e fugiu novamente em meio à escuridão da clausura.

As agruras da fuga para a França revelam passagens curiosas. Frei Servando somente podia fazer o percurso após o pôr-do-sol, por exemplo, para não chamar a atenção dos transeuntes ao longo do dia. Nesse ínterim, León havia espalhado requisitórias em todo o reino nas quais o descrevia como afável e risonho, embora sofresse as agruras do processo judicial. Recomendado por conhecidos a um contrabandista francês, responsável por auxiliar pessoas que não possuíam passaporte para chegar do outro lado da fronteira, Mier assumiu um disfarce e recebeu os documentos do falecido doutor Maniau. Em suas palavras:

“En efecto: me transformaron diabólicamente, hasta ponerme con piedra infernal un lunar sobre la nariz y otro sobre el labio superior. No me habría conocido la madre que me parió. Y con todo, respecto de que León decía en

la requisitoria que era bien parecido, risueño y afable, me exhortaron a ponerme taciturno, triste y feo. Por eso, yo en divisando guardias, torcía los morros, y me ponía bizco, y ejecutaba a la letra el último grito del ejercicio portugués ‘poner las caras feroces a los enemigos’²⁶⁵.

Mier alcançou a fronteira e chegou a Baiona na sexta-feira da paixão de 1801. Segundo seu relato, uma casualidade do destino o fez adentrar na sinagoga dos judeus, quase todos espanhóis de origem, que rezavam os Salmos em castelhano e conservavam os costumes da Espanha. Foi justamente no domingo de Páscoa, diante da pregação de um rabino que afirmava não ter vindo ainda o Messias ao mundo, que frei Servando iniciaria uma das mais interessantes passagens de suas aventuras. No entendimento de Christopher Dominguez, a cena retrata um sacerdote dedicado e fiel, convertido em São Paulo picaresco, curioso e erudito na sabedoria bíblica, que refletia a herança medieval da Nova Espanha²⁶⁶.

O mexicano teria contradito em todos os momentos os argumentos do rabino e com isso foi desafiado a uma disputa pública. Sua demonstração sobre a verdade contidas no Evangelho teria sido tão apaixonada que, convencidos por suas palavras, a comunidade judaica teria não só reconhecido a existência do Messias em Jesus, como até mesmo oferecido ao sacerdote uma jovem bela e rica em matrimônio. Frei Servando disserta que embora tenha recusado a oferta, desde o dia do grande debate teria ficado com tanto crédito entre a comunidade judaica que não apenas o chamavam de *Jajá*, designação hebraica para os sábios, como era o primeiro convidado para todas as funções, além de ser a pessoa a quem os rabinos vinham consultar no momento em que preparavam seus sermões. Mier alega que teria prestado apenas um grande benefício à doutrina da Igreja católica com a conversão de fiéis franceses, por isso não desejando glórias terrenas ainda que também não lhe faltassem pretendentes entre as jovens cristãs que não viam impedimento por causa de seu ofício, uma vez que a Revolução Francesa havia obrigado os sacerdotes a casarem, segundo o relato exagerado do frei.

É necessária uma breve digressão acerca da suposta conversão realizada pelo mexicano no bairro dos judeus. O historiador Dominguez acrescenta o fato de que, encontrados os manuscritos de *Memorias*, seria possível visualizar variações elaboradas por Mier em que a palavra “disputa” se transforma em “conversão de judeus”, ocorrendo também mudanças de cenário, às vezes em Madri outras em Portugal. Seria sendo possível encontrar, ainda, anotações em que o frei se remete à conversão de rabinos ingleses numa versão do *Manifiesto Apologético*. A anedota teria sido recriada por seus biógrafos católicos como Gonzalitos, na obra *Biografía del Benemérito D. Fray Servando Teresa de Mier*, em 1876 e por Artemio de Valle-Arizpe, no livro *Fray Servando Teresa de Mier y Guerra*, em 1933.

²⁶⁵ *Ibidem*, v. II, p. 16.

²⁶⁶ DOMINGUÉZ, Christopher. Artigo: *Fray Servando entre los judios de Bayona*. Fractal n. 13, abril-junho, 1999, ano 03, v.IV, p.11-40. Disponível em: <http://fractal.com.mx/F13domin.html> Último acesso em 10 de julho de 2006.

O interesse de frei Servando pelos judeus era de ordem missionária: amá-los para convertê-los. É provável, contudo, que o sacerdote jamais tenha convertido judeu algum, pois a Igreja católica certamente teria documentado semelhante engenho. Escrita entre os anos de 1817 e 1820, as memórias de Mier em relação a essa passagem já se encontram permeadas dos ideais propostos por Henri Grégoire, embora, na realidade, esse encontro tenha se dado muito posteriormente à sua experiência no bairro judeu. Dominguez acrescenta que Grégoire foi um expoente da tolerância religiosa nos tempos da Revolução Francesa, e talvez, por isso, o mexicano tenha visto os judeus como amigos cuja religião não aprovava, mais respeitava, sendo responsável por reintegrar a figura do judeu na literatura hispânica de maneira honrosa, mostrando-os como hospitaleiros e gentis ao acolherem um viajante solitário²⁶⁷.

De sua amizade com os clérigos franceses que conheceu em Burgos, ainda na Espanha, Mier recebeu uma ajuda financeira de quarenta francos e com isso decidiu ir para Paris. Embora lhe faltasse autorização escrita no passaporte para ir a capital francesa, pois os tempos da revolução exigiam certos cuidados, o mexicano foi aconselhado pelos judeus a alterar sua documentação de forma ilícita, escrevendo de próprio punho, no espaço que havia em branco após o nome da cidade de Baiona, a autorização a ir para Paris.

A falsificação parece ter sido perfeita, pois, junto a dois sapateiros, frei Servando chegou à capital francesa. Seus companheiros de viagem logo encontraram emprego, enquanto ele, ainda que doutor em Teologia, padecia de fome. Essa observação faz Mier empreender uma longa digressão sobre a dificuldade de ser sacerdote na França. Quase desaparecidos na pós-revolução, segundo ele informa, os clérigos teriam sido caçados nos bosques como bestas diabólicas, haja vista que ser padre naqueles tempos de turbulência era ser sinônimo de impostor que enganava o povo, de homem vil, ocioso, ignorante, hipócrita e capaz de todas as maldades para usufruir dos bens terrenos. Nesse sentido, seus conhecidos o recomendavam como homem que, embora fosse sacerdote, era pessoa de bem.

1.2.3 Vida parisiense, encontros intelectuais e elogios à Igreja francesa

Ao chegar a Paris, o primeiro intuito de frei Servando seria o de contatar as pessoas a quem foi recomendado para que o ajudassem em seu franco desamparo. Seus relatos primordiais sobre a cidade manifestam os encontros intelectuais que seriam de profunda importância para o amadurecimento de suas concepções políticas. Foi nesse período que o dominicano conheceu Francisco Zea, botânico da Nova Granada e um dos responsáveis por influenciá-lo acerca da libertação americana do jugo colonial espanhol. Seria também em poucos dias da sua estada na capital francesa que Mier entraria em contato com Simón Rodríguez, com quem dividiria um quarto

²⁶⁷ *Idem.*

e receberia o incentivo, segundo o mexicano, a juntos abrirem uma escola de língua espanhola. A Espanha acabara de ceder a Napoleão a ilha de Santo Domingo e a Louisiana e, por isso, era uma grande oportunidade abrir uma instituição de ensino daquele tipo entre os franceses.

Uma das grandes controvérsias históricas na biografia servandina estabelece-se quando, supostamente, Rodríguez teria trazido a Mier o poema *Atala* de François René Chateaubriand para que fosse traduzido em espanhol. Isso daria não apenas crédito para a escola como também demonstraria a qualidade de ensino dos professores. O poema teria atraído os americanos por retratar uma tragédia cristã entre gentis, a história de amor entre um índio apóstata, Chactas, por uma índia catequizada, Atala, por quem o sacerdote Aubry morreria martirizado, uma metáfora em que se retratava o bom selvagem das terras americanas e a busca da virtude. Ainda que Chateaubriand fosse um dos autores mais festejados do período e tivesse percorrido os Estados Unidos e o Canadá trazendo novas visões sobre o Novo Mundo, o frei mexicano cita apenas que o autor teria ido pessoalmente buscar a tradução, não fazendo outras referências ao escritor francês.

O frei relata que traduziu o poema quase que literalmente para que pudesse ser estudado por seus alunos, embora contivesse muitos nomes botânicos sem reciprocidade em língua espanhola. A tradução foi impressa em nome de Rodríguez, ao que Mier justifica ser esse um tipo de sacrifício exigido dos autores pobres para que custeassem a impressão de suas obras. A amargura do dominicano também estende-se a um inglês chamado Walton, responsável por roubar do frei a história da revolução do México, em suas *Dissentions of Spanish America*.

Alfonso Reyes sustenta a autoria servandina da tradução de *Atala* e o erudito venezuelano Pedro Grasses analisa a suposta tradução, observando ser ela de boa feitura, porém absolutamente literal e cheia de francesismos, comprovando o que frei Servando havia dito sobre o trabalho. Dominguez, porém, não acredita que Mier tivesse se tornado milagrosamente poliglota em apenas poucos meses de cruzada a fronteira com a Espanha e além de Rodríguez estar tão desguarnecido quanto o mexicano, não podendo se passar por empresário. Dominguez acredita que a tradução pertença realmente a Rodríguez, porém que teria sido feita ainda em Baiona, pois dedicou o trabalho aos alunos dessa cidade. Segundo o historiador, a acusação feita por Mier seria uma tentativa frustrada de mascarar sua inferioridade intelectual diante do pedagogo caraquenho²⁶⁸.

As memórias de Mier seguem novo rumo quando, após defender uma dissertação sobre a existência de Jesus Cristo, recebeu de um vigário parisiense a cura da igreja de São Tomé, em meio à escassez de sacerdotes vivida pela França no momento. Frei Servando inicia um longo relato sobre a situação da Igreja católica francesa, demonstrando que se antes da revolução havia cerca de cinquenta paróquias em Paris, após os períodos de turbulência política restavam apenas doze. Mier revela que seguia os jansenistas, como assim chamavam todos os padres que eram solidamente

²⁶⁸ *Idem*.

instruídos em religião e amigos da antiga e legítima disciplina da Igreja, mas que não pensava inteiramente igual a eles. Sua igreja no centro de Paris vivia cheia porque permitia a entrada de fiéis constitucionais, já que não acreditava que seus ministros estavam excomungados. Segundo o frei, “la religión toda es política, me decía un jesuita en Roma; ellos lo saben bien y es un dolor que se mezcle tanta cábala e intriga”²⁶⁹.

Frei Servando disserta sobre a administração dos Sacramentos na Igreja francesa, descrevendo a cerimônia em detalhes, o dízimo e as oblações voluntárias que pela escassez o impediam de vestir-se bem ou comparecer aos teatros, cafés e óperas. Todavia, na opinião do dominicano a liturgia da Igreja francesa seguia o rito galicano antigo, introduzido pelos apóstolos e por isso era o mais fiel à Igreja romana primitiva, qualificando-a como mais devota que a romana atual. Os rituais da primeira comunhão e extrema-unção eram descritos por Mier com total deslumbramento pelo respeito às antigas tradições católicas que exalavam. Idéias que valiam para os rituais de casamento, os quais o frei realizava, porém que também exigia que também fossem registrados na municipalidade, pois os entendia como um tipo de contrato.

Mier se encanta com os buquês das noivas, disserta sobre o celibato dos padres e acerca do vestuário utilizado pelos sacerdotes, que era semelhante ao dos bispos. A historiografia contemporânea encontraria razões nesse fato para compreender o motivo do mexicano ter adotado semelhante modelo em sua vida. O frei debate a importância de se guardar ou não os domingos, e se maravilha não só com a importância da taquigrafia utilizada nos Concílios franceses como também com as idéias lançadas por Henri de Grégoire, de quem recebe incentivos acerca de sua tese sobre o cristianismo pré-colombiano e com quem estabelece trocas intelectuais que influenciariam muito seu ideário político na posteridade.

Sobre sua estada na capital francesa, Mier relembra também o fato de ter sido o único americano que teve a honra de ocupar o lugar de correspondente da cátedra de História no restabelecido Instituto Nacional. O frei finaliza esse capítulo com notícias mundanas, realizando um passeio fictício no cenário parisiense, descrevendo a moda usada pelas mulheres e seus cortes de cabelo, estranhando tanta variação nos penteados. O mexicano deleita-se com os cafés, os espetáculos, os teatros, as bibliotecas e com o circuito ao redor do Palais Royal, onde se poderia ter todo o necessário para a vida, o luxo e a diversão. Diante de uma paisagem tão oposta a de sua terra natal, frei Servando não esquecia da distância cultural e da herança deixada pela Espanha, entendendo-a como povo de bárbaros, repleto de salteadores, cuja realidade se opunha ao resto vivido pela Europa.

1.2.4 A secularização em Roma – passeios e sabores na Itália

²⁶⁹ TERESA DE MIER, Servando. *Memorias* v. II. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946. p. 47.

Com a ajuda do ministro da Espanha em Roma, Vargas Laguna, frei Servando partiu da França, em 1802, com o objetivo de obter a secularização. O mexicano realça o fato de que empreendeu uma viagem de longa distância com apenas uma onça de ouro e diz que muito se desejaria saber como isso sucedia, visto ser ele uma pessoa incapaz de enganos, espertezas ou intrigas. Frei Servando ressalta que o fato de vir de terras tão distantes lhe dava grande prestígio, do que soube tirar proveito admirável, e relata:

“Tenía la fortuna de que mi figura, todavía, en la flor de mi edad, atraía a mi favor los hombres y las mujeres; el de ser de un país tan distante como México me daba una especie de ser mitológico, que excitaba la curiosidad y llamaba la atención; mi genio festivo, candoroso y abierto me conciliaba los ánimos y en oyéndome hablar, para lo que yo procuraba comer en mesa redonda, todos eran mis amigos y nadie podía persuadirse que un hombre de mi instrucción y educación fuese un hombre ordinario”²⁷⁰.

Ao contrário da França, frei Servando possuía péssima imagem dos italianos e do país, pois além do mau cheiro e do calor excessivo, ele entendia Roma como lugar da perfídia e do engano, do veneno, do assassinato e do roubo, onde era preciso estar atento com os cinco sentidos, haja vista que a língua italiana era cheia de cortesias e exageros, todos eram chamados por ilustríssima ou vossa excelência, buscando-se disfarçar a mentira que se infligia. Mier partiu para Nápoles para encontrar a comitiva que levava a esposa de Fernando VII numa tentativa de relatar a ela o seu caso.

Ao chegar à cidade, o séquito real havia partido para a Espanha. No entanto, o frei foi admitido no convento do Rosário onde estabeleceu contato com inúmeros frades, logrando estima geral. Em Nápoles, o mexicano se assombra com a imensa quantidade de ordens religiosas e com os inúmeros monges e monjas, já que não se poderia dar alguns passos sem encontrar um grupo deles. O frei descreve também os pobres da cidade, conhecidos por *lazzaroni*, sinônimo para faladores, sujos e bárbaros, cujo sotaque era muito desagradável, motivo que o leva a digressionar sobre a origem das línguas latinas, os jargões e dialetos presentes na Europa. Soma-se a isso o fato de que o frei, ao relatar as cidades onde esteve, procurou descrever os tipos humanos que encontrava, os hábitos, línguas e cultura. De Nápoles, revela que os habitantes lhe pareciam um povo de índios, porque todos teriam a mesma cor de pele, traça um largo panorama da Igreja ortodoxa grega, se assusta com a feiúra das mulheres que muito se pareciam com os homens, disserta sobre as tradições medievais e sobre seu encontro com relíquias sagradas e o sepulcro do poeta Virgílio.

Mier se impressiona também pelo fato de que assim como na França, também em terras napolitanas, os espanhóis eram vistos como bárbaros, e qualificar alguém como espanhol era sinônimo de xingamento, alertando para o fato de que ouviria o mesmo em sua estadia na Inglaterra e nos Estados Unidos. O frei traz à tona o fato de que os ex-jesuítas expulsos tinham enorme

²⁷⁰ *Ibidem*, p.61.

trabalho em defender os americanos contra a comum associação realizada entre eles e os espanhóis e, em uma nota curta, conta sobre a situação desses clérigos na Itália após a expulsão da América. Frei Servando se espanta com a total ignorância européia sobre os americanos, pois quando se apresentava como originário da América, muitos se admiravam por não ser negro ou o chamavam de índio, enquanto outros pediam notícias de fulano ou sicrano que havia cruzado o oceano, acreditando que as terras americanas fossem tão pequenas quanto a Europa.

Mier resolveu retornar a Roma para dar continuidade ao rescrito de secularização. O dominicano alega que seria fácil alegar nulidade da profissão religiosa e exigir a redução ao estado secular, considerada sua incredulidade acerca da instituição católica, pois havia presenciado todos os tipos de relaxações, além das principais razões que o motivaram a escolher sua profissão se terem baseado em dados falsos. Era obrigado, entretanto, pelas contingências, a continuar como clérigo. Por isso, foi a ele concedido apenas um rescrito comum de secularização, em que permanecia obrigado aos votos e cuja obediência seria transferida do prelado regular à simples obediência ao diocesano.

Em 06 de julho de 1803, foi realizada a completa secularização do mexicano, sendo seu único pedido o direito de ainda usar o hábito dominicano para pregar e rezar a missa. Segundo Mier, sua fama já era grande em Roma como teólogo das congregações e da Inquisição Universal, possuindo a licença para ler livros em razão do título de protonotário apostólico que recebera. Causa interesse o fato de, em muitas partes de sua *Memorias*, o pensador da revolução da independência discorrer em detalhes sobre temas relacionados a vestuário e moda. De sua passagem por terras romanas, o dominicano conta em pormenores as diferenças encontradas nas roupas dos cardeais, bispos, abades e até mesmo o papa. Isso confirma a preocupação com a aparência e títulos que tanto surge nas linhas dos escritos servandinos.

Como na França, Mier destrincha todo o rito litúrgico realizado pelo papa, descreve as cerimônias das basílicas e seu encontro com os sepulcros e catacumbas, as relíquias sagradas de Jesus e dos apóstolos e as pinturas do Vaticano, expressando assombro diante da grandiosidade evocada pela cidade. O frei critica a idéia de infalibilidade do papa, acreditando não serem as bulas infalíveis em razão da política interna que corria por trás de qualquer decisão papal. O frei condena os jesuítas como maior exemplo de poder político, tendo influências acima da média sobre qualquer papado e até mesmo sobre Roma, considerando-os responsáveis pela divulgação da franco-maçonaria na Nova-Espanha.

Frei Servando debruça-se em explicar o carnaval e suas máscaras e assusta-se com a infinidade de estátuas e monumentos romanos, acreditando que as inúmeras Vênus desnudas poderiam assustar estrangeiros pouco acostumados a este tipo de espetáculo. As mulheres romanas são vistas por ele como bonitas e atraentes, ao contrário das napolitanas que seriam feias, morenas ou das

parmesãs chatas e também feias. Os homens italianos pareceriam muito com os espanhóis, mas estes últimos se distinguiriam apenas pelo ar orgulhoso e feroz, marca que os diferenciaria do resto dos europeus. Para frei Servando, Roma poderia ser reduzida em pompa e pouca substância. Prostitutas, ciganos, mendigos, os *castrati* utilizados pelos padres para ganhar dinheiro e os próprios italianos que exploravam as Américas seriam exemplos ruins dos tipos humanos encontrados numa terra preocupada apenas em lucrar e corromper os forasteiros que pra lá se dirigiam.

Antes de finalizar seu relato sobre seus dias na Itália, o frei visa dar notícia acerca de alguns sábios com os quais teve contato. Mier teria estabelecido grandes vínculos de amizade com os ex-jesuítas espanhóis e americanos, como o paraguaio Iturri, a quem elogia por haver dado uma surra em Muñoz, conforme já visto no segundo capítulo. O frei critica as obras de Clavijero e Lacunza, o primeiro em razão das críticas proferidas contra Las Casas, que conforme Mier era apenas um mecanismo utilizado para que suas obras se tornassem conhecidas, e o segundo por sua escrita milenarista, que oferecia solução para todos os problemas, não aparentando ser um grande teólogo.

Em sua saída de Roma, frei Servando percorreria outras cidades italianas, como Toscana onde disse haver encontrado gente mais amável e culta; Florença vista por ele como berço da literatura moderna e lugar para onde se dirigiam os homens refinados e sábios, e Gênova, onde recomendado por Henri Grégoire, entraria em contato com outros dominicanos, estabelecendo novas trocas culturais. Uma interessante passagem relatada pelo mexicano foi a sua visita ao Jardim Botânico de Florença, onde encontrou a planta *maguey*, conhecida na Europa por agave, sendo as alterações onomásticas muito comuns, dando-se o mesmo com o chocolate, conhecido por *teobroma*, ou bebida dos deuses. Passa a descrever com certo entusiasmo a história do cacau e do chocolate, reforçando sua origem americana.

Acerca das reações provocadas pelo chocolate, o frei diz:

“Está demostrado que es el mejor nutritivo que tiene la naturaleza y que sustenta más una onza de chocolate que dos de carne. [...] Los franceses pierden la cabeza del gusto que han tomado al chocolate, de que han hecho mil composiciones con nombres griegos. Los italianos le han compuesto mil canciones. El chocolate forma sus delicias y siempre convidan por gran regalo a tomar la *ciocolatta*”²⁷¹.

1.2.5 A lenda negra da Espanha

A volta à Espanha surge como passagem apta a gerar maiores estudos, pela razão de que frei Servando Teresa de Mier procurou ilustrar um panorama da península de acordo com a visão de um americano que, ao invés de exaltar a grandiosidade e glória da pátria-mãe, buscou criar sua própria lenda negra acerca das terras espanholas e seus habitantes. Para conseguir seu intento, o mexicano

²⁷¹ *Ibidem*, p.127.

expõe um amplo panorama de misérias das cidades que percorreu pronto a mostrar o que ele entendia ser a verdadeira face do reino espanhol.

A descrição minuciosa do país feita pelo dominicano põe em relevo a escassez de terras para cultivo num lugar onde as estações eram sucedidas por mortes repentinas devido às viroses e as enfermidades cruéis que deixavam cegos e aleijados no caminho. Não havia indústrias nem fábricas, nem braços para trabalhar e por isso as pessoas se vestiam com panos rústicos que expressavam a rudeza de seus costumes. A responsável pela pobreza da Espanha era, segundo o frei, a América, pois seguindo os cálculos de Humboldt o continente americano havia derramado muito ouro na península e, com isso, ela teria empobrecido suas forças de sustentação interna.

Acerca dos diferentes tipos físicos e étnicos, frei Servando afirma que embora houvesse grande diversidade cultural, o único aspecto em comum a todos era o fato de serem orgulhos e violentos, bem como ignorantes, folgados, preguiçosos e supersticiosos. Para o mexicano, os catalães eram os mais feios de todos os espanhóis; a palavra *Cataluña* era derivação de *Gollandia*, “terra de godos”, o que explicaria a origem da fisionomia de traços grosseiros e também o fato de não ter encontrado nenhuma mulher realmente bela em Barcelona. Não faltariam à Catalunha pessoas com títulos de nobreza, mas ao invés de serem ricos, eram miseráveis e poucos tinham o que comer. Tais nobres eram os únicos que descendiam das casas reais da antiguidade e de solar conhecido, ao passo que os enobrecidos, ou seja, os que compraram seus títulos, podiam ser encontrados aos milhares.

A viagem servandina chega a Aragão. Para Mier, a razão de saber que se havia chegado a essa cidade dava-se pelo encontro de homens pequenos e feios, semelhantes a ratos, e que a cada frase pronunciada eram adicionadas palavras grosseiras, mostrando-se a terra aragonesa árida e infecunda. De Aragão, Mier prosseguiu até Castela, onde o mexicano se assusta com o vestuário usado, pois os naturais da região levavam um gorro pontiagudo do tipo com que eram representados todos os bruxos na Europa. Em Castela encontrar-se-ia pão e vinho e nada mais. Havia falta de comércio em razão da distância dos portos, dando espaço para a miséria e a imundície.

Em sua entrada em Madri faz questão de ressaltar que, ao contrário das outras capitais européias, as cercanias dos portões de entrada da cidade eram povoadas pelas pessoas mais miseráveis e por lugares em ruínas. Mier faz questão de exagerar certos aspectos, como por exemplo, ao dizer que eram todos os madrilenhos frutos de uma raça degenerada e como um quadro de Goya. O frei relata:

“Hombres e mujeres de Madri parecen enanos, y me llevé grandes chascos jugueteando a veces con alguna niña que yo creía ser de ocho o nueve años, y salíamos con que tenía sus dieciséis. En general se dice que los hijos de Madrid son cabezones, chiquititos, farfullones, culoncitos, fundadores de rosarios y herederos de presidios”²⁷².

²⁷² *Ibidem*, p. 160.

Em Madri, utilizavam-se largamente termos grosseiros para dar nomes às ruas e para chamar as pessoas. Mier inverte o discurso do preconceito e resume:

“Esta es la gente natural del país, gente sin educación, insolente, jaquetona y, en una palabra, españoles al natural, que con su navaja o con piedras despachan a uno, si es menester, después de mil desvergüenzas. Son los majos, los valentones y chulitos de a pie de la mujeres como ellos, y tan desvergonzadas como ellos, entre las cuales se cuentan todas las fruteras y remendonas”²⁷³.

Tamanha desordem social era refletida no ordenamento jurídico-administrativo da Coroa espanhola. O frei expõe a venalidade e a corrupção que se apoderavam das estruturas institucionais que sustentavam a monarquia. Soma-se a isso o fato de que todos os poderosos da Espanha podiam ser encontrados em Madri. Para o mexicano, eles apenas eram os homens mais ignorantes do país, responsáveis pela corrupção de jovens, por sustentar o despotismo de Carlos V e seus sucessores e por se apoderar das riquezas da América. Mier passa a narrar os motivos dos vícios e seus efeitos sobre a política do país, como os casamentos arranjados, as caçadas, as festas do rei e seu retiro nos palácios que demonstravam não apenas as mazelas da alta sociedade, como deles se poderiam gerar políticas não viáveis para o país e para o povo.

No seu passeio por Madri, o frei ressalta a desordem e a sinuosidade das ruas assim como pouco valia descrever os templos, os conselhos e o palácio real, por estarem abandonados ou em estado lastimável. Contudo, Mier reconhece que havia na capital uma grande quantidade de intelectuais que viviam escondidos em razão da política real. O mexicano critica os padres espanhóis como bárbaros, cujas pregações não se igualavam nem em matéria nem em qualidade as do seu país. O jornal *Gaceta de Madrid* não fazia senão copiar os franceses e italianos. Além disso, para Mier, as obras publicadas na capital eram traduções mal feitas e livros de péssima qualidade. Não bastasse isso, em tais obras eram impressas e divulgadas as idéias de De Pauwn, Raynal e Robertson. Para ele, as únicas instituições que deveriam possuir algum crédito eram a Academia de História e a Academia Espanhola, cujos membros eram homens sábios e possuíam correspondentes hábeis.

Em sua opinião, o clima madrilenho era feito de extremos, onde se poderia reduzir a oito meses de inverno e quatro de inferno. Mier não encontra nada de particular no passeio do Museu do Prado e condena as touradas como diversão bárbara, concluindo que “el pueblo de Madrid no pide más que pan y toros”²⁷⁴. Na opinião do mexicano, tudo o que tinha presenciado na capital da monarquia espanhola era *mondongo* que, em jargão popular, queria dizer grosseria, vulgaridade ou baixeza.

²⁷³ *Ibidem*, p. 161.

²⁷⁴ *Idem*, p. 190.

1.2.6 Novas perseguições, a prisão nos Toríbios e fuga para Portugal

Ao retomar a seqüência de eventos sucedidos em sua vida, Mier relata com tristeza a morte de dois de seus benfeitores na cidade de Madri. Sem ter alojamento e dinheiro, o frei se viu novamente não apenas dependente dos contatos com amigos intelectuais para poder sobreviver, como também às voltas com seus perseguidores Haro Jacinto Sánchez Tirado e Francisco Antonio León. A morte do arcebispo Nuñez de Haro não foi motivo suficiente para que fossem extintas as acusações contra o mexicano. Sua volta a Madri trazia consigo o pesado fardo do crime contra a tradição de Nossa Senhora de Guadalupe. Seu caso teria parado nas mãos de um certo Marquina, alcaide-mor e corregedor de Madri e, segundo o mexicano, títere de León e das autoridades que o perseguiram. A nova ordem do governo espanhol exigia a prisão imediata de frei Servando por acreditarem que ele representava um perigo à vida e à tranqüilidade do rei e da família real.

Mier conta sua captura e como foi levado à prisão pública sob suspeita de conspiração. Indagado sobre um papel escrito em francês que trazia consigo, onde supostamente encontrava-se escrita a tramóia contra o Estado, o mexicano teve o documento arrancado de suas mãos, fato que lhe arrancou grandes gargalhadas, pois não justificou aos guardas que se tratava apenas de um conto popular, cheio de picardia, que lia nas horas vagas a título de entretenimento. Interrogado acerca de sua idade, pois o frei contava com cerca de quarenta anos, os carcereiros espantaram-se com sua boa aparência física. Sobre isso, Mier conta com orgulho: “De México salí de treinta y dos años, aunque apenas representaba veinticinco. A los cuarenta representaba treinta y dos; pero salí viejo y con canas de aquella terrible prisión. Las de los españoles no son para detener los hombres como deben ser, sino para matarlos”²⁷⁵.

Com a instauração do inquérito, o dominicano revela uma nova seqüência de abusos de poder e autoridade que lhe sobrevieram, cujo principal objetivo, na sua opinião, era o de apreender seus livros e breves, bem como os escritos e papéis. Mier conta que recusou-se em cooperar com as investigações, sendo transferido para um calabouço em que a única companhia eram os percevejos. O padecimento foi agudo e as acusações contra ele repetitivas, ao não ser pelo fato de adicionarem novos crimes, como a difamação das altas autoridades (como Godoy e sua amante, a rainha) e de portar vestimentas seculares, sendo ainda um clérigo. Seu tempo na prisão é relatado com amargura:

“Todo el rigor del invierno, sin fuego ni capote, pasé en la nevera de aquel calabozo. La ropa se me había podrido en el cuerpo y me llené de piojos, llené con ellos la cama, tan grandes y gordos que la frazada andaba sola; peor era que por el frío y no tener otro abrigo, me era preciso estar lo más en ella. [...] Con el frío, aunque tenía siempre atado mi pañuelo de narices en la cabeza, se me reventó el oído izquierdo y sufría dolores que me tenían en un grito. Veía bajar a la enfermería por cualquier indisposición a los facinerosos, a los ladrones, a los reos de muerte y a los azotados públicos; y yo me veía morir en el calabozo, aunque había resultado inocente”²⁷⁶.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 202.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 209.

Ao final de Janeiro de 1804, foi decretada uma ordem real para que frei Servando fosse transferido para a casa dos Toríbios, em Sevilha. Essa antiga casa de correição de jovens delinqüentes ou simplesmente carentes era considerada a instituição mais bárbara da Espanha. Embora Mier afirme que no tempo em que esteve na casa as técnicas do sistema antigo tinham se amenizado, o mexicano desenha em cores fortes o quadro do estabelecimento, já que ali estavam no seu período não apenas os meninos indômitos ou travessos, mas também homens acusados de violência doméstica, transtornos de comportamento e os inimigos da Coroa espanhola, além dos enviados para lá sob pretexto de ajuste social.

Mier foi alojado em uma cela na qual o companheiro de quarto seria responsável por causar-lhe infinitos tormentos. Seu tempo ocioso era ocupado com a feitura de versos cômicos e zombeteiros, reproduzidos na *Relación*, cujo único objetivo era passar o tempo e provocar risos entre os companheiros. A maioria deles expressa o cotidiano opressor e também tedioso, ridicularizando os métodos adotados e os responsáveis por aplicá-los, expressando uma faceta descontraída, porém ácida do pensador mexicano.

Os versos foram denunciados pelo colega de quarto aos responsáveis pela casa dos Toríbios, provocando forte reação institucional. Se antes era visto como soberbo e altivo, tais qualidades seriam vistas como um componente explosivo as quais somente o isolamento completo poderiam anular. Mier foi conduzido à prisão em uma das torres, algemado e posto preso a uma barra de ferro. Para espanto do responsável pela casa de correição, tendo-se passado vários dias no isolamento, ao invés de encontrar o dominicano triste e cabisbaixo, o frei denotava visível alegria. O mexicano justifica seu comportamento em dizer que todos os santos e Jesus Cristo padeceram da mesma infâmia, mas se tornaram símbolos de virtude e mérito diante da iniquidade do mundo.

A prisão na torre permitia a frei Servando poder escapar em uma nova fuga; ele mesmo se pergunta por que não fez isso e sua resposta é “no sé responder sino que soy el mayor benditón del mundo”²⁷⁷. Talvez o frei desejasse demonstrar que não possuía a tal propensão à evasão tão propalada pelo arcebispo Haro e faz conhecer que:

“Yo soy tan enemigo de cuentos, enredos y chismes, que jamás he reconvenido por ninguna calumnia que se me haya levantado, ni tomándome el trabajo de ir a desengañar a aquel de quien decían que yo había hablado mal. Me he contentado con el testimonio de mi conciencia y despreciado todas las habladurías. He hecho mal, sin duda, porque así crecían las calumnias sin freno, me desacreditaban y me hacían muchos enemigos”²⁷⁸.

Após uma tentativa de assassinato, pois frei Servando havia sido quase enforcado pelo carcereiro, ele resolveu, por fim, salvar sua vida. Eram duas horas da manhã do dia de São João de

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 226.

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 228.

1804, quando Mier após escavar a parede com um prego, conseguiu descer deslizando pela parede da torre em que se encontrava preso. O mexicano seguiu até o porto e embarcou clandestinamente para Cádiz. Ainda que se apresentasse com a alcunha de Ramiro de Vendes, um anagrama perfeito de seu nome, foi reconhecido no barco por um vigário geral da ordem dominicana e novamente encarcerado. De volta aos Toríbios, seus breves papais são roubados por um frade que em seguida fugiria da casa de correição, causando profunda tristeza em frei Servando a ponto de chorar em prantos e permanecer em estado de revolta.

Constantemente perturbado pelo colega de quarto, que não apenas havia roubado uma soma em dinheiro enviada a Mier por seus conhecidos, como também havia lhe tirado um gato, única diversão do dominicano, o frei desabafa ao dizer “yo nací para amar, y es tal mi sensibilidad, que he de amar algo para vivir. Así en mis prisiones, siempre he cuidado aunque no sea sino una arañita, unas hormiguitas, algún ser viviente; y cuando no, de una plantita siquiera. Sentí mucho mi gatito”

²⁷⁹

Não havia outra alternativa a não ser uma nova fuga em direção a Cádiz. Do contato com seus amigos nessa cidade, Mier é aconselhado a fugir para Portugal em uma embarcação que sairia de madrugada em razão da frota de guerra inglesa estar ancorada na baía. Frei Servando sem perceber tornava-se testemunha privilegiada da famosa batalha de Trafalgar, surgida como pano de fundo em suas *Memórias*. Conta que por pouco não perdeu a vida na noite em que pereceram milhares de espanhóis e também o almirante Nelson, general da armada inglesa.

A chegada em Portugal não representava sinônimo de liberdade, pois o frei não se julgava de todo livre dos arbítrios cometidos contra ele pela Coroa espanhola. Segundo o mexicano, era preciso por os pés nos Estados Unidos ou na Inglaterra para se considerar salvo, ao abrigo das leis locais. Frei Servando finda sua *Relación* com a exaltação da prisão de Bonaparte pelos ingleses, considerando os ingleses um verdadeiro povo livre sob o império da lei.

1.3 *Manifesto Apologético*

Ainda que *Manifesto Apologético* seja um documento independente de *Relación*, a conexão entre o estilo de escrita e de temas demonstra que tais peças estavam em completa sincronicidade, não se podendo compreendê-las como escritos em separado. Mier dá prosseguimento ao padecido por ele na sua entrada em Portugal até o seu regresso ao México na expedição de Javier Mina. Frei Servando expressa que sua indignação contra Napoleão o levou a atuar como capelão de infantaria leve de Voluntários de Valencia em Portugal. Em suas palavras, por haver prestado grandes serviços ao exército, o general Blake o havia recomendado a Junta Central, em 1809, para assumir a dignidade da catedral do México, o que não aconteceu em razão do dissolução do órgão. Sobre sua

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 241.

atuação, o frei conta que não teria havido batalha ou combate em que ele não tivesse obtido menção honorífica por seu batalhão.

Há uma grande lacuna acerca dos anos vividos em Portugal, pois Mier toma suas aventuras no *Manifesto* do momento em que teria saído das terras lusitanas de volta a Cádiz, que ainda sofria com os ataques e bombardeios ingleses. Diante de tão conturbada conjuntura em terras espanholas, o frei decidiu refugiar-se em Londres, especialmente porque necessitava imprimir sua HRNE. Nova lacuna surge acerca de sua estadia na Inglaterra, pois apenas descreve que era costume da corte anglicana pensionar os sujeitos que manifestavam especial talento e por isso foi-lhe outorgado um socorro considerável que permitia sua ida para Nova Orleans, porque nessa cidade ele poderia manter melhor comunicação com sua família e receber os auxílios financeiros prometidos.

Antes de partir de Londres em 21 de abril de 1816, Mier conta que recebeu um recado de Javier Mina, a quem não conhecia, senão pela fama, oferecendo-lhe uma vaga em um navio que partiria de Liverpool, de modo que ambos embarcaram quase que sozinhos em direção aos Estados Unidos. Por escrever a maior parte dos textos de suas *Memorias* no ano de 1817, período em que se encontrava preso e submetido ao jugo inquisitorial, Mier é cauteloso em mencionar sua relação com Javier Mina e sobre a expedição, em relação a qual manifesta sua desaprovação e faz questão de ressaltar que não teve participação nela.

Mier descreve Mina como um jovem incauto e simples de apenas vinte e seis anos, cujo atrevimento e valentia não lhe permitiram raciocinar com cautela sobre a ação que empreendia. A expedição de que frei Servando participou chegou ao México, na cidade de Soto la Marina, em 21 de abril de 1817. Na opinião do mexicano era um grande despropósito desembarcar com um punhado de pessoas, muitos norte-americanos, em localidades pobres, despovoadas e distantes do centro onde ocorriam as principais batalhas de insurgência. Mier conta que Mina tinha a ilusão de que os espanhóis da América, ao conhecerem suas propostas, acatariam seus planos e tomariam parte da expedição, o que, segundo o frei, era muito improvável de acontecer.

Frei Servando conta que embora tenha vindo junto com a expedição, não tomou patente alguma, ainda que o chamassem de vigário geral ou capelão do quartel general, demonstrando uma atitude de distanciamento do grupo ao colocar um aviso na porta de seu alojamento em que dizia não receber visitas. Mier faz conhecer as vulneráveis instalações do forte, que não possuía água, víveres ou carvão, tendo alertado ao comandante Mina sobre que tamanha fragilidade poderia ser um ponto de vantagem para as tropas regalistas, ao que não foi ouvido.

Diante dos ataques das forças oficiais da Nova Espanha, Mier decidiu alertar os paisanos para que se afastassem do perigo e aguardou a primeira ocasião para entregar-se e, com isso, receber o direito ao indulto. O frei apresentou-se diante das autoridades regalistas. Não obstante, a fama do mexicano de ser apóstata da religião e de haver fugido do processo no tribunal do Santo

Ofício era notória. A promessa de indulto aos que se entregassem obviamente foi quebrada, sendo o dominicano preso na cidade de Monterrey.

Mier conta que foi acusado de se anunciar como prelado doméstico do papa e protonotário apostólico, vestindo as vestes de bispo sem documentação que garantisse tal título, havendo concedido indulgências e ultrapassado funções pontificias sobre diocese alheia. Foi achado em seu poder uma impressão de HRNE e foram-lhe retirados todos os seus escritos e papéis. O frei teve de percorrer, já na idade de cinquenta e dois anos, longas distâncias em cima de uma mula até chegar à cidade do México, para onde havia sido enviado. O caminho representou sua *via crucis* pessoal, pois mesmo acometido por uma violenta febre, o mexicano era ameaçado a todo instante de fuzilamento pelos guardas que o escoltavam que também escarneciam sua condição de americano e clérigo. A trajetória percorrida era ainda mais perigosa, pois era preciso passar por rios caudalosos, florestas e precipícios, alternando-se o clima entre tempestades, calor excessivo e nevoeiros. Como maior consequência de sua viagem, foi o tombo que Mier sofreu após montar um cavalo arisco, machucando gravemente seu braço direito, que não voltaria a se recuperar.

Às oito horas da noite do dia 13 de agosto de 1817, frei Servando foi entregue ao tribunal da Inquisição, no momento da chegada na Cidade do México. Mier estranha o fato de ter sido muito bem tratado, recebendo uma cela espaçosa e ventilada, com comida e vinho, preenchendo as horas vagas com o cultivo de um jardim, lendo e compondo poemas que retratavam a injustiça cometida contra ele, acusado de ser réu da fé quando apenas era um criminoso político.

Com a decisão de se extinguir o tribunal do Santo Ofício pela Constituição espanhola, houve grande alvoroço entre os inquisidores que precisavam julgar os casos apressadamente para esvaziar suas celas. Assim, os julgamentos foram feitos de maneira improvisada. Após três anos de absoluto esquecimento, Mier foi chamado para comparecer diante do tribunal. Suas cartas, livros e papéis foram investigados e analisados, bem como os motivos de sua prisão retomados. Sua audição terminou sem nenhuma sentença, absolvição ou repreensão, na sua opinião, era notório que os inquisidores reconheciam sua inocência ainda que não tivessem competência para julgar um prelado doméstico do papa que possuía todos os privilégios de um bispo.

Da prisão na inquisição, frei Servando foi encaminhado ao cárcere municipal. Segundo ele, a Audiência estava curiosa em conhecer a um homem cujas perseguições lhe granjearam grande celebridade. Este órgão informou-o que seria julgado por um tribunal misto, por autoridades eclesiásticas e militares, fato que revoltou frei Servando, que se utilizou de toda a legislação vigente para provar que não existia nenhum órgão judicial hermafrodita. Mier entende sua peculiar situação como incapacidade legal de se julgar a um bispo, sendo ele visto como uma ameaça para a manutenção do sistema regalista na Nova Espanha. Além disso, o indulto não poderia ser aplicado porque se excluía de tal benesse os rebeldes e traidores da América, fator que provocou profunda

irritação no mexicano que exigia provas de tal postura. Sobre sua complicada situação, o frei esclarece:

“El origen principal de una vida llena de desgracias es mi candor y la sencillez de un niño. En vano mis amigos me han exhortado a tener, decían, un poco de picardía cristiana. No está en mi mano tener malicia. Y los que confunden con ella la extremada viveza pintada en toda mi figura no se acuerdan que es muy compatible con el candor que se notó casi siempre en todos los grandes ingenios”²⁸⁰.

Mier, em tom apaixonado e agindo em própria defesa, argumenta ainda que:

“Yo desafío a ser mi enemigo quien llegar a conocerme. Vería que la acrimonia misma de mis discursos proviene de la ingenuidad con que no acierto a disfrazar la verdad y aún me sorprendo de haber ofendido con ella. [...] Mi imaginación es un fuego, pero mi corazón está sobre la región de los truenos”²⁸¹.

Após vinte e cinco anos de sua partida da Nova Espanha, Mier foi enviado novamente para o forte de San Juan Ulúa, em Veracruz, obtendo por pena nova expatriação para a Espanha. Mier finaliza o manifesto criticando o sistema de degredo, mas sinalizando certa esperança sobre o fato das Cortes terem declarado anistia aos americanos presos por motivos de insurreição em 11 de junho de 1820.

1.4 De la “*exposición de la persecución que ha padecido desde 14 de junio de 1817 hasta el presente de 1822 el doctor Servando Teresa de Mier, Noriega, Guerra etc*”

Escrevendo sua *Exposición* da fortaleza de San Juan Ulúa, Mier relata que o governador de Veracruz, o general José D’Ávila lhe permitia alguma liberdade no interior do forte e o convidou a representar o que possuía em seu favor. Diante de tamanha oportunidade, frei Servando expressou suas críticas ao regime de expatriação como lei que provinha do despotismo absoluto, cujo objetivo era tornar proscritos os americanos que mais sobressaíam por suas luzes e talentos.

Frei Servando afirma que o governador de Veracruz consultou a Audiência, que decidiu por sua liberdade. Contudo, a resposta do vice-rei Apodaca condenava as afirmações do frei, pois não se havia considerado as extraordinárias circunstâncias do sujeito diante da crítica situação do país, por isso o conveniente seria dar continuidade à pena de expatriação. Utilizando-se dos documentos deixados pela inquisição, frei Servando demonstra que sua prisão se dera por ser considerado um homem perigoso e terrível, com um talento extraordinário, uma instrução vasta e uma grande facilidade de criação, um gênio vivo e intrépido, um espírito tranquilo e superior às suas desgraças. Mier era acusado de amar a independência e de havê-la promovido nas Américas por meio de seus escritos, cheios de veneno e doutrinas nocivas.

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 293.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 294.

Conforme visto no terceiro capítulo, o mexicano foi conduzido a Havana onde novas petições foram apresentadas, em que pedia para não ser enviado à Espanha em razão de sofrer enfermidades, por contar com a idade de cinquenta e oito anos e não possuir rendas para retornar ao México, pois sabia que, ao chegar à península, em breve o absolveriam. As demandas não foram ouvidas e, como alternativa para manter-se vivo, o frei decidiu escapar do hospital em que se tratava, fugindo para os Estados Unidos com um passaporte falso.

Novas lacunas sobre os oito meses vividos em terras norte-americanas surgem nessa *Exposición*, frei Servando retoma as narrativas do ponto em que, sabedor das mudanças políticas operadas no México, percebeu o momento propício para voltar para seu país natal. Ao chegar em Veracruz, Mier foi logo reconhecido e sua prisão decretada, sendo requisitado pelas autoridades de Havana para dar continuidade à pena de expatiação. Todavia, uma contra-ordem trazia a informação de que a deputação mexicana do Congresso constituinte recém estabelecido exigia a presença de frei Servando Teresa de Mier como deputado por Novo Leão. Mier escreve o último documento de suas *Memorias* no tempo verbal presente, pois ainda encontrava-se preso em San Juan Ulúa, aguardando os resultados que seriam auferidos com a petição de Bustamante.

O mexicano finaliza o documento questionando não só os motivos de ainda estar preso, mas a finalidade da política. Em seu ver, a política seria os princípios da moral aplicada às nações, não podendo ser ela considerada o inverso da moral, por isso não era cabível que se violasse qualquer direito do próximo por ser conveniente à ordem do Estado. O indivíduo teria direito à liberdade natural doada por Deus, disso decorreria o absurdo da escravidão como delito gravíssimo, e em tom de sofreguidão, as *Memorias* de Mier terminam com um apelo à liberdade:

“¿La prisión es peor que la esclavitud porque el esclavo está sujeto a un amo pero anda libre, goza del sol y respira el aire. En una palabra, si apoderarse de una persona libre y tenerla encadenada porque así le parece que conviene, no es despotismo cuál es? El sultán de Constantinopla y los reyes antes de la Constitución dejaban de oprimir sin decir que así les parecía que convenía a sus regalías y bien de su Estado. Esta razón arbitraria que no es más que el puro despotismo es la que la Constitución les ha arrancado porque es comodín para oprimir a quien se les antoja”²⁸².

1.5 *Memorias* e a construção da identidade americana

Pode-se entender as *Memorias* como um escrito de caráter personalístico, em que frei Servando Teresa de Mier desnuda suas emoções num tom confessional e percorre novamente o caminho de suas aventuras revelando em diferentes nuances as impressões dos lugares que percorreu e as experiências pessoais vividas, livres de rigores formalísticos, pintando com ampla desenvoltura o quadro sócio-político e cultural da Europa, mais detalhadamente a Espanha, bem

²⁸² *Ibidem*, p. 317-318.

como cenário mexicano de então. Nesse sentido, tal conjunto de documentos traz consigo um conteúdo de grande riqueza para o contexto da independência hispano-americana e, em especial, para a História das Idéias mexicanas sendo as categorias históricas memória, identidade e representação o instrumental primordial para uma melhor abordagem historiográfica diante da natureza deste escrito servandino.

Iniciando o estudo pela análise de *Apología*, é válido expor o entendimento de Héctor Perea sobre a obra, ao dizer que:

“Pocas veces puede uno conocer desde sus raíces el origen de una tragedia personal. [...] Pero mucho más difícil es el hecho de que el propio desventurado se encargue de documentarla, así sea tiempo después. Servando Teresa de Mier no sólo documentó el hecho, sino que además le dedicó un libro entero que tituló *Apología*. Pero a la falta de precisión y a las muy probables exageraciones, transmutaciones y trampantojos aplicados por el enfrailes en beneficio propio, los cuales a final de cuentas poco importan ya pues la historia hace mucho que estuvo escrita, habría que sumar a los más valioso de la prosa de Teresa de Mier. Aunque para leer a este autor deberemos aplicar lo mejor de la perspicacia y de la malicia, pues agudo y complicado sí que fue Servando...”²⁸³.

A importância de *Apología* está centrada no fato de que ao tentar justificar sua teoria, frei Mier passa a dar mais importância à empresa conquistadora, porém com árdua crítica à política peninsular por tentar apagar a presença indígena, ao mesmo tempo em que permitia a utilização de símbolos na difusão do evangelho, como foi o caso de Nossa Senhora de Guadalupe. Na opinião de Victor Barrera Enderle, embora a *Apología* não se propusesse a atacar a autoridade e a legitimidade do clero metropolitano, o texto termina por denunciar a falsidade de uma fé atribuída originalmente ao povo indígena, preferindo-se acreditar numa comédia do índio Valeriano do que aceitar o sermão servandino como defesa da tradição; o escrito que teria se iniciado como uma reafirmação do milagre finda por sua quase total negação²⁸⁴.

Cabe ainda ressaltar o entendimento de Enderle no que se refere aos universos em que gira sua palavra escrita. *Memorias*, portanto configura dois mundos por onde Mier se movimentaria: no universo da escrita ele seria um sábio, um especialista, sendo respaldado pela tradição gráfica; e no plano da oralidade, que abarca as relações cotidianas, o frei se descreve como inocente. Se em *Apología*, o mexicano demonstra toda a sua verve literária embasada em leituras e conhecimento intelectual, no momento vivido de perseguições e embustes ele se auto-retrata como puro, retraído e desconhecedor das maldades humanas.

²⁸³ PEREA, Héctor. “Estudo preliminar”. In: TERESA DE MIER, Servando. *Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista Nexos. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003. (Coleção Los imprescindibles).

²⁸⁴ BARRERA ENDERLE, Victor. Artigo: *La fuga como arte escritural: el grafocentrismo en las memorias de Fray Servando Teresa de Mier, Sincronía, El Colegio de México*. Outono, 2001. Disponible em: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/lafuga.html/>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

Outra observação a ser mais detidamente explorada se dá pelo fato de que, o surgimento de novos elementos sociais nas estruturas em que antes se sustentava o Antigo Regime traziam consigo novas exigências acerca da compreensão do passado, buscando-se nele elementos de legitimidade que justificassem a instauração de um novo tipo ou de uma forma remodelada de poder com suas próprias concepções culturais e simbólicas. Exemplo disso são os *criollos* no caso do universo da Hispano-América. Essas formações sociais ensejariam reinvenções do passado, aptas a enraizar as novas memórias em construção, tendência essa que alcançaria seu apogeu ao longo do século XIX, período em que se assistiu ao processo de formação de um novo conceito de nação baseado no reconhecimento de uma identidade coletiva de cunho geopolítico, freqüentemente associada a conceitos como língua, cultura, religião e etnia.

Na opinião do professor titular de Semântica e Lingüística Aplicada na UNICAMP, indiano radicado no Brasil, Kanavillil Rajagopalan, ainda que tais conceitos oferecessem um tipo de abordagem satisfatória acerca da compreensão sobre o processo de construção das identidades, seria fundamental observar o papel das representações na criação de tais identidades²⁸⁵. As representações expressariam as idéias e sentimentos dos grupos ou indivíduos que as forjam, dando uma definição específica do objeto por elas representado. Pela compreensão de Denise Jodelet, essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo seriam aptas a construir uma visão consensual da realidade válida para esse grupo em específico, que, por sua vez, poderia vir a entrar em conflito com a de outros grupos, demonstrando-se as funções dinâmicas das representações sociais²⁸⁶. Jodelet acredita que nada impediria que tais representações assumissem finalidades políticas, culturais e sociais prontas a formular sistemas e teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações. A construção da identidade seria, portanto marcadamente relacional, baseada na exclusão, na escolha de símbolos e no desejo de diferenciação, buscando no outro elementos para a autocompreensão.

Mais do que entender os espanhóis como *mondongos*, isto é, homens brutos, grosseiros, preguiçosos e ignorantes, é preciso observar que Frei Servando traça paralelamente a visão do americano em oposição completa a tais idéias. O SG é retomado nas *Apologias* por ter sido estopim de sua vida pública ao evocar um assunto de identidade, da inteligência americana em oposição à imposição peninsular. Americano ilustre ou *criollo* brilhante não seriam, portanto, termos meramente utilizados por Mier em tom de vaidade para definir a si mesmo, eles também podem ser considerados emblemas das qualidades do homem oriundo das Américas. O sacerdote mexicano

²⁸⁵ RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A construção de identidades e a política de representações*. In FERREIRA, Lucia e ORRICO, Evelyn (orgs.) *Linguagem, Identidade e Memória Social: novas tendências e articulações*. Rio de Janeiro: DP& A, 2002, p.83.

²⁸⁶ JODELET, Denise. "Representações sociais: um domínio em expansão". In: Denise Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.21.

coloca-se exposto nas vitrines européias como protótipo do verdadeiro caráter americano, permeado de candura natural, ingenuidade, piedade, porém também arguto e nobre, guerreiro e defensor da justiça ainda que vítima implacável dos algozes espanhóis.

A saga de perseguições e iniquidades projetadas na vida de Mier surgiria como metáfora para o entendimento da história da conquista e destruição das Américas, pois tanto elas como ele próprio foram vítimas dos abusos empreendidos pela Espanha contra a grandiosidade do continente e seus habitantes. A visão maniqueísta apresentada nas obras servandinas, e em especial na HRNE e nas *Memorias*, faz parte do objetivo empreendido pelo sacerdote de realizar um trabalho de enraizamento de uma nova representação dos espanhóis, com a meta de integrá-la numa rede de significações e valores sociais apta a dar coerência ao universo *criollo*, que surgia como força preponderante. Daí a importância de se identificar um outro elemento ou grupo social para, em seguida, demonizá-lo e rejeitá-lo como condição essencial para dar a si próprio uma nova razão de ser, um valor social.

A noção de identidade surgiria, portanto, como uma construção social, que condiciona os indivíduos a selecionarem o seu passado, estabelecendo-se escolhas que definiriam não apenas o caráter daqueles a que se quer diferenciar como também, concomitantemente, se moldaria o próprio sistema de crenças e valores aptos a oferecer a tal grupo um vínculo social e um sentido de unidade e de pertença. Isso talvez possa explicar a insistência de frei Servando em reconsiderar de forma constante os elementos do SG e o milagre de Nossa Senhora de Guadalupe em boa parte das obras que escreveu. O chamamento reiterado das principais hipóteses da pregação foram estopim para sua vida insurgente surge como mecanismo que apela para o símbolo máximo da religiosidade mexicana a fim de lhe atribuir uma visão política que condiga com a nova história da nação que se implantava. O passado era modelado de maneira que correspondesse a uma nova construção cultural, social e política que se fizesse digno da pátria que se forjava. Nesse sentido, as lutas em torno do processo de elaboração da identidade mexicana fizeram com que se manipulassem as imagens de crença de maneira estratégica de modo que fosse estabelecido um tipo de consenso e cujo sentido se projetava em direção ao esplendor de um tempo futuro, sendo seus sinais encontrados num passado não menos glorioso.

A diferença cultural entre espanhóis e americanos é experienciada por Mier na própria carne, pois se tornou vítima não apenas de discriminação cultural, como também da desvalorização intelectual, sendo seus títulos anulados e sua escrita proibida. O conjunto entendido por *Memorias* está pronto, portanto, a servir de estandarte ao soerguimento da identidade americana em detrimento dos anos de dominação espanhola. Dessa maneira, pode-se compreender melhor o vínculo estabelecido entre identidade e memória como ligados ao sentimento de pertença, ao se buscar no passado elementos para a legitimação de uma identidade coletiva. Por ser seletiva, a memória

elaborada pela geração insurgente foi aquela apta a ligar o passado ao futuro por meio de um fio teleológico, em que se deu suporte à identidade em formação ao se rememorar somente os aspectos gloriosos que surgiam como sinais pretéritos de uma pátria há muito destinada a figurar entre as grandes nações do mundo. Portanto, é possível afirmar que a memória histórica empreendida por Mier de confissão individual, passa a atingir dimensão coletiva, pois embora de caráter pessoal, ela estaria apoiada em referenciais coletivos que atribuem sentidos a sociedade a que se destina.

Observando-se mais especificamente o papel da memória, é preciso fazer conhecer que embora história e memória tenham o passado por mesmo substrato, haveria diferenças substanciais na maneira como ele é interpretado. No entendimento de Júlio Pimentel Pinto²⁸⁷, a narrativa memorialista reincorpora aos tempos pretéritos manifestações subjetivas, assumindo dimensões psicológicas e íntimas, numa relação pessoal com os tempos idos. A memória não se vincularia estreitamente à experiência vivida, ela poderia carregar consigo elementos de criação e ficção, escapando do rigor da historiografia em relatar o passado assim como ele aconteceu. Todavia, a memória não se sujeitaria por completo à imaginação, ela estaria circundada por bordas que possam lhe conferir certo grau de realidade dando coerência e significado aos indivíduos a quem sua leitura se destina.

Da leitura de *Memorias* tem-se a sensação de se circular por um universo onde realidade e ficção se imiscuíram de maneira indelével, pois ainda que os fatos atribuídos a Mier e os cenários pelos quais o frei se movimentou possam muitos deles ter balizamento histórico, a maneira como são apresentados dão margem à questionamentos que desacreditam o grau de veracidade contido em cada passagem. Escrito em tom laudatório de seus próprios feitos, o mexicano em tal conjunto de documentos utiliza lentes de aumento que agigantam sua perseguição e sua importância nos lugares que passou e com as pessoas com quem conviveu. *Memorias* bem poderia ser entendida como uma epopéia em que frei Servando surge como herói coletivo, sacralizando suas origens, reinventando suas ações a fim de se firmar como um autêntico libertador americano cujas glórias e bravuras deveriam ser rememoradas com louvor e repetidamente.

Dessa feita, a querela com as autoridades novo-hispanas adquire tonalidade de martírio sagrado, razão pela qual marcava as datas principais de sua perseguição de acordo com os dias santos, sendo o próprio Mier tão puro e injustiçado como Cristo. Era perseguido tanto no México quanto na Espanha por sua grande fama de orador e por seu brilho americano, sendo por isso reconhecido por todas as autoridades em ambos os lados do Atlântico, que a todo momento continuavam em seu encalço com espíões, vigias, intimações e requisitórias e nunca teriam soltado as rédeas de sua perseguição. Contrariando seu caráter dócil e ingênuo, Mier fugia seguindo os

²⁸⁷ Ver PINTO, Júlio Pimentel. “Todos os passados criados pela memória”. In: LEIBING, Annette et BENNINGHOFF-LUHL, Sibylle (organizadoras) *Devorando o tempo – Brasil, o país sem memória*. São Paulo: Editora Mandarim, 2001. p. 295- 298.

conselhos de Jesus. Suas fugas tinham caráter fantástico, pois não lhe era inconcebível a idéia de escapar com um guarda-chuva, descer de uma torre alta sem cordas ou destruir uma parede com um prego. Seus disfarces eram tão perfeitos que chegavam ao ponto de mascarar sua boa aparência e transformá-lo num homem feio e taciturno, ao mesmo tempo em que as mulheres camponesas ofereciam-se de bom grado para ajudar um padre em fuga.

Mier convertia judeus, ganhava uma paróquia, traduzia a *Atala* de Chateaubriand e foi eleito membro do Instituto Nacional da França sem que historicamente se comprove que ele possuía fluência em língua francesa. Além disso, foi escolhido protonotário apostólico quando se secularizou, usando roupas e portando-se como um bispo. Assiste de camarote a batalha de Trafalgar, sem manifestar nenhuma preocupação diante do massacre da marinha espanhola pelas frotas inglesas. Frei Servando pintou monstros e cárceres infernais, acolheu pulgas, percevejos, formigas e gatos como São Francisco de Assis. Mier viajou pela Europa com apenas uma *onza de oro* e, como um De Pauw americano, retratou o clima e seus tipos físicos com um exotismo pejorativo chegando a encontrar anões, bruxos, mulheres feias e semelhantes a homens, homens pequenos e feios parecidos a ratos, ciganos, prostitutas, *lazzaronis*, *castratis* e *mondongos*. A travessia do México montado em uma mula é mostrada como um suplício que ultrapassa as barreiras da humanidade, ao qual somente um herói ou um homem de especial envergadura seria capaz de suportar.

Assim como outros escritos de frei Servando, *Memorias* carrega em si diferentes gêneros literários em um mesmo corpo. Além de narrativa memorialista e escrita de caráter insurgente, pelo fato de que emergem da leitura críticas às ações espanholas entendidas no contexto da vida do frei. Tal conjunto de textos pode ser também entendido como literatura de viagem. A chegada de Mier ao velho mundo colocá-lo-ia em uma situação especial, a de estrangeiro proveniente do Novo Mundo, realizando aquilo que Enderle compreende por crônica inversa, isto é, a descrição de um americano do universo da metrópole.

Se De Pauw, Raynal, Robertson e Buffon foram os célebres enciclopedistas europeus responsáveis por catalogar e descrever os tipos humanos, clima, fauna e flora dos trópicos, sempre de maneira pejorativa, de modo a reforçar a superioridade do Velho Mundo, Mier se atribuiria o esforço de criar uma nova imagem da Europa, e em especial da Espanha, no intuito de mostrar aos americanos as vicissitudes e mazelas das terras supostamente consideradas mais valorosas que o continente americano. Frei Servando cria uma lenda negra espanhola, revelando a degradação e o seu estado de parasita em relação às colônias da América, bem como realiza um inventário de usos e costumes dos povos considerados civilizados, numa tentativa de demonstrar o atraso e rusticidade de tais sociedades.

Entendendo-se as narrativas de viagem como um processo de transculturação, assumindo o ato de descrever um papel de construção de conhecimentos, imaginários e representações, cabe observar em *Memorias* a aplicação do conceito de geografia imaginativa, cunhado por Edward Said, em que entidades geográficas seriam historicamente construídas, acumulando ampla gama de significado, associações e conotações as quais não necessariamente se referiam ao lugar real, mas ao significado que rodeava a palavra²⁸⁸. Tal tipo de abordagem contribuiu para a compreensão da construção literária da alteridade no encontro Europa e resto do mundo, e em especial a América, com base na observação das imagens.

Esse tipo de entendimento também pode ser adaptado para as narrativas de frei Servando, pois o mexicano faz largo uso da geografia imaginativa ao buscar reunir palavras, imagens, símbolos e idéias apropriadas com o intuito de ajudar a moldar não apenas uma nova visão da Europa, agora vista como um lugar enfermo, degenerado e em ampla decadência, como também de indiretamente revelar a atmosfera paradisíaca e promissora das terras americanas, ainda que todavia dominadas pela Espanha. Mier realiza algo típico à literatura de viagem desse período que é a associação de valores morais com características climáticas, como por exemplo, o mau cheiro de Roma e seu calor excessivo serem articulados à idéia de perfídia e esperteza dos italianos; já na Espanha as estações serem seguidas por morte e viroses sendo os espanhóis descritos como orgulhosos, grosseiros e violentos.

A narrativa de viagem seria uma importante etapa no processo de viajar. No entanto, não se pode cobrar de frei Servando um relato científico como o empreendido por Humboldt, por exemplo. Embora o mexicano acredite ter empreendido esforços para descrever os lugares que percorreu com imparcialidade, sua narração é permeada por paixões e repulsas, exageros e deformações que expressavam as angústias de um americano exposto à peculiaridade do Velho Mundo. Frei Servando ao se chocar com o que descobria acerca da realidade do que se entendia por mundo civilizado, escrevia com a intenção de denunciar a ignorância, corrupção e miséria da cultura imposta, detonando uma amarga decepção com o universo que lhe surgia diante dos olhos.

Enderle entende que, embora a narrativa memorialista seja vista como menor em relação a outros gêneros literários, a obra de Mier teria maior relevância por provir de um letrado e por surgir da polêmica causada pelo SG, que assumiria por isso relevância coletiva, convertendo-se em um texto canônico para a formação cultural hispano-americana²⁸⁹. Seu principal valor adviria do fato de reafirmar a tendência alfabetizadora do processo de insurgência ao buscar consolidar as tendências ideológicas do liberalismo e do catolicismo, com o desejo de estabelecer a homogeneidade, a

²⁸⁸ SAID, Edward *apud* MARTINS, Luciana Melo. *O Rio de Janeiro dos Viajantes – o olhar Britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.25.

²⁸⁹ BARRERA ENDERLE, Victor. *Op.cit.*

unidade identitária e cultural. O esforço de frei Servando dar-se-ia no sentido de contribuir para a construção de uma identidade forçosamente distinta da espanhola, na qual a incorporação da interpretação dos símbolos pré-colombianos surgiria como estratégia para a construção de um caráter eminentemente antiespanhol.

Memorias surge como um embrião da autêntica expressão americana onde o uso da primeira pessoa do singular é fator bastante significativo por especificar o ponto de origem da fala emanada, ou seja, por fazer ressoar a voz americana. Apresenta cenários, ações e personagens que fazem lembrar a literatura cavalheiresca a não ser pelo fato do protagonista ser um intelectual americano que anseia pelo reconhecimento do seu lugar de fala e pela tomada de consciência gerada pelo sentimento de pertença por parte de seus conterrâneos. O fato de se vangloriar de seus feitos, chegando até mesmo a inventá-los, vincula-se ao desejo de encontrar lugar de respeito entre os grandes intelectuais europeus, a fim de enaltecer, também assim, sua terra natal. Mier era o selvagem ilustrado transplantado para terras estrangeiras, um turista acidental para quem as descobertas iriam ocorrer de forma quase que concomitante, fossem elas em nível pessoal ou intelectual, mas que era, sobretudo, alguém que permaneceria com os olhos voltados para o país natal, suas questões e grandezas, lugar ao qual destinava todos os escritos e esperanças.

Considerações Finais

Ao longo desta dissertação foi possível perceber o processo de transposição do ideário reformista, trazido pelo iluminismo e pelas correntes liberais, para o universo mental da América Espanhola, em especial o México, por meio do estudo das obras de frei Servando Teresa de Mier. Como se pôde observar, como resultante do encontro entre a tradição cultural mexicana e as vertentes teóricas da Ilustração deu-se o surgimento de um arsenal intelectual original e complexo, não se podendo falar simplesmente de repasse puro e simples de conceitos, termos e práticas sócio-políticas, mas sobretudo, de elaborações específicas e adaptações dos elementos da modernidade à realidade política e social, bem como aos costumes e práticas reiteradas, ligados aos fatores irracionais presente na sociedade mexicana do período compreendido entre o final do século XVIII e as duas primeiras décadas do século XIX.

O Sermão Guadalupano de 1794 lança Mier do espaço privado para o público, da reflexão para articulação; se uma proposição usurpava dos espanhóis o direito de pregar o evangelho, a outra tornava equivalentes Nossa Senhora e Tonatzin. Essa ousadia servandina deixou transparecer os primeiros indícios de um questionamento mais profundo acerca da condição das colônias hispano-americanas. Ao focar sobre o prisma político o milagre da aparição, Mier retirou a justificativa da conquista espiritual utilizada pelos espanhóis para o domínio do Novo Mundo, ao mesmo tempo que ensejava a criação de um sentimento de identidade nacional e de especialidade da Nova Espanha perante o universo colonial. Contudo, a sua plena identificação com as demandas *criollas* ainda não havia sido plenamente desenvolvida, pois é somente com sua expatriação para o Velho Mundo e com o contato com as correntes reformistas que a reflexão acerca real estado de sua terra natal e do continente americano alcançaria maior robustez.

Como bem observa Juan Durán Luzio, a vida de peregrinações, fugas e aventuras de Mier por terras européias torna-se uma viagem de confirmação da intransigência de fanatismos que seus amos levaram para as colônias; é uma viagem de despertar e sem dúvida, de maturação da sua própria consciência de *criollo*²⁹⁰. Esse dinamismo vital conduziria a um tipo de renovação interior que seria posto a serviço da luta anti-colonial. É isso o que se depreende das leituras das *Cartas de un americano al El Español*, que demonstram ser uma fase de transição entre a assimilação clara das inovações teórico-políticas no discurso servandino, com a presença da doutrina jurídica de origem barroca, como o pactismo, com o Constitucionalismo Histórico, bem como com o jusnaturalismo racionalista de Grotius e Puffendorf. Por isso, nesse documento, Mier faz questão de revelar que a Carta Magna da América era o Código das Índias, e com isso justifica a situação de

²⁹⁰ DURÁN LUZIO, Juan. “La literatura hispanoamericana del siglo XVIII”. In: TANDETER, Enrique (coord). *Historia General de America Latina IV – Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Paris: Ediciones Unesco/ Editorial Trotta, 2000. p.525.

equivalência das províncias americanas, elevadas ao *status* de reino, com os reinos propriamente ditos da Coroa espanhola. Se na primeira carta, o mexicano procurou deixar claro os fatores legais que dariam suporte às demandas da Hispano-América, a segunda carta traz à tona o arcabouço de mágoas e diferenças entre americanos e espanhóis, não se podendo mais falar em fidelidade a Fernando VII ou numa autonomia relativa, sendo perceptível a existência de duas fases distintas em ambos os documentos: uma em que evoca a idéia de igualdade entre América e península e outra da independência assumida, onde se nega qualquer semelhança ao europeu.

Pode-se visualizar na *Segunda carta de un americano al El Español* e na *Historia de la Revolución de Nueva España* a explosão da indignação americana por meio da escrita servandina. Mier, nessas obras, expõe mais abertamente a insustentabilidade da situação colonial, pintando com fortes matizes o jugo espanhol, que nesse período, contudo, já não tinha condições de oprimir ou controlar com eficácia as colônias do outro lado do Atlântico. Embora acéfala e desprovida de sólidas forças político-administrativas devido às invasões napoleônicas no continente Europeu, frei Servando acreditava que a ira americana, que por trezentos anos sob dominação colonial não havia tido oportunidades de se expressar, encontrou neste momento espaço propício de manifestação.

Nesse sentido, a voz de Las Casas se faz ouvir tanto em suas cartas, como na HRNE, como um grito de alerta para evidenciar o fato de que o martírio vivido no período da conquista americana, repetia-se na luta pela independência. O sofrimento *criollo* sucedia à expiação indígena e com isso as agruras do passado pré-colombiano surgiam como elemento de justificativa para a guerra de insurgência que se proclamava. Isso explica a necessidade do *criollo* em buscar elementos na antigüidade pré-colombiana como mecanismo de renúncia aos tempos vividos sob os grilhões da Coroa espanhola. A situação auferida após 1808 era a chance real de buscar o passado ideal. Essa reversão da conquista foi a responsável por ao menos teoricamente aproximar a camada *criolla* das massas populares e por enxergar o passado indígena sob uma atmosfera de época áurea do continente, que somente poderia ser resgatada pelas mãos dos *criollos*. Era preciso avançar em direção ao progresso, mantendo-se o olhar fixo nas glórias passadas.

É possível identificar na escrita servandina a árdua tarefa atribuída ao *criollo* de reedificar a grandiosidade do império asteca, tomando-se por base o universo mexicano, limpando-se as chagas deixadas pelo estigma colonial, criando-se um tempo fictício habilitado a religar o período pré-colombiano diretamente ao novo governo que seria instalado com a vitória da causa insurgente, apagando-se os trezentos anos de escravidão. Mier congrega em sua obra futuro e passado: retoma o passado para justificar a grandiosidade mexicana e lança os olhos sobre o futuro para afirmar que México e América estavam fadados ao sucesso.

Nesse sentido, um dos clamores constantemente reiterados de Mier dar-se-ia no chamamento ao cristianismo primitivo, do qual ele não oferece pistas mais profundas a respeito de

sua organização, dogmas ou liturgia, mas, que se invocada, seria o responsável por permitir a improvável associação entre *criollo* e o povo indígena. Há nos escritos do mexicano uma certa dose de concepção milenarista, que dificilmente poderia ser reconhecida como ilustrada, pois é possível perceber a fé numa mudança radical da sociedade, cujos sinais foram dados no passado. São Tomé havia pregado aos índios muito antes de Hernán Cortéz ou Cristóvão Colombo, e o México possuía não apenas seu próprio apóstolo como ainda fora eleito por Nossa Senhora de Guadalupe - antes adorada como Tonantzin - como solo de glórias e prosperidade que caberia ao *criollo* resgatar tamanha glória pelos anos de opressão indígena.

Isso justificaria ainda a aparição súbita de termos mexicanos a serem contrapostos a tudo aquilo que fosse de origem européia. Frei Servando, por meio de sua tamanha engenhosidade, aproveitaria o mote interpretativo deixado pela língua náhuatl para dar ampla vazão ao tipo de história apologética que se dispunha a criar, com suas traduções extravagantes, utilizando os termos e adaptando-os de acordo com o ângulo sobre o qual considerava o fato narrado, assim como se viu *Carta de despedida a los mexicanos*. O *criollo*, no caso mexicano, portanto, ia administrando o rico alicerce de seu legado, criando símbolos, brasões e emblemas que faziam renascer a grandeza do império asteca por meio das águias, cobras, jaguares e agaves, na clara tentativa de criar uma história para uma nação carente de passado.

É esse o esforço empreendido por Mier na HRNE, pois a grande contribuição do religioso para a Historiografia das Idéias é o fato de ter se utilizado do fazer histórico como arma política para a legitimação do estado mexicano em processo de construção. Embora não estivesse nos campos de batalha, o que só iria acontecer em 1817, a escrita servandina brandia a voz americana nas guerras estampadas nos jornais contra ideologias que se contrapusessem ao que considerava legalidade da causa insurgente. Dessa maneira, HRNE torna-se a obra de grande relevância historiográfica dentre os escritos revolucionários do período não apenas por ser o primeiro trabalho sobre a história de revolução da independência da Nova Espanha, como também por servir de panfleto para convencimento dos leitores da necessidade de libertação política e administrativa das Américas e não meramente de sua própria terra natal. Além disso, ainda é utilizado como guia de noções sobre conceitos e práticas políticas liberais e ilustradas.

Ainda que frei Servando tenha tentado esconder a influência rousseauana em seus trabalhos, na HRNE o modelo utilizado pelo mexicano não poderia mais ser velado. Aceitar que os indivíduos cedessem parte dos direitos para garantir a preservação dos restantes, sujeitar-se à uma autoridade eleita pelo consentimento de todos e entender o Congresso como órgão da vontade geral, eram indícios muito claros à classe *criolla*, que, dessa maneira, encontrava um lugar adequado para a manutenção dos privilégios políticos, sem provocar a ira da população. Nesse sentido, é possível encontrar-se justificativa do congressismo radical que Mier apela em *Cuestión política: ¿Puede ser*

libre la Nueva Espana?, por temor ao fenômeno do caudilhismo e a pulverização do poder, no momento em que se fazia necessária a união para garantir a independência e para assegurar o ponto de fala da camada *criolla*, dos *hombres de la pluma*, dos ideólogos dos Estados que surgiam. A peculiaridade e o atraso do processo de autonomia administrativa do México tornam-se centro de sua atenção nos escritos posteriores, tendo-se em vista que suas criações intelectuais após o SG sempre dirigiam-se à América espanhola como um todo.

Isso pode explicar ainda a decepção de frei Servando com o estabelecimento do império de Agustín de Iturbide, proclamado como grito de independência. Se na HRNE o modelo da monarquia britânica era exemplo máximo de alto grau civilizatório alcançado por uma nação, na *Memoria político-instructiva* a idéia de um regime monárquico tendo por base governos em formação e, sobretudo, de origem hispânica, era um ultraje ao intelecto de Mier, por considerar um tipo de governo há muito superado na América Espanhola. Somente uma república seria capaz de superar as mazelas americanas, equilibrar os poderes estatuídos e alcançar o progresso, tendo-se como melhor modelo a se seguir os Estados Unidos, uma vez que a república francesa e seus excessos populares estavam muito longe de oferecer algum tipo de molde para países que visavam a preservação de seus valores tradicionais e dos interesses das camadas dominantes.

É válida a observação de que o Mier que parte para a Espanha em 1795 é fiel aos seus ideais e já um ilustrado, porém não é afrancesado nem revolucionário. No seu retorno para o México independente em 1822, continua sendo ilustrado, mas há muito convertido em pai da pátria, em deputado e em cidadão. A postura de frei Servando, portanto, não poderia deixar de sofrer novas mutações diante da responsabilidade a ele imposta. Por isso, de posição exclusivamente libertária, frei Servando passa a um federalismo moderado como se viu nas suas manifestações nos congressos de 1822 a 1824, etapas necessárias entre a independência e a proclamação da república. Cada uma dessas fases estaria ligada a distintas experiências políticas que viveu ao longo de seu desterro na Europa e à temporada vivida em solo norte-americano. Mier não toleraria uma monarquia, muito menos um federalismo que depositava as rédeas da nação em mãos ignorantes e instáveis. A única solução coerente seria a unidade nacional, diante do problema da constante aparição de caudilhos, politiqueros e demagogos que lançavam mão do carisma popular para reterem o poder consigo.

O sacerdote concorda com o estabelecimento de um federalismo, mas não de qualquer tipo. Sua trajetória de tantos anos de teoria e prática na Europa e nos EUA lhe davam autoridade como titular da cátedra no flamejante cenário político mexicano. Se em alguns momentos seus escritos parecem pender para a defesa completa da adoção do modelo norte-americano de administração política, o texto considerado de maior lucidez intelectual da obra servandina, a *Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana*, expõe com cuidado os perigos que consistiam em seguir ao pé da letra as pegadas dos norte-americanos deixadas nas suas instituições políticas e a necessidade do

México de compreender sua própria herança cultural para conseguir o estabelecimento de um tipo de federação peculiar e harmônica às suas raízes políticas e administrativas.

Se há a superestima do poder e o exagero da riqueza da pátria mexicana nos escritos revolucionários de Mier, tendo por base as esperanças lançadas pelos estudos da portentosa obra do viajante Humboldt, o excesso de confiança cede lugar à realidade sócio-cultural vivida pelo México. Era preciso compreender que os projetos idealizados pelos mentores da independência não suplantariam por si sós a verdade tangível pelo cenário de caos e insegurança política do pós-independência. Fazia-se necessário adaptar a realidade social aos planos traçados, e não o oposto, para que assim se pudesse falar em progresso nacional.

Em 1827, frei Servando se despede da vida como ancião ilustre, respeitado, pedagogo e visionário da independência a cujos escritos era preciso recorrer caso se desejasse compreender a natureza política mexicana ou se quisesse manter atento aos prognósticos políticos lançados ao longo de sua vida sobre o futuro da nação. Nem mesmo a morte, como se viu no terceiro capítulo, pôde frear a liberdade a que seu espírito estava atrelado. Se ao longo da sua existência lutou irremediavelmente tanto pela libertação da América, como por se ver livre dos cárceres das prisões em que foi jogado e da ignorância e irracionalidade de que se via circundado não apenas na Europa como na sua terra natal, a exumação do seu cadáver o levou a percorrer novamente as paisagens retratadas em suas *Memorias*, sendo que o paradeiro de seus restos mortais permanece até os dias atuais desconhecido.

A bem da verdade, o mexicano foi o maior divulgador de suas peripécias e, com indisfarçável vaidade, criou para si uma atmosfera quase mítica do herói americano que a tudo supera e sai fortalecido, mesmo após sofridos inúmeros padecimentos em nome da liberdade. Frei Servando é um exemplo de americano que luta por justiça numa corte distante e impenetrável e suas memórias, como observa o historiador Villoro, são exemplo vivo da luta infrutífera do americano para conquistar o acesso a um tribunal no Antigo Regime, que perpetuamente se lhe escapa, oculto na burocracia e nos vai-e-véns dos arquivos; justiça que se perseguia sempre, mas que nunca se alcançava²⁹¹. Nesse sentido, *Memórias* torna-se um clássico da literatura americana às vésperas de passar pelo processo de independência. Frei Servando retrata a si mesmo como a personificação do americano idealizado, inocente mas perspicaz, que sofre inúmeros revezes, mas que se mantém nobre, fiel à pátria e às raízes americanas.

É comum nos almanaques de história se encontrar a figura do viajante europeu que desbravou terras inóspitas em busca de material de estudo para pesquisa e catalogação daquilo que lhe era desconhecido. No caso de Mier, as regras do jogo foram todas invertidas. Pois foi ele, o

²⁹¹ VILLORO, Luis. *El proceso ideológico de la revolución de independencia*. México: Secretaría de Educación Pública, 1986. p. 32.

selvagem ilustrado, que se tornou o viajante a vagar pelas ruas milenares do Velho Mundo e a descobrir um espaço intelectual propício para que tudo aquilo que se plantasse, no nível das idéias, viesse a ser colhido. Nesse sentido, ao mexicano cabia enxergar a Europa com olhos de assombro e largo desgosto. Sua posição privilegiada de viajante americano em terras européias, responsável por repassar o que via aos conterrâneos, permitiu-lhe tecer um cenário de exotismo às avessas, vendo ao europeu, em especial aos espanhóis, como seres degenerados, homens bestializados que habitavam terras assombradas pela seca, pela miséria e pela morte. Seu objetivo era ensejar no americano o orgulho de pertencer a uma região abundante e rica, que produzia indivíduos igualmente prósperos e brilhantes, sobre quem pairava um futuro promissor de glórias e fartura.

Por traçar uma caricatura, mais que um retrato, da Espanha sob o reinado de Carlos IV, as memórias de frei Servando tornam-se de interesse coletivo, ao reproduzirem cenas dos bastidores da administração espanhola e da prática política do período. Servem ao historiador do presente como matéria prima importante para a compreensão da maquinaria estatal da Coroa espanhola prestes a sofrer o abalo da invasão napoleônica e a conseqüente guerra de insurgência das colônias americanas. *Memorias* carrega consigo múltiplos gêneros e diferentes classificações, assim como diversificada e caleidoscópica foi a vida e a obra de Mier.

Escrito à luz racional do século XVIII em transição para o XIX, o ideário elaborado por frei Servando Teresa de Mier permite qualificá-lo como representante hispano-americano das idéias iluministas e liberais do período, sendo possível percebê-lo como expoente da emancipação mental americana, ainda que suas formulações teóricas careçam de maior refinamento estrutural ao praticar uma escrita de caráter laudatório e divulgatória nos anos insurgentes. É preciso, contudo, reconhecer a inventividade servandina em criar espaço para a manifestação da voz americana, tornando-a protagonista do drama político vivido sob os anos de colonialismo, dando-lhe subsídios em que se sustentar para proclamar sua legitimidade diante das outras nações do globo e expressando a autonomia intelectual do Novo Mundo. Mier é sensível à necessidade americana de consolidar sua auto-estima, de criar uma história para uma nação que carecia de um passado de glórias e com isso de formular a incipiente identidade e a idéia de pertença em uma região que se impulsionava em direção à libertação política e administrativa do jugo espanhol. Pode-se entender, portanto, que suas idéias representavam não apenas a tomada de consciência da intelectualidade *criolla*, como também a maturidade das letras americanas que reclamavam um espaço de diálogo com o ocidente. Dessa maneira, o ideário servandino pode ser considerado como um reflexo do momento histórico em que está inserido, ao traduzir e adaptar as novas tradições intelectuais que floresciam no ocidente, sendo sua obra compreendida, assim, como um objeto histórico inovador para a História das Idéias da Hispano-América.

Documentação

I. Fontes primárias publicadas:

1. TERESA DE MIER, Servando. *Memorias* v. I e II. Edição e prólogo de Antonio Castro Leal. México: Porrúa, 1946.
2. _____. *Ideário político - Fray Servando Teresa de Mier*. v.XLVIII. Estudo preliminar e organização de Edmundo O'Gorman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.
3. _____. Servando Teresa de Mier, *Obras completas, I, el heterodoxo guadalupano*. Estudo preliminar de Edmundo O'Gorman. México, UNAM, 1981.
4. _____. *Historia de la Revolución de Nueva España*. v.I e II. Prólogo de Andrés Henestrosa e obituário de José Maria Luis Mora. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
5. _____. *Fray Servando Teresa de Mier*. Estudo preliminar e compilação realizados por Héctor Perea. México: Cal y Arena, 1997. Coleção Los imprescindibles.
6. _____. *Cartas de un americano 1811-1812 La otra insurgencia*. Prólogo e notas de Manuel Calvillo. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2003. Coleção Cien de México.
7. TORRE, Ernesto de la. *La independencia de Mexico*. Madri: MAPFRE, 1992.
8. ZEA, Leopoldo (comp.) *Fuentes de la Cultura Latino-americana*. v.II. México: Fondo de Cultura Económica, Terra Firme, 1995.

II. Fontes secundárias publicadas:

1. ALAMÁN, Lucas. *Semblanzas y ideario*. México: Universidad Autónoma de México, Biblioteca del Estudiante Universitario, 1978.
2. AZCARATE, J. F. *Un programa de política internacional*. México: Porrúa, 1971. Coleção Archivo Historico Diplomatico Mexicano, n. 37.
3. BOLÍVAR, Simón. *Simón Bolívar*. Organizado por Manoel Lello Bellotto e Anna Maria Martínez Côrrea. São Paulo: Ática, 1983.
4. FELICIANO VELÁZQUEZ, Primo. *La aparición de Santa Maria de Guadalupe*. México: Jus, 1981.
5. FRANCH, José Alcina. *Bartolomé de Las Casas*. Madri: Quorum, 1987.
6. LA PEÑA Y REYES, Antonio. *León XII y los países hispanoamericanos*. México: Porrúa, 1971. Coleção Archivo Historico Diplomatico Mexicano, n.09.

7. LAS CASAS, Bartolomé. *Historia de las Indias*. Estudo preliminar de Lewis Hanke. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
8. HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. Estudo preliminar, revisão do texto, notas e anexos de Juan A. Ortega y Medina. México: Editorial Porrúa, 1966.
9. VALERIANO, Antonio. *Nican Mopohua*. Adendos de Alva Ixtlixóchitl, publicado por Luis Lazo de la Vega e traduzido por Primo Feliciano Velásquez. México: s/d.

III. Bibliografia seletiva:

i) Teoria e metodologia da História:

1. BASTOS, Lília da Rocha *et alii*. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias*. Rio de Janeiro: LTC, 1996.
2. CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
3. ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1985.
4. FRAGNIÈRE, Jean-Pierre. *Así se escribe una monografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.
5. RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
6. VEYNE, Paul. *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ii) Obras de referência:

1. BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1975.
2. BOBBIO, Norberto *et alii*. *Dicionário de Política*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2004.

iii) Cultura: identidade, memória e representação:

1. CHARTIER, Roger. *História Cultural entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.
2. FERREIRA, Lucia *et* ORRICO, Everlyn (orgs.) *Linguagem, identidade e memória social: novas tendências e articulações*. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.
3. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
4. _____. *La colonisation de l'imaginaire – sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol XVIe – XVIIIe siècle*. Paris: Galimard, 1988.
5. GERBI, Antonello. *O novo mundo: história de uma polêmica 1750-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

6. JODELET, Denise (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
7. LEIBING, Annette et BENNINGHOFF-LUHL, Sibylle (orgs.) *Devorando o tempo - Brasil, o país sem memória*. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.
8. MARTINS, Luciana Melo. *O Rio de Janeiro dos Viajantes – o olhar Britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
9. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
10. TODOROV, Tzvetan. *La conquête de l'Amérique la question de l'autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

iv) Pensamento da Ilustração:

1. BASTIÁN, Jean Pierre (comp.). *Protestantes, liberales y francmasones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
2. CHIARAMONTE, José Carlos. *Pensamiento de la Ilustración: economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.
3. HAAKONSEN, Knud. *Natural law and moral philosophy – from Grotius to the Scottish Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
4. MANIQUIS, Robert et alii. *La Revolución Francesa y el mundo ibérico*. Los Angeles/Bordeaux: Turner, 1989.
5. MÊREA, Paulo. *Sobre a origem do poder civil – estudos sobre o pensamento político e jurídico dos séculos XVI e XVII*. Coimbra: Tenacitas, 2003.
6. MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
7. ROGIER, L. et alii. *A Igreja na Sociedade Liberal e no mundo moderno*. v.V. Petrópolis: Vozes, 1976.
8. _____. *Século das Luzes, Revoluções e Restaurações*. v.V. Petrópolis: Vozes, 1976.
9. SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

v) Processo de independência hispano-americano:

1. CARRERA DAMAS, Germán. *De la dificultad de ser criollo*. Venezuela: Grijalbo, 1993.
2. CODES, Rosa María Martínez de. *La Iglesia católica en la América Independiente: siglo XIX*. Madri: MAPFRE, 1992.
3. CHEVALIER, François. *América Latina de la independencia a nuestros días*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

4. GUERRA, François- Xavier. *Modernidad e independencias – ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Fondo de Cultura Económica/ Editorial MAPFRE, 1992.
5. HERNANDEZ CHAVEZ, Alicia. *La tradición republicana del buen gobierno*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
6. LISS, Peggy K. *Los Imperios transatlánticos – las redes del comercio y de las Revoluciones de Independência*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
7. MAURO, Frédéric. *Origens da desigualdade entre os povos da América*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
8. PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 1999.
9. _____. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual/Campinas:UNICAMP, 1987.
10. ROCHA, Regina da Cunha. *Entre o trono e o altar: a política pendular da Santa Sé no reconhecimento das independências hispano-americanas*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Pós-Graduação em História, 2002.
11. ROMERO, José Luis. *El pensamiento político latinoamericano*. Buenos Aires: A-Z, 1998.
12. ROMERO, José Luis et ROMERO, Luis Alberto. *Pensamiento Político de la emancipación*. v.XXIV. Biblioteca Ayacucho. Barcelona: Lumen, 1985.
13. SILVA, Dinair Andrade da. *José Martí e Domingo Sarmiento: duas idéias de construção da Hispano-América*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Pós-Graduação em História, 1997.
14. VILLORO, Luis. *El proceso ideológico de la revolución de independencia*. México: Secretaría de Educación Pública, 1986.

vi) História da América e Europa:

1. ARANGUREN, José Luis L. *Moral y sociedad española en el siglo XIX*. Madri: Editorial Cuadernos para el diálogo, 1970.
2. BELLOTTO, Manoel Lelo et CORRÊA, Anna Maria Martinez (orgs.). *A América Latina de colonização espanhola*. São Paulo: HUCITEC, 1991.
3. BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. v.V. Barcelona: Crítica, 2000.
4. _____. *História da América Latina*. v.VI. Barcelona: Crítica, 2000.
5. BLAS ZABALETA, Patricio de et alii. *Historia Común de Iberoamerica*. Madri: EDAF, 2000.
6. BRADING, David A. *Orbe indiano – de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fónodo de Cultura Económica, 1991.

7. CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
8. CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
9. CARRERA DAMAS, Germán (coord.) *Historia General de America Latina – La crisis estructural de las sociedades implantadas*. v.V. Paris: Ediciones Unesco/ Editorial Trotta, 2003.
10. DONGHI, Túlio Halperin. *Reforma y dissolución de los impérios ibéricos: 1750-1850*. Madri: Alianza Editorial, 1985.
11. _____. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
12. HESPANHA, Antônio Manuel. *História de Portugal: o antigo regime*. Lisboa: Estampa, 1998.
13. HOBSBAWN, E.J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
14. ROMANO, Ruggiero. *Os conquistadores da América*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.
15. TANDETER, Enrique (coord.) *Historia General de America Latina – Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. v.IV. Paris: Ediciones Unesco/ Editorial Trotta, 2000.
16. VÁZQUEZ, Josefina. *Historia General de America Latina – La construcción de las naciones latinoamericanas 1820-1870*. v.VI. Paris: Ediciones Unesco/ Editorial Trotta, 2003.
17. VICENS VIVES, J. *Historia de España y América Social y Económica. Los borbones el siglo XVIII en España y América*. v.IV. Barcelona: Editorial Vicens-Vives/ Libros Vicens-bolsillo, 1974.
18. _____. *Historia de España y América Social y Económica. Los siglos XIX y XX*. v.V. Barcelona: Editorial Vicens-Vives/ Libros Vicens-bolsillo, 1974.
19. WASSERMAN, Cláudia (coord.). *História da América Latina: cinco séculos (temas e problemas)*. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1996.

vii) História do México:

1. ALBA, Pedro et RANGEL, Nicolás. *Primeiro Centenário de la Constitución de 1824*. Câmara dos Senadores dos Estados Unidos Mexicanos. México: Talleres Gráficos Soria, 1924.
2. BERUETE, Miguel de. *Elevación y caída del emperador Iturbide*. Transcrição, prólogo e notas de Andrés Henestrosa. México, Litoarte, 1974. Fondo Pagliai, n. 6.
3. COSTELOE, Michael P. *La primera República Federal de México (1824-1835)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
4. GARCIA MARTINEZ, Bernardo. *Historia General de México*. v.3. México: El Colegio de México, 1977.
5. _____. *Historia General de México*. v.4. México: El Colegio de México, 1977.

6. HAMNETT, Brian R. *Revolución y contrarrevolución en México y el Perú: liberalismo, realiza y separatismo (1800-1824)* México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
7. LAFAYE, Jacques *Quetzalcóatl y Guadalupe*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.
8. MATEOS, Juan A. *Historia parlamentaria de los congresos mexicanos*. v. I e II. México: Imprensa de J. F. Jens, 1877 e 1878.
9. MEYER, Michael et SCHERMAN, William. *The course of Mexico history*. Nova York: Oxford University Press, 1983.
10. NUNES, Américo. *As revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1975
11. REYES, Alfonso. *Obras completas de Alfonso Reyes*. v. III. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.
12. SIMPSON, Lesley Bird. *Muchos Méxicos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.
13. VILLEGAS, Daniel et alii. *Historia minima de México*. México: El Colegio de México, 1974.

viii) Obras literárias:

1. ARENAS, Reinaldo. *O mundo alucinante*. Tradução de: Carlos Nogueé. São Paulo: Record, 2000.
2. CERVANTES de SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Conde de Azevedo e Visconde de Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952. (Coleção Clássicos Jackson).

ix) Revistas e periódicos:

1. *Estudios Universidad Autónoma de México*. Artigo: “El Guadalupanismo” por Elsa Cecilia Frost. Facultad de Filosofía- Historia- Letras. Invierno, 1986. Disponível em: http://biblioteca.itam.mx/estudios/estudio/estudio07/sec_7.html. Último acesso em 10 de julho de 2006.
2. *Fractal*. Artigo: “Fray Servando entre los judios de Bayona”, por Christopher Dominguéz. Fractal n. 13, abril-junho, 1999, ano 03, v. IV, p.11-40. Disponível em: <http://fractal.com.mx/F13domin.html> Último acesso em 10 de julho de 2006.
3. *Historia Mexicana*. Artigo “Influencias y evolución del pensamiento político de Fray Servando Teresa de Mier”, por Rafael Diego Fernández. 1998, n. 01 (189), Vol. XLVIII, p.03-35.
4. *Historia mexicana*. Artigo: “Consideraciones en torno al protoliberalismo, reformas borbónicas y revolución. La Nueva España en el último tercio del siglo XVIII”, por Horst Pietschmann. 1991, n. 02 (162), v. XLI, p.167-205.
5. *Jurídicas*. Artigo: “La teoria constitucional en la Profecía del padre Mier sobre la Federación mexicana”, por Rafael Estrada Michell, Universidade Autônoma Nacional do

México. Disponível em: <http://www.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/hisder/cont/11/cnt/cnt3.pdf>. Último acesso em 10 de julho de 2006.

6. *Nexos*. Livro virtual: PEREA, Héctor. *Los imprescindibles – Fray Servando Teresa de Mier*. México: Cal y Arena, 1997. In: Revista *Nexos*. Disponível em: www.nexos.com.mx/cya/fray_servando/fray_servando2.asp. Último acesso em 13 de dezembro de 2003.
7. *Problèmes d'Amérique Latine*. Artigo: “Deux créoles face au conservatisme du Vatican durant la crise de l'indépendance”, por Marie-Cécile Benassy-Berling. Paris: La Documentation française, 1987, n.86.
8. *Proyecto Guadalupe*. Artigo: “Maquinas troyanas”, por Francisco Ivan Escamilla. Disponível em: www.proyectoguadalupe.com. Último acesso em 10 de julho de 2006.
9. *Sincronía, El Colegio de México*. Artigo “La fuga como arte escritural: el grafocentrismo en las *Memorias* de Fray Servando Teresa de Mier”, por Víctor Barrera Enderle, outono, 2001. Disponível em: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/lafuga.htm>. Último acesso em 10 de julho de 2006.
10. VILLEGAS ASTUDILLO, Reinaldo. Artigo: *El discurso lacerante de Simón Rodríguez*. Disponível em: www.analitica.com/va/sociedad/articulos/3040952.asp Último acesso em 10 de julho de 2006.

x) Internet:

1. www.bn.br - Biblioteca Nacional.
2. www.celam.org - Centro de Estudos Latino-americanos.
3. www.cervantesvirtual.com - Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.
4. www.colmex.mx - Colégio de México.
5. www.unam.mx - Universidade Nacional Autónoma de México.
6. www.wikipedia.org.pt - Wikipédia Enciclopédia livre.

Anexo 1

1. Nican Mopohua

Escrita en náhuatl por Antonio Valeriano
Adicionada por Alva Ixtlixóchitl
Publicada por Luis Lazo de la Vega
Traducida por Primo Feliciano Velásquez

En orden y concierto se refiere aquí de qué maravillosa manera apareció poco ha la siempre Virgen Santa María, Madre de Díos, Nuestra Reina, en el Tepeyac, que se nombra Guadalupe. Primero se dejó ver de un pobre indio llamado Juan Diego; y después se apareció su preciosa imagen delante del nuevo obispo don fray Juan de Zumárraga. También (se cuentan) todos los milagros que ha hecho.

Primera aparición

Diez años después de tomada la ciudad de México se suspendió la guerra y hubo paz entre los pueblos, así como empezó a brotar la fe, el conocimiento del verdadero Dios, por quien se vive. A la sazón, en el año de mil quinientos treinta y uno, a pocos días del mes de diciembre, sucedió que había un pobre indio, de nombre Juan Diego según se dice, natural de Cuautitlán. Tocante a las cosas espirituales aún todo pertenecía a Tlatilolco, era sábado, muy de madrugada, y venía en pos del culto divino y de sus mandados. Al llegar junto al cerrillo llamado Tepeyácac amanecía y oyó cantar arriba del cerrillo: semejaba canto de varios pájaros preciosos. Callaban a ratos las voces de los cantores; y parecía que el monte les respondía. Su canto, muy suave y deleitoso, sobrepujaba al del coyoltotl y del tzinizcan y de otros pájaros lindos que cantan. Se paró Juan Diego a ver y dijo para sí: “¿Por ventura soy digno de lo que oigo? ¿quizás sueño? ¿me levanto de dormir? ¿dónde estoy? ¿acaso en el paraíso terrenal?, que dejaran dicho los viejos, nuestros mayores? ¿acaso ya en el cielo?”. Estaba viendo hacia el oriente, arriba del cerrillo de donde procedía el precioso canto celestial y así que cesó repentinamente y se hizo el silencio, oyó que le llamaban de arriba del cerrillo y le decían: “Juanito, Juan Dieguito”.

Luego se atrevió a ir adonde le llamaban; no se sobresaltó un punto; al contrario, muy contento, fue subiendo al cerrillo, a ver dónde le llamaban. Cuando llegó a la cumbre, vio a una señora, que estaba allí de pie y que le dijo que se acercara.

Llegado a su presencia, se maravilló mucho de su sobrehumana grandeza: su vestidura era radiante como el sol; el risco en que se posaba su planta flechado por los resplandores, semejaba una ajorca de piedras preciosas, y relumbraba la tierra como el arco iris. Los mezquites, nopales y otras diferentes hierbecillas que allí se suelen dar, parecían de esmeralda; su follaje, finas turquesas; y sus ramas y espinas brillaban como el oro. Se inclinó delante de ella y se oyó su palabra muy blanda y cortés, cual de quien atrae y estima mucho. Ella le dijo: “Juanito, el más pequeño de mis hijos, ¿a dónde vas?” El respondió: “Señora y Niña mía, tengo que llegar a tu casa de México Tlatilolco, a seguir las cosas divinas, que nos dan y enseñan nuestros sacerdotes, delegados de nuestro Señor”.

Ella luego le habló y le descubrió su santa voluntad, le dijo: "Sabe y ten entedido, tú el más pequeño de mis hijos, que yo soy la siempre Virgen Santa María, Madre del verdadero Dios por quien se vive; del Creador cabe quien está todo; Señor del cielo y de la tierra. Deseo vivamente que se me erija aquí un templo para en él mostrar y dar todo mi amor, compasión, auxilio y defensa, pues yo soy vuestra piadosa madre; a ti, a todos vosotros juntos los moradores de esta tierra y a los demás amadores míos que me invoquen y en mí confíen; oír allí sus lamentos, y remediar todas sus miserias, penas y dolores.

Y para realizar lo que mi clemencia pretende, ve al palacio del obispo de México y le dirás cómo yo te envío a manifestarle lo que mucho deseo, que aquí en el llano me edifique un templo: le contarás puntualmente cuanto has visto y admirado y lo que has oído.

Ten por seguro que lo agradeceré bien y lo pagaré, porque te haré feliz y merecerás mucho que yo recompense el trabajo y fatiga con que vas a procurar lo que te encomiendo. Mira que ya has oído mi mandato, hijo mío el más pequeño; anda y pon todo tu esfuerzo".

Al punto se inclinó delante de ella y le dijo: "Señora mía, ya voy a cumplir tu mandado; por ahora me despido de ti, yo tu humilde siervo". Luego bajó, para ir a hacer su mandado; y salió a la calzada que viene en línea recta a México.

Habiendo entrado en la ciudad, sin dilación se fue en derechura al palacio del obispo, que era el prelado que muy poco antes había venido y se llamaba don fray Juan de Zumárraga, religioso de San Francisco. Apenas llegó, trató de verle; rogó a sus criados que fueran a anunciarle y pasado un buen rato vinieron a llamarle, que había mandado el señor obispo que entrara.

Luego que entró, se inclinó y arrodilló delante de él; en seguida le dio el recado de la Señora del Cielo; y también le dijo cuanto admiró, vio y oyó. Después de oír toda su plática y su recado, pareció no darle crédito; y le respondió: "Otra vez vendrás, hijo mío y te oiré más despacio, lo veré muy desde el principio y pensaré en la voluntad y deseo con que has venido".

El salió y se vino triste; porque de ninguna manera se realizó su mensaje.

Segunda aparición

En el mismo día se volvió; se vino derecho a la cumbre del cerrillo y acertó con la Señora del Cielo, que le estaba aguardando, allí mismo donde la vio la vez primera. Al verla se postró delante de ella y le dijo: "Señora, la más pequeña de mis hijas. Niña mía, fui a donde me enviaste a cumplir tu mandado; aunque con dificultad entré a donde es el asiento del prelado; le vi y expuse tu mensaje, así como me advertiste; me recibió benignamente y me oyó con atención; pero en cuanto me respondió, pareció que no la tuvo por cierto, me dijo: "Otra vez vendrás; te oiré más despacio: veré muy desde el principio el deseo y voluntad con que has venido..." Comprendí perfectamente en la manera como me respondió, que piensa que es quizás invención mía que Tú quieres que aquí te hagan un templo y que acaso no es de orden tuya; por lo cual, te ruego encarecidamente, Señora y Niña mía, que a alguno de los principales, conocido, respetado y estimado le encargues que lleve tu mensaje para que le crean porque yo soy un hombrecillo, soy un cordel, soy una escalerilla de tablas, soy cola, soy hoja, soy gente menuda, y Tú, Niña mía, la más pequeña de mis hijas, Señora, me envías a un lugar por donde no ando y donde no paro. Perdóname que te cause gran pesadumbre y caiga en tu enojo, Señora y Dueña mía".

Le respondió la Santísima Virgen: "Oye, hijo mío el más pequeño, ten entendido que son muchos mi servidores y mensajeros, a quienes puedo encargar que lleven mi mensaje y hagan mi voluntad; pero es de todo punto preciso que tú mismo solicites y ayudes y que con tu mediación se cumpla mi voluntad. Mucho te ruego, hijo mío el más pequeño, y con rigor te mando, que otra vez vayas mañana a ver al obispo. Dale parte en mi nombre y hazle saber por entero mi voluntad, que tiene que poner por obra el templo que le pido. Y otra vez dile que yo en persona, la siempre Virgen Santa María, Madre de Dios, te envía".

Respondió Juan Diego: "Señora y Niña mía, no te cause yo aflicción; de muy buena gana iré a cumplir tu mandado; de ninguna manera dejaré de hacerlo ni tengo por penoso el camino. Iré a hacer tu voluntad; pero acaso no seré oído con agrado; o si fuere oído, quizás no se me creerá. Mañana en la tarde, cuando se ponga el sol, vendré a dar razón de tu mensaje con lo que responda el prelado.

Ya de tí me despido, Hija mía la más pequeña, mi Niña y Señora. Descansa entre tanto". Luego se fue él a descansar a su casa.

Al día siguiente, domingo muy de madrugada, salió de su casa y se vino derecho a Tlatilolco, a instruirse de las cosas divinas y estar presente en la cuenta para ver enseguida al prelado. Casi a las diez, se presentó después de que oyó misa y se hizo la cuenta y se dispersó el

gentío. Al punto se fue Juan Diego al palacio del señor obispo. Apenas llegó, hizo todo empeño por verlo, otra vez con mucha dificultad le vio: se arrodilló a sus pies; se entristeció y lloró al exponerle el mandato de la Señora del Cielo; que ojalá que creyera su mensaje, y la voluntad de la Inmaculada, de erigirle su templo donde manifestó que lo quería.

El señor obispo, para cerciorarse, le preguntó muchas cosas, dónde la vio y cómo era; y él refirió todo perfectamente al señor obispo. Mas aunque explicó con precisión la figura de ella y cuanto había visto y admirado, que en todo se descubría ser ella la siempre Virgen Santísima Madre del Salvador Nuestro Señor Jesucristo; sin embargo, no le dio crédito y dijo que no solamente por su plática y solicitud se había de hacer lo que pedía; que, además, era muy necesaria alguna señal; para que se le pudiera creer que le enviaba la misma Señora del Cielo.

Así que lo oyó, dijo Juan Diego al obispo: “Señor, mira cuál ha de ser la señal que pides; que luego iré a pedírsela a la Señora del Cielo que me envía acá”.

Viendo el obispo que ratificaba todo, sin dudar, ni retractar nada, le despidió. Mandó inmediatamente a unas gentes de su casa en quienes podía confiar, que le vinieran siguiendo y vigilando mucho a dónde iba y a quién veía y hablaba. Así se hizo.

Juan Diego se vino derecho y caminó por la calzada; los que venían tras él, donde pasa la barranca, cerca del puente Tepeyácac, lo perdieron; y aunque más buscaron por todas partes, en ninguna le vieron. Así es que regresaron, no solamente porque se fastidieron, sino también porque les estorbó su intento y les dio enojo. Eso fueron a informar al señor obispo, inclinándole a que no le creyera, le dijeron que no más le engañaba; que no más forjaba lo que venía a decir, o que únicamente soñaba lo que decía y pedía; y en suma discurrieron que si otra vez volvía, le habían de coger y castigar con dureza, para que nunca más mintiera y engañara.

Tercera aparición

Entre tanto, Juan Diego estaba con la Santísima Virgen, diciéndole la respuesta que traía del señor obispo; la que oída por la Señora, le dijo: “Bien está, hijo mío, volverás aquí mañana para que lleves al obispo la señal que te ha pedido; con eso te creará y acerca de esto ya no dudará ni de ti sospechará y sábetete, hijito mío, que yo te pagaré tu cuidado y el trabajo y cansancio que por mí has impendido; ea, vete ahora; que mañana aquí te aguardo”.

Al día siguiente, lunes, cuando tenía que llevar Juan Diego alguna señal para ser creído, ya no volvió. Porque cuando llegó a su casa, a un tío que tenía, llamado Juan Bernardino, le había dado la enfermedad, y estaba muy grave. Primero fue a llamar a un médico y le auxilió; pero ya no era tiempo, ya estaba muy grave. Por la noche, le rogó su tío que de madrugada saliera, y viniera a Tlatilolco a llamar un sacerdote, que fuera a confesarle y disponerle, porque estaba muy cierto de que era tiempo de morir y que ya no se levantaría ni sanara.

El martes, muy de madrugada, se vino Juan Diego de su casa a Tlatilolco a llamar al sacerdote; y cuando venía llegando al camino que sale junto a la ladera del cerrillo del Tepeyácac, hacia el poniente, por donde tenía costumbre de pasar, dijo: “Si me voy derecho, no sea que me vaya a ver la Señora, y en todo caso me detenga, para que lleve la señal al prelado, según me previno: que primero nuestra aflicción nos deje y primero llame yo de prisa al sacerdote; el pobre de mi tío lo está ciertamente aguardando”. Luego, dio vuelta al cerro, subió por entre él y pasó al otro lado, hacia el oriente, para llegar pronto a México y que no le detuviera la Señora del Cielo.

Cuarta aparición

Pensó que por donde dio vuelta, no podía verle la que está mirando bien a todas partes. La vio bajar de la cumbre del cerrillo y que estuvo mirando hacia donde antes él la veía. Salió a su encuentro a un lado del cerro y le dijo: “¿Qué hay, hijo mío el más pequeño? ¿a dónde vas?”

¿Se apenó él un poco o tuvo vergüenza, o se asustó? Juan Diego se inclinó delante de ella; y le saludó, diciendo: “Niña mía, la más pequeña de mis hijas. Señora, ojalá estés contenta. ¿Cómo has amanecido? ¿estás bien de salud, Señora y Niña mía? Voy a causarte aflicción: sabe. Niña mía, que está muy malo un pobre siervo tuyo, mi tío; le ha dado la peste, y está para morir. Ahora voy

presuroso a tu casa de México a llamar uno de los sacerdotes amados de Nuestro Señor, que vaya a confesarle y disponerle; porque desde que nacimos, venimos a aguardar el trabajo de nuestra muerte. Pero si voy a hacerlo, volveré luego otra vez aquí, para ir a llevar tu mensaje. Señora y Niña mía, perdóname; ténme por ahora paciencia; no te engañe, Hija mía la más pequeña; mañana vendré a toda prisa”.

Después de oír la plática de Juan Diego, respondió la piadosísima Virgen: “Oye y ten entendido, hijo mío el más pequeño, que es nada lo que te asusta y aflige, no se turbe tu corazón, no temas esa enfermedad, ni otra alguna enfermedad y angustia. ¿No estoy yo aquí que soy tu Madre? ¿No estás bajo mi sombra? ¿No soy yo tu salud? ¿No estás por ventura en mi regazo? ¿Qué más has menester? No te apene ni te inquiete otra cosa; no te aflija la enfermedad de tu tío, que no morirá ahora de ella: está seguro de que ya sanó”. (Y entonces sanó su tío según después se supo). Cuando Juan Diego oyó estas palabras de la Señora del Cielo, se consoló mucho; quedó contento. Le rogó que cuanto antes le despachara a ver al señor obispo, a llevarle alguna señal y prueba; a fin de que le creyera.

La Señora del Cielo le ordenó luego que subiera a la cumbre del cerrillo, donde antes la veía. Le dijo: “Sube, hijo mío el más pequeño, a la cumbre del cerrillo, allí donde me viste y te di órdenes, hallarás que hay diferentes flores; córtalas, júntalas, recógelas; en seguida baja y tráelas a mi presencia”.

Al punto subió Juan Diego al cerrillo y cuando llegó a la cumbre se asombró mucho de que hubieran brotado tantas variadas, exquisitas rosas de Castilla, antes del tiempo en que se dan, porque a la sazón se encrudecía el hielo; estaban muy fragantes y llenas de rocío, de la noche, que semejaba perlas preciosas. Luego empezó a cortar-las; juntó y las echó en su regazo. Bajó inmediatamente y trajo a la Señora del Cielo las diferentes rosas que fue a cortar; la que, así como las vio, las cogió con su mano y otra vez se las echó en el regazo, diciéndole: “Hijo mío el más pequeño, esta diversidad de rosas es la prueba y señal que llevarás al obispo. Le dirás en mi nombre que vea en ella mi voluntad y que él tiene que cumplirla.

Tú eres mi embajador, muy digno de confianza. Rigurosamente te ordeno que sólo delante del obispo despliegues tu manta y descubras lo que llevas. Contarás bien todo; dirás que te mandé subir a la cumbre del cerrillo que fueras a cortar flores; y todo lo que viste y admiraste; para que puedas inducir al prelado a que dé su ayuda, con objeto de que se haga y erija el templo que he pedido”.

Después que la Señora del Cielo le dio su consejo, se puso en camino por la calzada que viene derecho a México: ya contento y seguro de salir bien, trayendo con mucho cuidado lo que portaba en su regazo, no fuera que algo se le soltara de las manos, y gozándose en la fragancia de las variadas hermosas flores.

Al llegar al palacio del obispo, salieron a su encuentro el mayordomo y otros criados del prelado. Les rogó le dijeran que deseaba verle, pero ninguno de ellos quiso, haciendo como que no le oían, sea porque era muy temprano, sea porque ya le conocían, que sólo los molestaba, porque les era importuno; y, además, ya les habían informado sus compañeros, que le perdieron de vista, cuando habían ido en su seguimiento. Largo rato estuvo esperando. Ya que vieron que hacía mucho que estaba allí, de pie, cabizbajo, sin hacer nada, por si acaso era llamado; y que al parecer traía algo que portaba en su regazo, se acercaron a él para ver lo que traía y satisfacerse.

Viendo Juan Diego que no les podía ocultar lo que traía y que por eso le habían de molestar, empujar o aporrear, descubrió un poco que eran flores, y al ver que todas eran diferentes rosas de Castilla, y que no era entonces el tiempo en que se daban, se asombraron muchísimo de ello, lo mismo de que estuvieran muy frescas, tan abiertas, tan fragantes y tan preciosas. Quisieron coger y sacarle algunas; pero no tuvieron suerte las tres veces que se atrevieron a tomarlas; no tuvieron suerte, porque cuando iban a cogerlas, ya no veían verdaderas flores, sino que les parecían pintadas o labradas o cosidas en la manta.

Fueron luego a decir al obispo lo que habían visto y que pretendía verle el **indito** que tantas veces había venido; el cual hacía mucho que por eso aguardaba, queriendo verle. Cayó, al oírlo el

señor obispo, en la cuenta de que aquello era la prueba, para que se certificara y cumpliera lo que solicitaba el indito. En seguida mandó que entrara a verle.

Luego que entró, se humilló delante de él, así como antes lo hiciera, y contó de nuevo todo lo que había visto y admirado, y también su mensaje. Dijo: “Señor, hice lo que me ordenaste, que fuera a decir a mi Ama, la Señora del Cielo, Santa María, preciosa Madre de Dios, que pedías una señal para poder creerme que le has de hacer el templo donde ella te pide que lo erijas; y además le dije que yo te había dado mi palabra de traerte alguna señal y prueba, que me encargaste, de su voluntad. Condescendió a tu recado y acogió benigneamente lo que pides, alguna señal y prueba para que se cumpla su voluntad. Hoy muy temprano me mandó que otra vez viniera a verte; le pedí la señal para que me creyeras, según me había dicho que me la daría; y al punto lo cumplió: me despachó a la cumbre del cerrillo, donde antes yo la viera, a que fuese a cortar varias rosas de Castilla. Después me fui a cortarlas, las traje abajo; las cogió con su mano y de nuevo las echó en mi regazo, para que te las trajera y a tí en persona te las diera. Aunque yo sabía bien que la cumbre del cerrillo no es lugar en que se den flores, porque sólo hay muchos riscos, abrojos, espinas, nopales y mezquites, no por eso dudé; cuando fui llegando a la cumbre del cerrillo miré que estaba en el paraíso, donde había juntas todas las varias y exquisitas rosas de Castilla, brillantes de rocío que luego fui a cortar.

Ella me dijo por qué te las había de entregar; y así lo hago, para que en ellas veas la señal que pides y cumplas su voluntad; y también para que aparezca la verdad de mi palabra y de mi mensaje. Helas aquí: recíbelas”.

Desenvolvió luego su blanca manta, pues tenía en su regazo las flores; y así que se esparcieron por el suelo todas las diferentes rosas de Castilla, se dibujó en ella y apareció de repente la preciosa imagen de la siempre Virgen Santa María, Madre de Dios, de la manera que está y se guarda hoy en su templo del Tepeyácac, que se nombra Guadalupe. Luego que la vio el señor obispo, él y todos los que allí estaban se arrodillaron; mucho la admiraron; se levantaron; se entristecieron y acongojaron, mostrando que la contemplaron con el corazón y el pensamiento.

El señor obispo, con lágrimas de tristeza oró y pidió perdón de no haber puesto en obra su voluntad y su mandato. Cuando se puso en pie, desató del cuello de Juan Diego, del que estaba atada, la manta en que se dibujó y apareció la Señora del Cielo. Luego la llevó y fue a ponerla en su oratorio. Un día más permaneció Juan Diego en la casa del obispo que aún le detuvo. Al día siguiente, le dijo: “Ea, a mostrar dónde es voluntad de la Señora del Cielo que le erija su templo”. Inmediatamente se convidó a todos para hacerlo.

No bien Juan Diego señaló dónde había mandado la Señora del Cielo que se levantara su templo, pidió licencia de irse. Quería ahora ir a su casa a ver a su tío Juan Bernardino, el cual estaba muy grave, cuando le dejó y vino a Tlatilolco a llamar un sacerdote, que fuera a confesarle y disponerle, y le dijo la Señora del Cielo que ya había sanado. Pero no le dejaron ir solo, sino que le acompañaron a su casa.

Al llegar, vieron a su tío que estaba muy contento y que nada le dolía. Se asombró mucho de que llegara acompañado y muy honrado su sobrino, a quien preguntó la causa de que así lo hicieran y que le honraran mucho. Le respondió su sobrino que, cuando partió a llamar al sacerdote que le confesara y dispusiera, se le apareció en el Tepeyácac la Señora del Cielo; la que, diciéndole que no se afligiera, que ya su tío estaba bueno, con que mucho se consoló, le despachó a México, a ver al señor obispo para que le edificara una casa en el Tepeyácac. Manifestó su tío ser cierto que entonces le sanó y que la vio del mismo modo en que se aparecía a su sobrino; sabiendo por ella que le había enviado a México a ver al obispo. También entonces le dijo la Señora que, cuando él fuera a ver al obispo, le revelara lo que vio y de qué manera milagrosa le había sanado; y que bien la nombraría, así como bien había de nombrarse su bendita imagen, la siempre Virgen Santa María de Guadalupe.

Trajeron luego a Juan Bernardino a presencia del señor obispo; a que viniera a informarle y atestiguara delante de él. A entrambos, a él y a su sobrino, los hospedó el obispo en su casa algunos días, hasta que se erigió el templo de la Reina del Tepeyácac, donde la vio Juan Diego. El señor obispo trasladó a la Iglesia Mayor la santa imagen de la amada Señora del Cielo; la sacó del oratorio

de su palacio, donde estaba, para que toda la gente viera y admirara su bendita imagen. La ciudad entera se conmovió: venía a ver y admirar su devota imagen, y a hacerle oración. Mucho le maravillaba que se hubiese aparecido por milagro divino; porque ninguna persona de este mundo pintó su preciosa imagen.

2. Sermão Guadalupano de 1794

Nuestro católico monarca el señor don Carlos III, que en paz descansa, por su cédula de 22 de diciembre del año 80 ordenó, a instancia de la Real Academia de la Historia, se solicitasen peritos que averiguasen la verdadera de este reino. No la hay, pues, señor a pesar de los Torquemadas y Boturinis, porque debiendo aquella deducirse de las tradiciones disfrazadas en fábulas alegóricas y jeroglíficos nacionales, Torquemada, que recogió todas aquellas copiadas de los primeros misioneros, las refiere literalmente sin acertar a descifrarlas, como él mismo confiesa, y Boturini se engañó muchas veces con todo su exquisito museo de indianos caracteres.

El cura Becerra Tanco, acaso el mejor intérprete de la lengua mexicana, no habiéndola entendido sin embargo por sus raíces y compuestos, no conoció su sentido todo figurado y parabólico, y así es fuerza que se engañara como les sucedió a los autores de gramáticas y diccionarios, y al mismo Boturini que ni comprendió bien los monumentos que había recogido, ni acertara a descifrar los monumentos o piedras preciosas excavadas en el anterior virreinato. A consecuencia, las genuinas tradiciones de los indios sobre la imagen de nuestra Señora de Guadalupe a mi entender tampoco se han percibido, y su historia que aún no se acaba de escribir y concordar parece llena de equivocaciones.

Qué arbitrio, pues, sacar la verdad de este pozo de Demócrito? La gran penetración del padre San Agustín lo prescribió ya en el libro 2 *De doctrina cristiana*, el estudio profundo de las lenguas contra *ignota signa propria magnum remedium est linguarum cognitio*, y especialmente de la mexicana, que aun sin percibirla a fondo, según su ingenua protesta, el autor de su diccionario fray Alonso de Molina asegura que tiene secretos y misterios. Superior en sublimidad al idioma latino, tan abundante como el griego, abrevia como el hebreo en una palabra muchos conceptos, y su energético sentido es todo figurado y simbólico. Así, desenvolviéndolo por sus raíces y compuestos basta a descifrar los jeroglíficos y alegorías, y por decirlo así, él solo viene a ser una historia de las tradiciones regionales. Las de la aparición de María Santísima de Guadalupe por la ignorancia de la lengua me parecen así mismo como las del reino, equivocadas y confundidas, y que si la historia de la soberana imagen aún no se acaba de escribir y concordar es porque no se ha dado en el punto céntrico de la realidad. Yo pretendo descubrirla hoy según el consejo del padre San Agustín en el libro ya citado a fuerza de examinar los frasismos e indagar la fuerza de las palabras en que están las tradiciones, y para este fin aventuro estas cuatro proposiciones a la corrección de los sabios:

La imagen de nuestra Señora de Guadalupe no está pintada en la tilma de Juan Diego, sin en la capa de Santo Tomás apóstol de este reino. *Primera proposición.*

Mil setecientos cincuenta años antes del presente, la imagen de nuestra Señora de Guadalupe ya era muy célebre y adorada por los indios ya cristianos, en la cima plana de esta sierra de Tenayuca donde la erigió templo y colocó Santo Tomás. *Segunda proposición.*

Apóstatas los indios muy en breve de nuestra religión maltrataron la imagen que seguramente no pudieron borrar, y Santo Tomás la escondió, hasta que diez años después de la conquista apareció la Reina de los Cielos a Juan Diego pidiendo templo, y le entregó la última vez su antigua imagen para que la llevara a presencia del señor Zumárraga. *Tercera proposición.*

La imagen de nuestra Señora es pintura de los principios del siglo primero de la Iglesia, pero así como su conservación su pincel es superior a toda humana industria, como que la misma Virgen María se estampó naturalmente en el lienzo viviendo en carne mortal. *Cuarta proposición* de que las otras tres son un resultado, y todas, lo confieso, extrañas e inauditas; pero a mí me parecen muy probables; y a lo menos, si me engaño, habré excitado la desidia de mis paisanos para que probándomelo aclaren mejor la verdad de esta historia que no cesan de criticar los desafectos; y yo entonces más gustoso veré destruidas todas mis pruebas de que ahora sólo puedo exhibir algunas

consultando la brevedad y inteligencia de la mayor parte del auditorio que necesitaba anteriormente otros principios.

Oh, cristianos, venid, escuchad y os contaré las maravillas de vuestro Dios y su Madre *venite audite et narrabo omnes qui temetis Deum*. Atención.

Pero antes de comenzar a probar mis cuatro proposiciones, para proceder con claridad necesitamos asentar quiénes son los indios mexicanos, cuándo y de dónde vinieron, si alguno de los apóstoles les predicó el Evangelio y cuál fue. No penséis, señores, que me voy a enredar en las intrincadas e interminables disputas impresas sobre esto; todas son en vano después que nos han ministrado el hilo de Ariadna para salir del laberinto esos monumentos en tiempo de la gentilidad pública y autorizados excavados en el anterior virreinato y mucho más preciosos que todos los de Herculano y Pompeya. Especialmente ese peñasco que está en el patio de nuestra universidad, y que instruye completamente la ruina de la antigua capital de los indios en el terremoto de la muerte de Jesucristo y la fundación de México cuatrocientos años después, y aun es todavía más interesante ese otro peñasco que está al pie de la nueva torre de la catedral, y contiene el verdadero *teomoxtli* o libro de Dios que novísimamente el Sr. Gama en sus periódicos desea se desentierre, debiendo haberlo visto tantas veces cuantas necesitaba para intentar explicarlo. Consta de este monumento que los indios mexicanos son la décima generación que trabajaba en la torre de Babel, y la tercia décima de Noé pobladores de este reino por los años del mundo 2190. El peñasco de la universidad instruye que hubo entre ellos hombre muy corpulentos que eran las razas dominantes, cuyos huesos tantas veces se han hallado, cuyo tamaño describe, y cuya capital estaba en las serranías de nuestro sur; pero como Isaías había predicho que la muerte del Señor sería la ruina de la tierra de los gigantes, se anegaron entonces con gran parte de este continente y con su corte sin haberse salvado sino doce en esta sierra de Tenayuca.

De la misma piedra contra que vino a predicarles Santo Tomás cinco años después, y nadie dude que es el verdadero Ixtlicoechauac que Boturini tomó por un señor de Tula que hizo una junta de sabios para arreglar la cronología. No es otra cosa que la universal la que contiene el peñasco de la torre de catedral, y que no puede menos que ser del tiempo de Santo Tomás, porque los indios bien podrían por el eclipse y terremoto fijar la data de la muerte del Salvador, que es la era regional de los indios, y que como tal ocupa el centro de la piedra a quien sirve de tema. Bien podrían saber las épocas de la creación del mundo, del diluvio universal, de la confusión de las lenguas, cuyos años computados por el año magno de los patriarcas que menciona Flavio Josefo corresponde exactamente a la Vulgata; bien podrían señalar las épocas de sus emperadores hasta 239 años antes de la conquista que se conocen más recientemente añadidas; pero como podrían describir las diez plagas del Egipto y el año de la libertad de Israel, el del nacimiento de Jesucristo y su edad si no los hubiera instruido el santo apóstol? Lo cierto es que ahí mismo delinean su habitación a manera de un claustro, la Iglesia y la concha con el múrice en que los enseñó a teñir la púrpura. Dejemos reposar las piedras. Pero Becerra Tanco no afirma que halló en Tula la pintura y tradición del apóstol hasta con el apelativo de Mellizo y Gemelo que le da el Evangelio?

¿No está también autenticada en Oaxaca con la prodigiosa Cruz de Santo Tomé? ¿Boturini no menciona de su venida los monumentos incontestables que poseía? Y Torquemada convendría con nosotros si le advirtiésemos que la alegoría de Quetzalcóatl que literalmente es la historia de Santo Tomás llamado Quetzalcóatl el que domina al dragón *quechatl*, porque el santo lo ahuyentó hasta las costas de Tabasco donde se halla. Importa oírle esta alegoría que a cuatro palabras quedará perfectamente descifrada. Quetzalcóatl, dice, era hombre blanco, crecido de cuerpo, frente ancha, ojos grandes, cabellos negros, barba grande y redonda: es puntualmente la fisonomía de Santo Tomás; hacía penitencia, se levantaba a media noche, era castísimo, no admitía sacrificios sangrientos de hombres ni animales sino sólo de pan, flores y perfumes, prohibía guerras y otros daños: ésta es la ley de Jesucristo. Usaba vestiduras largas hasta los pies, y encima manta sembrada de cruces coloradas: ésta es la antigua vestidura de los patriarcas sucesores de los apóstoles en la Iglesia oriental; habitaba palacios magníficos en la sierra de Minyó: ésta es la iglesia cuyos

vestigios permanecen allí todavía con la pequeña fuente en que bautizaba y que dio nombre a la sierra Minyó, palabra otomí que significa agua del coyote, símbolo de Santo Tomás por su habilidad y los gritos de su predicación que extendió hasta las costas, pues Torquemada prosigue a decir que se oía su voz cien leguas, que sanaba a los enfermos, que enseñó a los indios a labrar plata y oro, esto es, los vasos y ornamentos sagrados, hasta que a los veinte años de su mansión en Tula un viejo llamado Titlacahua le dio una bebida que lo hizo llorar mucho amargamente y determinó marcharse. Titlacahua quiere decir somos dueños de esclavos; es, pues, el sentido que volviendo a los sacrificios de esclavos con que declararon su apostasía, el santo, penetrado de dolor, resolvió según el mandato de Jesucristo sacudir sobre esta tierra infructiva el polvo de sus sandalias. Entonces quemó, sigue Torquemada, las cosas que tenía fabricadas de plata y conchas, esto es, los vasos y vestiduras sagradas, para que no las profanaran, y escondió otras cosas preciosas en las sierras y barrancas de los nos, esto es, a las imágenes del Señor de Chalma, de la Virgen de los Remedios y otras que hay en el reino, milagrosas, de origen incógnito y que se han hallado en cuevas y sierras, y entre ellas nuestra Señora de Guadalupe como después diré. Paso Quetzalcóatl a Cholula, donde bajo este nombre sabéis que adoraban al tiempo de la conquista su célebre dios. Era dios del aire, aunque otros dicen del agua, sigue todavía Torquemada, y se fue por el oriente a hacer una visita al sol, esto es, cabalgando los vientos y surcando los mares se fue a predicar en las Indias orientales donde lo martirizaron, dejando predicho a estas gentes que cuando acaeciesen tales fenómenos que de facto sabéis precedieron con gran temor de los indios, vendrían a dominarlos y enseñarles otra vez los suyos semejantes a él, esto es, blancos, y suyos por la religión, cuales fueron los españoles, hallándose descrito hasta y el nombre propio de España en ese peñasco de la universidad. Estas son sus escrituras que citaba Moctezuma a Cortés y la causa de que a éste en su navío lo fuesen a vestir con las ropas que usaba Quetzalcóatl, cuya predicción fue la principal base de la conquista. Yo hallo todavía la predicación del apóstol en todas las ceremonias sagradas de los indios que no son sino las de nuestra religión desfigurada, y su Dios Jesucristo mismo bajo el nombre de Huitzilopochtli o señor de la espina en el costado; le hallo, en fin, por todas partes y por todo el reino que he viajado, ya bajo el nombre de Coyote, de Padre, de Señor, de Patriarca, de Médico, muchas veces de Mellizo y de Tomás porque las aguas termales del Peñón se llaman en mexicano *tomatl*, agua de Tomás, y en sus inmediaciones se advierte el distintivo del antiguo barrio Tomatlan o cercano al aguade Tomás. De este apóstol digo yo que era la capa y no de Juan Diego, en que nuestra Señora de Guadalupe está pintada.

Comencemos a probar, y desde luego nadie se equivoque pensando que yo niego las apariciones de María Santísima a Juan Bernardino y Juan Diego, antes creo firmísimamente que negarlas es una temeridad hija de la ignorancia y de la malignidad. Lo que yo constantemente niego es que María Santísima se pintase en la tilma de Juan Diego. Y en esto no hago sino seguir la genuina tradición. Óigase primero al célebre cura Becerra que escribiendo por los años de 1666 la historia de nuestra Señora de Guadalupe sacada de los manuscritos de los indios recién convertidos dice estas formales palabras. Lo primero es de notar que no dice la tradición que se formó la imagen de nuestra Señora al desplegar la manta el indio en la presencia del señor obispo Zumárraga, sino que se vio entonces y no antes, y por estar ya figurada la imagen le mandó la Virgen al indio Juan Diego que no mostrase a persona alguna lo que llevaba antes que al señor obispo, y así los que han querido dar a entender que en presencia de éste se pintó la Señora en la manta no han averiguado de raíz el milagro. Es verdad, señores, que Becerra Tanco, vacilante ya, se echa a discutir que los ángeles debieron pintarla en la tilma de Juan Diego al poner la Señora con sus manos las flores en ella, pero yo no adivino ni conjeturo sino que leo las mismas expresiones con que el manuscrito indiano que el autor cita (y a cuyas locuciones debe darse crédito porque la mayor elegancia del idioma mexicano consiste en la propiedad de las voces con que las cosas se expresan) relaciona el milagro: *omomachiotinextiquis*: ya se descubrió la que se nos dio por norma. La tradición, pues, genuina de los indios no es que la Señora se apareció en la capa de Juan Diego sino que la imagen que antes estaba escondida se descubrió, a que añadido con reflexión del mismo Becerra Tanco que la capa que usan los indios es de tres lienzos y el de nuestra Señora de dos solamente. Y ved ahora aquí la razón por qué Bernal Díaz y Torquemada, haciendo ambos mención del templo e imagen de

nuestra Señora, no la hacen de su aparición; ved aquí la razón por qué la Señora estuvo en la catedral tres años desatendida hasta que volvió de España el señor Zumárraga, y ved aquí también la razón por qué los españoles la llamaron de Guadalupe siendo, tan desemejante a la de Extremadura. Ellos, casi todos extremeños, no veían sino una imagen antigua y maltratada, y como no penetraron las explicaciones de los indios y la llamaron de Guadalupe o por la relación o por la configuración de la imagen, extraña en estas partes un descubrimiento semejante al de nuestra Señora de Guadalupe de Extremadura hallada después de muchos años en el pozo de Cáceres donde la escondió San Leandro.

¿Mas de dónde se infiere que está pintada en la capa de Santo Tomás apóstol? Para probar esto necesitamos recurrir a las historias del Perú. Consta de éstas sobre sólidos testimonios que los indios meridionales de Santa Cruz de la Sierra usaban capa de dos lienzos cosidos por el medio como el de nuestra Señora, y estos naturales, que adoraban una estatua de Santo Tomás hecha de piedra por un milagro que viviendo les hizo, instruyeron a los conquistados que así usaba la capa el santo apóstol que había predicado a sus ascendientes la fe de una cruz que dejó señalada con el dedo en una piedra, colocada después por los españoles por ser milagrosa en la iglesia mayor de Santa Cruz. Pero cuando estuvo Santo Tomás en Nueva España vimos ya que usaba capa sembrada de cruces coloradas y no la de dos lienzos, porque la dedicó a nuestra Señora como me parece deducirse de la alegoría de la Coatlicue que refiere literalmente Torquemada. Dice que la madre de Huitzilopochtli estuvo primero que en la ciudad en la sierra de Minyó madre también de estas gentes, y madre en especial de los sentzohuisnáhuac, la que llamaban los indios Coyolxauhqui y Coatlicue. Está dicho que Jesucristo es el mismo Huitzilopochtli o Señor de la espina en el costdo y que así su Madre Santísima es Madre de todas estas gentes y en especial de los sentzohuisnáhuac que cuidaban, esto es, de los sacerdotes de Jesucristo que ordenó 400 el apóstol en aquella sierra, y se llamaban sentzohuisnáhuac, esto es, los que tienen la corona de espinas formada con pelo de cada uno. Se llamaba Coyolxauhqui, esto es, la que el Coyote o Santo Tomás adorna con flores, de cuyo ejemplo viene a los indios poner tantas flores a las imágenes, llamabase también Coatlicue, y he aquí ya la prueba de que nuestra Señora está pintada en la capa c apóstol, porque Coatlicue quiere decir el vestido de la mujer es la capa del gemelo, y lo mismo dice el testimonio del tiempo de la aparición que copió Bartolache de la librería de universidad, donde se dice de nuestra Señora de Guadalupe *hueitlamauisoltica*, está dentro lo usado antiguamente que es la espina del médico grande, la capa del hilo de maguey Santo Tomás, y aunque Bartolache contra la fe de todos los historiadores españoles e indios diga que el lienzo de nuestra Señora es de la palma *itsotl*, es una falsedad evidente que ahora no tengo tiempo de impugnar.

Pasemos a la segunda proposición.

Probemos ahora que estuvo Santo Tomás en esta sierra y fabricó templo a Nuestra Señora siendo muy celebrada y adorada de los indios. Que el santo estuvo aquí lo prueba claramente el nombre que también daban a la sierra: Coatepec; sierra del Mellizo, así mismo el nombre pocito de nuestra Señora, *topiatl*, fuego que guarda Tomás, que alude a haber apagado el santo fuego de que restan indicios abrasó a esta serranía, y que lo hay subterráneo lo prueba el mismo pocito, el que días ha se descubrió de aceite o petróleo, y ruidos que yo he observado en México del norte a sur. Fabricó templo y colocó a Nuestra Señora Madre Purísima Sacratísima dejando muchas pruebas. En una sola va a ver vuestra alteza cómo los españoles, por una ignorancia radical de los idiomas nacionales, confundieron todas las tradiciones de indios. En todos los historiadores españoles de Nueva España habrá leído vuestra alteza que este lugar había un templo donde estaba una diosa llamada Teonanzin, madre de los dioses, de las gentes y madre nuestra a la que sacrificaban niños y niñas, viniendo en romería i santuario de las partes más remotas de este reino, a implorar las aguas. Pregunto señor, de vieron este templo, porque yo he leído muchísimas historias impresas y manuscritas y no encuentro no sólo un rasgo de que los españoles lo destruyeron, pero ni de que existiese al tiempo de la conquista. El templo sin duda lo hubo en tiempo de Santo Tomás, peí destruyeron los indios cuando apostataron del cristianismo, y sus vestigios aún se ven i cima plana de esta sierra de Tenayuca donde tienen de longitud dos cuerdas de México, y una de latitud. Ese

templo digo yo era de María Santísima, no sólo por el mismo nombre de la sierra a quien dio la Virgen nombre, Tenayuca, la madre que está en la sierra, sino por el mismo nombre Teonanzin que traducen falsamente madre de los dioses Teotenanzin, esto és, la madre que está en la sierra es la madre del Señor La razón de sacrificar niños y niñas inventó el demonio en rabiosa venganza de la educación cristiana que en ese templo Santo Tomás a los infantes, y venían a pedir las aguas porque cuando derribaron su templo los castigó con una esterilidad de muchos años y con lepra, en mexicano *teocolispalar*: podredumbre, que es la enfermedad del Señor. Que ésta fuese la misma pintura de nuestra Señora de Guadalupe se prueba de los otros dos nombres que los historiadores dan a aquella alegoría diosa Teonanzin, que son Matlalcueye y Chalchiutlicue. Matlalcueye es lo mismo: su vestido es de azul, que verdea, tal es el manto de nuestra Señora. Chalchiutlicue, nombre que los tlaxcaltecas dan todavía a nuestra Señora de Guadalupe, cuya enagua es de piedras preciosas antonomásticamente diamante, por la túnica blanca floreada de oro y al esmaltes de nácar. Asentado así que nuestra Señora de Guadalupe tan antiguamente fue adorada en este cerro, se puede acertar con la causa de llamarse la Señora de Guadalupe, nombre cuyo misterio dice Becerra Tanco algún día querrá Dios descifrar. No obstante, sabemos que el indio neófito no pudo decir Guadalupe, porque el mexicano no tiene g ni d, y haciéndole a los indios en su tiempo pronunciar Guadalupe: *tequataloupe*, por lo que dicho autor conjetura que diría *tiexauantlanupen*, la que tuvo origen o comenzó debajo de la cumbre de la sierra, porque habéis de saber, señores, que este cerrito de Tepeyácac y el de Santa Clarita se desgajaron de esa tierra de Tenayuca de la cual eran cumbres, y por eso aquel cerro llaman todavía en mexicano Cuapilli, principal cumbre, y el pueblito inmediato de donde era Juan Diego, Cuautitlán, junto a la cumbre. Por lo que yo me creo que diría acaso Juan Bernardino: tecsitlaluxcán, en dos partes o lugares de la tierra está la cumbre de la sierra, nombre que es muy fácil de confundir con el de Guadalupe, cuyo descubrimiento, como ya dijimos, ayudó a los españoles para confundir el vocablo, como en lugar de Huitzilopochtli pronunciaban Huitzilobos.

Y no es menos cierto que apóstatas los indios muy en breve de nuestra religión, maltrataron la imagen que seguramente no pudieron borrar, y Santo Tomás la escondió.

Tercera proposición.

Es manifiesta la pronta apostasía de los indios en la repetida alegoría de Quezalcohua que ellos mismos aplican a Santo Tomás. Quezalcohua, dice Torquemada, estuvo en esta tierra veinte años hasta que un viejo llamado Titlacahua le dio una bebida que lo hizo llorar amargamente y determinó partirse. Titlacahua quiere decir somos dueños de esclavos, o señores de gentes, siendo el sentido que volviendo los indios a los sacrificios humanos con que declararon su apostasía, el santo apóstol penetrado del más amargo dolor resolvió, según el mandato de Jesucristo, sacudir sobre esta tierra rebelde el polvo de sus sandalias. Que antes de esta partida y pública declaración de su apostasía, maltrataron la imagen que seguramente no pudieron borrar, parece hallarse cifrado en la alegoría de la Tetehuinan de Cuihuacan que refieren literalmente nuestros historiadores.

Dicen que recién venidos los mexicanos antes de fundar en México su corte enviaron a pedir al señor de Cuihuacan su hija para reina y abuela suya y madre de su dios. Que habiéndosela entregado la quitaron la piel que se vistió uno de ellos amoldándola a su cuerpo, y que entonces la adoraron al lado de su dios; llamando para el mismo efecto a su padre, que no obstante los inciensos que oscurecían el templo, conoció el atentado contra su hija y salió pidiendo auxilio. ¿Creéis, señores, que esto sea literalmente verdadero? ¡Un gran señor abandonando su hija a una nación advenediza y errante, que le pide para abuela suya siendo una niña!, ¡que la adora sin más apoteosis que desollarla!, ¡llamar después de esto a su padre!, ¡y para adorar a su hija! ¡Oh ignorancia de los frasismos de la lengua que ha impedido descifrar tan claras alegorías! Si hubieran sabido nuestros historiadores que en mexicano lo mismo vale señor que padre, hija que doncella o virgen, en lugar de traducir Teteuinan de Cuihuacan, hija del señor de Cuihuacan, hubieran traducido, virgen del padre de Cuihuacan, nuestra Señora de Guadalupe antonomástica doncella de Santo Tomás, patriarca de esta tierra, cuyo nombre, general es Cuihuacan, país inclinado, como lo está. Hubieran conocido que los mexicanos, aportando primero a Tula y convertidos por el apóstol, le pidieron la

imagen de nuestra Señora para adorarla como en realidad es reina, y aunque niña y virgen madre de su dios, abuela de los cuihuas por madre de los catorce libertados que formaron su ascendencia, y ella es la misma Teotenanzin de esta sierra de Tenayuca, a quien por lo mismo llamaron también Toci o abuela. Hubieran entendido por el desuelle de la Tetehuinan el que apostatando intentaron hacer de la sagrada imagen que no pudieron borrar, en ausencia del apóstol, quien viniendo a adorarla sin embargo de los humos del Turibulo, conoció el atentado y salió pidiendo auxilio contra estos sacrilegos al cielo.

Entended también vosotros, oyentes míos, por qué los pintores antiguos, como por los rasgos residuos aseguran los modernos, se atrevieron a poner sus manos en nuestra imagen. Viéndola maltratada, nuestros buenos españoles, quisieron resanarla, y su pintura como humana, digámoslo así, se saltó, sin que haya quedado ángel alguno de los que la pusieron por orla en su circunferencia.

Que maltratada, Santo Tomás escondió la imagen, se infiere todavía de la alegoría de Quezalcohua, quien, dice Torquemada, cuando se iba quemó todas las cosas que tenía fabricadas de oro, plata y conchas, esto es, los vasos y ornamentos sagrados para que no los profanaran los apóstatas, y escondió, prosigue, otras cosas preciosas en las sierras y barrancas de los ríos, esto es, al Señor de Chalma y otras muchas imágenes y cruces prodigiosas que hay el reino de origen incógnito, y que se han hallado en corazones de árboles, cuevas y sierras, y alguna descubierta con música celestial la vigilia de Santo Tomás, y entre ellas nuestra Señora de Guadalupe descubierta y con música por la misma Reina de los Cielos al siguiente día de su apóstol que la precedió en este reino. Tal vez con la venida de los españoles, predijo el santo apóstol su descubrimiento, pues los indios lo aguardaban, como se conoce, ya por la expresión *omomachioti-nextiquis*, se acabó de descubrir la que nos señaló por norma, ya por la tradición, que según Torquemada, tenían los totonacas, quienes adoraban a una diosa llamada Tonacayoua que no admitía sacrificios sino de pan, flores y perfumes, y en la cual esperaban los había de libertar de los humanos sacrificios. Yo no entiendo esto, dice aquí aquel autor, y me parecen adivinanzas. Esta yo la diré a mi auditorio por el nombre Tonacayoua. Quiere decir, la que tiene al que encarna en lo nuestro o la madre del verbo encamado entre nosotros, y propiamente nuestra Señora de Guadalupe, como después diré, la que descubierta después de la conquista los libertó en efecto como esperaban de los sangrientos sacrificios que aborrece.

Y todo esto ya me parece apoya que la imagen de nuestra Señora es pintura de los principios del siglo primero de la Iglesia, aunque su pincel es superior a toda humana industria, como que la misma Virgen María viviendo en carne mortal se estampó naturalmente en el lienzo.

Cuarta proposición.

Entre las razones que ocurren para probar que la de nuestra Señora es pintura de los principios del siglo primero de la Iglesia, no quiero referir sino las que ministra a vuestros ojos la misma imagen. Veis que sobre el pie derecho a poca distancia tiene uno que ha parecido número 8, aunque por estar abierta una de sus esferas, figura mejor una tenaza. El piadoso pintor Cabrera lo discurre misterioso y que o nos recuerda que apareció en la infraoctava de su Concepción o que es la pintura la octava maravilla. Bartolache con sus pintores afirma por el contrario que no es cosa especial. ¡Ah, uno y otro se engañan! Es una letra o carácter sirio-caldeo, idioma nativo en que hablaban y escribían los apóstoles. Luego la imagen es del tiempo de Santo Tomás, y lo particular sobre el asunto es que tengo el mismo carácter escrito dos veces en la orla de caracteres sirio-caldeos que tiene la cruz impresa en mármol con sangre de Santo Tomás, y descubierta en la ermita donde oraba cerca de Meliapor, antigua corte de Coromandel, donde se halló su cuerpo; ¡cosa de notar!, al mismo tiempo que acá se concluyó la conquista que tan puntualmente predijo. Tales caracteres de aquella cruz estuvieron como exóticos ignorados 29 años, hasta que fueron interpretados a solicitud del obispo de Cochin, y remitida la interpretación al rey don Sebastián, la aprobó de comisión especial de la silla apostólica él infante cardenal don Enrique arzobispo de Lisboa. Ojalá, ilustrísimo señor, que vuestra excelencia también, pues posee ese idioma, reflejando en ese carácter, nos sacara de dudas con su interpretación. Yo no la atino ingenuamente, ni por

cotejo con los otros caracteres de la cruz, porque este idioma contiene muchas cláusulas en una sola letra, y aun en solas cuatro está toda la Salutación Angélica, con la que traducida del mismo sirio-caldeo concluiré yo mi sermón en memoria de las muchas veces que se la rezaría a nuestra Señora su santo apóstol Tomás.

Para que sea de su tiempo, todavía tengo otra prueba en la misma imagen, y me la ministra esa fimbria que fluye de su túnica sobre sus pies. ¿No es cosa extraña la cauda de un vestido? ¿Y pudiera un común artífice pintarla sin una ridícula extravagancia? Me parece un misterio. ¿Y sabéis vosotros cuál contiene el almaizal en la Iglesia? Por ahí deduciréis el de esa fimbria que lo representa. El almaizal significa las Sagradas Escrituras escritas al principio de la Iglesia en rollos largos, como todavía los diplomas pontificios, y aplicando esto a la fimbria, notad sobre ella el carácter sirio-caldeo en que estaban estampadas las Escrituras del tiempo de Santo Tomás. Luego la imagen es del tiempo de Santo Tomás, luego es pintura de los principios del siglo primero de la Iglesia.

Sí, y naciente todavía me parece la representa ese infantito, que con una mano agarra la fimbria símbolo de las Escrituras, y con otra el manto, en mexicano *coachtli*, hilo de la cima, porque baja de la de nuestra Señora, y que por su compuesto *ichtli*, común en símbolo a tiempo y generaciones, significa la consumación de éstas: siendo el sentido del infantito en esa actitud que la Iglesia entonces tierna y siempre joven asida de las Escrituras durará hasta la consumación de los siglos; consumación de los siglos que será por fuego, el cual significa también la túnica por vestidura interior, *tlanautle*, fuego de los cuatro rumbos de la tierra o partes de ella. El triple color extraño de sus alas también puede significar las prerrogativas de la Iglesia, largas de decir, lo mismo que el diamantito de su pecho incontrastable en su firmeza, y en mexicano *occhalchiuitl*, fratismo para significar la que es pura, como la Iglesia, *sine macula, sine ruga*. También, como he dicho, puede representar el infantito de medio cuerpo con alas la rápida incorporación de la antigua naciente Iglesia mexicana a la Encarnación y Pasión de Jesucristo que nuestra Señora cifra, teniendo asida la extremidad del manto, en mexicano *tlatlatzaccayotl*, tapadera del fuego, porque lo es realidad del Eterno para los mexicanos. El manto de nuestra Señora o alude a haber. Apagado el fuego de que restan indicios abrasó en una erupción esta serranía. Y nadie se admire de que yo con una misma cosa quiera significar diversas, pues tal es el carácter de los jeroglíficos nacionales.

Pero aún no es tiempo de descifrar la imagen. Consta ya de algún modo que es del tiempo de Santo Tomás, cuya venida resulta de ambos peñascos a los cinco años de la muerte de Jesucristo, tiempo en que aún vivía la Virgen nuestra Señora, quien se estampó naturalmente en el lienzo según la tradición de los indios. Pues preguntando a los antiguos, dice Becerra Tanco, sobre la imagen de Guadalupe respondían lo que el mismo intérprete no aciértala descifrar: *Omocopinzingo*, que claramente instruye, se copió por molde natural. Y véase aquí cómo la alegoría de la Tetehuinan es nuestra Señora de Guadalupe, pues de su desuelle dicen los historiadores tuvieron origen los sacrificios sangrientos en que sacaban a las víctimas exactamente la piel amoldándola otros a sus cuerpos, venganza del demonio por haber dado' culto a la imagen de nuestra Señora copiada de ella a molde natural como ellos copiaban en arena con metales fundidos las aves y otros brutos. Y se comprueba haber estado la imagen guadalupana en Tula y que en este lugar se copió, pues convienen los historiadores en que allí tuvieron principio los sacrificios sangrientos.

Sólo me resta probar para concluir el sermón que la pintura de nuestra Señora es superior a toda humana industria; y aquí previniéndome mi fatigado auditorio dirá que está suficientemente comprobado por las razones y juramentos de los pintores antiguos y modernos, como también de los médicos sobre su milagrosa conservación; pero permitidme todavía una prueba exquisita e irresistible. A los diez años después de la conquista, digo yo, no había aquí sino indios y españoles; éstos no pudieron pintar una imagen que está trazada sobre los más sublimes fratismos de una lengua que ignoraban o apenas percibían. Los indios neófitos tampoco podían figurar con tanta elevación misterios que excedían tanto su comprensión, y que fuera de los dichos representa nuestra Señora. Voy a descifrarla. ¡Atención!

Primeramente su postura, ademán y adorno de su cuello significan que es virgen antes del parto, en el parto y después del parto, tres veces virgen o que vive enteramente virgen: el primero es

ocmotquitinenii, la que vive entera o sin falta todavía, lo que corresponde a la postura de nuestra Señora en pie natural a quien vive. El segundo frasismo de enteramente virgen es ocmasitenemi, la que vive todavía para otorgar con la mano, acción suplicante de las dos de nuestra Señora. El tercer frasismo de enteramente virgen es ochalchihuitl, piedra preciosa todavía, antonomásticamente diamante, cual es la joya que tiene al cuello nuestra Señora y en que está grabada una cruz, misterio también impenetrable.

No tiene nuestra Señora niño porque representa la Encarnación, en cuyo tiempo sería de 14 ó 15 años, edad en que dice el pintor Cabrera se representa, y en que apareció seguramente a Juan Diego, pues habiéndole la Señora según los manuscritos indios de, "Hijito mío, muy amado", el sencillito indio, arrodillado, jamás le contesta de madre sino: "Niña mía muy querida, reina y dueña mía".

Y si reflejamos en el vientre abultado de la imagen, lo ocupa actualmente el Verbo, y lo confirma el cingulo con que está ceñida y del cual sólo aparece sobre el vientre el nudo, *tlalpilli* en mexicano, el principal de la tierra, o Verbo Encarnado en la de María. Y por eso los indios antiguos, dice Becerra Tanco, preguntados sobre la imagen también respondían *omixihuilhuizino*, a la que otro descubrió el secreto de parir, el ángel San Gabriel, queriendo dar a entender, que es imagen de la Encarnación que alude, como habernos visto, todos los nombres que la contienen en las alegorías.

¿Y por qué con un pie calzado de sandalia de oro como las emperatrices mexicanas conculca la luna? ¿en qué estado se halla ésta?, ¿y por qué está de color de tierra oscura como refleja Cabrera? Para saberlo basta recordar parte de lo que dijimos sobre los peñascos excavados, esto es, que la era regional de los indios es la muerte del Salvador, la cual señalan a la hora del medio día y tercero de luna nueva en el peñasco del pie de la torre, e instruyen en el de la universidad, que entonces se sumergió con los gigantes su antigua capital, salvándose sólo catorce en esta sierra de Tenayuca, que fundaron con su descendencia a México, e instruye el mismo peñasco que fue castigo de su embriaguez por haberlos sepultado al tiempo que celebraban sus bacanales anegados en pulque. Pisa, pues, nuestra Señora la luna, en mexicano *metzli*, filo del maguey, reprendiendo a los indios sus borracheras, cuyo castigo les trae a la memoria, y en realidad pisa el filo del maguey, las ondulaciones de cuya penca la forman orla en circuito, para enseñarles su buen uso en vestiduras. Les recuerda asimismo con ese acontecimiento la muerte de nuestro Salvador, como el color de tierra oscura que tiene la luna, el eclipse, y aun parecen insinuar el mismo las estrellas, en mexicano *sisitlaltin*, aterradas las antiguas, lumbreras de los Cielos, como su formación en Cruz de cuatro en cuatro el patíbulo de nuestro Redentor. También representa el infantito que está bajo la luna la generación de estatura mediana que siguió después y cuyos progenitores se salvaron en esta sierra por el patrocinio de la Señora franqueado desde el pie de la Cruz, y por eso la llamaron nuestra abuela en las alegorías de la Teotenzin y Tetehuinan.

Representa también la Pasión de Jesucristo y su corona en ella, la de nuestra Señora en mexicano dicha de tres maneras, *huitzinauac*, cerco de espinas, *xiuitsolli*, pegamento de la espina del año, alusivo al de la era regional o muerte de Jesucristo; *tlatocayotl*, o nombre de la tierra tratada hasta el tiempo de la conquista de *teotlixcoanauac*, corona de la frente del Señor, por haber quedado aislada en el terremoto de su muerte.

El color moreno del rostro de nuestra Señora significa la Encarnación y Pasión de nuestro Señor, pues en mexicano se dice *poyauac* una cosa matizada de flores como la primavera, y advirtiendo su sinónimo *camiletic*, que fue en pie o viviente al tiempo de pintar la fruta, alude el rostro de nuestra Señora a la estación en que se obraron aquellos altos misterios.

Mira nuestra Señora a la izquierda de quien la mire, y tiene asido el manto sobre el brazo... Iba a explicar esta maravilla que da la mejor lección de honestidad a las doncellas y me hace reflejar que no se puede decir en mexicano virgen o doncella, *ichpotli*, sin decir precisamente Virgen de Guadalupe. Pero si San Juan al verla vestida del sol y calzada de la luna, sólo exclamó arrebatado que veía un prodigio grande *signum magnum*, ¿cómo he de proseguir yo a descifrar, sobre lo que aquéllo contiene en el Apocalipsis, lo que cifra en los frasismos de los indios a quienes se dio por norma de su creencia, *omomachiotinextiquis*? Sin duda no se ha portado de esta suerte con otra nación, *non fecit taliter omni nationi*, timbre con mayor razón aplicado por la silla apostólica a los

americanos a quienes se dio por norma y amparo, un arca más misteriosa copiada al ejemplar de los diseños de Dios sobre el monte de la nueva ley, arca que apareciendo en figura de nube a los españoles en Tlaxcala debeló al ídola Canaán, y los introdujo en esta tierra de promisión, arca que llevada a México abrió las aguas de su mayor inundación como las del Jordán, arca también cautiva entre los filisteos escondida por otro Jeremías en un lugar incógnito cuando la irrupción de los caldeos, descubierta después por el pueblo cuando salió de la esclavitud de Babilonia, llevada a la casa de Obededom, al alcázar de Sión, y últimamente trasladada a su propio lugar, templo y santuario que se mandó fabricar, con una dedicación semejante a la del templo de Salomón. *Et intulerunt, &c.*

¿Qué me resta, pues, sino decir con él; *Surge Dne in réquiem tuam, et arca santificationis tuae* ¿Qué me resta sino pedirla también que se digne oír a quien la invocare en este santo templo? Pero si la Señora nos ha dicho que para mostrarse en él Madre la más piadosa, nuestro amparo y refugio nos lo mandó fabricar, si baja presurosa a estas montañas como en otro tiempo a las de Judea en solicitud de otro Juan precursor de nuestras dichas, si ruega, si insta, si promete, si lo busca por todas partes hecha centinela de amor en esta sierra, qué tenemos que hacer sino recurrir a ella sobre el seguro de su real palabra y con la mayor confianza. Todos, Señora, clamamos a ti, única vida en que vivimos, apetecido alivio en nuestras tristezas y fatigas, dulcísimo consuelo en nuestras penas, seguro asilo en nuestras esperanzas. Calmen, Señora, vuestros ruegos los severos rigores que han merecido nuestras culpas, especialmente ahora que los filisteos de Francia insultan y atacan al pueblo de Dios. No permitas que triunfen ahora también, arca verdadera, como allá, por los pecados de los hijos de Helí, y quedes tú misma cautiva porque no te darán éstos cuartel como los otros filisteos, ciégalos con polvo, terrible Teotenanzin, para que no vean a los españoles y puedan allá restituirte tu antiguo culto como en esta sierra. Fidedigna Toncayoua no dejes más que estos esclavos del demonio nos .sacrifiquen a su furia; florida Coyolxauhqui, verdadera Coatlicue de Minyó, desempeña el ser madre de los indios desde el pie mismo de la cruz, su abuela, reina, nomencladora, su apóstola, fundadora de nuestra fe, norma y restituidora, conservadora hasta el fin de los siglos. La paz sea contigo María, extremadamente graciosa, el Señor es contigo, bendita tú entre las mujeres porque tu hijo es el salvador de las almas, Jesucristo nuestro Señor, que con el Padre y el Espíritu Santo vive y reina por los siglos de los siglos. Amén.

Nota. Todo el sermón no es sino unos ligeros apuntamientos los más perceptibles al vulgo. Sin embargo prueban, si se refleja, que las alegorías son las historias de los indios como las de los orientales en que tanto se han afanado los más célebres autores. Debe también distinguirse el principal teorema de los resultados inferiores en fuerza, y por fin se debe considerar el todo, pues la concordancia prueba la verdad así como la falsedad la variación, diciendo San Jerónimo *non est verum quod variat*. Sobre todo, en mi sistema qué argumento queda a los que niegan las apariciones y nuestra gloria? *Hoc satis*. – dos rúbricas.

3. Cuestión política: ¿Puede ser libre la Nueva España?

No debía proponerse la cuestión sino así: ¿por qué no ha sido ya libre la Nueva España desde 1808 en el absoluto trastorno que padeció la monarquía, y se fue a pique la antigua España? ¿Cómo no lo es todavía en la actual impotencia de los españoles? Su marina se reduce a dos navíos de línea y cinco fragatas. Un rey de Berbería tiene más. Su erario es ninguno; la pobreza es general y espantosa; para cubrir las deudas ha echado mano de los bienes de las órdenes monacales, militares, canonicas y hospitalarias. Por haber querido Fernando vii enviar el año pasado algunas pocas tropas contra Buenos Aires, perdió la autoridad absoluta. Si las Cortes intentasen otro envío, se perderían con la Constitución, contra la cual no cesa de conspirar.

Sólo en la absoluta ignorancia de los pueblos, y en una opresión tan feroz como poderosa cabe el mantener atado a un rincón miserable de la Europa, distante dos mil leguas de océano, un inundo sembrado de oro y plata con las demás producciones del universo. En la ilustración y liberalidad del día, España misma ha desesperado de conservar las Américas. Las considera ya como perdidas y ha abandonado el timón a sus mandarines subalternos, que andan como pueden haciéndonos por acá una guerra de Intriga. Ya la América del Sur está libre casi toda.

¿Por qué no lo está la del Norte? Por la ignorancia, inexperiencia y ambición de los que se han puesto a la cabeza del movimiento. Ellos no han conocido, que para salvar un Estado es absolutamente necesario establecer un centro de poder supremo; que este poder ha de ser un i cuerpo civil para que represente a la nación; y que es menester, al cabo, que este poder contrate alianzas y auxilios con otras potencias que reconozcan su independencia. Sin estas tres cosas la libertad no se consigue, se sella la servidumbre, se desuela la patria.

No habiendo un centro de poder a que obedezcan todos los que se proponen resistir al yugo del antiguo gobierno, hay anarquía; y sería tanta locura pretender triunfar en ese estado un cuerpo político, como medrar uno humano en el desorden general de sus humores. Jesucristo mismo alegó como un axioma que *todo reino entre sí dividido será desolado*. Lo hemos experimentado en nuestro Anáhuac o Nueva España; y hubiera parecido la antigua si no se hubiese erigido la Junta Central, a pesar de las Juntas provinciales, que ambiciosas e inexpertas como nuestros jefes de insurrección, querían mantener aislado supremo poder de cada provincia.

¿Cómo se han imaginado estos jefes, que separado cada uno en su mando, podrían prevalecer contra el sistema combinado del gobierno real, que atacaba a cada uno aislado con todo su poder reunido? Necesariamente debían ir pereciendo unos tras otros los jefes, cansarse los soldados y los pueblos con la largura de la lucha y la infelicidad de los sucesos, desertar aquellos o indultarse, y éstos implorar el perdón y clemencia con que no cesa de brindar el antiguo gobierno conociendo su impotencia.

Esta sólo es la que ha impedido que no esté concluido todo enteramente y aún nos quede alguna esperanza de libertad. La que tienen los españoles de mantenemos en su servidumbre, no tiene otro apoyo que la locura de nuestra misma división. Reunámonos, pues, paisanos míos, reunámonos y ellos están perdidos; no digo ahora que serán dos mil a lo más sin esperanza de reemplazo; ellos mismos confiesan que sin la ayuda de los hijos del reino nada podrían haber hecho aún en su mayor incremento.

¡Que sea menester dar razones para probar la necesidad de un centro de poder, siendo cosa más clara que la luz! Así como los hombres se ven precisados a ceder una parte de sus derechos naturales para adquirir en la sociedad la garantía de lo que les resta, con la ventaja del número y del orden; así es menester que todo jefe militar ceda una parte de la autoridad que ha adquirido para formar un centro de ella que sostenga la que le queda por la unidad de los planes, la combinación de todas las fuerzas y la ayuda recíproca. A la seguridad propia, y a la ventaja general deben los militares sacrificar esa ambición miserable que pierde a ellos y a la patria. Demasiado tendrá ésta con qué premiarlos, como sabrá eternamente aborrecerlos, si por su ambición queda arrastrando aún las cadenas de los peninsulares.

Está bien, y ¿cómo elegir ese centro de poder? ¿Quién le ha de dar la sanción? ¿Cómo hacer que los demás jefes militares lo reconozcan, que lo obedezcan los pueblos?

Si se tratase de obedecer a un hombre que no fuese el padre natural, habría dificultad, porque los hombres naturalmente libres e independientes no admiten el gobierno de uno solo sino por la violencia de las armas, y lo sacuden luego que pueden. Sólo se mantienen tranquilos bajo él, si han contraído el hábito de obedecer por la continuación de los siglos, o el respeto sagrado de las leyes. No hablamos de ese gobierno.

Pero todos quieren uno, porque todos quieren el orden, y no pudiendo gobernar todos, voluntariamente se sujetan al que ellos mismos eligen por sus delegados, cooperando después - a su buen éxito como de una obra suya y para su propio bien. Un congreso pues, es el que se ha de establecer. Este es el gobierno natural de toda asociación, éste es el órgano nato de la voluntad general.

Esta es también la que confiere un poder a los militares y legitima sus operaciones. Los militares no representan la nación; son los instrumentos de que se sirve para su defensa, y para conseguir su paz y tranquilidad, o sea su independencia y libertad. Antes es un axioma entre todas las naciones libres del despotismo, que la fuerza armada no es deliberante. Deliberar ella y obrar es tan grande absurdo para la libertad como para la justicia ser uno mismo el juez del hecho y del derecho.

En una palabra: militares peleando sin un cuerpo civil o nacional que los autorice, en el mar se llaman piratas, en tierra, asesinos, salteadores, facciosos y rebeldes, aunque en verdad no lo sean. Y de aquí viene que a pesar de haber tenido nuestros generales mexicanos tantos millares de hombres a sus órdenes, los españoles siempre les han hecho la guerra a muerte como a rebeldes. Yo bien sé que esto es muy mal hecho; pero peor y más chocante sería si hubiese permanecido un Congreso nacional. Por no tenerlo, aunque ya existía una Junta Suprema, se negaron las Cortes de Cádiz a la mediación que en 1812 ofreció a la Inglaterra a petición de nuestros diputados, porque no teníamos en México, decían, un gobierno con quién tratar, y sólo la admitían para las demás partes de América que tenían congresos.

Teniéndolo, no hallarían los españoles razones ni aparentes para disculpar su barbarie aun entre los ignorantes; se hubieran desacreditado enteramente dentro y fuera del reino, y sobrarían vengadores de nuestra sangre. No basta que una cosa sea justa, es necesario que lo parezca y revestirla de ciertas formas para que llame la atención de los hombres, y se vean obligados a respetarla por respeto a la opinión general, que al cabo todo lo avasalla.

El mismo asesino Calleja, desde que sonó un congreso entre los insurgentes mexicanos, ya recurrió para debilitar su influjo a los medios legales, publicando declaraciones de los ayuntamientos de no haber otorgado poderes algunos para representar a sus pueblos. Conoció el tirano la importancia de aquel paso, y que contra él no bastaba tocar a degüello.

Yo soy testigo de que a nombre de Congreso en México, se alborotó la Europa para venir a su socorro, y de todas partes se dirigían a los Estados Unidos, generales, oficiales y soldados a millares. Grandes personajes hablaron en orden a nuestras Américas al rey de Prusia, y a los emperadores de Austria y Rusia, y todos respondieron que deseaban nuestra independencia, y que estaban prontos a reconocerla luego que tuviésemos un gobierno, y se les enviase un ministro.

Yo sé que si como Herrera, ministro enviado por el Congreso de Tehuacán, fue a Nueva Orleans y se sepultó allí por falta de dinero, va a Washington, en el norte de los Estados Unidos, donde lo estaba esperando el Congreso. Se declara la guerra a España en 1815 ó 16. Ya estaban tomadas todas las medidas, y se habían enviado generales a Inglaterra a concertarlas con el partido poderoso que llaman de la oposición para que sobre esto no hubiese alguna.

Uno de los efectos de estas medidas fue la venida de Mina a Norteamérica, a quien debían seguirle Renovales y otros generales, porque también los liberales de España refugiados en Londres (que ahora están en las Cortes) estaban en favor de nuestra libertad para tener un asilo. Pero nada es comparable al deseo que tienen de que la gocemos, nuestros hermanos de los Estados Unidos. En principios de 1815 ya el Presidente había dispuesto se reuniesen a deliberar los americanoespañoles que por allí hubiese y le propusiesen los arbitrios o caminos por donde se nos pudiese dar socorro o favorecemos en la empresa.

En fines del mismo año, el estado de la Luisiana, cuya capital es Nueva Orleáns, envió diputados al Congreso ofreciendo todos sus caudales y personas para que se declarase la guerra a España en favor de nuestra emancipación. Y este estado saludaba la bandera de México con sus 19 cañonazos como de república independiente, y recibía nuestras presas declaradas buenas por nuestro almirantazgo de Galveston, que en sólo 8 meses produjo 74 mil pesos de derechos, aunque no se pagaban de la plata sellada.

Llegó Mina a Baltimore, y sin más fianza que el deseo ardiente de nuestra libertad, quince comerciantes se reunieron para armarle una expedición completa y respetable, y al nombre de armamento para México, toda la juventud más brillante de los Estados Unidos corría para alistarse.

No, no es falta del norte de América que no tengamos el auxilio y la alianza de diez millones y medio de almas a que asciende su población, y de más de doce mil buques que cuenta su marina. Es bestialidad nuestra, que no lo pedimos, ni sabemos ponernos en estado de que se nos dé sin faltar al derecho de gentes, cuyas formas es necesario salvar. ¿Cómo sin faltar a ellas ha de declarar la guerra a España en favor de puñados de insurgentes dispersos acá y allá sin reconocer un cuerpo nacional que los autorice y por consiguiente no presentando otro aspecto que el de reuniones de facciosos armados contra su gobierno antiguo y reconocido?

Proteger tales gentes con una declaración formal de guerra sería alarmar o atraer contra sí a todos los gobiernos, porque en todas partes no faltarían militares que se insurgiesen contra el suyo. Si Francia reconoció la independencia de los Estados Unidos de América, declaró la guerra a Inglaterra en su defensa, y luego hizo lo mismo España, fue después que los Estados de la América inglesa unidos en Congreso declararon su independencia, nombraron generales, y un poder ejecutivo o gobierno.

Así Mina, mientras sonaba un Congreso en el reino de México, iba en boga con su expedición, para la cual se presentaban cuadros enteros de oficiales y hasta generales franceses; aun mariscales de Francia pedían ser admitidos en la expedición; artillería, municiones, amias, ropas, buques, víveres, todo sobraba.

Pero Terán por las intrigas y seducción del obispo Pérez, disolvió y prendió el Congreso de Tehuacán. Otro general incurrió en la falta de no quererlo admitir cuando quedó libre. Se avisó a Herrera y Toledo leyó sus cartas. Este intrigante, que al nombre de Congreso se había presentado en la costa con fusiles, y pedido oficiales para obrar por Texas, cayó enteramente de ánimo con la disolución del Congreso, y se reconcilió, con el gobierno español. Fue de Nueva Orleáns al norte de América, esparció la noticia y toda la fortuna de Mina desapareció como ilusión de teatro. Los comerciantes retiraron sus auxilios y Mina, materialmente sin tener qué comer, cayó postrado en cama. ¡Tanta es la importancia de un congreso cualquiera que sea!

Fortuna que yo tuviese bastante influjo para conseguir todavía 121 mil pesos, siquiera para conducir 300 oficiales de todas armas y 30 sargentos que estaban ya embarcados con armas y municiones competentes. Todo debía ir a desembarcar en la costa de Veracruz, si hubiese permanecido el Congreso a quien se había mandado a avisar. Pero por su falta. Mina determinó llegar a la isla de Santo Domingo. Allí se le murió la flor de su gente y retrocedió a Galveston para consultar con Herrera, ministro del Congreso, que ya no estaba allí, y por su disolución se había vuelto al reino.

Confirmada la noticia de ella. Mina de desesperado se echó en Soto la Marina con 250 hombres, y por lo que hizo con este puñado desde tan mal punto, se puede conjeturar lo que habría hecho con más y mejor gente por la costa de Veracruz, auxiliando sus operaciones un Congreso, que también habría contenido su impetuosidad juvenil y suplido su falta de talento político y conocimiento del país. Tanto cúmulo de desgracias nos ha acarreado la disolución del Congreso. Es necesario, pues, restablecerlo para restablecernos y salvarnos. Congreso, Congreso, Congreso, luego, luego, luego. Este es el talismán que ha de reparar nuestros males, y atraernos el auxilio y el reconocimiento necesarios de las potencias para que nosotros lleguemos a ser una.

¿Y qué, me dirán, necesitamos un auxilio extranjero los mexicanos para ser libres e independientes? Según la estadística de Humboldt, en 1808 debíamos de ser más de 7 millones y medio, hoy debemos a consecuencia, ser 10, y los europeos serán en todo 40 mil. No necesitamos

sino unimos y acabóse. Es verdad; pero ¿quién nos une divididos como estamos por la ambición, mil intereses, pasiones y sicaterías?, ¿por los rayos imaginarios de excomuniones abusivas?, ¿por el fanatismo con el nombre de religión?, ¿por la ignorancia tanto mayor cuanto no la conocemos; por la credulidad borrical de los indultos y promesas del gobierno que no son más que embustes y engaños; por la necesidad de creer que España es la primera potencia del mundo, cuando no es sino un rincón miserable, sepultado en la ignorancia y ludibrio de las naciones, entre las cuales no suena sino por el dinero que le damos, y es tan impotente para ampararnos como para defendernos: por el hábito del miedo que produce esta persuasión, y la crueldad inexorable de nuestros asesinos, que se apresuran a destruirnos, porque saben que de otra manera no pueden sujetar un país inmenso: por el planeta oveja que domina sobre nosotros como descendientes de los indios; y el cometa perfidia que nos vino con la sangre de los españoles? Nadie aprende a andar sin que otros le pongan andaderas. Se da mil golpes si lo intenta.

Es necesario, pues, que una fuerza respetable nos presente un asilo a cuyo entorno nos unamos. Yo bien conozco que todo americano es insurgente, porque insurgente no quiere decir sino hombre que conoce sus derechos, aborrece la esclavitud y ama la libertad de su patria. Pero con todo ha diez años que estos mismos americanos están peleando unos contra otros en favor de los tiranos gachupines con gran risa de estos mismos por nuestra imbecilidad. No se reirían si al apoyo de una fuerza respetable, pudiesen los americanos manifestar su corazón y decidirse. Esta misma fuerza impondría silencio a las pasiones de los ruines.

Desengañémonos: por esas mismas miserias ninguna nación soltó comúnmente los grillos de la esclavitud, sin que otra le ayudase a limarlos. Los Estados Unidos de América no se hubieran quizá libertado sin el auxilio de la Francia y de la España, ni ésta sin el auxilio de la Inglaterra, ni aquélla sin el de todas las potencias de Europa. La misma nación que ayuda, atrae sus aliadas a reconocer su favorecida, y la misma nación desposeída se ve obligada en fin a reconocer su independencia.

Es indispensable, pues, para que obtengamos la nuestra un auxilio exterior. Nos lo están brindando los Estados Unidos como hermanos y compatriotas, y por su propio interés, porque les falta numerario para su inmenso comercio. Y México, según prueba el sabio barón de Humboldt, produce él solo la mitad del oro y la plata que produce el resto del universo entero, y aun dice que puede sextuplicarlo. No necesitamos sino ponernos en estado de que nos favorezcan los angloamericanos sin faltar al derecho de gentes estableciendo nosotros un congreso que represente al Anáhuac, y enviando un ministro plenipotenciario en solicitud de que nos reconozcan como nación independiente y contrate una alianza ofensiva y defensiva.

A la noticia de haberse efectuado, España se cruza de brazos, y cruzan los mares doce mil buques conduciendo armas y soldados, que se lanzarán a porfía de todo el mundo a esta arena de oro y plata. ¿Qué puede la miserable España, dividida en su interior, y amenazada exteriormente, contra una república, que acaba de mantener cinco años guerra con ventaja a su madre patria, llamada señora de los mares?

Esta misma no aguarda sino lo que he dicho para reconocer y hacer reconocer de todo el mundo nuestra independencia. He aquí la instrucción compendiosa que el jefe de la oposición en Inglaterra dio a Mina al despedirlo para México: un congreso, un ejército que lo obedezca y ministro a Londres, y está reconocida la independencia de México y reconocerla Inglaterra es reconocerla la Europa entera. *Sans tibi Christe.*

Ahora que hemos visto ya la necesidad que tiene nuestra América para libertarse, de un congreso, un ejército auxiliar y un ministro diplomático, vamos a ver la manera de tener todo esto.

Desde luego tener congreso, es el huevo juanelo. El general Victoria, por ejemplo, designará entre su gente 17 personas de las diferentes provincias de Nueva España, si es posible (aunque tampoco es necesario absolutamente que lo sean) procurando que sean de las más decentitas e inteligentes. Estas dirán que representan las Intendencias de México, la capitania de Yucatán y las 8 provincias internas del oriente y poniente, y aun se añadirán, si se quisiere, otras cuatro personas por el reino de Guatemala, que según las Leyes de Indias pertenece a Nueva España como Yucatán, para comprender así todo el Anáhuac. Estas personas elegirán por presidente al general Victoria u

otra persona la más respetable, por vicepresidente al general Guerrero u otro de crédito: y luego se asignarán un secretario o ministro de Estado o Relaciones extranjerías, otro de Hacienda, y el tercero de Guerra. Estos ministros no pueden ser del Congreso, porque lo son del Poder Ejecutivo o Gobierno. El Congreso elegirá en su seno su Secretario o Secretarios. Y ya tenemos el Gobierno y el Congreso necesarios.

¿Y esto basta para un Congreso tan preciso y ponderado? Sobra; y si los monos supiesen hablar, bastaría que el Congreso fuese de ellos y dijese que representaban la nación. Entre los hombres no se necesitan sino farsas porque todo es una comedia. Afuera suena y eso basta. ¿Pero quién ha autorizado a estos monos? La necesidad que no está sujeta a leyes. *Salus populi suprema lex est*. En toda asociación los miembros que están libres, están naturalmente revestidos de los derechos de sus consocios para libertarlos. Se presume y supone su voluntad. Exigir más, sería sacrificar el fin de los medios. Después que están libres ratifican lo hecho, todo defecto queda subsanado con el consentimiento y todo lo hecho resta firme y permanente. ¿Y quién puede dudar de la voluntad de los mexicanos para que se les liberte por todos los medios?

En los españoles mismos tenemos las pruebas repetidas y perentorias de todo. ¿Qué fueron sus célebres Juntas Provinciales? Un tumulto del más ínfimo y necio populacho enfadado con las renunciaciones de sus reyes y crueldades de Murat, a cuya cabeza se puso la de algún fraile y tres o cuatro más exaltadas y desconocidas. Esto se llamó Junta, que quedó vigente porque el populacho mató a las autoridades que se opusieron, los demás callaron de miedo, y la provincia consintió a lo que se había hecho en su capital.

Ninguna provincia sabía de otra, aunque por rabia e instinto casi todas hacían lo mismo. Pero no podía prosperar contra el enemigo en esta anarquía: se gritaba por un centro de poder, y las más juntas cediendo a la justicia de este grito en apariencia, enviaron a Madrid uno o dos de sus miembros a conferenciar solamente sobre los medios de ir adelante en la guerra, y avisar a sus juntas, cuyas órdenes debían esperar. Como para ocultar al pueblo esta ambiciosa retención de poder, se les dieron los poderes e instrucciones con mucho sigilo, los treinta y seis que se juntaron, se levantaron con el poder supremo. Los pueblos que deseaban la concentración del poder y que lo vieron en el sitio real de Aranjuez, de donde estaban acostumbrados a recibir las órdenes, lo obedecieron lo mismo que los ejércitos. Las juntas rabiaron y se negaron. Pero con ocho millones fuertes, que de las obras pías llegaron de México a la titulada Central, levantó 30 mil caballos y se hizo respetar refugiada en Sevilla.

Cuando ésta se perdió, su Junta provincial mandó asesinar a los centrales fugitivos. Estos se juntaron a escondidas en la isla de León, nombraron, sin poderes, una regencia, y echaron a huir por diferentes partes sin atreverse a darla a conocer. Era ilegítima y nula. Pero el embajador de Inglaterra, por evitar la anarquía y la perdición consiguiente, consiguió a fuerza de promesas, que la Junta de Cádiz reconociese a la Regencia. Lo mismo y por lo mismo fueron haciendo las demás. Y cádate el gran gobierno que declaró la guerra a las Américas y las ha bañado en sangre: el mismo que nos envió al intruso virrey Venegas que comenzó acá la guerra a muerte.

Así como la Central, aunque sin poderes para ello y contra el reclamo de los pueblos, se hizo perpetua, lo mismo quería ser esta regencia procrastinando las Cortes prometidas. El pueblo de la isla de León se insurgió, y entonces la regencia mandó que los españoles y americanos, que huyendo de los franceses se habían refugiado en aquella isla donde estaban sitiados, se eligiesen de entre unos 200 para representar la España y dos para representar la América, añadiéndose dos por Filipinas. Elegidos por sí mismos estos suplentes se instalaron el 24 de septiembre de 1810 y dijeron que representaban la nación. Luego nombraron una nueva regencia o gobierno. Y he aquí las famosas Cortes o Congreso de Cádiz. Los ejércitos lo reconocieron y los pueblos cuando fueron pudiendo; lo reconoció Inglaterra porque le tenía cuenta y lo mismo otras potencias; hicieron luego una Constitución y al cabo quedaron libres.

Hagamos nosotros para tener un Congreso lo mismo que la madre patria; nos reconocerán nuestros ejércitos, y los pueblos según vayan pudiéndolo; nos reconocerán los Estados Unidos de América, de los cuales ya algunos nos reconocen y lo mismo irán practicando otras potencias por lograr nuestro comercio; haremos una Constitución o mejoraremos la que hizo el Congreso

Mexicano cuyas bases eran muy buenas. El declaró la independencia del Anáhuac en Chilpancingo desde 6 de noviembre de 1813, y nosotros la gozaremos completamente con el auxilio que nos darán los Estados Unidos.

¿Conque no será indispensable acordarnos para establecer el Congreso a lo menos con los otros generales? En la tardanza está el peligro; nacen mil dificultades; se opone la ambición, exige condiciones. Si en España se hubiera querido hacer eso, nunca habría habido Junta Central. Cuesta, que era capitán general por Fernando vii, de Castilla la Vieja, se opuso; la Central lo puso preso. Tampoco quería Cortes la regencia, pero las quería el pueblo español. La voluntad general del pueblo anahuacense está conocida; él desea un Congreso para salvarse; póngase y él aplaudirá; su aplauso confirmará la elección de los suplentes. A su favor se pondrá la opinión general, y aquel jefe que esté con el Congreso será el querido y el favorito, y a su crédito tendrán que bajar la cabeza los demás.

El Congreso fue lo principal que dio a Morelos la preponderancia, a pesar de los Rayones, una estimación que no se ha perdido en el sepulcro y un nombre esclarecido entre las potencias extranjeras. ¡Ojalá que él hubiese también obedecido al Congreso en no ponerse a combatir con la tropa de Concha! Hoy estaría libre la patria, y él gozando de la gratitud y los premios correspondientes como el primer hombre de la nación. Manos a la obra.

No hay que pararse en que el Congreso por los que lo componen sea bueno o malo. Nada de eso saben los extranjeros, donde ha de hacer el eco más importante. Ya se supone que al principio todo no es lo mejor. Pero más vale algo que nada. El médico, que para sacar a un enfermo de los brazos de la muerte quisiese que desde el primer día saliesen perfectas las operaciones de sus remedios, sería un loco de atar.

Ya están el Congreso y el Gobierno. ¿Cómo dar aviso a los Estados Unidos? Escribiendo yo este discurso en San Juan de Ulúa decían aquí las personas, a quienes Herrera y su segundo Zarate habían sustituido sus poderes. Pero el uno está en Buenos Aires y el otro de Secretario de Estado en la República de Colombia, compuesta de lo que antes llamábamos Venezuela y virreinato de Santa Fe. Y luego proseguía así:

En todo caso conviene enviar lo que se llama un mensajero. Un ministro plenipotenciario autorizado completamente para tratar con el gobierno de los Estados Unidos, y cualquiera otra potencia que sea necesario, tratados de paz y guerra, alianzas ofensivas y defensivas, tratados de comercio, auxilios pecuniarios sin límite, respondiendo con las minas de México, e igualmente auxilios militares. Para levantar él mismo ejércitos de mar y tierra, nombrar generales y oficiales provisoriamente, nombrar encargados de negocios o agentes para otras Cortes que convenga, sustituir él mismo la plenitud de sus poderes, nombrar cónsules generales y particulares, dar patentes de corso y hacer todo cuanto le parezca convenir para dar la libertad e independencia a la república anahuacense, cuya capital es México.

El poder ejecutivo, o presidente, es el que expide este nombramiento sellado y autorizado por el secretario o ministro de las relaciones extranjeras. El sello es el nopal sobre la piedra y encima el águila con la culebra a los pies. Dos laureles enlazados cierran todo.

¿Y cómo se enviará el mensajero o se le enviarán los poderes a uno que lo sea? Aquí exponía yo los medios, y designaba algunos sujetos acreditados de quienes podrían acá valerse. Pero los que en Veracruz estaban ya iniciados en la nueva insurrección fueron de parecer que yo debía ser el ministro, y ponerme en proporción. Por eso, vine a La Habana pagando 250 pesos 1 por mi pasaje y de allí me trasladé a la intermediación de este gobierno, y para recibir los poderes I del que manda en jefe, envió el buque portador de este pliego.

Téngase por entendido (proseguía yo en el papel) que aunque Nueva Orleáns es uno de los Estados Unidos, hay 30 días de navegación (12 por el estibote o buque de vapor) a los Estados del norte, donde está la población principal, el gobierno y el poder. El Congreso se reúne de noviembre a marzo cada año en Washington, y allí está siempre el Presidente con los ministros. El banco nacional está cerca en Filadelfia, como también están muy cerca Baltimore y Nueva York.

Es menester, empero, considerar que el ministro plenipotenciario, cualquiera que sea, poco o nada puede sin dinero. Este fue siempre el nervio de la guerra y el eje de todas las operaciones que

la empiezan, la acompañan y la finalizan. El mismo ministro para tratarse con alguna decencia, ser respetado y hacer sus viajes, necesita desde luego algún dinero. Se debe dinero también de la expedición de Mina, que no es justo pierdan del todo lo que dieron para el bien de nuestra patria. Es necesario comenzar por satisfacer algo para que avancen más. Los comerciantes no avanzan sin esperanza de ganar, y no siempre se les puede mantener con esperanzas, porque con éstas no giran, ni hacen sus pagamentos. Es necesario que vean algo y si no es posible dinero, frutos como grana, vainilla, azúcar, etcétera.

Sobre todo, si se quiere auxilio poderoso y pronto, es necesario hacer un esfuerzo para enviar dinero al banco de los Estados Unidos. Sabe todo negociante que sobre un millón se giran seis, y sobre dos, doce. Y sobre un giro de doce millones está libre el Anáhuac sin remedio. ¿Y qué son para él uno o dos millones? Qué crédito le daría esto a nuestro gobierno! En aquel día quedaba concluida la alianza ofensiva y defensiva.

Tómese un convoy, y avísese al ministro el puerto hacia donde deben presentarse a recibir el dinero, avisando igualmente las señales, y pónganse espías en la costa. El banco nacional dará fragatas de guerra y todo lo necesario para asegurar el recibimiento del dinero. Y échense a dormir, que a vuelta de correo, como dicen, todos los puertos están bloqueados y hecho un poderoso desembarco. Se procurará desde luego tomar un puerto y fortalecerlo entonces para que en él se vayan sucediendo tropas y armas. Y el ahínco será abordar la capital, donde están los recursos, las autoridades, el golpe de la población, y de donde el pueblo está acostumbrado a recibir las órdenes. Tomarla es abreviar o concluir la guerra. Esta era la táctica de Napoleón, y paralizaba los reinos atónitos.

4. Carta de despedida a los mexicanos -1821

Al volver del otro mundo, que casi tanto vale salir de los calabozos de la Inquisición, donde *por así conviene* me tuvo archivado tres años el gobierno, me hallé con una gran variación en la ortografía y excluida la *x* del número de las letras fuertes, por más que la reclamase el origen de las palabras. Como la Academia Española había encargado que no se desatendiese éste enteramente, aunque se procurase conformar la ortografía a la pronunciación; y por otra parte no sólo veía incompleto el sistema de reforma, sino que en unos impresos la *j* era ya la única letra gutural, en otros alternaba la *g* con las vocales *e i*, creí que toda esta novedad vendría de los impresores. Hallándose cargados de obra con la libertad de la imprenta, y no sabiendo distinguir el origen de las palabras para distribuir las tres letras guturales, habrían echado por el atajo. Pero unos me han dicho que esto provenía de la misma Academia Española en su última ortografía, otros que no tal, sino que sólo proviene de los editores del *Diccionario* de la Academia que han adoptado el sistema promovido de algunos gramáticos modernos para no atender sino a la pronunciación. Encerrado en este Castillo no he podido apurar la verdad.

Preguntando en fines del siglo pasado a un grande literato español, por qué no se sujetaba a las reglas de la gramática y ortografía de la Academia, me respondió que cuando salieron a luz esas obras, ya habían muerto todos los hombres grandes que había en ella. Yo no quiero decir que ahora tampoco los haya, sino que en el país de las letras no estamos obligados a besar otro cetro que el de la razón, y espero a ver las que los novadores hayan tenido en el asunto. Yo profesé la lengua española en París y Lisboa, he meditado mucho sobre ella, he llegado a fijar su prosodia, y tengo muchas razones que oponer contra esas novedades inútiles, y especialmente contra la extensión que quiere darse a la *j* tan fea en sus pronunciación como en su figura, tan desconocida de los latinos como de los antiguos españoles, que nos dificultará el aprendizaje del latín y de sus dialectos europeos. En cuanto tenga lugar expondré mis razones.

Como quiera que sea, esta carta se reduce a suplicar por despedida a mis paisanos anahuacenses recusen la supresión de la *x* en los nombres mexicanos o aztecas que nos quedan de los lugares, y especialmente de México, porque sería acabar de estropearlos. Y es grande lástima, porque todos son significativos, y en su significado topográficos, estadísticos, o históricos.

Los primeros misioneros, para escribir la lengua *nahuatl* o sonora que llamamos mexicana, se acordaron, según Torquemada, con los indios más sabios creados en el Colegio de Santiago *Tlatilolco*, y como su pronunciación tiene dos letras hebreas, *sade* y *scin* sustituyeron en su escritura por aproximación a la primera *tz* y a la segunda *x* suave. Pero como para suavizar ésta aún no estaba adoptado el acento circunflejo sobre la vocal siguiente, y los conquistadores eran en su mayoría extremeños y andaluces, o árabes en su pronunciación, pronunciaron fuerte todas las *x* escritas por los misioneros, y llenaron de letras guturales los términos que adoptaron de la lengua mexicana, la cual no admite alguna.

Por eso pronunciaron los españoles México (Méjico), aunque los indios no pronuncian sino México (Mescico) con la letra hebrea *scin*. Y es un dolor, mexicanos, que italianos, franceses, ingleses y alemanes pronuncien mejor que nosotros el nombre de nuestra patria, pues nadie fuera de nosotros, pronuncia México con letra gutural. En todo caso, paisanos míos, sigamos a escribirlo con *x*, o para llegar con el tiempo, si la nueva ortografía predomina, a pronunciar como se debe éste y los demás términos mexicanos, o para no echar en olvido enteramente una de nuestras mayores glorias. Si, México con *x* suave como lo pronuncian los indios significa: *donde está o es adorado Cristo, y mexicanos* es lo mismo que *cristianos*.

Desde luego se encuentra la palabra entera *Mescicho*, como la pronuncian los indios, en el verso 2 del salmo 2 hebreo, donde la Vulgata tradujo *Christum eius, su* Cristo. Clavigero, con todo, cree que la partícula *co* de México es la mexicana que significa *donde*, y haciéndose cargo de las diferentes interpretaciones que se han dado al nombre de México por las palabras *metl maguey*, o *metzi*, luna o mes, de que puede estar compuesto, resuelve que el verdadero significado se ha de colegir por la historia mexicana, y según ella lo que debe significar es: *donde está o es adorado Mexí, o Mexitl*.

¿Y *Mexí*, pregunto yo, qué significa? Pronunciado como lo pronuncian los indios es una palabra hebrea, que significa lo que tomándolo del latín *unctus* llamamos *ungido*, tomándolo del griego *Chrestous* llamamos *Cristo*, y tomándolo del hebreo *Mesci* llamamos *Mesías*.

¿Y en inteligencia de los mexicanos qué significaba *Mexí*? La historia también es quien nos lo ha de decir con certeza. *Mexí* era un hombre-dios, llamado por otros nombres el Señor de la Corona de Espinas *Teohuitznáhuac*, el Señor del paraíso *Teotláloc* y otros, al cual concibió por obra del cielo una virgen llamada santa María *Malintzin*, y lo parió sin lesión de su virginidad hecho ya varón perfecto. *Foemina circumdabit virum*. Así lo cuenta el padre Torquemada.

Santo Tomé fue quien les dio noticia de hijo y madre, a la cual llamaban también por eso *Cilma-cóhuatl* la mujer Tomé, y *Coatlantona*, madre de los Tomés o discípulos de Santo Tomé, que llevaban el pelo cortado en figura de corona *sénchon-huitznáhuac*, hacían tres votos de pobreza, obediencia y castidad, y servían en el templo del Señor de la Corona de Espinas: *huitz-náhuac-teocalli*.

A esta virgen celebraban los mexicanos dos fiestas principales. Una el día dos de febrero, día de la purificación de Nuestra Señora, y le presentaban niños como ella presentó el suyo al templo, y habían de ser precisamente comprados: *omne primogenitum pretio redimes*. Y procuraban fuesen rubios o güeritos en memoria de haberlo sido Santo Tomé quien instituyó las fiestas.

La otra se la hacían en Tepeyácac el día del solsticio hiberno a otro día de Santo Tomás apóstol, y le ofrecían flores e imágenes que hacían de la que allí veneraban con el nombre de *Tzenteotinántzin*, que quiere decir, madre del verdadero Dios, o *Tonántzin* nuestra Señora y Madre, porque decían que esta virgen madre de su Dios era madre de todas las gentes del *Anáhuac* que ahora llamamos Nueva España. Su figura era la de una niña con una túnica blanca ceñida y resplandeciente, a quien por eso llamaban también *Chalchihuitlicue*, con un manto azul verde-mar, *Matlalcueye*, tachonado de estrellas *Citlacúi*.

A su hijo *Mexí* pintaban los mexicanos con los jeroglíficos correspondientes a los tributos de Hombre-Dios, teniendo en su mano derecha una cruz formada con cinco globos de pluma, así como a su madre también le pintaban sobre el pelo una crucecita. También pintaban a *Mexí* como nosotros a Cristo pendiente de la cruz, aunque no con clavos sino atado, y así creían, dice Torquemada, que fue crucificado. Circunstancia muy de notar, pues así puntualmente pintan las imágenes de Cristo crucificado los cristianos de Santo Tomé en la India Oriental, porque en aquellos países el tormento de la cruz se da con cordeles. En una palabra: la prueba de que los mexicanos entendían por *Mexí ungado Cristo o Mesías*, es lo que decían, según Torquemada, en el viaje de los mexicanos; que se llamaron así desde que este su dios les mandó ponerse en las caras cierto unguento. Eso significa crisma, y es decir desde que fueron crismados, ungidos o cristianos. Y celebraban, dice también Torquemada, la fiesta de *Mexí* todos ungidos y embijados.

Si alguno extrañare que llamasen a Jesucristo con un nombre hebreo, nosotros también le llamamos Mesías, y Jesús es nombre hebreo aunque precisado, como Cristo es griego, aunque latinizado. Los indios no podían decir Cristo, porque no tiene *r* su lengua, ni Jesús, porque tampoco tiene *j* y se acomodaron mejor con el *Mexí* conforme a su idioma; y sobre todo, siempre ellos preferían los nombres que podían escribir figurando su significado como el de *Mexí*; fuera de que la lengua hebrea es la lengua litúrgica de los cristianos de Santo Tomé en el oriente, de donde parece vino el cristianismo a los mexicanos: lo cierto es, que según el santo obispo Casas en su *Apología de los indios* eran bautizados por los sacerdotes Tomés con todas nuestras ceremonias en el nombre de la Trinidad en hebreo: pues los tres nombres que refiere decían en el bautismo, son precisamente los nombres de padre, hijo y espíritu santo en hebreo, aunque él no lo sabía. La fuente en que se bautizaban en México (porque era una verdadera fuente como en la primitiva Iglesia, de donde vino llamarse fuente a la pila bautismal), se llamaba fuente de Santo Tomé *Coápan*, la cual se descubrió cuando abrieron los cimientos de la catedral, y se queja Torquemada de que la tapasen supersticiosamente, pues era de buena agua.

Los cristianos fugitivos de la persecución de Huemac rey de Tula contra Santo Tomé, que eso quiere decir *Quetzal-cóhuatl*, el cual pasó a Cholula, se refugiaron en la laguna o lago Anáhuac en una isleta de arena que por eso llamaron Xáltelolco y después Tlatelolco, o isla de tierra.

Perseguidos allí y con mil trabajos, aunque siempre protegidos de su dios, fundaron a *Tenochtitlan* en un montecillo contiguo donde hallaron un tunal, que eso es lo que significa *tenochtitlan*, y era el mismo montecillo sobre que está situada la catedral. Y llamaron al conjunto de ambos lugares o barrios *México*, donde está o es adorado Cristo, exigiendo de sus jefes, que al principio quizá fueron sus obispos, se llamasen y reconociesen vicarios y lugartenientes de Santo Tomé, como se llamaban efectivamente, según Torquemada, hasta los emperadores de México cuando los hubo, pues primero fue república, después tuvo reyes, y últimamente emperadores.

Supo esta anécdota Hernán Cortés y se fingió embajador de Santo Tomé. «Mi empeño -escribe a Carlos V- estaba en hacer creer a Moteuhzoma que vuestra magestad era el mismo Santo Tomé, cuyas gentes esperaban.» «Si en eso no traéis algún engaño -le dijo Moteuhzorna- y es cierto que ese gran señor que os envía es nuestro señor Santo Tomé (*toteotl quetzalcóhuatl*), este imperio es suyo y yo haré cuanto mande. En cuanto a la religión que me habéis propuesto, veo que es la misma que nos enseñó y estamos de acuerdo. Nosotros con el transcurso del tiempo, la habremos olvidado o trastornado; tú que vienes ahora de su corte, la tendrás más presente; no tienes más que ir diciendo lo que debemos tener y creer, y nosotros lo iremos practicando.» Por lo cual, dice Acosta, que a no haber tenido otro objeto que la religión, se habría establecido sin una gota de sangre. La predicación y profecías de Santo Tomé sobre la venida de gentes de su misma religión y de hacia el oriente que dominarían el país por algún tiempo, son la verdadera clave de la conquista en ambas Américas. Yo la he estudiado bien: y mientras no se asiente esta base, no se escribirán sino absurdos y tonterías.

El templo mayor de México o *teo-cal-li* (palabra enteramente griega y con la misma significación) se edificó, dice Torquemada, en el barrio *del Señor de la Corona de Espinas* sobre el sepulcro de San Bartomé, mártir en Tula, discípulo de Santo Tomé, que estuvo muy venerado, dicen Acosta y Torquemada, hasta la conquista. Este es el famoso *Cópil*, pues quiere decir hijo de Tomé, y eso significa en hebreo Bartomé, cuya cabeza mandada cortar por Huemac fue echada en la laguna en el sitio que desde entonces se llamó *Cópilco*, donde está *Cópil* o Bartomé.

En la fábrica y servicio del templo quisieron remedar los mexicanos el templo de Salomón. De ahí vino la famosa columna del de México que dominaba las siete ciudades del lago, o laguna como mal dicen. Así era la columna del templo de Salomón, que según el libro II del Paralipómenon tenía de altura ciento treinta codos sobresaliendo cuarenta de la techumbre.

Cuando dicen, que en la dedicación del templo de México se sacrificaron veintidós mil víctimas humanas, es equivocación con los veintidós mil bueyes que inmoló Salomón según la Escritura en la dedicación del templo de Jerusalén. Y es para admirar, que se crea a la letra por ser en disfavor de los indios un absurdo tamaño como el degüello pacífico de una ciudad o ejército de veintidós mil hombres para dedicar un templo, cuando nadie cree a la letra el viaje famoso de los mexicanos, que duró cuarenta años, y que no es más que una copia literal del de los israelitas por el desierto con las mismas mansiones y prodigios. Los indios tenían en su poder (como dieron testimonio por escrito los misioneros en Veracruz al célebre fray Gregorio García) toda la *Biblia* en imágenes y figuras jeroglíficas, las confundieron con el tiempo, se aplicaron las historias de la Escritura, y trastornaron su propia historia y su religión.

¿Qué era la religión de los mexicanos sino un cristianismo trastornado por el tiempo, y la naturaleza equívoca de los jeroglíficos? Yo he hecho un grande estudio de su mitología y en su fondo se reduce a Dios, Jesucristo, su Madre, Santo Tomé, sus siete discípulos llamados los siete Tomés *chicomcohuatl* y los mártires que murieron en la persecución de Huemac. Los españoles, porque no la conocían en otra lengua y liturgia, y se habían introducido abusos enormes, destruían la misma religión que profesaban, y reponían las mismas imágenes, que quemaban porque estaban bajo diferentes símbolos. ¡Qué inmensidad de cosas tengo sobre esto que decir!

Si éstos eran los errores, blasfemias, impiedades, que el caballo Bruno dijo en el edicto ruidoso del señor Haro haber hallado en mi sermón de Guadalupe, no me admiro, porque los necios blasfeman todo lo que ignoran. Pero no los creyó tales la Real Academia de la Historia en el detenido examen que de orden del Consejo de Indias hizo de mi sermón. Y lejos de condenarlo pidió, que el edicto del arzobispo, indigno de un prelado, fuese recogido como un libelo infamatorio

y fanático. Me ratifico en todo lo dicho: actualmente estaba escribiendo sobre eso cuando salí de la Inquisición, y bastante había ya impreso de ello en una disertacioncilla al fin del segundo tomo de la *Historia de la revolución de Nueva España*, que di a luz en Londres en dos tomos en cuarto.

Por si mis perseguidores dieren fin a mi vida en las prisiones, o así como no dejan correr, porque les amargan las verdades, la dicha *Historia de la revolución*; sepultaren todo lo que escribí en la Inquisición sobre estas antiguallas gloriosísimas de nuestra patria, pondré aquí dos noticias curiosas, para que en tales investigaciones sirvan de guía a otros anticuarios.

Entre las *Memorias* en un tomo folio publicadas por el Instituto Nacional de Francia, hallarán una sobre la existencia de una isla desconocida entre nuestra América y la China, cuyo autor no recuerdo. Yo traía sobre esto apuntes, que con otros muchos documentos y mis obras mismas trabajadas, eché en el río de Soto-la-Marina, no fuese que Arredondo tomase de ellas pretexto para satisfacer su deseo de despacharme de este mundo. Pero ciertamente el autor de la *Memoria* citada había estudiado en Pekín mismo la geografía en los libros y mapas de los chinos, y en ellos vio cómo en los siglos primeros del cristianismo tenían comercio con ambas Américas. Refiere los nombres que les daban, demarca el derrotero que traían, y cuenta cómo en 1450 volvió un religioso de los que habían pasado a nuestra América, contando los grandes progresos que en ella había hecho la religión de Foe. Como es muy parecida al cristianismo puede ser la equivocasen con él. El calendario mexicano es casi idéntico al de los tártaros chinos, la lengua mexicana, está llena de palabras chinas, y en Campeche llamaban a Santo Tomás *Chilan-cambal*, que en lengua china quiere decir Santo Tomás.

Hallarán también mis paisanos en la *Geografía* eruditísima de Maltebrun, que se estaba imprimiendo en París el año 1814, pruebas evidentes, de que desde el siglo X hubo en nuestra América colonias (y se saben sus nombres) de dinamarqueses o normandos, irlandeses y escoceses. Léase sobre esto el *Mitridates*, obra alemana muy curiosa. Torquemada dice que es constante que cuatro generaciones antes de la conquista ya se tenía en nuestra América claro conocimiento de la religión cristiana y de la venida futura de los españoles. A esa época parece pertenecen los cuatro célebres profetas de Yucatán, cuyas notables profecías refiere Montemayor.

Veytia dice consta de los manuscritos mexicanos recogidos por Boturini, que hubo dos predicadores del Evangelio en el Anáhuac: uno muy antiguo que vino doce años después de un grande eclipse que él y Boturini calculan ser el de la muerte de Cristo, y otro hacia el siglo VI. Él cree que fuese el primero Santo Tomás apóstol y ese mismo el célebre *Quetzalcóhuatl* de los indios. De esa misma opinión fue don Carlos de Sigüenza en su *Fénix del Occidente el Apóstol Santo Tomás*; un jesuita mexicano que escribió en Manila la *Historia del verdadero Quetzalcóhuatl el apóstol Santo Tomás*, y otros graves autores extranjeros, españoles y americanos.

En mi larga *Apología*, que comenzando desde mi sermón de Guadalupe en 1794 escribí en la Inquisición, desenvolví los graves fundamentos que hay para creer que el predicador de hacia el siglo VI fue el santo obispo abad de Irlanda San Brendano, vulgarmente llamado San Borondón. Su famoso viaje en el siglo VI a una isla desconocida, donde con siete discípulos suyos ordenados de obispos fundó siete iglesias, puede ser fabuloso en las circunstancias, que en lo remoto y raro siempre se añaden maravillosas; pero eso no prueba que no sea verdadero en el fondo el viaje mismo. Puntualmente en el siglo VI pone Torquemada el desembarco de *Quetzalcóhuatl* en Pánuco con siete discípulos venerados después en México como santos y cree fueron todos irlandeses, porque eran rubios, blancos, ojos azules y las caras rayadas de azul, como en aquellos siglos las tenían los irlandeses. Sin embargo es menester, que uno de los dos predicadores haya sido oriental, porque yo encuentro entre los mexicanos toda la liturgia, vestuarios, costumbres y disciplina de las Iglesias orientales. Mucho escribí sobre esto en la Inquisición y aún mucho más me queda por decir.

Ya se supone que los enemigos de las glorias de nuestra patria han de llamar todo esto fábulas, delirios y hasta blasfemias e impiedades; y si me cogieran a mano, ayudados de la cauda de aduladores *ex omni gente et populo*, recomenzarían la persecución que por eso mismo me suscitó el arzobispo Haro desde el año 1794. Pero sepan mis paisanos que le puse pleito ante el Concejo de Indias, que se lo gané, que se le mandó reprender, multar, recoger su edicto, restituirme a la patria con todo honor a expensas del erario, reinstalarme en todos mis honores y bienes, e indemnizarme a

costa de mis perseguidores de todos mis perjuicios y padecimientos. Ya contaré todo por extenso en mi *Manifiesto apologético*, que estoy concluyendo para la prensa.

Mis paisanos dejen de ladrar, e instrúyanse. El *Fénix del Occidente* de Sigüenza se perdió, pero la *Historia del verdadero Quetzalcóhuatl* que cité, existe en México. Veo por las gacetas que se están imprimiendo las *Antigüedades* de Veytia. Bastante bueno trae sobre Santo Tomé, aunque es lástima dice Gama, que errase la explicación del calendario mexicano, y esté todo lleno de equivocaciones groseras. Gama, según carta suya que vi en Roma, se había aplicado a escribir la historia antigua mexicana. Y este caballero reunía al juicio y la crítica todos los conocimientos necesarios para una obra completa. En fin, lean a fray Gregorio García, *Predicación del Evangelio en el Nuevo mundo viviendo los apóstoles*, impreso en Baeza. Y a fray Antonio Calancha, *Crónica de San Agustín del Perú*, que ocupa todo el libro II en probar la predicación de Santo Tomás en América. Allí verán citados otros muchos autores. Los deístas mismos confiesan hoy que es indubitable la antigua predicación del Evangelio en la América.

5. Discurso de posse de frei Servando Teresa de Mier

Sesión 15 de julio. Anunció el Presidente del Congreso que “el señor don Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra, diputado por Monterrey, se hallaba pronto para concurrir a la presente Sesión, y que sus poderes estaban aprobados con anticipación, según informaba la Secretaría”; y habiendo pasado al Salón prestó juramento en la forma acostumbrada, y tomó asiento en el Congreso. Consecutivamente pidió la palabra y pronunció el siguiente discurso al formular la protesta de ley como diputado al primer Congreso Constituyente.

Señor:

Doy gracias al cielo por haberme restituido al seno de la patria al cabo de veintisiete años de una persecución la más atroz y de trabajos inmensos: doy gracias al Nuevo Reino de León, donde nací, por haberme elevado al alto honor de ocupar un asiento en este augusto Congreso: doy gracias a V. M. por los generosos esfuerzos que hizo para sacarme de las garras del tirano de Ulúa; y las doy a todos mis caros paisanos por las atenciones y el aplauso con que me han recibido y estoy lejos de merecer.

Me alegraría tener el talento y la instrucción que se me atribuyen para corresponder a su concepto y sus esperanzas. Lo que ciertamente poseo es un patriotismo acendrado: mis escritos dan testimonio y mi diestra estropeada es una prueba irrefragable. Y todavía si pergama *¿extra defendí possent, etiam hac defenza fuissent*. Temo haber llegado tarde y que los remedios sean tan difíciles como los males son graves. No obstante, el emperador se ha servido escucharme dos horas y media y me ha prometido que cooperaría con todo su esfuerzo a cuantos medios se le propusiesen para el bien de nuestra patria. Yo estaba alarmado sobre la existencia de la representación nacional; pero me aseguró que cuanto se decía contra ella era una calumnia y que estaba resuelto a sostener al Congreso como la mejor áncora del Imperio. Yo no pude ocultarle mis sentimientos patentes en mis escritos, y de que el gobierno que nos convenía era el republicano bajo el cual está constituida toda la América del Sur y el resto de la del Norte; pero también le dije que no podía ni quería oponerme a lo que ya estaba hecho, siempre que se nos conservase el gobierno representativo y se nos rigiese con moderación y equidad. De otra suerte él se perdería, y yo sería su enemigo irreconciliable, porque no está en mi mano dejar de serlo contra los déspotas y tiranos. Sabría morir; pero no obedecerlos.

Roguemos a Dios le inspire nos mantenga, no sólo la independencia sino la libertad. Independiente es Turquía, independiente es Berbería; pero sus habitantes son esclavos. Nosotros no queremos la independencia por la independencia; sino la independencia por la libertad. Una onza de oro es una cosa muy preciosa, pero si el que me la da me prohíbe el uso de ella en las cosas necesarias, lejos de ser un regalo, es un insulto. Nosotros no hemos estado once años tiñendo con nuestra sangre los campos del Anáhuac para conseguir una independencia inútil: la libertad es la que queremos: y si no se nos cumple, la guerra aún no está concluida: todos los héroes no han muerto, y no faltarán defensores a la patria (y añadió dándose un golpe en el pecho)

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae.*

Hoy me limitaré, señor, a pedir solamente la restitución de mis libros, papeles, mapas, insignias doctorales. Los mexicanos en el año de 1794 me llenaron de imprecaciones, creyendo que en un sermón había negado la tradición de nuestra Señora de Guadalupe. Los engañaron: tal no me había pasado por la imaginación: expresamente protesto que predicaba para defenderla y realzarla.

Lo que yo prediqué fue, que la América, no más pecadora que el resto del mundo, entró también en el plan de la redención del género humano; y que habiendo Jesucristo mandado a sus apóstoles a anunciarla a toda criatura que estuviese bajo del cielo, en el mundo entero, hasta lo último de la tierra, expresiones todas del Evangelio, precisamente debió venir uno siquiera a la mitad del globo, a la parte mayor del mundo que es la que nosotros habitamos; y como al que vino llamaron los indios Santo Tomé, dije que fue el apóstol Santo Tomás: éste mismo ha sido el dictamen de muchos y gravísimos autores, aun arzobispos, obispos y cardenales, como tengo ya demostrado en mis escritos.

A consecuencia dije: que la Virgen Santísima no aguardó para ser nuestra señora y madre a que pasaran mil seiscientos años, sino que lo-fue desde que lo comenzó a ser de todos los cristianos. La misma Virgen en su primer recado, habló así a Juan Diego: Dirás al obispo que te envía la madre del verdadero Dios, y que quiero que se me edifique un templo en este lugar, desde donde muestre las antiguas entrañas de madre, que yo conservo a la gente de tu linaje. ¿Cuáles eran estas antiguas entrañas de madre que conservaba al linaje de los indios, si se había estado mirándolos bajar a los infiernos dieciséis siglos, sin echarles una ojeada de compasión hasta que vinieron a degollarlos y esclavizarlos apóstoles de cimitarra?

En acabando yo de predicar, los canónigos de Guadalupe me pidieron el sermón para archivarlo como una pieza erudita que hacía honor a las Américas; pero los regidores de la ciudad me dijeron no lo diese porque se trataría de imprimirlo. Esto fue viernes, y ni entonces ni el sábado hubo escándalo o novedad alguna. Mas los españoles comenzaron a decir que yo había intentado quitarles la gloria de habernos traído el Evangelio: como si esa gloria fuese suya y no nuestra, pues fue de nuestros padres: gloria filiorum pares eorum. También me acusaban de que así arruinaba los derechos del rey de España en las Américas, fundados en la predicación del Evangelio; como si el evangelio de paz y libertad pudiera ser título de dominio. Con esto el señor Haro, a quien Dios había permitido en su cólera pasase con el nombre de pastor a nuestra América, sin encomendarse a Dios ni al diablo, sin haberme oído ni héchome cargo alguno, envió orden a las iglesias para que los oradores del domingo infraoctava de Guadalupe predicasen contra mí por haber negado la tradición.

*...Ex templo it fama per urbem,
Fama, malum, quo non velocius ullum
Movilitate viget, viresque acquirit eundo.*

Correspondió el mitote a la solemnidad del teponaxtle, y los procedimientos ulteriores fueron conformes a la calumnia esparcida. Era provincial de Santo Domingo fray Domingo Gandarias, enemigo tan jurado de los americanos, como el mismo arzobispo: Principes convenerunt in unum, yo fui preso contra los privilegios de los regulares. Porque pedí se me oyera, se me quitaron tintero, papel, libros y comunicación. No se hubiera hecho más en el baño de Constantinopla. El arzobispo había impreso el domingo in pasione de 1795 un edicto clandestinamente, para que no llegase a mi noticia. Llegó sin embargo; pedí arbitrio para interponer recurso de fuerza a la Real Audiencia y se me negó; y a otro día de haberse publicado el edicto se me intimó la sentencia de diez años de destierro a la Península, reclusión todo ese tiempo en el convento de las Caldas, que está en un desierto, y perpetua inutilidad para toda enseñanza pública en cátedra, pulpito y confesonario. La Inquisición, ese monstruo de las sartenes y las parrillas, no hubiera puesto mayor pena a un hereje convencido de tal. Se me confiscaron mis bienes, mi biblioteca y hasta las insignias de doctor. No se ha visto un despojo más completo: libertad, honor y patria, bienes; todo se me quitó. La Academia Real de Historia de Madrid se hizo leer hasta cinco veces esta sentencia porque no acababan de creer su exorbitancia; pero no sólo era excesiva sino injusta por falta de trámites legales, y nula por la incompetencia del arzobispo, sobre un regular exento, a quien no se acusaba de herejía. El se fundaba para esperar su confirmación en dos procesos que me habían hecho los virreyes, a causa de que deseaba la libertad de mi patria. El patriotismo en mí no es una cosa nueva, y todo el ruido que motivó y la sentencia que dio el arzobispo, no era más que el antiamericanismo en su delirio y rabia.

Yo recurrí al rey, quien mandó oírme ante el Consejo de Indias, y éste consultó a la Real Academia de la Historia, que era entonces quizás el cuerpo más sabio de la nación, y que examinó el asunto ocho meses, casi exclusivamente. Al fin respondió que yo no había negado la tradición de Guadalupe, ni había en mi sermón cosa alguna digna de censura o nota teológica: que todo lo actuado en México era ilegal e injusto, y obra toda de la envidia y otras pasiones: que el arzobispo había excedido todas sus facultades, y su edicto era un libelo infamatorio desatinado y fanático, indignísimo de un prelado: que por lo tanto debía recogerse, el orador ser indemnizado, como pedía, en honor, patria y bienes, y puesto bajo el escudo de las leyes contra sus perseguidores.

El ilustrísimo fiscal del Consejo pidió a consecuencia que se reprendiese al arzobispo, que se le multase, se recogiese su edicto, se me restituyese a la patria con todo honor a costa del erario, se me reinstalase en todos mis honores y bienes, indemnizándose de todos mis perjuicios y padecimientos a costa de mis perseguidores.

Mi triunfo fue completo: pero por la muerte del arzobispo y otros incidentes, no se ejecutó la sentencia. Yo reclamé ante la Regencia de España el año de 1811 pidiendo una pensión, y se me señaló de tres mil pesos sobre la mitra de México. Pero como luego las cortes prohibieron las pensiones, la Regencia mandó a la Cámara de Indias me consultase en primer lugar para canónigo o dignidad de la catedral de México, conforme ya había pedido el general Black a la Junta Central por mis servicios hechos desde el principio de la guerra en el primer ejército. No había vacante sino una media ración que se me ofreció, y no pude aceptar, porque debiendo presidir el coro como prelado doméstico del Sumo Pontífice, no era esto compatible con ser medio racionero.

Mientras una plaza mayor vacaba, España se acababa de perder; Cádiz iba a ser bombardeado: el grito de libertad había resonado en mi patria, y para defenderla me retiré a Londres: escribí e imprimí la primera y segunda Carta de un americano al Español, en Londres; hice la primera reimpression de Casas, que repetí después en Filadelfia con un prólogo más extenso, y di a luz en dos tomos 4^o la Historia de la Revolución de Anáhuac o Nueva España.

De Londres vinimos el general Mina y yo sobre el tratado hecho con los comisionados del gobierno de los Estados Unidos que había resuelto declarar la guerra a España en favor de la independencia de México. No se había verificado cuando llegamos a Norteamérica, porque el ministro de México no se había presentado en Washington. Pero el gobierno recomendó al comercio de Baltimore, y estábamos levantando una expedición brillante, que desde entonces hubiera dado la libertad a la patria, cuando la noticia esparcida por Toledo de haberse disuelto el Congreso de Tehuacán, nos arruinó enteramente. Solamente pude conseguir de mi amigo Mr. Daniel Smith el préstamo de ciento veinte mil pesos, y con esto trajimos la pequeña expedición con que Mina y yo desembarcamos en Soto la Marina. ¡Ojalá! que aquel joven de veintiséis años, tan instruido como generoso y valiente, hubiera seguido mis consejos! La patria hubiera sido libre desde entonces, y él no hubiera perecido al lado de tantos jóvenes ilustres que nos acompañaban. La gratitud mexicana no permitirá que sus laureles queden sepultados.

Los que quedamos en el fuerte de Soto la Marina, habiéndonos defendido hasta más no poder, capitulamos con muchísimo honor, y uno de los artículos fue la conservación íntegra de nuestros equipajes. Nada se nos cumplió; y la guardia de Arredondo me robó un equipaje valioso; no pudo cargar con tres cajones de mis libros y se los llevó Arredondo, a quien se los arranqué valiéndome de la Inquisición. Pero ésta me condujo con grillos y una escolta de veinticinco hombres, por caminos de pájaros sobre la sierra, un caribe europeo llamado Félix Cevallos, que parece tenía orden de matarme a fuerza de insultos, afrentas y maltratamientos. A cada paso amenazaba fusilarme, según sus instrucciones, y quiso hacerlo en Las Presas sólo porque le dije que no era afrenta padecer por la patria. Es mucho que yo haya escapado de este tigre con sólo un brazo estropeado. Pero sepa V. M. que este europeo, sin embargo de haberse opuesto a la independencia, es para oprobio nuestro, capitán de granaderos en el Saltillo, y tiene puesto en su hoja de servicios, por uno insigne, haber conducido preso a México al apóstata Mier.

No tuvo vergüenza el gobierno de levantarme en sus gacetas esta apostasía después de diecisiete años de estar secularizado, siendo mi benévolo receptor el mismo Sumo Pontífice. Embusteros sin pudor para desacreditar a los defensores de la patria. ¿Quién me ha quitado ahora esta apostasía para ser un representante de la nación?

Señor, en la Inquisición, donde estuve sepultado tres años, escribí mi vida, creo que en cien pliegos, comenzando desde mi sermón de 1794 hasta mi entrada en Portugal en 1805; reproduje la correspondencia literaria que había tenido desde Burgos con don Juan Bautista Muñoz, Cronista Real de las Indias, y escribí otros varios opúsculos. Todo esto con mis tres cajones de libros y varios documentos que presenté a la Inquisición cuando entré, pasó al Arzobispado cuando ella fue extinguida.

Como muchos desearán saber la verdadera causa por que estuve en los calabozos de la Santa de la Vela Verde, me ha de permitir V. M. la lea a lo menos un pedazo de la carta que escribieron los inquisidores a su compinche Apodaca el día 26 de mayo de 1820; es decir, cuando el minotauro estaba

dando impenitente las últimas boqueadas. La pieza es auténtica y pública, y fue impresa en el Noticiero de La Habana el día 17 de septiembre del mismo año.

"Fray Servando (dice el decano, porque me trataba de fraile apóstata para complacer a Apodaca, aunque ellos en su propia cárcel me trataban de monseñor, según me corresponde) es el hombre más perjudicial y temible de este reino de cuantos se han conocido: es de un carácter altivo, soberbio y presuntuoso: posee una instrucción muy vasta en la mala literatura: es de un genio duro, vivo y audaz, su talento no común, y logra además una gran facilidad para producirse. Su corazón está tan corrompido, que lejos de haber manifestado en el tiempo de su prisión alguna variación de ideas, no hemos recibido sino pruebas de una lastimosa obstinación. Aún conserva un ánimo inflexible, un espíritu tranquilo, superior a sus desgracias. En una palabra: su fuerte y pasión dominante es la independencia revolucionaria, que desgraciadamente ha inspirado y fomentado en ambas Américas, por medio de sus escritos, llenos de ponzoña y de veneno. La adjunta obra en dos tomos (la Historia de la Revolución de Nueva España), que con otros documentos acompaño a V. E., y de cuya lectura el tribunal ha tenido a bien privar aun a los que tienen licencia de leer libros prohibidos, dará desde luego a V. E. la más exacta idea del carácter de este hombre, y de lo muy interesante que es la seguridad de su persona para la quietud pública, bien de la religión y del Estado. Todo lo cual pongo en el superior conocimiento de V. E. de orden de este tribunal. Antonio Peredo.

He aquí de lo que se ocupaba el que llamaban Santo Tribunal de la Fe: de castigarnos porque deseábamos la independencia de nuestra patria. He leído esta carta para que se vea cuál era mi delito, y no crean que estaba allí por algún delito de religión. Yo la he defendido contra los incrédulos, judíos y herejes. Por haber impugnado a Volney que negaba la existencia de Jesucristo, se me dio el curato de Santo Tomás de París. Por haber convertido dos célebres rabinos con sus familias, el Sumo Pontífice me promovió a ser su prelado doméstico. Ya era protonotario apostólico.

Lo que más me admira es, cómo tuvieron valor los inquisidores para prohibir la susodicha historia, sin haberme oído conforme manda, no sólo una ley de Carlos III, sino la bula Si licita et provida de Benedicto XIV. Cuando me dijeron que sus cualificadores habían hallado a mi historia injuriosa a la Inquisición y a Alejandro Borja, respondí que eran dos monstruos contra los cuales no podía haber libelo; y pedí copia de la censura para contestarla.

Lo más gracioso es que Fernando VII, habiendo leído la tal Historia, y mandado poner preso al pícaro Cancelada (que lo estuvo a cuenta mía dos años y medio), envió por medio de su embajador en Londres, a comprar a cualquier precio algunos ejemplares para repartir en su corte. La misma Historia fue motivo para que el célebre obispo Gregoire, apoyándolo el barón de Humboldt, me propusiese para miembro del Instituto Nacional de Francia; supremo honor literario en Europa.

Desengañémonos, señores, la Inquisición no era más que un tribunal de policía, y los inquisidores unos alcahuetes del despotismo. El término no es noble; pero no lo era más aquel depósito infame y anti-evangélico de chismes políticos, delaciones y espionaje cubierto todo hipócritamente con el juramentó del sigilo, y el velo sagrado de la religión. Era unos fracmasones de mala raza, como ya se los dije.

La noche del 18 de julio de 1820, que salí de México para Veracruz, reclamé mis libros, mis papeles y documentos, que de la Inquisición habían pasado al arzobispado: el virrey ofició al arzobispo, y respondió su vicario don Félix Alatorre, que mis documentos y papeles eran necesarios para mi causa; y de los libros, unos estaban prohibidos aun para los que tienen licencia de leerlos, otros necesitaban expurgarse, y los demás eran de franca entrega, para cuya secreción se pasaba lista al doctor Carrasco del convento de Santo Domingo.

En cuanto a lo primero, respondí al señor Alatorre desde San Juan de Ulúa, que mi causa era puramente política, y que habiéndome unido dicho vicario general al virrey en un tribunal hermafrodita, y de su creación contra la Constitución, para enviarme sin oírme a disfrutar mi indulto a España, no sabía lo que tenía aún que hacer el arzobispo conmigo; especialmente no estando yo sujeto sino al Sumo Pontífice, como prelado de su casa; y en cuanto a mis libros pregunté si todavía regía el expurgatorio bárbaro de la extinguida Inquisición, que con algunos libros malos tenía prohibidos muchos excelentes, y sepultada a la nación en la ignorancia. Las cortes de España habían reprendido sobre iguales proceder a varios vicarios eclesiásticos de España, y mandado no se tuviesen por prohibidos sino los libros que lo

estuviesen por las mismas cortes. Consta de mis documentos, que yo tengo licencia del Sumo Pontífice para leer todo género de libros sin excepción, como que soy un teólogo controvertista conocido; y sin embargo, no traía sino dos o tres prohibidos, precisamente porque los estaba impugnando: y el inquisidor Tirado, con la impugnación en la mano me dijo, que me hacía mucho honor. ¿Cómo se han de impugnar los libros malos sin leerlos? ¿Cómo se han de combatir a los enemigos de la religión sin conocer sus armas? Estas son injusticias evidentes.

Pido por tanto a vuestra soberanía mande a los preladados de Santo Domingo me devuelvan mi librería y mis insignias doctorales. Además que ya estaba mandado por el Consejo de Indias, a consecuencia del pleito que gané, se me restituyesen mis bienes, mi librería nada tenía que ver con aquellos religiosos. Desde joven la tenía y la había comprado con dinero de mi familia. Al mismo y no a los frailes debí lo que gasté para el grado de doctor. La sentencia del arzobispo no había recaído sobre mis bienes; y así que me los devuelvan los religiosos, o si han dispuesto de ellos, me satisfagan su importe.

Pido, lo segundo, que de mi equipaje robado en Soto la Marina se me mande restituir lo que pueda hallarse; y estoy informado que en la secretaría de la Comandancia General, residente hoy en el Saltillo, existe un bello mapa de la América Septentrional por Arrowsmith dividido en dos partes, que me costó bien caro.

Pido, lo tercero, que se mande al vicario general del arzobispado me devuelva todos mis libros, papeles, documentos y manuscritos, principalmente los que he mencionado, escritos en la Inquisición, según y como conste de las listas que ésta le haya pasado, y si algo tiene que exponer sobre libros, me lo diga y oiga. Si algo ha extraviado el vicario general o los inquisidores lo recojan y me lo entreguen o me lo paguen. Sé que algunos papeles míos pasaron al gobierno o sus ministriles: he oído que mucho de lo mío para en poder del intendente. Vuestra soberanía se servirá mandar que se me devuelvan todas mis cosas en cualquier poder que se hallen, y suplico me perdone el haber interrumpido con tan larga exposición sus graves ocupaciones. (Mateos, I. 677.) Véase sesiones 24 de julio; 31 del mismo mes, y 8 de agosto, sobre devolución de los bienes reclamados.

6. Voto Particular del Doctor Mier

En el proyecto de bases para la Constitución de la República Federal del Anáhuac, me separé del dictamen de la comisión con los señores Bustamante (don Javier) Lombarda Garda y Gómez Farias, acerca de ese senado de nueva invención que no hace parte del cuerpo legislativo. Y como la comisión era de once individuos, por un solo voto resultó la mayoría. Pero me congratulo, señor, que el de la minoría haya sido conforme a las instrucciones que me enviaron tres provincias, desde que tuve el honor de que me nombrasen comisionado suyo para la Junta General indicada en Puebla. Permítaseme leerlas sobre este punto.

“En atención, dicen, a que los mayores males sufridos por estas provincias en los dos últimos años han provenido de la injusta preponderancia que contra los derechos de igualdad respectiva entre provincia y provincia, entre pueblo y pueblo, y entre hombre y hombre, se han ejercitado descaradamente en México, tanto en la Junta Provisional, en el extinguido Congreso, en la llamada Junta Instituyente como principalmente en el Gobierno Supremo, será el primer cuidado de los señores diputados de estas provincias procurar eficazmente por todos medios, el que en la convocatoria y en cualquier otro acto, que dé a ello lugar, de los de la Junta General de que van a ser miembros, se reconozca y ponga a cubierto para siempre la dicha igualdad política de las provincias entre sí; pues así como un hombre, porque sea más rico, más ilustre, más grande que otro, no deja de ser igual a otro que no tiene esas cualidades; así también, aunque aparezcan semejantes diferencias entre pueblo y pueblo y entre provincia y provincia, deben ser políticamente iguales, y tener como personas morales iguales derechos; y, por consiguiente, igual influencia en la formación de las leyes y muy principalmente en las fundamentales, o sea el primer pacto social, por el cual se va a constituir esta grande nación.

“Para reducir a práctica estos principios inconcusos parece preferible al medio de una convención general compuesta de igual número de representantes por cada provincia, el de dividir para sus deliberaciones el número total de representantes en dos cámaras o salas, compuestas ambas de diputados nombrados todos única y exclusivamente por la nación soberana, y jamás por el poder ejecutivo, ni por persona o corporación a título de privilegio alguno, que en todo caso se reputaría por una usurpación de los derechos de la nación.

“El cuerpo de los representantes en su totalidad será tan numeroso, que en él se hallen las luces y virtudes necesarias para hacer buenas leyes, y una fuerza moral bastante para que sea verdaderamente el baluarte inexpugnable de la libertad nacional contra los embates constantes del poder ejecutivo y de cualquier otro poder, de dentro, o fuera de la nación; enemigo de sus libertades y derechos imprescriptibles; pareciendo por tanto, que dicho número total debe ser sobre poco más o menos especialmente en el presente caso de constituirse la nación, no menos que de ciento cuarenta diputados.

“La primera cámara se compondrá de representantes nombrados por la base de la población de las provincias, no pudiendo ser ésta mayor de sesenta mil almas para dar un diputado, y debiendo darse uno por un quebrado que exceda su mitad, y siempre uno por cualquiera provincia que teniendo hoy el rango político de tal, no tenga el número de sesenta mil almas.

“Los representantes de la nación que han de componer la segunda cámara, serán nombrados por la base, no ya de la población de cada provincia, sino por la base del número de provincias que tienen hoy el rango político de tales en todo nuestro territorio; debiendo nombrar cada provincia un representante, siempre que el número de los de la primera sala llegue al de ciento; pero si éste fuera menor, cada provincia nombrará para dicha segunda cámara dos representantes.”

Tales son las instrucciones que sobre el punto en cuestión me envió desde el 4 de abril del presente año la diputación reunida en Monterrey de las provincias de Nuevo Reino de León, Coahuila y Texas; y yo juzgo que opinaron con acierto. Puntualmente señor, las quejas que continuamente estamos oyendo de éstas y otras provincias rolan sobre la preponderancia de México; y no componiéndose el congreso en el dictamen de la comisión más que de una sola cámara, que precisamente ha de formarse por la base de la población, la cual en la provincia mexicana asciende a casi millón y medio, continuarán gritando las provincias, que las quiere dominar la capital por el influjo de su numerosa representación. Y cierto, que uniéndosele, como es regular por la analogía de intereses, la representación de una o dos provincias contiguas y tan pobladas como Puebla, puede sofocar la de las provincias menores y dar la ley

en el congreso. Este inconveniente chocante, pero necesario en el sistema de una cámara, se remedia, como lo está en los Estados Unidos de Norteamérica, con una segunda cámara que tenga el derecho de revisar las leyes. Porque como para ella cada provincia por pequeña que sea nombra tantos senadores como la grande, quedamos entonces iguales y no pasará ley alguna que pueda perjudicarnos.

El argumento que se objeta, de que por el derecho de rechazar las leyes en la segunda cámara, vendría la minoría a triunfar de la mayoría en la primera cámara, es un argumento más especioso que sólido. Desde luego no es un inconveniente que el voto de pocos hombres sesudos prevalezca al de la multitud. No sigas la turba para obrar mal, dice el Espíritu Santo, ni sujetes tu juicio a la sentencia de muchos para desviarte de lo verdadero. Muchas veces el voto de un representante será contrario al de la pluralidad de sus comitentes; pero ellos se comprometieron en su sufragio, como toda la nación, admitiendo una sala de senadores puede convenir, en que para obviar mayores inconvenientes que después se dirán, la minoría de aquéllos obste a la pluralidad de sus representantes. Todo depende del contrato social que va a celebrarse, no entre mayor y menor, sino entre partes moral y políticamente iguales, como deben considerarse nuestras provincias al establecerse la constitución.

Se me dijo en la discusión por los señores del dictamen contrario, que la segunda cámara es un resto de la aristocracia; y yo respondo que es al contrario, la perfección del gobierno democrático representativo, porque exigiendo éste la igualdad en lo posible, sólo así se consigue. Más bien diría yo, con esa introducción de un senado aislado, sin hacer parte del cuerpo legislativo, es una imitación del Consejo aristocrático del Estado de España, que tan malamente nos ha probado en México. Los españoles conociendo la necesidad de una segunda cámara, y no queriendo llamar a componerla su nobleza, en general viciosa e ignorante, ni su alto clero en parte fanático, y ambos amigos frecuentes en aquel país de un trono absoluto y opresor, inventaron ese consejo de estado que supliese la segunda cámara, y por ser aristocrático contentase en algún modo a los magnates espirituales y temporales.

No es una segunda cámara de nobles o pares como en Inglaterra y Francia, por la que yo litigo, sino por una igual a la que tienen los Estados Unidos y Colombia, gobiernos republicanos populares, donde no ha quedado sombra de aristocracia. Yo quiero una segunda cámara de senadores, ciudadanos y nada más; pero que posean ciertos haberes para que no estén tan expuestos como los pobres y menesterosos a la tentación de dejarse ganar por las promesas del gobierno, o por las dádivas de los aspirantes a empleos que deben consultarle; ciudadanos, que pasando de los treinta y cinco años puedan con la madurez de su edad, seso, circunspección y experiencia moderar la impetuosidad de los jóvenes representantes de la primera cámara, corregir la precipitación de sus acuerdos por falta de discusión o maniobras de los partidos, y servir de freno y consejo nato al gobierno, que poco puede hacer sin su consulta o propuesta.

Efectivamente, señor, cuando es uno solo el cuerpo deliberante, un orador vehemente o artificioso suele arrastrarlo consigo, porque el privilegio del talento y la elocuencia es dominar la multitud. Cualquiera facción o partido que a su sombra se forma dentro del seno de una asamblea acostumbra decidir el más grave asunto a su favor; y por más reglamentos que se le opongán, los elude con la urgencia de las circunstancias, y supera con la autoridad suprema de la misma corporación, quedando así expuesta muchas veces la suerte de la nación a una votación sola, facciosa e inmadura. Esto se observa a cada paso en todos los congresos del mundo, donde yo me he hallado, a pesar de los más bellos cánones reglamentarios para evitar este mal.

La ley misma hace la trampa. Es sabida y vulgar la de echar los negocios cuando faltan los oradores contrarios al partido. Es conocido aquel stratagemata frecuentísimo con que los diputados americanos perdieron en las Cortes de Cádiz las votaciones más interesantes a nuestra patria. Tal es el de preguntar o hacer preguntar si el asunto está ya suficientemente discutido en acabando de perorar algún orador verboso reservado a propósito para fascinar, aunque otros muchos oradores que disienten tengan pedida la palabra para responder a sus argumentos, trillar su paja o deshacer sus sofismas. El partido se pone en pie para afirmar la pregunta, lo siguen los diputados de reata que abundan en todo congreso, el presidente repica la campana contra las reclamaciones, la trampa es legal porque conforme al reglamento la tal pregunta corta la discusión, y se vota un desatino.

Muchas otras veces, sin intriga ni segunda intención, los ánimos se exaltan con el calor de la disputa, o las cabezas están fatigadas, no ocurren algunas reflexiones importantes, se equivocan las

especies, faltan datos y resulta una resolución tan defectuosa, que ya hemos tenido que corregir en sesión secreta lo que habíamos determinado en la pública. Y gracias a la prudencia de un cuerpo que ha tenido la de cejar sobre un acuerdo pernicioso; otro se obstinará por vergüenza, o por no comprometer su autoridad, y la nación lo paga.

En otras ocasiones se reúne todo lo dicho, y tenemos la prueba recientísima en el decreto de convocatoria para un nuevo congreso. (21 mayo 1823.) ¿Lo habríamos dado por la tarde después de haber oído a los oradores a quienes por la mañana no cupo la palabra, y que deploraron con razón la desgracia de la patria abandonada a su suerte, a la inexperiencia de hombres nuevos y a un albur en todo sentido peligroso? El torrente de lágrimas que en esta vez interrumpió mi discurso no fue sino la expresión de los tristes presagios que me dictaba el corazón, guiado por la experiencia. También disputaban a las Cortes de Cádiz y a la Asamblea Constituyente de Francia los poderes para constituir a la nación. Las Cortes de Cádiz cerraron sus oídos, dieron una constitución y salvaron a la patria, que en el naufragio de su libertad, tuvo esta tabla de que agarrarse. No así la Asamblea Constituyente de Francia, que cediendo a la voz imprudente de los pueblos agitados por aspirantes, ultras, o demagogos aunque trabajó una constitución, reservó su sanción a una convención nacional, que convocó. Pero ésta la rechazó, trastornó el gobierno, tocó a degüello, y los que escaparon de aquel diluvio de sangre, recibieron las cadenas de la esclavitud. La identidad del caso me hace estremecer. Quiera Dios que el nuevo congreso no resienta el mal ejemplo de haber condescendido los verdaderos comisionados de la nación, y únicos órganos legales de su voluntad a gritos tumultuosos y anárquicos.

Aprovechémonos de nuestra propia experiencia para reconocer la necesidad de una segunda cámara que revea las leyes, y sea como un tribunal de apelación del primer juicio. Los hombres que obran largo tiempo juntos, contraen ligazones y cierta manera de ver los objetos, un espíritu de cuerpo y de rutina, cuyo correctivo natural está en una u otra asociación. El temor de ser desairada por ésta la primera cámara, la hará más cauta para decretar, y una u otra se ilustrarán con la luz que despida el choque de sus diferentes discusiones.

Esto es verdad que causará demora; pero ésta misma calma los espíritus, da lugar a nuevas reflexiones, a que la cuestión sea examinada en todas sus fases, a que los sabios de fuera del cuerpo lo ayuden con sus luces, y salga la decisión más perfecta y sazónada. No habrá muchas leyes; pero tampoco se hará una y decretará en media hora. Se podrá errar, éste es el patrimonio de nuestra flaqueza; pero quedará el consuelo de haber apurado todos los medios de evitar el error.

Cuando hay dos cámaras diferentemente compuestas la una sirve naturalmente de freno a la otra, dice un grande político, “el peligro de la demagogia se debilita”, porque no es tan fácil que un individuo pueda ejercer en los dos grupos la misma influencia. Habrá entre ellos una emulación de crédito y de talentos; el mismo celo de una sala viene a ser la salvaguardia contra las usurpaciones de la otra, y la constitución se sostiene por las mismas pasiones que obran en sentido contrario. En una palabra, la nave del estado asegurada sobre dos cámaras como sobre dos anclas podrá resistir mejor las tempestades políticas.

Yo descubro aún otra ventaja en la segunda sala, y es, que aunque los representantes se ausenten concluido el tiempo de sus sesiones, o se renueve cada dos o tres años su cámara, queda siempre la de senadores en torno del gobierno, le aconseja, lo observa, lo dirige y lo contiene. Y como variándose por partes, no cierra el período de su existencia sino a los cinco años, se impone en los negocios de la nación, y el estado político del mundo, instruye al poder ejecutivo que a los cuatro años se muda, guía a los nuevos representantes, bisoños inexpertos, azotados con la novedad de la escena, y nunca se apaga el fanal que conduce la nación al puerto de la felicidad.

Bien sé, que tampoco faltan inconvenientes en el sistema de las dos cámaras. Benthám en su táctica de las asambleas legislativas expone los de una cámara como los de dos, sin atreverse enteramente a decidir la mejoría. y por eso la mayoría de la comisión ha inventado ese nuevo senado conservador. Pero en la balanza de mi pobre juicio ni resarce las ventajas de la división de cámaras, ni remedia los inconvenientes de una, antes puede crearlos mayores. Ese nuevo areópago separado del cuerpo legislativo está tan revestido de prerrogativas y funciones, que me hace temblar como el antiguo a los atenienses. Ese fiscal eterno del cuerpo legislativo, cuyos individuos juzgan, y él sólo puede ser juzgado con mucha dificultad, que examina sus acuerdos, nota sus faltas, espía sus acciones, y reprueba

las leyes, porque no se guardó en la discusión el reglamento, o no se discutió suficientemente el asunto, ha de ser un censor tanto más odioso al primer cuerpo de la nación, cuanto es un rival extraño. Se va a soltar entre ellos la manzana de la discordia, y yo no sé si la animosidad, que puede encenderse entre cuerpos tan poderosos, acabará su pleito con la ruina de la república. El uno tiene la espada de la ley que todo lo puede; el otro puede conciliarse la del gobierno, que a cada paso lo necesita demasiado, y no le faltará el apoyo de la inmensidad de criaturas, que ha de granjearse con la propuesta de los empleos.

Yo, en conclusión, cuando se trata del destino de una nación, me guardaré bien de embarcarme en teorías nuevas, cuya futura experiencia puede sumergir la libertad para siglos, o sumergirnos en un océano de calamidades y de sangre. Caro y muy caro costaron a los franceses las nuevas teorías constitucionales. En esta materia mientras menos invención, más seguridad. Camino carretero, señor. Todas las naciones que han reducido el cuerpo legislativo a una sola cámara, naufragaron, testigo Francia en su Asamblea Constituyente, y su Convención Nacional; testigo, España, de cuya Constitución, dice el sabio arzobispo de Malinas, que el gran defecto es una sola cámara. Lo ha conocido así Flores Estrada, y cuantos dignos diputados españoles conocí fugitivos en Inglaterra.

El nombre mismo de senado conservador me alarma y espanta. Así se llamaba el que inventó Napoleón en París, con el cual sofocó al cuerpo legislativo, y no sirvió de otra cosa que de instrumento ciego a los caprichos de aquél déspota asombroso. Los estados que han prosperado e prosperan en la Libertad, como Inglaterra, los Estados Unidos e Colombia, tienen dos cámaras. Y yo vuelvo a decir, señor, que jamás abandonaré mi nación, cuya libertad me ha costado treinta años de persecución y trece de prisiones, al albur de una teoría nueva desconocida e inexperimentada. Hasta el particular que aventura toda su fortuna a un naípe, es un insensato. Ningún viajero que sea cuerdo, dejará un camino trillado y conocido, que con certeza le ha de conducir al término deseado, por ensayar una senda nueva, incógnita e incierta, a pique de tener de desandar lo andado o perderse sin salida.

Yo voto por las dos cámaras en el cuerpo legislativo, una de representantes y otra de senadores en la manera que dejo indicado, y conforme a las instrucciones que tengo de tres provincias; y pido que así conste en las actas del congreso, y que este voto se imprima y circule con el proyecto de las bases constitucionales para satisfacción de aquellas provincias y conocimiento de la nación. México, 28 de mayo de 1823. – Doctor Servando Teresa de Mier.

Sesión 5 de junio. Se leyó una proposición suscrita por varios diputados, entre los que figura el padre Mier, pidiendo que se declaren beneméritos de la patria a los generales Victoria y Negrete. Fue aprobada. (Mateos, II. 390.)

Sesión 11 de junio. Se discutía en lo general el dictamen sobre proyecto de convocatoria. El art. 1.º consultaba “El Soberano Congreso Constituyente Mexicano es la reunión de los diputados que representan la nación, elegidos por los ciudadanos por la forma que se dirá”. El padre Mier propuso la siguiente adición: “Que la representación nacional se divida en dos cámaras, de las cuales la segunda esté compuesta por la base del número de las provincias”. Fue desechada. (Mateos, II. 396.)

Sesión 13 de diciembre. Se continuó la discusión del art. 5.º del Acta Constitucional. A petición del padre Mier determinó el Congreso alargar una hora más esta sesión en lugar de la sesión extraordinaria que debía haber por la tarde.

7. Profecía del Doctor Mier sobre la federación mexicana

“Señor: (Antes de comenzar digo: voy a impugnar el artículo 5.º o de república federada en el sentido del 6.º que la propone compuesta de estados soberanos e independientes. Y así es indispensable que me roce con éste; lo que advierto para que no se me llame al orden. Cuando se trata de discutir sin pasión los asuntos más importantes de la patria, sujetarse nimiamente a ritualidades sería dejar el fin por los medios.) Nadie, creo, podrá dudar de mi patriotismo. Son conocidos mis escritos a favor de la independencia y libertad de la América; son públicos mis largos padecimientos, y llevo las cicatrices en mi cuerpo. Otros podrán alegar servicios a la patria iguales a los míos; pero mayores ninguno, a lo menos en su género. Y con todo nada he pedido, nada me han dado. Y después de sesenta años ¿qué tengo que esperar sino el sepulcro? Me asiste, pues, un derecho, para que cuando voy a hablar de lo que debe decidir la suerte de mi patria, se me crea desinteresado e imparcial. Puedo errar en mis opiniones, éste es el patrimonio del hombre; pero se me haría suma injusticia en sospechar de la pureza y rectitud de mis intenciones.

“¿Y se podrá dudar de mi republicanismo? Casi no salía a luz ningún papel durante el régimen imperial en que no se me reprochase el delito de republicanismo y de corifeo de los republicanos. No sería mucho avanzar si dijese que seis mil ejemplares esparcidos en la nación de mi Memoria Política Instructiva, dirigida desde Filadelfia a los jefes independientes de Anáhuac, generalizaron en él la idea de la república, que hasta el otro día se confundía con la herejía y la impiedad. Y apenas fue lícito pronunciar el nombre de república cuando yo me adelanté a establecerla federada en una de las bases del proyecto de constitución mandado circular por el congreso anterior.

“Permítaseme notar aquí, que aunque algunas provincias se han vanagloriado de habernos obligado a dar este paso y publicar la convocatoria, están engañadas. Apenas derribado el tirano se reinstaló el congreso, cuando yo convoqué a mi casa una numerosa reunión de diputados, y les propuse que declarando la forma de gobierno republicano, como ya se habían adelantado a pedirla varios diputados en proporciones formales, y dejando en torno del gobierno, para que lo dirigiese, un senado provisional de la flor de los liberales, los demás nos retirásemos convocando un nuevo congreso. Todos recibieron mi proposición con entusiasmo y querían hacerla al otro día en el congreso. Varios diputados hay en nuestro seno de los que concurrieron y pueden servirme de testigos. Pero las circunstancias de entonces eran tan críticas para el gobierno; que algunos de sus miembros temblaron de verse privados un momento de las luces, el apoyo y prestigio de la representación nacional. Por este motivo fue que resolvimos trabajar inmediatamente un proyecto de bases constitucionales, el cual diese testimonio a la nación, que si hasta entonces nos habíamos resistido a dar una constitución, aunque Iturbide nos la exigía, fue por no consolidar su trono; pero luego que logramos libertarnos y libertar a la nación del tirano, nos habíamos dedicado a cumplir el encargo de constituirla. Una comisión de mis amigos nombrada por mí, que después ratificó el congreso, trabajó en mi casa dentro de dieciocho días el proyecto de bases que no llegó a discutirse porque las provincias comenzaron a gritar que carecíamos de facultades para constituir a la nación. Dígase lo que se quiera, en aquel proyecto hay mucha sabiduría y sensatez y ojalá que la nación no lo eche menos algún día.

“Se nos ha censurado de que proponíamos un gobierno federal, en el nombre, y central en la realidad. Yo he oído hacer la misma crítica del proyecto constitucional de la nueva comisión. Pero ¿qué no hay más de un modo de federarse? Hay federación en Alemania, la hay en Suiza, la hubo en Holanda, la hay en los Estados Unidos de América, en cada parte ha sido o es diferente, y aun puede haberla de otras varias maneras. Cuál sea la que a nosotros convenga hoc opus, hic labor est. Sobre este objeto va a girar mi discurso. La antigua comisión opinaba, y yo creo todavía, que la federación a los principios debe ser muy compacta, por ser así más análoga a nuestra educación y costumbres, y más oportuna para la guerra que nos amaga, hasta que pasadas estas circunstancias en que necesitamos mucha unión, y progresando en la carrera de la libertad, podamos, sin peligro, ir soltando las andaderas de nuestra infancia política hasta llegar al colmo de la perfección social, que tanto nos ha arrebatado la atención en los Estados Unidos.

“La prosperidad de esta república vecina ha sido, y está siendo, el disparador de nuestra América porque no se ha ponderado bastante la inmensa distancia que media entre ellos y nosotros. Ellos eran ya

Estados separados e independientes unos de otros, y se federaron para unirse contra la opresión de la Inglaterra; federarnos nosotros estando unidos, es dividirnos y atraernos los males que ellos procuraron remediar con esa federación. Ellos habían vivido bajo una constitución que con sólo suprimir el nombre de rey es la de una república: nosotros, encorvados trescientos años bajo el yugo de un monarca absoluto, apenas acertamos a dar un paso sin tropiezo en el estudio desconocido de la libertad. Somos como niños a quienes poco a poco se han quitado las fajas, o como esclavos que acabamos de largar cadenas inveteradas. Aquél era un pueblo nuevo, homogéneo, industrioso, laborioso, ilustrado y lleno de virtudes sociales, como educado por una nación libre; nosotros somos un pueblo viejo, heterogéneo, sin industria, enemigos del trabajo y queriendo vivir de empleos como los españoles, tan ignorante en la masa general como nuestros padres, y carcomido de los vicios anexos a la esclavitud de tres centurias. Aquél es un pueblo pesado, sesudo, tenaz; nosotros una nación de veletas, si se me permite esta expresión; tan vivos como el azogue y tan movibles como él. Aquellos Estados forman a la orilla del mar una faja litoral, y cada uno tiene los puertos necesarios a su comercio; entre nosotros sólo en algunas provincias hay algunos puertos o fondeaderos, y la naturaleza misma, por decirlo así, nos ha centralizado.

“Que me canso en estar indicando a V. Sob. la diferencia enorme de situación y circunstancias que ha habido y hay entre nosotros y ellos, para deducir de ahí que no nos puede convenir su misma federación, si ya nos lo tiene demostrado la experiencia de Venezuela, en Colombia. Deslumbrados como nuestras provincias con la federación próspera de los Estados Unidos, la imitaron a la letra y se perdieron. Arroyos de sangre han corrido diez años para medio recobrar y erguirse, dejando tendidos en la arena casi todos sus sabios y casi toda su población blanca. Buenos Aires siguió su ejemplo; y mientras estaba envuelto en el torbellino de su alboroto interior, fruto de la federación, el rey del Brasil, se apoderó impunemente de la mayor y mejor parte de la república. ¿Serán perdidos para nosotros todos esos sucesos? ¿No escarmentamos sobre la cabeza de nuestros hermanos del sur, hasta que truene el rayo sobre la nuestra, cuando ya nuestros males no tengan remedio o nos sea costosísimo? Ellos escarmentados se han centralizado: ¿nosotros nos arrojarémos sin temor al piélago de sus desgracias, y los imitaremos en su error en vez de imitarlos en su arrepentimiento? Querer desde el primer ensayo de la libertad remontar hasta la cima de la perfección social, es la locura de un niño que intentase hacerse hombre perfecto en un día. Nos agotaremos en el esfuerzo, sucumbiremos bajo una carga desigual a nuestras fuerzas. Yo no sé adular ni temo ofender, porque la culpa no es nuestra sino de los españoles; pero es cierto que en las más de las provincias apenas hay hombres aptos para enviar al congreso general; y quieran tenerlos para congresos provinciales, poderes ejecutivos y judiciales, ayuntamientos, etc., etc. No alcanzan las provincias a pagar sus diputados al congreso central, ¡y quieren echarse a costas todos el tren y el peso enorme de los empleados de una soberanía!

“¿Y qué hemos de hacer, se nos responderá, sí así lo quieren, así lo piden? Decirles lo que Jesucristo a los hijos ambiciosos del Zebedeo: no sabéis lo que pedís: nescitis quid petatis. Los pueblos nos llaman sus padres, tratémosles como a niños que piden lo que no les conviene: nescitis quid petatis. ‘Se necesita valor, dice un sabio político, para negar a un pueblo entero; pero es necesario a veces contrariar su voluntad para servirle mejor. Toca a sus representantes ilustrarlo y dirigirlo sobre sus intereses, o ser responsable de su debilidad.’ Al pueblo se le ha de conducir, no obedecer. Sus diputados no somos mandaderos, que hemos venido aquí a tanta costa y de tan largas distancias para presentar el billete de nuestros amos. Para tan bajo encargo sobran lacayos en las provincias o corredores de México. Si los pueblos han escogido hombres de estudios e integridad para enviarlos a deliberar en un Congreso general sobre sus más caros intereses, es para que acopiando luces en la reunión de tantos sabios decidamos lo que mejor les convenga; no para que sigamos servilmente los cortos alcances de los provincianos circunscritos en sus territorios. Venimos al congreso general para ponernos como sobre una atalaya, desde donde, columbrando el conjunto de la nación, podamos proveer con mayor discernimiento a su bien universal. Somos sus árbitros y compromisarios, no sus mandaderos. La soberanía reside esencialmente en la nación, y no pudiendo ella en masa elegir sus diputados, se distribuye la elección por las provincias; pero una vez verificada, ya no son los electos diputados precisamente de tal o tal provincia, sino de toda la nación. Este es el axioma reconocido de cuantos publicistas han tratado del sistema representativo. De otra suerte el diputado de Guadalajara no pudiera legislar en México, ni el de México determinar sobre los negocios de Veracruz. Si, pues, todos y cada uno de los diputados lo somos

de toda la nación, ¿cómo puede una fracción suya limitar los poderes de un diputado general? Es un absurdo, por no decir una usurpación de la soberanía de la nación.

"Yo he oído atónico aquí a algunos señores de Oaxaca y Jalisco, decir que no son dueños de votar como les sugiere su convicción y conciencia, que teniendo limitados sus poderes no son plenipotenciarios o representantes de la soberanía de sus provincias. En verdad, nosotros los hemos recibido aquí como diputados, porque la elección es quien les dio el poder, y se los dio para toda la nación; el papel que abusivamente se llama poder, no es más que una constancia de su legítima elección; así como la ordenación es quien da a los presbíteros la facultad de confesar, lo que se llama licencia no es más que un testimonio de su aptitud para ejercer la facultad que tienen por su carácter. Aquí de Dios. Es una regla sabida del derecho, que toda condición absurda o contradictoria o ilegal que se ponga en cualquier poder, contrato, etc., o la anula e irrita, o debe considerarse como no puesta. Es así que yo he probado que la restricción puesta por una provincia en los poderes de un diputado de toda la nación es absurda. Es así que es contradictorio, porque implica congreso constituyente con bases ya constituidas cualesquiera que sean, como de república federada se determina ya en esos poderes limitados. Es así que es ilegal, porque en el decreto de convocatoria está prohibida toda restricción. Luego, o los poderes que la traen son nulos y los que han venido con ellos deben salir luego del congreso, o debe considerarse como no puesta, y esos diputados quedan en plena libertad para sufragar como los demás, sin ligamen alguno. Yo no alcanzo qué respuesta sólida se puede dar a este argumento.

"Pero volviendo a nuestro asunto: ¿es cierto que la nación quiere república federada y en los términos que intente dársenos por el artículo 6.º? Yo no quisiera ofender a nadie; pero me parece que algunos inteligentes en las capitales, previendo que por lo mismo han de recaer en ellos los mandos y los empleos de las provincias, son los que quieren esa federación y han hecho decir a los pueblos que la quieren. Algunos señores diputados se han empeñado en probar que las provincias quieren república federada; pero ninguno ha probado, ni probará jamás, que quieran tal especie de federación anglo-americana, y más que angloamericana. ¿Cómo han de querer los pueblos lo que no conocen? *Nihil volitum quin prae cognitum*. Llámense cien hombres, no digo de los campos, ni de los pueblos donde apenas hay quien sepa leer, ni que existen siquiera en el mundo angloamericanos, de México mismo, de esas galerías háganse bajar cien hombres, pregúnteseles qué casta de animal es república federada, y doy mi pescuezo si no responden treinta mil desatinos. ¡Y ésa es la pretendida voluntad general con que se nos quiere hacer comulgar como a niños! Esa voluntad general numérica es un sofisma, un mero sofisma, un sofisma que se puede decir reprobado por Dios cuando dice en las Escrituras: 'No sigas a la turba para obrar el mal, ni descanses en el dictamen de la multitud para apartarte del sendero de la verdad'. *Ne sequaris turbam and faciendum calum, nec in iudicio plurimorum acquiescas sententiae, ut a vero devies*.

"Esa voluntad general es la que alegaba en su favor Iturbide, y podía fundarla en todos los medios comunes de establecerla, vítores, fiestas, aclamaciones, juramentos, felicitaciones de todas las corporaciones de la nación, que se competían en tributarle homenajes, e inciensos, llamándole libertador, héroe, ángel tutelar, columna de la religión, el único hombre digno de ocupar el trono de Anáhuac. A fe mía que no dudaba ser ésta la voluntad general uno de los más fogosos defensores de la federación que se pretende, cuando pidió aquí la coronación de Iturbide.

"¿Y era ésa la voluntad general? Señor, no era la voluntad legal, única que debe atenderse. Tal es la que emiten los representantes legítimos del pueblo, sus árbitros, sus compromisarios, deliberando en plena y entera libertad: como aquélla es la voluntad y creencia de los fieles, la que pronuncian los obispos y presbíteros sus representantes en un concilio o congreso libre y general de la Iglesia, de la cual se ha tomado el sistema representativo desconocido de los antiguos. El pueblo siempre ha sido víctima de la seducción de los demagogos turbulentos; y así su voluntad numérica es un fanal muy oscuro, una brújula muy incierta. Lo que ciertamente quiere el pueblo es su bienestar, en esto no cabe equivocación; pero la habría muy grande y perniciosa si se quisiera, para establecerle este bienestar, seguir por norma la voluntad de hombres groseros e ignorantes, cual es la masa general del pueblo, incapaces de entrar en las discusiones de la política, de la economía y del derecho público. Con razón, pues, el anterior congreso, después de una larga y madura discusión, mandó que se diesen a los diputados los poderes para constituir a la nación según ellos entendiesen ser la voluntad general.

“Es voluntad general numérica de los pueblos, esa degradación de sus representantes hasta mandaderos y órganos materiales, ese estado natural de la nación, tantas otras iguales zarandajas con que nos están machacando las cabezas los pobres políticos de las provincias, no son sino los principios ya rancios, carcomidos y detestados con que los jacobinos perdieron a la Francia, han perdido a la Europa y cuantas partes de nuestra América han abrazado sus principios. Principios, si se quiere, metafísicamente verdaderos; pero inaplicables en la práctica, porque consideran al hombre en abstracto, y tal hombre no existe en la sociedad. Yo también fui jacobino, y consta en mis dos Cartas de un Americano al Español en Londres, porque en España no y, sabíamos más que lo que habíamos aprendido en los libros revolucionarios de la Francia. Yo la vi veintiocho años en una convulsión perpetua, veía sumergidos en la misma a cuantos pueblos adoptaban sus principios; pero como me parecían la evidencia misma, trabajaba en buscar otras causas a quienes atribuir tanta desunión, tanta inquietud y tantos males. Fui al cabo a Inglaterra, la cual permanecía tranquila en medio de la Europa alborotada como un navío encantado en medio de una borrasca general. Procuré averiguar la causa de este fenómeno; estudié en aquella vieja escuela de política práctica, leí sus Burjes, sus Paleis, sus Bentham y otros muchos autores, oí a sus sabios y quedé desengañado de que el daño provenía de los principios jacobinos. Estos son la caja de Pandora donde están encerrados los males del universo. Y retrocedí espantado, cantando la palinodia, como ya lo había hecho en su tomo 6º mi célebre amigo el español Blanco White.

“Si sólo se tratase de insurgir a los pueblos contra sus gobernantes, no hay medio más a propósito que dichos principios, porque lisonjean el orgullo y vanidad natural del hombre, brindándole con un cetro que le han arrebatado manos extrañas. Desde que uno lee los primeros capítulos del Pacto Social de Rousseau, se irrita contra todo gobierno como contra una usurpación de sus derechos; salta, atrepella y rompe todas las barreras, todas las leyes, todas las instituciones sociales establecidas para contener sus pasiones, como otras tantas trabas indignas de su soberanía. Pero cada uno de la multitud ambiciona su pedazo, y ella en la sociedad es indivisible, ellos son los que se dividen y despedazan, se roban, se saquean, se matan, hasta que sobre ellos cansados o desolados, se levanta un déspota coronado, o un demagogo hábil y los enfrena con un cetro, no metafísico, sino de hierro verdadero; paradero último de la ambición de los pueblos y de sus divisiones intestinas.

“Ha habido, hay, y yo conozco algunos demagogos de buena fe, que seducidos ellos mismos por la brillantez de los principios y la belleza de las teorías jacobinas, se imaginan que dado el primer impulso al pueblo, serán dueños de contenerlo, o el pueblo se contendrá como ellos mismos en una raya razonable. Pero la experiencia ha demostrado que una vez puestos los principios, las pasiones sacan las consecuencias; y los mismos conductores del pueblo que rehusan acompañarlo en el exceso de sus extravíos, cargados de nombres oprobiosos, como desertores y apóstatas del liberalismo y de la buena causa, son los primeros que perecen ahogados entre las tumultuosas olas de un pueblo desbordado. ¡Cuántos grandes sabios y excelentes hombres espiraron en la guillotina levantada por el pueblo francés, después de haber sido sus jefes y sus ídolos!

“¿Qué, pues, concluiremos de todo esto?, se me dirá. ¿Quiere usted que nos constituyamos en una república central? No. Yo siempre he estado por la federación, pero una federación razonable y moderada, una federación conveniente a nuestra poca ilustración y a las circunstancias de una guerra inminente, que debe hallarnos muy unidos. Yo siempre he opinado por un medio entre la confederación laxa de los Estados Unidos, cuyos defectos han patentizado muchos escritores, que allá mismo tiene muchos antagonistas, pues el pueblo está dividido entre federalistas y demócratas: un medio, digo, entre la federación laxa de los Estados Unidos y la concentración peligrosa de Colombia y del Perú: un medio en que dejando a las provincias las facultades muy precisas para proveer a las necesidades de su interior, y promover su prosperidad, no se destruya a la unidad, ahora más que nunca indispensable, para hacernos respetables y temibles a la Santa Alianza, ni se enerve la acción del gobierno, que ahora más que nunca debe ser enérgica, para hacer obrar simultánea y prontamente todas las fuerzas y recursos de la nación. Medio tutissimus ibis. Este es mi voto y mi testamento político.

"Dirán los señores de la comisión, porque ya alguno me lo ha dicho, que ese medio que yo opino es el mismo que sus señorías han procurado hallar; pero con licencia de su talento, luces y sana intención, de que no dudo, me parece que no lo han encontrado todavía. Han condescendido con los principios anárquicos de los jacobinos, la pretendida voluntad general numérica o quimérica de las provincias y la

ambición de sus demagogos. Han convertido en liga de potencias la federación de nuestras provincias. Dese a cada una esa soberanía parcial, y por lo mismo ridícula, que se propone en el artículo 6° y ellas se la tomarán muy de veras. Cogido el cetro en las manos, ellas sabrán de diestro a diestro burlarse de las trabas con que en otros artículos se pretende volvérsela ilusoria. Sanciónese el principio que ellas sacarán las consecuencias y la primera que ya dedujo expresamente. Querétaro, es no obedecer de V. Sob. y del gobierno sino lo que les tenga cuenta. Zacatecas, instalando su congreso constituyente, ya prohibió se le llamase provincial. Jalisco publicó unas instrucciones para sus diputados que eluden la convocatoria, y contra lo que en ésta se mandó, tres provincias limitaron a los suyos los poderes, y estamos casi seguros de que la de Yucatán no será tan obediente. Son notorios los excesos a que se han propasado las provincias desde que se figuraron soberanas. ¿Qué será cuando las autorice el Congreso General? ¡Ah! ni en éste nos hallaríamos si no se les hubiera aparecido un ejército.

“No hay que espantarse, me dicen, es una cuestión de nombre. Tan reducida queda por otros artículos la soberanía de los Estados, que viene a ser nominal. Sin entrar en lo profundo de la cuestión, que es propia del artículo 6.° y de mostrar que residiendo la soberanía esencialmente en la nación, no puede convenir a cada una de las provincias que está ya determinado la componen; yo convengo en que todo país que no se basta a sí mismo para repeler toda agresión exterior, es un soberanelo ridículo y de comedia. Pero el pueblo se atiene a los nombres, y la idea que el nuestro tiene del nombre de soberanía es la de un poder supremo y absoluto, porque no ha conocido otra alguna. Con esto basta para que los demagogos lo embrollen, lo irriten a cualquier decreto, que no les acomode, del gobierno general, y lo induzcan a la insubordinación, la desobediencia, el cisma y la anarquía. Si no es ese el objeto, ¿para qué tantos fieros y amenazas si no les concedemos esa soberanía nominal?, de suerte que Jalisco hasta no obtenerla se ha negado a prestarnos auxilios para la defensa común en el riesgo que nos circunda. Aquí hay misterio: latet anguis, cavete.

"Bien expreso está en el mismo artículo 6.°, se me dirá, que esa soberanía de las provincias es sólo respectiva a su interior. En ese sentido también un padre de familia se puede llamar soberano en su casa. ¿Y qué diríamos si alguno de ellos se nos viniese braveando porque no expidiésemos un decreto que sancionase esa soberanía nominal respectiva a su familia? Latet anguis cavete, iterum dico, cavete. Eso del interior tiene una significación tan vaga como inmensa, y sobrarán intérpretes voluntarios, que alterando el recinto de los congresos provinciales, según sus intereses, embaracen a cada paso y confundan al gobierno central. Ya esta provincia cree de su resorte interior restablecer aduanas marítimas y nombrar sus empleados; aquélla se apodera de los caudales de la minería o del estanco del tabaco, y aun de los fondos de las misiones de Californias: una levanta regimientos para oponerlos a los del supremo poder ejecutivo, otras dos reducen en sus planes todo el gran quehacer de éste y del Congreso General a tratar con las potencias extranjeras y sus embajadores. Muchas gracias. No nos dejamos alucinar, señor: acuérdesse V. Sob. que los nombres son todo para el pueblo, y que el de Francia con el nombre de soberano todo lo arruinó, lo saqueó, lo asesinó y lo arrasó.

“No, no. Yo estoy por el proyecto de bases del antiguo congreso. Allí se da al pueblo la federación que pide, si la pide; pero organizada de la manera, menos dañosa, de la manera más adecuada, como antes dije ya, a las circunstancias de nuestra poca ilustración, y de la guerra que pende sobre nuestras cabezas, y exige para nuestra defensa la más perfecta unión. Allí también se establecen congresos provinciales aunque no tan soberanos; pero con atribuciones suficientes para promover su prosperidad interior, evitar la arbitrariedad del gobierno en la provisión de empleos y contener los abusos de los empleados. En esos congresos irán aprendiendo las provincias la táctica de las asambleas y el paso de marcha en el camino de la libertad, hasta que progresando en ella, cesando el peligro actual y reconocida nuestra independencia, la nación revisase su constitución, y guiada por la experiencia fuese ampliando las facultades de los congresos provinciales, hasta llegar sin tropiezo al colmo de la perfección social. Pasar de repente de un extremo al otro, sin ensayar bien el medio, es un absurdo, un delirio; es determinar, en una palabra, que nos rompamos las cabezas. Protesto ante los cielos y la tierra que nos perdemos si no se suprime el artículo de soberanías parciales. Actum est de republica. Señor, por Dios, ya que queremos imitar a los Estados Unidos en la federación, imitémosles en la cordura con que suprimieron el artículo de Estados soberanos en su segunda constitución.

“Señor, a mí no me infunden miedo los tiranos. Tan tirano puede ser el pueblo como un monarca; y mucho más violento, precipitado y sanguinario, como lo fue el de Francia en su revolución y se experimenta en cada tumulto; y si yo no temí hacer frente a Iturbide a pesar de las crueles bartolinas en que me sepultó y de la muerte con que me amenazaba, también sabré resistir a un pueblo indócil que intenta dictar a los padres de la patria como oráculos sus caprichos ambiciosos, y se niegue a estar en la línea demarcada por el bien y utilidad general.

*“Nec civium ardor prava, jumentum
Nec vultus instantis tyrani
Mente quatit solida.*

“Habrá guerra civil, se me objetará, si no concedemos a las provincias lo que suena que quieren. ¿Y qué no hay esa guerra ya?

*“Seditione, dolis, scelere, atque libidine, et ría,
Iliacos intra muros peccatur, et extra.*

“Habrá guerra civil, ¿y tardará en haberla si sancionamos esa federación, o más liga y alianza de soberanos independientes? Si como dice el proverbio, dos gatos en un saco son incompatibles, ¿habrá larga paz entre tanto soberanillo, cuyos intereses por la contigüedad han de cruzarse y chocarse necesariamente? ¿Es acaso menos ambicioso un pueblo soberano que un soberano particular? Dígalo el pueblo romano, cuya ambición no paró hasta conquistar el mundo. A esto se agrega la suma desigualdad de nuestros pretendidos principados. Una provincia tiene un millón y medio, otra sesenta mil habitantes: unas medio millón, otras poco más de tres mil como Texas; y ya se sabe que el peje grande, siempre, siempre se ha tragado al chico. Si intentamos igualar sus territorios, por donde deberíamos comenzar en caso de esa federación, ya tenemos guerra civil; porque ninguna provincia sufrirá que se le cercene su terreno. Testigos los cañones de Guadalajara contra Zapotlán, y sus quejas sobre Colima, aunque según sus principios, tanto derecho tienen estos partidos para separarse de su anterior capital, como Jalisco para haberse constituido independiente de su antigua metrópoli. Provincias pequeñas, aunque no en ambición, también rehúsan unirse a otras grandes. Aquí se ha leído la representación de Tlaxcala contra su unión a Puebla. Consta en las instrucciones de varios diputados, que otras provincias pequeñas tampoco quieren unirse a otras iguales para formar un Estado; sea por la ambición de los capataces de cada una, o sea por antiguas rivalidades locales. De cualquier manera todo arderá en chismes, envidias y divisiones; y habremos menester un ejército que ande de Pilatos a Herodes para apaciguar las diferencias de las provincias, hasta que el mismo ejército nos devore según costumbre, y su general se nos convierta en emperador, o a río revuelto nos pesque un rey de la Santa Alianza. Et erit novissimus error peior priore.

“Importa que esa alianza, santa por antífrasis, nos halle constituídos: si no, somos perdidos. Mejor y más pronto lo seremos, digo yo, si nos halla constituídos de la manera que se intenta. Lo que importa es que nos halle unidos, y por lo mismo más fuertes, *virtus unita fortior*; pero esa federación va a desunirnos y a abismarnos en un archipiélago de discordias. Del modo que se intenta constituírnos, ¿no lo estaban Venezuela, Cartagena y Cundinamarca? Pues entonces fue precisamente cuando, a pesar de tener a su cabeza un general como Miranda, por las rémoras de la federación (aunque hayan intervenido otras causas secundarias) un quidam, Monteverde, con un puñado de soldados destruyó, con un paseo militar, la república de Venezuela, y poco después Morillo, que sólo había sido un sargento de marina, hizo lo mismo con las repúblicas de Cartagena y Santa Fe. De la misma manera que se intenta constituírnos, lo intentaron las provincias de Buenos Aires sin sacar otro fruto en muchos años que incesantes guerras civiles, y mientras se batían por sus partículas de soberanía, el rey de Portugal extendió la guerra sin contradicciones sobre Montevideo y el inmenso territorio de la izquierda del Río de la Plata. Observan viajeros juiciosos que tampoco los Estados Unidos podrían sostenerse contra una potencia central que los atacase en su continente, porque toda la federación es débil por su naturaleza, y por eso no han podido adelantar un paso por la parte limítrofe del Canadá dominado por la Inglaterra. Lejos, pues, de

garantizarnos la federación propuesta contra la Santa Alianza, servirá para mejor asegurarle la presa. Divide ut imperes.

“Cuando al concluir el doctor Becerra su sabio y juicioso voto, se le oyó decir que no estábamos aún en sazón de constituírnos, y debía dejarse este negocio gravísimo para cuando estuviere más ilustrada la nación y reconocida nuestra independencia; vi a varios sonreír de compasión, como si hubiese proferido un desbarro. Y sin embargo, nada dijo de extraño. Efectivamente los Estados Unidos no se constituyeron hasta concluida la guerra con la Gran Bretaña, y reconocida su independencia por ella, Francia y España. ¿Y con qué se rigieron mientras? Con las máximas heredadas de sus padres; y aun la constitución que después dieron no es más que una colección de ellas. ¿Dónde está escrita la constitución de Inglaterra? En ninguna parte. Cuatro o cinco artículos fundamentales, como la ley de habeas corpus, componen su constitución. Aquella nación sensata no gusta de principios generales ni máximas abstractas, porque son impertinentes para el gobierno del pueblo, y sólo sirven para calentar las cabezas y precipitarlo a conclusiones erróneas. Es propio del genio cómico de los franceses fabricar constituciones dispuestas como comedias por escenas, que de nada les han servido. En treinta años de revolución formaron casi otras tantas constituciones y todas no fueron más que el almanaque de aquel año. Lo mismo sucedió con las varias que se dieron a Venezuela y Colombia. ¿Y por qué?, porque aún no estaban en estado de constituirse, sino de ilustrarse y batirse contra el enemigo exterior, como lo estamos nosotros. ¿Y mientras con qué nos gobernamos?, con lo mismo que hasta aquí, con la constitución española, las leyes que sobran en nuestros códigos no derogados, los decretos de las Cortes Españolas hasta el año 20 y las del Congreso que ha ido e irá modificando todo esto conforme al sistema actual y a nuestras circunstancias. Lo único que nos falta es un decreto de V. Sob. al supremo poder ejecutivo para que haga observar todo eso. Si está amenazando disolución al Estado, es porque tenemos con la falta de este decreto paralizado al gobierno.

“No, no es la falta de constitución y leyes lo que se trae entre manos con tanta agitación, es el empeño de arrancarnos el decreto de las soberanías parciales, para hacer después en las provincias cuanto se antoje a sus demagogos. Quieren los enemigos del orden que consagremos el principio para desarrollar las consecuencias que ocultan en sus corazones, embrollar con el nombre al pueblo y conducirlo a la disensión, al caos, a la anarquía, al enfado y a la detestación del sistema republicano, a la anarquía, a los Borbones o a Iturbide. Hay algo de esto en el mitote a que han provocado al inocente pueblo de algunas provincias. Yo tiemblo cuando miro que en aquéllas donde más arde el fuego, están a la cabeza del gobierno y de los negocios los iturbidistas más fogosos y declarados. No quiero explicarme más: al buen entendedor pocas palabras.

“Guardémonos, señor, de condescender a cada grito que resuene en las provincias equivocadas, porque las echaremos a perder como un niño mimado cuyos antojos no tienen término. Guardémonos de que crean que nos intimidan sus amenazas, porque cada día crecerá el atrevimiento y se multiplicarán los charlatanes. Guardaos, decía Cayo Claudio al senado romano, de acceder a lo que pide el pueblo mientras se mantenga armado sobre el monte Aventino, porque cada día formará una nueva empresa hasta arruinar la autoridad del senado y destruir la república. A la letra se cumplió la profecía.

“¡Firmeza, padres de la patria! Deliberad en una calma prudente, según el consejo de Augusto, festina len te; dictad impávidos la constitución que en Dios y en vuestra conciencia creáis convenir mejor al bien universal de la nación, y dejad al cuidado del gobierno hacerla obedecer. El no cesa de protestar que tiene las fuerzas y medios suficientes para obligar al cumplimiento de cuanto V. Sob. decreta, sea lo que fuere, si lo autoriza para emplearlos. También Washington levantó la espada para hacer a la provincia de Maryland obedecer la segunda constitución, si vis pacem, para bellum. No hay mejor ingrediente para la docilidad: si vis pacem, para bellum. Y no tendremos mucho que hacer porque no son nuestros pueblos por su naturaleza indocilísimos, ni resisten ellos las providencias, sino algunos demagogos o ambiciosos, que no pudiendo figurar en la metrópoli, han ido a engañar las provincias, para alborotarlas y tomar su voz, para hacerse respetables y medrar en sus propios intereses, si vis pacem, para bellum.

“Cuatro son las provincias disidentes, y si quieren separarse, que se separen, poco mal y chico pleito. También los padres abandonan a hijos obstinados, hasta que desengañados vuelven representando el papel del hijo pródigo. Yo no dudo que al cabo venga a suceder con esas provincias lo que a las de Venezuela y Santa Fe. También allá metieron mucho ruido para constituirse en estados soberanos, y

después de desgracias incalculables, enviando al Congreso General de Cúcuta sus diputados para darse una nueva constitución, que los librase de tantos males, les dieron poderes amplísimos, excepto, dicen, para hacer muchos gobiernitos. Tan escarmentados habían quedado de sus soberanías parciales. Lo cierto es que el sanguinario Morales, ese caribe inhumano, esa bestia fiera, está embarcándose con sus tropas en La Habana, y es probable que sea contra México, pues aunque Puerto Cabello, reducido a los últimos extremos, pide auxilio, aquel jefe capituló en Maracaibo, y debe estar juramentado para no volver a pelear en Costafirme. Lo cierto es que el duque de Angulema ha pronunciado, que sojuzgada España, la Francia expedicionará contra la América, y ya se sabe que México es la niña codiciada. Veremos entonces si Jalisco, que nos ha negado sus auxilios, aunque se ha aprovechado de los caudales del gobierno de México, puede, perdido éste, salvar su partícula de soberanía metafísica.

“Concluyo, señor, suplicando a V. Sob. se penetre de las circunstancias en que nos hallamos. Necesitamos unión, y la federación tiende a desunión; necesitamos fuerza, y toda federación es débil por su naturaleza; necesitamos dar la mayor energía al gobierno, y la federación multiplica los obstáculos para hacer cooperar pronta y simultáneamente los recursos de la nación. En toda república, cuando ha amenazado un peligro próximo y grave se ha creado un dictador, para que reunidos los poderes en su mano, la acción sea una, más pronta, más firme, más enérgica y decisiva. ¡Nosotros, estando con el coloso de la Santa Alianza encima, haremos precisamente lo contrario, didiviéndonos en tan pequeñas soberanías! ¿Quoe tanta insania, cives?

“Señor, si tales soberanías se adoptan, si se aprueba el proyecto del Acta Constitutiva en su totalidad, desde ahora lavo mis manos diciendo como el presidente de Judea, cuando un pueblo tumultuante le pidió la muerte de Nuestro Salvador, sin saber lo que se hacía: *Inocens ego sum a sanguino justis huius: Vos videritis. Protestaré que no he tenido parte en los males que van a llover sobre los pueblos del Anáhuac. Los han seducido para que pidan lo que no saben ni entienden, y preveo la división, las emulaciones, el desorden, la ruina y el trastorno de nuestra tierra hasta sus cimientos. Necierunt neque intellexerunt, in tenebris ambulat, movebuntur omnia fundamenta terrae. ¡Dios mío, salva a mi patria! Pater ignosce illis, quia nesciunt quid faciunt.*”

8. Discurso en pro de que México sea la ciudad federal

Señor: Yo no soy mexicano, ni he pasado en México sino una corta parte de mi vida, y si Dios fuere servido de alargármela, no está lejos de mis ideas ir a esperar su término en mi patria, Monterrey. Por lo mismo se debe considerar imparcial mi voto en el asunto puesto a la discusión del día. Es verdad que la materia es limitada, y está casi agotada por los que me han precedido; pero puedo amplificar algunos pensamientos, y retocar los demás a mi manera.

Las proposiciones a que la Comisión ha reducido su dictamen, suponen necesariamente dos cuestiones preliminares. Primera: ¿es necesario que haya una ciudad federal, es decir, que no pertenezca a Estado alguno de la Federación, en la cual residan los supremos poderes y en cuya área corta y precisa ejerzan una jurisdicción privativa? Segunda: ¿hay inconveniente en que esa ciudad federal sea México con su Valle, puesto que en ella han residido y están residiendo los supremos poderes? Resueltas estas dos cuestiones previas, vendría bien ocuparnos de si Querétaro debe ser la ciudad federal, conforme dictamina la Comisión.

Pero ésta en su exposición duda sobre la cuestión primera; se desentiende enteramente de la segunda, y prueba la conveniencia de la tercera con razones que cuadran infinitamente mejor a México que a Querétaro, olvidándose además de los inconvenientes gravísimos y dificultades insuperables que arrastraría la traslación de los supremos poderes fuera de la antigua metrópoli del Anáhuac.

Extremos al examen de la cuestión primera. ¿Es necesario que haya una ciudad federal en los términos susodichos? Tal vez lo será, dice la Comisión, y se dejó las pruebas en el tintero. Yo digo que no es necesario, ni lo ha sido ni lo será jamás. Mis pruebas están en el ejemplo de todas las naciones que tienen como nosotros gobiernos representativos, y en el ejemplo de todas las repúblicas antiguas y modernas, federadas o no federadas, cuyas autoridades supremas han residido o residen en sus antiguas metrópolis. He citado el ejemplo de todas las repúblicas incluyendo la federal de los Estados Unidos de Norteamérica que nos está sirviendo de modelo, cuyo supremo gobierno residió dieciocho años en Filadelfia, capital del Estado de Pensylvania.

Si después la dejaron no fue por necesidad, ni porque obligados de ella tuviesen que comprar un terreno para edificar en él una ciudad federal, como muy equivocadamente asienta la Comisión. Sólo es verdad que se había hablado de fabricar una ciudad que fuese metrópoli de los Estados Unidos, porque antes de la federación no había ninguna como aquí ya lo era México de todo el Anáhuac. Filadelfia, donde residía el gobierno supremo, sólo era capital de un Estado particular. Entonces un rico propietario brindó al congreso con unas pocas leguas de tierra suya, para que allí se edificase la metrópoli de los Estados Unidos, o la ciudad federal digna del nombre de Washington su libertador; y la cual trasladándose a ella el congreso y gobierno supremo, llegase a ser con el tiempo la capital del nuevo mundo descubierto por Colombo. ¡A tal altura se había levantado ya la ambición de los nuevos republicanos!

Admitida la donación, el terreno por consiguiente se denominó Colombia, nombre debido de justicia a la América entera. La planta de la nueva Roma se formó sobre un diseño soberbio, una pequeña prominencia se intituló capitolio, y un riachuelo cercano tan feliz, que sólo tiene una vara de ancho y una cuarta de hondura, se hinchó con el nombre del caudaloso Tíber que baña las aguas de la ciudad señora del antiguo mundo.

¡O quantum est in rebus inane! Ya están desengañados de que con la imaginación alegre y un decreto no construyen ni pueblan ciudades. Después de más de treinta años, la famosa Washington apenas merece el nombre de aldea: yo la he visto. Diré más, ya están arrepentidos de haber trasladado a ella el congreso general, y se ha tratado en el senado de restituirlo a la capital de algún Estado, por la falta de recursos literarios en Washington y otros inconvenientes que no les había dejado prever la exaltación de su fantasía. ¿No es desgracia que estemos empeñados en seguir los errores de los pueblos nuevos en la carrera de la libertad, en vez de imitar su arrepentimiento dictado por la madurez de la experiencia? Se criticaba a los españoles de las Cortes de Cádiz su anglomanía, y con más razón se pudiera censurar a nosotros la nortemanía, que tan mal ha probado a nuestros hermanos del sur, conforme a la antigua profecía: ai aquilone pandetur omne malum. Del norte, sí, de Norteamérica nos ha venido la idea de una ciudad federal que no pertenezca a Estado alguno, y no de la necesidad que los obligase a tenerla, ni nos

obligue a nosotros. Es imposible probarla. No, son demasiado diversos en la constitución los objetos y atribuciones correspondientes a los supremos poderes de los que tocan a las legislaturas de los Estados, para que necesariamente hayan de contradecirse o chocarse, hasta hacer incompatible la residencia de ambos en una misma capital.

Y dado que lo fuese, ¿por qué no había de ser la ciudad federal esta merópoli augusta que da nombre a la República, y que nos distingue con él gloriosamente entre todas las naciones? Esta es la segunda cuestión preliminar, de la cual aunque está saltando a los ojos, apartó los suyos la Comisión, como los desvía de una belleza extraordinaria quien no quiere ser vencido. En efecto, la ciudad de México, saliendo de entre las aguas de la laguna, aparece como otra Venus de hermosura incomparable, cuyo encuentro temió la Comisión, y se pasó diestramente a pintarnos las ventajas de Querétaro. ¡Ah! Cuando ésta no fuese una ciudad menor, y según se me ha informado, de mal temperamento, malas aguas y escasa de víveres, ¿puede sostener paralelo alguno con la metrópoli del Anáhuac, que descuella sobre todas nuestras ciudades, sicut lentat solent inter viburno, cupressi? ¡Qué digo, descuella sobre todas nuestras ciudades! “Por una casualidad, dice el barón de Humboldt, me tocó ver de seguida después de México a Nueva York, Filadelfia, Baltimore, Washington, Madrid, París, Londres, Roma, Nápoles, Petersburgo, Viena y Berlín.” Es decir, casi todas las capitales de Europa y las principales ciudades de Norteamérica, “y nadie, concluye, nadie me ha dejado la idea de magnificencia que México”. Yo puedo testificar casi todo lo mismo que aquel sabio viajero, y asegurar que no hay en Europa ni en todas las Américas una ciudad de topografía tan feliz, ni de perspectiva más agraciada y pintoresca. El círculo de verdes colinas que la rodean en anfiteatro, viene a ser la corona de esta reina de las ciudades. Sentada en la deliciosa alfombra de su valle entre países cálidos y fríos como entre dos zonas distintas, recoge de ambas por agua y tierra el tributo de sus frutos peculiares; y la abundancia, baratura y variedad de su mercado no tiene igual en el mundo. Su pueblo es tan dulce como dócil, y en buen sentido se verifica en él a la letra lo que Gálvez decía de nuestra América, que aquí domina el planeta oveja. Me consta que los extranjeros viajeros en nuestro país han quedado atónitos al ver la quietud, el orden y la sumisión de los mexicanos a las autoridades en circunstancias tan críticas, que no habrían ocurrido en parte alguna de Europa sin sangre, desolación y ruinas. Sólo motejan la desnudez de nuestra plebe debida a la dulzura misma de la temperie, a las hábitos de los indios y al monopolio de los españoles. Pero yo suelo responderles, que si a las delicias del clima y a la multitud de las frutas, no correspondiese la desnudez de sus habitantes, México no sería tan rigurosamente como es el paraíso terrenal.

Evitó por eso la Comisión con arte toda comparación entre él y una ciudad subalterna recién emancipada de su capital, y recurrió al arbitrio de presentarnos a Querétaro como un centro del Anáhuac, si no estrictamente geográfico, aproximado a lo menos, para mejor mandar desde allí los oráculos de la autoridad suprema, y recibir las comunicaciones en los Estados, sobre cuya defensa, conservación y tranquilidad debe ejercitar su vigilancia. Pero en la inmensidad de nuestro territorio ¿qué son cuarenta leguas que dista Querétaro de México para despojar a éste de la calidad de un centro aproximado? Por otra parte, en eso poco que el gobierno se acercase al interior otro tanto se alejaba de los puertos más importantes. Mas ¿hablamos de burlas? No contando sino hasta el grado 40 como Humboldt, la extensión de nuestro país abraza, según él, más de ciento dieciocho mil leguas cuadradas, capaces a dos mil por legua cuadrada, de doscientos treinta y seis millones de habitantes. ¿Y después de esto se nos viene a decir seriamente que tengamos gran cuenta con cuarenta leguas de diferencia para designar un centro aproximado? Puntualmente lo que más extasía al barón de Humboldt es la y situación dichosísima de México, que colocado casi a igual distancia entre los mares de norte y sur, puede con una mano en cinco semanas enviar y recibir noticias de Europa, y en seis semanas con la otra darlas o tomarlas del Asia, para donde posee los mejores puertos del mundo. En resumen, señor, la verdad sobre este punto es, que México está en el centro de la población del Anáhuac; y ese centro político, y no el geográfico, es el que se debe buscar para la residencia del gobierno, que nada tiene que hacer en los desiertos. El entendimiento que rige al hombre, no lo puso Dios en el vientre ni en la cintura, sino en la cabeza.

¿Y por qué no he de hacer yo mérito también de la situación militar de México, que no tiene Querétaro? No hay ciudad más conquistable que ésta, ni más defendible que aquélla. Por eso la hizo renacer de sus cenizas Hernán Cortés, y por eso se sostuvieron en ella los virreyes. En su seno se salvaron las reliquias de los toltecas, nación sabia, antiguo honor de nuestro país, exterminada en diez años de

guerra por el furor de los bárbaros jaliscienses. En ella no sólo estarán seguros los supremos poderes contra una agresión exterior, sino que podrán mejor desde el trono de los aztecas lanzar los rayos de su autoridad contra la anarquía y el desorden. El mismo respeto que infunde el nombre de México, como que está en posesión hace seiscientos años de dictar leyes al Anáhuac, comunicará su prestigio a los supremos poderes para mantener desde aquí la unión necesaria en la federación, sin tener que apelar al triste medio de las bayonetas y los cañones.

¿Y qué diré de los recursos pecuniarios de México, donde ominosa o no ominosamente, que eso no viene al caso, existen los grandes capitalistas y la mayor parte de los propietarios ricos de la nación, cuyos caudales vienen a aumentar la opulencia de la metrópoli? ¿En todos los países del mundo el nombre de México es sinónimo de la riqueza! ¿Y quién, fuera de México, podría sacar al gobierno de los apuros diarios a que lo tiene reducido la paralización del comercio y de las minas, el atraso de la agricultura y la industria, el desorden de la hacienda y la estancación más completa de todas las fuentes de la riqueza pública? Pasarán años y años antes que todo esto se remedie. En México los empleados y los diputados mismos, si no se les paga, hallan siquiera quien les preste dinero; en Querétaro morirían de hambre con sus familias y dichosos si se hartaban de camotes, pingüicas y garambuyos.

Omito mencionar otros recursos en todo género de que México abunda, como que es el emporio de nuestra industria. Pero ¿qué recursos literarios, y son de absoluta necesidad para un congreso, tendríamos en Querétaro? ¿Dónde están sus bibliotecas? En la de algún convento hallaríamos quizá sermonarios, martirologios, santorales, la leyenda áurea y la librería de Era Cucuzza. Tampoco habría en Querétaro tantas imprentas para publicar nuestros pensamientos, y comunicar a los estados y territorios los conocimientos de sus diputados. Careceríamos también de los papeles públicos y gacetas extranjeras que vienen a los pudientes de México, y ponen los gobernantes al corriente de los sucesos del mundo para graduar sus consecuencias. ¿Y dónde, fuera de aquí, hay una reunión igual de seres pensantes, digámoslo así, de literatos con quienes consultar e instruirse en todas materias? Nuestras luces son pocas, y especialmente en lo que más por ahora nos importa, legislación y política: pero estas pocas luces en México principalmente es donde están reunidas, y parecería delirio abandonar su foco, cuando más las habernos menester para ilustrar y dirigir a la nación.

Por otra parte, hay muchos establecimientos científicos en México, que sobre esto dice Humboldt, nada tiene que envidiar a las capitales de Europa. Y concluidas las sesiones anuales del congreso general, sus diputados que deben residir aquí dos años, y sus senadores cuatro, podrían aplicarse a la arquitectura, pintura, escultura, medicina, cirugía, botánica, química y otros ramos utilísimos e indispensables para la prosperidad de los estados, volver a ellos ricos de saber y difundir la instrucción. De esta manera México vendría a ser una escuela general, de donde periódicamente y sin costo alguno fluyese la ilustración a toda la República por medio de sus representantes.

Ni son para desatenderse o menospreciarse los paseos hermosísimos, los teatros, las sociedades de México, donde se encuentra un desahogo de las pesadas y penosas tareas del congreso y del gobierno. Hasta que no se estudia mucho, o se ve uno envuelto en negocios que exigen grave atención, no se siente la necesidad absoluta que hay de rehacer el espíritu distrayéndose a ratos en paseos, tertulias u otras recreaciones honestas. Por falta de todo esto en Washington, concluidas cada año en tres meses las sesiones del congreso de los Estados Unidos, queda hecho, como lo es, un desierto. Las legaciones extranjeras se retiran a Filadelfia que es la ciudad principal. Los diputados y senadores se dispersan por los Estados vecinos, o se vuelven a sus casas y haciendas, favoreciendo su rápido regreso los buques de vapor por los canales y ríos que atraviesan el país en todas direcciones. El gobierno mismo no subsiste en Washington sino un mes después del congreso, para ejecutar sus decretos, y dos meses antes de su nueva reunión para prevenir lo necesario. Cuando Mina y yo desembarcamos en Baltimore por junio de 1816, y tres meses anduvimos reclutando tropas para nuestra expedición, el ministro plenipotenciario español, en posta contra nosotros se desesperaba de no poder hallar al presidente de los Estados Unidos, para entregarle una nota diplomática.

Es verdad que tal ausencia no es allá un gran mal, porque estando todo sistematizado, marcha por sí mismo. En caso extraordinario mandan un correo al presidente algunos oficinistas, que es cuanto permanece en Washington los seis meses del año. Entre nosotros, que necesitamos un diario laborioso e incesante despacho, continuas consultas al senado, fuera de la urgencia extrema de estar velando para

descubrir y sofocar tantas conspiraciones, esa ausencia o dispersión general de seis meses causaría males incalculables y hasta la ruina de la República. Pero ciertamente no habrá que temer ese abandono, si es México la ciudad federal, por sus atractivos y recursos, alivios y ocupaciones honestas que en todo género proporciona.

¿Y por qué no lo ha de ser? ¿Qué inconveniente media? ¿Es que nosotros somos capaces de adoptar el odio ciego y maniático de los pueblos contra sus capitales? ¿Imitaremos como ellos la rabia de los perros, que muerden la piedra inocente que se les tira en vez de abalanzarse contra la mano que la dispara? Porque no es otra cosa esa aversión provincial, aunque no general, contra México, a causa que desde aquí fulminaban sátrapas españoles la opresión y las exacciones. México era el primero que sufría la mano pesada de los virreyes; y si de haber fijado aquí su residencia, le resultaban naturalmente algunas ventajas, ¿quiénes las disfrutaban y aún disfrutaban en esta patria común? En el anterior congreso se demostró por lista de los empleados de México, que ni la cuarta parte eran mexicanos; y estos pocos estaban colocados en empleos subalternos. Échese una ojeada desde el supremo poder ejecutivo, abajo, por ministerios, direcciones generales, etc., y se tendrá hoy el mismo resultado. Aun en el congreso la mayoría de los diputados por México no eran nativos de su suelo. Es, pues, irracional y desatendible enteramente, esa antipatía contra esta madre común que a todos acoge indistintamente en su seno, los educa y los emplea. Yo debo mi educación a México.

Otros objetan que hay en él mucha corrupción. Lo mismo escribían de toda la América los españoles a sus tierras, porque salidos en lo general de aldeas o lugares pequeños e insignificantes, y por lo mismo inocentes, acá venían a ver las primeras ciudades populosas, donde la multitud heterogénea que se amontona sin oficio ni beneficio, amontona también los vicios. ¿Pero a dónde irán los supremos poderes con el dinero, el concurso y las tropas que no se traslade la misma corrupción? Ellos y ellas se buscan mutuamente y todo el mundo es Popayán.

No faltan quienes se atrevan a alegar, que en México se inficionan los diputados con máximas de centralismo; mejor dirían se corrigen los anarquistas con máximas de juicio, solidez y buen sentido. Mas yo podría retorcerles el argumento de esta suerte: ¿Y en Querétaro de donde estuvieron brotando doce años los recursos y las falanges para combatir la libertad de la patria, habrá más liberalismo? Desengañémonos; en todo lugar donde se sitúen los supremos poderes, ha de criarse cierta inclinación a extender su influjo para aprovecharse de sus frutos. No hay cosa más natural.

Concluyamos, pues, que habiendo, como he demostrado, conveniencias muchísimas en que México sea la ciudad federal, no hay inconveniente alguno razonable para que no lo sea. Los hay gravísimos, sí, los hay insuperables en que salgan de México los poderes supremos: aquí pido toda la atención de V. Sob.

Puesto en Querétaro el congreso general, le han de seguir el supremo poder ejecutivo con el enjambre de los cuatro ministerios, el Consejo Supremo de Justicia y el de Guerra y Marina con todos sus dependientes; el Estado Mayor con las tropas, almacenes, parques y fundiciones; las direcciones generales con todas sus oficinas; los archivos correspondientes a todos los ramos; la imprenta del gobierno; la Tesorería General, a quien es regular acompañen todos los interesados en sacar sus pagas y los montepíos de toda clase, que ahora penden de la Tesorería General; el Tribunal de Cuentas; las legaciones extranjeras; las mujeres, familias y criados de tal muchedumbre de empleados, y al cabo la turbamulta de parásitos y aspirantes inseparables del dinero, del consumo y de las fuentes del poder. No hay posada para tanta gente. ¿Qué capacidad tiene Querétaro para alojar de repente cien mil huéspedes más que menos? Los alojamientos, caso de haberlos, se pondrían por los nubes y amontonados nos atraeríamos una peste.

¿Y cuánto dinero sería menester para transportar tan inmensa comitiva con todos sus trastos y enseres, etc., etc.? ¿Cuánto para fabricar los utensilios de tantas oficinas? ¿Cuánto para comprar edificios a propósito o labrarlos de nuevo, pues no los hay nacionales en Querétaro aunque sobran en México? ¿Cuánto para disponerlos de una manera correspondiente a las autoridades? Acordémonos que la composición sola de este salón costó cuarenta y cinco mil pesos y no está bien compuesto. ¡Y todo este gasto a tiempo que se debían liquidar las cuentas sobre las dietas de los diputados que no están satisfechas, proveer de viáticos a los que se van, y a los diputados y senadores que vienen, sin mil otras expensas de absoluta necesidad y preferencia que ha mencionado el señor ministro de Hacienda! Con

mucho trabajo y afanes sumos, colecta este dinero para darnos el pan de cada día, y la esperanza de que no nos falte consiste en préstamos extranjeros siempre ruinosos a las naciones. Aun ese dinero del préstamo todavía está en Inglaterra. ¡Y sin embargo, queremos erogar millones sin necesidad! Sí, señor, millones, porque la cuenta de setecientos mil que acaba de presentar el señor ministro de Hacienda para los gastos de la traslación, es muy por mayor, y para lo más preciso e indispensable. Millones, digo, sin necesidad porque ya he probado que no la hay de ciudad federal, y menos la hay de tan enormes expensas para retirarnos sólo cuarenta leguas de México. ¡Vive Dios que si no tuviera que respetar el dictamen de una Comisión y las instrucciones de una que otra legislatura, creería el proyecto de la traslación escapada de las jaulas de San Hipólito! Perdónese esta expresión a mi ingenuidad natural: tan absurdo me parece el proyecto, como incalculable el trastorno que ocasionaría su adopción. Gracias a Dios que de hecho es impracticable ahora y en mucho tiempo por la penuria del erario.

Peor que ahora pensé antes, cuando comenzó a divulgarse la especie de nuestra traslación venida por el rumbo de Jalisco, donde podían haber influido Quintanar y Bustamante. Empeñados en restituirnos el monstruo del Bajío, y estándose tomando en México las medidas oportunas para generalizar la conspiración, no podían haber sugerido medio más a propósito para realizar sus planes, que sacar de México los supremos poderes. ¿Quién iba a sujetar después desde fuera una ciudad de tantos recursos, de una situación tan militar, y que siendo tan populosa y estando agraviada por nuestro abandono, podía en venganza oponernos diez o doce mil hombres? El mismo prestigio imponente de México haría la fortuna del déspota en el continente Anahuacense.

¿Y cuándo en faltando de México el espectáculo majestoso de los supremos poderes, podrían los de este Estado impedir la escisión de la Huasteca separada de México por murallas de pórfido y granito que exceden la región de las nubes, ni la escisión de la provincia del sur que ya saboreó su emancipación decretada por el Congreso de Chilpancingo, y que tiene para sostenerla fortalezas naturales, valientes, armas y cañones? ¡Qué caos! ¡qué ¡desorden! ¡qué anarquía! ¡qué guerra civil! ¡qué disolución de la República! ¡qué triunfo del tirano!... ¡Alto allá, que los entendemos!

Este es el secreto de los revoltosos que posee el gobierno según acaban de exponer los ministros a posesionarse de México o ponerlo en convulsión para servirse en el primer caso de sus recursos contra el gobierno que queda privado de ellos, o impedirle en el segundo que pueda enviarlos al punto donde estalle la conspiración tramada, hasta que el incendio sea tal que ningunas medidas del gobierno basten a contenerlo o extinguirlo; resultado muy probable, atendido el estado de combustibilidad en que la República se encuentra. Uno u otro caso lograrían los facciosos con la traslación de los supremos poderes a Querétaro.

¿Y por qué, pues, se hace extraño que el gobierno nos advierta, que si ésta se verifica, no puede responder de la seguridad de la República? Esto es cumplir con su obligación, no insultarnos. Si se arroja a la patria en el peligro, y el gobierno queda privado de los medios de salvarla, ¿por qué ha de ser responsable? Responsable sería si omitiese la advertencia del riesgo. ¿Sería responsable de la pérdida de la nave el piloto, que apostado en el alcázar para observar las olas y los escollos, avisase con tiempo al comandante retirado en su cámara, que si manda mudar de rumbo o hacer tal maniobra se estrella el buque confiado a su dirección y cuidado? Puntualmente es el caso en que nos hallamos. El gobierno es el que está sobre cubierta al timón de la nave del Estado; nosotros deliberamos en la popa sin saber lo que pasa en la proa y en los costados. Por eso es esencial a todo gobierno, un veto sobre la ley: él es quien debe saber si en las circunstancias conviene a la utilidad pública, que es el carácter de la ley: *in bonum communitatis ordinata*. Nuestra Constitución concede al gobierno diez días para suspender la ley y representar al congreso. Si dada, pues, ya la ley, puede suspenderla y representar a la soberanía su inconveniencia, sin insultarla por eso, ¿por qué se ha de decir que la insulta cuando en la discusión sola del proyecto nos previene de la tempestad inminente, y que podrá ser tal con nuestra traslación que ya no gobierne el timón y llegue a hundirse la nave del Estado? Nosotros seríamos más bien los que con tales expresiones insultaríamos al supremo poder ejecutivo, que es tan soberano en su línea como en la suya el poder legislativo.

Señor, nosotros no estamos aquí para servir a intrigas ni pasiones. Representando toda la nación, sólo su interés general debe ser nuestra brújula; en tal balanza cuarenta leguas más acá o más allá no tienen peso alguno. Lo que nos importa pesar son las ventajas de nuestra residencia aquí, y los in-

convenientes de nuestra traslación a Querétaro con respecto a la República entera. Pero está visto, que ésta nada aprovecha en la traslación, antes pierde muy a su costa las grandísimas ventajas que le proporciona nuestra residencia en México; que ésta no ofrece inconveniente razonable, y la traslación a Querétaro presenta dificultades insuperables. ¿Y hay necesidad de arrostrarlas? Ninguna, porque no la hay de tener una ciudad federal, ni menos de que México no lo sea. Si, no obstante, para acallar celos injustos, se halla alguna conveniencia en que haya una ciudad federal con una área precisa en que los supremos poderes ejerzan una autoridad privativa, no necesitamos fabricar de nuevo una Washington como los Estados Unidos; preexiste a nuestra Federación una metrópoli de todo el Anáhuac, cuyo desagüe y casi todos sus establecimientos se han hecho a expensas de toda la nación. México por eso no es precisamente la capital de este Estado. Los pocos individuos que componen su legislatura podrán salir para tener sus sesiones trimestres al lugar cómodo más inmediato, como practican los Estados Unidos de Norteamérica, cuyas particulares capitales en muchos Estados son pequeñas ciudades adonde se trasladan las autoridades ese corto tiempo del año. Los del Estado de México darían por bien empleada esa corta ausencia de la metrópoli en recompensa de la unión y tranquilidad que les asegura nuestra presencia en México. Mi voto, pues, se reduce, a que si ha de haber una ciudad federal, lo sea México con su Valle, llamado también por los aztecas Anáhuac, como todo el territorio de la nación.

Mas ya que ayer se tocó el acostumbrado tintinábulo de la equívoca voluntad general, sin poder citarnos otras instrucciones que las de Jalisco y Zacatecas para nuestra traslación fuera de México, porque Querétaro no la ha pedido sino ofrecídose en caso de decretarla, para servirnos de residencia, advierto que yo tengo instrucciones de mi Estado de Nuevo León para oponerme a la salida de los supremos poderes fuera de México. Las mismas tienen los señores diputados de Chihuahua, cuyo Estado funda la negativa en las razones más sólidas. Las mismas han venido a los señores diputados de Veracruz, después de haber tomado aquella legislatura en serio examen, un asunto de tanta gravedad y trascendencia. Las mismas vendrían, si se pidiesen, de Yucatán, Tabasco, Oaxaca y Puebla, porque la negativa está en sus intereses. Y yo no sé por qué los señores de la Comisión alegan a su favor el voto de la legislatura de México. Es cierto que se hizo proposición en ella, para que se aprobase el dictamen de la Comisión de nuestro Congreso; pero el mismo que la hizo fue el primero que la reprobó en el dictamen de la Comisión de la Legislatura, y ésta completó el fallo. Su voto, pues, es contra la traslación, y este Estado sólo vale por tres de los mayores de la Federación.

Esto lo he traído por contrapuntar la sonaja de la pretendida voluntad general, pues yo no conozco ni respeto otra, que la voluntad legal emitida libremente en este congreso por los representantes de la nación. Elegidos nosotros por el pueblo tan inmediatamente como las legislaturas de los Estados, no tenemos que sujetarnos a las instrucciones de ellas: somos intérpretes inmediatos no sólo de la voluntad de los Estados, sino de la voluntad general de la nación entera en quien reside esencialmente la soberanía en toda plenitud. Y como tal, repruebo el dictamen de la Comisión. (Primer Centenario de la Constitución de 1824. Talleres Gráficos. México, 1924, p. 379).

9. Discurso sobre a Encíclica de Leão XII

Dicatur ergo verum, maxime ubi aliqua quaestio, ut dicatur, impellit.

S. Aug. de Don. persev., cap. 16. Dígase pues la verdad, principalmente si alguna cuestión impulsa para decirla.

TAN MAL me pareció que El Filántropo de Pueblo Viejo hubiese impreso la circular (eso quiere decir encíclica) del señor León XII, debiendo saber que conforme a la Constitución de nuestra República, acorde en esto con la práctica de todas las naciones católicas, ningún diploma romano puede publicarse sin el pase del gobierno general; como me ha disgustado el ruido que se ha hecho sobre una cosa que no lo merece.

Lo primero, porque no se nos ha comunicado la encíclica por alguna vía auténtica, sino únicamente por la Gaceta de Madrid, conducto sospechosísimo. Lo segundo, porque hay en ella varias apariencias de apócrifa y entre otras choca, desde luego, que habiéndose expedido en Roma a 24 de septiembre del año pasado [1824], remitídose en el 6 de noviembre por el rey de España para su examen a su Consejo que llama de las Indias, no se haya publicado sino en la Gaceta de Madrid de 10 de febrero del presente año: como si el Consejo hubiese necesitado tanto tiempo para consultar sobre una pieza tan sencilla, tan urgente y oportuna a los intereses de su nación. Lo tercero, porque no se infiere de la encíclica lo que a su pie quiere y dice Fernando VII de que volvamos a su obediencia. El Papa, mal informado por él, supone que aún estamos en ella, y nos exhorta la unión y la paz. Puntualmente si algo puede persuadir, que la encíclica no fue forjada en la península, es que no dice lo que el rey quiere que diga.

Es una mera carta de cumplimiento escrita en guirigay místico, o más clarito: es una gatada italiana de aquellas con que la corte de Roma se suele descartar de los apuros y compromisos en que la ponen las testas coronadas; y de cuyo juego de manos son los primeros a burlarse aquellos astutos áulicos.

Para probar lo dicho y que nuestro pueblo se instruya fundamentalmente sobre este género de materias por lo que pueda sobrevenir en adelante, permítaseme tomar las cosas desde su origen.

Los hombres, a fuerza de adorar a Dios por mano de sus ministros y oír de boca de ellos sus oráculos, han llegado a adorar a aquél y a éstos con el transcurso del tiempo, a creer a ambos igualmente infalibles, y a confundir sus atributos y poderes. De ahí es que no sólo en Indostán, en el Japón, en Turquía y Persia creen soberanos de todo el mundo a los jefes supremos de su culto; sino que en Europa misma a fines del siglo XI se afianzó igual opinión respecto del jefe del cristianismo, doctrina no sólo desconocida sino diametralmente opuesta a la de la venerable antigüedad.

Desde tal época a un pedazo de papel bulado que se disparaba de Roma, todas las naciones cristianas se conmovían en masa, los reyes erizados de acero marchaban unos contra de otros, tal vez hijos contra padres, y los emperadores descalzos y temblando venían a postrarse a los pies del sucesor de un pobre pescador de Galilea para conservar su trono. Otros monarcas lo perdían entre arroyos de sangre, y por sólo la querrela miserable de las investiduras se dieron entre cristianos ochenta batallas campales.

En tal infeliz tiempo se descubrió la América. El genovés Cristóbal Colombo (castellanizado Colón), buscando por el rumbo de occidente la India oriental para enriquecer a España con el comercio de sus especerías, se encontró en el año de 1492 con las islas que hoy llamamos Antillas en el archipiélago Caribe.

Una de ellas es Cuba o Cubanacan, que no alcanzando entonces a bojear por su longitud de trescientas leguas, creyó ser un continente. Regresó luego a España dando cuenta de haber descubierto aquellas islas y un continente o nuevo mundo, cuyos habitantes conocían a Dios aunque no a Jesucristo, y eran tan dóciles y buenos que voluntariamente se someterían a los reyes de Castilla. Aconsejó a éstos pidiesen aquellas tierras al sumo pontífice señor del mundo, y en el año siguiente, 1493, Alejandro VI, español, les hizo donación de las islas y nuevo continente descubierto (isla de Cuba), en nombre y por la autoridad de San Pablo y de San Pedro, a quien Jesucristo estableció por dueño universal del orbe, a fin de que enviasen al nuevo, así dice la bula, varones doctos y piadosos para que instruyesen en el cristianismo a sus indígenas.

La corte española, empero, juzgó más conveniente enviar primero soldados que allanasen el camino a los misioneros, y demonios encarnados en España, como llama justamente el santo obispo Casas a los conquistadores, con su pergamino pontificio en una mano, y la espada en la otra, tocaron a degüello sin interrupción setenta años desde un polo al otro polo, hasta dejar anegada la mitad del globo en un océano de su sangre: dizque porque eran rebeldes a sus reyes legítimos de Castilla en virtud de la donación papal, que ni siquiera de cumplimiento se habían tomado el trabajo de hacer saber a los inocentes indios. Ningún rey de Europa en tan largo período osó extender la mano a participar de presa tan opulenta. Todos creían el dominio universal del papa, y el que lo hubiese negado entonces habría sido quemado por hereje; como lo fue en México el irlandés Lamport, última fritanga solemne de nuestra santa inquisición.

¡Gracias a Dios que todo error tiene término! Luis XIV de Francia, habiéndose embrollado en Roma, pidió en 1682 a la asamblea del clero de su reino, tomase en consideración entre otros puntos relativos al papa el dominio universal que se le atribuía. Ocho arzobispos, veinticinco obispos y treinta y seis presbíteros diputados del clero que componían aquella sabia asamblea, proscribieron unánimes el tal dominio universal del papa, tanto directo como indirecto, por contrario a la palabra de Dios, a la tradición de los padres y a los ejemplos de los santos. En vano tronó Roma, y aun quiso prohibir la Defensa que escribió el gran obispo Bossuet de esta doctrina del clero galicano: infinidad de .. teólogos y canonistas de todas las naciones heridos como un nuevo rayo de luz, y escudados bajo una decisión tan respetable, la adoptaron, sostuvieron y propagaron de manera, que el que hoy defendiese la potestad temporal del papa, aun sólo respecto del mundo cristiano, si no era quemado como hereje, sería enjaulado como un loco de atar. y así lo fue en España de orden de Carlos IV un clérigo de Valladolid que dio en esa manía.

Ni yo puedo concebir cómo un absurdo semejante pudo haberse entre cristianos y durar tanto tiempo su creencia, estando en contradicción expresa con la doctrina de Jesucristo, la de sus apóstoles, la de los santos padres, y el ejemplo de todos. Nuestro Salvador dijo a Pilatos: mi reino no es de este mundo. ¿Cómo pudo pues imaginarse dueño de éste su vicario? Uno de dos hermanos dijo a Jesucristo: “maestro, manda a mi hermano que divida conmigo la herencia. Hombre, le respondió, ¿quién me ha establecido juez o divisor entre vosotros?”. Si no tocaba serlo a Jesucristo según el oficio que ejercía en la tierra y del cual hizo vicarios a sus apóstoles, ¿de dónde y cómo vino al sucesor de San Pablo la potestad de dividir el mundo entre quienes se le antoje, y ser juez universal de las naciones?

San Bernardo, uniendo el texto que acabo de citar al otro en que Jesucristo dijo a San Pedro: “Yo te daré las llaves del reino de los cielos; de quienes perdonares los pecados serán perdonados”, escribió el papa Eugenio III: “sobre los pecados pues recae tu potestad y no sobre las posesiones, pues para aquéllos y no para éstas recibiste las llaves del reino de los cielos”. San Pablo escribió a los Romanos: “Toda alma está sujeta a las potestades supremas”. Habla de los poderes supremos establecidos en las naciones, y San Juan Crisóstomo dice sobre estas palabras del apóstol: “este mandato comprende no sólo a los seculares, sino también a los sacerdotes y a los monjes. Toda alma, dice el texto, está sujeta a las potestades supremas, aunque sea apóstol, aunque evangelista, aunque profeta o cualquier otro sea quien fuere”. Nadie, pues, se exceptúa aunque sea papa.

Y así efectivamente estuvieron los papas muchos siglos sujetos a los emperadores aun idólatras y herejes, hasta que por voluntad del pueblo romano, llegaron a ser señores independientes. ¿Y cómo no les habían de estar sujetos, si el pontífice de los pontífices lo estuvo también al poder de los césares que halló establecidos en su patria; y consultado sobre pagarles el tributo, dijo a los judíos: “dad al César lo que es del César”? Compareció ante el tribunal de Pilatos como presidente de Judea y le dijo, que la potestad que tenía para juzgarlo provenía del cielo. San Pablo apeló también al César contra el sumo pontífice de los judíos que lo perseguía. Nada mudó Jesucristo, con la institución del sacerdocio cristiano, de los derechos políticos de las naciones ni de sus autoridades, como demuestra Bossuet.

Fácil me sería seguir con él y otros muchos autores católicos amontonando pruebas contra la potestad temporal del papa en el mundo, como que es una doctrina nueva, y todo lo que es nuevo en materia de religión es falso, o a lo menos sospechoso. Pero sólo he traído esto poco aunque suficiente para ilustración del pueblo, porque me consta, que la corte de Roma, que no es lo mismo que la silla apostólica, aunque batida y abandonada en este punto, no abandona en secreto sus pretensiones ambiciosas, esperando hacerlas valer cuando se le presente la ocasión. Trasladado el archivo pontificio en

ochocientos rollos a París, vi en él con tanta sorpresa como escándalo las instrucciones reservadas de los nuncios dadas en épocas recientes, donde se les previene, que aunque callen y contemporicen, no comprometan ningún paso contra la potestad temporal del papa cosa ya decidida en Roma.* Pero si esto pasa así en las tinieblas, en público aun los apologistas más apasionados de las prerrogativas pontificias, como es el cardenal Orsi, no se atreven a defender una doctrina tan desacreditada por no decir más.

¡Ah! sin esto ya desde 1810, en que se alzó el grito de nuestra independencia, hubieran los españoles atraído sobre nosotros los rayos del Vaticano. Apelaron por eso a las bayonetas y los cañones repitiendo a nuestra vista casi todos los crímenes de la conquista. Desengañados por último, ya que no las habían contra los indios desnudos armados de flechas y macanas, han vuelto los ojos, por si pega, a su acostumbrado naipe de la religión, y tomando el recurso desesperado de probar si nos alborotan y dividen como marras con un pergamino gótico ultramontano. El mismo Fernando nos instruye de que ha tenido consultas sobre esto con su Consejo de las Indias, y ya me parece que estoy oyendo a sus ministros y consejeros.

* Véase la obra novísima del P. Tabareau, que copió mucho del citado archivo, intitulada: Ensayo histórico sobre el poder temporal de los Papas, en francés 2, tomo 4.

“Señor: los americanos en general son unos páparos: los hemos creado en la ignorancia, y por sí y a nuestro ejemplo son propensos a la superstición. A título de religión han sufrido trescientos años un yugo verdaderamente pesado: y a pesar de las ráfagas de luz que no han podido impedir las leyes y la inquisición penetrasen hasta ellos, su necedad se manifiesta en el mucho provecho nuestro y daño suyo que produjeron las excomuniones de nuestros obispos e inquisidores, aunque por el hecho sólo de ser españoles visto estaba, que no podían ser jueces y partes a un mismo tiempo. De suerte que a no haber habido entre los insurgentes tanto clérigo y fraile que entendían y les desenvolvían la maraña, todavía estuviéramos mandando. ¿Qué efecto, pues, no causaría entre ellos cualquier cosa de Roma, en cuya entera obediencia los hemos educado a propósito? Nosotros acá distinguíamos las materias en que deberíamos o no prestarla; pero allá no convenía indicarles las diferencias, porque en todo caso contábamos con el papa en nuestro favor. Es preciso ahora exigirle algo para que nos sirva de buscapié por si prende: nada se pierde cuando todo está perdido.”

Conforme parece a mi consejo: doy por asentado que el rey decretó con esta fórmula de uso, y se expidió orden a su ministro plenipotenciario en Roma para que presentase por medio del cardenal Albani, Secretario de Estado de S. S., las preces al efecto, que según se colige bien claro de la encíclica, dirían en sustancia de la manera siguiente.

“Santísimo Padre: el rey católico mi augusto amo Fernando VII, cuya sublime y sólida virtud le hace anteponer al esplendor de su grandeza el lustre de la religión y felicidad de sus súbditos, con sumo dolor de sus paternales entrañas, recurre a las de V. Santidad, para que como vicario de Jesucristo, que nos dejó por testamento la paz y ordenó la obediencia a los reyes legítimos cuya potestad viene de Dios, se sirva exhortar a los muy reverendos arzobispos y reverendos obispos de las Américas españolas para que prediquen en ellas eso mismo. Algunas hordas de díscolos foragidos, ya excomulgados por los obispos e inquisidores, han alborotado a los fieles vasallos de S. M. C. en las Indias, llevando por todas partes el trastorno, la opresión, el robo, saqueo, asesinato, y desolación; y lo que es más sensible todavía, introduciendo la herejía, la irreligión y la impiedad, frutos inseparables de las juntas secretas infernales de masones y carboneros proscritas por vuestros antecesores a petición de los reyes. Han intentado corromper a los católicos súbditos de su majestad con mil folletos impíos e inmorales, y calumniado atrocemente las augustas y distinguidas cualidades del rey mi amo. Este no ha omitido medio alguno para restablecer el orden, restituir la paz, inducir a la unión y sostener la religión, para todo lo cual los obispos le han ayudado con buen éxito. Pero ya se ha resfriado su celo con la opresión, y es digno de aquél en que arde V. Santidad como cabeza de la Iglesia, de excitárselo, cooperando con S. M. C. a salvar la religión del naufragio que le amenaza, y a un estado tan benemérito de la silla apostólica. Bien tienen modelos que proponerles en los españoles de la península siempre leales a su rey y señor natural. Todavía es tiempo, santísimo Padre, mi amo aún reina en los corazones de la mayor parte de los americanos, y sus ejércitos están triunfantes en varias partes. Aquellos habitantes son por su naturaleza pacíficos y siempre han sido piadosos: aquellos dominios fueron donados por la silla apostólica a los reyes de Castilla; y por la

obediencia ciega a los oráculos de aquélla, en que se ha tenido cuidado de educar a los indígenas, ha podido mantenerse tan largo tiempo en la sumisión, no obstante las distancias. No es menester sino que oigan el silbo apostólico del supremo pastor, y ellos se apresurarán a volver al aprisco de la Iglesia, a la obediencia de V. Santidad y de su rey legítimo.”

“¿Hay verdad alguna en estas preces?”, exclamarán irritados mis lectores. ¿No es el tal Fernando un monstruo tanto en lo político como en lo moral? La conducta relajada de este sátiro ¿no ha sido un escándalo continuado así en Valencey como en Madrid? ¿Su despotismo tiene límites? ¿Su crueldad no es la de un Nerón? ¿Su alma no es más fea que su cara y es mucho decir? ¡Tirano ingratisimo! los héroes que lo redimieron del cautiverio y le conservaron el trono a costa de sacrificios inmensos, o han subido a los patíbulos o yacen en las mazmorras, o mendigan en países extranjeros. Fernando es precisamente uno de aquellos reyes que Dios amenaza dar en su furor. Dabo reges in furare mea.”

Yo sólo diré lo que presencié en Londres el año de 1815. Allí se acostumbraba cuando algún suceso estrepitoso causa grande sensación en el pueblo, convocarlo con cartelones impresos a un punto señalado para tal día y tan hora a discutir un problema relativo. El que se propuso fue: ¿quién es el peor el antecristo o Fernando VII? El concurso fue numeroso, y tales excesos de S. M. C. se produjeron en la discusión, que salió resuelto a la unanimidad que era peor que el antecristo.

No necesitamos refutar sus preces en orden a nuestra religiosidad. Basta leer el artículo 3, título 1, de nuestra Constitución: “La religión es y será perpetuamente la católica apostólica, romana. La nación la protege por leyes sabias y justas y prohíbe el ejercicio de cualquiera otra”. Si entre nosotros circulan aunque a sombra de tejado algunos libros impíos, no se escribieron ni imprimieron acá. Malos españoles, a lo que parece refugiados en Burdeos traduciendo librejos allá mismo detestados y cierto sólo capaces de seducir a necios, están empeñados en transmitirnos el veneno de su impiedad, como si de la desmoralización consiguiente resultase algún bien a las sociedades; pero ya se trata de contener a sus introductores con el rigor correspondiente. Mientras, las leyes que prohíben los libros impíos y obscenos están vigentes, y la autoridad eclesiástica expedita para condenarlos.

Tampoco han tenido que ver con nuestra libertad las juntas de masones, que los reyes ven por todas partes, como Napoleón soñaba con los ingleses, porque les tenía miedo. Sus injusticias son las que han estado cargando tres siglos la mina secreta de nuestra indignación; y Fernando con su cobardía y sus renunciaciones fue quien le pegó fuego para que reventase con la independencia. Si algunas juntas secretas intervinieron para ella, fueron de aquéllas, por cuya supresión tratan las mismas leyes españolas de tiranos a los reyes. Dándose en la ley 10, título 1, partida 2, las señas por donde se dan a conocer los tiranos, dice: “que éstos vedaron siempre en sus tierras las cofradías e ayuntamientos de los hombres, o procuraron saber todo lo que se dice e faze en la tierra”.

En una palabra: católicos siempre, y gloriándonos de serlo, nada hemos variado en el dogma, en la moral, ni en la disciplina expuesta por su naturaleza a variaciones y reformas. Aun en algunos puntos de ella, sobre los cuales bien podríamos prescindir de Roma, porque más son usurpaciones que derechos suyos, hemos preferido sacrificar los nuestros a la paz y unión con el sumo pontífice. Nuestro gobierno dio a conocer por circulares al señor León XIII como sucesor de Pío VII, cuyas exequias mandó igualmente celebrar en toda la República. Nuestra Constitución autoriza a su presidente para celebrar concordatos con la silla apostólica (aunque inauditos con razón por quince siglos en la iglesia)* y ya va navegando al efecto un ministro plenipotenciario.

Si no lo recibiese como hizo con el de Colombia, según dicen, por temor de Fernando y protestas de su ministro, hemos cumplido, la culpa no será nuestra y el papa será responsable a Dios. Siempre que nosotros creamos todo lo que cree la Iglesia universal, que eso quiere decir católica, como dogma necesario para la salvación, la nuestra no corre riesgo por esta parte, estamos dentro del arca, aun millares de anatemas injustos no alcanzarían a echarnos fuera de ella. La religión de Jesucristo celestial y universal por su naturaleza no depende de los caprichos de su jefe ministerial, de intereses políticos ni manejos de gabinetes. Menos depende de localidades y travesías de mares inmensos. Cada iglesia en su seno, mientras tenga obispos y presbíteros, tiene los elementos necesarios para conservarse y extenderse. Recurriremos, si Roma se obstina, al mismo medio que en circunstancias iguales han intentado todas las naciones católicas. Volveremos a la primitiva y santa disciplina de la Iglesia: a regimos por aquellos cánones verdaderos y legítimos, que como dice el papa San León el grande, hechos con el espíritu de

Dios y consagrados con la reverencia de todo el orbe, no pueden ser abolidos por autoridad alguna, ni prescribir con ningún lapso de tiempo. ¡Quién me diese ver en mi senectud renovarse los días hermosos de la juventud de la Iglesia! La desgracia es, que la amenaza sola de apelar a este medio legal (que acabaría de una vez con todas las modernas pretensiones de la corte Romana apoyadas únicamente en las decretales de Isidoro, cuya ficción y falsedad hoyes notoria), hace cejar de su rumbo al orgulloso Tíber. El no amenaza salir de madre, sino contra los que ignorando los límites prescritos a sus olas, temen donde no hay que temer. Ibi trepidaverunt timore ubi non erat timar.

Para todo caso tengan bien presente mis paisanos lo único que tenemos obligación de creer acerca del romano pontífice, porque tan malo es no creer en nada como creer demasiado: lo primero es impiedad, lo segundo superstición, la religión está en el medio. Sólo lo que es de fe, porque Dios lo reveló y la Iglesia universal así lo cree y lo ha creído siempre así desde el principio, tiene derecho a cautivar nuestro entendimiento, y en su obsequio debemos dar hasta la vida. Todo lo demás está sujeto al examen de nuestra razón. Examinad todas las cosas, nos dice el apóstol, y adoptad sólo lo que sea bueno: Omnia pro bate, quod bonum est tenete. Ahora bien: el gran obispo Bossuet, a quien no falta sino la antigüedad para ser un padre de la Iglesia, en su Exposición de la fe católica, exposición elogiada en toda la Iglesia y aun aprobada con dos breves, a propósito del sumo pontífice Inocencio XI, dice: “que lo único que la fe nos enseña acerca del romano pontífice I es, que como sucesor de San Pedro es el jefe de la Iglesia” Y La extensión de su autoridad, la manera de ejecutada y todo lo demás que moderadamente le han atribuido las faltas decretales y algunos canonistas y teólogos escolásticos, es todo disputable, y por consiguiente no forma parte necesaria de nuestra creencia. Está sujeto a nuestro examen: Omnia probate, quad bonun est tenete.

* Ved al arzobispo Pradt sobre los cuatro concordatos, 4, tomo 4.

Volviendo a las preces o alegatos de Fernando, es cierto, que algunos obispos y los inquisidores, todos españoles, haciendo su negocio, excomulgaron a los insurgentes; porque dicen los buenos de los inquisidores en su edicto dogmático publicado en México en 27 de agosto de 1808: “que debemos creer de fe divina que los reyes vienen de Dios, y que la soberanía del pueblo es herejía manifiesta”. ¡Dichosa herejía que enseña Santo Tomás, San Vicente Ferrer, el papa Gelacio I y que si fuese éste lugar, les probaría yo con los mismos concilios nacionales de España celebrados en Toledo! Solamente los tres idiotas que componían entonces aquel tribunal nefando, pudieron atreverse a calificar de herética una doctrina, que desde fines del siglo pasado hasta hoy han jurado con solemnidad sucesivamente, como se ve por sus constituciones, Francia, España, Portugal, Italia, y todas las Américas, es decir la inmensa mayoría de la Iglesia católica. Y orden a los reyes tan no es de fe que vienen de Dios, que el papa San Gregario VII en una decretal dirigida a Heriman, obispo de Metz, se empeña en probar que vienen del diablo, príncipe de este mundo. “¿Quién ignora, dice, que los reyes tuvieron principio de aquéllos que, ignorando a Dios y llenos de soberbia, rapiñas, perfidias, homicidios, y últimamente de casi todo género de maldades, obrando en todo el diablo, príncipe de este mundo, intentaron con ciega ambición y presunción intolerable dominar sobre los hombres aunque son sus iguales?” “Si tales son las herejías de que Fernando nos acusa ante el papa, respondemos que los verdaderos herejes eran sus inquisidores, porque a la fe no puede añadirse ni quitarse y por consiguiente, tan herejía es negar que es de fe lo que es, como afirmar que es de fe lo que no lo es. Este es un axioma teológico.

Querer ahora persuadir que no son más que unas hordas y puñados de díscolos los independientes de América, son patadas de ahorcado. Con la victoria de Ayacucho quedó limpia la América hasta del último soldado español desde el cabo de Hornos hasta Kamchacá. Toda ella, excepto un par de islas y un peñasco a la vista libre de Veracruz, está constituida en seis repúblicas, en plena paz y reconocida por las naciones que tienen el tridente de los mares. Y nadie está tan loco que aventure un suspiro por Fernando el deseado. Si alguno creyó en otro tiempo, que nos convenía un rey de casa ya reinante en Europa, conforme al plan de Iguala, para que así más pronta y fácilmente reconociesen nuestra independencia sus potencias, y se evitase acá la división, jamás fue para que desde allá nos mandase siguiendo uncidos al ominoso carro de la Península, sino para que viniese a reinar entre nosotros. Variadas las circunstancias y constituida ya la nación en república, no es dable que hombre alguno de mediano juicio pueda insistir en un desatino, que causaría mayores males que los que antes deseaban evitarse con ese arbitrio. El término de borbonistas es una invención maligna, o de los que deseaban se

prefiriese Iturbide a un príncipe venido de Europa, o de bribones anarquistas y revoltosos, que no sabiendo cómo excluir de los mandos y empleos a muchos hombres de bien, amigos del orden y más patriotas que ellos, para sustituirse en su lugar, los apodan con ese epíteto odioso sólo creíble por mentecatos.

Por todo lo dicho, se me replicará debiera el papa ser más cauto y no dejarse engañar hasta prodigar elogios desde tan alto a un pícaro notorio. Pero el papa no había de ponerse a desmentir al ministro plenipotenciario de España apoyado en su exposición de los papeles públicos, aunque asalariados, de España y Francia. No había de enviar comisionados sobre los lugares respectivos para que le informasen, como que tuviese de pronunciar una sentencia judicial. No es éste el giro diplomático. En tal lenguaje al papa se le nombra siempre santísimo aunque sea un Alejandro VI, a quien el cardenal Baronio llama el hijo de perdición. Se trata de eminencia a un cardenal aunque sea del tamaño de un comino. Un principito mamando, aunque llorón y rabioso, es alteza serenísima, y a cada paso nosotros mismos tratamos de excelentísimo a cualquier indignísimo, pero que tiene aquel tratamiento por su rango. Y por último los papas, decía Clemente XIV, son como los reyes que no saben la verdad sino cuando oyen cantar el evangelio.

Si alguno me dijere que su Santidad podía excusarse con buenas palabras muy propias del estilo diplomático, no es tan fácil como parece teniendo a cuestras la Santa Alianza. Cualquier reyezuelo basta para despojar al papa de su pequeño territorio; y menos puede desairarse a S. M. C. porque España es el granero de la famélica Roma, España es nuestra vaca de leche, ya sólo en ella produce algo nuestra carta pécora (el pergamino de los diplomas pontificios), me decían los romanos en 1802. Entonces les iban de España y sus Indias por dispensas, etc., seiscientos mil pesos anuales, de que una parte tocaba a su Santidad y el resto a infinidad de ministeriales y dependientes que sacaban su vientre de mal año. Al ministro de España, que no disfrutaba más sueldo que el de la agencia, le subía cada año su contingente a treinta mil pesos. Otros tantos disfrutaba de pensión el cardenal Celada, y diecisiete mil el de York. Otros cardenales eran canónigos de España, como el mismo papa lo es de Toledo. Hasta la princesa Santa-Croce, a causa de su influjo en la corte romana, tenía una buena pensión, y aun estaba tirando la suya el lego asistente del papa, Ganganeli. Muchos señorones habían servido en España y disfrutaban sus sueldos. Allí gastaba el cardenal Lorenzana gran parte de las rentas de su arzobispado de Toledo. Allí se consumían los patrimonios y las pensiones de los ex jesuitas americanos y españoles, de quienes algunos, como Masdeu, tenían asignadas hasta nueve para que escribiesen; y existían otras mil socialiñas porque aquel país de ociosos y mendigos siempre ha vivido a costa ajena. Es verdad que las Cortes de Cádiz habían reducido al papa a poca cosa; pero todo lo ha restablecido el Fernandito: y a eso quizá alude su plenipotenciario cuando dice, “que prefiere al esplendor de su trono el lustre de la religión”; pues saciar el hambre de Roma también se llama por allá religión. Y por supuesto que nada de esto puede seguir haciendo España sin las minas de las Indias. Concluyamos, pues, que era indispensable dijese algo Roma sobre la petición de un rey tan benemérito de casa para su consuelo.

“Pase pues, así proveería el cardenal secretario de estado, según lo resuelto en la audiencia del Santísimo tenida tal día, la exposición del ministro de España al prelado destinado ad litteras, para que supuesta la verdad de las preces extienda ... ¿una bula? no, es cosa muy grande; ¿un breve? no, también es cosa gorda: vaya un quid pro quo, una carta circular que con el nombre griego de encíclica suene mucho aunque diga poco.”

Aquí de las deliberaciones, ansias y habilidad de monseñor ad litteras. ¿Si fulmináremos excomuniación ... ? No, no, ya pasó ese tiempo: todo el mundo sabe que en materias políticas no es más que abuso, y que toda excomuniación injusta es nula y de ningún efecto. A fuerza de abusar de los rayos del Vaticano, se desvaneció su ilusión, y los ven pasar tranquilamente como fuegos fatuos. Esas son armas que no valen sino para quien las teme. Pero ¿mandaremos siquiera simplemente a los americanos que obedezcan al nieto español del zapatero Capeto, porque todo poder viene de Dios y él es su rey legítimo... ? No, tampoco, porque eso de su rey legítimo es meternos en un laberinto de donde no podremos salir con honDr. Tales decisiones son buenas para el Congreso de Viena y la Santa Alianza, que responden satisfactoriamente a los argumentos de los sabios con un millón de bayonetas. Tampoco nos saca del apuro el decirles que todo poder viene de Dios. Es una verdad de Pero Grullo, porque Dios es el origen de todo lo que no es el pecado; pero la aplicación de ese poder a las dinastías, a las familias y a los

individuos viene de la voluntad de los pueblos, como consta de las historias de todas las naciones; y así nada hemos avanzado. Lo mismo hay en las repúblicas. Fuera de que también la hambre y las pestes vienen de Dios, y no por eso se infiere de ahí que no debemos comer ni huir del contagio: es de bárbaros fatalistas, como son los moros, no tomar preservativos contra la peste, porque Dios lo ha conchado así como ellos dicen.

Pero, ¿no podremos decir que en Fernando hay disparidad, porque los reyes de Castilla obtuvieron las Indias por donación del papa sucesor de San Pedro, a quien Jesucristo endonó el señorío de todo el mundo? menos eso que todo, porque nos pedirán el título de esa donación de Jesucristo a San Pedro, y saldrá tan falsa como la del emperador Constantino al papa San Silvestre. En suma nos dirán los americanos que nos metamos con la religión que es lo que nos toca, y es la que vino a plantar Jesucristo para santificar a los hombres; no a variar los derechos imprescriptibles de los pueblos de que es mismo autor como Dios. Monseñor ad litteras por tanto no hizo nada de lo dicho. Apeló a los lugares comunes pontificios de paz, caridad, unión, piedad, religión; amontonó hebraísmos y frases místicas que aturullan al pueblo porque no las entiende, y salió avante con un pliego de hojarasca, que hubiera valido entre nosotros a un escolar veinticinco azotes.

“Eh ¿che fare?, diría monseñor limpiándose el sudor de la frente, ¿qué hacer?, era menester decir algo. Si con tan poca cosa se alborotan los americanos, son unos papanatas que no merecen ser libres. Cualquiera sabe que todo lo que dimana de Roma es inválido y nulo si ha habido en las preces obrepción o subrepción, esto es, si se ha omitido la verdad necesaria, o se ha puesto lo que es falso. Claro está que a inmensas distancias y en tanto cúmulo de negocios de toda la cristiandad, no podemos acá averiguar la verdad de las preces: las insertamos por eso en los rescriptos ya a la letra ya por la vía de narración como al presente, y si no siempre se expresa, se subentiende siempre la cláusula condicional: si praeces veritate nítantur, si las preces están fundadas sobre la verdad.”

Tiene razón monseñor: así es todo como lo dice, y nosotros seríamos unos bestias, si sabiendo con evidencia que no hay una palabra de verdad en todas las preces de Fernando, y que ha callado la situación verdadera de las Américas para sorprender al papa y tentar de dividimos con su encíclica, se nos diese un pito de ella. Lo dicho, dicho, es un gatada italiana para salir del compromiso.

Pero aún hay más que advertir sobre lo que nos venga de Roma para prevenir al pueblo contra lo que pueda recabar de un pontífice oprimido por la Santa Alianza. Los papas son hombres y pecadores como todos los miserables hijos de Adán. Pueden pues abusar de su autoridad y de la sencillez de los pueblos, como efectivamente han abusado en otros tiempos, con buena o mala intención, para alborotar a los reinos o repúblicas y sumergirlas en guerras civiles, y rebeliones contra las autoridades constituidas. En los tiempos antiguos de la Iglesia no se admitían en cada una de ellas otras cartas de los papas que las sinódicas, esto es, expedidas después de un concilio numeroso, y firmadas por todos los obispos que lo componían. Después que los papas dejaron de reunir estos concilios, en la Iglesia de Francia tampoco se admitía ningún diploma con la cláusula motu proprio, esto es, que no hubiese sido expedido de acuerdo y consentimiento de todo el Colegio de cardenales, que junto con el papa es lo que llamamos Santa Sede, o Silla Apostólica: y así debiera ser en todas partes.* En fin para poner un dique a los repetidos abusos, se estableció justamente en todos los reinos católicos, que no se publicase ni ejecutase bula, breve o rescripto alguno pontificio, sin que precediese el pase o exequátur del gobierno. Y se designaron tribunales, ya parlamentos, ya consejos, que debía consultar el gobierno para ver si los referidos diplomas contenían algo que pudiese perturbar a la nación, contrariar sus derechos o de sus iglesias, o lo que llamaban regalías, o en cualquier otro modo para perjuicio. Para nosotros quien hacía este examen era el Consejo Supremo de las Indias.

* Aun las bulas o breves dogmáticos, esto es, que definen algo como de fe, no se reciben en la Iglesia de Francia sino por vía de juicio, examinando su contenido los Obispos en Concilios o en las asambleas del clero. Y si no hallan justa la decisión pontificia, apelan sin escrúpulo para el Concilio general futuro. Esta es una de las libertades de la Iglesia galicana, que en ninguna materia cree al Papa infalible, aunque siempre su autoridad sea muy respetable. Como a la Iglesia toda es a quien solamente prometió Jesucristo su asistencia hasta el fin de los siglos, y que las puertas del infierno no prevalecerán contra ella, sólo creen infalibles a la Iglesia universal y al Concilio general porque la presenta. Estas que se llaman libertades de la Iglesia galicana, dice y aprueba Bossuet, que no son más que el derecho común

y primitivo de todas las Iglesias, sino que la de Francia lo ha sabido conservar mejor contra las usurpaciones de la Corte romana.

A ejemplo pues de todos los países católicos nuestra constitución en el título 4, sección 4, de las atribuciones del presidente puso así el artículo 21: "Conceder el pase o retener los decretos conciliares, bulas pontificias, breves y rescriptos, con consentimiento del Congreso General, si contienen disposiciones generales; oyendo al Senado y en sus recesos al Consejo de Gobierno si se versaren sobre negocios particulares o gubernativos; y a la Corte Suprema de justicia si se hubiesen expedido sobre asuntos contenciosos".

Todo esto está muy puesto en razón, porque la autoridad que dio Jesucristo a sus apóstoles, no fue para dominar al clero, dice San Pedro, ni para destrucción o ruina, dice San Pablo,¹⁸ sino para edificación de los fieles. Jesucristo les dijo: "sabéis que los príncipes de las gentes los avasallan, y despotizan sobre ellos: vosotros no lo haréis así: vos autem non sic". Por lo mismo aun la potestad espiritual, que de derecho divino reconocemos en el obispo de Roma como primado de la Iglesia por ser sucesor de San Pedro, no la reconocemos absoluta, sino moderada por los verdaderos y legítimos cánones de la Iglesia, y sin perjuicio de los derechos civiles de las naciones, de las costumbres loables y privilegios de las Iglesias particulares, conforme a la doctrina de la Iglesia galicana, o por mejor decir, conforme a las decisiones de la misma Silla Apostólica en los siglos de oro del cristianismo. Ved a Bossuet sobre la proposición 3^a del clero de Francia.

La Silla Apostólica nos tiene dada la regla que debemos seguir en todas las disputas que puedan suscitarse entre las potestades eclesiásticas y seculares, para conducirnos sin tropiezo ni error. Es célebre la carta o epístola de San Gelasio papa al emperador Anastasio, y en ella le dice: "Dos son las potestades con que se rige el mundo, la eclesiástica y la civil; una y otra principal, una y otra suprema, y en su línea u objeto ninguna está sujeta a la otra, cada una es independiente en su esfera. La eclesiástica se versa sobre los sacramentos y cosas divinas pertenecientes a la salud eterna; y en esto aunque tú presidas al mundo, te sometes a la autoridad del sacerdocio; en cuanto a lo demás, los prelados de la religión doblen su cuello a la autoridad civil, conociendo que también viene de Dios". Todo pues lo que emprende una potestad sobre la otra fuera de sus límites es un abuso y debe repelerse o despreciarse.

La cosa es tan evidente, que nuestros indios la única vez que se les hizo saber la donación que había hecho Alejandro VI de sus tierras a los reyes de Castilla, respondieron con el mayor acierto. En la junta o concilio mexicano celebrado en 1546 se probó, que sólo el bachiller Enciso hizo aquella intimación a unos pueblos de Nicaragua de manera que la entendieran en los siguientes términos: "... sabed que hay un solo Dios que creó el cielo, la tierra; un papa que dio estas tierras al rey de España que se les pidió en merced y un rey de España que nos envía a tomar posesión de ellas, y a que le reconozcáis por señor". Con igual precisión militar respondieron los indios: en cuanto a que hay un solo Dios que creó el cielo y la tierra, nos parece muy bien y así debe ser: pero no que ese papa dé a nadie estas tierras en que nosotros somos los dueños, y no queremos otro señor. Y en cuanto a ese rey de España, debe ser algún loco, pues pide y toma en merced lo que es ajeno; si viniere acá, pondremos su cabeza sobre un palo como tenemos otras de nuestros enemigos". Y se las mostraron. La respuesta era tan justa y sensata como enérgica; pero no tenían para sostenerla sino carcajas de saetas contra nublados de pólvora y balas, última razón de los reyes. Nosotros tenemos armas iguales: aumentemos y disciplinemos nuestro ejército, y con él y nuestras costas mortíferas venga la Santa Alianza: y si con ella se mezclase el papa como príncipe temporal, también le haríamos la guerra, como se la hicieron príncipes muy católicos, cuales fueron Carlos V y Felipe II autorizados para ella por los obispos españoles. En el Juicio imparcial de Campomanes y en la Colección diplomática de Llorente puede verse el célebre dictamen que dio en favor de ella el inmortal obispo de Canarias, Melchor Cano, lumbrera del Concilio de Trento.*

Pero, espero en Dios que no llegaremos a ese extremo. El papa actual nada nos dice sino supuesto un engaño notorio con que lo ha sorprendido el rey de España, ni nada nos manda en su encíclica, si acaso es verdadera. Hay otra indubitable de su antecesor Pío VII que se imprimió el año pasado en México. Es una homilía que circuló a su diócesis el día de la natividad de nuestro Señor del año de 1797, siendo cardenal, obispo de Imola. Yo he visto el original italiano, del cual la tradujo al francés e imprimió en París mi célebre amigo el sabio y virtuoso Gregoire obispo de Blois; amantísimo de

los americanos. Del francés la tradujo en Gálveston, e imprimió en Filadelfia el doctor Roscio, presidente que fue de Colombia. En México la tradujo muy bien e imprimió el marqués del Apartado.

La situación de la diócesis de Imola era idéntica a la nuestra. Pertenecía aquel país al Estado Pontificio, y por una revolución acababa de erigirse en república representativa popular o democrática como la nuestra. Había allí también como entre nosotros, ignorantes fanáticos que la creían contraria a la religión. Pío VII se empeña en probar que, al contrario, la forma de gobierno republicano popular es más conforme al Evangelio como fundada en las mismas bases de libertad razonable, igualdad y fraternidad. Y al concluir apostrofaba a su pueblo en estos términos: “Que la religión católica, queridos hermanos míos, sea el objeto más caro de vuestro corazón, de vuestra piedad y de todos vuestros afectos. No creáis que choca con la forma de gobierno democrático. Viviendo en ella unidos a vuestro Salvador, podréis concebir una justa esperanza de vuestra salud eterna, y obrando vuestra felicidad temporal y la de vuestros hermanos, hacer la gloria de la república y la de las autoridades que la rigen. La obediencia cristiana a ellas, el cumplimiento de vuestros deberes, el celo por el bien general serán con la gracia divina un nuevo manantial de méritos para llegar a aquel reino celeste al que os convida el divino Niño, cuyo glorioso nacimiento celebramos hoy. Sí, queridos hermanos míos, sed todos cristianos y seréis excelentes demócratas”.

* Ya se imprimió en El Sol en los días 15 y 16 de julio del presente año. En el mismo juicio imparcial de Campomanes, sección única, sobre la justa resistencia a la corte de Roma cuando abusa, se hallarán los textos de los más graves teólogos y canonistas; que no sólo autorizan para esa resistencia en caso de excomuniones o mandatos injustos, sino para oponer también las armas los gobiernos, impedir con ellas la ejecución, y prender y castigar a los que la intenten.

Concluye luego dirigiéndose a su clero de esta suerte: “Y vosotros, mis más amados cooperadores a cuya dirección están confiadas porciones especiales de esta familia cristiana, y que lleváis conmigo el peso del ministerio, uníos a vuestro obispo para mantener en el rebaño la integridad de la religión católica, y desplegad todas vuestras fuerzas para que los discípulos de Jesucristo sean santamente fieles a las autoridades y a la república. Encargados por el celo de velar por los intereses espirituales del pueblo debemos dirigirlo no sólo hacia la gloria de Dios, sino a la conservación y mejoría del orden público. Como el ejemplo es el argumento más poderoso y el género de elocuencia más persuasivo y más eficaz, es menester, sabios cooperadores míos, que en nosotros resplandezcan la rectitud, la religión, el amor del bien público, de modo que sirváis de modelos a vuestro rebaño. Así se cumplirán vuestros deseos de ver arraigarse y fortalecerse las virtudes cristianas y morales en las almas confiadas a vuestro cuidado, que deben hacer la gloria de vuestra república y la prosperidad de los ciudadanos de que se compone. Hermanos míos, la paz de Dios sea con vosotros”.

Así sea: y así habla un obispo que no ha sido engañado por los reyes. Guardaos de éstos, paisanos míos; pero tampoco os durmáis sobre las maniobras de la corte romana. Leed la historia eclesiástica, y hallaréis que no les ha servido sino demasiado y demasiadas veces, para obtener un pasaporte a sus pretensiones exorbitantes. Es justo obedecer al jefe de la Iglesia; pero sólo en el espiritual límite de su esfera, y aun sobre esto vuestra obediencia debe ser razonable, como el Apóstol nos enseña: *rationabile obsequium vestrum*. ¡Alerta pues, mexicanos, alerta! no olvidéis jamás, que a título de una bula se ahogó en sangre toda la América. Perekieron al filo de la espada, entre llamas y todo género de tormentos atroces, millones y millones de inocentes americanos, y el resto ha sido esclavo trescientos años. Acordaos y acordaos siempre de la carnicería, el tiempo y los trabajos que nos ha costado libertarnos. *Et mundum statim finis*.

NOTAS AL VI. DISCURSO SOBRE ...

1. Joan, 13,036.
2. Luc., 12, 13, 14.
3. Lib. 1 de consid. cap. 6.

4. Rom., 13, 1.
5. Hom., 23, in ep. ad. Rom. 6 Lucas, 22, 21.
6. Lucas, 22, 21.
7. Joan, 18, 82.
8. Act. Ap., 25, 11.
9. Defens, clero gallic., parto II, lib. V, cap. XIII. 10 Frac. XIII arto 11.º.
10. Frac. XIII art. 11.º.
11. I. Trees., 5, 21.
12. Expos XXI de la autoridad de la Santa Silla. Todo esto se halla admirablemente explicado y probado en el célebre Divinae fide analisis de Holdem, lib. 2, cap. 3, seco 3. Quid de summo Pontifice sit necessario credendum.
14. Cap. 20 de rescripto sup litt. si vera per falsitates express. vel supress. verit. litterat fuerint impretae.
- 15 Cap. 2 de rescripto ex parte: ...in huismodi litteris intelligenda est haec conditio, etsi non apponatur, si praeces veritate nitantur.
16. Ved ley 2, tít. 9, lib. 1, recop. Ind. y otras muchas siguientes; y para instrucción fundamental ved a Campomanes, Juicio imparcial, seco IX.
17. I Pet., 5, 21.
18. 2 Corinth., 13, 10.
19. Matth., 20, 25.
20. Remes. hist. de Chiapa, lib. 7, cap. 17, p. 413.
21. Roman., 12, 1.

10. *Etsi iam diu, Leão XII*

Roma, 24 settembre 1824

Breve (*)

Ai Venerabili Fratelli Arcivescovi e Vescovi d'America.

Il Papa Leone XII. Venerabili Fratelli, salute e Apostolica Benedizione.

Anche se siamo persuasi che già da tempo sia giunta nelle vostre mani la lettera [enciclica] che, in occasione dell'elevazione della Nostra umiltà alla Cattedra di San Pietro, abbiamo inviato a tutti i Vescovi del mondo cattolico, è tanto grande l'incendio di carità in cui Noi bruciamo per Voi e per il vostro gregge che abbiamo determinato, per manifestarvi il Nostro animo, di rivolgerci specialmente a Voi.

In verità, col più acerbo e incredibile dolore, che nasce dal paterno affetto col quale vi amiamo, abbiamo ricevuto le tristissime notizie sulla deplorable situazione dello Stato e sullo scompiglio delle cose ecclesiastiche, per la zizzania che ha seminato costì un uomo nemico. Infatti conosciamo bene i pregiudizi che derivano alla Religione, quando avviene che disgraziatamente si alteri la tranquillità dei popoli. In conseguenza di ciò Ci lamentiamo amaramente perché la licenza dei malvagi si manifesta impunemente; perché cresce la peste dei libri nei quali si disprezzano e sono fatti oggetto di odio i poteri ecclesiastici e civili; infine perché sorgono, come locuste dal fumo di un pozzo, quelle tenebrose aggregazioni delle quali, con San Leone, osiamo dire che vi si riunisce tutto ciò che di blasfemo e sacrilego vi è nelle sette ereticali, così come ogni genere di sudiciume in un'immonda sentina.

Questa indiscutibile verità, degna della massima commiserazione per l'esperienza di quelle calamità che Ci hanno tormentato con i violenti sconvolgimenti dell'epoca passata, e comprovata da tanti esempi, Ci procura una fiera amarezza, poiché Ci accorgiamo che questo genere di disordini minaccia enormi mali a codesta terra del Signore.

Esaminando queste cose con dolore, allarghiamo il Nostro cuore su di Voi, Venerabili Fratelli, pensando che sarete intimamente animati da uguale sollecitudine per il gravissimo pericolo che sovrasta il vostro gregge. Chiamati al sacro ministero da Colui che venne a portare la pace in terra e che ne fu autore e perfezionatore, voi sapete che il vostro principale obbligo è quello di procurare che si conservi intatta la Religione, il che chiaramente dipende dalla tranquillità della patria. E poiché il vincolo della Religione unisce in un medesimo dovere quelli che comandano e quelli che obbediscono, esso viene abbattuto, quando, col crescere delle discordie, dei dissidi e delle perturbazioni dell'ordine pubblico, il fratello si scaglia contro il fratello e la casa crolla sopra la casa.

Esortiamo quindi la vostra fedeltà, Venerabili Fratelli, e vogliamo che la vostra quotidiana sollecitudine sia stimolata da questo Nostro incitamento, che con l'aiuto di Dio non sarà inutile ai pigri né oneroso per i devoti.

Non accada, o carissimi, che quando Dio vaglierà coi colpi della sua indignazione i peccati dei popoli, tratteniate le parole perché i fedeli affidati alle vostre cure non pensino che le voci di esultanza e di salvezza si odono soltanto nelle sedi dei giusti; allora staranno nella pienezza e nella bellezza della pace coloro che si trovano nei sentieri degli' inviati del Signore, il quale determina la concordia fra i principi e colloca i re in trono. L'antica e santa Religione, nella quale si è salvi, non può in alcun modo conservarsi in purezza e integrità quando il regno diviso in fazioni, è miserevolmente desolato, come ammonisce il Signore Gesù Cristo; infine accadrà con assoluta certezza che gl'inventori delle novità saranno costretti, loro malgrado, a invocare la verità, insieme al profeta Geremia: "*Abbiamo atteso la pace e non l'abbiamo avuta; abbiamo atteso il tempo della medicina, ed ecco il terrore; abbiamo atteso il tempo della salute ed ecco il turbamento*".

Noi siamo fermamente persuasi che voi, con l'aiuto di Dio, saprete condurre a buon fine questo compito così gravoso se illustrerete al vostro gregge le auguste e distinte virtù del Nostro carissimo figlio in Cristo Ferdinando, re cattolico di Spagna, al quale nulla è più caro della Religione e della felicità dei suoi sudditi; e se, con lo zelo necessario, porrete davanti agli occhi di tutti gli illustri e immortali esempi degli Spagnoli residenti in Europa, che non hanno esitato a sacrificare le fortune e la vita per mostrarsi sempre fedelissimi alla Religione e al potere legittimo.

Noi abbiamo scritto queste cose, Venerabili Fratelli, con quell'ardente affetto verso voi e il vostro gregge, tanto più intenso quanto più voi siete oppressi da gravissime circostanze, nell'enorme distanza che vi separa dal vostro Padre comune. È vostro dovere prestare soccorso alle genti afflitte, rimuovere dalla mente di tutti le preoccupazioni (il cui pensiero muove il pianto), e pregare assiduamente e umilmente per loro, come conviene a chi ama i fratelli e il popolo, affinché Dio plachi i venti della discordia e faccia ritornare la tranquillità.

Questa dunque è l'opinione che abbiamo della fedeltà, pietà, religione e costanza con le quali agite, tanto cheteniamo per certo che voi farete tutto ciò che abbiamo detto, affinché costì la Chiesa abbia pace e si edifichi procedendo nel solco del timore del Signore e con la consolazione dello Spirito Santo.

Nel frattempo con lieta fiducia per Noi, per questa Santa Sede, per l'universale Chiesa cattolica, con l'auspicio del celeste aiuto, a voi, Venerabili Fratelli, e al gregge che governate, con tutto l'amore impartiamo l'Apostolica Benedizione.

Dato a Roma, presso San Pietro, sotto l'anello del Pescatore, il 24 settembre 1824, anno primo del Nostro Pontificato.

(*) Sulla scia del Breve *Etsi longissimo* del 30 gennaio 1816 del Pontefice Pio VII, il Papa Leone XII indirizza un nuovo Breve ai Vescovi dell'America soggetta alla Spagna, affinché prestino soccorso alle popolazioni sconvolte dalle conseguenze della rivoluzione.

Anexo 2

1. Cronologia da vida de frei Servando Teresa de Mier

1763	Nasce na cidade de Monterrey, no Novo Reino de Leão na Nova Espanha, em 18 de outubro, José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra. Filho de Joaquín Mier y Noriega e Antônia Guerra Iglesias de Santacruz.
1780	Entra para a ordem de São Domingos e continua os estudos no colégio Portacoeli.
1790	Aos vinte e sete anos recebe o título de Doutor em Teologia pela Real e Pontifícia Universidade do México.
1792	É concedida a Mier licença para pregar e cedo adquire fama como grande pregador.
1794	O Ajuntamento da Cidade do México o encarrega de pregar em honras fúnebres à memória de Hernán Cortez, em 08 de novembro. Em 12 de dezembro prega o SG na Colegiata de Guadalupe em presença das autoridades do vice-reino. Em 13 de dezembro lhe é retirada a licença para pregar.
1795	É conduzido à prisão no convento de São Domingos. Em 21 de fevereiro o arcebispo Nuñez de Haro lança edito em que repreende publicamente o sermão de frei Servando. Mier é condenado a dez anos de reclusão no convento de Las Caldas, privação perpétua de ensino público em cátedra, púlpito ou confessionário e privado do título de doutor. Em 21 de março é conduzido ao forte de San Juan Ulúa. Em 07 de junho é embarcado com destino a Cádiz. Chega a Cádiz e fica recluso no convento de Las Caldas. Conhece a Melchor de Jovellanos, a quem pede ajuda para seu caso.
1796	Empreende a primeira fuga e é reaprendido e encaminhado para o convento de San Pablo, em Burgos.
1797	Obtém permissão para retornar a Cádiz. Reclama no Conselho das Índias da sentença de Haro. É pedida análise do SG. Mier escreve a defesa de seu sermão para apresentar ao conselho.
1799	Sua causa é passada a Real Academia de História.
1800	A academia se decide em favor de Mier e contra à setença do arcebispo Haro. Foge do convento de Burgos e vai para Madri, de onde segue em direção para a França.
1801	Chega a Baiona, onde estabelece amizade com a comunidade judaica. Em Baiona recebe ajuda de intelectuais como José Nicolas Azara e Francisco Antônio Zea. Vai para Paris onde conhece Simón Rodriguez e com ele abre uma escola de ensino da língua espanhola. Traduz <i>Atala</i> de Chateaubriand e é encarregado da paróquia de São Tomé. É apresentado a Henri de Grégoire e trava amizade com Alexander von Humboldt. Torna-se membro do Instituto Nacional da França.
1802	Viaja a Roma onde recebe um breve de secularização. Embarca para Nápoles com a finalidade de integrar a comitiva da infanta Isabel. Na Itália, Mier conhece alguns dos jesuítas expulsos da América, como o paraguaio Francisco Iturri.
1803	Sai de Roma e viaja por Florença e Gênova, de onde embarca para Barcelona. Percorre Zaragoza e é reaprendido em Madri.
1804	É enviado para a casa dos Toríbios, em Sevilha. Foge da casa de correção, mas é novamente detido em Cádiz e retorna para os

	Toríbios de onde consegue fugir novamente.
1805	Em Cádiz foge para Portugal. Em 21 de outubro se torna testemunha da batalha de Trafalgar.
1806	Instala-se em Lisboa, onde permanece até 1808, atuando como capelão do batalhão de Voluntários de Valencia.
1809	O general Blake o recomenda a Junta Central para a paróquia da catedral do México, o que não se verifica por dissolução da Junta.
1810	Retorna para Cádiz onde se vê envolvido com a deputação americana nas cortes, onde conhece a Miguel Ramos Arizpe.
1811	Viaja a Londres para terminar a obra HRNE.. Conhece a Blanco White e publica sua CUAE.
1812	Escreve a SCUAE.
1812	Conclui e publica a HRNE, sob o pseudônimo de José Guerra.
1815	Retorna a Londres e recebe uma pensão do governo britânico para viajar a Nova Orleans. Conhece Francisco Xavier Mina e viaja com ele para os Estados Unidos.
1816	Em Baltimore, ao lado de Mina, é organizada a expedição que partiria para o México com vistas a conquista militar do território.
1817	Desembarcam em Soto la Marina e constroem um forte. O general realista Joaquin Arredondo se apodera do forte. Mier se entrega, porém não são respeitados os termos da capitulação. O frei é preso e despojado de todos os pertences. No caminho para a cidade do México sofre uma grave fratura do braço direito. Chega ao México onde é encaminhado à Inquisição e é aberto um processo contra ele.
1818	Na prisão redige as peças documentais que compoem o corpo de <i>Memorias</i> .
1820	Em 25 de maio da prisão inquisitorial é encaminhado para o cárcere municipal e logo em seguida para o forte de San Juan Ulúa. É lá onde redige CDM e PSLNE.
1821	Em 03 de fevereiro é embarcado para Havana. Em maio foge da ilha e vai para os Estados Unidos. Na Filadélfia publica vários textos, entre eles a MPI.
1822	A província de Novo Leão o elege como deputado do Congresso Constituinte Mexicano. Ao retornar para o México é novamente preso. Em 18 de maio é posto em liberdade. Em 15 de julho assume o posto como deputado. Em 27 de agosto é preso no convento de São Domingos por manifestar clara oposição a Iturbide. É conduzido a prisão junto com outros deputados.
1823	Foge de prisão. Após a renúncia de Iturbide, é incorporado ao Segundo Congresso Constituinte, em 29 de março.
1824	Em 13 de dezembro pronuncia seu famoso discurso a Profecia. Em 23 de dezembro é concedida ao frei pensão vitalícia.
1825	Publica Discurso sobre a Encíclica do Papa Leão XII.
1827	Em 03 de dezembro falece nas dependências do Palácio Nacional, no governo de Guadalupe Victoria, aos sessenta e quatro anos de idade.

2. Cronologia da Independência do México até o fim do governo de Guadalupe Victoria

1810	Noite de 15 para 16 de setembro, Miguel Hidalgo dá o brado de independência no vilarejo de Dolores: <i>“Viva a Virgem de Guadalupe! Viva Fernando VII! Morte ao mau governo!”</i> Em 06 de dezembro, Hidalgo decreta a abolição da escravatura.
1811	Em 30 de julho, Hidalgo, Ignacio Allende e Juan Aldama são feitos presos e fuzilados.
1813	Em 13 de outubro, José Maria Morelos dá continuidade à luta de independência e confirma a abolição da escravatura. Em 06 de dezembro é decretada a independência na cidade de Chilpancingo.
1814	Em 22 de outubro se dá a promulgação da constituição de Apatzingán.
1815	Morelos é executado em 22 de dezembro.
1821	Em 24 de fevereiro é promulgado o Plan de Iguala por Agustín de Iturbide, com a confirmação das três garantias: Independência, união e religião católica. Em 24 de agosto, representantes da coroa espanhola e Iturbide firmam o Tratado de Córdoba, que reconhece o México como uma nação independente sob os termos do Plan de Iguala. Em 27 de setembro, Iturbide invade a cidade do México, tornando-a independente.
1822	Em 18 de maio Iturbide se torna imperador, adotando o nome de Agustín I, dando início à monarquia constitucional conhecida como o primeiro império mexicano, entre os anos de 1822 e 1823.
1823	Após sofrer forte oposição do governo, em 19 de março Iturbide abdica da coroa do México.
1824	É instaurado um sistema republicano federal com a proclamação dos Estados Unidos Mexicanos, onde é eleito Guadalupe Victoria. Em 19 de julho Iturbide é fuzilado, em consequência da revolta republicana do general Antonio Lopez de Santa Anna.
1828	Fim do mandato de Victoria. Novas convulsões na política interna com as eleições de 1828 levam ao poder o general Antonio Lopez de Santa Anna.

3. Cronologia dos principais eventos históricos na Europa e Estados Unidos de 1763 a 1840*

1763	Fim da Guerra dos Sete Anos. Paz de Paris. Espanha cede a Florida e adquire a Louisiana.
1767	Expulsão dos jesuítas do império espanhol.
1776	Declaração de Independência pelos Estados Unidos.
1783	Tratado de Versailles.
1788	Morte de Carlos III da Espanha.
1789	Revolução Francesa.
1804	Napoleão é coroado imperador.
1808	Invasões francesas na Espanha e Portugal. Guerra da independência espanhola.
1810	Ocupação francesa de Sevilha. Abertura das Cortes em Cádiz.
1811	Traslado das Cortes para Cádiz.
1812	Batalha de Leipzig: derrota de Napoleão. Constituição liberal de Cádiz.
1814	Abdicação de Napoleão. Restauração de Fernando VII. Decreto de derrogação da Constituição de Cádiz.
1815	Governo dos Cem Dias. Batalha de Waterloo. Congresso de Viena. Santa Aliança.
1819	Cessão das Flóridas para os Estados Unidos pelo Tratado Adams-Onís.
1820	Revolução liberal na Espanha. Proclamação da Constituição de Cádiz.
1822	Estados Unidos reconhecem as independências das repúblicas hispano-americanas. Congresso de Verona.
1823	Invasão dos Cem mil filhos de São Luís. Fernando VII é restabelecido na Espanha.
1825	Grã-Bretanha reconhece a independência do México, Grã-Colômbia e Argentina.
1829-1830	França reconhece a independência do México, Grã-Colômbia e Argentina.
1833	Morre Fernando VII. Começa a regência de Maria Cristina na Espanha.
1834	Firmada a Quádruple Aliança. Decreto de supressão da Inquisição e da Companhia de Jesus na Espanha.
1835-1837	Independência e reconhecimento do Texas. Supressão das ordens religiosas e confiscação de seus bens na Espanha. Espanha reconhece o México.
1839	Dissolução das Cortes na Espanha.
1840	Queda de Maria Cristina na Espanha.

* Fonte principal: CODES, Rosa María Martínez de. *La Iglesia católica en la América Independiente: siglo XIX*. Madri: MAPFRE, 1992. p. 323-330.

Anexo 3

Informações biográficas

Seguem abaixo pequenas notas biográficas sobre personalidades que influenciaram a formação do ideário de frei Servando Teresa de Mier, ou que foram por ele influenciados, além daqueles com os quais estabeleceu contatos intelectuais. Procurou-se listar as personalidades mais citadas ao longo da dissertação ou de maior importância na formação das idéias do mexicano, restringindo-se ao universo mental presente no trabalho apresentado. Algumas, apesar de seu valor, não aparecem relacionadas por não se ter encontrado dado biográfico relevante nas inúmeras fontes de pesquisa.

ALAMÁN, Lucas (1793 - 1853): político, empresário e historiador. Nasceu em Guanajuato, estudou química, botânica, mineralogia e grego. Foi eleito deputado nas Cortes espanholas onde se opôs à Constituição liberal de 1812, por se chocar com suas convicções políticas. Organizou a Companhia Unida de minas e a primeira ferrovia no México independente, bem como um banco de avio e uma fábrica de fios e tecidos. Incentivou a criação de escolas de artes e agricultura, o Arquivo Geral da Nação, o museu de antigüidades e de História Natural. Foi ministro das relações exteriores no governo de Anastácio Bustamante e também no governo de Antonio López de Santa Anna, responsável por conduzir a política de preservação das fronteiras mexicanas quando da política expansionista dos Estados Unidos. Alamán foi conhecido por suas idéias conservadoras, por ser um monarquista convicto e defensor do centralismo. Entre seus livros se destacam: *Historia de México, Disertaciones sobre la Historia de la República Mexicana e Historia de la conquista de México*.

AZARA, José Nicolás de, Duque de Nibbiano (1730 - 1804): político, diplomata e mecenas espanhol, irmão mais velho do naturalista Félix de Azara. Azara estudou Direito e Literatura, doutorando-se pela Universidade de Salamanca. Foi funcionário do Ministério das Relações Exteriores no reinado de Carlos III. Em 1765, foi enviado para Roma, onde trabalharia na embaixada por trinta e três anos, primeiro como procurador geral, e entre 1785 a 1798, como embaixador. Em 1798, foi nomeado embaixador da Espanha em Paris, participando das negociações do Tratado de Santo Idelfonso entre França e Espanha. Como mecenas, foi responsável pela compra de obras de arte da Grécia Antiga que se encontram hoje no Museu do Prado.

BARTOLACHE, José Ignacio (1739 - 1790): cientista, médico e historiador mexicano. Foi professor de matemática da Real Universidade do México, doutor em medicina e crítico ilustrado do nascente culto a Nossa Senhora de Guadalupe. Com a publicação da obra *Manifiesto satisfactorio* (1790), trabalho que questionava a autenticidade do milagre, Bartolache recebeu duras críticas por parte dos defensores da tradição. Bartolache foi ainda editor do jornal *Mercurio volante* que circulou no México entre os anos de 1772 e 1773, onde se podia encontrar notícias importantes de assuntos ligados à física e à medicina.

BELLO, Andrés (1781 - 1865): poeta, filólogo e jurista nascido em Caracas, porém foi no Chile onde desenvolveu grande parte de seus trabalhos, obtendo a nacionalidade chilena. Estudou artes, Direito e Medicina. Nos primeiros anos da independência venezuelana, o governo o designou para missão diplomática em Londres, junto a Simón Bolívar. Surpreendido pela retomada de Caracas pelas tropas realistas, Bello viveria em Londres até 1829. Na capital inglesa, o humanista travaria contato com Francisco de Miranda, James Mill e frei Servando Teresa de Mier. Foi senador pela cidade de Santiago de 1837 a 1864. Em 1842, com a fundação da Universidade do Chile, foi designado seu primeiro reitor. Entre suas obras se destacam: *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos, Principios del derecho de gentes e Código Civil do Chile*. Além disso, Bello se destacou como poeta da insurgência.

BLANCO WHITE, José María (1776 - 1841): jornalista e escritor espanhol nascido em Sevilha. Ingressou na carreira eclesiástica, ordenando-se padre, porém não dá prosseguimento à vocação. Foi autor de vários ensaios e poesias, trabalhou com Jovellanos e foi redator do *Semanário Patriótico*, em Sevilha. Parte para Londres em 1810. Lá, White foi professor da Universidade de Oxford e passou a seguir a Igreja anglicana. Sua postura liberal o leva a escrever o jornal *El Español*, onde criticava a política espanhola e o modo como era conduzido o processo de independência da Hispano-América, propagando a idéia de independência relativa. Escreveu várias obras em língua inglesa sobre temas religiosos e políticos. Seu trabalho como crítico literário foi compilado na obra conhecida por *Mensajero de Londres* (1825). Escreveu uma novela intitulada *Luisa Bustamante o la huérfana española*. Morreu em Liverpool, em 1841.

BOLÍVAR, Simón (1783 - 1830): soldado e estadista venezuelano, líder nas guerras de independência dos países sul-americanos. Inspirado nos racionalistas europeus, jurou libertar a América Hispânica. Na juventude estudou com Simón Rodríguez, por quem foi muito influenciado e com quem manteve uma relação de amizade até ao fim dos seus dias. Teve ainda outros tutores, entre os quais o humanista Andrés Bello. Participando dos surgimentos das repúblicas americanas, obteve vitória crucial em Boyacá, em 1819. Assegurou a independência da Colômbia na batalha de Carabobo, em junho de 1821. Derrotou os realistas espanhóis e conquistou a independência da Venezuela. Marchou com o exército para o Equador e desalojou os espanhóis de Quito, antes de encontrar-se com José de San Martín, em Guayaquil. Os líderes da independência discordaram sobre o futuro da América do Sul e, finalmente, San Martín renunciou ao comando e permitiu que Bolívar expulsasse o exército espanhol do Peru, último baluarte colonial no continente. Com a independência hispano-americana assegurada, Bolívar aceitou a presidência da Confederação da Grã-Colômbia (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá). Em abril de 1830, vendo-se incapaz de impedir a fragmentação da federação em três nações independentes, renunciou à presidência.

BOTURINI, Lorenzo (1702-1755): cronista e pesquisador italiano que se estabeleceu na Espanha fugindo da guerra da Áustria. Chegou à Nova Espanha em fevereiro de 1736, enviado pela condessa de Santisteban, descendente de Montezuma, em nome de quem deveria cobrar os direitos e pensões relativas ao imperador asteca. Durante os oito anos de permanência se dedicou a investigar as aparições de Nossa Senhora de Guadalupe com o objetivo de auxiliar a Igreja Católica por meio de uma pesquisa racionalista da fé. Seus estudos são duramente criticados, sendo preso e despojado de seus estudos. Foi deportado para a Espanha e lá entrou em contato com Mariano Fernández de Echeverría y Veytia quem, após a morte de Boturini, se responsabiliza pela coleção deixada na Nova Espanha. Boturini compilou grande material das antigüidades mexicanas criando seu famoso arquivo conhecido como *Museu Histórico Indiano*.

BUSTAMANTE, Carlos María (1774 - 1848): político e historiador mexicano. Estudou latim e filosofia no Seminário de Oaxaca, bacharelando-se em artes. Em 1796, ingressa na carreira jurídica. Bustamante fundou vários jornais que apoiaram a independência do México, como *Diario de México* (1805) e *El Juguetillo* (1812). Em Oaxaca, lutou junto a José Maria Morelos e participou da redação do *Correo del Sur*. Entre 1824 e 1848, foi deputado por Oaxaca, onde ao lado de frei Servando Teresa de Mier, defendeu a república centralista. Bustamante editou muitas obras sobre a História do México como, *Historia general de las cosas de la Nueva España*, de frei Bernardino de Sahagún, e a *Historia de la provincia de la Compañía de Jesús de Nueva España*, de Francisco Javier Alegre.

CLAVIJERO, Francisco Javier (1731 - 1787): jesuíta mexicano. Clavijero estudou latim, filosofia e teologia nos colégios de São Jerônimo e Santo Inácio, na cidade de Puebla, caracterizando-se por possuir sólida formação cultural. Em 1748, ingressou na Companhia de Jesus, ordem na qual obteria cargos importantes, como professor e visitador, na Cidade do México e em

Guadalajara. Em 1767, com a expulsão da Companhia, Clavijero foi mandado para Itália, onde se tornaria um dos maiores divulgadores da cultura e das raízes mexicanas. Entre seus trabalhos constam: *Storia antica del Messico* e *Storia della California*.

COSTA, Hipólito José da (1774 - 1823): jornalista, maçom e diplomata brasileiro. Fez os primeiros estudos em Porto Alegre, porém concluiu sua educação na Universidade de Coimbra, onde se formou em Direito, em 1798. Foi enviado pela Coroa portuguesa aos Estados Unidos, lugar onde entraria em contato com as idéias maçônicas. Em 1801, foi novamente enviado pela Coroa portuguesa à Inglaterra, onde veio a se tornar Grão Mestre da Maçonaria inglesa. De volta ao reino foi detido por três anos, acusado pela Inquisição de disseminar a maçonaria na Europa. Em seu retorno a Londres, passou a editar aquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro: o *Correio Braziliense*, que circulou entre os anos de 1808 e 1823. Com esse veículo, passou a defender as idéias liberais, entre as quais as de emancipação colonial, dando ampla cobertura aos eventos que conduziriam à independência do Brasil. Hipólito da Costa é considerado o patrono da imprensa brasileira.

PAUW, Cornelius de (1739 – 1799): filósofo, geógrafo, enciclopedista e diplomata na corte de Frederico II da Prússia. Trabalhou como clérigo e ao longo de sua vida foi reconhecido como o grande especialista sobre as Américas, ainda que nunca tenha visitado o continente. Seus trabalhos retratam o Novo Mundo com visão pejorativa, exaltando o universo europeu. Entre seus principais trabalhos constam: *Recherches philosophiques sur les Américain, ou Mémoires intéressants pour servir à l'Histoire de l'Espèce Humaine avec une dissertation sur l'Amérique & les Américains*, *Recherches philosophiques sur les Égyptiens et les Chinois* e *Recherches philosophiques sur les Grecs*. De Pauw contribuiu também com artigos para a revista *Encyclopédie*.

GRÉGOIRE, Henri (1750 - 1831): clérigo francês. Nascido em Lorraine, ordenou-se padre em 1774. Em 1788, tornou-se célebre a obra *l'Essai sur la régénération physique, morale et politique des Juifs*, trabalho que propagava a tolerância religiosa e civil. Foi eleito deputado do clero nos Estados Gerais e contribuiu para a reunião do baixo-clero no Terceiro Estado. Em 1790, Grégoire foi eleito presidente da Sociedade de Amigo dos Negros e, em dezembro, foi o primeiro a votar a Constituição Civil do Clero. Em 1791, foi alçado a bispo da Convenção, onde defendeu a tolerância e a liberdade, recusando-se a votar a morte do rei. Grégoire participou da criação do Conservatório de Artes. Em 1801, foi eleito senador e sua postura oposicionista o levou a votar contra o restabelecimento da nobreza e do império. Escreveu ainda *Histoire des sectes religieuses au XVIIIe siècle*.

HUMBOLDT, Alexander von (1769 - 1859): etnógrafo, antropólogo, geólogo, mineralogista, botânico, humanista, naturalista e explorador prussiano, expoente da Ilustração Germânica. Seus estudos lançaram a base de ciências como Geologia, Climatologia e Oceanografia. Na juventude fixou-se em Berlim e mais tarde frequentou as universidades de Frankfurt e Göttingen, onde estudou filosofia, história e ciências naturais. Em 1789, aos vinte anos de idade, realizou sua primeira viagem de caráter científico pelos Países Baixos, Prússia e Inglaterra. Empreendeu viagens exploratórias para as Américas do Sul e Central (1799 - 1804) e pela Ásia Central (1829), alcançando grande popularidade em vida. São algumas de suas principais obras: *Kosmos*, uma condensação do conhecimento científico de sua época, *Ansichten der Natu* e *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*. Foi grande mecenas da literatura e tinha por amigos Johan Wolfgang von Goethe e Friedrich Schiller. Humboldt foi frequentemente empregado em missões diplomáticas à corte de Luís Felipe I. Em 1852, Humboldt recebeu a medalha Copley da Royal Society de Londres.

JOVELLANOS, Gaspar Melchor de (1744 - 1811): escritor, jurista e político ilustrado espanhol. Estudou filosofia na Universidade de Oviedo e, mais tarde, Direito Civil e Canônico nas

universidades de Alcalá e Ávila. Em 1774, na Audiência de Sevilha foi alcaide criminal e ouvidor. Em 1780, Jovellanos foi eleito membro da *Sociedade Económica matritense*, onde redatou diversos estudos sobre a liberalização do solo e a reforma agrária. Em 1797, foi nomeado Ministro da Graça e da Justiça, mas as circunstâncias políticas conduziram-no ao desterro em Mallorca. Na ocupação napoleônica, Jovellanos fez parte dos movimentos políticos de resistência. Como escritor cultivou vários gêneros literários, como poesia e teatro, mas seus trabalhos principais referem-se à política, agricultura, filosofia e costumes, sendo considerado expoente da Ilustração espanhola. Entre suas obras destacam-se: *Informe sobre la ley agraria*, *Memoria sobre espectáculos y diversiones públicas*, *Cartas del viaje de Asturias*, *Memoria sobre la educación pública* (1801), *Memorias histórico-artísticas de arquitectura* (1804-1808) e *Memoria en defensa de la Junta Central*.

LAS CASAS, Bartolomé (1474 - 1566): frei dominicano espanhol. Chegou à América em 1502, onde obteve *encomiendas* próprias. Em meados de 1514, após mudanças operadas em sua concepção acerca dos indígenas, renunciou às *encomiendas* alegando razões de consciência. Las Casas tornou-se, a partir de então, defensor dos índios e passou a procurar alternativas políticas para a proteção dos indígenas. Realizou várias viagens em boa parte do continente americano com propostas de proteção aos índios e de fim da escravidão indígena. De volta à Espanha, em 1540, participou das célebres juntas de Valhadoli, invocando os direitos dos índios em rebate às proposições de Francisco de Vitoria e Juan Ginés de Sepúlveda. Como consequência do que se discutiu, foram promulgadas as Leis Novas, que proibiam a escravidão indígena e que os colocava sob proteção direta da Coroa. Em 1543, Las Casas foi nomeado bispo de Chiapas, cidade onde residiu até retornar à Espanha, em 1547. Após sua morte, passou a ser conhecido como Apóstolo dos índios. Entre seus principais trabalhos constam: *Del único modo de atraer a todos los pueblos a la verdadera religión*, *Brevísima relación de la destrucción de las Índias* e *Historia de las Índias*.

MINA, Francisco Javier (1789 - 1817): militar espanhol que lutou na guerra de independência do México. Estudou latim, matemática e humanidades no Seminário de Pamplona. Alistou-se no exército e combateu as tropas napoleônicas, reunindo milícias dispersas que guerrearam sob seu comando. Foi aprisionado e desterrado. No retorno à Espanha, ensejou uma revolução para estabelecer um governo constitucional. Seu plano foi descoberto e por isso fugiu para Londres. Lá conheceu frei Servando Teresa de Mier, com quem partiu para os Estados Unidos e depois para Soto la Marina, numa expedição que visava a independência mexicana. O fracasso da tomada militar, termina com sua morte por fuzilamento, em 11 de novembro de 1817.

MUÑOZ, Juan Bautista (1745 - 1799): historiador e investigador espanhol. Foi ainda cosmógrafo do Conselho das Índias e responsável por reunir uma coleção de importantes documentos sobre a História do Novo Mundo, organizada após sua morte na Biblioteca Real e conhecida pelo nome de Coleção Muñoz. Escreveu *Historia general de las Indias e Nuevo Mundo* e *Memoria sobre las apariciones y el culto de Nuestra Señora de Guadalupe en México*.

PAINÉ, Thomas (1737 - 1809): intelectual, revolucionário e idealista, reconhecido largamente como um dos pais fundadores dos Estados Unidos. Seu trabalho representa o radicalismo panfletário que ajudou a fomentar a independência americana. *The Common sense* é seu mais célebre escrito em favor da autonomia política americana da Grã-Bretanha. Outros trabalhos importantes são: *The rights of man* e *The age of reason*, que expressam idéias do liberalismo clássico.

RAMOS ARIZPE, Miguel (1775 - 1843): sacerdote e político mexicano. Graduado em filosofia, cânones e leis. Foi deputado nas Cortes de Cádiz, onde se destacou por sua adesão à independência e as causas liberais. Nomeado presidente da comissão constituinte mexicana de 1823, defendeu o federalismo. Na década de 1830, ocupou diversos cargos políticos, como embaixador do México no

Chile, ministro da Justiça e Secretário de Fazenda. Escreveu a memória sobre o estado natural, político e civil das províncias de Coahuila, Novo Leão, Novo Santander e Texas.

RODRÍGUEZ, Simón (1769 - 1854): pedagogo e filósofo venezuelano. Foi escritor de obras de conteúdo histórico, educacional e sociológico e conhecido por ser tutor e professor de Simón Bolívar. Fortemente influenciado por Jean Jacques Rousseau, Rodríguez desenvolveu uma revolucionária concepção acerca do modelo educativo das nascentes nações americanas, pois tentava romper com as tradições educativas do colonialismo espanhol. Em 1797, abandonou o território venezuelano por participar numa conspiração contra a Cora espanhola. Em Kingston, na Jamaica, mudou seu nome para Samuel Robinsón. Viajou para os Estados Unidos e França, em 1801. Em 1804, reencontrou Bolívar e juntos realizaram uma viagem por grande parte da Europa. Em 1823, Rodríguez regressou à América e, na Colômbia, estabeleceu a primeira *escuela-taller*, instituto educacional modelo que teve projeções em toda a Bolívia. Rodríguez foi nomeado por Bolívar Diretor de educação Pública, Ciências, Artes, Física e Matemática e Diretor de Minas, Agricultura e Vias Públicas da Bolívia. Como trabalhos importantes pode-se listar: *Pódromo de Sociedades Americanas* e *El Libertador del Mediodía de América y sus compañeros de Armas*.

SINGÜENZA Y GÓNGORA, Carlos de (1645 - 1700): cientista e historiador mexicano. Em 1662, ingressou no colégio jesuíta de Tepoztlán, porém cinco anos mais tarde seria expulso por indisciplina. Na Cidade do México, estudou a Universidade Real e Pontifícia. Em 1672, assumiu o cargo de astrologia e matemática nessa universidade. Em 1681, escreveu o livro *Manifiesto filosófico contra los cometas*, onde tratava de acalmar o medo da passagem dos astros pela população. Foi ainda cosmógrafo real da Nova Espanha e traçou mapas hidrológicos do Vale do México. Entre suas obras constam: *México antiguo* e *Primavera*, em que analisa a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe.

ZEA, Francisco Antonio (1770 - 1822): advogado, botânico, teólogo, naturalista e político colombiano. Participou das explorações de José Celestino Mutis e foi implicado na conspiração de Antonio Nariño, em 1794. Em 1805, tornou-se professor de botânica e diretor do jardim botânico de Madri. No reinado de Carlos III atuou na Corte pontifícia e como ministro plenipotenciário da Espanha durante a invasão napoleônica até se tornar embaixador em Paris. Em 1814, retornou para América do Sul, juntando-se a Simón Bolívar na luta contra o domínio espanhol. Em 1819, presidiu a abertura do Congresso e foi eleito vice-presidente da Colômbia. Em 1820, foi nomeado embaixador na Grã-Bretanha. Zea foi autor de diversas obras científicas e de *Historia de Colombia* (1821).